

BETH FLYNN

no-limite
do-tempo

3000
editora



BETH FLYNN

**no limite
do tempo**

DEA
editora

Copyright © BETH FLYNN, 2019
Copyright © 3DEA EDITORA, 2019

Título Original:
Nine Minutes
The Nine Minutes Trilogy, Book One

Editor	Patrícia Azevedo
Assistente Editorial	Vinicius Baird
Tradução	Carolina Caires
Revisão	Ana Duarte
Ilustrador	Rafael Nicolaevsky
Diagramação	Géssica Fernanda
Imagem	

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos, e sobre eles não emitem opinião.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Todos os direitos reservados à 3DEA Editora.

www.3deaeditora.com.br
contato@3deaeditora.com.br

Nota da Autora

No Limite do Tempo é o segundo livro de uma série. Não é um romance independente. Eu recomendo que você leia o meu primeiro romance, Nove Minutos, para ser capaz de entender as histórias de fundo dos personagens principais. Há muitas voltas e mais voltas em ambos os livros que podem ser conectados melhor se lidos consecutivamente.

Embora eu responda as questões pendentes de Nove Minutos, há mais nesta história e alguns leitores podem considerá-lo um *cliffhanger*^[1]. Se você não gosta de *cliffhangers*, você pode querer esperar até o terceiro romance que será lançado em 2020. Outros leitores podem ficar satisfeitos com as respostas e o final. Independentemente de qual categoria você seja, eu espero que você aprecie a história.

Para aqueles de vocês que estão prontos para correr o risco, vai ser uma viagem louca, excitante e um pouco complicada. Espero que você goste. E lembre-se: as coisas nem sempre são o que parecem.

Para Jennifer Hewitt.
Porque um milhão de agradecimentos
nunca poderiam ser o suficiente.
Eu te amo, Jenn!



*“Oh, que teia emaranhada nós tecemos... quando pela primeira vez agimos
para enganar”. — Walter Scott, Marmion*

Prólogo

1950s, Central Florida

A BOFETADA foi forte e quase o derrubou de joelhos. Ele cambaleou por uma fração de segundo, mas conseguiu recuperar a sua posição e olhou com raiva para o seu pai.

— Sua mãe disse que você perdeu o ônibus e teve que pedir carona para casa.

Ele sentiu gosto de sangue na boca, onde o tapa fez com que morderesse o interior da sua bochecha. Ele sabia que seu próximo comentário traria mais um golpe e se preparou.

— Ida não é a minha mãe.

Outro forte, desta vez do lado de sua cabeça, o que causou um zumbido em seu ouvido. Isso não era nada, já suportou pior. Ele não sabia por que incomodava tanto seu pai quando ele dizia isso. Ida mesma era a primeira a lembrar-lhe que não era sua mãe.

— Não foda comigo, menino. Onde você estava?

— É o último dia de aula. Alguns de nós teve que ficar depois do horário para ajudar os professores a limpar suas salas de aula. — Isso era uma mentira. Tinha entrado em uma briga naquele dia. Ele se irritou quando um garoto rico esnobe zombou dele.

O garoto era novo e só foi matriculado nas duas últimas semanas antes da escola liberar para o recesso de verão. Ele era muito novo para ter sido avisado. O novo garoto tinha perguntado a ele no banheiro dos meninos se ele tinha escolhido suas roupas da lata de lixo naquela manhã. Ele havia deixado o idiota atordado e ensanguentado no chão do banheiro, então, calmamente, lavou as mãos e voltou para a sua sala de aula. Olhou para o

grande relógio sobre o quadro-negro. Menos de 15 minutos até o verão começar. Com sorte, seu pai não o faria trabalhar até a morte e conseguiria ficar de olho nela. Em Ruthie.

Ele estava no ônibus escolar lotado, preparado para sair, quando o motorista estendeu a mão e abriu a porta. O diretor substituto ficou de pé na frente do ônibus e silenciosamente examinou o grupo de crianças. Quando ele viu quem estava procurando, apontou e indicou com o dedo. Siga.

Droga. Ele quase conseguiu escapar de lá.

Eles nunca discutiram o suposto crime quando voltaram para a escola e para o escritório do diretor. Ele simplesmente se inclinou sobre a mesa e suportou a palmatória. Não era tão ruim e nem sequer se comparava com as surras que recebia do seu pai. Espancamentos que tinham deixado cicatrizes permanentes nas costas e em outras partes do corpo. Ele podia ser jovem, mas sabia que aquele filho da puta, um substituto temporário do diretor da escola que se ausentou para a recuperação de uma cirurgia, estava gostando demais disso. Provavelmente trancaria a porta do escritório e se masturbaria depois de mandá-lo a caminho de casa. Perverso do caralho. O mundo era sujo.

Então, ele pegou carona e acabou andando os últimos onze quilômetros para chegar em casa e agora estava ali, enfrentando a ira do seu pai. Sua madrasta ficou ao lado, encostada no balcão da cozinha, com os braços cruzados e um olhar presunçoso em seu rosto. Uma brisa quente obsoleta entrava pela janela acima da pia da cozinha.

Sua madrasta. Ida. Ele a odiava por tanto tempo quanto podia se lembrar. Ele não tinha nenhuma lembrança da sua verdadeira mãe. Foi-lhe dito que ela morreu nesta casa dando à luz a ele. Não era realmente uma casa, mais como um barraco no meio do nada.

Um casebre de dois quartos situado em vários hectares rodeado por laranjeiras, tantas quanto os olhos podiam ver. Seu pai era um habilidoso

carpinteiro de profissão, mas por razões que não faziam sentido para seu filho, ele preferia esta existência na miséria. Ele poderia ter feito uma vida decente, poderia ter vivido em uma casa não muito longe do mundo moderno - tão moderno quanto você poderia ser nos anos cinquenta. Ele escolheu, em vez disso, viver em uma casa velha em ruínas que tinha sido passada por gerações. Ele nunca usou suas habilidades de carpintaria para torná-la uma casa real. Jogaria algum piche no telhado se tivesse goteira ou substituiria um cano quebrado, mas à exceção de alguns reparos confusos, ele nunca levantou um dedo. A casa estava desmoronando ao redor deles.

Talvez fosse porque seu pai considerava-se o rei do seu castelo e ele poderia reinar sobre seus súditos indignos. Talvez a brutalidade que ele desencadeava aqui o fazia experimentar uma pontinha de poder que ele não sentia no mundo real. Talvez saber que ele poderia proporcionar um ambiente agradável e seguro, mas propositalmente escolheu não fazer isso, era parte da semente psicótica que tinha sido implantada em sua personalidade. Ele não era apenas um homem mau. Ele era pior que isso. Orgulhava-se muito em reter qualquer bem que ele pudesse fazer para sua família. Aquilo fazia dele puramente diabólico aos olhos do filho.

Antes dela se casar, Ida tinha trabalhado como empregada doméstica para uma família rica em West Palm Beach. O pai dele tinha encontrado com alguns outros trabalhadores para fazer a longa viagem para uma mansão situada na praia, para passar alguns dias fazendo trabalho de carpintaria e reparos. Ele voltou com seus três companheiros e uma Ida radiante, que tinha finalmente, finalmente conseguido um homem. Ela tinha se cansado de ser a empregada doméstica de alguém, e quando um homem viúvo, trabalhador, de família apareceu e mostrou um toque de interesse, ela pulou. Infelizmente para ela, ela pulou muito rápido e sem hesitação. Não percebeu então, que estava saltando da frigideira direto para um incêndio que era ainda pior. Da

noite para o dia, deixou de ser uma empregada solitária e sobrecarregada para uma dona de casa solitária, sobrecarregada e abusada.

Não, ele não tinha boas lembranças de Ida. Talvez ela tenha começado tentando fazer o seu melhor. Fazer do barraco deles uma casa, ser uma mãe para o filho do seu novo marido. Mas se ela começou assim, ele não se lembrava disso. Talvez ela não tenha sido sempre a pessoa horrível que ele conhecia. Talvez seu pai a deixou dessa forma. Não importava. Ele a odiava, não importava o quê. Ele a odiava porque sabia o que ela fazia com a sua própria filha. Sua meia-irmã, Ruthie.

Ruthie era uma criança doce e confiante que tinha roubado seu coração desde o dia em que ela nasceu. Ela era uma menina feliz, que estava sempre sorrindo, apesar dos maus-tratos que sua mãe infligia. Ele passava cada segundo que não estava na escola ou trabalhando, cuidando da sua irmã mais nova. Ele a adorava e fazia tudo o que podia para protegê-la dos seus pais, especialmente da Ida. Ele fazia com que ela comesse quando ela era mandada para a cama sem jantar. Ele fazia com que ela tomasse banho. Ele não podia fazer isso todos os dias, mas ele fazia isso tão frequentemente quanto conseguia. Ele apagava as evidências dos seus acidentes no banheiro, certificando-se de lavar suas roupas no riacho e deixá-las secar antes de devolvê-las ao seu armário. Ele enxugava as lágrimas e beijava seus machucados.

Infelizmente, havia muitos até mesmo para ele beijar.

Toda noite ela dizia: — Irmão, me conte uma história. Conte-me uma história feliz onde coisas não machucam e todo mundo é bom.

Ele a puxava para perto da cama que compartilhavam desde que ela era um bebê e, ignorando o fedor dos seus corpos sujos, inventava histórias felizes para contar para ela. Qualquer coisa para fazê-la esquecer, só por um tempinho. Eles viam as estrelas da janela do quarto deles e às vezes ele até as

usava em suas histórias.

— Vê a estrela mais brilhante, Ruthie? — Ele dizia a ela enquanto olhavam pela janela. — É você. Você é a mais brilhante, a mais bela estrela no céu.

— Onde você está, irmão? Você está lá, também? — Ela perguntou-lhe uma vez.

— Eu vou ser sempre aquela que está mais próxima de você.

Ele não sabia se as histórias que inventava eram felizes. Ele sequer sabia o que era a felicidade, assim, como ele podia contar para uma criança de quatro anos de idade? Mas ele tentava.

De vez em quando, depois que ele estava certo que seu pai e Ida estavam dormindo, ia para a porta de tela dos fundos e deixava Razor entrar para dormir com eles também. Razor era um grande rottweiler preto que tinha vagado até a sua casa um dia e nunca mais saiu. Seu pai se recusava a deixar o cão ficar e insistia que ele não precisava de mais uma boca para alimentar, que ele ia atirar no cão se ele não saísse por conta própria. O cão era inteligente. Sentindo a animosidade do pai, aparecia apenas à noite e esperava pela comida deixada para ele do outro lado do celeiro. Seu pai finalmente cedeu; ele decidiu que talvez o cão não era tão ruim, afinal, quando seus latidos o acordou uma noite para avisá-los de que um animal selvagem estava tentando entrar no galinheiro. O barulho das galinhas nunca alcançaria seus ouvidos sonolentos, mas os latidos do cão vadio e os arranhões na sua porta dos fundos alcançou. Seu pai deixou Razor ficar, mas ele tinha que ser mantido fora.

Agora, o espancamento do dia terminado, seu pai olhou para ele por alguns segundos. Finalmente, ele disse: — Comece a porra dos seus afazeres. Não volte até que eles estejam todos terminados. Se você não terminar antes do jantar, você não come.

O menino não precisou olhar para sua madrasta para saber que ela serviria propositadamente um jantar muito cedo naquele dia. Ele saiu pela porta de tela dos fundos e deixou-a bater atrás dele.

— Vamos lá, Razor. — disse ele enquanto se dirigia para o celeiro em ruínas.

Estava escuro lá fora quando ele finalmente terminou seus afazeres. Ele encontrou um pouco de comida que tinha escondido no celeiro e silenciosamente comeu, compartilhando metade com seu cão. Depois de lavar-se na cisterna, ele se dirigiu para a casa e se arrastou para a cama com Ruthie, puxando-a para perto. Ela gemeu.

— O irmão está aqui, Ruthie. Você quer uma história? — Ele estava exausto, mas não poderia cair no sono pensando que a decepçionaria, sem uma história.

— Meu estômago dói. — Ela sussurrou.

— Você precisa que eu a leve ao banheiro? — ele sussurrou de volta.

— Não. Não é esse tipo de dor.

— Que tipo de dor é? Está com fome?

— Mamãe pisou nele.

Ele endureceu, em seguida, fechou os olhos. Ele estava feliz que ela não quisesse uma história feliz esta noite, porque a única que podia pensar era aquela em que estrangulava Ida com as próprias mãos...

No dia seguinte, ele estava voltando dos bosques carregando os três esquilos que tinha matado com seu estilingue. Ida poderia fazer um ensopado decente com estes. Ele observou Ruthie naquela manhã na mesa enquanto ela comia lentamente seu café da manhã. Ela parecia bem, e ele tinha saído para

caçar antes que ela terminasse. Ele colocou os esquilos nos ombros e imaginou o olhar no rosto de Ruthie quando ela visse o que ele havia pegado.

Foi quando ele ouviu. Um tiro de espingarda vindo da direção da casa.

Ele tinha ouvido a espingarda antes, quando seu pai raramente avistava um cervo ou outro animal que era um predador ou algo que acabaria na sua mesa de jantar. Mas seu interior dizia a ele que isso era diferente.

Ele correu muito, em seguida, deparou com uma cena que o fez parar de repente. Ele ficou tenso enquanto sua mente começava a entender o que tinha acontecido.

Lá, ao lado do varal. Seu pai segurando a espingarda. Ida embalando um braço sangrando. Razor de lado e deitado em uma poça de sangue.

E Ruthie, no chão e de costas, com os braços ao lado do corpo. Ruthie.

Ele começou outra corrida.

— Seu cachorro do caralho estava atacando sua irmã e quando Ida tentou detê-lo, ele foi atrás dela também. — disse o pai com frieza, um dedo ainda descansando no gatilho. — Eu tive que matá-lo.

Razor atacou Ruthie e, em seguida, Ida tentou impedi-lo? Impossível. Razor nunca machucaria Ruthie.

Ida levantou o braço para ele ver. Ela não precisava. Ele já tinha visto e não havia dúvida de que era uma mordida de Razor. Mais como um massacre. Como se ele tivesse agarrado e lutado com ela.

Ele largou os esquilos mortos e ajoelhou-se ao lado de Ruthie. E então ele soube com certeza que a história inventada não era verdade. Sua irmã estava deitada de costas, com os olhos fechados. Cachos loiros suaves emoldurando seu rosto. Ela parecia mais tranquila e bonita do que ele já tinha visto. Um pequeno sorriso curvava sua boca doce e inocente.

É claro que ela estava sorrindo. Ela tinha acabado de escapar do inferno.

Ele sabia que ela estava morta. Ele também não viu nada em seu corpo que indicava que Razor a tinha atacado.

Eles estavam mentindo. Mas ele já sabia disso.

Ele não pôde se conter. As palavras saíram da sua boca antes que ele pudesse pensar.

— Não parece que Razor atacou Ruthie. Não tem mordidas ou qualquer coisa. Apenas contusões da Ida.

O golpe foi forte, mas não inesperado.

— Pegue a pá. — Seu pai ordenou. — Escolha um lugar bem longe de casa e enterre a sua irmã. Não me importa o que você faz com o seu cão. Você pode arrastar a sua bunda pulguenta para os bosques se você quiser e dar aos abutres alguma ceia. — Levantando os três esquilos que tinham sido abandonados, ele agarrou sua esposa pelo braço ileso. — Você não está tão machucada que não possa fazer o jantar.

Enquanto se dirigia de volta para casa com Ida e os esquilos mortos, ele gritou por cima do ombro: — E quando você acabar, traga o seu traseiro de volta aqui e coloque o veneno de rato como você deveria ter feito ontem.

Ele ficou olhando para eles quando voltaram para casa e tentou imaginar um mundo sem Ruthie.

Um mundo sem luz.

Duas semanas mais tarde, ele estava sentado no banco do passageiro do carro de um estranho. O homem se apresentou quando pegou o jovem caronista, e ele não parecia incomodado com o fato de que o menino só

olhava para ele e se recusava a dizer qualquer coisa. O menino agora virou para olhar pela janela do carro enquanto refletiu sobre o que tinha feito.

Ele havia enterrado sua irmã como seu pai lhe havia dito, tirado a camisa e coberto seu corpo com ela antes de pegar uma pá e sair da propriedade deles, onde ele cavou um grande túmulo.

Deixando a pá no túmulo, ele voltou para a casa. Ele foi para o celeiro e pegou o veneno de rato, enfiou nas suas calças.

Ele tinha ido para dentro de casa, notou que Ida tinha se limpado e estava trabalhando em seu ensopado de esquilo. Ele poderia dizer por seus movimentos, que ela estava com muita dor. Razor tinha feito um trabalho decente rasgando seu braço. Ela provavelmente precisava ir para o hospital, mas seu pai nunca a levaria, nem permitiria que ela usasse o único carro. Não estava em casa de qualquer maneira. Ele deve ter ido a algum lugar.

Era óbvio o que tinha acontecido. Ida estava dando outra surra em Ruthie e Razor tinha interrompido. Infelizmente, Razor não tinha parado a tempo.

O menino não tinha nenhuma maneira de saber que Ruthie estava morrendo lentamente de ferimentos internos sustentados pelos espancamentos brutais da sua mãe, que culminaram com a pisoteada final no seu pequeno estômago no dia anterior. Ele estava certo que Ida sempre infligia sua brutalidade em Ruthie dentro de casa, onde Razor não era permitido. Aquele dia deve ter sido diferente. Ela provavelmente estava arrastando uma Ruthie chorona para o quintal para ajudá-la com alguma tarefa e começou a bater nela quando a menina não fez, ou muito provavelmente não pôde fazer como lhe foi dito. Não havia dúvida que Razor estava tentando defender Ruthie, agarrando Ida pelo braço direito. Ida era destra.

Recostando-se do seu lugar no fogão, Ida olhou pela janela e viu a

parte traseira do corpo da menina no quintal. Ela deu uma olhada firme ao seu enteado. — Você não terminou. O que você está fazendo aqui?

Sua voz era firme e sem emoção. Ela poderia ter perguntado se ele tinha alimentado as galinhas ou pintado a cerca. Revoltou-o pensar que era isso que ela achava do enterro da sua filha: uma tarefa árdua. Ela era mais monstruosa do que seu próprio pai. Ela tinha dado à luz a Ruthie. Ela tinha compartilhado o mesmo corpo com sua única filha por nove meses. Ele não sabia nada sobre maternidade, mas mesmo ele poderia ver como seria, deveria ser, uma ligação especial entre a mãe e seu filho.

Sem olhar para ela, ele respondeu: — O buraco está cavado. Voltei para pegar algo para envolvê-la. Ia pegar o meu lençol.

Eles sempre tinham compartilhado uma cama e ele só conheceu um lençol. Iria utilizá-lo para embrulhar o corpo minúsculo de Ruthie.

Ele não sabia o que levou Ida a dizer a próxima coisa. Ela respondeu com uma oferta que o surpreendeu, mas também lhe forneceu uma oportunidade.

— Eu tenho algo que você pode usar. Ganhei como um presente de despedida de onde eu costumava trabalhar.

Ela pegou a colher grande que ela estava mexendo, bateu na lateral da panela e colocou-a para baixo. Embalando seu braço dolorido contra o peito, ela voltou para o quarto que dividia com o marido. Ele sabia que seu braço estava doendo, sabia que ia demorar alguns minutos para encontrar seja lá o que for que ela foi pegar. Ele podia ouvi-la farfalhar desajeitadamente por algo.

Ele aproveitou a oportunidade para pegar o veneno das suas calças e despejar todo o conteúdo no recipiente do ensopado. Ele apressadamente mexeu, grato que pareceu dissolver rapidamente e voltou a colher ao seu lugar. Ele estava de pé na porta dos fundos, quando ela voltou com um

pedaço de tecido azul drapeado sobre o braço bom. Ele percebeu que era um roupão ou algo do tipo. Era fino e ele não precisava ser educado para saber que era de alta qualidade e caro. Presente de despedida o caralho, ele franziu a testa. Ela roubou isso. Ela estendeu-o para ele, evitando seus olhos verdes penetrantes. Eles sempre a enervavam, pelo menos é o que ele tinha ouvido dizer a seu pai, e por uma fração de segundo, ela pareceu hesitar, vacilar.

Ela deve ter recuperado a sua bravata e sem esperar que ele pegasse o manto, retrucou: — Envolva-a nisto. — Ela jogou-o para ele e se dirigiu de volta para o fogão para mexer seu ensopado.

Na sepultura recém-cavada, ele gentilmente cobriu o pequeno corpo de Ruthie em sua própria camisa. — O irmão está sempre com você, Ruthie. — Ele disse calmamente. Ele então envolveu o roupão caro da Ida em Razor e bufou para si mesmo quando ocorreu-lhe que, mesmo seu cão era bom demais para o suposto presente de despedida da Ida. Ele gentilmente colocou sua irmãzinha no buraco muito fundo e colocou Razor ao lado dela.

— Você era um bom menino, Razor. Você fez a coisa certa tentando protegê-la. Agora você pode sempre protegê-la.

Ele sabia que não marcaria seu túmulo para que todos soubessem onde ela estava. Apenas ele. Ele sabia que ninguém a procuraria de qualquer maneira. Não era como se fossem sentir falta dela. Como ele, ela não tinha nascido em um hospital. Ele duvidava que ela ao menos tivesse uma certidão de nascimento. Ele não tinha certeza se ele mesmo tinha uma, embora ele adivinhasse que havia uma em algum lugar, uma vez que ele foi matriculado na escola. Você precisa de uma certidão de nascimento para ir para a escola? Ele se perguntou. Não sabia.

Ele ficou de pé sobre o túmulo da sua irmã e olhou para a terra recém-compactada. Estava faltando alguma coisa. Afastou-se e logo voltou com uma pedra de grandes dimensões. A pedra era pesada, muito maciça, e ele

tinha gastado uma enorme quantidade de energia para levá-la ao seu túmulo. Ele a deixou cair com um baque. Ele havia escolhido por causa do seu tamanho e forma única, lembraria-se dela.

Caindo de joelhos, ele começou a chorar. Ele não se lembrava de ter chorado ao menos uma vez em sua vida. Nem mesmo quando criança, suportando abuso horrível, que era equivalente à tortura. Ele não sabia por que seu pai o odiava. Ele não conseguia entender por que sua madrasta odiava Ruthie. Ele não queria pensar sobre eles, de qualquer maneira. Depois que terminasse, nunca pensaria neles novamente.

Um gemido baixo, que não parecia humano começou a ser ouvido, um grito que veio direto da boca do estômago vazio e fez um caminho até seu peito, através da sua garganta e para fora da sua boca, levando a sua alma e qualquer semblante de luz com ele. A luz que tinha sido Ruthie.

Ele não tinha certeza de quanto tempo ficou ajoelhado chorando junto da sepultura de Ruthie e Razor. Seus olhos ardiam e ele tinha uma combinação de ranho seco e molhado sobre os seus braços nus enquanto ele tentava afastar a tristeza. Sua dor nas costas, eventualmente, tirou-o do seu luto, a pulsação do sol lembrando-o das chibatadas que seu pai tinha infligido algumas noites antes. Ele estava fisicamente e mentalmente exausto, mas seu trabalho ainda não estava concluído.

Ele estava exausto, mas de alguma forma ele reuniu a força que precisava e saiu para um local ainda mais remoto.

Ele tinha mais um túmulo para cavar.

Ele iria enterrá-los juntos, não pela mesma razão que ele enterrou Ruthie e Razor juntos: para oferecer proteção e conforto ao outro. Não, ele cavou uma vala grande porque eles mereciam ser despejados como lixo.

E isso era exatamente o que ia fazer.

— Garoto? Garoto, você precisa de alguma coisa ou tem que usar o banheiro?

Ele tinha adormecido e pulou quando foi tocado. Ele levou uma fração de segundo para lembrar onde estava. Um carro, estacionado agora. O homem que o pegou estava olhando para ele, esperando.

O homem acenou com a cabeça para fora da janela. — Vou colocar gasolina. Você precisa usar o banheiro ou algo assim?

— Onde estamos?

— Fort Lauderdale. Abastecendo e indo para Miami.

Ele acenou com a cabeça, começando a sentar-se. Ele estava dolorido. Os últimos dias tinham cobrado um preço fisicamente e ele estava sentindo.

— Sim, eu tenho que ir.

Ele deu a volta do lado do pequeno posto de gasolina e entrou no banheiro. Cheirava como lixo, mas estava surpreendentemente limpo. Sua mente vagou enquanto ele se aliviou, memórias rolando sobre ele.

Ele voltou para casa naquela noite para encontrar seu pai e Ida sentados à mesa de jantar comendo o ensopado. Ele estendeu a mão para a prateleira e pegou um velho vidro de geleia, usando a torneira da cozinha para enchê-lo. Recostando-se contra o balcão, ele bebeu sua água enquanto observava-os comer o seu jantar. Ninguém se preocupou em oferecer-lhe qualquer coisa. Tudo bem. Ele teria recusado de qualquer maneira.

— Tem gosto de merda! Como diabos você conseguiu estragar um ensopado de esquilo? — Quando Ida não respondeu, seu pai bateu com as costas da mão no rosto dela.

Tomando o copo de água, ele foi para o quarto e fechou a porta atrás dele. Ele deitou-se na cama que havia compartilhado com Ruthie, abraçou o

único travesseiro no seu peito e caiu imediatamente em um sono profundo.

Ele foi acordado naquela noite com o som de vômitos violentos e ânsia de vômito. Os dias seguintes foram um borrão enquanto ele tentava fingir ajudar seus pais extremamente doentes. Mantinha baldes na sua cabeceira, levava líquidos para eles beberem. Líquidos que ele continuava misturando com mais veneno do celeiro.

Lembrou-se do instante em que seu pai percebeu o que estava acontecendo. Ele estava tentando sair da sua cama, insistindo que seu filho o levasse e sua esposa para o hospital. O menino não tinha idade suficiente para ter uma licença, mas ele sabia dirigir. Ele deixava seu filho dirigir sua velha caminhonete detonada para transportar as coisas ao redor da propriedade.

— Você vai nos levar para o hospital, menino. — Disse ele, a voz misturada com a dor.

— Não, eu não vou. — Ele só olhou para eles, um pequeno sorriso em seus lábios. — Eu vou assistir vocês dois terem uma morte lenta e dolorosa. Estou um pouco feliz que você nunca tenha nos comprado uma TV. Isso definitivamente vai ser muito mais divertido.

Olhos castanhos vermelhos e cheios de dor encontraram os verdes e duros quando a percepção afundou. Seu pai olhou ao redor do seu quarto e percebeu que sua espingarda não estava no canto. Ela tinha desaparecido. Mesmo que estivesse lá, ele não teria tido a força para se levantar e pegá-la.

Seu pai caiu de volta na cama e se virou para olhar para sua esposa. Ela estava enrolada com os braços em volta dos joelhos, que estavam puxados até o peito. Ela tinha

ouvido a conversa e abriu os olhos tempo suficiente para dizer a seu marido. — Nós dois merecemos isso.

Seu pai rolou de costas e olhou para o seu filho, que estava ao pé da cama, os braços cruzados, olhos verdes frios e fixos.

— Devia saber que você era a semente do diabo. — Sem esperar o menino comentar, ele acrescentou: — Eu amava sua mãe e pensei que tinha feito a coisa certa ao casar-me com ela quando ela estava grávida de outro homem. Devia ter imaginado que você era o mal quando matou sua própria mãe, você não é bom, pedaço de merda.

Finalmente, uma resposta. Embora isso não importasse agora. O homem que o criou não era seu pai. O homem que tinha o criado, ressentia-se por tirar a vida da sua mãe no parto. O bastardo de outro homem tinha matado a mulher que amava e ele faria a criança pagar. Tinha feito aquela criança pagar desde então.

De certa forma, ele podia meio que entender aquilo. Ele quase permitiu uma pontada de consciência, dizendo-o que ele devia levá-los para o hospital. Talvez não fosse tarde demais.

Mas então, ele se lembrou de Ruthie. Não há desculpa para o que tinha acontecido com Ruthie. Nenhuma desculpa.

Ele olhou friamente para o homem que ele pensava ser seu pai. — Só lamento que eu não tenha feito isso antes de deixá-la matar Ruthie.

Em seguida, ele foi até a cozinha e fez algo para comer.

Depois que eles estavam mortos, ele os colocou na traseira do carro da família e os levou para a segunda sepultura. Ele descartou seus corpos com o mesmo cuidado que teria com uma pilha de ossos velhos de galinha e jogou a terra de volta. Ele atirou a pá na parte de trás da caminhonete e dirigiu de volta para a casa.

Ele queria chamar o mínimo de atenção possível para o barraco. Ele não iria queimá-lo, mas daria uma impressão cuidadosa sobre o que deve parecer como se uma família tivesse apenas ido embora, pegando apenas coisas que eles poderiam carregar em seu carro. Ele começou a trabalhar, arrumando as poucas fotos que tinham, os seus documentos pessoais e

roupas. Ele zombou quando viu uma foto do seu pai como um menino. Não. Não era seu pai. Seu padrasto. Ele parecia um pedaço de merda miserável, mesmo naquela época. Atirou-a com as outras coisas. Ele nunca se deparou com uma única foto dele ou da sua mãe.

Ele descuidadamente jogou tudo o que podia no carro velho, mal deixando espaço para ele caber no assento do motorista. Ele entrou no seu quarto e pegou a mala marrom que continha as poucas coisas que ele separou para levar com ele. Continha algumas roupas, juntamente com trinta dólares e vinte e seis centavos que tinha pego na carteira do seu padrasto e da caneca de dinheiro da Ida, que ele tinha encontrado escondida atrás de alguns pratos na cozinha. Ele enfiou a mão no bolso, recuperando algo que ele não sabia que existia até que começou a limpar os seus itens pessoais. Era um retrato de Ruthie e Razor. Obviamente foi tirado na sua casa, mas ele não sabia quando ou por quem. Ele nunca encontrou a existência de uma câmera quando estava passando por seus pertences. Ele não tinha nenhuma maneira de saber de onde a imagem veio e não teve tempo para refletir sobre isso.

Ele olhou para ela novamente. Ruthie estava sentada na grama e olhando para cima e sorrindo. Ela estava encostada no Razor, que havia se envolvido nela como um casulo. Seus joelhos estavam puxados até o peito e ela tinha os braços firmemente em torno deles. Seus cachos loiros eram mais curtos então. Os dois pareciam felizes. Como se tivessem brincado na grama alta e feito uma pausa para posar. Ele sabia que nem Ida ou seu padrasto tinham tirado essa foto. Se esse tivesse sido o caso, ele estava certo que sua irmãzinha não estaria sorrindo. Ele cuidadosamente a devolveu ao bolso de trás e continuou a sua limpeza.

Horas mais tarde, ele ficou no meio da pequena casa, inspecionando-a. Ele não tinha certeza, mas estava muito confiante que ele tinha carregado as coisas importantes. Era a primeira semana do mês. As contas de energia

elétrica e de água não precisariam ser pagas novamente até o dia trinta. Escola estava nas férias, então não sentiriam falta dele até setembro. E mesmo assim, ele duvidava que alguém se importaria. Seu padrasto não era empregado regularmente, então sua ausência seria tampouco notada. Eles não tinham telefone para se preocupar.

Sim, parecia que a família que vivia aqui decidiu mudar-se com a maioria dos seus bens pessoais. A pequena quantidade de correspondência que eles recebiam podia acumular até por meses em sua pequena caixa na estação de correios. Ninguém notaria. E pelo tempo que notassem, não importava. Ele estaria muito longe.

Ele dirigiu-se para o galinheiro para soltá-las quando percebeu a roupa no varal. Ele pegaria as roupas e jogaria no carro antes de sair. Depois de pegar sua mala marrom e cantil, ele cuidadosamente dirigiu o carro da família para o canal mais profundo e mais próximo que ele conhecia. Era fora do caminho batido e ele não teve que passar por quaisquer casas e civilização para chegar lá. Seria uma caminhada longa e quente para pegar uma carona em algum lugar, mas ele só tinha uma mala marrom para transportar e seu cantil, que ele tinha enchido com água.

Agora, no banheiro do posto de gasolina, ele jogou água fria no rosto e se secou. Ele enfiou a mão no bolso de trás antes de deixar o banheiro e tirou a foto de Ruthie e Razor. Ele nunca iria abraçá-la novamente. Ele nunca ouviria a voz dela pedindo uma história. Ele nunca envolveria seus braços no pescoço do Razor e acariciaria seu pelo curto. Ele limpou as lágrimas que tinham começado a formar em seus olhos e voltou a foto para seu bolso traseiro.

Ele tinha feito um voto naquele dia no túmulo de Ruthie. Sem mais chorar. Para sempre.

Ele estava começando a ficar com fome e decidiu voltar para o carro

para pegar algum dinheiro. Ele veria o que o posto de gasolina tinha de comida. Esperançosamente, eles tinham algumas barras de chocolate e refrigerante. Ele tinha provado refrigerante apenas uma vez e estava ansioso pela bebida açucarada.

Ele voltou pelo lado do posto de gasolina e parou de repente. O carro que ele estava pegando carona tinha ido embora. Ele piscou para ver se seus olhos estavam pregando peças nele. Não estavam. Aquele filho da puta foi embora com sua mala marrom que continha suas poucas peças de roupa e todo o seu dinheiro. Ele havia deixado seu cantil no banco da frente. Até aquilo tinha ido.

O mundo era podre, assim como todo mundo dentro dele.

Capítulo 1

2000, dois dias após a execução de Grizz

— Você está dizendo que você preferiria ver Leslie morta do que ler em algum artigo de revista estúpida que eu sou filho de Grizz? Isso não parece com você, Ginny.

Tommy tentou permanecer calmo e focado, mas ele podia ver a vida que ele tinha esperado pacientemente com a mulher que amava, evaporando diante de seus olhos.

— É claro que eu não quero Leslie morta! Eu só estou em estado de choque. Como você e Grizz puderam ter escondido isso de mim? Eu me sinto tão estúpida. Tola. — Ginny cruzou os braços e esfregou as mãos para cima e para baixo como se para afastar um arrepio. Ela não iria, não conseguia olhá-lo nos olhos. Ainda não.

Finalmente, ela se levantou, sua voz calma. — Eu não posso lidar com isso agora, Tommy. Estou muito zangada. Eu não posso falar sobre isso. Eu preciso sair.

— Olhe para mim, Ginny. — Ele se levantou também, agarrando-a pelos ombros. — Olhe para mim!

Ela deu de ombros. — Não. Eu não consigo olhar para você. Eu não consigo acreditar nas mentiras com as quais você me deixou viver todos esses anos.

— Ginny, eu nem sempre...

Ela interrompeu-o quando algo lhe ocorreu. — Ah não. Não. Mimi é sua irmã! Nossa filha é na verdade a sua meia-irmã.

Desta vez, ela realmente olhou para Tommy, e o que ele viu no rosto dela encheu-o de medo.

— Saia. Você precisa sair agora. — Ela cuspiu. Ele nunca tinha visto Ginny irritada assim. Nunca.

— Nós precisamos conversar, Ginny. Eu não vou embora. Esta é a minha casa também.

— Não é mais.

Ginny caminhou até a porta da frente, com as mãos tremendo. — Eu tenho que pegar Jason na casa de Max. Não esteja aqui quando eu voltar. Estou falando sério, Tommy. Quero você fora.

Ela pegou as chaves do carro e a bolsa na pequena mesa que ficava ao lado da porta da frente, batendo acidentalmente em uma foto emoldurada quando fez isso. Era uma foto de toda a família - Ginny com Tommy, Mimi e o então recém-nascido Jason. Ela tinha acabado de trazê-lo para casa do hospital e não conseguia se lembrar de uma época em que ela tinha sido mais feliz. Sua amiga, Carter, tinha tirado a foto, presenteando-os com uma moldura artesanal. Ela começou a pegá-la para colocar de volta no lugar, então percebeu que a imagem nada mais era do que uma lembrança da sua vida fraudulenta. Uma vida baseada em mentiras.

Ela a deixou de bruços sobre a mesinha e se virou para olhar para trás, para Tommy mais uma vez.

— Você disse que conversou com Grizz logo antes dele morrer e ele disse que estava arrependido. Eu não acredito em você. — Lágrimas ameaçaram, mas ela não as deixou cair. — Eu só ouvi Grizz dizer que estava arrependido por uma coisa e isso foi há 25 anos.

Ela bateu a porta atrás dela.

Saindo da garagem um pouco rápido demais, ela acelerou. Seus ombros tremiam enquanto ela dirigia e ela ofegou quando na pressa descuidada, quase bateu em alguém. Quando ela chegou ao sinal de parada, olhou pelo espelho retrovisor. O veículo que ela quase tinha atingido era uma

van do correio e agora estava estacionando na sua garagem. Não importa, ela pensou. Seja o que for, Tommy pode receber.

Ela ligou o rádio do carro, apertou o botão da sua estação favorita, que tocava música dos anos setenta. Nights in White Satin, do The Moody Blues, estava tocando. Ela desligou-o, fez uma curva rápida à direita para uma galeria comercial e achou uma vaga de estacionamento com sombra sob uma árvore. Ela parou o carro, envolveu os braços sobre a parte superior do volante, abaixou a cabeça.

E soluçou.

Capítulo 2

Trinta minutos mais cedo, Escritórios da Revista Loving Lauderdale

— Mas a história de amor. É isso que eu quero realmente enfatizar. O amor entre o criminoso durão e a garota doce e inocente. É isso o que os leitores querem, uma história de amor, e eu preciso de algo para fazer a conclusão bombar.

Leslie aconchegou o telefone na sua orelha enquanto falava, tentando fazer com que sua voz soasse tão convincente quanto possível. O que ela deixou de mencionar - e não tinha a intenção de revelar - era que ela já tinha sua conclusão e, cara, seria um estouro. Mas Ginny sabia?

Ela sabia que estava apenas forçando a barra aqui, desafiando os limites desta entrevista. Ela não estava sendo simplesmente intrometida. Ela estava sendo francamente gananciosa. Mas ela teve de pressionar.

— Aquele sinal que ele lhe deu. — Leslie cutucou. — Tem que ter significado algo. Você não pode me contar nada aqui, Ginny?

O suspiro de Ginny era audível sobre o viva-voz. — A única coisa que eu posso te dizer, Leslie, é que eu passei três meses permitindo que você me entrevistasse e a história de amor verdadeiro estava bem debaixo do seu nariz o tempo todo. Você simplesmente não viu. Uma história sobre um homem que me amou desde o início, desde o primeiro olhar. O homem que sempre foi e ainda é minha alma gêmea. Essa é a única história de amor agora. Sim, eu ameí Grizz, isso é verdade. Mas essa história acabou. Não a romantize. Eu construí uma nova vida com...

Era isso - de jeito nenhum Ginny sabia que seu marido era filho do

Grizz. Leslie tinha certeza disso agora. Ninguém era tão compreensivo. Leslie interrompeu-a e foi para o ataque final.

— Ela não sabe, sabe, Tommy? — Leslie perguntou docemente, sabendo muito bem que Tommy estava sentado bem ao lado de Ginny. — Você não disse a ela? — ela fez tsc-tsc. — Bem, eu sugiro que você faça isso antes de ela ler no meu artigo.

Mas em vez da torrente que ela esperava, não houve nada além de silêncio. Leslie esperou um minuto, depois dois, pela resposta de Tommy. Não houve resposta. Ela tinha sido desligada.

Porra! Ela queria saber a história por trás daquele sinal que Grizz deu a Ginny; ela só sabia que havia algo ali. Mas ninguém contaria qualquer coisa. Na verdade, ela ficou um pouco surpresa ao perceber que Tommy nunca tinha revelado a Ginny que Grizz era seu pai. Em sua experiência, a maioria das pessoas não conseguia manter segredos como este.

Leslie não quis ser má ou rude propositalmente, mas ela gostava de ter vantagem em uma entrevista. Ela provavelmente foi tida como insistente, mas ela não se importava. Especialmente agora - este artigo era muito importante para sua carreira. Poderia ser sua grande chance com uma revista popular, renomada. Ela tinha dito uma mentira quando se aproximou originalmente de Ginny sobre a entrevista. Ela, na verdade, não trabalhava para a revista em questão, mas sabia que depois de apresentar essa história teria uma oportunidade nela.

E Leslie tinha provado ser uma boa investigadora. Ela sabia como coagir as pessoas. Como levá-las a falar com ela. Foi assim que ela conseguiu esta entrevista. Ela fez seu dever de casa e foi para a única pessoa que poderia influenciar Ginny a se abrir. Sua filha, Mimi. Sim, ela sabia que Grizz era o pai de Mimi. Leslie ficou surpresa quando percebeu que a menina de quinze anos de idade, sem o conhecimento dos seus próprios pais, sabia disso

também.

Leslie virou de volta para a tela de seu computador e fez algumas edições finais sobre o artigo. Ainda seria uma grande história, mesmo sem a resposta para a pergunta que ela tinha feito a Ginny. Mais alguns ajustes e, em seguida, estaria terminado, talvez fosse para casa e passaria um verdadeiro domingo com sua mãe e irmã pela primeira vez. Ela era a única pessoa no minúsculo escritório da revista hoje, um pequeno posto de gasolina reformado localizado fora da estrada. Os proprietários - Don e sua esposa, Irene, uma ruiva natural com um penteado bufante que sempre cheirava a algodão-doce - raramente estavam por perto e Leslie gerenciava os trabalhos do dia a dia. De certa forma, era um bom trabalho. Mas Leslie estava cansada de ficar no comando. Ela não dava a mínima sobre manter os anunciantes, assinaturas, pagamentos, nada disso. Tudo o que ela queria fazer era escrever. Isso é tudo o que ela sempre quis.

Menos de uma hora depois, ela estava dando os toques finais na sua história, quando ouviu a porta abrir. Sem olhar para cima do seu computador, ela disse: — O escritório está fechado hoje. Você pode voltar amanhã de manhã. Abrimos às nove.

Ela ouviu a porta fechar e não percebeu que a pessoa tinha fechado por dentro, até que ouviu o rangido da cadeira bem na frente da sua mesa. Ela se virou para olhar e quase se engasgou.

Era Keith Dillon. Nome de gangue: Blue.

Blue foi um dos membros da gangue que não adquiriu a imunidade que alguns dos outros tiveram. Ele era muito alto na organização de Grizz para isso. Blue tinha ido para a prisão com Grizz e alguns outros. Pegou péssimos dez anos e estava fora em dois.

Blue tinha visitado Leslie uma semana mais ou menos após Grizz a atacar na sala de entrevista da prisão, um pouco depois que Grizz lhe deu a

entrevista por telefone. Logo antes da execução. Ela sabia que Grizz fez aquilo com raiva e teve que engolir seu orgulho e a arrogância depois de ser agredida, quando ela falou com ele, mas seus instintos tinham sido precisos. Ela sabia que tinha irritado Grizz suficiente naquele primeiro encontro e que ele acabaria por dar-lhe algo.

Cara, e como o fez. Quando ele contou para ela durante a ligação que Grunt - Tommy - era seu filho, Leslie quase deixou cair o telefone. Ele não respondeu a quaisquer outras perguntas. Ela queria mais detalhes, como se Grunt sabia e, em caso afirmativo, por quanto tempo. Ele não deu qualquer outra coisa a ela.

O primeiro encontro com o Blue foi quando Leslie tinha acabado de sair do supermercado e estava colocando os pacotes no porta-malas do seu carro. O sol estava quente e ela sentiu uma gota de suor traçar o seu caminho para baixo, no seu peito. Ela tinha permitido que sua medicação para dor perdesse o efeito para que ela pudesse dirigir até o mercado. O calor e a dor renovada estavam deixando-a tonta, mas ela ainda estava se sentindo um pouco eufórica também. Ela sabia que a revelação do segredo de Grizz ia estabelecer seu artigo. Estabelecer a sua carreira.

Ela não sabia de onde Blue tinha vindo, não viu ou ouviu se aproximar do seu carro. Ele estava lá, de pé silenciosamente com os braços cruzados. Ele não pediu para que ela não publicasse o segredo. Ele exigiu.

— Grizz mudou de ideia. — Blue a olhou de cima a baixo. — Não publique o que quer que ele tenha dito durante a entrevista por telefone.

Leslie apenas o encarou. Ela sabia quem ele era, mas ele não incitava o mesmo sentimento de medo que Grizz. Então, em vez disso, ela levou seu carrinho de volta para o retorno e o deixou de pé atrás do seu carro. Como uma reflexão tardia, ela gritou por cima do ombro: — Você nem sabe o que é, não é?

Ele não respondeu.

Ela deixou o carrinho e caminhou de volta para ele. — O grande segredo. Você não sabe, não é? — ela perguntou um pouco presunçosa.

Blue esperou que ela voltasse. — Não importa. Não publique. Esta é apenas uma visita de cortesia. Você não quer me ver de novo.

Ele se virou e foi embora.

Agora, dois dias após a execução de Grizz, Blue estava de volta. Ele sentou-se na cadeira e olhou para ela. Não disse uma palavra. Ela não se permitiria ser intimidada. Uma punhalada rápida de terror com a lembrança da brutalidade de Grizz a sacudiu, mas ela rapidamente substituiu-a com confiança. Aquele desgraçado estava morto. Ela estava segura. Ela não deixaria Blue tirar vantagem disso.

Blue olhou ao redor do escritório, observando o sofá de couro falso, a arte do cartaz emoldurado nas paredes, os painéis baratos. — Uau, esse deve ser o escritório de representação lixo da sua grande revista. — Uma risada escapou dos seus lábios.

Ela enrijeceu. — Eu não disse que trabalhava para eles. Eu só disse...

— Eu já sabia disso. Grizz também. Não é por isso que estou aqui. — Antes que ela pudesse comentar, ele perguntou: — Então, não vai ser publicado. Certo?

— O que importa agora, afinal? — ela encolheu os ombros com um pouco mais de confiança do que realmente sentia. — Ele está morto. Além disso, eu não usei quaisquer nomes reais. Isso foi parte do acordo que fiz com Ginny. Quem vai se importar?

— Eu me importo. Você tirou-o do artigo, correto?

— E se eu não tirei? E se for publicado? O que vai acontecer? — ela lhe deu um olhar feroz. — Você vai cortar meus pneus? Bater em mim?

Blue olhou friamente. — É óbvio que você quer jogar aqui. Portanto,

as regras mudaram. Agora, não haverá *nenhum* artigo.

Leslie recostou-se na cadeira, suspirando. Ela inclinou a cabeça para um lado enquanto olhava para ele, tentando determinar sua resposta. Verdade seja dita, ela não queria apanhar pra caralho de novo. Tudo bem, então talvez ela não fosse publicar o segredo. Não desta vez, de qualquer maneira. Mas ela certamente seguraria a informação e usaria quando necessário. Era obviamente importante. Ela tentaria falar com os Dillon's novamente. Os Dillon's? Rá! Eles não eram na verdade os Dillon's. Eles eram os Talbot's - se esse fosse mesmo o real sobrenome do Grizz. Ela queria — precisava — perguntar sobre o sinal, o aceno de cabeça. Ela iria fazê-los contar para ela. Ela conseguiria o que queria, eventualmente. Ela sempre conseguia.

— Tudo bem. — Ela finalmente cedeu. — O segredo não vai sair no meu artigo.

Ele se inclinou para frente, suas palavras como gelo. — É tarde demais. Você não deveria ter fodido comigo agora. Não haverá nenhum artigo. É melhor você apagar a existência dele agora. Se eu ao menos suspeitar que você tem uma cópia dele em qualquer lugar, ou que ele poderia aparecer algum dia...

— O quê? Você vai fazer o quê? — ela olhou para ele. Ela estava ficando com raiva e mais do que um pouco cansada de ser intimidada. — Eu já sei qual a sensação de engolir meus próprios dentes. Não é bom, mas se é isso que é preciso, eu vou aceitar. Eu vou lidar com qualquer coisa que você acha que pode fazer comigo. Você sabe por quê? Porque o meu futuro está em jogo aqui. Minha carreira. Minha chance de sair deste pequeno buraco de merda de trabalho e tornar-me em alguma coisa. Então você sabe o quê, Blue? — seus olhos brilhavam. — Você pode simplesmente lidar com isso. Eu não vou publicar que Grizz é o pai de Tommy, mas o artigo vai sair.

Ela recostou-se na cadeira e respirou profundamente, triunfante. Ela

estava tremendo, mas não com medo. Ela estava brava.

Como um sinal, seu telefone tocou. Era domingo; a secretária eletrônica poderia atender. A voz doce da Irene encheu o ar tenso entre eles. — Obrigada por ligar para o escritório da Loving Lauderdale. Nosso horário é de segunda à sexta-feira, das nove às cinco. Deixe uma mensagem e retornaremos sua ligação prontamente. Obrigada e tenha um bom dia!

Só então a voz frenética de uma mulher pôde ser ouvida através da secretária eletrônica. — Leslie! Leslie! Oh, Deus. Leslie, por favor, esteja aí! Por favor, atenda. Se você estiver aí, atenda. Por Favor!

Era a voz da sua mãe. Leslie olhou para Blue e foi imediatamente tomada com inquietação. Quando ela estendeu a mão para o telefone, os gritos de pânico da sua mãe continuaram.

— Eu não sei o que fazer! Por favor, ligue assim que você ouvir isso. — Ela sufocou um soluço. — É Hannah. Sua irmãzinha sumiu!

Leslie pegou o telefone. — Mãe, eu estou aqui. Acalme-se. Acalme-se e diga-me o que aconteceu.

Ela ouviu atentamente enquanto olhava nos olhos frios de Blue. Ele levantou-se rapidamente e saiu pela porta.

Leslie deixou cair o telefone, o receptor pousando com um baque forte na sua mesa. Ela podia ouvir a voz da sua mãe desaparecendo quando correu atrás dele, e ele caminhava em direção a um sedan lentamente. Ela colocou a mão na testa para diminuir a intensidade da luz solar. O brilho cegava. Era uma mulher no banco do passageiro?

Blue começou a subir para o lado do condutor, quando Leslie finalmente gritou atrás dele: — Você venceu! Está bem? Você venceu!

Blue acenou para ela e entrou no carro. Ele saiu em disparada.

Leslie ficou ali por um momento, paralisada de medo inconfundível. Engraçado, ela se lembrou de pensar quando o confrontou pela primeira vez

no estacionamento do supermercado que ele não incitava o mesmo sentimento de medo que Grizz.

Ela estava errada.

Leslie não se incomodou em tentar conseguir o número da placa. Ela não se incomodou em tentar obter uma visão melhor da mulher. Não importava.

O que ela disse era verdade. Ele tinha ganhado. Aquele desgraçado estava morto e ele ainda tinha ganhado.

Lágrimas rolaram por ambas as bochechas quando ela voltou para dentro para consolar sua mãe e apagar seu arquivo.

Capítulo 3

2000

Tommy não se moveu do seu lugar na sala. Ele ainda estava em choque em como sua vida tomou um desvio em menos de cinco minutos.

Inferno, ele esperava que fosse um desvio. Isso foi mais como uma completa inversão de marcha.

Ele entendia por que Ginny estava chateada. É claro que ela estava. Mas ele nunca esperou a raiva e o ódio que viu no seu rosto. Ela ficou arrasada.

Não podia culpá-la, tinham um casamento tão bom e ele não conseguia acreditar que isso poderia arruiná-lo. Ele nem sequer chegou a dizer a ela que nem sempre soube que era filho do Grizz. Só não via como isso podia importar tanto agora. Não tinha pensado que era algo que Ginny precisava saber. Não era algo que qualquer um precisasse saber. Maldito Grizz por contar à Leslie por raiva. Ele passou a mão pelo cabelo e suspirou. Isso não fazia parte do plano. Isso fodeu tudo.

— Foda-se, Grizz. Você disse que tinha Leslie sob controle. — Ele disse a ninguém. — Você ficou trancado na prisão por quinze malditos anos. Então eu o assisti morrer há dois dias. Mesmo assim, você ainda encontrou uma forma de foder comigo. Eu pensei que nós havíamos resolvido as coisas. Eu pensei que isso tinha acabado. Filho da puta!

Ele se inclinou para trás e permitiu que sua mente derivasse. Memórias invadiram seus sentidos. Suas mãos apertaram em punhos enquanto pensava sobre o abuso que ele sofreu quando criança. Ele não

conseguia impedir os pensamentos de surgir. Quando ele abandonou essa vida, pensou que ninguém se meteria com ele novamente. Especialmente, não GRIZZ.

Mas ele estava errado. Grizz tinha ferrado com ele pior do que qualquer outro. Grizz, mesmo no além do túmulo, tinha se metido com a única coisa que mais importava.

Ele quase podia sentir o cheiro do lixo podre e urina de gato na casa de Karen e Nate. A esponja azeda que Karen o fazia usar para lavar os pratos. Os cigarros velhos e a maconha. Seu próprio corpo rançoso, negligenciado. Ele podia sentir a coceira constante do seu couro cabeludo infestado de piolhos.

Ele inconscientemente esfregou os braços enquanto recordava das bolhas dolorosas. Dos ossos quebrados.

Sua mente voltou para um tempo que ele desejava poder esquecer. Ele não conseguia parar a enxurrada de lembranças.

Lembrou-se de como era viver no inferno.

Capítulo 4

1969

Tommy observava das sombras do corredor. Ele tinha acordado com sede, ia esgueirar-se para o banheiro para beber da torneira. Mas o homem grande estava lá. Ele estava trazendo dinheiro para Karen novamente.

Ele tinha visto o homem grande antes. Ele parecia assustador. Tommy não sabia por que ele dava dinheiro a Karen. Ele nunca chegou perto o suficiente para ouvir as conversas deles. Mas ele podia ouvi-los esta noite.

— Ele está bem? Tem tudo que precisa? — perguntou o homem grande.

— Sim, é claro que ele tem tudo o que precisa. Por que não teria? — Karen deu uma longa tragada no cigarro e bateu suas cinzas em uma lata de cerveja aberta.

O homem grande caminhou até a geladeira e olhou para dentro. — Porque não há nada além de cerveja na sua geladeira e este lugar é uma merda.

Agora o homem grande estava andando pelo cômodo, abrindo armários e gavetas. Tommy percebeu que ele nunca o tinha visto dentro da casa antes. Ele observava de uma janela, quando Karen e Nate atendiam o homem grande do lado de fora. Eles sempre conseguiam ouvi-lo chegando, ouviam sua moto quando virava a esquina algumas casas de distância. Mas esta noite não houve nenhum aviso. Acho que ele não a usou hoje.

— O quê? Você está dizendo que eu não o alimento? — Karen começou a acrescentar algo, mas antes que pudesse o homem grande agarrou-a pelo pescoço e levantou-a da cadeira da cozinha. Ela deixou cair tanto o cigarro quanto sua atitude arrogante. Tommy nunca a tinha visto com medo

antes de hoje à noite.

— Com quem diabos você pensa que está falando, vadia? Você está cuidando do garoto como você deveria?

O garoto? Os pensamentos de Tommy aceleraram. O homem grande estava lá por causa dele! Ele estava dando dinheiro para Karen cuidar dele. Por quê? Ele se importa com Tommy? Ele devia se importar um pouco. Mas por quê? E por que ele daria dinheiro a pessoas que o negligenciavam e maltratavam?

Tommy era jovem, mas não estúpido. Se algum dia conseguisse sair de lá, agora poderia ser simplesmente a sua chance. Mesmo o orfanato era melhor do que este pesadelo. O homem grande podia ajudá-lo ou deixá-lo com Karen e Nate. A forma como Tommy via, o pior que podia acontecer era Karen bater nele depois que o homem fosse embora. Talvez Nate batesse também, quando chegasse em casa do trabalho. Tommy não tinha que pensar muito. Ele arriscaria. Rapidamente arrancou a camiseta imunda, rasgada e jogou-a no chão. Ele se moveu tranquilamente das sombras do corredor para a cozinha degradada.

— Karen, estou com sede. — disse Tommy, esfregando os olhos. — Posso pegar algo para beber?

Ele viu um flash de pesar imediato nos olhos de Karen e sabia que estava certo em aparecer para o homem grande.

Karen olhou para Tommy, depois para o homem grande, que estava olhando abertamente para o garoto maltratado.

— Eu não bati no garoto! É o Nate. Nate faz isso. Só... só quando ele precisa de disciplina.

— E eu suponho que Nate, que não fuma, usa seus cigarros para queimá-lo? — o grande homem falou, sem tirar os olhos de Tommy.

— Hum, sim. — Ela gaguejou. — Quando ele precisa.

Seus olhos ainda fixos em Tommy, o homem estendeu a mão para trás e puxou uma arma. Sem dizer uma palavra, o homem grande virou-se para Karen e colocou uma bala entre seus olhos. Tommy ouviu um grito e viu Nate congelado de medo na porta da frente. Nate virou-se para fugir, mas ele não foi rápido o suficiente. O homem grande acertou Nate na parte de trás da cabeça.

Em seguida, o homem grande guardou a arma e olhou para Tommy.

— Você não precisa ter medo de mim. — disse o homem grande com uma voz suave. — Vou me certificar de que você seja bem cuidado de agora em diante.

— Eu não tenho medo de você. — respondeu o menino.

O homem grande acenou com a cabeça. — Qualquer coisa aqui que você queira levar? Pegue agora, porque você não vai voltar.

Tommy correu para o seu quarto. Ele colocou sua camiseta rasgada e imunda e calçou seu tênis sem cadarços. Foi para a última gaveta da cômoda e lentamente a puxou. Ele estendeu a mão e encontrou uma pequena caixa. Continha seus bens mais valiosos. Suas únicas conexões com ela. Ele voltou a gaveta para o lugar e lentamente, examinou o quarto. Não, não havia nada lá. Ele voltou para a sala de estar.

— Estou pronto.

Tommy ficou surpreso quando o homem grande tirou o casaco e envolveu-o nele, então sem esforço pegou-o e saiu para uma velha caminhonete. Eles não conversaram quando foram embora.

Depois de vinte minutos eles pararam em um pequeno bar chamado The Red Crab e estacionaram perto da porta, que estava aberta. O homem grande disse-lhe para esperar na caminhonete quando entrou. Tommy sentou-se o mais silenciosamente possível, se esforçando para ouvir. Arriscou um olhar no interior da porta, viu o homem ir para o telefone perto da caixa

registadora e discar um número.

— Eu vou precisar de uma limpeza pesada em uma casa em San Carlos Estates. — Depois de passar o endereço ele desligou o telefone e voltou-se para o barman. — Mike, ligue para Blue na Sissy e diga-lhe para trazer sua bunda aqui agora. Diga para ele para não usar a moto e vir sozinho.

— Claro, Grizz.

— Eu vou precisar da sua caminhonete um pouco mais.

— Sem problema, cara. — disse o barman e pegou o telefone.

Grizz saiu e voltou para a velha caminhonete. Ele olhou para Tommy.

— Eles estavam machucando você. — Era uma afirmação, não uma pergunta.

Tommy assentiu com a cabeça e olhou para suas mãos descansando em seu colo.

— Eles estavam te alimentando?

Tommy balançou a cabeça negativamente.

— Está com fome agora?

Tommy olhou para o homem grande. — Sim, eu estou realmente com fome. — Depois de uma breve pausa. — Quem é você?

— Um hambúrguer e batatas fritas está bom?

— Sim, por favor. E eu posso pedir ketchup e uma bebida?

— Sim. Fique aqui.

Grizz voltou para dentro e Tommy podia ouvi-lo pedir um hambúrguer com batatas fritas e um refrigerante. Ele disse a Mike que voltaria em dez minutos.

— Eu estou sentado em sua caminhonete. Não traga a comida para mim. Eu volto.

— Sim, como quiser, Grizz.

Grizz voltou para a caminhonete. Ele olhou para Tommy, enquanto

Tommy continuava a olhar para o seu colo. Ele não tinha certeza do quanto ele deveria dizer ao menino. Ele só descobriu sobre ele há alguns meses.

— Você pode me chamar de Grizz. Não conte a ninguém sobre o que aconteceu esta noite. Está claro?

Tommy assentiu.

Antes que dez minutos se passassem um Camaro azul brilhante entrou no The Red Crab e estacionou há algumas vagas da caminhonete. Grizz saiu e caminhou até o carro. Tommy percebeu que ele ergueu a mão como se estivesse dizendo ao motorista para ficar parado. O homem fez exatamente isso, abaixando sua janela. Grizz descansou os antebraços acima da abertura, inclinou-se e falou. A janela do Tommy estava fechada agora, ele não conseguiu ouvi-los. Eventualmente, o outro homem saiu do carro, em seguida, ele e Grizz caminharam em direção a Tommy. Grizz abriu a porta de Tommy.

— Eu vou entrar para pegar a sua comida. Este aqui é o seu irmão mais velho, Blue. Você vai viver com ele agora.

E com isso Grizz caminhou de volta para o The Red Crab.

Tommy encarou Blue com apreensão. Ele não era tão grande como Grizz, mas era tão assustador quanto. Eu devia ter mantido minha boca fechada e ficado com Karen?

Blue deve ter lido sua mente.

— Não tenha medo, nanico. Eu não vou te machucar.

Capítulo 5

2000

O toque da campainha trouxe Tommy de volta ao presente. Por um momento ele se permitiu pensar que Ginny estava de volta, que apenas se trancou para fora de casa. Mas imediatamente ele soube que não havia verdade nesse pensamento rápido.

Um jovem com as bochechas vermelhas brilhantes vestindo um uniforme do correio estava na porta segurando uma prancheta, um grande pacote na varanda ao lado dele.

— Eu tenho uma entrega para Dillon. Pode, por favor, assinar aqui, senhor? — o carteiro disse, limpando a testa com o antebraço.

— Não esperava uma entrega. — *Especialmente não em um domingo.*
— De quem é?

— Não sei. Apenas as iniciais de um endereço na Flórida. Devo avisá-lo, porém, é pesado.

Depois que Tommy assinou seu nome, o carteiro de bochechas rosadas pegou a prancheta dele e a enfiou debaixo do braço direito enquanto lutava para pegar o pacote pesado e depositá-lo nas mãos de Tommy. Ele assobiou para ele mesmo enquanto desceu os degraus da frente e caminhou até a entrada de automóveis, pegou sua van e foi embora.

Tommy ficou lá querendo saber o que poderia ser o pacote. O garoto estava certo. Era pesado.

Chutando a porta da frente, que se fechou atrás dele, dirigiu-se para seu escritório quando facilmente içou o pacote misterioso e o colocou sobre a mesa. Será que Ginny encomendou um conjunto de pesos para exercício ou algo assim? Sem olhar para a etiqueta com o endereço do remetente, ele

rasgou-o, em seguida, sentou-se com um suspiro pesado. Isto foi inesperado. Qual era o significado, se é que tinha?

— Merda. — Foi tudo o que disse.

Capítulo 6

1969

— Então, como o garoto está indo à noite? Ainda tendo pesadelos? — Grizz perguntou ao Blue quando se sentaram no bar e beberam suas cervejas.

— Ele está melhorando, mas ainda não vai para a cama a menos que a porta que liga nossos quartos esteja aberta. — Blue respondeu, em seguida, fez uma pausa para dar uma olhada em Grizz. — Você nunca mencionou um irmão mais novo antes.

Grizz pensou cuidadosamente. Ele teria que ser cauteloso com a sua resposta. Ele nunca falou para Blue que Tommy era seu irmão mais novo. Ele apenas disse a Blue que o menino ia viver no motel e que Blue deveria se passar por seu irmão mais velho. Blue tinha simplesmente suposto que Grizz era o irmão mais velho do garoto.

Grizz tomou um gole da sua cerveja e respondeu casualmente. — Não ficava muito por perto. Já tinha ido embora quando ele nasceu. Você sabe que eu não fiquei em contato com a minha família. Eu não acho que ele tenha alguma lembrança de mim.

Claro que isso era tudo mentira. Tommy não teria qualquer lembrança de Grizz, porque nem sabia que ele existia até poucos meses atrás. Antes que Blue pudesse responder, Grizz acrescentou: — Você continue trabalhando nele. Tente convencê-lo. Ele é jovem o suficiente para acreditar no que dizemos a ele.

Blue não disse nada, apenas balançou a cabeça. Ele conhecia Grizz desde que podia se lembrar e nunca tinha ouvido falar em sua família. Não significava que ele não tivesse uma. Ele simplesmente nunca falou sobre eles. Ele também sabia que Grizz nunca revelaria às pessoas que tinha um irmão

mais novo que vivia no motel. Não, deixaria Grizz muito vulnerável e provavelmente não seria seguro para a criança. Grizz tinha alguns inimigos consideráveis.

— Você sabe que Misty está implicando com ele.

— Sim. Está tudo bem. Isso vai torná-lo forte.

— Você sabia o quanto ele é inteligente? Quer dizer ele tem, o que, dez anos e estava discutindo com Chip sobre a crise dos mísseis cubanos. Fazendo Chip parecer um idiota. Todo mundo está começando a chamá-lo de “nanico adulto” em vez de apenas nanico.

Grizz olhou diretamente para Blue. — É daí que saiu Grunt^[2]?
Abreviação de nanico adulto?

— Sim, alguns rapazes estão chamando-o disso. Eu não acho que eles querem dizer algo com isso. Só é mais fácil de falar. Quer que eu os faça parar? É meio rude.

Grizz não respondeu de imediato. Ele tomou outro gole de sua cerveja e olhou para algo na parede de trás do bar. Com um apelido como Grunt não havia dúvida de que provavelmente alguém pegaria no pé dele. — Não, deixe-os chamá-lo assim. Como eu disse, o garoto precisa ser forte.

Blue não respondeu. Ele discordava de Grizz neste ponto. O garoto tinha sofrido o suficiente. A primeira vez que o viu sem camisa, Blue teve que esconder sua surpresa. O garoto estava cheio de cicatrizes, hematomas e manchas. Se pensasse sobre isso, vadias como Misty provavelmente eram nada, comparado com o que ele já tinha experimentado. Ainda assim, talvez ele dissesse para ela recuar, apesar do que Grizz disse.

Quando voltaram ao motel, havia um pequeno grupo reunido em torno do poço. Quando se aproximaram do fogo, Blue perguntou a ninguém em particular: — Onde está o garoto? Sissy já voltou com ele?

Sissy era namorada do Blue. Ela tinha levado o menino de carro para

Miami para arrumar-lhe mais algumas roupas e livros. O garoto não frequentaria a escola, mas ainda receberia algumas lições. Após chegar no motel, ele imediatamente pediu por livros. “Livros para aprender” ele os chamou. Quando Grizz e Blue viram o tipo de livros que escolheu, ficaram chocados. Ninguém no motel daria as lições ao menino. Os livros que ele selecionou eram fora da sua área de conhecimento. Eles pegaram o que tinha solicitado e deixaram-no educar-se. Ele já tinha devorado os que recebeu quando chegou. Esta era sua segunda viagem de compras.

— Sim. — Alguém respondeu. — Sissy foi embora. Acho que ele está no quarto de Misty dobrando a roupa ou algo assim.

Blue deu um olhar de soslaio para o Grizz e ele sinalizou para deixar para lá. Porra. Por que Grizz não interfere nisso? E por que eu me preocupo tanto? Se Blue fosse honesto consigo mesmo, o menino estava tornando-se importante para ele. Era uma criança inteligente e gentil. Ele fascinou todos em algumas semanas que ficou no motel, deslumbrando-os com sua inteligência e mostrando uma forte resistência ao abuso verbal de Misty. Mesmo Chip estava mais cativado por ele do que com raiva quando eles começaram a discutir política e acontecimentos mundiais.

Mas, verdade seja dita, se a criança fosse viver aqui, teria que ser forte. Talvez Grizz estivesse certo ao deixar algumas coisas acontecerem. Deixá-lo ter um apelido indigno, como Grunt.

Não foi até algumas semanas mais tarde, depois que Grizz cortou a língua de Misty por causa de um comentário espontâneo, que a verdadeira inteligência da criança surgiu. Sem qualquer experiência médica, ou pelo menos nenhuma que Blue conhecesse, o garoto de alguma forma conseguiu trazê-la de volta à saúde sozinho. Ninguém gostava da Misty na verdade e a maioria dos frequentadores não ficaram sequer perturbados quando Grizz saiu do seu quarto naquela noite com sangue por todo o corpo. Grunt foi o

único que se levantou imediatamente e ao perceber que Grizz não estava ferido, teve intuição suficiente para saber que algo estava terrivelmente errado. Misty não tinha saído do quarto de Grizz.

Naquela noite, Blue tinha observado do poço quando uma Misty histérica se apoiou pesadamente sobre a criança com quem ela foi tão cruel, enquanto ele, lento e suavemente, a guiou de volta para seu quarto.

Esse garoto é muito bom para viver aqui. Blue suspirou e tomou outro gole de cerveja.

Capítulo 7

2000

No carro, do lado de fora do centro comercial, Ginny enxugou os olhos com o último dos lenços que encontrou no porta-luvas. Precisava se limpar antes de ir buscar Jason.

Ela saiu do carro e se dirigiu para a loja de iogurte no final da galeria. Sem olhar para ninguém, foi direto para o banheiro feminino e trancou a porta atrás dela, quase se engasgando com o cheiro esmagador de desodorizador de ar de lavanda. O espelho mostrava que seus olhos ainda estavam vermelhos e inchados e seu nariz estava começando a escorrer novamente. Ela desenrolou um pedaço de papel higiênico e assoou o nariz, em seguida, jogou água fria em seu rosto. Já tinha borrado toda a sua maquiagem. Pensamentos de Grizz, Tommy, as crianças, tudo, tudo girava ao redor dela. Ela não sabia quanto tempo ficou lá, curvada sobre a pia, absorvendo grandes goles de desodorizador de lavanda.

Alguém bateu na porta.

— Saio em um segundo. — Disse sem rodeios.

Ela usou uma toalha de papel para secar seu rosto e então voltou para o seu carro sem fazer contato visual com ninguém na loja.

Menos de dez minutos depois, ela estacionou na casa do Max e buzinou. Ela podia ter entrado para pegar Jason. Gostava da mãe do Max. Denise Reynolds era realmente doce, mas Ginny simplesmente não conseguia jogar conversa fora com ela. Além disso, ela não podia confiar em si mesma para não desmoronar. Ela precisava falar com alguém. Carter. Ela ligaria para Carter quando chegasse em casa.

Sarah Jo não seria uma boa opção. Ginny sabia o quanto Jo amava

Tommy. Eles tinham uma história especial, e apesar de Carter ter se tornado próxima, tanto de Ginny quanto de Tommy ao longo dos anos, ela era mais leal a Ginny.

Sarah Jo sabia? O coração de Ginny martelou. Ah não. Ela não podia sequer suportar pensar sobre isso. Não. Ela não tiraria conclusões precipitadas.

Só então a porta da frente da casa de Max se abriu e uma versão em miniatura de Tommy saltou para fora, falando por cima do ombro. — Até mais, cara.

Ela olhou para o seu filho. O filho que Tommy sugeriu que eles nomeassem por causa do Grizz. Agora ela sabia o porquê. Grizz era realmente o avô de Jason. Sua cabeça começou a girar. Isso não está acontecendo.

Algo a incomodou quando observou Jason se aproximar do carro. Quando eles fizeram contato com os olhos, ele abriu um largo sorriso. Seu coração se encheu de amor por ele, que se parecia com o pai. Ela teve um déjà vu de uma memória que não pôde localizar. Isso aconteceu antes, mas nunca conseguia evocar um incidente específico. Era algo que ela se lembrava sobre Tommy nessa idade? Não. Não podia ser. Ela não conheceu Tommy nesta idade.

Era outra coisa, mas por sua vida, ela não conseguia se lembrar o que era.

— Oi, mãe! — Jason jogou sua bolsa no banco de trás e subiu no banco do passageiro da frente.

Ginny sorriu para ele, inclinando-se sobre o painel para um abraço. Ele era um filho tão carinhoso. Assim como seu pai. Ela beijou sua testa quando ele começou a afivelar seu cinto de segurança.

— Como foi a sua estadia com os Reynolds? Você se divertiu com

Max? — Perguntou quando saiu da garagem.

A mãe de Max saiu para a varanda da frente e acenou. Ginny soou a buzina duas vezes para cumprimentar quando partiu.

— Sim, muito divertido. Sra. Reynolds fez sorvete caseiro ontem à noite! Podemos fazer isso algum dia? Foi muito bom.

— Sim, claro, eu acho.

— Sra. Reynolds falou para dizer-lhe que todas as roupas na minha bolsa estão limpas. Ela lavou ontem à noite. Não quis que eu fosse para casa com a roupa suja. — Antes que Ginny pudesse comentar, ele acrescentou: — Eu tive que ajudar Polly a lavar seu carro esta manhã depois da igreja.

Ginny olhou para o seu filho. — Você teve que ajudá-la? — ela perguntou, rindo.

— Sim, ela disse que eu era o melhor lavador! — ele respondeu com entusiasmo. — E um secador ainda melhor!

— Tenho certeza que você é, querido. Tenho certeza que você é. — Ginny sorriu para si mesma. Max tinha duas irmãs mais velhas, Sarah e Pollyanna. Jason era apaixonado pelas duas desde que tinha oito anos. Nunca conseguia decidir qual ele amava mais. Claro, elas eram muito velhas para Jason. Polly estava no último ano do ensino médio e Sarah estava na faculdade. Tinha certeza de que as duas meninas amavam Jason como um irmão mais novo. Mais provável que o achassem tão chato como um irmão mais novo também. Mas elas eram meninas agradáveis. Sempre doces com ele. Ela apreciava isso.

Ela desejava que Mimi fosse melhor para Jason, ela pensou enquanto fazia a curta viagem de volta para casa. Não que Mimi não fosse boa. Ela simplesmente não era interessada no seu irmão mais novo. Ginny não conseguia explicar. Era algo que ela havia discutido mais de uma vez com Tommy. Mimi nunca foi definitivamente má com Jason, mas ela não era uma

irmã mais velha amorosa. Pelo menos não mais. Chame de intuição de mãe, mas para Ginny, às vezes parecia como se Mimi fosse incapaz de ter sentimentos. Ginny não conseguia entender isso. E para piorar a situação, Tommy não via isso, sempre dizendo que ela estava imaginando coisas. Uma vez ele até disse que ela era muito paranoica sobre Mimi ser filha biológica do Grizz.

— Gin, você está inconscientemente com medo de que Mimi seja muito parecida com Grizz. — Ele disse. — Eu lhe disse mais de uma vez que Grizz não nasceu assim. Grizz teve uma infância horrível. Mimi não herdou a incapacidade de Grizz de se importar com as pessoas. Foi algo que ele desligou como resultado do seu abuso. Pare de pensar nisso.

Mas ela não conseguia evitar. Sabia sobre a infância de Grizz. Ele a contou um pouco sobre isso quando ela estava grávida naquela primeira vez e eles ainda viviam no motel. Foi uma infância negligente, não abusiva. Mas Ginny tinha sido negligenciada quando criança também e não assassinava pessoas.

Mimi não foi sempre assim. Alguma coisa mudou em Mimi alguns anos atrás, quase como se um interruptor tivesse sido invertido. Mimi foi de uma criança doce, pensativa para uma distante e isolada. Ginny queria que sua filha falasse com alguém, mas todos insistiram que Mimi estava apenas sendo uma adolescente típica.

Jason conversou sem parar todo o percurso para a casa. Ginny sentiu-se um pouco culpada em bloqueá-lo, mas sua mente estava em outro lugar. Ela esperava que Tommy tivesse ido quando ela chegasse em casa. Não achava que seria capaz de enfrentá-lo.

— Mamãe? Mamãe? Por que você não me responde?

Ginny olhou de soslaio para Jason. — Desculpe, querido. Você me perguntou alguma coisa?

— Sim, eu perguntei se você achava que o papai tinha arrumado a alça do meu capacete. Ele prometeu antes de vocês saírem da cidade que poderíamos fazer um passeio em sua moto quando chegasse em casa hoje.

Antes que ela pudesse responder-lhe, Jason continuou: — Onde vocês estavam nos últimos dois dias?

— Eu não sei sobre o seu capacete, mas se seu pai lhe disse que ia arrumar, então eu tenho certeza que ele fez isso. E você sabe onde estávamos. Nós dissemos que fomos ver um velho amigo antes que ele deixasse a cidade.

— Não foi isso que Corbin disse. — E antes que Ginny pudesse responder, ele deixou escapar: — Corbin disse que você e papai foram ver um cara fritar.

Capítulo 8

1969

Grunt estava morando no motel há alguns meses, quando Grizz falou um dia: — Vamos lá, garoto. Vamos dar um passeio.

— Na sua moto? — Grunt perguntou animadamente.

— Não, nós vamos sair em um dos carros.

— Está bem, deixe-me verificar algo bem rápido. — Grunt correu.

Grizz balançou a cabeça. Ele viu quando o menino entrou no quarto de Misty. Por que o garoto dava a mínima para Misty estava além da compreensão de Grizz. Tinha passado tempo suficiente. Ela tinha se curado e estava excelente. Grunt poderia ser um mistério.

Grizz dirigiu-se para os carros que mantinha estacionado do outro lado do escritório. Ele não pegaria seu Mustang conversível vermelho. Com seu motor barulhento e rodas cromadas brilhantes, ele apareceria como um polegar ferido. Não pegaria o Cadillac também. Simplesmente muito elegante para onde estava indo. Poderia ser notado. Optou pelo sedan de quatro portas de aparência mediana. Ele não disse nada quando Grunt subiu no banco do passageiro.

— Para onde vamos? — Grunt perguntou.

— Verificar a filha de um amigo.

Grizz, em seguida, ligou o rádio no volume quase total. O garoto era um conversador e ele simplesmente não estava no clima para conversa. Alguns quilômetros antes de chegarem ao seu destino, Grizz olhou para o garoto. Grunt. Esse era o seu novo nome e estava começando a pegar. Abaixou o volume do rádio.

— Um amigo meu morreu há alguns anos. Abandonou uma filha. Sua

mãe e seu padrasto não são realmente estáveis. Meio que a negligenciam. Eu fiz uma promessa antes dele morrer que eu entraria em ação quando pudesse e apenas ficaria de olho nas coisas. Certificar de que ela estivesse sendo bem cuidada.

Grunt não disse nada no começo. Grizz sabia que ele estava pensando. Finalmente, ele disse: — O que a mãe e o padrasto acham de você verificar a filha deles?

Isso surpreendeu Grizz. O garoto era perspicaz.

— Eles não sabem. E não é algo que eu possa fazer eu mesmo. Além disso, quando no inferno que eu teria tempo? — ele olhou para Grunt. — Mavis fica de olho nela para mim. Apenas me diz quando acha que eu preciso fazer alguma coisa. É por isso que vamos verificar sua casa hoje.

Mavis era uma mulher mais velha que fazia a contabilidade para alguns bares de propriedade de Grizz. Eram seus únicos negócios legítimos e a mulher mais velha tinha conquistado Grizz. Mavis era magérrima e excessivamente bronzeada. Ela tinha cabelo loiro, curto e grisalho e o tipo de voz rouca que vinha com 60 anos de vida fumante. Grizz tinha percebido desde o início que Mavis era de confiança e estava muito ansiosa para assumir o papel de anjo da guarda de Gwinny. Uma viúva sem filhos e sem família, ela

tinha trabalhado em uma loja de conveniência nas proximidades do The Red Crab. Grizz costumava ir o tempo todo para comprar cigarros. Ele não se lembrava exatamente como a amizade começou. Provavelmente, Mavis, sabendo como ela é, de início, envolveu-o em uma conversa fiada. Mais tarde, ele descobriu através de uma conversa casual que ela gerenciava uma empresa de contabilidade com seu marido antes deles se aposentarem. Seus talentos estavam sendo desperdiçados atrás de uma caixa registradora. Oferecer um trabalho a Mavis foi uma das melhores decisões que já tinha

feito. Ela usava o escritório no The Crab Red e era amada até mesmo pelas figuras mais ásperas.

Não apenas isso, mas Mavis também ficou mais do que feliz em insinuar-se na vida de Gwinny. Ela conseguiu um emprego de meio período na escola elementar de Gwinny, como caixa na fila da lanchonete e era amada por todas as crianças. Foi um jeito para que ela conseguisse manter um olho na menina e iniciar uma conversa ocasional com ela sem ser óbvia. Mavis ansiava pelos dias em que ela conseguia trabalhar na lanchonete. Ela não amava apenas Gwinny, mas todas as crianças. Com exceção de uma. Ela estava tendo dificuldade em se animar com o valentão da escola. Como ela disse, aquele Curtis Armstrong era um encenqueiro.

Grunt deu um olhar questionador ao Grizz: — Como você a verifica sem ninguém saber disso?

— Eu pensei que seria difícil, mas a triste verdade é que esta menina é tão sozinha que ninguém nunca reparou em mim. E eu acho que eu sou o tipo perceptível. Mas as poucas vezes que Mavis me disse que algo estava acontecendo e eu tive que ver por mim mesmo, eu consegui ficar em segundo plano. — Ele não soube por que, mas ele se sentiu disposto a continuar: — Mavis me disse um dia que algo estava errado. Ela suspeitava que Gwinny não estava sendo muito alimentada em casa. Ela recebia sua merenda escolar gratuita, mas ficava pedindo mais para levar com ela.

Grunt olhou para ele: — O nome dela é Gwinny?

— Sim. O nome dela é Gwinny. — Ele fez uma pausa pensativa, inconscientemente puxando a barba antes de continuar: — Gwinny caminha até a loja de conveniência, uma vez por dia, como um relógio. Um dia depois de Mavis me contar sua preocupação, eu decidi simplesmente ir lá, disfarçar, ver se eu conseguia descobrir o que estava acontecendo. Naquele dia eu a vi entrar na loja com um saco marrom. Ela saiu ainda segurando o mesmo saco

e parecia chateada. Entrei depois que ela saiu e a senhora atrás do balcão parecia chateada também. Perguntei-lhe se havia algo errado. Ela disse que se sentiu terrível, porque a menina que tinha acabado de sair estava tentando vender algumas das suas coisas pessoais para comprar comida.

— Por que os pais não a alimentavam?

— Eu pensei que eles fizessem isso, mas eu acho que eles saíam muito, comiam no bar que eles frequentavam e esqueciam de certificar se ela tinha comida. — Grizz agarrou o volante. — Isso realmente me deixou puto. Incomodou a balconista na loja também, porque ela me disse que era uma mãe que trabalhava e não tinha sequer um dólar para dar a ela. E para piorar a situação, o pouco dinheiro que Gwinny tinha, ela usava para comprar cigarros para a mãe.

— Então o que você fez? Ajudou? — Os olhos de Grunt estavam arregalados.

— Sim. — Grizz deu de ombros. — Eu pedi para Mavis começar a deixar uma sacola de compras na sua porta aqui e ali. Uma vez, eu mesmo deixei um saco ao lado da porta quando soube que ninguém estava por perto.

Isto chocou Grunt. Ele não podia imaginar Grizz fazendo compras no supermercado. Grizz deve ter lido sua mente e deu um meio sorriso ao Grunt. — Eu pedi para as meninas pegarem algumas coisas extras quando elas foram às compras. Eu fui apenas o entregador. E eu só fiz isso uma vez quando Mavis não podia.

— Vamos entregar compras hoje? — Grunt perguntou quando se virou e olhou para o banco de trás. Ele não viu nada.

— Não, Mavis disse que as coisas melhoraram desde então.

— Então, ela parece estar sendo alimentada?

— Sim, acho que sim. Eu realmente não a vejo há mais de dois anos. Mas tenho certeza que Mavis teria me falado. Além disso, ela é mais velha

agora e eu acho que ela garante que receba o dinheiro dos seus pais. Mavis disse que ela costumava caminhar até o supermercado porque é mais barato. Mas é muito mais longe do que a loja de conveniência. — Grizz olhou para Grunt um pouco timidamente, antes de dizer: — Eu comprei uma bicicleta. Deixei quando ninguém estava por perto. Eu acho que seus pais pensam que os vizinhos devem estar ajudando. Eles honestamente não parecem dar à mínima.

Grunt sorriu para Grizz. — Você comprou-lhe uma bicicleta ou você pediu para alguém comprar-lhe uma bicicleta?

— Mavis escolheu. O que diabos eu ia saber sobre a bicicleta de uma menina? Mavis se superou. Era roxa com um assento longo brilhante e penduricalhos no guidão. O pacote completo. — Ele riu.

O que Grizz não contou ao Grunt foi que nunca ocorreu que Gwinny não tinha ninguém para ensiná-la a pedalar. Mavis mencionou joelhos e cotovelos esfolados algumas semanas depois que ele deixou a bicicleta. Mas ela acabou por aprender do jeito dela e conseguia colocar uma sacola de supermercado pequena na cesta. Ele ficava feliz que ela estivesse usando. Ele ainda não podia acreditar que seus pais a deixassem ir tão longe, ao supermercado, sozinha. Ela tinha apenas nove anos.

Grunt interrompeu seus pensamentos. — Seu amigo ficaria feliz em saber que você está cuidando da filha dele.

Grizz não lhe respondeu e não encontraria seus olhos. O garoto parecia simplesmente perspicaz o suficiente para detectar que ele estava mentindo. Gwinny não era a filha de um amigo que tinha morrido. Ela era apenas uma menina que tinha lhe oferecido uma gentileza uma vez que ele estava tentando retribuir anonimamente o favor da melhor maneira que sabia. Ele nunca usou os curativos que ela lhe deu naquele dia fora da loja de conveniência, mas ficou com eles. Significavam algo para ele.

Naquele dia, aqueles curativos - foi a primeira vez que alguém se lembrou de lhe dar algo sem esperar qualquer coisa em troca.

Grunt olhou para cima e percebeu que eles estavam no final de uma rua sem saída. Ele não estava prestando atenção para onde estavam indo. Grizz estava retornando. Eventualmente eles passaram lentamente por uma casa com cercas espessas ao longo do seu caminho. Grizz passou apenas um pouco dela, depois recuou passando por sua entrada, escondido da vista. Ele desligou o motor e olhou para a casa do outro lado da rua, à esquerda deles. Era a duas casas para baixo da que eles estavam parados.

Ele apontou. — É onde ela mora.

Grunt olhou por cima do painel e se esforçou para olhar acima das cercas que estavam camuflando o carro. Ele não a viu. Ele olhou para Grizz interrogativamente.

— Mavis disse que o ônibus escolar deve deixá-la no final do quarteirão.

Só então, Grizz foi interrompido por um barulho alto. Um serviço de corte de grama estava descarregando seu equipamento na casa ao lado de Gwinny quando eles passaram mais cedo. Eles tinham acabado de ligar o seu equipamento e agora estavam ocupados cortando a grama, usando um aparador e podando alguns arbustos. O cheiro de grama cortada fresca misturado com a gasolina do equipamento do gramado flutuava para dentro do carro.

Grizz continuou. — Eu nunca observei a casa dela, mas Mavis me disse que este serviço de gramado é novo. Eu não sei se esses caras perceberam que ela está sozinha. Eu só quero ter certeza que não vão causar problemas para ela. Ela é tão vulnerável.

Grunt olhou de volta para a casa de Gwinny. Uma menina estava andando pela rua, balançando o rabo de cavalo. Ela caminhou com passadas

longas deliberadas. Ele engoliu sua surpresa quando seus olhos se arregalaram.

— É ela? — ele perguntou, enquanto se sentava para ter uma visão melhor.

Grizz não respondeu. Ela foi até a porta da frente e tirou a chave do pescoço para destrancá-la. Mas Grizz não estava olhando para ela. Ele estava observando os caras do gramado. Ninguém parecia prestar-lhe nenhuma atenção, pensou com satisfação.

— Vamos embora agora? — Grunt perguntou, parecendo desapontado, como se ele quisesse ficar mais um pouco.

Antes que Grizz pudesse responder, ela saiu da casa levando algo grande e pesado. Eles perceberam que era uma mesa. Sentaram-se em silêncio enquanto observavam ela montar rapidamente e habilmente uma mesa de jogo na calçada.

Grizz ficou surpreso com o quão alta ela ficou em dois anos, desde que ele a viu pela última vez. Mas ela parecia bem saudável. Ela carregou a mesa de jogo para fora sem esforço. *Bom, ela está sendo cuidada. Mas por que ela está vestindo um moletom? Está trinta e sete graus fofidos aqui fora.* Ele golpeou a testa, o suor escorrendo pelas costas.

Ela voltou para dentro da casa e saiu com um pedaço grande de cartolina. Ela prendeu com fita na frente da mesa. Em grandes letras de forma, que tinham sido cuidadosamente escritas, lia-se: — Limonada fresca, 25 centavos.

— Podemos comprar uma? — Grunt perguntou.

— Não, nós não podemos comprar. — Grizz rosnou. Estava começando a ficar chateado. Aqui estava ele, preocupado que os caras do gramado a notariam e ficou aliviado quando não deram essa impressão. Mas agora, ela estava fora com sua barraca de limonada. *Acalme-se. Eles não*

sabem com certeza que ela não tem um pai ou outro adulto lá. Ela podia ter alguém que trabalha à noite e dorme durante o dia, por isso ela entra por conta própria.

Grunt interrompeu seus pensamentos: — Se você não tiver dinheiro, eu tenho algum. — Grunt disse, enfiando a mão no bolso e tirando um maço impressionante de dinheiro.

— Onde diabos você conseguiu todo esse dinheiro?

— É meu. — Grunt respondeu defensivamente.

Antes que Grizz pudesse comentar mais, Grunt se endireitou. — O que ela está fazendo agora?

Ela tinha terminado de montar tudo e estava sentada em uma cadeira de gramado quando olhou para os rapazes cortando a grama e se levantou. Ela estava observando-os. Então ela pegou cinco copos de papel da pilha e os colocou na pequena bandeja que tinha usado para transportar seus suprimentos. Encheu cada copo e seguiu para a casa ao lado. Grizz balançou a cabeça. Ela estava levando a limonada para os caras do gramado! Droga!

Ela se aproximou de cada homem e ofereceu-lhe um copo. O primeiro cara enfiou a mão no bolso, mas ela balançou a cabeça e sorriu. Ela fez isso com cada pessoa e cada vez que tentaram pagar, ela se recusou a pegar o dinheiro.

Grunt olhou para Grizz, então para ela, então de volta para Grizz.

— Você me disse que ela costumava mal ter dinheiro para comprar comida e agora ela está dando a sua limonada?

Grizz suspirou e limpou o rosto com a mão. — Sim. Ela está dando sua limonada.

Agora Gwinny tinha voltado para sua mesa e sentado.

Só então Grunt disse animadamente: — Olha, ela tem novos clientes!

Em seguida, sua animação pareceu diminuir quando ele cerrou os

olhos para ver melhor.

Grizz olhou para os três garotos que se aproximaram de Gwinny. Eles estavam em bicicletas. Ele enrijeceu. Ele reconheceu uma criança. Curtis Armstrong. O menino que a tinha intimidado há alguns anos. Curtis tinha crescido um pouco. Eram amigos agora? Mavis nunca o mencionou, então, talvez ele tenha deixado Gwinny em paz. Ele não teve que esperar muito para descobrir.

Gwinny levantou quando os três rapazes se aproximaram dela. Eles saíram das suas bicicletas, deixando-as cair em seu gramado da frente. Sua linguagem corporal dizia para Grizz que ela estava pronta para uma briga. Droga.

Eles não podiam ouvir a conversa, mas sabiam que Curtis falou primeiro. Eles viram quando ele se inclinou sobre a jarra de limonada e rapidamente colocou um saco de sujeira nela.

Todos os três meninos começaram a rir.

O músculo do maxilar de Grizz cerrou e ele desviou o olhar. — Eu posso certificar de que ela esteja alimentada e tenha uma bicicleta para andar até a loja, mas isso é uma coisa que não posso me envolver.

Grunt estava olhando para fora, sobre o painel, quando Grizz falou. Finalmente, ele se virou para Grizz, com um largo sorriso. — Não parece que ela precisa que você se envolva.

Grizz olhou por cima na barraca de limonada e riu alto.

Gwinny tinha esvaziado o seu jarro de limonada turva direto na cabeça de Curtis Armstrong.

Grizz e Grunt assistiram divertidos quando Curtis humilhado e seus amigos partiram na mesma direção de onde vieram. Gwinny rapidamente embalou sua barraca de limonada e entrou na casa. Grizz manteve um olho sobre os caras do gramado, que não pareceram perceber o que tinha

acontecido.

Finalmente, era hora de ir.

Eles silenciosamente saíram da garagem e dirigiram lentamente para baixo no quarteirão. Eles tinham passado cerca de dez casas quando Grunt ordenou: — Pare!

Grizz pisou no freio e antes que pudesse detê-lo, Grunt saltou para fora do carro. Grizz viu quando ele correu para uma casa que tinham acabado de passar. Grizz começou a fazer a volta e seguiu-o, mas depois parou quando percebeu o que Grunt estava fazendo. Grunt correu até o meio do quintal de alguém, retirou um canivete do bolso de trás e no espaço de dez segundos, habilmente, furou os pneus de três bicicletas que foram deixadas no gramado. Depois ele trotou de volta para o carro, entrou sem uma palavra e bateu a porta.

Grizz olhou para ele e balançou a cabeça. O garoto estava aprendendo.

Depois de alguns quilômetros, Grizz finalmente perguntou: — Você quer me contar sobre o dinheiro?

Grunt olhou para ele. — Eu não o roubei.

— Eu não perguntei se você o roubou. Onde você conseguiu isso?

— Ganhei.

— Como você o ganhou?

— Quando Doc veio no mês passado para costurar o braço de Chip, ele me deu dez dólares por ser um bom ajudante.

— Isso é muito mais dinheiro do que dez dólares. — Grizz disse, dando-lhe um olhar de soslaio.

— São sessenta dólares. — respondeu Grunt antes que Grizz pudesse dizer qualquer coisa. — O resto está escondido em um bom lugar.

— O resto?

— Sim, eu tenho 462. Eu deixo sessenta comigo no caso de eu precisar dele, como hoje. Eu podia ter comprado um copo de limonada para você.

— Eu podia ter comprado minha própria maldita limonada. Como diabos você conseguiu todo esse dinheiro?

Grunt deu um sorriso sugestivo. — Eu ganhei jogando pôquer.

Isso surpreendeu Grizz. Ele sabia um pouco que seu bando tinha um jogo de pôquer semanal em um dos quartos. Ele nunca se preocupou com ele e não tinha notado se Grunt estava jogando.

— Quem te ensinou?

— Ninguém. Eu me ensinei. Eu estava ajudando Moe entregar as cervejas e outras coisas dos caras e eu simplesmente comecei a assistir bem de perto. Eu aprendi.

— Quem diabos é Moe?

— Você realmente xinga muito. — comentou Grunt, em seguida, acrescentou: — É Misty. Às vezes, eu a chamo de Moe. — E antes que Grizz pudesse perguntar, ele acrescentou: — Algumas das novas pessoas a chamam de Moe. Uma vez alguém perguntou a ela o seu nome e ela fez um som tipo M, mas não podia dizer Misty. Então eu acredito que o cara achou que ela falou Moe.

— Então, é Moe agora. — Grizz disse com naturalidade.

— Eu perguntei se ela gostou e ela balançou a cabeça ‘sim’. Ela queria um novo nome para recomeçar. — Grunt contou para ele, pensativo. — Ela me escreve muitas mensagens.

Ele olhou para o seu colo.

Grizz não disse nada por um tempo. Ele se perguntou o que o garoto achava do que ele fez com Misty, ou Moe, ou o que quer que ela se chamasse agora. O menino estava julgando-o? Ele começou a se perguntar se ele se

importava, mas foi imediatamente lembrado da conversa anterior.

— Então, você ensinou-se a jogar pôquer e ganhou uma tonelada de dinheiro. Blue sabe que você está jogando pôquer com os caras?

— Sim, ele sabe. Ele me disse que estava tudo bem, mas disse que eu tinha que ter cuidado com o meu dinheiro. Ter algum é uma grande responsabilidade e que poderia deixar algum dos caras bravos. Ele ainda disse que alguns deles podiam ficar bravos o suficiente para tentar roubá-lo de mim, então eu tive que aprender a proteger o que era meu.

Grizz olhou para ele. — Ele tem razão. Você, sendo irmão do Blue pode assustar alguns deles pra caralho, mas isso é um monte de dinheiro, garoto, e alguém pode simplesmente ser corajoso o suficiente para tentar recuperá-lo de você.

— Eu sei. É por isso que eu escondo a maioria. Eu escolhi um bom lugar onde ninguém procuraria.

A conversa estava começando a divertir Grizz. — Então, onde você o guarda? Na geladeira? No ar condicionado? — ele fez uma pausa. — No chão?

— De jeito nenhum. — Grunt disse enfaticamente. — Eu tive que escolher um lugar onde eles ficariam com medo de procurar.

— Ah. — disse Grizz. — O pântano. Eu vou te dizer uma coisa. É melhor ser muito cuidadoso lá fora. Se você sair para enterrar o seu dinheiro é melhor você observar os arredores. Um crocodilo pode agarrá-lo e desaparecer com você em segundos.

Grunt olhou para ele. — Não está escondido no pântano. Eu te disse, Blue me disse para esconder em um lugar assustador. — Ele fez uma pausa antes de acrescentar: — Eu escondi no meu quarto.

Capítulo 9

2000

Tommy olhou para cima quando percebeu que alguém estava falando com ele. Era Mimi. Ela estava de pé na porta do seu escritório. Ele não a ouviu entrar. Ocorreu-lhe que talvez ela estivesse em casa o tempo todo. Ela ouviu a briga deles? Ela sabe?

— Então está tudo bem? Posso ir? — ela estava perguntando a Tommy. Não parecia que ela tivesse ouvido algo.

— Desculpe, querida, eu não ouvi o que você me perguntou. Ir aonde?

— Para Courtney. Ela me convidou para ir à piscina. Ela disse que eu poderia ficar para o jantar de domingo e a noite para um filme. Posso ir?

— Sim, claro. — Ele piscou, tentou sacudir a neblina na sua cabeça. — Você precisa que eu a leve?

— Não. Eu vou para Lindsay. Ela também foi convidada e pode nos levar. Ela pode me trazer para casa depois. — Lindsay era amiga de Mimi e um ano mais velha. Ela tinha uma carteira de motorista e usava a minivan da sua mãe sempre que queria.

— Dez e meia.

— Dez e meia? Vamos lá, papai, é verão. — Ela adulou. — Não há escola amanhã. Meia-noite. Por Favorrrrr?

Tommy estava distraído demais para discutir com ela. Se os pais de Lindsay não veem problema com sua filha fora até tão tarde, ele podia ceder também. Ceder, ele percebeu, era algo que ele vinha fazendo mais e mais ultimamente.

— Sim, claro, querida. Mas nem um minuto mais tarde.

— Você é o melhor. — Ela sorriu da entrada do escritório.

Tommy nem sequer a ouviu sair. Ele estava muito perdido em pensamentos sobre o que tinha acontecido entre ele e Ginny.

Mimi, enquanto isso, caminhava pela rua arborizada. Ela passou pela casa de Lindsay e tomou nota da minivan faltando. *Bom, eles ainda estavam fora da cidade como Lindsay disse. Obrigada, Linds.* Ela continuou seu caminho, olhando ao redor ocasionalmente. Ela não viu ninguém que ela conhecia. Era um domingo preguiçoso e a maioria das pessoas não estavam fora no calor da Flórida. Elas estavam dentro das suas casas com ar-condicionado apreciando o frio ao assistir esportes em suas TVs de grandes dimensões.

Ela ouviu algumas vozes infantis e respingos enquanto passava por casas com piscinas. Ela sentiu o cheiro de cloro e grama fresca cortada, apesar do fato de que não houvesse ninguém aparando seu gramado. Um zumbido alto veio de algum lugar. Provavelmente uma colmeia enfiada sob a caixa de correios de alguém, ela pensou consigo mesma enquanto descia a rua com confiança.

Ela notou um pequeno carro se aproximando e casualmente olhou para a calçada quando tomou uma nota rápida do condutor na sua visão periférica. Era uma mulher e ela estava olhando as caixas de correio. Ela deve estar à procura de um endereço, Mimi pensou. Ela não prestou nenhuma atenção a Mimi e elas passaram uma pela outra, sem reparar ou qualquer incidente.

Mimi apressou o passo. Ela dobrou a esquina no final do seu quarteirão. Ela o viu imediatamente e começou a movimentar-se em direção a ele. Quando ela chegou perto dele, ele a agarrou pela cintura e a puxou para perto, beijando-a com força.

— Vamos, baby. — Ele disse quando lhe entregou um capacete.

Ela saltou na garupa da sua moto e saíram em disparada.

Capítulo 10

1969

Foram poucas semanas após o incidente com a limonada quando Blue disse a Grizz: — Vai haver algum negócio no motel hoje. Você pode encontrar alguém para sair com o garoto? Tirá-lo daqui por um tempo?

— Que negócio? — Grizz fez uma careta para ele.

— Slash. — Foi tudo que Blue disse.

Grizz assentiu. Ele sabia que Slash estava partilhando segredos da gangue com uma mulher que estava encontrando de uma gangue rival. Grizz planejava fazer dele um exemplo. Ele não sabia que Blue o levaria ao motel hoje. Blue passou a explicar que ele o faria confessar e eles estavam esperando uma grande multidão e iam fazer um pequeno show do que aconteceria com alguém que desafiasse a gangue. Pior ainda, alguém que desafiasse Grizz.

— Não sabia que era hoje. Eu vou lidar com isso. — Ele falou para Blue. — Você pode levar o garoto em algum lugar.

— Não, se você não se importa, eu quero lidar com isso sozinho, Grizz. Se vou ganhar o tipo de respeito que você tem, eu preciso mostrar a eles que eu não tenho medo de sujar as mãos, ou, neste caso, manchar com sangue.

Grizz pensou sobre isso por um minuto. — Eles já o respeitam, Blue. Mas tudo bem, eu tenho negócios no bar com Mavis. Eu vou levá-lo comigo.

Blue assentiu.

— E não o mate. — Acrescentou Grizz. — Apenas faça-o desejar que estivesse morto.

Uma hora mais tarde, Grizz e Grunt foram até o Red Crab na moto do

Grizz. Grizz propositadamente pegou sua moto para que ele não tivesse que responder a um milhão de perguntas. As poucas vezes que ele tinha levado Grunt em passeios sempre se sentia como se estivesse em um interrogatório oficial. O cérebro e boca do garoto eram incessantes. Ele era inteligente demais para o seu próprio bem.

Esta seria a segunda vez que Grunt encontraria Mavis. Grizz tinha levado Grunt com ele uma vez para a casa de Mavis para pegar alguns papéis. Foi logo que Grunt veio morar no motel. Mavis estava se recuperando de uma pequena cirurgia no pé e estava trabalhando da sua casa durante esse tempo. Ela olhou para o menino naquele dia com horror. Grunt ainda estava extremamente abaixo do peso na época e era óbvio que ele tinha sido uma criança maltratada. Grizz rapidamente explicou a ela que o garoto era o irmão mais novo de Blue e tinha sido abusado em casa. Blue o tirou da sua família. Mavis assentiu com compreensão. Ela não fazia perguntas. Ela não se intrometia. Aceitou o que Grizz disse a ela e nunca abordou o assunto novamente. É por isso que ele gostava tanto dela.

A percepção de que ele realmente gostava de alguém o surpreendeu quando ele foi trazido de volta ao presente pela voz de Grunt.

— Este é o bar que nós viemos na primeira noite?

— Eu lhe disse para nunca mencionar aquela noite novamente. — disse Grizz em voz baixa.

— Eu sei disso. Eu só queria ver se eu me lembrava direito. Vamos entrar? Vamos comer aqui? Você sabe se há uma máquina de pinball lá? E uma mesa de bilhar?

Grizz não lhe respondeu. Esse seria um longo dia.

Quando eles abriram a porta, seus sentidos foram atacados pelo mau cheiro feroz de cigarros envelhecidos e gordura do grill. Grunt acenou com a mão na frente do rosto, como se para afastar o cheiro.

— Realmente fede aqui. — disse ele, para ninguém em particular.

White Room do Cream estava tocando na jukebox. Quando os olhos de Grunt se ajustaram à luz fraca, eles se arregalaram.

— Ei, as meninas aqui não estão usando qualquer camisa! — ele deu uma cotovelada em Grizz. — Onde estão as camisas delas? Por que elas não estão vestindo camisas?

Grizz olhou para o menino, tentou não sorrir. — É a sua primeira vez vendo tetas?

Grunt não respondeu, ele apenas olhou fixamente enquanto seguiu Grizz para um pequeno escritório nos fundos. Mavis estava sentada em uma mesa e sorriu quando Grizz entrou. Ela se levantou e foi dar um abraço em Grunt depois que o percebeu atrás de Grizz.

— Bem, olá, meu jovem. Certamente você já engordou alguma coisa desde que te vi pela última vez. E você tem um corte de cabelo. Parece legal. Você ainda responde por Runt?

Grunt olhou para Mavis timidamente. — Todo mundo me chamou de Runt de início. Então de Grown-up Runt, mas era muito longo. Então agora é só Grunt. É o meu próprio nome especial. Todo mundo tem um nome especial no motel. — Antes que Mavis pudesse comentar, ele acrescentou: — Você sabia que as meninas lá fora não estão usando qualquer camisa? Você é provavelmente a única garota aqui vestindo uma camisa. Como é que você está vestindo uma camisa e elas não?

Grizz olhou para Mavis e disse: — Eu vou deixar você lidar com isso. Voltarei em um minuto. Garoto, está com fome?

— Sim. Posso pedir um hambúrguer? Espere, não, um cheeseburger e um refrigerante. Ah! E batatas fritas, também.

— Claro, eu volto daqui a pouco com o pedido. Você fica aqui com Mavis até eu voltar.

— Tudo bem, Grizz. — disse Grunt.

Quando Grunt se virou para olhar para Mavis, algo a incomodava. Ela achou que ele parecia familiar, mas não conseguia relacionar a uma memória. Talvez ela estivesse lembrando da primeira vez que o viu quando estava trabalhando em casa naquele dia e Grizz apareceu com ele. Ele estava diferente agora. Saudável e forte, mesmo que fosse pequeno para a sua idade. Mas quando pensou mais sobre isso, lembrou-se de que tinha tido esse mesmo sentimento na primeira vez que o encontrou também. Ela franziu a testa, em seguida, decidiu rejeitá-lo. Com todas as crianças na escola, era muito possível que ele se parecesse com um deles, era tudo.

Dando-lhe um olhar bondoso, ela perguntou: — Então, eu acho que esta é a primeira vez que você viu seios?

Ela sabia que não era da sua conta, mas ela achou errado Grizz não dar qualquer atenção ao fato de que esta criança foi, provavelmente, exposta a coisas que eram muito maduras para ele. Talvez ela pudesse suavemente e com muito tato explicar algumas coisas para ele.

— Não são seios. — Grunt falou com naturalidade. — São tetas.

Antes que Mavis pudesse responder, algo chamou sua atenção no escritório. — O que é aquilo? É algum tipo de jogo? — ele perguntou, apontando para a parte superior de um dos armários.

Mavis se virou e viu que ele estava apontando para o seu jogo de xadrez. — É um jogo chamado xadrez. — Ela respondeu. Ela estava secretamente feliz que seu tema tinha passado de seios para xadrez.

— De quem é esse jogo? — Grunt perguntou curioso quando caminhou até o armário e ficou na ponta dos pés para dar uma olhada melhor.

— É meu. — respondeu Mavis, sorrindo com as memórias. — Eu jogava com o meu marido todas as noites antes dele falecer. Quando eu descobri que Grizz jogava, eu trouxe para cá para que pudéssemos jogar

ocasionalmente. E obrigado por perguntar. Preciso lembrá-lo de que é a vez dele.

— Posso aprender a jogar xadrez? Você pode me ensinar a jogar?

— Claro, eu vou te ensinar.

Ele se sentou em uma cadeira na frente da sua mesa e estendeu a mão para trás. Ele sacou um pequeno caderno. Então ele pegou uma caneta que estava atrás da sua orelha e olhou para ela. Mavis não tinha notado a caneta até que ele a pegou.

— O que você tem aí? — Ela perguntou.

— É o meu caderno de aprendizagem. Está bem, diga-me as regras e eu vou escrevê-las. Eu escrevo tudo no meu caderno de aprendizagem. Dessa forma, eu me lembro de estudá-las mais tarde.

Mavis sorriu calorosamente. Ela gostava desta criança. Ela realmente gostava desta criança.

Grizz voltou dez minutos depois com o almoço pedido por Grunt. Grunt estava escrevendo em seu caderno. Mavis olhou para cima e disse a Grizz antes que ele pudesse perguntar: — Ele está anotando tudo o que acha que precisa saber sobre xadrez. Por que você não leva esse conjunto com você e joga com ele? Você não o traz aqui o suficiente para que eu jogue com ele.

Grizz não disse nada, apenas balançou a cabeça. Talvez fosse uma boa ideia jogar xadrez com o garoto. Se ele encontrasse outra coisa para ocupá-lo diferente de pôquer, Grizz não teria que se preocupar com os caras ficando putos que o garoto estivesse ganhando todo o dinheiro deles. Sim, talvez xadrez fosse uma boa distração do pôquer.

Mavis se levantou e tomou a comida das mãos de Grizz.

— Grunt, querido, por que você não se senta aqui no canto e faz um piquenique no chão? Nós vamos trazer o jogo de xadrez para o chão e você

pode se familiarizar com as peças.

Grunt empurrou seu caderno na parte de trás da calça e colocou a caneta atrás da orelha. Ele se levantou e cuidadosamente levantou o jogo de xadrez do armário alto e levou-o para o canto onde Mavis tinha montado seu piquenique. Ela tinha até colocado uma toalha de mesa para usar como um cobertor. Ele nunca fez um piquenique antes.

Depois de instalá-lo, ela voltou para sua mesa. Grizz se sentou na cadeira que Grunt tinha acabado de desocupar e eles discutiram negócios: questões fiscais, folha de pagamento, despesas. Quando terminaram, Mavis olhou em volta de Grizz para ver se Grunt ainda estava ocupado. Ela não tinha certeza se Grizz ia querer que Grunt ouvisse a outra coisa que ela queria discutir.

Em um quase sussurro, ela disse: — Eu quero falar sobre Gwinny. — Ela acenou com a cabeça em direção a Grunt para deixar Grizz saber que ela estava sendo atenciosa com o fato de que “ouvidos jovens” estavam na sala.

Grizz se virou e olhou para o menino. Parecia que ele estava imerso em seu novo jogo. — Está tudo bem. O que está acontecendo?

— O verão está aí. A escola está quase acabando. Eu não sei como vou conseguir ficar de olho nela para você, já que eu não vou vê-la por alguns meses.

Mavis sabia que Grizz não tinha pensado sobre o verão, mas ele nunca tinha precisado pensar sobre isso no passado. Mavis propositadamente tinha como objetivo encontrar acidentalmente com Gwinny na loja de conveniência ao longo dos últimos verões. Ela inventou uma história que morava por perto, o que não era verdade. Eram alguns quilômetros fora do seu caminho para ir lá, mas ela realmente tinha se afeiçoado com a menina e estava preocupada com o seu bem-estar. Verdade seja dita, havia mais do que uma criança na escola da Gwinny que poderia ter se beneficiado com seu

olhar atento. Ela se perguntava se o amigo de Grizz estava olhando para baixo, do céu, com um suspiro de alívio, grato que sua filha tivesse alguns anjos da guarda humanos.

Grizz coçou o queixo e puxou distraidamente a sua longa barba. Antes que ele pudesse responder, ela acrescentou: — Essa loja de conveniência. Por que eu não consigo um emprego de meio período lá? Talvez isso ajude.

— Eu não poderia pedir-lhe para fazer isso, Mavis. — disse ele. — Você já fez o possível e o impossível.

— Olha. — Ela respondeu. — Eu não me importo, realmente. Eu não tinha percebido o quão solitária eu era até que você me pediu para ficar de olho nela. Quer dizer, sim, eu me apaixonei pelos fregueses regulares aqui no bar, mas eu nunca tive a chance de ter uma criança na minha vida. Sinceramente, eu amo todas as crianças daquela escola. Bem, a maioria delas. — Ela acrescentou com um sorriso astuto.

— É muito tempo para ficar de pé todos os dias. Pelo menos aqui você consegue sentar-se. No refeitório também. Você tem uma cadeira atrás da registradora, certo?

— Sim e eu posso ter uma cadeira atrás da registradora na loja de conveniência também. Eu tenho experiência, então eu não consigo imaginar os proprietários tendo um problema comigo sentada atrás do balcão desligando e ligando. Realmente, eu gostaria de tentar. Mas lembre-se, nem mesmo sabemos se Mindy está contratando meio período.

— Eles vão contratá-la. — Acrescentou Grizz. — As lojas de conveniência estão sempre trocando os empregados. — Antes de Mavis poder comentar, Grizz perguntou:

— Por que agora, Mavis? Ela parecia bem no verão passado sem que você tivesse que arrumar um emprego de verão para ficar de olho nela.

— Essa é outra coisa que eu queria falar com você. — Ela disse calmamente.

— O quê? O que é? — Grizz sentou-se.

— Eu sei que ela tem apenas nove anos, mas ela é uma criança madura, Grizz. Eu nem sequer percebi até que ouvi aquele moleque Curtis Armstrong dizer alguma coisa.

— Disse algo sobre o quê?

Mavis olhou para ele e fez um gesto para o seu próprio peito. Ela assentiu com a cabeça, como se esperasse que ele entendesse o que estava tentando dizer.

— O quê? Do que você está falando?

Ela revirou os olhos. — Mamas, Grizz. Parece que ela está começando a desenvolver. Não muito, mas perceptível o suficiente para que o merdinha do Curtis diga alguma coisa. Eu o ouvi comentar com seus amigos. E ela começou a usar um moletom. Está trinta graus lá fora e ela está vestindo um moletom. Ela está tentando encobri-los.

— Você está brincando comigo? Ela tem apenas nove. Não é cedo?

— Você está me perguntando? Eu não desenvolvi os meus até que eu estivesse - hum, na verdade, eu ainda não os desenvolvi - mas sim. Ela pode ser jovem, porém as crianças se desenvolvem em idades diferentes. Ela é o quê? Um ano mais nova do que ele? — ela perguntou acenando para Grunt, que ainda parecia envolvido na sua comida e jogo. — E ela é definitivamente mais alta. Eu só acho que talvez seja a hora de alguns sutiãs de treino. Eu não consigo ver aquela mãe sem noção dela levando-a para comprar qualquer um também. Eu vi a mulher apenas algumas vezes e eu tenho certeza de que ela nem sequer possui um sutiã.

Grizz parecia desconfortável com a ideia. — Então, o que você fará? Esperar até que ela venha comprar os cigarros da sua mãe e dizer: Ah, a

propósito, Gwinny, eu encontrei estes sutiãs de treino e achei que você poderia gostar deles? — Ele fez uma careta. — E o que diabos é um sutiã de treino?

— Pare de ser espertinho. Um sutiã de treino é apenas um sutiã para iniciantes. Eu estava pensando em ir até um brechó e pegar algumas roupas usadas que eu sei que caberiam nela. Eu poderia colocar alguns sutiãs com as roupas e, em seguida, dizer-lhe que a neta do meu vizinho deixou algumas das suas coisas aqui quando ela estava visitando e meu vizinho me perguntou se eu conhecia alguma menina em quem podia servir.

Grizz recostou-se e suspirou. Essa coisa com Gwinny o estava afetando. Ele nunca considerou o que faria com ela quando ficasse mais velha. Ele ingenuamente supôs que ela permaneceria uma menina doce, que precisaria de alguém para ficar de olho nas coisas. Ele nunca imaginou que ele lidaria com os valentões e sutiãs. Ele passou a mão pelo cabelo, deixando escapar um longo suspiro.

— Sim. — Ele disse finalmente. — Pegue o trabalho para o verão. Compre um sutiã. Eu confio em você para lidar com isso e deixe-me saber se eu for necessário.

Ele começou a levantar-se para sair quando ela o parou, uma mão para cima.

— E há outra coisa.

Ele suspirou de novo e sentou-se. — O quê? O que mais, Mavis?

Ela acenou para Grunt. — Eu acho que ele pode ser um pouco jovem para vir aqui. Ele já me informou que as meninas tinham ‘tetas’ não ‘seios’. Você não acha que você poderia ter, pelo menos, o iniciado com algo um pouco mais suave?

Grizz olhou para ela como se ele não soubesse do que ela estava falando.

— Talvez você poderia ter dito a ele que eram peitos ou seios ou algo assim. Você tinha que dizer-lhe que eram tetas?

— São tetas, e tetas é algo que alguém com dez anos de idade diria.

— Ele é um garoto de dez anos de idade!

— Tudo bem, tudo bem. — Ele engoliu um sorriso e levantou-se. — Grunt, hora de ir. Arrume tudo.

Grunt se levantou e caminhou até ele e Mavis. Ele alcançou suas costas e sacou seu caderno. Ele pegou a caneta de trás da orelha e começou a escrever.

— O que você está escrevendo agora? — perguntou Grizz.

— Eu estou anotando para pesquisar algo mais tarde.

— O que você precisa pesquisar?

— Eu preciso saber por que os peitos da Gwinny precisam de treinamento.

Capítulo 11

2000

Tommy não tinha percebido como a casa estava tranquila até que ele ouviu a máquina de gelo automático no refrigerador despejar uma carga de gelo para o armazenador. Ele respirou profundamente e pôde sentir o cheiro de maçã e canela, mas não sabia de onde estava vindo. Era um daqueles perfumes misteriosos que Ginny tinha colocado em algum lugar na casa deles.

Ele sabia que ela tinha falado sério quando disse que queria que Tommy saísse de casa.

Também sabia que não iria embora.

Ele olhou para a caixa pesada em cima da mesa e suspirou. Memórias continuavam a girar, pressionando-o como um peso. Tudo de repente parecia demais.

A campainha tocou. Ele deixou a caixa sobre a mesa e caminhou até a porta da frente. Não seria Ginny, não tão cedo. Ele abriu a porta para encontrar uma mulher lá, segurando algum tipo de caderno no peito. Ah cara, outro repórter não. Ele enrijeceu quando os últimos meses com Leslie passaram pela sua mente. Mesmo que ela não gastasse muito tempo entrevistando-o - ela falou principalmente com Ginny - Tommy decidiu desde o início que não se importava com repórteres ou jornalistas. A experiência com Leslie só tinha cimentado isso. Ele seria legal com essa mulher, mas firme. Nenhuma entrevista.

— Estou à procura de Tommy ou Ginny Dillon. Eu tenho algo...

— Olha, você parece uma senhora agradável. Mas nós não vamos fazer entrevistas. Eu não quero ser mau ou rude com você, mas por favor,

deixe-nos em paz. — Ele começou a fechar a porta, mas ela pareceu sobressaltada, levantando a mão.

— Eu não sou uma repórter! Por favor, eu tenho algo para lhe dar.

Ele se virou e a examinou. Ela parecia familiar, mas ele não sabia o porquê. Ele tinha certeza de que nunca a encontrou. Ela era uma mulher de boa aparência - altura mediana e só um pouco gorda, com cabelos castanhos e luzes loiras, olhos castanhos inteligentes e um sorriso caloroso. Ele não podia adivinhar sua idade. Antes que ele pudesse continuar com a sua avaliação mental, ela falou:

— Sou Louise. — Ela limpou a garganta. — Louise Bailey.

Tommy não disse nada. Ele balançou a cabeça.

— Eu sou a filha de Rhonda Bailey.

O nome era familiar, mas Tommy ainda não conseguiu fazer a conexão.

Ela olhou para ele e sorriu gentilmente. — Você a conhecia como Chicky.

Chicky. A boca de Tommy abriu. Esse era um nome que não tinha ouvido ou pensado em anos.

— Você é filha da Chicky? — ele encontrou-se sorrindo agora, imaginando a loira sem noção voluptuosa com os olhos alegres. Na verdade, fazia tanto tempo que ele não tinha certeza de quando pousou os olhos sobre a mulher. — Entre. Diga-me como ela está. Nós não ouvimos nada sobre ela há anos. A última vez que soubemos dela, ela possuía seu próprio bar em algum lugar na Carolina do Sul.

Ele mostrou a sala para Louise e fez um gesto em direção ao sofá. — Aqui, sente-se. Posso arranjar-lhe uma bebida?

Ela sorriu de novo e de repente ele viu sua mãe no sorriso torto e olhos quentes. — Não obrigada. Não estou com sede.

Tommy sentou-se na cadeira na frente dela. — Eu não penso sobre Chicky há um longo tempo. Como ela está?

— É por isso que estou aqui. Cumprindo seu último desejo, eu acho que você poderia dizer.

— Seu último desejo? — perguntou Tommy, percepção afundando.

— Mamãe faleceu há alguns anos. Câncer.

— Sinto muito. — disse com simpatia genuína. — Chicky era uma boa pessoa.

— Sim ela era. Obrigada por dizer isso. — Depois de um momento, Louise rapidamente acrescentou: — Eu não quero que isso fique estranho, então eu vou lhe dizer de antemão que eu sei sobre o começo de vida da minha mãe com a gangue e tudo. — Ela fez uma pausa, mexendo no caderno. — Ela manteve algo por anos.

Louise olhou para ele e sorriu de novo, desta vez com mais tristeza. — Isso. Ela disse em seu leito de morte que deveria ser dado a você ou sua esposa depois que Grizz partisse. Eu não sei se a morte dele é significativa ou não. Apenas algo que mamãe foi específica. Ela foi visitá-lo na prisão algumas vezes antes de morrer. Você sabia disso?

— Não, eu não sabia. — disse Tommy calmamente.

— Acho que ele gostava da mamãe. Um lindo buquê de flores apareceu em seu funeral. Havia apenas um cartão com a inicial ‘G’ nele. Acho que era dele.

Isso surpreendeu Tommy. Ele não podia imaginar Grizz enviando flores para um funeral. Mesmo da Chicky.

— Ela me contou como ele era uma pessoa rude, mas ela gostava dele também. — Louise deu de ombros. — Ele sempre a tratou bem, não importa o quão podre ele fosse para os outros. Eu não sei, talvez haja algo aqui que pudesse tê-lo machucado. Ou talvez algo que o teria deixado com raiva. Pode

ser por isso que ela nunca quis que ele soubesse sobre isso e por isso que eu o mantive por tanto tempo. Eu nunca li. Eu não sei o que está nele. Eu honestamente não me importo.

Ela se levantou e ofereceu o caderno para o Tommy. Ele levantou-se e tomou das suas mãos estendidas.

— O que é isso? — perguntou, olhando para o objeto, então de volta para Louise.

— É o diário de Moe.

O Diário de Moe, 1969

Querida Elizabeth,

Eu o odeio. Eu o odeio tanto. Eu não posso acreditar no quanto ele me machucou. Eu costumava amá-lo. Eu teria feito qualquer coisa por ele. Eu fiz tudo por ele. Eu não entendo por que ele ficou tão louco.

Eu estava limpando sua cozinha e fiz algum comentário sobre vê-lo com um cara em um terno. Eu peguei uma carona e acabei em algum lugar perto da praia. Eu vi dois homens saírem de um carro de luxo. Um estava todo arrumado e o outro era Grizz. Eu os vi entrar em um edifício. Eu apenas lhe disse que seu novo amigo parecia agradável e se ele o traria no motel?

Ele ficou bravo de verdade então. Como se ele pensasse que eu estava propositalmente espionando-o. Ele me jogou contra a geladeira e começou a me perguntar coisas. Eu disse a ele a verdade. Eu não sabia de nada. Aconteceu de eu vê-lo e achei o cara de terno extravagante e bonito. Pensei que talvez eu pudesse fazer algum dinheiro extra conhecendo-o melhor.

Ele disse que eu podia morrer apenas por ver aquilo e que eu tinha

uma boca grande e não podia ser confiável. Em seguida, ele pegou a faca do seu cinto e disse que ele estava me fazendo um favor.

Eu o ouvi falando depois ao Blue que ele pediu por um boquete e que eu tinha dito a ele para deixar Grunt fazer isso. Por isso que ele me cortou. Eu não disse isso, mas soa como algo que eu teria dito.

Eu fui realmente má com o irmão mais novo do Blue. Era apenas mais fácil, eu acho, e por alguma razão, isso me fazia sentir melhor. Mas não mais. Eu me sinto tão mal agora. Tudo e todos que alguma vez foram bons para mim, eu feri de alguma forma.

Sinto muito por ter visto Grizz naquele dia e perguntado a ele sobre o cara. Sinto ter sido má com a única pessoa no motel que alguma vez foi bom para mim. Grunt. É disso que algumas pessoas o chamam agora. Ele agora é meu melhor amigo e único.

Quando eu penso sobre isso, eu realmente não tinha nenhum amigo antes. Apenas Fess. Ele não é realmente um amigo, mas ele é o único que não me tratava como uma ninguém. Fess vem no meu quarto para ficar comigo. Ele é legal. Ele não é mau como os outros. Ele joga xadrez com Grunt de vez em quando. Ele disse que se eu soubesse ele jogaria xadrez comigo também.

Mas eu realmente não quero jogar xadrez. Eu só quero fazer uma coisa. É tudo o que posso pensar. Eu quero machucar o Grizz mais do que ele me machucou. Eu quero que ele pague pelo que ele fez comigo - e um dia ele vai!

Capítulo 12

1970

Mavis usou sua chave para entrar pela porta dos fundos do The Red Crab. Ela conseguiu pegar suas chaves enquanto fazia malabarismos com a sua braçada de papéis e uma grande xícara de isopor de chá doce. Ela amava seu chá doce e era uma bebida que não estava no menu do bar. Ela andou pelo corredor curto para seu escritório. Ainda era cedo, mas ela podia ouvir alguns clientes regulares no bar. Ela abriu a porta do escritório, que nunca mantinha trancada e parou de repente.

— Com licença! Eu não sabia que meu escritório estava sendo usado como um bordel! — Mavis exclamou com desgosto enquanto observava a cena à sua frente. O casal se esforçava para ajustar suas roupas. — Eu vou ter que desinfetar minha mesa antes que possa usá-la novamente. E você devia ser mais esperta, Pauline. — Mavis olhou para o relógio. — Você já está no seu horário de trabalho!

— Você não devia entrar em uma sala sem bater, Mavis! — Pauline bufou de onde ela estava inclinada sobre a mesa, Grizz atrás dela. Eles estavam desfrutando de uma rapidinha antes do bar ficar cheio. Grizz estava sobre ela como um cavalo e Pauline ficou mais do que um pouco ofendida por Mavis ter entrado e interrompido. Maldita. — E um bordel? Quando você nasceu, Mavis? Século XIX?

— É o meu escritório! Saia! — Mavis desviou o olhar embaraçado e apontou para o corredor que levava ao bar.

Grizz separou-se e estava fechando o zíper da calça jeans. — Eu tinha terminado de qualquer maneira. — Acrescentou despreocupadamente.

— Oh, bem, então, contanto que você tenha terminado. — Mavis

retrucou.

— Eu não tinha terminado. — Pauline choramingou quando vestiu a calcinha e shorts de cintura alta.

— Sim, como se eu me importasse. — Grizz deu de ombros.

Pauline passou por Mavis e Grizz começou a seguir. Ele precisava voltar para o motel para uma reunião.

Mas Mavis deu um passo para frente dele e fechou a porta do seu escritório, gritando atrás de Pauline. — E para sua informação, Senhorita Vagabunda Insolente, eu nasci no Século XIX! — Mavis olhou para Grizz. — Você fica. Quero falar com você.

Ele gesticulou em direção à cadeira atrás da mesa. Ele se sentou em uma na frente dela. — Século XIX? Realmente, Mavis?

— Eu tenho setenta e cinco. É 1970. Faça as contas.

Ele sorriu para ela. — Então, como vai?

Ela fez uma careta quando se sentou. Ela colocou a papelada e chá doce no canto da mesa e arrumou sua bolsa em uma das gavetas. Ela começou a descansar seus braços no ambiente de trabalho, quando ela fez uma careta e se conteve.

— Quantas vezes você usou o meu escritório? — ela perguntou, olhando para ele.

— O tempo todo.

— Eu espero que você tenha cuidado. — Ela franziu a testa. — Eu sei que estas garçonetes não são as garotas que trabalham para você, mas elas saem por aí. É melhor torcer que suas partes íntimas não caiam!

— Não que isso seja da sua conta, mas eu sempre uso uma capa de chuva, Mavis.

— Uma capa de chuva? Quem dá a mínima para o clima? Estou falando de proteção!

Grizz revirou os olhos. — Você realmente nasceu no Século XIX. Eu não posso acreditar que eu estava realmente tentando ser educado por sua causa. A camisinha, Mavis. É outro termo para uma camisinha. Um preservativo! Você já deu uma espiada no seu cesto de lixo?

Isso deixou Mavis atordoada. Na verdade, não, ela nunca prestava atenção no seu cesto de lixo. Ele ficava impecavelmente arrumado debaixo da sua mesa, então ela raramente olhava seu interior. Por que olharia? Era esvaziado todas as manhãs pela garota da limpeza. Agora, ela alcançou debaixo da mesa e puxou-o para fora. Ela arregalou os olhos quando viu o preservativo descartado.

— Eu vou vomitar! — ela gritou.

— Sim. Sim. Apenas certifique-se de fazer aí dentro. — Ele disse enquanto acenava para o cesto de lixo que ela estava segurando. — O que mais você precisa falar comigo?

Mavis carregou o cesto para fora de seu escritório e colocou-o no corredor. Ela calmamente fechou a porta e voltou para sua mesa. Ela sentou-se, deu uma olhada em Grizz e disse: — Grunt.

— Fale com o Blue. — Ele disse quando começou a se levantar.

— Eu falei e ele disse para falar com você. Então sente-se na cadeira. Ele sentou-se novamente. — Estou ouvindo.

— A quinta série vai a excursão para o Aquário local. Eu sou a acompanhante. Eu quero levá-lo junto.

— Não.

— É isso? Apenas não?

— Claro que a resposta é não. Ele não pode ir junto com você em uma excursão da escola. Como você sequer vai explicar ele estar lá, afinal?

— Eu já expliquei. Eu disse a eles que o neto da minha amiga estava na cidade e estava morrendo de tédio. Eu perguntei se poderia ter permissão

para levá-lo quando acompanhasse a viagem da quinta série. Eles disseram que sim. Vai ser bom para ele. Levá-lo para perto de algumas outras crianças.

— Você e seus amigos imaginários e os netos postiços deles. — Ele soltou um longo suspiro e olhou bem para ela. — Você sabe que Blue o sequestrou, certo? Você sabe que ele pode ser reconhecido? De jeito nenhum, Mavis.

— Eu acho que você está sendo paranoico. Eu não vejo nenhuma razão para que ele não possa ir!

— Mavis. Como você pode dizer isso? Não há nenhuma maneira que você pode levá-lo em uma excursão da escola. Isso não vai acontecer!

— Escuta. Ele não será reconhecido. Você me disse que ele estava em algum lugar em North Lauderdale na direção de Pompano, certo? Não é o mesmo distrito escolar e mesmo que fosse, ele estaria na sexta série, certo? Não quinta?

— Não importa. Ele esteve dentro e fora de um orfanato e foi colocado em diferentes bairros. Seria muito arriscado. Não.

— Grizz, ele precisa ter algum tipo de interação com outras crianças. Ele está enfiado naquele motel sem amigos. Ele é uma criança inteligente e sei que ele ama seus livros, mas as crianças precisam ter algum tipo de atividade. É apenas uma tarde no Aquário. Vai ser bom para ele. — Antes que Grizz pudesse dizer qualquer coisa, ela continuou: — E ele nem sequer parece com a mesma criança. Ele engordou. Ele está ficando grande. Ele não está mais como antes, desgrehado, infestado de piolhos. Essa seria a criança que alguém se lembraria. Não é a criança que ele é agora.

Ele não respondeu de imediato, e ela sabia que tinha vencido. Ela também sabia que se alguém falasse com Grizz do jeito que ela falou, não sobraria nenhum dente na boca. Mavis não sabia por que ele a deixava se safar com o que ela fazia, mas ficava feliz. Ela realmente gostava muito do

Grizz. Ela não sabia se ela iria tão longe a ponto de dizer que ele era o filho que ela nunca teve, mas ela se importava com ele. E ela estava muito certa de que ele tinha uma queda por ela também.

— Eu acho que você está acompanhando a classe de Gwinny? — ele perguntou finalmente.

— A classe de Ginny.

— Quem? — Grizz perguntou.

— Ela está chamando-se de Ginny agora. Ela me disse que achava que Gwinny soava muito infantil. Eu amo o espírito desta menina e para responder à sua pergunta, sim. Vou acompanhar a sua classe. E eu vou mantê-lo longe dela. Eu sei que você não quer que eles interajam. Toda a quinta série vai. Haverá pais e professores escoltando-os. Nós todos vamos receber um grupo de cerca de sete crianças. Eles serão divididos por meninos e meninas. Vou tê-lo no meu grupo de meninos. As chances são que ele nem mesmo entre em contato com ela.

— Não, Mavis, você se certificará de que ele não entre em contato com ela. Vai ficar mais difícil para nós mantermos um olho na família dela se Grunt for ao menos notado. Ela pode se lembrar dele do passeio, então fazer a conexão com você. Ah, inferno. Não! O que eu estou pensando? Ele não pode ir.

— Grizz, vou me certificar de que eles não entrem em contato. Eu prometo. Você pode confiar em mim. Você sabe que você pode.

Ele não disse nada, apenas olhou para ela e acenou com a cabeça positivamente.

Ela sorriu para ele. — Então, como está com o novo vizinho?

— Guido? Sim, ele é um idiota, mas ele está bem.

Guido era um dos caras do Grizz. Mavis achava que ele tinha algo a ver com drogas, mas ela nunca perguntou. Ela se lembrou do quão

preocupado Grizz tinha ficado no ano passado quando ela lhe disse que Gwinny não tinha ido até a loja de conveniência para comprar os cigarros da sua mãe por três dias seguidos. Grizz foi rápido e estava à beira de contratar alguém para encontrá-los quando eles apareceram de novo. Aparentemente, a família tinha feito uma viagem para o Woodstock.

— Como você sabe que ela não foi três dias seguidos? Pensei que você só trabalhasse às segundas-feiras e quintas-feiras? — Ele perguntou a ela.

— Os proprietários têm me dado mais horas. Eles não podem manter alguém em tempo integral então eu tenho ido. Mas seu trabalho de contabilidade não sofreu. Estou levando um monte para casa comigo à noite.

— É por isso que você sempre parece tão extremamente cansada? Você está trabalhando em tempo integral na Mindy? — Ele gritou.

— Sim. Eles realmente precisam de mim. — Ela disse timidamente.

— É claro que eles precisam de você, Mavis. Você é confiável. Eles estão tirando vantagem. Você vai sair de qualquer maneira, certo? A escola está começando e você vai começar seu trabalho no refeitório de novo?

— Sim, é apenas mais uma semana ou duas. Eu vou apresentar a minha demissão.

Grizz nunca tinha se preocupado com a forma como alguém se sentia. Mas Mavis era diferente. A velha estava tornando-se importante para ele. Talvez ele tenha colocado muita pressão sobre ela para cuidar da menina.

Então, logo após essa conversa no verão passado, ele comprou a casa ao lado que foi colocada à venda perto de Gwinny. Aconteceu de ser ao lado. Ele plantou Guido lá e disse a ele que, além de suas outras funções, ele manteria um olho nos seus vizinhos de porta. Ele não mencionou que estava preocupado com o bem-estar da criança. Ele apenas disse para Guido observar todos e relatar qualquer coisa incomum para ele.

Ele esperava que Guido tivesse bom senso suficiente para perceber se a menina, que foi muitas vezes esquecida, estava sendo subitamente abusada, malnutrida ou ainda mais negligenciada. Ela parecia bem naquele dia que ele levou Grunt para verificar o serviço do gramado, mas ele ainda estava preocupado com ela. Seus pais eram hippies alcoólatras, usuários de drogas. Ele ficava realmente impressionado que ambos tinham empregos. Mas tinha certeza que Gwinny, essencialmente, estava cuidando de si mesma.

Ele só queria certificar que ela não estivesse sendo abusada. Ele sabia por experiência como era fácil para as famílias esconderem o abuso que infligiam a seus filhos. Ele sacudiu a memória e disse a si mesmo que colocar Guido ao lado no ano passado foi a coisa certa a fazer.

— Tudo bem, Grunt, precisamos de um novo nome para você hoje. Lembre-se, você é neto da minha amiga. Você está visitando de Akron, Ohio.

— Eu sei, Mavis. Eu tenho trabalhado na minha história desde que você me disse isso na semana passada. Eu sei tudo que há para saber sobre Akron. Eu até inventei um nome para a minha avó e tudo!

— Ah! Eu acho que é uma coisa boa. Talvez você devesse me dizer o nome dela. — Mavis respondeu com diversão.

— É Ethel. Soa como um bom nome para uma avó, você não acha? Simples e fácil de lembrar.

Ela olhou para ele. — Grunt, querido, você sabe que eu quero levá-lo comigo para que você possa ficar perto de algumas crianças da sua idade, mas você é mais velho e mais esperto do que esses alunos do quinto ano. Eu não preciso dizer-lhe por que você pode simplesmente ser simpático, mas não pode realmente fazer amigos, certo?

— Não, eu entendo. — Ele respondeu com tristeza. — Especialmente Ginny. Grizz já me disse, e eu sei o porquê. E ele me disse que eu tenho que dizer-lhe se eu reconhecer alguém. Se isso acontecer, vamos precisar sair.

— Está certo. E não fique triste. Nós vamos nos divertir. Ah, qual vai ser o seu nome?

Então, ele endireitou-se no banco do passageiro do carro e com a cabeça erguida, ele anunciou: — Bartholomew. É Bartholomew Edward Kensington!

— Bartholomew Edward Kensington?

— O sexto. — Ele respondeu. — Bartholomew Edward Kensington VI.

— Quem você pensa que é? Um membro do Parlamento britânico? — Mavis sacudiu com o riso.

— O quê? — perguntou. — O que é tão engraçado, Mavis? Eu acho que isso me faz parecer importante.

— Não é engraçado. É apenas um nome realmente grande. Podemos abreviar para Bart?

— Sim, eu posso ser Bart.

Eles chegaram ao Aquário e estacionaram enquanto observavam os ônibus descarregando. A escola sabia que Mavis iria por conta própria. Ela tinha encontrado alguém para cobrir seu turno no refeitório e disse aos outros acompanhantes que iria encontrá-los com o neto da sua amiga. Não foi um problema. Havia uma abundância de adultos para supervisionar nos ônibus.

Grunt colocou o boné de beisebol que Grizz insistiu que ele usasse hoje. Ele se inclinou para olhar por cima do painel de instrumentos. Mavis sabia quem ele estava procurando. Eles avistaram-na imediatamente. Ginny. Ela estava andando com outra garota em direção a um grupo maior de crianças. Ela estava vestindo uma camisa rosa, uma saia longa florida com

sandálias e um chapéu flexível grande. Não era apenas a roupa que a fazia se destacar entre as outras meninas. Era o jeito que ela se portava. Ela cresceu muito rápido e apareceu. Mavis reconheceu a roupa como uma que ela deu para Ginny da neta da vizinha fictícia. Pobre criança. Eu não a vejo vestindo nada, exceto as roupas que estou dando a ela. E sim, Mavis tinha de concordar. Ela parecia mais uma Ginny agora que uma Gwinny.

Mavis olhou para Grunt, então de volta para as crianças que estavam agora surgindo dos ônibus. Ele teve um surto de crescimento e era muito maior do que eles. Ela esperava que ele não se destacasse muito. Caro Deus, por favor, não deixe que este seja um erro enorme.

Trinta minutos mais tarde, eles estavam divididos em grupos e seguindo seus acompanhantes enquanto se dirigiam para o local. Mavis se certificou que ela ficasse tão longe do grupo de Ginny quanto possível.

A visita transcorreu sem incidentes. Ela tinha um total de seis meninos em seu grupo: Grunt, que foi apresentado como Bart de Ohio, além de cinco meninos da escola. Ela estava feliz por não ter ficado presa com encrenqueiros. Este era um grupo bom e eles tentaram incluir Grunt. Ele permaneceu simpático e educado, mas distante. Ele estava seguindo as ordens de Grizz. Garoto esperto.

Passada cerca de uma hora de visita, tinham acabado de assistir ao show do golfinho treinado e estavam descendo a escada quando Mavis sentiu sua primeira pontada de pânico. Antes, eles estavam sentados no alto da arquibancada e podiam ver Ginny caminhando embaixo, na parte da frente, com o seu grupo. Ela era facilmente reconhecível com seu grande chapéu redondo. Mas como Mavis e sua tropa agora estavam descendo as escadas de cimento, ela notou que Ginny tinha parado no final da sua fila e estava envolvida na conversa com um dos professores. Ela estava de pé bem próxima dos degraus que eles iam passar. Mavis deu uma olhada rápida na

direção de Grunt e viu que ele tinha notado também.

Tudo bem, não é grande coisa - eles simplesmente passarão por ela, Mavis determinou. Grunt sabia que não devia fazer contato visual. Ginny estava tão envolvida em sua discussão que Mavis duvidava que ela sequer visse o Grunt. À medida que se aproximavam, eles podiam ouvi-la falar.

— Sra. Davis, eu só acho que alguém realmente precisa fazer algo. As pequenas piscinas que eles são mantidos não são boas para eles. Deus fez os golfinhos para nadar no oceano. Eu só não acho que Ele gostaria do que está acontecendo aqui.

Mavis sorriu para si. Essa era Ginny. Defendendo os pequenos. Antes que alguém percebesse o que estava acontecendo, uma mão estendeu e arrancou o chapéu da garota da sua cabeça. Uma voz pôde ser ouvida acima da tagarelice dos outros alunos. Curtis Armstrong.

— Sim, Gwinny ou Ginny ou o que quer que seja seu nome agora, e Deus fez a sua mãe hippie-puta chupar paus o dia todo.

O instinto de Mavis foi agarrar Grunt. Ele podia aparentar ser um pouco ingênuo, como quando ele não soube que Bartholomew não era o melhor nome que ele poderia ter escolhido. Mas ele era forte. Estava morando no motel há mais de um ano. Se isso não fizesse dele um homem, nada faria. Ela sabia que ele iria querer atacar Curtis sem hesitação.

Ela estava certa.

Ela agarrou-o com força e podia sentir os músculos da parte superior do seu braço tenso. — Ignore-o. — ela sussurrou. — Deixe os professores cuidar dele. Você tem que ignorá-lo.

Antes que Curtis pudesse fugir com o chapéu, outro professor, Sr. Rayburn, agarrou Curtis pela nuca e arrancou o chapéu de Ginny da sua mão. Ele entregou-o de volta para ela e disse à Sra Davis: — Eu vou lidar com isso.

Ele empurrou Curtis em direção a Ginny rudemente e lhe disse: — Peça desculpas. Desculpe-se agora, garoto, ou você vai passar o resto desta viagem no ônibus comigo. Eu vou me sentar lá com você o tempo todo.

— Desculpe. — Curtis zombou.

Estava claro que ele não falou sério. Foi apenas uma maneira de escapar de ficar preso em um ônibus quente com o Sr. Rayburn.

— E você vai passar uma hora todos os dias depois da escola por duas semanas limpando quadros-negros e esvaziando latas de lixo. — Acrescentou o Sr. Rayburn. — Agora volte para o seu grupo.

Grunt não se permitiu olhar para ela. Ele sabia que ela pareceria magoada e ele perderia o controle. O grupo estava indo em direção à outra exposição agora, e, em seguida, haveria uma pausa para o almoço.

— Mavis, eu preciso usar o banheiro. — Grunt disse rapidamente. — Eu posso encontrá-la no tanque das focas.

Mavis olhou em volta e viu Curtis. Ele estava do lado oposto de onde ela sabia que os banheiros eram. Grunt estava olhando para ela e sabia o que ela estava pensando.

— De verdade, Mavis. — Ele deu-lhe um olhar. — Eu só preciso ir ao banheiro.

Ela assentiu com a cabeça. — Está bem, use o banheiro e em seguida, vá diretamente encontrar-se comigo.

Grunt passou pela multidão e foi para o banheiro. Surpreendentemente, estava vazio. Ele caminhou até uma das pias e jogou água fria em seu rosto. O que Ginny fez para que Curtis Armstrong a odiasse tanto? Ele não sabia quando ou como, mas sabia que um dia ele faria Curtis pagar. Ele foi até o dispensador de toalha de papel e enxugou o rosto. Ele então entrou em uma cabine. Estava prestes a puxar a descarga quando os ouviu.

— Uau, Curtis. Duas semanas ficando depois do horário. Talvez você devesse apenas deixar Ginny em paz.

— Sim, Curtis. Por que você a odeia tanto de qualquer maneira? Eu nunca a vi fazer nada para você. Exceto a coisa da limonada, mas aquilo foi só porque você jogou sujeira nela.

Houve uma rodada de risos.

— Eu vou pegar aquela vadiazinha. — Curtis rosnou.

Grunt ficou onde estava. O resto da conversa foi difícil ouvir sobre o som de fluxos de urina e a descarga dos sanitários. Grunt espiou pela fresta da sua cabine. Dois amigos de Curtis tinham terminado seus negócios e saíram do banheiro. Bom. Ele e Curtis ficaram lá sozinhos.

Grunt correu para fora da cabine, para a porta do banheiro. Ele chutou a porta e ela se fechou. Sem tranca interna. Ele teria que trabalhar rápido e esperar que ninguém mais entrasse. Ele podia ouvir a multidão aplaudindo longe, no tanque de focas.

Só então Curtis saiu da sua cabine. Antes que ele soubesse o que estava acontecendo, Grunt agarrou-o pelos ombros, virou-o para que ficasse de frente para a cabine que tinha acabado de sair e chutou a parte de trás das suas pernas. Curtis estava de joelhos antes que pudesse fazer qualquer coisa. Grunt segurou-o pela parte de trás do seu cabelo.

— Você... — ele enfiou a cabeça Curtis no vaso sanitário e em seguida, puxou-a de volta.

— Nunca... — outra mergulhada. — ... incomodará... — mergulhada. —... Ginny. — Mergulhada. — Nunca, nunca mais!

Com isso, ele levantou Curtis e empurrou-o contra a porta da cabine. Enfiando a mão no bolso de trás, ele puxou um canivete. Isto não era a sua pequena faca de bolso que usou um ano atrás para furar os pneus da bicicleta de Curtis. Este era real e que ele tinha visto mais do que suficiente no motel

para saber como era usado. Ele segurou o canivete na garganta de Curtis.

— Você, me escute, seu idiotinha. Você vai ficar longe da Ginny para sempre. Você entendeu? — Curtis ainda estava tentando recuperar o fôlego.

Grunt pressionou seu joelho para cima, contra a virilha de Curtis. — Você entendeu?

— Sim, sim! — Curtis gritou.

— Eu sei quem você é e eu sei onde você mora. Se você pensar em contar a alguém sobre a nossa conversa eu vou procurá-lo. Eu juro que eu vou encontrar você.

— Eu não vou dizer. Eu juro!

— E você vai ficar longe de Ginny. — Foi uma ordem, não uma pergunta.

— Sim, eu prometo que vou deixar Gwinny, hum, Ginny em paz. — Ele conseguiu dizer ao sugar grandes golfadas de ar.

Com isso, Grunt fechou o canivete e deu uma joelhada entre as pernas de Curtis. Quando ele estava saindo do banheiro, alguns meninos estavam se aproximando.

— Vocês podem não querer ir lá. — Ele sugeriu. — Um garoto está vomitando por todo lado.

Capítulo 13

2000

Ginny olhou para o filho com horror. — Corbin disse o quê?

Jason deu de ombros. — Corbin disse que você e meu pai costumavam ser parte de alguma gangue de motociclistas e o cara que era dono da gangue ia para a cadeira elétrica. É verdade?

Ginny fez um esforço para manter a calma. Corbin estava na série de Jason na escola. Ele era um encrenqueiro. Eles tiveram o mesmo professor no ano passado. Com esperança eles não estariam na mesma classe quando a escola começasse novamente. Corbin também morava no mesmo quarteirão que os Reynolds, por isso não era incomum que os três garotos tenham brincado juntos ao longo dos últimos dias.

Ela respirou fundo.

— Ninguém pode possuir uma gangue de motociclistas, querido, e o Estado da Flórida não utiliza a cadeira elétrica mais. — Ela sabia que sua resposta soava fajuta até mesmo para seus próprios ouvidos, mas ela estava tão despreparada para a pergunta de Jason que não soube como responder.

Talvez fosse melhor se ela e Tommy se sentassem com Jason para uma conversa. Será que eles realmente acharam que poderiam manter esse segredo do seu filho depois que ele foi ressuscitado na mídia no ano passado, quando os restos mortais de Moe foram encontrados e novamente há alguns dias com a execução de Grizz?

Não foi um circo da mídia como foi há 15 anos, quando Grizz foi preso, mas a história de Moe tinha sido escolhida por alguns repórteres no ano passado. Foi brevemente apresentada no noticiário local e ela e Tommy foram discretamente entrevistados pela polícia.

A família de Moe tinha finalmente desistido dos seus cavalos e vendido suas terras. Os restos mortais de Moe foram encontrados por uma empresa de escavação quando estavam preparando o local para a nova construção. Os restos estavam irreconhecíveis; mas os especialistas foram capazes de extrair uma amostra de DNA das raízes de dentes do esqueleto, bem como de DNA parcial de alguma carne humana encontrada em um recipiente plástico. Depois compararam com a de uma das meias-irmãs de Moe, foi determinado que o corpo pertencia à Miriam Parker, desaparecida desde 1969. Impressões digitais foram encontradas no recipiente também - impressões digitais que pertenciam a outra jovem, uma de quinze anos de idade que tinha desaparecido em 1975 e mais tarde foi descoberta casada com seu sequestrador.

Impressões digitais de Ginny estavam no arquivo com os policiais graças à Irmã Mary Katherine, que tinha insistido, depois que Ginny desapareceu, que alguém fosse à sua casa e pelo menos pegasse um registro das suas impressões, caso ela fosse localizada. Isso foi muito antes que as provas com DNA fossem usadas, mas a freira idosa sabia que tê-las, algum dia, poderia ser valioso. Surpreendentemente, a polícia cooperou. Conforme a tecnologia avançou, as impressões foram finalmente digitalizadas e entraram em um banco de dados nacional.

Logo que ela soube disso, Ginny lembrou de ser grata à Santa irmã. Alguém pelo menos se importou o suficiente com ela para tentar pressionar as autoridades para procurá-la. Mas verdade seja dita, ela lamentava agora que isso tivesse ido tão longe.

Ginny lembrou quando se sentou calmamente com Tommy naquele dia, no escritório do detetive, quando eles explicaram mais uma vez como Moe tinha morrido de uma overdose. Ela contou a mesma história para eles antes, portanto, não era nada novo, mas ainda era doloroso reviver. O detetive

pegou a informação e agradeceu-lhes. Todo o processo levou menos de trinta minutos.

Eles tinham decidido no caminho para casa que contariam para Mimi. Um arrepio subiu em Ginny quando se lembrou dessa conversa.

— Então, você e papai não se conheceram na escola? — Mimi tinha perguntado com naturalidade.

— Não. Sua mãe e eu nos conhecemos quando fazíamos parte de uma turma da pesada. — disse Tommy.

Mimi olhou primeiro para Ginny, depois para Tommy. — Vocês dois andaram com uma turma da pesada? Sim, certo. — Ela disse zombando até demais.

— Diga a ela, Tommy. Basta dizer-lhe a verdade. Ela é uma menina madura, inteligente. Ela pode lidar com isso.

Então eles contaram. Mimi não interrompeu uma vez enquanto eles se revezavam em contar a história. Eles deixaram de fora um monte de detalhes, incluindo Grizz ser seu pai.

— Então, onde está esse cara, Grizz? Eles o executaram ou ele ainda está na prisão?

Ginny mexeu desconfortavelmente na cadeira. — Ele ainda está no corredor da morte. Queríamos contar porque isso chama a atenção da mídia, podemos todos perder alguns amigos. Eu, honestamente, não sei. Mas nós sabemos que nós queremos esconder do Jason, se pudermos. Ele ainda é muito jovem.

Tommy olhou para a garota. — Você está bem com isso, Mimi? Sabemos que deve ser um choque, mas nós somos uma família. As famílias têm que confiar uns nos outros, mesmo com segredos.

— Eu estou bem com isso? — Mimi perguntou, um sorriso estranho iluminando seu rosto. — É a coisa mais legal que eu já ouvi.

— Legal? — Tommy tinha piscado. — Não, Mimi, não é legal. É uma parte do nosso passado que temos feito o nosso melhor para deixar para trás. Não é algo que estamos orgulhosos. Estamos apenas dizendo a você, porque há uma chance de que você ouça em outro lugar e queremos te dizer antes. É...

Mimi cortou Tommy antes que ele pudesse continuar. Ela levantou-se e atirou a mochila sobre o ombro. — Entendi. É um grande segredo ruim de família que as pessoas podem ou não descobrir. Tanto faz.

E com isso, ela saiu da sala sem dar outra olhada para os seus pais.

Ginny sempre tinha imaginado que ela seria próxima da sua filha. Até alguns anos atrás, ela achava que tinha sido. Ela tinha memórias acolhedoras e sinceras daquela Mimi mais jovem. Como tinham rido juntas um dia depois que chegaram em casa, da aula de piano, e encontraram um buquê de rosas embrulhado em papel laminado, escolhido a dedo, em seu degrau da frente. Ginny sorriu quando Mimi leu a nota escrita desajeitadamente presa a ele declarando amor eterno, de um jovem admirador e sua vontade de reservar um assento à mesa do almoço para Mimi. Essa era a filha que ela tinha levado às compras. Que tinha segurado a mão da sua mãe nervosamente enquanto o médico furava suas orelhas. Que tinha se atirado nos braços de seu pai quando ele chegava em casa do trabalho todas as noites.

Aquela Mimi tinha ido embora. Aquela Mimi não existia mais.

Talvez ela devesse se achar sortuda por ter tido uma experiência de mãe-filha por pouco tempo. Ela certamente não tinha experimentado isso com sua própria mãe, Delia. E ela sabia que Tommy nunca tinha experimentado qualquer tipo de vida decente em casa. O que eles sabem? O que eles têm para comparar?

Nada.

Ela suspirou alto quando pensou sobre o desprezo que recebia de

Mimi quando fazia muitas perguntas. A atitude desagradável quando ela aplicava as regras da casa, toques de recolher e insistência de checar Mimi regularmente quando passava o tempo com os amigos. Ela tinha pensado que talvez elas tivessem conectado um pouco quando Mimi encorajou-a a dar a entrevista para Leslie. Aparentemente, ela estava espionando seus pais discutindo sobre isso e estava muito disposta a oferecer seu apoio. Ginny tinha concordado com a entrevista, pensando que seria uma boa maneira de corrigir o que havia sido perdido entre ela e Mimi nos últimos anos. Parecia estar ajudando um pouco, mas Ginny não tinha certeza.

Ela colocou as memórias do ano passado e o recente apoio de Mimi à entrevista de Leslie em espera quando entrou na garagem e notou que o carro do Tommy ainda estava na garagem aberta. Um carro que ela não reconheceu também estava estacionado na frente da casa. Assim, ele não tinha saído e tinha uma visita.

Talvez fosse melhor que ele estivesse em casa.

Talvez o comentário de Corbin fosse algo que eles pudessem conversar com Jason juntos.

Ela tomou coragem e seguiu Jason para dentro de casa. Assim que eles se livrassem da visita, disse a si mesma, eles iriam se sentar e conversar com Jason juntos.

Então, se ele ainda não tivesse feito, ela ajudaria Tommy a fazer as malas.

Capítulo 14

2000

Tommy não sabia o que dizer a Louise sobre o diário. Ele nunca soube que Moe tinha mantido um. Antes que ele pudesse responder, a porta da frente se abriu e Jason veio entrando.

— Pai! — ele deixou cair sua mala no chão e correu para Tommy na sala de estar, agarrando-o pela cintura. — Eu senti sua falta, pai. Estou feliz que você esteja de volta da sua viagem. O meu capacete está arrumado? Nós ainda vamos passear hoje?

Tommy o abraçou de volta enquanto ele gentilmente colocou o caderno no assento que ele tinha desocupado. Ele olhou sobre a cabeça de Jason e viu Ginny caminhar calmamente para dentro de casa. Ela colocou a bolsa e as chaves sobre a mesinha e entrou na sala de estar. Seus olhos se encontraram.

— Eu também senti sua falta, amigo. — disse Tommy, sem quebrar o contato visual. — Sim, o seu capacete está arrumado e eu vou levá-lo para um passeio esta noite, quando estiver mais fresco lá fora.

Jason olhou para ele e Tommy deu um tapinha nas suas costas. — Sua mãe e eu temos uma convidada e não queremos ser rudes. Você pode levar sua mala para o andar de cima e desfazê-la?

— Claro, pai. — Jason olhou para Louise.

Antes que seu filho pudesse disparar uma rodada de perguntas, Tommy acrescentou rapidamente: — Jason, esta é a senhorita Bailey. Ela é a filha de uma velha amiga. Ela veio ver eu e mamãe hoje, então eu realmente gostaria de ter algum tempo com sua mãe e ela, então nós três podemos conversar.

Louise sorriu para Jason. — Louise. É apenas Louise. Prazer em conhecê-lo, Jason.

Sua expressão disse a Tommy que sabia a razão do seu nome.

— Prazer em conhecê-la também. Vejo vocês mais tarde. — Jason disse por cima do ombro enquanto passava por sua mãe, pegou sua mala no chão e subiu as escadas com a energia ilimitada de uma criança de dez anos de idade.

A curiosidade de Ginny estava elevada. Ela ficou de olho na mulher durante a apresentação de Tommy. A filha de uma amiga? Ela duvidava. Era provavelmente uma repórter dizendo outra mentira para entrar pela porta. Tommy realmente deixaria outra entrar na sua casa após o fracasso com Leslie? Mas esta mulher parecia familiar.

— Esta é a filha de Chicky, Ginny. — disse Tommy calmamente. — Louise Bailey.

Não admira que ela parecesse familiar. Ginny sorriu e deu um suspiro de alívio. — Oh, Chicky! Oh, querida Chicky. Como ela está?

Louise explicou sobre a batalha de Chicky com o câncer e morte subsequente, em seguida, a sua principal razão para estar lá: o diário.

Tommy acenou com a cabeça em direção ao caderno na cadeira. — Louise veio entregar isso.

Ginny olhou para o caderno, então para Tommy. Antes que ela pudesse perguntar, ele acrescentou: — É um diário. Era da Moe.

— Diário dela? Eu não sabia que Moe tinha um diário. — disse Ginny, o choque evidente em sua voz. — Como é que Chicky tinha um diário que pertencia a Moe?

— Ela o achou. — respondeu Louise.

— Onde? Quando? — Ginny perguntou quando se sentou distraidamente no banco do piano. Ela olhou para Louise e depois para

Tommy, perplexa. — Você sabia que Moe tinha um diário? — ela perguntou para ele, uma aspereza na voz.

— Não, Gin. Eu não sabia. — disse Tommy simplesmente.

Louise olhou de um para o outro. — Mamãe achou depois que Moe morreu. Ela me disse que o quarto de Moe não foi utilizado por um tempo. Eu acho que foi um momento triste para você. — Louise acenou para Ginny.

Ginny olhou para o seu colo. — Sim, foi muito triste. Eu não pude ir lá por um longo tempo. Mas... — acrescentou. — Eu olhei seu quarto no dia em que ela morreu. Tommy estava comigo. Nós não encontramos nenhum diário.

— Estava lá. Mamãe disse que depois que algumas semanas se passaram, você pediu que ela limpasse o quarto da Moe. Você disse a ela que pensou que Moe iria querer doar suas coisas para a caridade, mas você mesma não conseguiria fazer isso.

— Sim, isso é verdade. — Ginny lembrava de tudo agora, a forma como a dor e a culpa tinham ficado por um bom tempo, a maneira como ela continuava visualizando Moe, seus cabelos e olhos escuros, seu pequeno sorriso tímido.

— Mamãe disse que o encontrou sob uma pilha de papel de desenho e suprimentos. Acho que foi fácil não notar se você achava que estava apenas olhando para uma pilha de material de arte.

Tommy olhou para Ginny e a expressão que viu no rosto dela era puro tormento. Ginny já tinha confidenciado a ele, anos antes, sobre a culpa horrível que sentiu após o suicídio de Moe. Como ela não tinha notado o desespero de Moe. Ele sabia o que ela estava pensando.

— Não pense nisso, Gin. Nem pense isso. Você não notou um diário que parecia que pertencia a uma pilha do material de desenho dela. Eu também não percebi.

— Eu não percebi tudo o que era importante. — Ginny disse um pouco alto demais, sua voz cheia de lágrimas não derramadas.

Louise levantou uma mão. — Sinto muito. E-eu não tive a intenção de trazer lembranças ruins ou qualquer coisa assim à sua porta. Eu estava apenas tentando fazer o que a mamãe queria. — Ela olhou para Ginny diretamente. — Você sabe, minha mãe não queria que você tivesse isso até depois que Grizz morresse. Talvez fosse melhor que você não tenha encontrado naquela época. — Ela fez uma pausa e acrescentou: — Isso é apenas a minha opinião. Eu tomei tempo suficiente de vocês. Eu devo ir.

Tommy e Ginny observaram-na sair. Em seguida, eles olharam um para o outro, e depois para o diário.

— O diário de Moe não foi a única surpresa hoje. — Tommy disse a ela calmamente.

— Não me diga? Vamos apenas adicionar à pilha de lixo que vai desencadear o fim da vida como a conhecemos. — Em sua expressão curiosa, ela deu uma risada curta e começou a assinalar os eventos do dia nos seus dedos. — Vamos ver, você é o filho de Grizz, Moe tinha um diário secreto, Corbin disse ao Jason que fomos ver um cara fritar, o que mais? O que mais poderia haver, Tommy?

— Tivemos uma entrega hoje, além do diário.

— Ah sim? O que recebemos? — ela perguntou amargamente.

— O jogo de xadrez do Grizz.

Capítulo 15

1971

— Por que você não pode simplesmente deixar Moe me levar? Assim eu não tenho que esperar tanto tempo entre uma ida e outra. — Grunt disse ao Blue quando estavam entrando no motel.

— Eu não sei. Eu nunca disse que Moe não poderia levá-lo. Você ao menos já perguntou a ela? — Blue olhou de soslaio para o Grunt. Eles tinham acabado de sair da biblioteca. Blue estava fazendo malabarismos entre a gangue, uma esposa e um emprego em tempo integral, visitas à biblioteca eram poucas e espaçadas para o garoto de doze anos de idade.

— Claro que eu perguntei a ela. — Grunt deu de ombros. — Ela não tem um carro próprio.

— Ela pode pegar um dos carros de Grizz.

— Não, ela não pode. Ela não consegue ver acima do volante da maioria deles e ele nunca a deixaria pegar o seu Mustang. — Ocorreu um pensamento. — Blue, você pode falar com ele? Podemos comprar um carro para ela, assim ela pode conduzir facilmente?

Blue considerou. — Sim, eu vou perguntar a ele. Nós encontraremos uma solução. — Ele estacionou o carro perto do escritório do motel, batendo a porta com força. — Guarde seus livros e saia para o poço.

Grunt observou quando Blue dirigiu-se para a fogueira. Ficou confortável em uma das cadeiras e não pareceu se opor quando uma das meninas se aproximou dele e estacionou no seu colo.

Grunt carregou os livros da biblioteca para o seu quarto, em seguida, foi para o poço para procurar Grizz. Mesmo que ele tivesse pedido para Blue falar com Grizz, provavelmente era melhor se ele mesmo conversasse com

Grizz. Ele percebeu que a menina no colo do Blue agora estava com a mão na frente da calça dele. Blue inclinou a cabeça para trás, os olhos fechados.

Grunt secretamente esperava que sua cunhada nunca aparecesse no motel. Jan provavelmente mataria Blue na hora, se ela visse o que ele fazia com as outras mulheres. Sissy em particular. Ele se perguntava como Blue conseguia conciliar duas mulheres ao mesmo tempo. Ambas exigiam tempo dele. Ele estava surpreso que elas não tivessem descoberto uma sobre a outra - ainda. Grunt lembrava de ter ouvido Blue explicar ao Grizz uma vez que ele queria uma mulher que não estivesse ligada à gangue. Uma esposa que cuidasse da sua casa e futuros filhos. Ele queria uma dama - e de acordo com Blue, Sissy não era nenhuma dama. Eles tinham discutido sobre isso e Grizz, na verdade, advertiu Blue que ele achava que uma mulher como Jan jamais aceitaria o marido dela excluindo-a deste estilo de vida.

— Ela quer ser excluída. — Blue tinha dito. — Ela não quer este estilo de vida. Eu lhe disse, ela é uma dama. E ela está bem com o fato de eu não a trazer aqui.

— Ela pode não querer participar, mas ela não vai gostar quando descobrir que você não desistiu das outras mulheres por ela. — Grizz lhe tinha dito.

Blue tinha respondido com confiança que ele podia lidar com Jan.

Agora, observando a cena, Grunt engoliu um sorriso. Blue conseguiu mesmo a sua dama e toda a bagagem que veio com ela.

Grunt avistou Grizz parado perto do playground conversando com alguém. Ele caminhou propositadamente em direção a ele, dando um pequeno aceno para Moe quando passou por ela. Ela estava sentada ao lado da fogueira, olhando para as chamas, como era seu hábito. Ela acenou de volta, em seguida, continuou a olhar.

— Grizz, posso perguntar uma coisa? — disse o menino,

interrompendo a conversa de Grizz.

Grizz virou-se para olhar para ele. Ele não respondeu de imediato. — Sim, terminei aqui. — Ele dispensou o homem com quem estava conversando com um aceno de cabeça e o homem se afastou. — O que você quer?

— Eu perguntei ao Blue se você poderia comprar um carro para Moe para que ela pudesse me levar aos lugares. Você pode?

— Por que ela precisa levá-lo? Blue leva você para sair.

— Blue está sempre ocupado. — Grunt fez uma careta. — Se você comprar um carro para Moe, ela pode ir ao supermercado e tudo mais e eu posso ir com ela. Todos os carros por aqui são grandes demais para ela dirigir.

Grizz pensou sobre isso por um segundo. Ele realmente não tinha dado muita atenção à Moe. O garoto estava certo. Moe não tinha um carro; ela sempre contava com quem quer que estivesse disponível para levá-la até as lojas ou em qualquer outro lugar que ela precisasse ir. Ela raramente saía do motel. Ela se certificava de que os quartos estivessem limpos, a roupa lavada e as geladeiras estocadas. Ele não tinha pensado sobre a inconveniência de ter que implorar por carona para o supermercado ou qualquer outro lugar.

Ele também não tinha notado que Grunt não estava saindo muito.

— Faz sentido. — Veio uma voz por trás e Grunt se virou para ver que Blue estava atrás deles e ouvindo a conversa. — E isso iria me ajudar. Por que você não dá o Caddy para ela? Ele só fica parado lá. Você nunca usa.

Grunt balançou a cabeça. — É muito grande. Ela precisa de algo pequeno, como ela. Algo que ela possa conduzir e realmente alcançar o pedal do acelerador.

Grizz olhou para o chão por um minuto, considerando. — Você está

certo. Eu não uso o Caddy. Talvez a gente possa trocá-lo por algo menor. — Blue começou a dizer algo, mas Grizz sabia o que ele estava pensando. — É legítimo. O documento diz Richard O'Connell. Martin não pôde pagar alguns anos atrás e eu peguei o carro. Mas ainda assim, chame Axel e veja se ele conhece alguém que aceita o documento de transferência sem questionar.

Axel era um dos mecânicos de Grizz e Grunt estava certo que ele lidava com mais do que consertos. Ele estava no comando de todas as necessidades dos carros de Grizz, incluindo o planejamento de roubos de automóveis bem executados e modificação dos carros roubados nas suas garagens para veículos que não poderiam ser rastreados. Grunt sabia o quão bom Axel era no seu trabalho, Grizz jamais arriscaria Moe ser parada em um veículo roubado, especialmente se houvesse uma chance de que Grunt estivesse com ela. Grizz faria uma compra legal.

Grunt ouviu o ronco baixo de uma moto estacionando no motel e sorriu, apontando. — Você nem precisa chamá-lo. Ele está aqui!

Grizz chamou Axel para se aproximar e colocou-o a par do plano. Axel disse a ele sobre uma concessionária de carros na Dixie Highway. E ao Blue foi dada a ordem de comprar um carro para Moe.

— Eu quero ir também. — Grunt rapidamente acrescentou. — Foi ideia minha, então eu deveria ajudá-la a escolher.

Grizz olhou para Grunt e assentiu. Em seguida, ele virou-se para Blue: — Certifique-se que eles não se ferrem. O Cadillac está em excelente condição. Eu espero que seja negociado por algo legal e o documento será no nome de Richard O'Connell.

— Pode deixar, Grizz.

— Eu vou fazer uma ligação. — disse Axel. — Eles serão bem tratados.

— Eu vou certificar de que será um bom negócio. — Grunt falou,

ficando um pouco mais ereto e estufando o peito. — Eu sei como negociar. Nós não vamos nos ferrar. Eu estou do seu lado, Grizz.

Grizz e Blue tentaram não sorrir quando o garoto foi em direção ao poço para contar a Moe.

— Moe, adivinhe? — Grunt disse quando se aproximou da fogueira. Ela estava sentada de pernas cruzadas no chão, olhando para as chamas. Ele parou quando viu um rapaz em uma cadeira de gramado empurrá-la nas costas com o pé, apenas o suficiente para dar um pequeno solavanco. Grunt sabia que ele não estava machucando-a, mas ela estava desconfortável e claramente tentando ignorá-lo.

Grunt se aproximou lentamente agora, observando quando o cara se levantou e começou a abordar algumas pessoas sentadas no poço. Ele era novo no grupo e conhecido pelo nome Monk. Nome mais estúpido de todos - provavelmente abreviação de macaco. Grunt apenas assistiu, mantendo uma distância cuidadosa.

— Acho que ela pensa que se não me responder, eu vou deixá-la em paz. — Monk disse para ninguém em particular. Ninguém respondeu. Ele se virou para ela novamente, desta vez usando o joelho para empurrá-la mais forte, mais perto do fogo. — Eu disse que quero algum tempo sozinho com você, baby. Você continua me ignorando e eu vou me certificar de fazê-la chorar esta noite. E não de um jeito bom.

Monk riu para si mesmo, levantando o joelho novamente. Em uma voz cantada, começou a insultar: — Moe vadia, Moe vadia, eu vou foder a bunda dela e...

Antes que Monk pudesse dizer mais, Grunt o acertou com uma cabeçada no estômago que fez ele ficar sem fôlego, derrubando o homem grande de costas. Grunt pulou em cima dele, esmurrando seu rosto com ambos os punhos tão forte quanto podia.

Moe saltou do seu lugar ao lado da fogueira e começou a arrastar Grunt para longe. Infelizmente, isso deu a Monk a chance que ele precisava para levantar. Com um rugido, ele empurrou o menino para longe dele. Grunt rapidamente saltou para cima, o impulso o fez tropeçar e cair para trás, derrubando ele e Moe no chão.

Monk sacou um canivete. — Seu merdinha. Com quem você acha que está fodendo?

Blue e Grizz tinham aproximado do poço. Mesmo que eles não pudessem ouvir o que estava sendo dito, eles viram toda a cena acontecer. Quando Monk sacou o canivete, Blue começou a ir atrás dele, mas Grizz estendeu a mão para detê-lo.

— Aguarde. Apenas espere.

Blue olhou para Grizz com uma expressão de “você está brincando comigo?”, mas não aproximou mais.

O poço tinha ficado calmo agora, e Blue e Grizz podiam ouvi-los. Blue cerrou os punhos e viu quando Grunt se levantou rapidamente.

— Você deveria mostrar mais respeito. — Grunt olhou para Monk.

Isso pareceu divertir Monk. — Respeito? Por quem? Aquela puta?

Monk acenou distraidamente o canivete na direção de Moe. Ela tinha se levantado de novo e estava de pé logo atrás do Grunt. Ela começou a agarrar Grunt novamente, mas desta vez pensou melhor. Ela provavelmente foi a razão pela qual ele perdeu a vantagem antes.

— Ela não é uma puta. Ela é uma pessoa. Ela é uma dama. — Grunt disse, os músculos das costas tensos. Imaginou seu próprio canivete descansando na mesa de cabeceira ao lado da cama. Ele não tinha uma arma com ele. Ele não cometeria esse erro novamente.

— Uma dama? — Monk bufou. — Seu merdinha. Eu não me importo com o que você pensa que ela é, mas eu sei o que você é. Você é um morto

fodido.

Ele investiu contra Grunt, balançando o canivete. Grunt conseguiu abaixar e evitá-lo. Monk deu mais golpes, quase acertando o Grunt duas vezes. Quanto mais o garoto fugia da lâmina, Monk ficava mais furioso.

Grunt finalmente viu sua chance. Ele conseguiu bloquear o braço armado com o canivete enquanto empurrou seu punho direito sob o queixo do Monk. Isso fez Monk tropeçar para trás. Ele ficou atordoado com o golpe, mas não perdeu o equilíbrio.

— Pare agora. — Grizz falou para o Blue.

Quando Blue se aproximou, Grunt olhou para cima brevemente. Foi apenas o tempo suficiente para Monk tentar um golpe em Grunt.

Grunt soube no instante que ele desviou o olhar que tinha cometido um erro. A última coisa que ele se lembrava era da dor clara e picante, como ele nunca tinha imaginado, e do olhar de terror no rosto de Monk quando Blue agarrou-o por trás e disse: — Você tem culhão para ter coragem de foder com meu irmão.

Então tudo ficou escuro.

Ninguém percebeu que Monk tinha esfaqueado Grunt. Blue empurrou Monk rudemente de joelhos e tirou o canivete facilmente da mão dele. Blue olhou para Grizz, que deu o aval.

Em um movimento rápido, Blue cortou a garganta do Monk de orelha a orelha.

— Livre-se deste pedaço de merda. — Blue murmurou para um dos caras que estava nas proximidades, limpando a lâmina na camisa de Monk. Em seguida, ele dobrou o canivete de Monk e enfiou-a no bolso de trás.

Quando ele olhou para cima novamente, ele ficou surpreso ao ver Grizz transportando Grunt para um dos quartos de motel. Moe estava correndo ao lado dele tentando acompanhar seus passos longos, urgentes.

Grizz gritou por cima do ombro. — Traga o Doc aqui, agora!

O Diário de Moe, 1971

Querida Elizabeth,

É minha culpa ele ter sido esfaqueado. Se eu tivesse levantado e levado Monk para o meu quarto, Grunt não teria se machucado. Ele não acorda há dois dias. Doc disse que ele deve ficar bem. O corte foi profundo, mas não atingiu nenhum dos órgãos importantes. Ele disse para não me preocupar. Os analgésicos o fariam dormir muito. Ainda assim, eu estou preocupada.

Eu não acredito que ele foi atrás do Monk daquele jeito. Ninguém nunca me defendeu assim antes. Grunt realmente é meu amigo. A única razão que Blue matou Monk foi porque ele estava brigando com Grunt, embora eu não possa acreditar que ele não tentou pará-lo mais cedo. Grunt poderia ter morrido. Mas ninguém se importou que Monk estivesse me chutando. Ninguém se importou com o que ele disse. Apenas Grunt.

Eu acho que nunca me perdoaria se Monk o tivesse matado.

Axel disse-me que quando Grunt ficar melhor eu vou buscar o meu próprio carro. Blue poderia me levar agora, mas ele disse que Grunt realmente queria estar lá. Eu não posso acreditar que Grizz vai deixar-me trocar seu Cadillac por um carro para mim. Eu não tenho algo meu há um longo tempo. Muito, muito tempo.

Eu acho que isso deveria me fazer sentir melhor. Mas não faz. Eu não vou me sentir melhor até que eu saiba com certeza que Grunt vai ficar bem.

Algumas semanas após a recuperação do Grunt do ferimento do canivete, Blue apareceu no motel por volta das onze da manhã. Grunt ainda estava um pouco dolorido, mas muito ansioso para ir com Blue e Moe para achar um carro para ela. Blue bateu na porta do número quatro e entrou sem esperar ser convidado. Grizz estava saindo do quarto e fechando o zíper da calça jeans.

— Desculpe, cara. Tem companhia? — Blue perguntou enquanto acenou com a cabeça em direção ao quarto.

Grizz zombou. — Quando eu tive companhia aqui? Só mijando. O que você quer?

— Chaves do Caddy e os documentos. Eu vou levar Moe e Grunt hoje para comprar um carro para ela.

Grizz desapareceu sem uma palavra para o quarto e voltou com as chaves e um envelope. — O documento está aqui dentro. — disse, entregando-os a Blue.

Menos de uma hora mais tarde, Blue, Moe e Grunt estacionaram na concessionária de veículos que Axel tinha recomendado. A loja do Al não era tão ruim quanto Blue tinha pensado que seria. Pela aparência dela, eles ofereciam uma variedade bem decente. Ele deu um suspiro de alívio. Ele estava preocupado que as opções não estivessem nos padrões de Grizz, então ele tinha antecipado um dia indo de uma concessionária para a próxima. Axel tinha feito várias recomendações reservas para o caso da de Al não dar certo.

Um homem em um terno de poliéster azul e cabelo penteado para trás brilhante aproximou-se deles quando saíram do Cadillac.

— Estamos aqui para fazer uma troca justa. — Blue disse e acenou para o Cadillac. — Axel nos enviou.

O homem parou e sorriu largamente. — Sim, Axel me disse que

viriam. Esperava vocês há algumas semanas. Eu sou Al. — ele cheirava a tônico capilar barato e frango frito. Eles devem ter interrompido o seu almoço.

— Estávamos ocupados. Posso usar seu telefone? — Blue perguntou.

— Sim. Logo ali dentro. — disse Al, acenando com a mão à direita.

Blue entrou para fazer uma ligação. Quando ele saiu avistou Grunt e Al de pé, ao lado de um Mercedes conversível. Moe estava sentada no banco do motorista. Blue sorriu. Grizz falou uma troca justa. Acho que isso vai dar certo.

Grunt olhou para Blue, que assentiu. Grunt sorriu e ouviu quando Al fazia o possível para esclarecê-los sobre as muitas vantagens de possuir um automóvel estrangeiro de alta tecnologia.

Blue inclinou-se contra um dos carros e esperou. Menos de quinze minutos depois, um carro entrou no estacionamento. Uma bela morena estava ao volante.

Grunt notou o veículo se aproximando e cerrou os olhos à luz do sol para ver quem estava dirigindo. Era Pauline, uma das meninas do The Red Crab. Ela não era da gangue, mas depois de perceber que ela não seria nada além de uma transa para Grizz, ela colocou claramente suas vistas no Blue. Ela não se importava que ele fosse casado. Ela queria um homem para si e se seu ticket fosse atraindo-o para longe da esposa, então que assim seja.

Blue caminhou em direção ao trio, agora de pé ao lado de outro carro estrangeiro caro. Ele olhou para Al. — Eu tenho negócios. Dê-lhes o que eles querem. — Antes que Al pudesse responder, Blue disse a Grunt: — Você pode cuidar disso. Você está olhando os tipos certos de carros. Grizz ficará feliz. Moe pode levá-lo de volta para o motel. O documento está no Caddy. — Ele olhou para Moe. — Você está com a sua licença?

Ela assentiu com a cabeça em resposta e sem esperar por qualquer

tipo de confirmação do Grunt, Blue foi em direção ao carro de Pauline.

— Eu vou dirigir. Um serviço pode ser útil enquanto estamos na estrada. — Ele disse quando se aproximou do lado do motorista.

Pauline colocou o carro em ponto morto e deslizou por cima. Blue pulou no banco do motorista e fez uma forte conversão no terreno. Quando eles saíram da concessionária, para a Dixie Highway, Grunt notou que Pauline não era mais visível próxima a Blue. Ele balançou a cabeça lentamente. Um dia Jan vai matá-lo.

Menos de duas horas depois, Moe e Grunt tinham finalizado a compra com Al. Moe foi inflexível sobre o carro que ela queria. Era um pouco barulhento, mas Grunt tinha certeza que era algo que Axel poderia consertar. Ele estava feliz por ela. Ele não via seu sorriso há um longo tempo.

Quando voltaram ao motel, Grizz estava curvado com a cabeça na geladeira. Ele estava com fome e não queria dirigir para conseguir comida. — Droga. — disse ele a ninguém. Ele tinha que admitir, Grunt deu uma boa ideia em relação ao carro. Seria melhor para Moe ter seu próprio transporte. Era óbvio que ninguém, inclusive ele próprio, a tinha levado para fazer compras recentemente. Não que ele alguma vez a levou às compras. Ele mandava os outros levar, mas pela falta de comida, parecia que todos tinham de alguma forma evitado esta semana.

Ele decidiu que passaria no Razor, outro dos seus bares, e pegaria alguma coisa para comer. Ele fechou a porta da geladeira e estava pegando as chaves do carro no balcão da cozinha quando foi distraído por um barulho do lado de fora. Moto? Hmmm, não parece com nenhuma moto que já ouvi antes. Que diabos está fazendo esse barulho todo?

Ele abriu a porta e saiu. Ele cerrou os olhos quando viu um Fusca preto circular o poço e fazer o seu caminho de volta na direção dele. Seu queixo caiu quando ele reconheceu quem estava no carro. Moe estava

dirigindo e Grunt estava acenando animadamente para ele.

— Pare. — Grizz levantou uma mão enquanto caminhava em direção ao carro. — Pare agora. Pare aqui. — Ele caminhou para o lado do passageiro e perguntou ao Grunt através da janela aberta: — Onde está Blue?

— Ele teve que ir a algum lugar. — respondeu Grunt com naturalidade.

Grizz cruzou os braços na frente do seu peito e ficou para trás. Ele olhou para o carro lentamente de um lado para o outro. — Você trocou meu Cadillac por este pedaço de merda? — Seu rosto estava vermelho de raiva. — Moe, desligue-o! Eu não posso me ouvir falar.

Moe virou a chave. Ele gaguejou por quase trinta segundos antes de finalmente desligar completamente. Coincidentemente, uma gigantesca nuvem de fumaça preta saiu do tubo de escape.

Grunt saiu do carro e olhou para Grizz. — É o que ela queria. Eu sei que está fazendo um monte de barulho, mas Axel pode arrumar. — Ele fez uma pausa. — É perfeito para ela.

Grizz estava realmente sem palavras. Ele ganhou sua compostura e pediu calma. — Onde ele está? Qual o nome dela?

— Ele saiu com Pauline. — Depois de uma breve pausa, Grunt acrescentou: — Você não deveria estar chateado. Eu fiz um negócio para você. Eu disse que lidaria com isso.

— Isto é um negócio? — Grizz rosnou.

— Sim, é um negócio. — respondeu Grunt, enfiando a mão no bolso. — É o que Moe quis e eu queria que ela ficasse feliz. E agora ela está feliz. E você não devia estar tão bravo.

Ele entregou algo a Grizz. Era um envelope.

Grizz abriu-o e tirou um pedaço de papel. Ele descuidadamente jogou o envelope no chão e abriu o documento dobrado. Era um documento de

carro em nome de Richard O'Connell e grampeado a ele estava um cheque da loja do Al.

Os olhos de Grizz arregalaram quando viu o valor do cheque que foi feito para o seu pseudônimo.

— Eu disse que fiz um negócio para você. — disse Grunt enquanto caminhava de volta para o seu quarto.

Capítulo 16

2000

— O tabuleiro de xadrez do Grizz? — Ginny perguntou.

— Sim. — Tommy cruzou os braços, uma linha vincando a testa. — Grizz não o mencionou. Alguém deve ter embalado da prisão e enviado para cá. Eu acho que é algo que realmente devia ser guardado para Mimi.

— Eu não acho que nós poderíamos dar a Mimi, sem explicar por que seria dela legitimamente. — Ela respondeu friamente.

— Eu não disse que deveríamos dar a ela hoje ou mesmo amanhã, Gin. Eu só disse que deveríamos guardá-lo para ela.

— Tudo bem. Então está combinado. Eu digo para colocarmos em um armário até que decidamos algo. — Ela colocou a mão na testa e balançando a cabeça levemente, disse: — Eu não posso pensar nisso agora, Tommy.

Ela não parecia mais com raiva. Ela parecia triste.

— O que você está pensando, querida? — sua voz era baixa.

Ela endureceu com o “querida”, mas seu desejo de falar prevaleceu. — Eu estava lembrando quando comprei para ele. — Ela sussurrou. — Eu não sei o que eu estava pensando. Eu era tão empenhada em salvar os animais quando eu era criança. Eu comecei aquela petição para libertar os golfinhos do Aquário quando eu tinha dez anos. — Ela deu um sorriso triste pensando na garota que ela foi. — Eu passava horas andando no meu quarteirão com um cesto de roupa, vestindo luvas de forno. Eu não podia suportar a ideia dos caranguejos serem atropelados por isso os realocava.

Tommy já sabia porque ele havia testemunhado um pouco disso. Mas ele não interrompeu.

— Mas eu nunca percebi o que aquele jogo de xadrez custaria aos

animais que tiveram que morrer por ele. Quer dizer, peças de marfim? — ela balançou a cabeça. — Que idiota. Nenhuma vez ocorreu-me perguntar de onde o marfim vinha. Talvez devêssemos doar o tabuleiro do Grizz para a caridade. Talvez ele pudesse ser usado de alguma forma para colocar um fim ao comércio ilegal de marfim.

— Ginny, você nunca vai parar de se culpar por tudo? Eu não sou um especialista e nem você era quando comprou isso para ele. Você tinha apenas quinze anos. Nós nem sequer tínhamos a internet na época para que você pudesse pesquisar sobre isso. Como você saberia se o comércio de marfim era ilegal ou não?

— Deveria ser.

— Sim, Gin, deveria. — Ele andou até onde ela estava, ainda sentada no banco do piano, pegando sua mão. Ela afastou-o. — Temos que conversar, Ginny, e não podemos fazer isso agora. Não temos tempo. Jason está esperando um passeio mais tarde e você e eu temos muito para discutir. O que você disse antes, sobre o amigo dele perguntando se tínhamos ido ver alguém fritar? E agora este diário?

Ela levantou-se e olhou para ele tristemente. — Você ainda tem que sair, Tommy. Eu honestamente acho que não posso ter você morando aqui. Não depois de saber que você manteve este... este enorme segredo de mim por tanto tempo. Eu tenho coisas para resolver na minha cabeça. Tenho que pensar.

Ele começou a falar, mas ela ergueu a mão. — Eu não me importo como você vê isso. Você me enganou. Eu sou uma tola por nunca ter percebido, mas ainda assim, você deveria ter me dito.

Ela o avaliou agora com novos olhos. Tommy não se parecia com Grizz, não tinha as mesmas características, mas ele era grande e imponente. Ele tinha amadurecido para um homem com a mesma construção do seu pai.

Como ela nunca percebeu? Ou ela havia notado e nunca se permitiu perseguir o pensamento?

Não. Ela não faria isso para si mesma. Tommy não se parece nada com Grizz. Ela nunca teve uma pista.

Ele tinha a enganado. Todos a enganaram.

Sua vida era uma mentira.

Tommy tocou em seu braço. — Gin, eu não posso sair. Mimi e Jason iriam querer saber o porquê. Não. — Ele balançou a cabeça, a voz firme. — Eu não vou sair.

Ela afastou do seu toque. — Bem, então, acho que eu vou.

— Ginny, espere. O diário de Moe. Eu nunca soube sobre isso. Você não acha que deveríamos ler? Juntos?

— Talvez, mas não agora. Eu preciso fazer as malas. Eu vou para a Carter.

— Você não pode sair, Ginny. O que você quer que eu diga aos nossos filhos? — os olhos dele estavam vermelhos. — E... e você realmente acha que a casa de Carter é o melhor lugar para você ficar depois de hoje?

Se ela estava enfraquecendo antes, essa pergunta reforçou sua determinação. Carter e seu marido viviam na casa que Grizz havia construído para Ginny, em Shady Ranches. Ginny endireitou os ombros.

— Eu fui naquela casa uma centena de vezes desde que me mudei de lá. E você também. Eu consigo ficar lá. Isso não me incomoda. — Ela começou a ir para o quarto, em seguida, virou-se para trás. — E quanto às crianças, invente alguma coisa. Você parece ser realmente bom nisso.

Tommy apenas desviou o olhar dela.

Ele olhou para baixo e percebeu que ainda estava segurando o diário. Talvez eles não devessem ler juntos depois de tudo. Talvez houvesse algo nele que poderia machucá-la mais. Talvez houvesse algo nele que poderia

machucá-lo também.

Ele foi para a cozinha e se sentou à mesa agitado, olhando para o diário fechado.

Será que ele ao menos queria saber o que havia nele?

Capítulo 17

1972

Grizz abafou uma risada, enquanto observava Grunt agarrar rapidamente o seu copo e tomar um longo gole de água.

— Minha boca está pegando fogo! — gritou Grunt.

— Eu disse que eram apimentadas. Você quis experimentá-las. Agora você sabe. — Grizz sorriu. — Você quer que peça as suaves agora?

— Aqui, garoto. Você pode pegar algumas das minhas. Eu não gosto delas picantes também. — disse Axel enquanto deslizava sua cesta de asas de frango na direção do Grunt. — A minha não vai queimar sua boca. Vá em frente. Experimente.

Grizz sinalizou para a garçonete, Rhonda. Ela era uma mulher atraente, bem quista pelos clientes regulares no restaurante. Era uma pequena espelunca, conhecida principalmente pelas melhores asas apimentadas no sul da Flórida.

Grizz tinha negócios a discutir com Axel, mas decidiu levar o garoto junto. Grunt não saía muito e Grizz sabia que seria uma alegria para ele. Ele até se permitiu ceder quando Grunt insistiu que eles dessem uma passada rápida pela casa de Ginny. Ele não gostava de dirigir pela sua casa porque sabia que tinha que fazer um retorno no final. Mas ele também sabia que Grunt nunca ficava perto de qualquer criança da sua idade. Quem sabe, talvez verificar a menina o fazia sentir como se tivesse um amigo imaginário.

Grizz realmente se divertiu muito com o que viu naquele dia. A menina estava usando luvas de forno e carregava um cesto de roupa cheio de caranguejos. Os caranguejos estavam tentando rastejar para fora dele e ela estava tão absorta em mantê-los dentro que nem percebeu que o mesmo carro

passou por ela duas vezes. Era um retrato cômico, uma menina determinada, com luvas de forno e um rabo de cavalo, carregando uma cesta de caranguejos, e Grizz encontrou-se sorrindo quando se lembrou.

Rhonda viu Grizz fazer sinal para ela pelo canto do olho. Ela estava sempre à procura de Grizz. Ela não queria arriscar não perceber seu chamado e permitir que uma das outras garçonetes fosse para sua mesa. Ela deixou o pedido de bebida que tinha pegado de outro cliente e correu.

Rhonda só trabalhava no restaurante há um mês ou dois, quando o motociclista entrou pela primeira vez. Ela foi imediatamente atraída por ele. Ele era mais jovem do que ela, mas cara, ele era sexy. Grande, durão, bonito de um jeito rude. Um bad boy de verdade e Rhonda sempre foi atraída por *bad boys*. Ela tentou se aproximar dele, mas ele não era muito amigável. Hoje era a primeira vez que ele vinha com o garoto. Ela se perguntava se o garoto era dele ou apenas mais um futuro membro da gangue.

— O que posso pegar para você, Grizz? — ela sorriu para ele depois que foi rapidamente para a mesa, ignorando os outros clientes tentando chamar sua atenção.

— Outro pedido de asas. Sem pimenta dessa vez. — disse Grizz e acenou com a cabeça em direção ao Grunt.

— Um pouco picante demais para você, querido? — ela sorriu gentilmente para Grunt.

— Um pouco picante demais. Você pode trazer mais água, por favor? — Grunt apontou para o copo vazio.

— Sim, claro. — Ela respondeu. Ela então olhou rapidamente para Grizz e Axel. — Vocês, meninos, precisam de mais alguma coisa?

— Eu estou bem. — respondeu Grizz.

Axel estava com a boca cheia de comida e balançou a cabeça. Ela foi embora.

— Ela é legal. — disse Grunt para o Grizz. — Ela gosta de você.

Grizz ergueu os olhos da sua comida. — O que quer dizer com ela gosta de mim?

— Ela fica observando a nossa mesa para ver se você precisa de alguma coisa. Ela não observa a mesa de ninguém. — Grunt mastigou um aipo, acrescentando: — Acho que ela quer que você observe o peito dela. Ela parece que está sempre certificando-se que seu peito esteja bem na sua cara quando ela está aqui.

Grizz olhou para Grunt e em seguida, para Axel. Axel apenas balançou a cabeça e sorriu. Grizz não tinha notado. Ela era uma senhora agradável. Mais velha do que ele, ele suspeitava, mas bem conservada. Ele olhou ao redor do restaurante e notou que alguns dos outros clientes olhavam de relance com apreço na direção de Rhonda. Ela tinha realmente peitos legais. E parecia se dar bem com todo mundo. Ele tinha acabado de perder duas meninas no The Crab Red e uma no Razor's. Ele se perguntou se ela trabalharia de topless. Não podia doer perguntar.

Menos de uma semana depois, Rhonda estava atrás do bar no The Red Crab. O lugar estava lotado e o barman não conseguia acompanhar os pedidos de bebida. Ela estava segurando algumas cervejas para não deixar seus clientes esperando. Ela estava colocando as cervejas em sua bandeja quando o sentiu. Grizz havia entrado no bar. Ela parou o que estava fazendo e apenas olhou. Ele estava caminhando em direção ao bar, mas foi parado por um cliente em uma das mesas. Ela não conseguia tirar os olhos dele.

— Nem se incomode. Todas nós tentamos. Ele vai dobrá-la sobre a mesa, mas isso é tudo que você vai conseguir.

Rhonda virou para olhar para a garçonete que tinha acabado de chegar ao bar para pegar seu pedido de bebida. Pauline. Rhonda não trabalhava no bar tempo suficiente para realmente decidir se gostava ou não da Pauline.

— Talvez você não tenha tentado o suficiente. — Rhonda deu de ombros. — Talvez ele não tenha encontrado a mulher certa ainda.

— E você acha que você é essa mulher? Rá! Eu estou lhe dizendo, é um desperdício do seu tempo, a menos que você se contente com rapidinhas. Ele não é esse tipo de cara. Nada de segurar mão ou beijo. Você nunca será mais do que uma foda.

Rhonda levantou uma sobrancelha.

— Sei por experiência própria. — Continuou Pauline. — Ele tem um pau gigante, então definitivamente vale a pena. Mas se você tem fantasias de acordar em sua cama alguma manhã, pode silenciá-las agora. Eu não conheço qualquer mulher que realmente esteve na cama dele, e eu não estou tentando insultar você, querida, mas eu não vejo nada de especial em você. Você vai ser apenas mais uma galinha no galinheiro dele. — Ela olhou para longe de Rhonda, em seguida, gritou com o barman: — Mike, o meu pedido? Vamos lá, cara, você está me custando gorjetas!

Um mês depois, Rhonda pediu uma carona de moto para um dos caras até o motel depois que seu turno havia terminado. Era sexta-feira à noite e sua filha, Louise, estava hospedada na casa de um amigo. Ela ia fazer sua jogada com Grizz.

Ela sabia sobre a gangue. Ou eles se chamavam de clube? Ela não se lembrava e não se importava. Ela só sabia que se ela quisesse ir para a cama de Grizz, teria que estar no motel. Ela não sabia muita coisa sobre as gangues, mas o quão ruim poderia ser?

Ela tinha feito o seu melhor mês passado para jogar com calma com Grizz. Flertou com ele, mas sempre recuou antes que fosse longe demais. Ela sabia que tinha seu interesse. Apenas não sabia quanto de interesse. Grizz não era um homem fácil de ler.

Eles estacionaram no motel e o cara que ela estava andando desligou

a moto. Seu nome era Chip. Ele parecia um cara legal. Ela saiu da garupa da moto e começou a olhar ao redor do motel. Já estava tarde e muito escuro lá fora. Uma grande fogueira estava crepitando e ela podia ver algumas pessoas sentadas em torno dela. Ela viu Grizz imediatamente e começou a caminhar em direção a ele. Assobios e comentários obscenos a cercaram enquanto ela se aproximava do fogo.

Grizz tinha notado Rhonda logo que ela desceu da moto do Chip. O que ela estava fazendo aqui? Ela era legal, mas ele não achava que ela era material de gangue. Ele achava que ela tinha um filho. Talvez ele estivesse errado.

Ele tomou um gole de cerveja e observou quando ela rebolou na direção dele. Sem olhar para qualquer outra pessoa ao redor do fogo, Rhonda caminhou direto até Grizz. Empinando a bunda e parando em cima dele, ela deu seu sorriso manhoso e disse: — Oi, Grizz. O que você está fazendo aqui?

Grizz olhou para ela. — Você sabe muito bem que eu moro aqui. O que você está fazendo aqui?

— Ah, só queria fazer um passeio com Chip e é onde nós acabamos. Acha que pode me levar para casa mais tarde? — Mesmo à luz do fogo turva, ele podia vê-la vibrar os cílios.

Grizz levantou-se e agarrou-a pelo braço, quase empurrando-a em direção ao motel. Quando eles estavam fora do alcance da voz dos outros, ele parou e olhou para ela.

— Rhonda, eu pensei que você fosse uma senhora inteligente. — Ele rosnou. — Você sabe o que significa vir aqui, certo?

Ela não sabia o que dizer. Ele parecia louco. Ela começou a responder-lhe, mas ele a interrompeu.

— Isso significa que você acabou de fazer-se disponível para qualquer homem sentado em torno daquele poço. — Ele deu um olhar firme

para ela. — Se é isso que você quer, por mim tudo bem. Mas se não, é melhor você encontrar uma carona de volta e vamos fingir que você nunca veio aqui.

Ele começou a afastar-se dela, caminhando em direção a uma das unidades do motel. Ela ficou chocada. Ele parecia tão frio e duro. Ela sabia que ele podia ser assim, mas ele sempre tinha sido tão gentil com ela no bar.

Ela correu para alcançá-lo. — Grizz, pare! Grizz, espere. Por favor, apenas ouça.

Ele parou e se virou. — O quê?

— Bem. Eu vou ser honesta. Eu queria estar com você. Eu não queria que fosse no bar, como as outras mulheres. É tão errado assim admitir? Que eu quero dormir com você?

Aí está, ela disse. Colocou para fora. Ela quase sentiu alívio. Ela pediria uma carona de volta para o bar para que pudesse pegar seu carro e ir para casa. Talvez Pauline estivesse certa.

Mas antes que ela pudesse piscar, Grizz agarrou a mão dela e começou a puxá-la em direção ao motel. Entraram no número sete e ele fechou a porta atrás deles.

Grizz acendeu a luz. Passou de breu puro para sombrio.

— Este é o seu quarto? — Rhonda perguntou quando olhou ao redor do espaço limpo, mas antigo.

— Não. Não é o meu quarto. — Grizz caminhou até um armário antigo e alcançou uma das gavetas. Ele tirou um preservativo e jogou-o na cama, em seguida, olhou para ela com naturalidade: — Você quer me dar uma razão para querer colocar aquilo?

Rhonda decidiu afastar os receios para tentar excitar Grizz. Não demorou muito tempo. Ela estava preocupada com isso porque como ele já tinha visto os seus seios, não haveria antecipação para ele lá. Mas isso não pareceu importar. Ela deu um suspiro de alívio quando ele obteve uma ereção

quase imediatamente. Seus olhos se arregalaram em descrença quando ela viu que Pauline estava certa sobre o tamanho dele. Hora de espalhar sua magia.

Mas, por mais que ela tentasse, não conseguiu fazê-lo beijá-la. Foi a coisa mais louca. Ela nunca pensou sobre o beijo de qualquer cara no passado, mas o fato de que Grizz parecia evitar propositadamente isso, incomodava-a.

Pouco tempo depois, ela estava debaixo das cobertas, de olhos fechados. Ele havia acabado, mas ainda dentro dela. Ela suspirou; esse tinha sido o sexo mais fantástico que já tinha experimentado. Até onde ela sabia, ela tinha chegado ainda mais longe do que Pauline. Isso não foi uma rapidinha inclinada sobre a mesa no escritório do The Red Crab. Ela não estava na cama dele, mas tinha conseguido colocá-lo em algum tipo de cama, pelo menos.

Ela começou a dizer alguma coisa quando ele se levantou e foi direto para o banheiro. Poucos minutos depois, ele saiu e se sentou na beirada da cama, puxando suas roupas de volta.

— Você sabe, Grizz. — Ela balbuciou. — Da próxima vez que fizermos amor, você não tem que usar uma dessas borrachas desagradáveis. Eu odeio essas coisas. Eu não sou como suas outras garotas. Você não vai pegar alguma coisa de mim.

Grizz não olhou para ela. Depois de colocar seu jeans e botas, ele levantou-se e puxou as calças para cima, então afivelou o cinto.

Ele lançou um olhar para ela. — Se você vai continuar a vir aqui frequentemente, você precisa inventar um nome. Eu não gosto que alguém venha para o motel usando seus nomes verdadeiros.

Frequentemente? É claro que ela estaria aqui frequentemente, agora que ela sabia que estava fazendo progressos. Ela sabia que, eventualmente, acharia o caminho para a sua cama pessoal. E, quanto ao beijo, ela só

precisava de um pouco de tempo.

— O que acha de Chicky? — ela ronronou. Ela não podia esperar para ver o olhar no rosto da Pauline a primeira vez que Grizz se referisse a ela pelo nome - o próprio nome que Pauline tinha sugerido tão sarcasticamente no mês passado. Isso colocaria Pauline e sua bunda gorda no lugar.

— Tudo bem. — Ele disse sem olhar para ela.

Ela se sentou e inclinou-se em direção a ele, dando-lhe um sorriso sonolento. — Você acha que pode me dar uma carona de volta para o bar? — Ela estendeu a mão para mover suavemente para cima e para baixo no braço dele. Era tão grande e musculoso e inteiramente coberto em tatuagens.

Ele se dirigiu para a porta. — Você pode dormir aqui esta noite se quiser. Peça a alguém para levá-la de volta na parte da manhã. Vou para a cama.

— Grizz, por que você não volta para cá? Você pode dormir aqui ao meu lado. — Disse ela, acariciando o local ao lado dela. — E quando acordar amanhã de manhã, podemos fazer amor outra vez e vai ser muito melhor sem o látex. Você é tão grande que não pode ser confortável para você, querido.

Sua mão estava na maçaneta da porta, mas ele parou e olhou para ela.

— Vamos esclarecer algumas coisas, Chicky. — O nome, quando ele usou, soou mais como um insulto do que uma provocação, e ela estremeceu. — Eu nunca vou te foder sem uma borracha. Eu nunca vou convidá-la ou qualquer outra mulher para a minha cama. E eu nunca vou fazer amor com você. Eu não faço amor com mulheres. Eu fodo. Simples assim. Não tente fazer disso algo mais.

E com isso, ele saiu pela porta, fechando-a atrás dele.

Capítulo 18

2000

Ginny pegou cuidadosamente sua pequena mala da prateleira de cima do armário que ela dividia com Tommy.

Ela pigarreou para si mesma enquanto pensou na preocupação de Tommy sobre ela ir à sua antiga casa. A que ela tinha compartilhado com Grizz por cinco anos. Ela tinha estado lá muitas vezes para visitar Carter. Tudo bem, talvez não fosse tão fácil no começo. Mas depois que ela estabeleceu em seu casamento feliz com Tommy, realmente não era difícil. Ela havia chegado ao ponto onde ela poderia ir sem se lembrar do pesadelo da prisão de Grizz. Desde que ela era uma criança, tinha um espírito muito forte, sempre capaz de bloquear algo desagradável.

Ela carregou a mala para a cama e colocou-a para baixo. Ela a abriu e foi para seu armário para pegar algumas coisas. Além disso, ela disse a si mesma, não eram as más recordações que ela tinha dificuldade de esquecer. Eram as boas.

Sua mente voltou para um momento em que ela tinha sido feliz. Muito feliz. Ela estava vivendo em sua nova casa com Grizz e não havia retornado para o motel uma vez sequer.

— Então Grizz, eu tenho, pelo menos quatro opções escolhidas para nós. — Ela tinha acabado de entrar no banheiro. Ele estava em pé na pia se barbeando. Ele deu a ela um olhar de soslaio.

— Quatro opções para quê, Kit? Do que você está falando?

— Os shows de verão. Lembra que você me disse que me levaria a um show? Você me prometeu, depois que eu fui para o Black Sabbath com você, que você iria a um que eu gostasse.

Ele bateu a navalha ao lado da pia e lançou um olhar de culpa. — Uh, sim. Acho que eu esqueci disso. Mas você gostou do Black Sabbath, certo? Você queria ir comigo?

— Sim, eu gosto deles, mas esse não era o acordo. Eles são o seu grupo, não meu. Eu fui para lhe fazer companhia. — Ela sorriu para ele no espelho, em seguida, colocou os braços ao redor da sua cintura por trás.

— E se sentar nos meus ombros por duas horas para que você pudesse ver todo o show não foi um pouco de privilégio para você?

Ela o soltou e foi sentar-se na borda da banheira. — Claro que foi um privilégio e eu nunca ouvi você reclamar sobre ter as minhas pernas em volta da sua cabeça antes.

Ele tinha acabado de lavar o rosto e estava pegando uma toalha quando começou a rir e olhou para ela. — Desculpe, Kitten, eu não me importo de ter você lá em cima, mas você estava de frente para o lado errado.

Ela pegou a toalha da sua mão e bateu nele. — Você sempre vira tudo para o lado do sexo.

— Foi você que mencionou ter suas pernas em volta da minha cabeça. — Ele puxou-a para perto. — Vamos voltar para a cama. Não temos que estar em qualquer lugar tão cedo. Vamos lá.

Ela ficou séria então. — Não. Eu tenho faculdade e eu quero chegar cedo para passar algum tempo com Carter. Tenho certeza de que não passou pela sua mente, mas ela disse que o cara que estava incomodando-a parece ter desaparecido ou encontrado outro alguém para perseguir. Ainda assim, eu sei que ela está preocupada.

Ginny tinha contado para o Grizz sobre um homem que estava causando algum sofrimento à sua amiga de faculdade. Carter tinha ido a um encontro com ele e quando ela ficou ocupada na semana seguinte, ele tinha tomado para o lado pessoal e começou a assediá-la. A gota d'água para Carter

foi quando ela encontrou um animal morto no banco do motorista do seu carro. O psicopata tinha realmente matado um guaxinim e arrombado para deixar para ela. Na verdade, elas nunca descobriram se ele matou de propósito ou atropelou acidentalmente e viu isso como uma oportunidade de mexer com Carter. Independentemente, isso levou-a a ir à polícia e conseguir uma ordem de restrição contra ele. Ginny achou que isso o tinha assustado afinal.

— Bom para Carson. — disse Grizz.

— Carter. — Ginny lhe deu uma cotovelada. — Pelo amor de Deus, você não pode sequer lembrar o nome dela!

Ele deu um meio sorriso e recostou-se contra a pia do banheiro. Cruzou os braços na frente dele e disse. — Tudo bem, vamos ouvir sua lista de shows. E é melhor não ter nenhum Bee Bees nela.

Ela balançou a cabeça e mordeu o lábio, exasperada. — São os Bee Gees, e acredite, eu sou mais esperta do que pedir-lhe para me levar para vê-los. Está bem, então, o primeiro é no final de maio. Blondie.

Ele balançou a cabeça negativamente.

Ela olhou para sua lista. — Tudo bem, há dois em junho. Podemos ver Boston, e você sabe o quanto eu os amo, ou nós podemos ver Styx.

— Não. Eu não quero vê-los. O que mais você tem?

— Journey vai tocar em julho. — Ela olhou para ele, esperançosa. — Eu sei que estes não são seus favoritos, mas eu os ouvi, e eu sei que você gosta deles um pouco.

— Continue, querida. Que tal a quinta opção? — ele apontou para o seu papel.

Ela olhou para a lista, então de volta para ele. — Eu não escrevi uma quinta opção. Não havia mais ninguém que eu queria ver.

Ele se inclinou sobre ela e apontou para o papel. — Claro que há.

Veja? Opção cinco.

— Grizz, não há nenhuma opção cinco. Pare de ser teimoso.

— Eu a vejo clara como o dia daqui e é a que eu quero.

Ela colocou a lista no balcão do banheiro e colocou as mãos nos quadris. — Está bem, vamos ouvi-la. Qual é a opção cinco? — ela sabia que ele ia recitar uma série das suas bandas favoritas.

— Opção cinco é aquela em que eu fico com um picador de gelo no meu olho em vez de ir a um dos seus shows.

Ela pegou o papel, amassou-o e jogou nele. — Você não é engraçado! E eu acho que o risco de certa cegueira e possível morte em vez de levar a sua esposa para um show está me dizendo algo, e eu não aprecio!

Ela começou a sair do banheiro, mas ele a pegou em seus braços e agarrou-a. Ela lutou para se libertar. — Solte-me. Você faz meu sangue ferver e eu odeio quando você faz isso de propósito. Eu disse para me soltar!

— Eu estou brincando com você, baby. — Ele disse, sua voz suave e gentil. — Vou levá-la para qualquer show que você quiser.

Ela se acalmou em seguida. — Qual é a pegadinha?

— Por que é que tem que ser uma pegadinha? — ele perguntou, inalando o cheiro dela quando aninhou no seu pescoço. Ele nunca parecia se cansar disso. Por uma questão de fato, ele sempre tinha a reação oposta, parecia querer mais e mais.

— Qual é a pegadinha? — ela perguntou de novo, um tom mais sério em sua voz.

— Eu apenas pensei que talvez você pudesse vir a uma das minhas reuniões. Várias Senhoras^[3] vão estar lá.

— Eu não sou uma Senhora.

— Você é minha Senhora e você sabe disso. Vamos lá, querida, você não vem comigo o suficiente.

— Eu odeio ir. Eu não me encaixo com as outras “Senhoras”. — Ela tinha soltado as mãos e fez o último comentário com aspas no ar.

— Todo mundo é legal com você.

Como se eles tivessem uma escolha. — Eu sei disso. É que isso - essa vida nunca foi certa para mim e você sabe disso. Eu pensei que me afastando do motel seria o fim de tudo para mim. Eu sei que você ainda tem que ir lá e ir para suas diferentes reuniões. Mas eu não.

Ela mordeu o lábio e olhou para ele. — Você realmente não vai a um show comigo se eu não for a uma reunião com você?

— Vou levá-la para o seu show. Eu realmente só precisava de um favor. Na verdade, Anthony precisa.

Ele soube o minuto em que ela percebeu o que ele estava pedindo. — Christy. Ele ainda não tem controle sobre Christy? — Ela soltou um suspiro. — Nós os vimos no ano passado. Ela parecia bem. Eles pareciam bem.

— Inferno, eu não sei. Talvez ela esteja mudando de ideia.

— Eu não vejo como eu posso mudar seu coração. Eles estão juntos por um tempo agora. Eu não posso imaginá-lo fazendo-a ficar.

— Exatamente, Kit. Ele não vai fazê-la ficar, mas algo está acontecendo, e ele tem medo que ela vá embora. Ele não sabe o que está acontecendo e quer que você fale com ela. Só isso. Veja se há algo que ela não está contando para ele.

Ginny se lembrou da reunião agora, quando ela jogou os itens finais em sua mala, e quando ela falou com Christy. E cara, havia algo mesmo. Mas Christy e Anthony seguiram em frente. Eles tinham um casamento feliz desde então, tiveram dois filhos e uma filha. Slade era o seu mais velho. Ele era três anos mais velho do que Mimi. O filho do meio, Christian, tinha a idade da Mimi. E sua menina, Daisy, era cinco anos mais jovem do que Jason. Tanto quanto Ginny sabia, eles tinham um casamento mais do que estável agora,

mas as coisas foram bem difíceis para eles na época.

Com uma sugestão de sorriso ela também se lembrou de como Grizz a levou para ver Boston.

E ela teve o melhor assento na casa.

Sua mala estava pronta. Era hora de descer.

Hora de dizer adeus a Tommy.

Capítulo 19

1973

Grizz estava deitado na cama do número sete, Willow em cima dele, quando Chowder bateu na porta e, simplesmente, entrou.

— Eu passei pelo número quatro e ouvi seu telefone tocar. — disse Chowder, mãos para cima em pedido de desculpas. — Eu finalmente entrei e atendi. Guido precisa falar com você.

Ele saiu do quarto e Grizz tirou Willow de cima dele. Se Guido estava ligando no motel, era por causa de Ginny.

Ele puxou a calça jeans para cima rapidamente, mas voltou para seu quarto calmamente e pegou o receptor de telefone que se encontrava no balcão da cozinha.

— O quê?

— Só pensei que você pode querer saber que há um carro da polícia estacionado na frente da casa ao lado. Dois policiais entraram.

— São os pais? Estão brigando ou algo assim?

— Não sei. Ainda não os ouvi ou qualquer coisa. Nunca pareceu ter este tipo de problema antes.

— Você acha que eles souberam dos negócios escusos da mãe?

— Não sei dizer, chefe. Tudo parece tranquilo. Eles não apareceram com sirenes ou com armas em punho ou qualquer coisa assim.

— Observe a casa. Ligue-me quando eles saírem.

— Pode deixar, Grizz.

Eles desligaram. Grizz ficou ao lado do telefone por um minuto, perdido em pensamentos. Ele sentiu braços apertarem ao redor da sua cintura por trás.

— Vamos voltar para o número sete, querido. Ou vamos para o seu quarto e terminar o que começamos. — Willow estava tentando desabotoar seu jeans.

Ele não podia pensar. Ele não conseguia se concentrar. Ele certamente não estava mais com vontade de ficar com Willow. Ele puxou-a bruscamente para encará-la.

— Dá o fora.

Ela fez beicinho. — Vamos lá, baby. Eu não sei o que o incomodou tanto, mas eu sei que eu posso tirar sua mente disso.

Ele olhou para ela por alguns segundos e cedeu. Ele agarrou-a pelos ombros e empurrou-a de joelhos na frente dele grosseiramente. Ela começou a protestar quando ele abriu todo o zíper do seu jeans, então forçou seu rosto entre suas pernas, mas algo em sua expressão a deteve.

Ele encostou-se ao balcão da cozinha e fechou os olhos, deixando acontecer. Quando ela terminou, Willow se levantou para inclinar-se para ele, esperando por um beijo, especialmente um beijo, ou qualquer tipo de gesto.

O que ela conseguiu foi uma afronta. — Agora você pode dar o fora.

Dez minutos depois, o telefone tocou. Ele ouviu Guido, desligou sem comentários e discou outro número.

— Sou eu. Houve uma chamada para um endereço na Southwest 23 Avenue. Policiais estavam lá cerca de vinte, talvez 30 minutos atrás. O que você sabe? — ele escutou enquanto a pessoa do outro lado da linha falava.

Ele desligou. Porra, cara. No que Ginny tinha se envolvido?

Dois meses se passaram. Tarde da noite, um pequeno grupo estava sentado em torno do poço. Era quase meia-noite e Grunt estava se preparando para entrar. Um carro chegou no motel e estacionou na frente das unidades. Antes que o proprietário tivesse desligado o motor, Grizz havia se levantado e começado a caminhar em direção ao carro.

Grunt conhecia o carro, também — era do vizinho de Ginny, Guido.

Grunt nunca se lembrava de um momento de Guido no motel. Por que ele estava aqui agora? Grunt levantou-se e seguiu Grizz de longe.

— Por que você está aqui? — Grizz exigiu, com os punhos cerrados.
— Ela está bem?

— Calma gigante, ela está... — antes que Guido pudesse terminar a frase, Grizz instintivamente agarrou-o pelo pescoço, sua ansiedade com a presença de Guido era evidente.

Então isso era sobre Ginny. Grunt sentiu uma pontada imediata de medo, mas ele rapidamente se firmou. Ele também sabia que não descobriria nada se Grizz continuasse a segurar Guido pela garganta.

— Grizz, solte-o. — Grunt disse calmamente — Deixe-o dizer o que está acontecendo.

Grizz o soltou tão rápido quanto o agarrou.

— Ela está bem. — Guido engoliu em seco. — Mas foi bom eu ter chegado até ela naquela hora.

Em seguida, ele explicou tudo: como ele estava sentado em sua varanda fumando um baseado quando um cara parou e estacionou parcialmente em seu gramado. Caminhou até a casa da Ginny e bateu na porta. Guido ficou chocado quando ela deixou-o entrar em casa. Ela era uma menina inteligente e ele sabia que seus pais não estavam lá. Algo não estava certo.

Guido caminhou até a frente da casa dela e olhou para dentro de uma das janelas que ladeavam a porta da frente. Boa coisa que ele fez. O cara estava com Ginny presa ao chão. Ele estava segurando as mãos dela sobre a cabeça com uma mão e estava usando a outra para tentar alternadamente cobrir a boca e desabotoar seu jeans. Guido tentou a maçaneta. Mas estava trancada. Aquele desgraçado deve ter trancado quando Ginny deixou-o

entrar. Foi quando Guido começou a bater na porta, ameaçando chamar a polícia. O homem saltou fora dela e saiu pelas portas de vidro deslizantes dos fundos.

Ginny levantou e correu para deixar Guido entrar. Ele começou a perseguir o cara para fora, pela porta dos fundos, mas parou quando notou a parede da cozinha que costumava ter um telefone montado nela. O cara deve tê-lo arrancado no seu caminho para fora. Guido falou para Ginny usar o telefone da sua casa para chamar a polícia. Foi quando eles ouviram o arranque do motor do caminhão e o cara decolar.

— Ela não saía de casa para chamar a polícia. — Guido estalou, mantendo uma distância segura do Grizz. — Continuava insistindo que ela tinha que esperar seus pais voltarem para casa. Então eu fui correndo para minha casa, liguei no Smitty's e disse para eles trazerem seus traseiros para casa. Eu tenho te ligado também. Achei que era importante o suficiente para que eu dirigisse até aqui.

— Eu quero saber quem é esse cara e eu quero saber antes do amanhecer. — Grizz rosnou.

— Já sei quem ele é. — respondeu Guido. — Johnny Tillman. Conhecia os pais da menina do Smitty's.

Grizz cerrou os olhos em concentração. Ele nunca tinha ouvido o nome antes.

— A polícia apareceu e fez um relatório?

Guido assentiu.

— Entre.

Guido e Grunt seguiram Grizz para o número quatro. Ele pegou o telefone e discou um número.

— Sou eu. Um relatório de assalto ou tentativa de estupro foi feito nas últimas horas. O que você sabe? — depois de alguns minutos Grizz disse: —

Você vai encontrá-lo e trazê-lo para mim. — Outra pausa. — Eu não me importo se alguém mais o pegar. Você, descubra a porra de uma maneira de intervir e pegá-lo. Você pode falar depois que ele fugiu. — Outra pausa. — Você está me questionando? Que diabos eu me preocupo com a sua reputação? Você vai encontrar esse bastardo e você vai ter certeza que ele seja entregue a mim. Eu te falo se meus rapazes o encontrarem primeiro.

Sem esperar por uma resposta, Grizz desligou.

Eles silenciosamente seguiram de volta para o poço. Havia cerca de cinco ou seis caras descansando em cadeiras de gramado frágeis em torno de um fogo morrendo. Estava ficando tarde e as pessoas estavam se preparando para ir para casa ou ficar em um dos quartos antigos. Uma loira gordinha estava sentada no colo de Blue e sussurrando algo em seu ouvido.

— Ouçam-me. — Grizz anunciou, sua voz alta na noite tranquila. — Há um homem lá fora que eu quero que me tragam. Guido irá falar como ele é e o que ele está dirigindo. — Ele acenou para Blue. — Blue irá organizá-los de modo que vocês cubram todas as ruas possíveis. Comecem com uma área de três quilômetros, começando no Smitty's na Davie Boulevard.

Blue pulou e a loira caiu no chão rindo.

Grizz olhou para a menina diretamente. — Tiny, seja útil para variar. Use o telefone do Chowder e faça algumas chamadas. Diga-lhes o que acabei de falar.

Sem esperar por uma resposta, ele virou-se e caminhou de volta para o motel, chamando por cima do ombro. — Ninguém volta para cá, a menos que o filho da puta esteja na garupa da moto de alguém.

Capítulo 20

1975, Sede da Federal Bureau of Investigation, Washington DC

O Diretor Especial Michael Spiro tinha acabado de desligar seu telefone quando sua secretária lhe chamou no interfone.

— Sim?

— Agente Pinelli está aqui para vê-lo, senhor.

Diretor Spiro suspirou e balançou a cabeça. — Mande-o entrar.

Ele deu uma longa tragada em seu cigarro e recostou-se na cadeira quando o agente entrou. Pinelli estava diante da sua escrivaninha, segurando uma pasta nas mãos, esperando.

— O que posso fazer por você, Pinelli?

Pinelli era o mais novo agente atribuído a ele. Ele era jovem, mas veio com altas referências. Spiro tinha ficado impressionado com as recomendações e pensado que a adição de um alguém novo poderia trazer algum alívio para os casos que lhes foram atribuídos.

Infelizmente, Pinelli não estava entendendo muito a complexidade das operações que eles lidavam. Ele não era capaz de manter seus sentimentos pessoais e emoções sob controle. Especialmente quando se tratava de lidar com uma operação em particular. Ele percebeu isso logo no início e imediatamente tirou-o desse caso. Ele rapidamente transferiu-o para uma operação legítima do FBI.

— Pensei que você pudesse querer saber isso, senhor. — disse Pinelli, jogando uma pasta de documentos na mesa do diretor. Ele sentou-se e esperou que Spiro pegasse a pasta.

— Eu não tenho tempo para ler um relatório. O que eu preciso saber?

— Ele está de volta. Só que desta vez, ele foi longe demais.

Spiro sabia exatamente a quem Pinelli estava se referindo.

— Ele sequestrou uma menina. — Pinelli continuou. — Bem, ele não fez isso por si mesmo. Ele colocou alguém para fazer isso.

— Eu sei. — Spiro respondeu calmamente. — Deixe isso e continue trabalhando no caso Giamanni.

— Mas, senhor, ela tem quinze anos. Ela só tem quinze anos! — Pinelli respondeu, a perplexidade evidente em seu tom.

— Eu sei quem ela é. Eu sei que ela tem quinze anos e eu estou lhe dizendo para esquecer. Que diabos você está fazendo olhando isso, afinal? Você não está chegando a

lugar algum com isso e você foi especificamente designado para outra operação. Eu posso te relatar por causa disso, Pinelli. Merda, eu posso conseguir que você seja despedido!

Pinelli ignorou a pergunta e a reprimenda. — Ele provavelmente a notou depois que comprou a casa ao lado da dela e colocou o cara lá. Eu a chequei. Não uma investigação de verdade. Nada notável sobre ela. Sem conexão com a gangue. A mãe e o padrasto são bêbados. Ela é uma estudante com nota A. Toma conta de bebês por dinheiro para as despesas. Tentou denunciar o pai de uma das crianças que estava cuidando. Ela parece ser uma boa garota. Eu só não sei por que...

Isso não era novidade para Spiro. Ele já havia feito uma verificação básica de fundo sobre a adolescente e sua família e ele tinha de concordar com Pinelli. Eles encontraram nada de especial e não sentiram necessidade de uma investigação mais aprofundada. Pinelli pulou quando Spiro bateu com força o punho sobre a mesa. — Eu lhe disse para deixar essa merda para lá e passar para o caso Giamanni. Você foi direcionado para fazer isso há três

meses. Por que você está desobedecendo a uma ordem direta, agente?

— Porque eu tenho uma irmã de quatorze anos de idade, senhor. — Pinelli endireitou-se na cadeira baixa. — E enquanto você pode ignorar os assassinatos e tendências a mutilação dele, isto está muito pessoal para mim. Ele tem que ser parado.

Pinelli não ia deixar isso para lá. Spiro tinha que jogar direito. Ele tomou uma respiração lenta, centrada e recostou-se na cadeira.

— Você sabe o quê? Eu acho que você pode estar certo sobre isso, Pinelli. — disse Spiro, balançando a cabeça como se concordasse. — Eu tenho uma filha e duas netas. Sim. Agora que penso nisso, você fez um bom trabalho aqui, agente. Vou começar alguns papéis. Volte para o caso Giamanni. Eu não quero que qualquer coisa que façamos esteja ligado a você. Entendeu?

Pinelli pareceu satisfeito. Sua postura mudou quando ele se levantou.

— Sim, senhor. — disse Pinelli. — E obrigado por ter tempo para ouvir a minha recomendação.

Ele estendeu a mão para o arquivo que ele tinha apresentado ao diretor. Antes que ele pudesse pegá-lo, Spiro agarrou-o e fingiu olhar para ele.

— Isso é tudo? Qualquer outra coisa em seus arquivos que eu vá precisar?

— Não senhor. Está tudo aí — Pinelli respondeu, apontando para a pasta.

— Bom trabalho, Pinelli.

— Obrigado Senhor.

Pinelli deixou o escritório.

Spiro olhou para o cigarro que tinha queimado sozinho no seu cinzeiro. Ele alcançou outro e acendeu-o, inalando profundamente. Ele pegou

o telefone e discou um número.

— Sou eu. Pinelli pode se tornar um problema. — Ele fez uma pausa enquanto escutava a outra pessoa ao telefone. Sem dizer mais nada, ele desligou.

Ele deu outra tragada no cigarro. Porra de criança estúpida. Tentando ser um herói.

Spiro encontrou um pouco de consolo no fato de que Pinelli não deixaria mulher e filho para trás.

O Diário de Moe, 1975

Querida Elizabeth,

Eu levei Kit às compras ontem. Não foi tão ruim. Ela realmente é uma garota legal. Eu acho que estou começando a ver por que Grizz parece amá-la. Ela é diferente das mulheres que ele está acostumado a ficar por perto. Ela se ofereceu para me comprar algumas roupas. Ninguém se ofereceu para me comprar algo desde que Grunt me ajudou a conseguir meu carro.

Parece que Grunt se esqueceu de mim. Eu pensei que fosse a faculdade, mas eu sei em meu coração que é ela. Acho que eu soube na noite que ele me pediu para guardar

sua carteira. Eu a tenho escondida no meu quarto. Eu não me importo que Grizz tenha me falado para queimá-la. Eu o odeio! Ela é boa demais para ele, de qualquer maneira.

Eu a levei para os correios. Esqueci-me sobre o cartaz estúpido de pessoas desaparecidas. Na época que meus pais acharam que eu fui vista, eles começaram a colocar os cartazes de novo, mas eu nunca poderia ir para casa. Eu não conseguiria ficar perto das minhas irmãs. Tenho certeza que

elas são lindas e têm tudo o que eu costumava ter. Incluindo as suas línguas.

Esqueci-me sobre aquele cartaz. Ele ficou coberto com outras coisas por um tempo. Eu sei que eles pararam de procurar por mim anos atrás. Da próxima vez que eu for lá, eu preciso arrancá-lo.

Eu vou comer espaguete com Kit e Chowder. Vou escrever mais tarde...

O jantar foi realmente bom, Elizabeth. Foi divertido. Eu estava rindo de Chowder. Ele não diz muito, mas quando o faz, é engraçado. Então Grizz voltou para casa. Ele sempre estraga tudo. Ele se sentou lá e comeu com a gente, e não pareceu tão divertido.

Eu estava certa sobre Grunt ter sentimentos por ela. Eu estava sentada no poço quando ele chegou em casa. Eu acho que ele tinha passado o dia com Sarah Jo na praia. Eu sei que eles são apenas amigos. Você acharia que uma vez que ambas nos importamos com Grunt, nós seríamos amigas também, mas Sarah Jo praticamente nunca vem aqui, e quando isso acontece ela certamente não tenta ser minha amiga. De qualquer forma, eu vi Grunt caminhar para a unidade quatro, e quando ele notou que a luz de fora estava desligada, o que significa que Grizz não quer companhia, ele se inclinou contra a porta como se estivesse tentando ouvir se algo estava acontecendo lá dentro.

Eu tenho um sentimento de que Grizz não dormiu com ela ainda, mas eu sei que ele vai hoje à noite. Depois que eu jantei com eles e voltei para o meu quarto, eu percebi mais tarde que estava sem petiscos para os cachorros. Quando voltei para o número quatro para pegar alguns eu ouvi uma música que não era o tipo de música do Grizz.

Eu sabia o que eles estavam fazendo e eu acho que Grunt ouviu e soube também.

— Você não vai acreditar nessa merda.

Spiro olhou para cima da sua mesa. Agente Marcus tinha entrado sem ser anunciado e fechou a porta atrás dele. A secretária dele deve estar longe da sua mesa, porque ela era muito boa em anunciar que alguém estava lá para vê-lo. Spiro beliscou a ponta do seu nariz. Ele estava com uma dor de cabeça insuportável.

— O que é, Marcus? — ele olhou resignado para o agente. — O que eu não vou acreditar?

Marcus se estatelou na frente de Spiro. — Ele se casou com ela. Ele se casou com ela, porra.

Isso fez Spiro sentar-se ereto. Ele sabia exatamente do que Marcus estava falando.

— Foi confirmado?

— Foi, senhor. Ele se casou com ela. Com seu nome falso, Rick O'Connell, é claro, e com o pseudônimo que ele criou para ela. — disse Marcus, seu tom incrédulo. — Ele fodeu tudo de verdade agora.

Spiro cerrou os olhos em concentração e olhou para o seu agente. — Não. Ele não fode tudo. Ele nunca fodeu. Deve haver uma razão.

— Talvez ele a ame.

— Ame-a? — Spiro disse quando se recostou na cadeira. — Ele não ama ninguém. Ele é o bastardo mais brutal que já cruzei. De jeito nenhum.

— Mas veja, senhor. Pegamos ele. Se ele a ama, podemos controlá-lo de novo. De volta para onde ele pertence.

— Não, tem que haver algo mais. Algo está faltando. Ele não faz nada sem uma razão; e eu posso malditamente te garantir que ele não se casou com ela por amor. Você tem certeza que não há mais nada sobre ela?

— Não há nada lá, senhor. Ela é apenas uma garota. Além de relatar algum incidente de abuso infantil, que não deu em nada por sinal - ela está limpa. Os pais são bêbados, mas limpos. Exceto a mãe que vende maconha em uma loja que ela trabalha.

— Ele poderia estar envolvido com isso e nós passamos batido?

— Não senhor. Coisas pequenas. Sem conexão. Nós o pegamos, senhor. Ele está vulnerável agora. Ele tem uma esposa para proteger. Sua bunda nos pertence. Como eu disse. Hora de controlar o traseiro dele.

— Ele não faz nada sem uma razão. — Spiro rangeu os dentes. — E você está esquecendo que ele deixou uma criança, que pode ou não pode nem ser dele, ser esfaqueada? Ele é um filho da puta de primeira classe que não se importa com ninguém além de si mesmo. Vamos observar isso por um tempo, até descobrir. E controlá-lo? — Spiro levantou uma sobrancelha. — Exatamente quem você acha que ele é? Esse filho da puta age há quase 20 anos e nunca conseguimos confirmar completamente a sua identidade.

— Eu estava apenas dizendo, Senhor...

— Você estava falando merda, é o que você estava fazendo. Vá fazer a porra do seu trabalho, agente, e deixe o seu entusiasmo de sexta série e suas especulações da porta para fora.

O agente saiu. A cabeça de Spiro estava realmente martelando agora. Esta operação especial estava em curso desde os anos cinquenta. Ele foi a segunda pessoa atribuída a este grupo de trabalho ultrassecreto. O último tinha se aposentado. Ele tinha uma sensação de que ele iria se aposentar também, antes que esta operação se concretizasse.

Claro, ninguém, incluindo sua secretária, conhecia o seu título real ou trabalho. Ninguém sabia que ele e seus agentes não trabalhavam para o FBI. Eles trabalhavam para o governo dos Estados Unidos, e enquanto Spiro agia como diretor para os outros agentes legítimos do FBI em sua equipe, ele

havia sido plantado no gabinete para gerenciar um caso e apenas um caso. Ele tinha dois agentes de escritório, que ele tinha que ocasionalmente atribuir casos reais de investigação para evitar ser notado e um operacional no campo. Um operacional que arriscava sua vida diariamente por causa dessa única atribuição.

Uma que nem ele mais tinha certeza.

Spiro sabia com certeza que este caso estava sendo supervisionado tanto quanto o Salão Oval. Ele não sabia por quê; ele só sabia o que estava designado para fazer.

E ele estava tendo dúvidas sobre Marcus agora. Muito excitado e indisciplinado. Este era um jogo de espera e ele sabia que matava seus agentes deixar este homem escapar com tanto. Mas eles precisavam. Suas mãos estavam amarradas graças a alguém no topo.

Se alguém precisava ser controlado agora, era o seu próprio agente.

Droga. Ele pegou o telefone e discou um número.

Este era o caso mais enigmático que ele já tinha sido atribuído e ele estava com medo que seria a morte dele.

Capítulo 21

2000

Momentos depois, Ginny estava de pé na entrada da cozinha deles.

— Pensei que você queria ler junto. — Ela disse, sem rodeios.

Tommy fechou o diário e deu um sorriso envergonhado. — Curioso.

— Alguma coisa interessante até agora?

Ele estava se preparando para contar para ela como Moe tinha escrito sobre o quanto ela odiava Grizz, o quão responsável ela se sentiu na noite em que Grunt foi esfaqueado por Monk. Ele estava tentando se lembrar se já tinha dito à Ginny como ele conseguiu aquela cicatriz. Às vezes ele não conseguia lembrar o que ele tinha dito a ela e o que não tinha. Era tudo um borrão. Mas antes que ele pudesse responder à sua pergunta, seu rosto mudou.

— Quer saber? — ela levantou a mão, sua expressão amarga. — Não responda a isso. Eu não quero.

Algo em Tommy estalou. Demorou muito para ele ficar com raiva, mas de repente ele não se conteve. Ele se levantou e bateu o diário sobre a mesa.

— O que mais há de novo? — ele perguntou, a voz cheia de atitude.

— O que isso quer dizer? — ela colocou a mala no chão, em seguida, caminhou para enfrentá-lo.

— Isso significa que você é a melhor pessoa que eu conheço para colocar a cabeça na areia e fingir que algo não existe. Você fez isso por dez anos com Grizz e você ainda está fazendo isso! — O rosto dele estava vermelho e as mãos estavam cerradas. — Se Ginny não sabe sobre o assunto ou se permite pensar sobre ele, então não aconteceu. Era o seu mecanismo de

enfrentamento. Era na época e é agora.

Ele não queria fazer isso, não queria ser mau com ela, mas caramba! Sua paciência acabou. Sim, ele admitiu para si. Sim, todos esses anos atrás, ele tinha feito um plano. O plano perfeito. Lembrou-se do dia em que ele percebeu que não teria que atraí-la para longe, afinal. Grizz faria isso, a afastaria com a sua crueldade. Lembrou-se de comparar sua busca pelo amor de Ginny a um jogo de xadrez. Ele superaria Grizz com a inteligência.

O único problema com o plano que ele arquitetou, era que na verdade, machucava-o mais vê-la sofrendo. Então ele a protegeu de certas coisas que Grizz fez. Isso ia contra tudo o que ele tinha começado a fazer, mas ele a amava muito, ele não podia suportar vê-la sofrer.

Ele era um tolo.

— Como você se atreve. — Seus olhos brilharam e sua voz ficou mais calma. Tranquilamente mortal. — Como se atreve a me acusar de colocar minha cabeça na areia? Você é filho do Grizz! Você é irmão da Mimi! Você não acha que isso seria importante o suficiente para me dizer? Você não acha que eu merecia saber que me casei com o próprio filho do meu ex-marido?

— Por quê? — Tommy queria bater em alguma coisa. Qualquer coisa. — Por que eu diria a você, Gin? Seria apenas outra coisa que você não ia querer saber.

— Realmente, o que mais há, Tommy? O que mais eu não quero saber? Pelo amor de Deus, eu morava no motel. Eu sabia o que ele fazia. Eu fui embora depois que Chico fez aquele cara matar aquelas crianças. Você é aquele que me convenceu a voltar. Lembra-se daquilo? Você se lembra do dia em que você me encontrou e me falou para voltar?

— Sim, Ginny. Eu lembro.

Capítulo 22

1976

Grunt recostou a cabeça contra a parede e suspirou. Ele estava sentado em sua cama tentando se concentrar em seu dever de casa, mas não conseguia.

Ele fechou os olhos e imediatamente a viu. Kit. Ela estava rindo de alguma coisa que ele disse durante uma das suas muitas lições de xadrez. Eles costumavam ter as aulas, mas agora eles eram apenas parceiros, realmente. Ela era inteligente e neste ponto quase podia vencê-lo. Ele tinha pensado mais de uma vez sobre deixá-la ganhar, mas esse não era o jeito de Kit. A menina teria que vencê-lo de forma justa e direita. Talvez um dia ela vencesse.

Agora que ele pensava sobre isso, ele não poderia chamá-la de menina. Ela vivia com o grupo desde que foi sequestrada no ano passado e era casada com seu líder. Ela estava agora com dezesseis anos e tinha experimentado mais no ano passado do que algumas mulheres adultas experimentariam na vida.

Não, Kit definitivamente não era mais uma menina. Ela era uma mulher. E ela era a mulher pela qual Grunt se apaixonou há muito tempo.

Mesmo antes de vir para o motel.

Ao longo dos anos, ele tinha acompanhado Grizz para manter um olho sobre a jovem, na época, chamada Gwinny, mais tarde, apenas Ginny. Às vezes, era ele que sugeria que eles passassem pela casa dela, para verificar as coisas. Grizz não parecia ter um problema de levá-lo junto. Talvez as pessoas suspeitassem menos de um homem que tivesse uma criança com ele. Ele tinha certeza de que eles supunham que ele era o filho de Grizz.

Não importava. Ele sempre ansiava pelas vezes que conseguiria vê-la. Ele não se lembrava do momento exato em que se tornou amor. Havia demasiadas vezes para contar com que frequência ele tinha a observado fazer algo que derreteu seu coração.

Lembrou-se da sua primeira noite no motel. Foi em maio passado. Ele não sabia, então, que Grizz a traria para cá. Ele secretamente esperava que talvez Grizz se afastasse e a deixasse encontrar seu próprio destino. Se fosse esse o caso, Grunt estava certo que poderia inserir-se na sua vida.

Ele tinha imaginado isso mil vezes. Encontrá-la casualmente em algum lugar. Jogar conversa fora. Fazê-la rir. Ele até pensou em se matricular na sua escola, mas aquela farsa seria muito difícil de manter. Especialmente porque ele já estava na faculdade e não tinha dúvida de que Grizz não teria permitido isso. Ele riu para si mesmo com a memória. Pessoas apaixonadas estão dispostas a fazer coisas desesperadas.

Ele nunca tinha imaginado que Grizz estivesse se apaixonando por ela também. Ele sabia sobre a obsessão, mas de alguma forma ele acreditou na história, acreditou que Grizz estava realmente cuidando da menina. Um favor a um velho amigo, ele disse. Talvez Grunt estivesse simplesmente ocupado demais envolvendo-se nas suas próprias fantasias de uma vida com ela. Um futuro.

Infelizmente, enquanto Grizz estivesse por perto, nenhum outro homem jamais teria uma chance com Kit, muito menos um futuro.

Sua primeira noite no motel ficou marcada na sua memória. Ele estava recostado em uma cadeira de gramado, olhando para o fogo. Willow e Chicky estavam discutindo sobre algo. Monster saiu da sua moto. Ele percebeu que havia uma mulher na garupa.

Ele tem certeza que ofegou quando notou que era ela e Monster estava trazendo-a para o poço. Que porra é essa?

Ele meio que ouviu quando Willow começou a discutir com Monster sobre o “presente de agradecimento”. Mentira. Grunt sabia muito bem. Ginny - Kit, como ela se chamava agora - tinha apenas quinze anos e provavelmente, estava morrendo de medo.

Mas se ela estava com medo, certamente não demonstrou. Ele viu quando ela calmamente observou a conversa entre Willow e Monster. Ele sabia que ela não tinha notado Grizz quando ele caminhou para o lado dela. Qual seria a sua reação? Ele se perguntou, observando-a quando ela notou Grizz pela primeira vez e seus olhos se moveram lentamente pelo seu corpo, até que chegou no seu rosto. Ela não demonstrou nenhuma emoção que ele pudesse detectar. E quando Willow se lançou sobre ela e Grizz interveio, a menina sequer vacilou.

Ele não podia acreditar o quão corajosa ela foi naquela noite. A fogueira morrendo lançava um brilho quase angelical em seu rosto. O rosto que ele amava há um longo tempo.

E agora, ela estava aqui.

E ela pertencia a Grizz.

Ele observou naquela noite quando Moe a levou ao número quatro. Ele apenas ouviu metade do que Grizz disse à gangue sobre nunca discutirem a respeito dela. Eles não olhariam para ela, fariam com ela ou a abordariam no motel. Nunca. Ele então assistiu Grizz virar e ir para dentro.

Foi apenas alguns minutos antes de Moe sair. Ela caminhou em direção ao poço, de cabeça baixa. Grunt pulou quando a viu, gentilmente a pegou pelo braço e levou-a para a sua unidade. Ele ouviu algumas risadas do poço. Quem se importa? Deixe-os pensar o que quiserem.

— Ela está bem? — perguntou uma vez que eles estavam lá dentro.
— Ela estava chorando ou algo assim?

Moe olhou para ele com uma expressão estranha em seu rosto e

acenou com a cabeça. Merda. Que pergunta ela estava respondendo? Ele pegou um pedaço de papel do caderno e um lápis, entregando-os a Moe.

— Vamos começar de novo. Ela está bem?

Moe acenou que sim.

— Por favor, não me faça perguntar, Moe. Apenas me diga o que está acontecendo dentro do número quatro.

Moe escreveu: — Parece bem. Não chora. Não tem medo dele.

Ele estava aliviado. — Bom. O que mais?

Moe recuperou algo do seu bolso. Era uma carteira. Ela colocou-a sobre a cama e escreveu algo no papel. — Tenho que queimá-la.

Ele olhou para ela sem dizer nada por quase um minuto inteiro. — Você fica com ela? Você esconde-a? Você vai fazer isso por mim, Moe?

Ela assentiu com a cabeça novamente.

Ele pegou o papel que ela estava escrevendo e amassou. Ele o levaria para o poço e lançaria ao fogo.

Ele deixou Moe de pé em seu quarto. Ignorou os assobios e vaias lascivas relativas ao tempo dele e Moe juntos. Babacas.

Se ele tivesse gastado pelo menos um momento para parar e olhar para trás, para Moe, antes dele sair do quarto, ele teria visto uma expressão no rosto dela que ele nunca tinha visto antes. O olhar de uma mulher que amava alguém que nunca poderia ser dela. Moe tinha a aparência de uma mulher que tinha acabado de perceber que o homem que amava estava apaixonado por outra pessoa.

Era um olhar de desespero.

Grunt foi sacudido de volta ao presente por uma comoção alta do lado de fora. Ele se levantou e foi até a janela. Balançou a cabeça enquanto observava a cena. Típico. Parecia que alguns caras tinham atraído um jovem casal para o motel e estavam atormentando-os. Grizz mandou os cães ficarem

quietos, mas estava ignorando o que estava acontecendo a poucos passos dele. Ele estava conversando com Chico, que provavelmente estava combinando algum tipo de entrega. Não importava. Fosse o que fosse, certamente era ilegal.

Naquele momento, Grunt notou um movimento à esquerda. Kit. Ela estava caminhando propositadamente em direção ao Grizz. Ela disse algo a ele, que Grunt não pôde ouvir. Grizz respondeu a ela, mas aparentemente, não a satisfez porque ela não foi embora. Ele viu o aceno do Grizz para Chico, e Chico disse algo a um dos outros caras.

Grunt a viu estremecer quando o casal foi executado. Ela se virou e começou a voltar para o número quatro. Ele podia ver seu rosto claramente. Ela estava chateada, mas tentando controlar.

Bom. Isto funcionaria a favor dele. Ele não teria que elaborar um plano para afastar Kit do Grizz. A crueldade de Grizz iria afastá-la. Ele esperaria.

Ele precisava de um tempo, de qualquer maneira. Ele se formaria na faculdade. Faria algo de si e conseguiria oferecer-lhe uma vida longe deste bando de criminosos. Isso levaria apenas algum tempo.

Ele tinha tempo. Ele deixaria Grizz continuar a mostrar-lhe o bastardo que ele realmente era.

Xadrez era o jogo de Grunt, e ele era o melhor. Isto não era xadrez, mas seria o jogo mais sério que ele já tinha jogado em sua vida. Cada movimento teria que ser cuidadosamente calculado.

Ele sorriu quando observou Grizz caminhar em direção ao número quatro. O jogo estava rolando e Grunt ainda não perdeu nenhum.

Lembrou-se de como ele tinha quase estragado tudo no ano anterior. Foi a noite que ele levou Kit para o jantar de Ação de Graças do Blue e Jan. Ele fodeu tudo e contou como se sentia sobre ela. Houve uma pausa na

conversa deles e ele rapidamente se lembrou que precisava ser paciente. Ter um relacionamento com ela então, teria sido impossível. Ele tinha que continuar seguindo o conselho de Sarah Jo, que tinha lhe dito para esperar e era isso que ele estava fazendo. Ele não tinha um plano na época, mas ele realmente não precisaria de um, de qualquer forma. Ele apenas se certificaria de que Grizz parecesse sempre um rato bastardo na frente de Kit. Ela ia ver as coisas horríveis que Grizz fazia e Grunt se certificaria de estar lá para confortá-la.

Ele estava tão perdido em pensamentos que não percebeu que Kit tinha acabado de passar direto pela sua janela. Ela não o tinha visto, porque ela estava olhando para frente, como se estivesse em uma missão.

Grunt observou-a caminhar ao redor da lateral do motel. Talvez ela estivesse se preparando para correr, talvez queimar algumas calorias. Ela tinha sua bolsa com ela, no entanto. Ela não precisaria de sua bolsa para correr ao redor do motel.

Um minuto depois, viu o Trans-Am emergir do lado direito do motel e sair conforme ela acelerou-o na entrada da State Road 84. O que ela estava fazendo? Ela não deveria ir a lugar nenhum sozinha.

Não havia nenhuma maneira de Grizz saber sobre sua saída. Ele havia dado regras rígidas de condução para ela quando a presenteou com um carro novo no seu décimo sexto aniversário. Ela estava, sem dúvida, desafiando uma ordem direta. O cérebro de Grunt entrou em movimento. Ela ia para a polícia? Ela ia dar uma volta para se acalmar? Ela procuraria Sarah Jo? Ela tinha acabado de ver algo horrível. O que uma garota como ela faria depois de ver duas pessoas serem assassinadas? Ele deveria ir atrás dela?

Ainda não. Ele respirou calmamente quando ficou claro para ele. Ele não tinha necessidade de ir atrás dela. Sim. Ele sabia exatamente onde ela estava indo. Ele queria ver como Grizz reagiria quando percebesse que ela o

tinha deixado. Ele esperaria.

Por outro lado, Grizz tinha deixado Kit de pé na pequena sala de estar depois que ela o confrontou sobre o que aquele cara do Chico fez com o casal que tinha sido atraído para o motel.

— Eu vou tomar um banho. — Ele gritou por cima do ombro enquanto se dirigia para o banheiro.

Ele tirou suas roupas e entrou, deixando a água quente mergulhar em seus ombros enquanto fechou os olhos e pensou em Kit. Pensou sobre o que ela tinha acabado de ver. Droga. Por que ele não pensou antes de acenar para o Chico? Ele não pensou sobre isso, porque ele não se importava. Não com aquele casal, de qualquer maneira.

Kit era a única coisa que importava, e ele não pensou muito adiante para prever como Chico responderia ao seu aceno para “cuidar disso”. Ele nunca teve que se preocupar com isso antes. O pior de tudo, ele não soube como respondê-la quando ela o confrontou. Ele era um bastardo frio, sem coração. Ele não estava acostumado a se importar com o que alguém pensava.

Mas ele se importava com o que Kit pensava. Ele ia falar com ela. Ele seria amável, mais delicado. Talvez ele devesse levá-la embora do motel. Estabelecê-la em outro lugar. Ele pensaria sobre isso.

Ele saiu do chuveiro e se secou. Após envolver a toalha em torno de si, ele dirigiu-se para a pequena sala de estar, onde a tinha deixado dez minutos mais cedo.

Mas ela não estava lá. Ele espiou pela cortina. Ela não estava no poço e não estava correndo ao redor do estacionamento como era seu hábito.

Ela provavelmente foi encontrar Grunt. Ele iria se vestir e ir buscá-la.

Ele deixou o número quatro e notou que Grunt estava em uma das cadeiras de gramado no poço com as pernas esticadas. Talvez ele tivesse deixado Kit em seu quarto para ouvir discos ou algo assim. Mesmo que ela tivesse seu próprio aparelho de som, ela só devia estar com raiva o suficiente de Grizz para se trancar no quarto de Grunt e ignorá-lo. Não teria sido a primeira vez que ela ficou longe. Ele sorriu quando se lembrou do quão louca ela ficou quando ele lhe deu um carro novo no seu aniversário, como ela tinha ficado longe dele por alguns dias, quando ele se recusou a deixá-la dirigir por aí junto com Sarah Jo.

Ele a adorava. Ele não queria que ela se machucasse pelas coisas que via no motel, e ocorreu-lhe que ele não tinha realmente feito um bom trabalho protegendo-a deste estilo de vida. O que ele disse a ela mais cedo? Se você não gosta do que acontece lá fora, então, fique dentro.

Ele era um bastardo. Ela não era uma típica “Senhora” e nunca seria. E sinceramente, é o que ele gostava nela. Não. Isso não estava inteiramente correto. É isso que ele amava sobre ela. Ele sabia que podia ter evitado que ela visse as execuções mais cedo naquele dia, mas mesmo depois de um ano no motel, ele ainda não estava acostumado a tê-la por perto. Ele não estava acostumado a se importar tanto.

Ele bateu na porta de Grunt uma vez antes de abrir. Mas estava vazio. Ele ficou surpreso que ela não estivesse lá.

Sua boca ainda estava aberta para dizer algo quando outro pensamento lhe ocorreu. Enviando uma onda de calor pela sua espinha.

De jeito nenhum. Ela não sairia. Ela não o desafiaria.

Ele encontrou-se caminhando rapidamente para o lado do escritório do motel. Ele estava se preparando para entrar em uma corrida quando Chicky saiu de uma das unidades. Ele quase a derrubou. Ela estava falando

com ele, mas ele não a ouviu. Ele estava do outro lado do escritório agora e parou de repente.

O carro de Kit tinha desaparecido.

Grunt assistiu do poço. Ele viu Grizz passar pela Chicky tão rapidamente que quase a derrubou. Ele só tinha visto Grizz perder a calma uma vez, e foi na noite em que Guido veio para o motel para dizer-lhes que Johnny Tillman havia tentado estuprar Ginny. Grunt sabia pelo caminhar do Grizz que ele estava mais do que um pouco chateado. Talvez até mesmo em pânico. Grunt sabia que seria pior quando Grizz descobrisse que o carro de Kit tinha sumido.

Ele esperou.

Uma fração de segundo depois, Grizz veio rapidamente pela lateral do escritório. Ele chegou até o poço; apenas Grunt e algumas outras pessoas ficaram. Chico e seus homens já tinham saído.

— Você viu Kit sair? — Grizz olhou para os rostos, incluindo o de Grunt. Todo mundo balançou a cabeça negativamente, inclusive Grunt.

Grunt não se conteve. — Sair? Por que Kit sairia?

Grizz não respondeu. Seu maxilar ficou tenso e seus punhos estavam cerrados enquanto seus braços balançavam ao seu lado. Ele estava tentando controlar suas emoções.

— Todo mundo na estrada. Encontrem-na.

— O que devemos fazer quando a encontrarmos? — perguntou Monster. — Você quer que nós a tragamos de volta? Eu não sei se conseguiremos recuperá-la sem chamar atenção, sabe?

— Não, não cheguem perto dela. — O rosto de Grizz estava sombrio. — Avisem-me de um telefone público e esperem. Eu ligo para vocês e vocês podem me dizer onde a viram pela última vez.

— Devemos ir à leste ou à oeste, em direção a Alley? — perguntou

outra pessoa.

Esta pergunta pegou Grizz de surpresa. Não lhe ocorrera que Kit poderia dirigir para Alley. Mas por que ela iria? Ela não conhecia ninguém lá. Kit não tinha nenhum amigo que ele soubesse na pequena igreja que a levava cada semana. Mas ele nunca entrou com ela, assim como ele saberia?

Só para ter certeza, Grizz ligaria para o seu amigo, Anthony, e o faria colocar um dos seus caras na saída da Alligator Alley.

— O que diabos vocês estão esperando? Vão! Agora! — ele gritou.

Os homens que ainda estavam sentados saltaram em atenção e todo mundo começou a ir para suas motos.

— Vou pegar o meu carro. — Grunt disse quando passou casualmente por Grizz.

Sim, ele sabia exatamente onde ela estava e se Grizz se importasse metade do que ele, saberia também.

Capítulo 23

1950, Fort Lauderdale, Florida

Fazia quatro dias desde que aquele bastardo podre havia ido com tudo o que ele possuía.

De alguma forma, ele foi para o centro da cidade, tinha dormido atrás de empresas e comido de lixeiras. Ele havia quebrado a cabeça tentando descobrir como sobreviveria apenas com as roupas do corpo. Era grande para sua idade e podia tentar conseguir um emprego, mas não era provável que fosse contratado com a sua aparência e cheirando daquele jeito. Ele só precisava descobrir uma maneira de colocar suas mãos em algum dinheiro para que pudesse se manter limpo e ter uma refeição decente. Talvez então pudesse pensar com mais clareza.

Ele pensou em roubar o dinheiro. Ele poderia assaltar alguém ou até mesmo invadir um negócio à noite e assaltar a registradora, mas percebeu que o medo de ser pego e ser ligado ao desaparecimento da sua família o assustava mais do que ficar com fome. Ele ficou com fome antes e descobriria como lidar com isso.

Ele estava andando na calçada e olhando para baixo quando colidiu com alguém.

— Filho da puta estúpido. Por que você não olha para onde vai, você é estúpido?

Ele percebeu que tinha batido em um velho que estava carregando seus pacotes para fora da estação dos correios. Ele estava tentando conseguir se equilibrar e ainda xingando quando o menino estendeu a mão e o levantou.

— Desculpe, Senhor. Não vi você. Eu posso ajudá-lo a levar suas coisas para o seu carro?

— Sim. — O velho tirou o pó das suas calças e apontou para um carro. — Aquele é o meu.

Ele viu quando o garoto pegou os pacotes que caíram sem esforço e facilmente caminhou até seu carro. Ele andou mancando e abriu o porta-malas. O menino colocou as caixas no porta-malas e fechou.

— Qualquer outra coisa que eu possa fazer por você, senhor?

Só então, o velho sentiu o cheiro dele. — Puta merda, você fede, garoto. Seus pais não o deixam tomar banho? Talvez você devesse saltar em uma fonte ou algo assim.

O menino não disse nada, apenas olhou para o chão.

— Qual é a sua história, garoto? — perguntou o velho com um brilho suspeito nos olhos.

— Nenhuma história. Estou apenas procurando um trabalho para ajudar a minha família. — O menino olhou para cima e encontrou o olhar do velho.

O velho ficou assustado com os olhos verdes brilhantes do garoto. Eram olhos inteligentes e o velho sabia que eles tinham um segredo.

Ele sabia porque ele tinha seus próprios segredos.

Dois meses antes: The Glades Motel

O velho tinha acabado de sair do quarto sete. Ele teve um hóspede no motel naquela semana e eles tinham acabado de sair. Ele não tinha nenhum empregado, por isso foi até o quarto para limpar. Ele não tinha que fazer isso. Tinha outros quartos que estavam limpos, mas se considerava um pouco minucioso e ter um quarto sujo o incomodava.

Ele não recebia muitos visitantes aqui. Ele tinha feito uma decisão ruim de negócios naquele ano por causa do conselho de um amigo que disse que uma estrada chegaria para ligar as duas costas da Flórida. Seu amigo lhe dissera que ter o primeiro motel por lá faria uma fortuna. O que o tornou um velho solitário e amargo que tinha desperdiçado sua vida e poupança esperando por uma estrada que não tinha sido construída ainda. Quando recebia um hóspede, era geralmente alguém que tinha se perdido no meio da noite e alugaria um quarto com a intenção de começar de novo de manhã.

Ele estava de costas para a porta e estava ocupado aspirando quando uma voz o assustou. Ele virou e percebeu um homem muito bem vestido com uma valise em uma mão e uma grande mala na outra.

— Eu vi o sinal de que há vaga. Posso alugar um quarto?

O velho não tinha ouvido o carro estacionar por causa do aspirador.

— Sim, claro. Este acabou de ficar pronto. Quanto tempo vai ficar?
— perguntou ao seu novo hóspede.

— Não sei ainda. Existe algum lugar por aqui para conseguir comida?
— perguntou o homem elegantemente vestido.

O velho falou para ele que o restaurante mais próximo era um quilômetro de distância de ida e volta, na direção da praia. Ele rapidamente acrescentou: — Eu tenho muita comida, no entanto. Eu ficaria feliz em compartilhar minhas refeições com você. Está com fome agora? Posso conseguir um sanduíche. Estava me preparando para fazer um para mim logo que terminasse aqui.

Ele olhou para o homem esperançoso. Havia perdido mais de um visitante por causa do afastamento do seu motel. Tinha aprendido a oferecer uma refeição caseira como uma forma de impedi-los de sair para procurar um lugar mais conveniente para ficar.

Realmente não se importava. Ele tinha que se alimentar de qualquer

maneira. Estava ficando velho, embora, e era mais difícil fazer uma refeição um pouco mais extravagante para um convidado do que ele faria apenas para si. Com esperança, esse cara não se importaria com um sanduíche e uma cerveja.

Verdade seja dita, o velho realmente não precisava de hóspedes. Ele não tinha nenhuma dívida e suas despesas eram mínimas. Ele tinha apenas o suficiente guardado para ajudar a pagar as contas quando os hóspedes eram poucos e distantes entre si.

— Claro. Um sanduíche parece bom. — O homem disse a ele.

O velho levou o aspirador de pó para o corredor e disse ao novo hóspede para ficar confortável.

— Eu vou trazer algumas toalhas limpas e um pouco de comida. Você pode vir assinar o registro mais tarde.

— Você pode me trazer as toalhas agora? Eu poderia tomar um banho e vou encontrá-lo para que possa me registrar e pegar o sanduíche.

Ele já havia entregado as toalhas e estava agora fazendo um sanduíche para o seu novo hóspede. O cara parecia agradável. Ele esperava que ele ficasse mais de uma noite, mas era duvidoso. Eles tiveram uma conversa rápida quando levou as toalhas. Ele era um vendedor de seguros e passava a maior parte dos seus dias na estrada. Tinha uma esposa e duas filhas. Ele não passava muito tempo com eles, porque o seu trabalho o mantinha na estrada, mas quanto mais seguro ele vendia, maiores eram suas comissões.

Ele decidiu surpreender seu hóspede com uma cerveja gelada e o sanduíche esperando por ele quando saísse do chuveiro. Ele pegou seu molho de chaves mestras e fez o seu caminho até o corredor. Ele bateu na porta e quando não houve resposta, imaginou que seu hóspede ainda devia estar no banheiro. Bom.

Entrou no quarto e colocou a comida e a cerveja em cima da cômoda.

Ele começou a sair quando a grande mala na cama chamou sua atenção. Era uma daquelas malas grandes que um soldado usaria, feita de um material do tipo lona de bronze, com um longo zíper no meio. O que quer que estivesse nela estava estufando a mala como se estivesse lotada. Ele não sabia por que, mas parecia uma bagagem estranha para que fosse de um vendedor de seguros.

Sua curiosidade foi maior que ele e encontrou-se abrindo a mala. Seus olhos se arregalaram quando percebeu o que estava lá dentro.

Ela estava cheia até a borda com pilhas bem arrumadas de dinheiro enfileiradas. Uma arma estava deitada em cima.

— Você não deveria ter voltado aqui.

O velho estremeceu quando percebeu que seu hóspede tinha saído do banheiro. Ele estava de pé na porta, segurando uma toalha na cintura com uma mão. O vapor do banheiro flutuou lentamente para o ar e acrescentou um efeito quase sinistro à cena.

— O que você fez? Roubou um banco?

— Você devia se preocupar com o seu próprio negócio, velho. — Ele deixou cair a toalha e fez uma investida rápida em direção à mala. Ele estava indo para a sua arma.

Com reflexos que ele nem sabia que tinha, o velho pegou a arma, apontou e disparou.

Levou uma eternidade para carregar o corpo e todos os pertences pessoais do seu hóspede para dentro do carro do homem. Ele era velho e tinha sido um fumante inveterado desde que tinha dez anos. A tarefa era desencorajadora e a única coisa que o levou a terminar, foi o medo de outro hóspede aparecer e pegá-lo. Isso provavelmente não era um medo real, mas com a sua sorte, seria um monte de policiais perdidos no caminho para uma convenção.

Ele dirigiu o carro o mais longe no pântano quanto ele sabia que podia ir e voltar com segurança. Mesmo depois da viagem ele ainda estava sem fôlego de todo o trabalho e se permitiu recuperar o fôlego enquanto observava o carro afundar lentamente. Ele levaria a arma com ele de volta para o motel. Ele precisaria no caso de se deparar com algum crocodilo.

Enquanto ele caminhava de volta, tentaria descobrir o que fazer com todo aquele dinheiro.

Uma coisa ele sabia com certeza. Ele não podia gastá-lo por um tempo. Ele não sabia se alguém viria procurar esse cara. Ele esconderia o dinheiro e se daria algum tempo para fazer um plano.

— Eu posso dar-lhe um emprego, mas fico no meio do nada. Você tem uma carona? — perguntou o velho ao garoto enquanto estavam fora do carro.

— Não. Mas eu posso conseguir uma.

— Você não vai conseguir pegar uma carona para o meu lugar. Ninguém vai para lá. Desculpe. — Ele começou a caminhar em direção ao lado do motorista do carro para entrar.

O menino o seguiu. — Talvez eu possa ficar com você. Eu não preciso dormir na sua casa ou qualquer coisa. Eu posso acampar no seu quintal, se estiver tudo bem. Eu vou trabalhar muito para você.

O velho olhou para ele com cautela. Esse garoto não tinha uma família. Ele provavelmente era um fugitivo.

— Você está com problemas com a lei? Alguém está te procurando?

— Não, senhor. Apenas passando por um momento ruim. Sem família, e eu provavelmente não tenho que lhe dizer que os orfanatos são

piores do que viver na rua.

— Então, você é um mentiroso. — O velho acrescentou, sem maldade. — Você me disse que precisava de um emprego para ajudar a sua família.

Ele não esperava que o garoto fosse responder. A verdade era que ele não dava a mínima. E uma ajuda poderia realmente ser útil no motel. Ele estava ficando velho e mesmo que raramente tivesse hóspedes, ainda havia um monte de manutenção. No ritmo que ele estava indo, morreria antes que pudesse gastar todo aquele dinheiro. Ele poderia usar algum músculo para cuidar dos trabalhos de merda como fazer a jardinagem, reparos, mesmo a piscina. Inferno, talvez o garoto soubesse até cozinhar.

Ele não deu ao menino uma chance de responder a sua última acusação. — Você tem um nome?

O menino olhou para o chão.

— Como eu deveria te chamar? Rapaz?

A cabeça do garoto levantou e seus olhos verdes estavam frios. — Você pode me chamar de qualquer coisa, exceto rapaz, senhor. Não me chame de rapaz.

— Bem, Ralph funciona para você? Posso te chamar de Ralph?

— Ralph vai servir, senhor.

— E eu não atendo por senhor. Você pode me chamar de Pop. Agora entre no carro e abaixe a porra da janela. Você cheira como um cachorro morto que foi deixado no sol por uma semana.

Capítulo 24

1976

Grunt estava certo.

Ele colocou o carro no estacionamento da igreja e parou ao lado do carro dela. Era o único outro carro lá. Ela estava correndo um grande risco aqui, vindo à sua antiga igreja. Ela, inconscientemente, queria ser encontrada? Ela queria encontrar a freira que estava tentando fazer as autoridades procurarem por ela?

Grunt calmamente entrou nas portas destrancadas. A igreja era enorme e impressionante. O cheiro de incenso queimava suas narinas. As luzes eram fracas, mas não tanto que não conseguisse distinguir uma figura solitária na fileira da frente. Ele poderia dizer que ela estava ajoelhada. Sua cabeça estava levantada. Ela estava olhando para cima. Ele olhou para cima também e viu uma cruz enorme sobre o que assumiu ser o altar. Um homem estava pregado na cruz. Este seria o Jesus da Kit. Ele o chamava assim porque não tinha certeza se ele poderia ser seu Jesus também. Mas Ele definitivamente era da Kit.

Kit tinha tentado explicar os conceitos básicos do cristianismo para Grunt. Ele gostava de ouvi-la e ficou realmente muito fascinado com algumas das histórias da Bíblia que ela contou. Mas ele não conseguia entender como funcionava. E ele definitivamente não podia entender como poderia funcionar para ele. Não, ele ouviria as histórias dela, respeitaria as suas crenças, mas ele não podia ver como alguém como ele podia ser amado incondicionalmente pelo homem pendurado na cruz.

No entanto, se ele fosse honesto, teria que admitir que admirava, talvez até mesmo invejava a sua fé.

Ele mal notou os belos vitrais que ladeavam cada lado da igreja quando fez o seu caminho em silêncio até o longo corredor onde Kit estava ajoelhada. Ele tinha chegado a ela agora e estava se preparando para dizer algo quando, sem se virar, ela perguntou: — Você se sentará aqui comigo?

Ele ficou chocado. Como ela sabia que ele estava lá? Ela virou-se em seguida e olhou para ele, enquanto ela sentou-se no banco. Ele deslizou ao lado dela.

— Eu vi duas pessoas serem assassinadas hoje. — Ela sussurrou. — Eu não sei para onde ir a partir daqui. Eu não sei o que fazer. Diga-me o que fazer, Grunt. Por favor.

— O que Ele diz para você fazer? — Grunt acenou com a cabeça na direção da cruz.

— Ele não está me dizendo nada. Ou se está, eu não estou escutando. Ou... — ela fez uma pausa, balançou a cabeça. — Talvez eu não queira ouvir. Estou tão devastada. Grizz é tão bom para mim. Eu deveria entregá-lo? Entregar todo mundo, possivelmente causar danos ao Vince e Delia? Ou devo ficar e tentar fazer a diferença?

Grunt pensou sobre isso com cuidado. Ela não podia voltar para casa sem chamar a polícia. Ela estava desaparecida há quase um ano. As pessoas que a conheciam ficariam curiosas. Se ela dissesse que tinha fugido, eles perguntariam onde ela estava todo esse tempo. Kit nunca mentiria sobre isso. Pelo menos não de forma convincente. Então, se ela fosse para casa, ela teria que denunciar Grizz e sua gangue para a polícia.

Grunt sabia que estava sendo egoísta, mas isso bagunçaria muita coisa para ele. Agora Blue estava pagando pelos seus cursos da faculdade com o dinheiro que ganhava das suas atividades na gangue. O dinheiro que ganhava do Grizz. Se Grunt pensava em fazer uma vida para si e Kit no futuro, ele precisaria de uma educação. Isso seria interrompido. E diabos, ele tinha

apenas dezessete anos. Ele podia até mesmo ser colocado de volta em um orfanato, mas o mais provável é que ele iria para um centro de detenção juvenil. Sem dizer quando seria capaz de voltar à ativa.

Não. Ele teria que convencê-la a voltar para Grizz.

Seu estômago virou. Por mais que ele odiasse a ideia de ela estar com Grizz, ele sabia que sua motivação era puramente egoísta neste momento.

— Eu não sei se ele pode evitar ser quem ele é, Kit. — Ele disse a ela suavemente. — Eu sei que você é a única coisa boa na vida dele. A única coisa pura. Ele mantém você perto porque é a única luz para ele. Você pode ver isso?

Grunt foi falando por experiência própria. Kit era sua única luz também.

— Mas eu não posso ver o que eu vejo, Grunt. Eu não posso ser fiel comigo mesma, com o meu Deus, e viver cada dia como se o que ele faz é bom ou aceitável.

— Quem disse que você tem que pensar que o que ele faz é bom ou aceitável? Você não tem que aprovar ou justificar o seu comportamento. Talvez você ainda possa fazê-lo mudar os seus caminhos.

Grunt praticamente ofegou com sua última declaração. A última coisa que queria fazer era encorajar Kit a mudar o jeito do Grizz. Não, ele estava apostando no fato de que Grizz não mudaria, que Kit acabaria por virar as costas para ele. Se ele pudesse só concluir seus estudos, conseguir um emprego, sair do motel - ser autossuficiente.

Mas ele precisava de mais tempo.

— Volte. — Ele sussurrou. — Volte, Kit. Talvez você possa fazer a diferença.

— Então você acha que o meu lugar é ao lado de Grizz? — ela estava olhando para ele agora, seus olhos escuros ilegíveis.

Isso o pegou de surpresa. Ele não quis dizer isso. O lugar dela era ao lado dele.

Mas ele não tinha que responder. Ela se levantou e estendeu a mão para ele. Ele tomou sua mão suave na sua e se levantou com ela.

Enquanto caminhavam pelo corredor e para fora da igreja, ele fez um voto silencioso que um dia, ela andaria por este corredor, aceitando os próprios votos dela. Como sua esposa. Ele faria isso acontecer.

Quando eles estavam na área do lobby, que Grunt aprenderia depois que chamava vestíbulo, ela parou e olhou para ele mais uma vez.

— Ele vai ficar louco pensando que você me levou de volta. Você acha que talvez eu devesse simplesmente voltar ao motel sozinha? Talvez dizer-lhe que eu estava apenas dirigindo por aí para me acalmar?

Grunt assentiu. — Sim, isso soa como um plano. — Ele sorriu calorosamente para ela, que só olhou para ele com aqueles grandes olhos castanhos. Ele queria tanto beijá-la, mas apenas iria confundi-la. E, além disso, ele estava acostumado a esperar.

— Eu vou voltar daqui a um tempo. — Ele disse a ela. — Você sabe, fingir que ainda estou à sua procura. Vou ligar ou mandar uma mensagem ao Grizz em uma hora. Vou verificar. Ver se você chegou lá.

Ele piscou para ela e ela lhe deu um sorriso que derreteu o seu coração.

Grunt acompanhou-a até o carro dela e observou-a sair do estacionamento. Então ele voltou para a igreja, foi até uma pequena mesa contra uma das paredes do vestíbulo. A mesa estava preenchida com todos os tipos de panfletos e livros.

Não foi isso que chamou sua atenção, no entanto. Era algo que tinha notado quando ele estava levando Kit para fora.

Ele estendeu a mão para o quadro de avisos que estava pendurado

acima da mesa. Seu rosto sorridente e grandes olhos castanhos estavam olhando diretamente para ele. Ele arrancou o cartaz do quadro de avisos, enfiou-o no bolso e deixou a igreja.

Kit não tentou lutar com suas emoções em sua viagem de volta para o motel. Ela não se permitiria pensar que ela ia voltar para um homem que fazia as coisas que Grizz fazia.

Uma coisa que ela sabia. Ele ficaria louco.

Ele iria machucá-la ou puni-la por sair?

Ela ergueu o queixo em um pequeno ato de autodesafio. Se ele colocar a mão em mim, eu vou conhecer sua verdadeira natureza. Eu sei que nunca poderia ficar com um homem que abusasse de mim. Um ato de violência contra mim, e vou embora.

E então, antes que ela pudesse parar o pensamento: Eu espero que ele não fique bravo. Eu quero ficar com ele.

Vinte minutos depois, Kit estacionou no motel. Havia apenas quatro motos na frente. Ela sabia que três pertenciam a Grizz e uma pertencia a Grunt. Todo o pessoal tinha saído.

Onde está todo mundo? Ela estacionou o carro, saiu e foi atirando sua bolsa por cima do ombro quando Grizz dobrou a esquina. Ele deve tê-la visto pela estrada da janela do seu escritório. Ele provavelmente estava observando da sua janela. Ele agora caminhava na direção dela.

Ela começou a caminhar resolutamente em direção a ele. Ela abriu a boca para dizer algo. — Grizz, eu... — mas foi imediatamente presa em um abraço de urso que quase a esmagou.

Seu rosto pressionou no topo da sua cabeça, ele estava inalando sua essência e falando rapidamente: — Kit, você está de volta. Você está em

casa. Aonde você foi? Por que você me deixou?

Antes que ela pudesse responder, ele recuou e colocou as duas mãos em seus ombros. Ele olhou para o seu rosto virado para cima. — Eu não posso acreditar que você me deixou, porra. Você conhece as regras. Você não pode dirigir para qualquer lugar sozinha. Qualquer lugar!

— Você vai me bater? Punir-me? — sua voz estava calma, como se pertencesse à outra pessoa.

— Kit, eu estou chateado que você me deixou e eu sei que tenho feito algumas coisas terríveis para as pessoas. — Ele fez uma pausa. — Eu provavelmente vou continuar fazendo coisas horríveis.

Ela se encolheu.

— Mas. — Acrescentou. — Eu nunca, nunca, nunca vou colocar a mão em você.

— Eu vi você bater em Willow. Lembra quando você bateu nela e seu dente caiu?

Mais uma vez ele puxou-a para seu peito, se abaixou para enterrar o rosto em seu pescoço.

Ele sussurrou: — Eu nunca fui apaixonado pela Willow.

Capítulo 25

1950, Fort Lauderdale, Florida

Ele só estava trabalhando e vivendo no motel há algumas semanas, quando aquilo aconteceu.

Ele trabalhava arduamente para Pop, achando que talvez fosse ganhar o respeito do velho, mas isso não era verdade. Pop era como todo mundo. Ele não era um cara legal tentando ajudar uma criança. Colocava-o para trabalhar quase mais do que seu pai. Pelo menos ele não recebia os espancamentos. Pop era velho demais para isso.

Pop morava em um quarto que era maior do que os outros. Não era apenas um quarto com banheiro, parecia mais um pequeno apartamento. Ele falou para o Ralph que ele podia dormir no sofá na pequena sala de estar. Ainda bem que ele não lhe deu seu próprio quarto. Mais de uma vez, o menino pegou Pop dormindo na sua cama com um cigarro pendurado na boca. Era um milagre que ele já não tivesse queimado todo o lugar.

Ralph fazia tudo ao redor do motel. Ele só teve que limpar dois ou três quartos desde que chegou, mas ele cuidava dos jardins e da piscina, além disso cozinhava. Ele até lavava a roupa. Pop tinha o levado para uma viagem recente em Fort Lauderdale. Eles pegaram as correspondências na estação do correio e foram para um escritório na prefeitura pagar a fatura fiscal anual. Ele foi com ele para pagar a conta de água e energia elétrica com um ano de antecedência. Pop não precisava de Ralph com ele para fazer essas coisas, mas ele realmente gostava que o garoto carregasse todas as cervejas e os mantimentos para que ele pudesse se abastecer e fazer viagens menos frequentes para a cidade.

Naquela noite, eles ficaram sentados no número quatro. Pop tomou

cerveja demais. Ele estava relembrando sua própria família.

Ralph nunca havia perguntado se ele tinha uma família.

— Ele tinha os olhos verdes como os seus. — Pop disse-lhe em voz arrastada.

Ralph olhou para ele e percebeu que Pop estava bêbado. Ele estava sentado em uma cadeira estofada. Eles estavam assistindo alguns programas de TV. Estava passando o *The Honeymooners*; era um dos favoritos do velho homem. Ralph Kramden era o personagem principal. Acho que foi onde Pop arrumou o seu novo nome. Saliva estava se formando nos cantos da boca de Pop enquanto ele se esforçava para ser ouvido sobre o volume da televisão.

— Eu não sei quantos anos você tem, mas eu acho que o meu menino poderia ter a sua idade. Talvez mais velho que você. Quantos anos você tem?

Ralph apenas olhou e não respondeu.

— Não olhe para mim assim. O quê? Você acha que eu estou velho demais para ter um filho da sua idade? Você acha que meu pau parou de funcionar ou algo assim? — Pop perguntou quando sua cabeça começou a pender para um lado. Ele estava lutando para mantê-la na posição vertical.

— Onde ele está? — o garoto perguntou-lhe.

— Sua mãe foi embora com ele uns dez anos atrás. Não conseguiu aguentar ficar aqui esperando por uma rodovia que nunca vai ser construída. Ela era jovem, de qualquer maneira. Pegou sua bunda traidora e meu filho e fugiu com um bêbado que se fazia passar por um marinheiro. Não vi ou ouvi falar de qualquer um deles desde então. Não tinha dinheiro suficiente para rastreá-los. Gastei tudo com este lugar. — Ele fez um gesto com a mão direita, que estava segurando um cigarro. Cinzas flutuaram no ar.

— Estou sozinho desde então. Pare de olhar para mim com esses olhos diabólicos. Pare de olhar para mim, porra!

— Você está aqui sozinho desde essa época?

Ele estava começando a entender o porquê de Pop ser tão duro. Ele tinha perdido alguém importante para ele também. Ruthie. É isso que a perda faz com uma pessoa? Transforma-os em velhos tristes, malvados e bêbados? Ele sabia que Pop podia ser legal. Ele foi legal com as poucas pessoas que ficaram aqui.

Mas aquilo era uma encenação. Ele tratava Ralph como um escravo. Ralph não ia reclamar, no entanto. Ele era acostumado com trabalho duro, e além disso, ele estava se alimentando.

Pop distraidamente acenou com a outra mão para uma pequena mesa.

— Eu não estava completamente sozinho. Tinha meus bebês.

Ralph olhou para as fotos. Sim. Os bebês do Pop. Ele tinha visto as fotos, mas nunca perguntou. Duas fotos separadas, cada uma em sua própria moldura. Dois pastores alemães.

Ele começou a perguntar os nomes para o Pop, mas o velho já tinha adormecido. Ele pegou seu próprio cobertor que estava usando no sofá, colocou-o delicadamente sobre o velho. Em seguida, ele removeu o cigarro pendurado na mão direita de Pop e apagou-o no cinzeiro.

Todos tinham seus demônios.

Aquela noite não foi discutida novamente e Ralph continuou a trabalhar duro para Pop. Um dia ele decidiu que talvez devesse ir um pouco mais além do terreno do motel, caçar alguma coisa. Ele tinha um estilingue caseiro e sabia que poderia fazer uma sopa de tartaruga decente se pudesse encontrar uma.

Ele saiu naquela manhã, imaginando que poderia terminar sua caça enquanto ainda estivesse fresco. Ele havia deixado Pop sentado em sua cadeira e fez o seu caminho para o pântano, andando bem além do que era considerado o gramado do motel. Ele parou de repente quando se deparou com três sepulturas. Um arrepio percorreu a sua espinha.

Cada sepultura tinha uma lápide de tamanho decente feita de rocha natural, com um nome e um ano pintado à mão. Jack. Sandy. Benny.

Ele acabou de encontrar a família do Pop? Ele nunca perguntou os nomes deles, e havia três sepulturas aqui. Não duas. Uma parecia mais recente do que as outras. Ele começou a voltar quando ouviu o estalo de um galho.

— Que porra você está fazendo bisbilhotando aqui fora?

Ralph se virou, um olhar assustado no rosto. Ele estava encarando um assassino que tinha matado a sua família? Havia uma esposa e dois filhos? Sua mente estava cambaleando com possibilidades.

Ele queria lançar acusações, mas em vez disso ouviu-se dizer: — Estava caçando tartarugas. Imaginei que daria um bom ensopado para hoje à noite. Minha madrastra costumava fazer. — Ele fez uma pausa, em seguida e olhou para Pop. — Você enterrou sua família aqui fora?

Ele não sabia o que Pop diria, mas não esperava o que veio a seguir.

Pop começou a rir muito e deu um tapa no joelho. — Minha família? Você acha que eu matei a minha mulher e filho e enterrei-os aqui fora? Que tipo de rato bastardo nojento enterra seus entes queridos em uma cova caseira no meio do nada e joga uma rocha em cima como uma lápide?

Ele não percebeu o menino endurecer com seu último comentário.

— São meus bebês. — Pop continuou. — Embora eles mereçam mais do que isso. Jack foi o meu primeiro. Então veio Sandy. — Ele fez uma pausa, em seguida, olhou para o terceiro túmulo e encontrou os olhos do menino. — Esse é Benny. Ele morreu logo antes de você vir para cá. Nunca cheguei a tirar uma foto dele. Comprei uma moldura para combinar com as outras e tudo, mas nunca cheguei a usá-la. Muito ruim. Ele era o mais bonito dos três. Tinha algo de lobo nele.

Ele bateu no ombro do Ralph e começou a rir de novo, mas se

transformou em acessos de tosse. Seguir Ralph tão longe foi muito exercício para ele.

— Enterrar minha família no pântano. Você tem uma boa imaginação, garoto. Então me diga, vou gostar de sopa de tartaruga?

Menos de uma semana depois, Ralph estava dormindo no sofá. Ele tinha sono leve e sabia que Pop tinha ido para a cama bêbado naquela noite. Isso estava se tornando mais frequente e ele realmente precisava certificar que o velho não queimaria todo o lugar com o seu cigarro. Ele estava dormindo quando os murmúrios do velho o acordou.

— Vem cá, filho. Venha, deixe-me abraçá-lo como eu costumava fazer.

Pobre coitado. Ele estava se lembrando do seu filho. Ralph se perguntou quantos anos o menino tinha quando a esposa de Pop o levou. Ele começou a levantar-se para levá-lo de volta para seu quarto quando percebeu que Pop estava em cima dele.

Antes de perceber o que estava acontecendo, Pop estendeu a mão direita e agarrou-o pelos cabelos.

— Apenas um beijo. Você só precisa beijá-lo uma vez, tudo bem? Você vai fazer isso para o papai, não vai?

Que porra é essa?

Ele percebeu que Pop estava usando sua mão direita para puxar a cabeça de Ralph na direção dele. Estava escuro, mas não tão escuro que ele não pudesse ver o contorno da ereção do velho apontada para ele.

Ele tentou se afastar, mas o aperto de Pop em seu cabelo era forte. Ele era um filho da puta forte.

Com toda a sua força, ele estendeu a mão e acertou o velho homem direto no estômago. Pop caiu para trás e aterrisou com força contra o televisor e o suporte frágil caiu. Houve um estrondo.

Ralph levantou-se e acendeu a luz.

Ele não podia acreditar no que estava vendo. Teria sido um pouco cômico se não fosse tão terrível.

Um homem velho nu, estendido no chão com uma televisão cobrindo o rosto e peito.

Ele soube imediatamente que tinha o matado.

Ele levantou a pesada TV de cima do Pop, olhou em seus olhos abertos. Seus ombros caíram sob o peso do que tinha acontecido.

Ele não tinha a intenção de matar o Pop.

— Fugiu com um marinheiro bêbado? É por isso que sua esposa deixou você? Ela fugiu porque você estava machucando o seu filho. Seu velho estúpido.

Ele esfregou os olhos. Era o meio da noite e ele estava muito cansado para lidar com isso.

— Eu vou enterrá-lo amanhã com seus cães.

Ele agarrou a manta do sofá e atirou-a sobre o corpo do Pop. Ele, então, caminhou de volta para o quarto e deitou na cama. Ele estava cansado de dormir no sofá.

Na manhã seguinte, ele começou cedo para evitar o calor escaldante do dia. Ele arrastou o corpo do Pop, envolvido no cobertor, todo o caminho para onde ele tinha encontrado os túmulos dos cachorros. Ele estendeu a mão e pegou a pá que tinha escondido no cobertor com Pop para não ter que carregá-la.

Ele tinha acabado de começar a cavar quando parou e inclinou a pá contra uma árvore. Ele precisava mijar primeiro.

Ele estava de costas para corpo rígido do Pop e apontando seu fluxo de urina para um monte de formigas quando um rosnado estranho chamou sua atenção. Ele se virou e cambaleou para trás. Ele ainda estava mijando e a

urina voou para o ar quando ele caiu de bunda no chão, boquiaberto.

Ali, diante dos seus olhos, nem dois metros de distância dele, dois crocodilos estavam lutando pelo corpo do Pop. Ele começou a ir rápido para trás, enquanto observava. Era a coisa mais horrível que já tinha testemunhado, eles rasgando a carne cinza do Pop, arrancando pedaços de carne enquanto faziam cabo de guerra com o corpo.

Depois de decidir que havia o suficiente para compartilhar, ambos voltaram para o pântano, levando o corpo com eles. A última coisa que ele lembrava de ter visto foram os olhos arregalados de Pop e olhando para ele quando um crocodilo mordeu sua cabeça antes de afundar da superfície.

Bile subiu do seu estômago, queimando sua garganta. Ele relutantemente engoliu enquanto tentava recuperar o fôlego.

Ele estava tão paralisado de medo que não podia se mover.

Ele nunca tinha considerado os crocodilos quando saía para caçar tartaruga. E ele definitivamente não tinha pensado sobre eles quando arrastou Pop aqui para enterrá-lo.

Ele sentiu enjoo, mas sabia que não vomitaria. Ele conseguiu se levantar e fechar suas calças.

Ele pegou a pá e o que sobrou do cobertor esfarrapado e com um olhar cauteloso, voltou para o motel. Ele tinha trabalho a fazer.

Capítulo 26

1976

Grizz mandou um bip para o pager do Blue, que por sua vez ligou e soube que Kit estava de volta. Eventualmente, motos começaram a chegar e as pessoas começaram a tomar seus lugares habituais em torno do poço.

Kit estava na janela da sua unidade e observava. Mesmo depois de divagar com uma lista de perguntas depois que ela voltou, Grizz nunca esperou que ela respondesse. Ele sabia por que ela tinha saído. Ele já tinha admitido que ele era uma pessoa horrível, que fazia coisas terríveis e não tinha intenção de parar.

Talvez Grunt estivesse errado. Talvez ela não fosse capaz de convencer Grizz a parar com as suas atividades criminosas. Ela não pensaria nisso agora. Ela não deixaria um amanhã desconhecido interferir no hoje.

O carro de Grunt entrou, vindo da rodovia e se dirigiu para o estacionamento do escritório. Ele tinha alguém com ele. *Quem ele traria aqui?* Ela se conteve antes que se permitisse sequer considerar que poderia ter tido um lampejo de ciúme. Então ela riu quando lembrou de como ela ficou com ciúmes da Sarah Jo, como aquilo tinha acabado.

Ela deixou a janela e foi vasculhar a geladeira para fazer algo para o jantar quando ouviu a porta da sua unidade abrir.

— Grunt achou que você talvez pudesse precisar de uma amiga. — Ela ouviu a voz da menina.

— Ah, Jo. — Ela gritou, enquanto corria para a sua amiga e se jogava em seus braços abertos.

Kit e Sarah Jo conversaram enquanto faziam o jantar. Todos os medos e inseguranças de Kit sobre estar com Grizz saíram. Era a primeira vez que

ela realmente tinha se aberto com Sarah Jo, desde que a amizade delas começou no inverno anterior. Agora fazia quase um ano que Grizz a tinha trazido para o motel e ela era próxima da Jo há mais ou menos cinco meses.

— Kit, se eu vou ser honesta com você, a verdade é que eu não sei se eu gosto do Grizz. Ele é assustador.

Kit parou de cortar as cebolas e olhou para Jo. O fato de que sua melhor amiga não gostava do seu marido a pegou de surpresa. — Ele já fez alguma coisa para você?

— Não, não. — Jo respondeu rapidamente. — Claro que ele não fez nada para mim. Mas eu não sou uma idiota. Eu sei o que ele faz com as outras pessoas. Acho que eu só estou com medo por você. Sabe, seus pais eram uma vergonha, mas você não era exposta a qualquer coisa como o que você tem visto morando aqui. Alguma vez você já pensou em apenas ir para casa?

Ginny não queria responder a pergunta, então ela ignorou. — Não tenha medo por mim, Jo. Grizz nunca me machucaria ou deixaria que alguém me machucasse.

— Está bem. Eu acredito nisso, mas ele não pode protegê-la de tudo. E ele não pode lhe dar uma vida normal. Você realmente quer ficar com um homem cuja única forma de renda é uma atividade ilegal?

Kit olhou para Jo interrogativamente. Ambas sabiam que o pai de Sarah Jo, Fess, era pago por Grizz. Fess era um professor e nunca participou das verdadeiras atividades da gangue, mas ele era responsável pela manutenção da lista de informantes de Grizz. O trabalho era importante o suficiente para render-lhe uma propina decente de Grizz.

— Não, eu não quero ficar com esse homem, mas eu quero ficar com Grizz.

— Eu acho que realmente é uma merda, então, que eles sejam a

mesma pessoa.

Jo tinha acabado de terminar com a caçarola, agora assando no forno. Ela se sentou no sofá, casualmente folheando uma revista, enquanto Kit fazia uma sobremesa caseira para mais tarde. Ela lembrou de logo quando Kit foi trazida para o motel, quando a conheceu.

Grunt tinha aparecido na escola de Jo naquele dia, uma sexta-feira à tarde, há quase um ano. Em maio de 1975. Ela estava indo em direção a seu ônibus quando ouviu uma buzina. Levantando a mão para proteger o sol brilhante da tarde, ela percebeu um flash de azul. O que Grunt estava fazendo aqui? Ela rapidamente mudou de direção, e em vez de pegar o seu ônibus, foi pelo estacionamento na frente da escola. A vaga final onde Grunt estava estacionado era visível da área do ponto de ônibus.

— Ei, o que traz você aqui na escola? — Jo tinha casualmente perguntado, em seguida, veio um flash de medo. — Meu pai?

Grunt tinha a alcançado e dado um abraço rápido e amigável. — Não, não, nada com Fess. Eu só preciso conversar, Jo.

Ela deu um passo para trás então, olhando para o rosto dele. — Qual o problema? Você está bem?

— Não. Eu não estou bem. — Depois de uma pausa. — Grizz levou Ginny para o motel na noite passada.

— Ah, não! — ele segurou a porta do passageiro aberta para ela, bateu-a e deu a volta para o lado do motorista. Ele entrou e ligou o motor barulhento.

— Por quê? Por que Grizz a levou para o motel? — Jo sabia que Grizz mantinha um olho sobre Ginny há um longo tempo. Ela sabia sobre os passeios ocasionais de Grunt com Grizz, quando iam ver como ela estava. Ela sabia que, depois de obter a sua licença, Grunt a tinha visto algumas vezes por conta própria, sem Grizz. Ela tinha ouvido histórias sobre Ginny pelos

últimos anos.

Ela também sabia que Grunt era totalmente obcecado por Ginny. Ginny era tudo o que ele falava.

— Ele a levou para lá por você? Como uma coisa de gangue? Como, você sabe, para dá-la para você?

— Não. — A voz de Grunt foi inexpressiva quando ele saiu do estacionamento. — Ele a levou para ele.

— Para ele? — Sarah Jo sentou-se ereta e olhou para ele. — Por que ele a quer? Ela não é da minha idade?

— Sim, ela é da sua idade. Acho que ele simplesmente sentiu que ela devia ficar com ele. — Ele bateu com o punho contra o volante. — Jo, isso me pegou desprevenido. Eu ainda não descobri suas intenções. Eu só não sei o que fazer.

Jo ficou em silêncio por um minuto. — Grunt, não faça nada. Você tem que esperar e ver aonde ele vai com isso. Você não pode tomar a decisão de agir até que você saiba o que ele está fazendo.

— Sim, bem, você conhece o Grizz. Não é como se ele anunciasse suas intenções ou pedisse permissão a alguém para fazer o que diabos ele quer. Isso me surpreendeu totalmente.

— Hmmmm. Não consigo imaginar Willow muito feliz com isso.

Grunt deu uma risada curta. — Você está certa sobre isso. Ela estava realmente chateada. Mas isso não importa. Grizz não se importa com o que qualquer um pensa, especialmente Willow. — Ele ficou em silêncio por um minuto. — Mas eu me preocupo com isso, sabe? Eu não quero que Willow machuque Ginny ou algo do tipo. Eu vou matá-la se ela chegar perto dela.

— Grizz vai deixar Willow machucá-la? — Jo franziu a testa.

— Não, eu acho que não. Ele praticamente quase a matou sufocada, quando ela se lançou para cima da Ginny na noite passada.

— Então ele se importa. — disse Sarah Jo calmamente.

Isso era novo. Além de certificar que Blue desse dinheiro para cobrir a mensalidade da faculdade de Grunt, Sarah Jo nunca tinha ouvido uma história sobre Grizz que indicasse que ele tinha um coração. Querendo ou não, ele ter uma alma ainda era discutível.

— Sim, ele se importa. Mas eu não sei se isso é bom para mim ou não.

— Espere, Grunt. Dê-lhe algum tempo. Fique de olho nela, sem deixar que ninguém saiba o que está fazendo. Não deve ser muito difícil. Você tem feito isso por anos de qualquer maneira.

Isso foi exatamente o que Grunt fez. Ele ficou em segundo plano. Mas nem sempre foi fácil.

Agora, observando Kit fazer a sobremesa caseira, Sarah Jo lembrou-se da noite que Grunt ligou para ela com um pedido estranho. Fazia mais de um mês que sua amiga tinha sido trazida para o motel. Depois que foi dado o seu nome de gangue. Kit.

A voz de Grunt era fria. — Jo, eu preciso de você no motel. Eu preciso que Kit pense que você é minha namorada.

— Por quê?

— Grizz acha que ela está passando muito tempo comigo.

— Ela está?

— Sim. — Grunt tinha suspirado através da linha telefônica. — Mas apenas na última semana ou algo assim. Ela me procura para jogar xadrez e ouvir discos. E antes que você diga qualquer coisa, eu sei que estou errado em incentivá-la, mas eu não consigo evitar. Eu quero ficar com ela, Jo.

— Você nunca ficará com ela se Grizz suspeitar que você tem sentimentos, Grunt. É melhor você descobrir uma maneira de fazê-lo pensar que você não se importa. E se Grizz achar que Kit está a fim de você, é

melhor fazê-lo pensar que você não poderia se importar menos.

Na manhã seguinte Fess deixou Jo no motel. Ela bateu na porta do Grunt e entrou sem esperar por um convite. Ele estava sentado em sua cama, com a cabeça entre as mãos.

— Grizz me disse ontem à noite que eu poderia tirá-la do motel durante o dia. Ele deixou claro que ela poderia estar se apaixonando por mim e que era para eu colocar um fim nisso.

Sarah Jo pôs seu capacete sobre a cômoda e se sentou ao lado dele. Ele começou a contar um pouco sobre a noite que Kit perdeu a virgindade. Ela não disse nada no começo. Finalmente ela tinha ouvido o suficiente.

— Eu não posso acreditar que Grizz deixou você ser o primeiro dela!
— Jo caminhou pelo quarto. — Eu simplesmente não posso acreditar! Como no mundo você o convenceu a deixá-lo fazer isso? Quer dizer, eu sei que ser irmão do Blue oferece-lhe alguma forma de proteção. Mas você me disse como ele é protetor em relação a ela, Grunt. — Ela balançou a cabeça. — Como que você sequer ainda está vivo?

Grunt, então, contou-lhe a história sobre a sua manipulação de Grizz naquela noite. Ele não lhe disse tudo, no entanto. Ela sabia disso. Ele deixou de fora alguns detalhes. Ela era sua melhor amiga, mas algumas coisas eram muito íntimas para compartilhar, mesmo com Jo. Quando ele terminou sua história, nenhum deles disse qualquer coisa por alguns minutos.

Jo não sabia o que dizer. Finalmente, ela respirou fundo. — Então, qual é o plano? Como isso vai funcionar?

— Vamos caminhar até a unidade de Grizz. Ela mencionou mais de uma vez que acha Fess muito legal. Eu só vou agir como se fosse bom para ela conhecer a filha dele. Lembre-se, não dê um fora. É Kit agora. Esqueça que você sabe o nome dela.

— Sem problema. — disse ela quando vestiu a jaqueta dele. Ela olhou

para ele e deu de ombros: — Para efeito, concorda?

— Sim, está largo, mas o fato de que você está vestindo vai significar alguma coisa. — ele olhou para o chão, os ombros caídos. Ela nunca o tinha visto assim.

Jo foi até ele, colocou os braços ao redor dele. — Paciência. O seu coração está no lugar certo. Isso vai dar certo.

Ele encontrou os olhos dela então. — Você é uma boa amiga, Jo. Vamos lá. — Ele entregou o capacete para ela, em seguida, passou o braço esquerdo sobre os seus ombros. Ela envolveu o braço direito na cintura dele.

— Você é um bom rapaz. Você faz ser sua amiga fácil. Ah, ei. — Ela lhe deu uma cotovelada. — Eu contei que a mulher do Blue convidou minha família para jantar?

Grunt endureceu.

— Eu sei o quanto você a odeia. Ela ainda está tentando fazer você acreditar que Kevin é seu filho?

— Sim. Ela é uma vadia louca. Eu vou te contar mais tarde.

— Só para você saber, meu irmão mais novo se parece exatamente com o meu tio Dave. Ele é irmão do meu pai. Não seria incomum que um dos filhos do Blue se parecesse com você.

— Sim, eu sei. — Ele suspirou. — Eu simplesmente a odeio tanto, Jo.

— Eu estava pensando, se nós realmente formos para o jantar no Blue, eu poderia dissolver um laxante e jogar em tudo o que ela beber.

— Não, ela merece pior. O que acha de um miniexplosivo no seu absorvente?

Sarah Jo começou a rir.

Um absorvente explodindo serviria bem para ela, Grunt pensou consigo. Ele começou a rir também.

Ambos ainda estavam rindo quando Grunt abriu a porta. Kit estava ali

de pé com o braço levantado. Ela devia estar prestes a bater na porta. Ela tinha uma expressão no rosto que dizia que tinha acabado de tomar um soco no estômago. Isso partiu o coração de Grunt.

Grunt passou o dia com Sarah Jo na praia. Ele deu o seu melhor para não pensar em Kit, mas ela o consumia durante o tempo que ele podia se lembrar. Jo sabia quando não dizer nada. Ela apenas ouviu, e isso era tudo o que ele precisava. Ela não se conteve, embora. Uma coisa tinha despertado sua curiosidade.

— Você me disse que dormiu com ela contra a vontade dela, ou pelo menos eu acho que foi assim que soou. — disse ela, olhando para ele da sua toalha de praia laranja brilhante. Eles estavam deitados lado a lado. — Mas é um pouco confuso. Ela, na verdade, pediu para você transar com ela?

Grunt corou um pouco com isso. — Eu te contei que o fiz pensar que eu usaria o cassetete da polícia. Bem, quando ela o viu, ela me pediu para fazer pessoalmente. Eu não apenas *transei* com a Kit, Jo.

Jo ficou envergonhada. — Eu não quis dizer nada com isso, Grunt. Eu acho que o que estou tentando descobrir é por que ela parece gostar de você depois disso. Quer dizer, se foi contra a vontade dela, tecnicamente foi estupro. Mas, então, você disse que ela lhe pediu. Eu não sei. Eu só não consigo entender, eu acho.

— Você não tem que entender, Jo. — Ele retrucou.

Jo olhou para ele, mas ele já tinha virado o rosto. Ela suspirou e fechou os olhos. Ela adivinhou que havia algumas coisas que ela nunca entenderia.

Eles passaram o resto do dia na praia de Fort Lauderdale. Eles tiveram um almoço tardio em um café ao ar livre, em seguida, passaram algum tempo olhando as vitrines de algumas das lojas ao longo da praia.

Era triste o quanto ele amava Kit, mas ambos sabiam que ele tinha

que seguir o conselho de Jo. Ele esperou.

— Jo? Jo, você quer experimentar?

A voz de Kit trouxe Jo de volta ao presente. Ela não tinha percebido que estava olhando fixamente para a mesma página da revista, perdida em memórias do ano passado. Kit estava de pé sobre ela agora, segurando uma colher com chocolate.

— Aqui, dê uma lambida. Eu sei o quanto você ama chocolate. É mousse caseiro. O que você acha?

Jo pegou a colher da mão de Kit e lambeu-a.

— Céus. — Foi tudo que ela disse, rindo, em seguida, devolveu.

Kit foi para a cozinha, enquanto Sarah Jo caminhou até a janela e olhou para fora. Ela ainda estava olhando do lado de fora quando Kit se aproximou dela.

— O que você está olhando?

— Apenas verificando as mulheres no poço. — Jo deu de ombros.

— O que tem as mulheres no poço?

— Eu não vejo Chicky ou Moe, acho que elas estão fora em algum lugar, mas parece-me que todas as outras mulheres lá fora estão tentando chamar a atenção do seu marido.

Kit olhou para onde Sarah Jo estava olhando. Grizz estava de pé ao lado, mais perto da área do playground e bem atrás das cadeiras de gramado. Ele parecia estar tendo uma conversa séria com Blue e algum outro cara que Kit não reconheceu. A multidão habitual estava sentada em torno do poço com alguns recém-chegados. Alguns tinham mulheres em seus colos. Havia até mesmo uma garota agachada entre as pernas do Monster.

— Sério, não vejo quaisquer mulheres tentando chamar a atenção do Grizz. — Kit disse.

— Sim? Então, por que você acha que cada mulher lá fora, e eu estou

contando cinco, tem cabelo castanho e franja?

— Ummm, porque elas têm cabelo castanho e franja? — Kit revirou os olhos para Jo.

— Você está errada. Aquela não é Tiny no colo do Axel? Ela não costumava ser uma loira? E eu conheço Chili. Eu a vi antes, sei que na verdade ela é uma ruiva natural. Sempre usava o cabelo repartido ao meio. Não mais.

— Tudo bem, então algumas meninas mudaram seu cabelo. E daí?

Jo levantou uma sobrancelha para Kit, que estava observando Grizz.
— Você honestamente não sabe, não é?

— Sabe o quê? Do que você está falando?

— Eu posso ver por que eles te amam. Por que *ele* te ama. — Jo conteve-se rapidamente. — Eu posso entender por que Grizz te ama. Você é tão inocente sobre algumas coisas. Você, obviamente, não entende.

Kit deixou escapar um suspiro. — Não entende o quê, Sarah Jo? O que não entendo?

— Que cada mulher lá fora está tentando ser você.

Capítulo 27

2000

— Sim, eu a convenci a voltar para o motel. — Tommy disse para a Ginny. Ele não conseguia encontrar seus olhos. — Eu admito. Eu fui egoísta. Eu sabia que se você fosse à polícia, eu perderia você. Eu perderia minha educação. Eu não sei, talvez eu não devesse tê-la convencido a voltar. Quer dizer, eu provavelmente conseguiria voltar à cena depois de alguns anos, mas eu não achava que demoraria tanto tempo para ficar com você. Meu plano era que você visse o quão horrível e podre era o Grizz, e então, fosse querer deixá-lo. E eu fiz aquilo, Ginny. Sinto muito. Eu fiz aquilo aquela vez.

— Que vez? — ela estudou seu rosto. — O que você fez, Tommy?

— Era um jogo de xadrez para mim, Ginny. Eu estava planejando e planejando para certificar de que você veria Grizz fazer algo horrível. — Ele fez uma pausa, em seguida, com a voz mais silenciosa, que conseguiu reunir. — Aquela vez nas docas.

Ela suspirou e colocou a mão na boca. — Nas docas... aquela vez que eu me aproximei e vi Grizz e Blue despejarem dois corpos na água? Foi você que me fez ir lá? Ver aquilo?

Ele soltou um longo suspiro. — Sim, eu tramei aquilo. Eu tramei para você. Eu sabia que Grizz e Blue iam lá para lidar com dois punks que tinham sequestrado o barco de um negociante cheio de cocaína. Eu sabia o que aconteceria com eles.

— Eu não posso acreditar que estou ouvindo isso. Você se lembra de como eu fiquei chateada? — ela andava pela cozinha agora. — Eu nem me lembro agora o que me fez ir lá, mas eu nunca suspeitei que fosse você. Se Grizz suspeitasse, ele provavelmente teria te machucado. Talvez até mesmo

matado.

— Lembro-me de como você ficou chateada porque você veio até mim. — Ele cruzou os braços, lembrando o olhar em seu rosto, em seguida, as sombras debaixo dos seus olhos. — Quando eu vi o que eu tinha feito com você, o quanto aquilo te machucou, eu parei todo o jogo. Para não mencionar, que se eles tivessem sido pegos e você estivesse lá, teria implicado você também. Eu não posso acreditar que eu a coloquei naquele tipo de situação. — Ela apenas olhou para ele. Ela cruzou os braços, agora empoleirada em um banquinho no balcão do café da manhã. — Gin, eu poderia ter continuado a enganar você e ele, mas não fiz isso. Eu percebi que não poderia machucá-la daquele jeito, eu não poderia expô-la a mais perigo. Eu amava você.

Ele olhou para ela, mas ela não disse uma palavra. Apenas ficou olhando para ele como se fosse um estranho. As palavras jorravam dele agora; não conseguia detê-las. — Eu acho que depois daquilo se tornou sobre te proteger. Proteger o seu coração de saber as coisas horríveis que ele fazia e protegê-la fisicamente de ser colocada naquelas situações. Era o oposto do que eu comecei a fazer.

— E eu acho que você quer crédito por isso? Você me protegeu? Meu Deus, não tenho certeza do quanto devo acreditar. — Seu tom estava atado com sarcasmo. — Você não é o mesmo homem que me acusou de enfiar a minha cabeça na areia, porque eu não queria saber o que ele fez, e ainda assim você está me dizendo que seu plano era ter certeza que eu realmente soubesse? — ela levantou a mão quando ele começou a falar.

— E antes de me interromper e dizer o quão podre ele era, deixe-me lembrá-lo que além de jogar Willow para trás e golpeá-la com as costas da mão, o aval para Chico aquela vez no poço, o despejo daqueles caras nas docas - obrigada por isso, a propósito - e bater naqueles garotos que cuspiram em mim no armazém, eu nunca vi Grizz fazer nada. Eu fiquei com ele por

dez anos, Tommy. Dez anos. E eu nunca presenciei nada além do que eu te disse.

Seus olhos brilharam. — E porque você não via, não acontecia? — sua voz estava começando a aumentar agora. — Tudo bem, então você não acredita em mim. Olha, Gin, eu nunca pensei que levaria dez anos para finalmente ficar com você. Eu não sei. Talvez você teria deixado mais cedo, mas ainda havia um monte de coisas que eu simplesmente tinha que esconder de você. Coisas que teriam te rasgado por dentro. E eu sabia que você já lutava com a culpa por causa das atividades criminosas dele.

Ela se levantou e começou a caminhar em direção a ele. Braços cruzados e queixo levantado, ela deu-lhe o olhar mais frio possível. — Uma coisa. Diga-me uma coisa que você escondeu de mim, que não seja o que eu descobri nas últimas horas, o que poderia ter me convencido a deixá-lo. Não que eu tivesse certeza que deixar Grizz fosse ao menos uma opção, no que lhe dizia a respeito.

— Se eu achasse que você o deixaria, talvez eu tivesse feito algo que pudesse prendê-lo antes que Jan abrisse o bico. Mas, francamente, você parecia feliz em seu pequeno casulo forrado de prata.

— Você está dizendo que você é a razão pela qual o Grizz foi preso? — sua voz era praticamente um grito.

— Não! — Tommy foi rápido em acrescentar. — Eu não estou dizendo isso de jeito nenhum. Eu não tive nada a ver com a prisão dele. Mas quando finalmente aconteceu, eu fiquei feliz, Gin. Eu tinha a sensação de que tinha perdido tempo. Você pelo menos ouviu alguma coisa que eu disse? Esperei por dez anos, enquanto você estava com ele!

— Então, responda a minha pergunta. Que coisas Grizz fez que você escondeu de mim?

Tommy suspirou profundamente. — Ginny, dessa vez eu estou

dizendo a você para enfiar a cabeça na areia. Você não quer saber.

— E eu estou dizendo a você que eu não gosto da acusação de que foi isso que fiz por 25 anos. Conte-me!

— Bem. Se é assim que você quer, eu vou te dizer. Você se lembra quando você me perguntou como Willow e Darryl morreram?

— Sim, claro que me lembro. Foi horrível. Foi uma tortura para eles.

— Deixe-me perguntar-lhe isto. — disse ele, olhando para ela. — Johnny Tillman foi lentamente cortado em pedaços por tentar estuprá-la. Você honestamente acha que Grizz calmamente levou Darryl e Willow para a piscina vazia e simplesmente deixou-os morrer de exposição? Tenha em mente que Darryl a torturou por mais de duas horas e foi Willow que planejou aquilo.

— B-bem, foi isso que você me disse que aconteceu. Eu nunca perguntei ao Grizz porque perguntei a você. Foi isso que você me contou.

— Sim, Ginny. Foi o que eu contei. Escondi de você, porque mesmo que eu te amasse e quisesse ficar com você, eu não podia suportar a ideia de você ter a imagem do que ele realmente fez com Darryl e Willow presa na sua cabeça para sempre. Você tinha culpa suficiente sobre as mortes deles. E sim, eles morreram naquela piscina. Mas não de exposição. — Ele olhou para baixo. — Eu posso dizer com certeza que ambos estavam implorando para morrer muito antes de realmente morrerem.

Ambos ficaram quietos um longo momento.

— Diga-me. — Ela sussurrou.

— Você sabe que ele estava obcecado com aquilo, certo? Grizz nunca acreditou que fosse uma feliz coincidência Darryl ir para o motel naquela noite.

Ginny apenas o encarou.

— Grizz acreditou por muito tempo que era um trabalho interno. Que

alguém sabia que ele não estaria lá naquela noite. Quem quer que tramou, sabia que Moe habitualmente levava os cães para dormir com ela. Alguém sabia que você estaria sozinha naquela noite, Gin.

Ele contou quase tudo depois.

O que Tommy não disse a Ginny foi que não era apenas algo que Grizz suspeitava. Era a verdade. Grizz tinha conseguido um nome de Willow. Com seu último suspiro, Willow jurou que era uma mulher chamada Wendy que tinha lhe avisado uma mulher que tinha um sotaque sulista e só se comunicava com Willow por telefone. Willow disse que Wendy tinha um contato no motel, mas ele jurou que não sabia quem era.

Não havia qualquer Wendy que eles pudessem conectar com o motel.

Pior ainda, Darryl ainda não tinha terminado o trabalho. Ele deveria ter matado Ginny naquela noite. Ele pensou que tinha conseguido quando a deixou derrubada e inconsciente.

Não. Ginny não tinha que saber tudo isso.

O que ela sabia era ruim o suficiente. Trêmula, Ginny fez seu caminho para uma das cadeiras da cozinha no lado oposto da mesa. Ela a puxou e sentou-se, olhando para as mãos descansando frouxamente em seu colo. Ela não conseguia se concentrar. Estava em choque. Seu estômago estava revoltado.

— Você tem razão, Tommy. — Ela sussurrou. — Eu não ia querer saber. — fez uma pausa antes de acrescentar: — Mas talvez eu devesse. Eu não sei. — Ela escondeu o rosto entre as mãos. — Isso tudo é tão inesperado.

Ele levantou-se e foi até ela. Ajoelhando-se na frente dela, tomou-lhe as mãos. — Está tudo bem, querida. Eu sinto muito. Estou tão arrependido. Eu nunca percebi como você saber tudo isso teria importância. — Ele a abraçou, acariciando suas costas enquanto ela soluçava. — Sempre foi para te proteger, Gin. Sempre foi assim. Por favor, não me deixe, Ginny. Eu não

posso suportar ficar sem você. Por favor não vá.

O que ele não adicionou foi que, por mais que sua necessidade de protegê-la todos estes anos fosse verdade, ele também tinha uma boa razão para falar sobre isso agora. Ele ainda não queria contar algumas coisas para ela, mas sabia que precisava.

Quando ela se afastou para olhar para ele, viu que ele tinha lágrimas em seus olhos.

Com uma dor muito real em seu coração, ela reuniu sua força. — Eu amo você, Tommy. Mas eu ainda tenho que sair. Eu só preciso de um pouco de espaço. Você tem que entender isso. Isso é muito chocante e as crianças vão ficar bem. Nós vamos dizer-lhes que vou ficar na Carter para lhe fazer companhia e ajudar com os animais enquanto Bill está fora da cidade. Já fiz isso antes. Elas nunca vão suspeitar que eu saí por outra razão.

Ela fez uma pausa. — Quando passarmos algum tempo juntos... — ela parou de falar, então se recompôs. — Tudo. Eu quero saber tudo. Desde o começo. Eu quero que você me diga cada coisa, Tommy. Mesmo que seja difícil de ouvir.

— Eu vou, Gin. — Sua voz soava morta, vazia. — Eu vou.

— E eu preciso que você me diga sobre o que vocês conversaram quando foi vê-lo antes da execução.

Ele tinha a intenção de fazer exatamente isso, antes de ser pego de surpresa pelo comentário de Leslie.

Tommy balançou a cabeça e começou a responder quando foi interrompido pela voz de Jason.

— Mããããããe! Paaaaaaai! Vocês podem vir aqui? Tenho uma surpresa para vocês!

Capítulo 28

1978

Ela já tinha conseguido entrar em contato com Willow. Foi um pouco demorado, mas ela sabia o tipo de lugar que Willow ficava. Depois de seis hotéis, ela finalmente acertou o alvo.

— A loira super magra e bocuda? — perguntou o cara que atendeu o telefone.

— Sim, é ela. Ela está aí? Ela está ficando aí?

— Não, chutei-a para fora por não pagar. Acho que ela está em um lugar na 5ª via ou algo assim. Eu não sei. Eu sei que ela seleciona a maioria dos caras no The Egg Speckled.

— Isso é um motel? — Ela adicionou um tom sedutor à sua voz, tirando o sotaque sulista.

— Não. É um bar. Você provavelmente vai encontrá-la lá, ou encontrar alguém que a conhece. Se você encontrar aquela puta, diga-lhe que ela deve cinquenta e cinco dólares ao Mick, merdinha preguiçosa.

Ela deixou uma mensagem para Willow para ligar para um telefone público em um dia específico, em um momento específico. A mensagem dizia que era relacionado ao Grizz.

E é claro que o telefone tocou, exatamente no horário que foi solicitado. Willow estava muito ansiosa para ajudar Wendy com seu plano.

Moe seria um pouco mais difícil, pois ela não podia falar ao telefone. Mas Wendy tinha um plano para isso também.

Ela viu quando Moe saiu do seu pequeno fusca preto e entrou no prédio do correio. Ela se aproximou do carro e derrubou um envelope através da janela aberta, no banco do motorista. Em seguida, ela correu para o carro,

entrou e foi embora antes que Moe saísse.

— Cara, Moe. — Dizia a nota. — Eu sei como você está infeliz. Eu também. Parece que desde Kit chegou ao motel, ninguém ao menos percebe que você existe. Nem mesmo Grunt. Sim, eu a vi. Eu sei o quanto todo mundo a ama. Talvez possamos ajudar uma a outra. Eu não quero que ela se machuque ou qualquer coisa, mas talvez possamos usá-la para conseguir o que queremos. Para conseguir nossas vidas de volta. Se você acha que pode me ajudar com isso, então esteja no telefone público na 441 com a Taft Street, em Hollywood, no domingo, exatamente, às 16:00. Sua amiga, Wendy.

Dois dias depois, Wendy observou de dentro da loja de conveniência quando o pequeno carro preto parou do outro lado da rua movimentada e estacionou na frente da cabine telefônica que ficava entre a farmácia e um salão de beleza. Moe tinha vindo sozinha.

Ela discou o número. Moe atendeu.

— Oi, Moe. Estou tão feliz que você respondeu. Eu sei que você se preocupa com Kit e não quer que ela se machuque. Eu também não quero que ela se machuque. Eu realmente odeio Grizz e acho que a melhor maneira de me vingar dele é tirando algo dele. Você sabe, como ele cortou a sua língua. Ele tirou algo de mim também. Vai ser olho por olho. Se você acha que pode me ajudar, se você acha que podemos trabalhar juntas sem ninguém ter que se machucar, então pressione um dos números no telefone público uma vez.

Wendy observou quando Moe hesitou. Então, ela olhou em volta. Wendy sabia que não podia ser vista.

— Ninguém vai se machucar. Eu só quero que Kit volte para casa. Só isso.

Moe levantou a mão para a frente do telefone. O bip ressoou pelo telefone de Wendy.

O rosto de Wendy iluminou-se com triunfo. Estava feito. Ela tinha uma informante dentro do motel.

E ela sabia que Willow cuidaria do trabalho sujo. Não haveria nada que levasse a ela e lidaria com os informantes por meio de telefones públicos e um pager que ela tinha emprestado de um amigo. Ele ficou muito contente em abrir mão de um dos pagers do trabalho do seu pai por alguns dólares extras para sustentar o seu vício de drogas. Quando tudo estivesse arranjado, ela lhe diria para devolvê-lo tranquilamente à empresa do seu pai. Havia tantas pessoas que trabalhavam lá que seria impossível fazer uma conexão.

E isso, apenas se alguém suspeitasse que era uma armadilha.

Ela tinha que observar Grizz. Ele era inteligente, mas ela também. Ele expulsou Willow por causa de Kit. Ele cortou a língua da Moe. Ele tinha tirado algo dela também. Algo que ela não estava preparada para ser roubado dela.

Grizz pagaria por feri-los. Assim como ela falou para Moe, seria olho por olho.

Capítulo 29

2000

Tommy e Ginny olharam um para o outro com a mesma expressão: Terror. Ambos tinham pensado que Jason ainda estava no andar de cima desfazendo sua mala. Quanto, se alguma coisa, o garoto de dez anos tinha realmente escutado?

— Vocês vão gostar da surpresa. — Jason gritou cantando.

A sala. Sua voz estava vindo da sala. Com outra troca de olhar, eles se dirigiram para a sala e pararam.

Na mesa de centro estava o jogo de xadrez que foi de Grizz.

— Eu fui ao escritório do papai para pegar algum papel e o vi na sua mesa. Eu queria ajudá-lo a desempacotá-lo e montá-lo. Vocês estão surpresos? — Jason sorriu como se tivesse ganhado na loteria.

Tommy viu a caixa vazia, em um dos sofás. — Como você carregou essa caixa para cá, filho? Pesava uma tonelada.

Jason deu de ombros, olhando para o material de embalagem espalhado por todo o chão. — Eu trouxe as peças aqui um pouco de cada vez até que a caixa ficou leve o suficiente para carregar. — Ele acrescentou timidamente: — Eu vou limpar a bagunça.

Ginny estava muito chocada para saber o que dizer. Memórias a invadiram, fazendo com que seus pés ficassem instáveis. Tommy percebeu e gentilmente pegou-a pelo braço, levando-a para o outro sofá.

Quando ela se sentou, Tommy virou-se para enfrentar o seu filho: — Jason, eu estou feliz que você quis ajudar. Mas você não deveria ter mexido em algo que não era seu.

O menino ficou cabisbaixo. — Mas papai, eu queria fazer uma

surpresa!

— Essa não é a questão, Jason, e você sabe disso. — Tommy parecia bravo agora. — Quantas vezes eu te disse que meu escritório está fora dos limites? Você sabe muito bem e vai ser punido por isso.

O coração de Ginny estava despedaçado. Ela sabia que Jason realmente achava que estava ajudando e estava confuso com o motivo dos seus pais terem reagido dessa maneira.

— Não está tudo aí, de qualquer maneira. — Jason chutou um pedaço do material de embalagem. — Você quer que eu o empacote de novo?

— O que quer dizer que não está tudo aí? — Ginny franziu a testa.

— O rei das peças pretas sumiu. Não dá para jogar sem o rei. Certo, papai? — Jason perguntou, olhando para o seu pai.

Tommy e Ginny se entreolharam. Ambos sabiam que abaixar o rei significava que você desistia do jogo; você estava reconhecendo a vitória do seu oponente. Era uma admissão de derrota. De rendição. Grizz enviou uma mensagem da sepultura? Ele estava admitindo a derrota?

Ou, pior ainda, ele estava lançando um desafio? Não é como se ele tivesse abaixado o rei. Ele, ou alguém, o tinha retirado do jogo.

Isso significa alguma coisa?

Ridículo. Tommy lembrou-se que tinha visto Grizz alguns dias antes dele ser executado. Tinham conversado por um longo tempo e ajeitaram as coisas. Pelo menos ele pensava que tinham.

Foi, provavelmente, algum idiota na prisão, encarregado de embalar o jogo de xadrez, alguém que queria uma lembrança que tinha pertencido a Grizz. Só isso. Nada para se preocupar.

Mas Tommy não era ingênuo. Ele ainda tinha contatos clandestinos.

Ele também sabia que Grizz tinha membros leais que fariam qualquer coisa por ele. Mesmo após a execução.

Tommy verificaria para ter certeza. Mas agora, ele precisava confortar e tranquilizar sua esposa.

Ele se sentou ao lado de Ginny e começou a colocar seu braço ao redor dela. Na hora que Tommy estava prestes a falar, Jason pulou. Ele se recuperou rapidamente da reprimenda do seu pai e parecia ainda mais animado do que antes.

— Eu quase esqueci! Aqui está a melhor parte de tudo! Ainda melhor do que o jogo de xadrez. — Jason se abaixou e puxou alguma coisa que estava jogada no chão, debaixo da mesa de centro, escondida pelo material de embalagem disperso. — Estava na parte inferior da caixa.

Ginny ofegou quando viu o que seu filho levantou no ar como um prêmio.

— Esta jaqueta muito legal estava lá também! E veja, a menina nas costas se parece com a Mimi!

Capítulo 30

1979

— Você devia ser mais esperta e não pedir isso, Kit. — disse Grizz a ela uma tarde enquanto estavam sentados na sala de estar do número quatro.

— Você me perguntou o que eu queria para o meu aniversário e eu lhe disse. Não deveria ter perguntado se não quisesse saber.

— Vamos lá, querida. Não faça esses jogos comigo. Você sabe que eu não vou lhe dizer o meu nome. Não é importante de qualquer maneira.

— Tudo bem, você não tem que me dizer o seu nome. Que tal você me dizer alguma coisa. Qualquer coisa sobre você e sua vida antes deste motel. Qualquer coisa, Grizz. Eu sou sua esposa. Os casais compartilham esses tipos de coisas.

— Minha vida, até que eu te trouxe para cá, não era nada. — Grizz suspirou. — O que você quer ouvir? Uma lista de atos criminosos, pena de prisão, o quê? Acredite em mim quando eu lhe digo que a minha vida começou depois que eu a trouxe para cá, Kitten. Confie em mim.

— Vamos lá, Grizz. Nós podemos simplificar as coisas. Que tal, qual escola você foi? Você teve um animal de estimação quando cresceu, e em caso afirmativo, qual era o nome dele? Você teve pais amorosos? Vocês se sentavam juntos para o jantar de domingo? Qual era o seu programa de TV favorito ao crescer? Qual foi a cor do seu primeiro carro? — Ela sorriu para ele. — Qualquer coisa, Grizz. Eu não sei nada sobre você. E isso não parece justo, uma vez que você sabe tudo sobre mim.

Ele suspirou e passou a mão pelo cabelo. Era sua culpa. Ele perguntou o que ela queria de aniversário e ela estava dizendo a ele.

— Não posso simplesmente dizer que a minha vida foi uma merda e

eu não quero falar sobre isso? — e antes que ela pudesse responder, ele falou: — *Green*.

— *Green*, o quê? — ela perguntou com os olhos arregalados. Ela sentou-se ansiosamente na borda do sofá. — Esse é o seu verdadeiro nome?

— Não. Meu primeiro carro era *verde*, e antes que você pergunte, eu roubei.

Ela se levantou e cruzou os braços sobre o peito. — Ooooh, você tem a personalidade mais irritante. Alguém já lhe disse isso?

Ele levantou uma sobrancelha para ela. Ele se divertiu com sua pergunta, mas não queria irritá-la mais do que já estava. Seu rosto se suavizou.

— Kit, por favor, diga-me outra coisa que você possa querer de aniversário. Por favor?

Ele estava ficando desesperado. Não ajudava que ele sentia uma culpa enorme sobre seu assalto e estupro no verão passado. Ele ainda estava procurando pela pessoa que fez aquilo. Na verdade, ele fantasiava sobre o quanto gostaria de torturar a pessoa que tinha se atrevido a colocar a mão sobre sua esposa. Mas antes que ela pudesse falar outra palavra, ele acrescentou: — E não, eu não vou à igreja com você, por isso nem sequer peça.

Ela olhou para ele. Seu rosto estava ficando vermelho. Ela estava realmente brava com ele. Ela parecia adorável, pensou. Ele quase sorriu, mas se conteve.

O telefone tocou, interrompendo a conversa.

— Você atende. — Ela disse e se dirigiu para a porta. — Eu preciso de um pouco de ar.

Grizz localizou a chave do carro dela no seu lugar habitual antes de ir para o telefone. Pelo menos ele não precisava se preocupar com ela dirigindo

tão nervosa.

Quando terminou sua conversa por telefone, ele foi procurá-la. Após verificar em alguns dos quartos de motel vagos, ele caminhou ao redor do lado do escritório do motel. Ele viu um pedaço da sua bunda no lado do passageiro do carro dela.

Ele parou e olhou para a bunda dela. Era uma bela bunda. Uma bunda que ele nunca se cansava de olhar. Ele começou a ficar duro enquanto olhava ao redor. *Será que eu posso convencê-la a abaixar suas calças jeans?* Ele se perguntou. Em seguida, ele descartou a ideia. Não. Ele preferia tê-la em sua cama.

Ele ficava furioso quando pensava sobre seu estupro. Havia alguém lá fora que não só a tinha visto, mas tinha estado dentro dela. Sim, ele pensou consigo. Ele descobriria quem a tinha atacado e sentiria prazer em matá-lo.

Lentamente.

— O que você está fazendo, Kit? — ele perguntou quando se aproximou dela.

— Meu colar. — disse ela de dentro do carro. — Um que Grunt me deu de Natal. Acabei de me lembrar que eu o perdi ou algo assim.

Ela estava de lado no banco do passageiro agora, uma perna debaixo dela e a outra no chão. Ela levantou as mãos em exasperação.

— Você acha que perdeu no carro?

— Sim, acho que sim. O fecho quebrou e eu tinha deixado no joalheiro para consertar algumas semanas atrás. Quando eu fui buscá-lo, eu tinha acabado de fazer as minhas unhas e percebi quando cheguei no carro que eu não poderia abri-lo e prendê-lo com a minhas unhas pintadas. Então eu coloquei sobre o espelho retrovisor. Só agora me lembrei. — Ela franziu a testa. — Mas não está aqui. Eu não consigo descobrir o porquê. Tenho certeza de que o pendurei e o deixei lá.

— A Cruz? O colar religioso?

— Sim, a minha cruz. — ela respondeu-lhe distraidamente, procurando agora entre o console e o assento.

— Você quer que eu te dê uma nova?

— Não, eu quero encontrar a que eu sei que está aqui em algum lugar.

— Ela soltou um suspiro frustrado e a franja na testa subiu e depois se acomodou no lugar.

— Talvez alguém roubou.

— Não. Eu tranco o meu carro quando eu saio. Eu só o deixo destrancado aqui.

Ambos sabiam que ninguém se atreveria a tirar algo do carro da Kit no motel.

— Vamos voltar para dentro. Eu vou pedir para um dos caras do Axel para verificar o carro para você. Se ele estiver aí, eles vão encontrá-lo.

Ela saiu do carro e bateu a porta.

Menos de dez minutos depois, eles estavam na cama.

— Você tem certeza que eu não estou machucando você, Kitten? — perguntou Grizz. Ele estava em cima dela e dentro dela, movendo lentamente seu quadril enquanto beijava seu pescoço.

— Não, você não está me machucando, Grizz. Nem um pouco. — Ela gemeu agora, arqueando as costas de prazer. — Basta continuar fazendo o que está fazendo, está bem?

Ele sorriu em seu pescoço. Ele segurou-lhe o peito com a mão direita, provocando o mamilo dela. Lentamente, bem devagar, ele começou a sair de dentro dela, sua boca movendo-se para a garganta. Ela resistiu à sua retirada e gemeu novamente quando ela enrolou as pernas firmemente na cintura dele, tentando mantê-lo dentro dela. Gentilmente, ele chupou o seu mamilo já duro.

Então ele a sentiu enrijecer. *Droga*. Ela estava se lembrando do estupro. As mordidas.

— Está tudo bem, Kit. Sou eu, querida. — Ele a sentiu relaxar depois. Seus olhos se encontraram e ela podia ver sua raiva. Ela agarrou seu rosto, puxou-o perto.

— Eu sei que você ainda está com raiva da Moe, porque ela estava com os cães naquela noite. — Ela sussurrou.

Ele não esperava isso. Ela estava certa.

— Correto, eu ainda estou com raiva da Moe. — Ele começou a dizer mais, porém ela o interrompeu.

— Como eu disse, eu sei que você ainda está com raiva da Moe, mas eu sei que você se culpa também.

Ele olhou para longe dela em seguida, mas ela puxou seu rosto de volta para encontrar seus olhos. — Sua raiva por Moe é porque você acha que de alguma forma ela falhou comigo. Você está com medo de que eu o veja de forma diferente por causa disso. Do mesmo jeito que você se sentiu quando eu testemunhei o que o cara do Chico fez com o casal no poço. Você estava preocupado que eu não pudesse seguir com a vida a partir dali. Que eu não te amasse mais.

Ele não sabia como responder a ela. Mais uma vez, ela estava certa.

— Eu odeio o que você faz. Eu sei que você sabe disso. E eu continuo dizendo a mim mesma que um dia você vai parar. Que estar com você, de alguma forma será uma influência positiva. Eu, honestamente, não sei se isso é verdade ou se você é capaz de parar.

Ele olhou para longe dela novamente, e desta vez ela puxou seu rosto de volta duramente.

— Eu amo você com uma intensidade que me assusta. É por isso que eu fico. É por isso que eu negligencio tanto. Você precisa saber que eu não te

culpo pelo que aconteceu comigo. Eu sou e sempre serei apaixonada por você.

Ele soltou um suspiro de alívio. — Eu também te amo, Kitten. Eu te amo tanto e isso me assusta também.

Ela sorriu e divertidamente mordiscou seu lábio inferior. Ele rosnou enquanto a beijou com uma paixão que tirou o ar dos seus pulmões.

Um pouco mais tarde, Grizz sentou-se preguiçosamente puxando-a pela mão. — Venha tomar um banho comigo.

Ela olhou para ele. — Eu deveria começar o jantar. — Ela respondeu. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, acrescentou: — Seu nariz parece melhor. Ainda dói?

Grizz quebrou o nariz uma semana antes, quando ele tentou apartar uma briga.

— Foi quebrado tantas vezes que eu já perdi a conta. Não, não dói. Tome um banho comigo e eu vou levá-la para jantar.

— Realmente sair para jantar, ou uma visita de negócios com um jantar no meio?

— Realmente sair para jantar. Sua escolha.

Ela sorriu. Ela sabia exatamente onde ela queria ir jantar. Vincent's era um pequeno restaurante escondido em uma galeria comercial parada nas docas. Grizz costumava levá-la lá quando ele se preocupava que ela fosse reconhecida na época que ele a trouxe ao motel. Hoje, ela estava no clima para caranguejos ao alho e o Vincent's tinha o melhor. Ela ia com Grunt na semana passada, mas ele tinha saído da cidade a negócios. Ela achava que ele devia ter sido enviado para Vancouver por algumas semanas. Infelizmente, ela não conseguiu tirar os caranguejos ao alho da sua cabeça. Ela estava desejando-os.

— Eu vou chegar primeiro no chuveiro. — disse ela, jogando fora as

cobertas e correndo para o banheiro.

Cinco minutos depois, Grizz ofegava conforme enfiava mais fundo dentro dela, uma mão contra o azulejo escorregadio para o apoio.

— Eu simplesmente não consigo ter o suficiente de você, Kitten. — disse Grizz.

O chuveiro tinha começado inocentemente, *você lava as minhas costas e eu vou lavar as suas*. Mas antes que percebessem, eles estavam mais uma vez fazendo amor. Agora ele estava segurando-a e ela estava pressionada contra a parede do chuveiro. Ela tinha as pernas enroladas na sua cintura. Eles tinham acabado de fazer amor no quarto a menos de 15 minutos atrás. Ela gemeu quando suas estocadas se tornaram mais urgentes. Ele sentiu sua liberação e imediatamente seguiu-a.

Lentamente, com ternura, ele a abaixou, e ela olhou para ele. Grizz tomou seu rosto entre as mãos e beijou-a profundamente e completamente.

Ela o beijou de volta. — Esta sessão de banho de última hora pode ter nos custado perder o movimento calmo do restaurante.

— Eu não me importo Kitten. Não pare de me beijar.

Uma hora depois, eles vestiram suas roupas e foram para o restaurante. Eles tinham acabado de pedir suas refeições e a garçonete tinha recolhido os menus.

— Eu volto com as suas bebidas. — Ela disse a eles.

Grizz sorriu para Kit. — Você já pensou?

Ela inclinou a cabeça. — Sobre o quê?

— Seu aniversário.

— Ah. Eu pensei por um minuto que você estava falando sobre onde eu poderia ter perdido meu colar. Hmm. Deixe-me pensar. — Ela olhou ao redor do restaurante e olhou rapidamente de volta para Grizz. Ela lhe deu um grande sorriso quando algo lhe ocorreu.

— Sim! Há algo que eu quero de aniversário. Algo que eu realmente quero! Eu estive pensando sobre o nosso encontro de formatura no ano passado.

— Você quer mais uma noite romântica na casa de praia do Martin?
— ele sorriu, aliviado. Uma noite fazendo amor com Kit na casa de praia. Ahhhhh simmmm.

— Não. Não é a casa de praia. — Ela estava pulando na cadeira agora. — Eu quero que você me leve para sair! Dançar. Eu quero ir para um clube e dançar.

Seu sorriso desapareceu e ele pareceu um pouco murcho. Ele não falaria seu nome para ela. Ele não iria à igreja com ela. Como ele poderia lhe dizer não para a terceira coisa que ela pediu?

— Merda, baby. Você tem que saber que eu não sou um dançarino. Eu mal consegui com a dança lenta no gazebo do Martin.

— Eu quero ir dançar, Grizz. Por Favor! A única vez que consigo dançar é quando convenço Axel a dançar comigo no número quatro. E você sabe que é quase nunca. Ele não faz isso se há um grande número de pessoas no motel. Ele não quer correr o risco de ser visto.

Grizz tinha que sorrir para isso. Ele se deparou mais de uma vez com Axel e Kit dançando ao som de um desses grupos que Kit amava. Se você perguntasse a ele, as vozes desses homens soavam como se alguém estivesse apertando suas bolas. Um grito estridente é tudo que ele sempre ouve e ele nunca ficava por perto tempo suficiente para ouvir uma música inteira.

— Por que dançar uma canção sobre uma mulher careca? — ele perguntou a ela uma vez.

Axel e Kit tinham parado e olhado para ele estranhamente: — O que você quer dizer com mulher careca? — Kit tinha perguntado quando Grizz abaixou o volume do aparelho de som.

— Esses caras, que parecem mulheres, estão cantando sobre uma mulher careca. — Grizz respondeu.

Ela começou a rir. — Os Bee Gees estão falando: More than a woman, Grizz. Não *bald-headed woman*^[4]! A música se chama More Than a Woman e acontece que eu os amo.

— Não importa o nome, ainda é uma porcaria. Estou caindo fora daqui.

Grizz apreciava que Axel dançasse com sua esposa. E sim, ele sabia o outro segredo do Axel também. Ele honestamente não se importava. Ele não se importava com o que qualquer cara resolvesse fazer com seu pau, desde que nunca chegasse perto da sua esposa. Mas ele também sabia que tinha que manter o segredo de Axel. Como líder, ele tinha a palavra final a respeito de quem poderia ficar na gangue. Ainda assim, ele sabia que nem todos seriam tolerantes com o estilo de vida de Axel. Era simplesmente mais fácil permanecer em segredo. E, além disso, tinha certeza que ninguém suspeitava de nada.

— Eu não danço, Kit. — Grizz disse agora, balançando a cabeça.

— Mas eu quero ir dançar no meu aniversário. — Ela cruzou os braços e deu-lhe um olhar acusador. — Você perguntou!

Ele balançou a cabeça ligeiramente e olhou para ela. — Não posso simplesmente comprar outro carro?

Capítulo 31

2000

Ginny e Tommy conseguiram recompor-se por causa do Jason. Tommy tomou a jaqueta de seu filho e a devolveu para o fundo da caixa.

— Comece a embalar de volta, Jason.

— Mas Pai...

— Faça isso agora, meu filho. — Ele olhou para sua esposa. Ela estava pálida.

Ele sabia o que ela estava pensando. Ela queria sair, e ela queria sair agora. Ele a levou até onde havia deixado sua pequena mala. Ele segurou a mão dela enquanto ele a carregava para o carro.

— Eu amo você, Ginny. É porque eu te amo que eu sei que você precisa de algum tempo. Eu não vou brigar com você sobre isso. Eu vou lidar com as crianças.

Ele colocou a mala no banco de trás e se virou para ela.

Ela inclinou-se voluntariamente em seus braços. Estar em seu abraço, naqueles braços, que tinham se tornado queridos e dolorosamente familiares, fizeram-na parar de repente. Agora que ela sabia que ele era filho de Grizz, seria um lembrete constante de Grizz? Estes eram os mesmos braços que a seguravam há quase 15 anos. Por que isso, depois de saber a verdade, parecia de alguma forma contaminado?

Ela inalou seu cheiro. Pelo menos era exclusivamente de Tommy.

Então se lembrou da razão pela qual estava saindo e se apressou a retirar-se do seu abraço amoroso. Ele tentou alcançá-la novamente, mas ela deu de ombros, entrou no carro e deu partida. Ela abriu a janela.

— Você se importaria de ligar para Carter e dizer a ela que eu estou

no caminho?

Sem esperar resposta, ela colocou o carro em sentido inverso e se dirigiu para Shady Ranches.

Na estrada para Carter e Bill, a mente de Ginny derivou. Com o crescimento da população nos últimos anos, o tráfego tornou-se um pesadelo. Levaria pelo menos 45 minutos para chegar à casa de Carter. A casa que ela tinha uma vez compartilhado com Grizz. Ela sabia que Carter estaria lá e que Bill estava fora da cidade.

Carter estava com Sarah Jo do lado de fora da sala de execução apenas alguns dias atrás. Ela contou para Ginny como Casey queria estar lá também, mas tinha se atrasado em um aeroporto em algum lugar do Oriente Médio. Casey, uma das suas outras amigas de faculdade, era agora uma jornalista e trabalhava para a imprensa estrangeira. Ela sempre estava viajando. Ela tentou o máximo que pôde para estar lá para Ginny quando Grizz morreu, mas ela não podia pegar um voo a tempo. Ginny se perguntava se ela ao menos tinha chegado em Fort Lauderdale.

Ela lembrou de quando se casou com Tommy em uma cerimônia rápida, mas não teve coragem de levá-lo para morar na casa em Shady Ranches. A mesma casa para a qual ela estava se dirigindo agora. Ela estava grávida e emocional. Foi difícil o suficiente se casar com outro homem - mesmo Tommy, que ela conhecia há quase tanto tempo quanto conhecia Grizz. Ela se lembrou de como ficou chocada quando Grizz se sentou com ela naquele dia, disse-lhe que sempre soube que Grunt tinha sentimentos por ela e que Grizz queria que ela se casasse com ele.

Parou no sinal vermelho e engoliu em seco. Quanto daquilo era verdade? Ela não sabia mais no que acreditar.

Sim, ela tinha muito a discutir com Tommy. Mas ainda não. Ela precisava de algum espaço para respirar. Ela precisava pensar.

O sinal ficou verde e ela seguiu em frente, o passado envolto em torno dela como um cobertor. Carter tinha sido a escolha perfeita para viver em sua antiga casa na área rural. Ela era uma daquelas pessoas que pegava cada animal de rua que precisava de uma casa. A casa, em alguns hectares, era simplesmente adequada para Carter e seus “filhos adotivos”. Sua amiga não era casada quando se mudou para Shady Ranches, primeiro para fazer companhia para Ginny e mais tarde por conta própria. Ela conheceu Bill alguns anos mais tarde em uma angariação de fundos para o resgate de animais. Tinha sido amor à primeira vista e eles se casaram quase imediatamente. Bill tinha uma carreira em ciências da computação e viajava frequentemente por causa do trabalho. Ele fez uma vida excelente e isso permitiu apoiar as atividades de resgate de animais de Carter, mas a programação de computadores não era sua paixão. Em vez disso, Bill adorava qualquer coisa e tudo que tinha a ver com vigilância - o que chamava de “material de espionagem”. Ele até mesmo criou um sistema no escritório de Tommy para ajudá-los a pegar alguém que estivesse roubando as contas bancárias corporativas. Bill era um assistente eletrônico.

Com Bill fora a maioria do tempo, não era nem um pouco incomum que Ginny passasse o tempo em casa, ajudando Carter com os animais. Ginny riu para si quando se lembrou de quando Carter forneceu um lar adotivo temporário para um camelo desagradável, chamado Phil. Phil acabou por ser um grande desafio, e ela estava certa de que mesmo Carter deu um suspiro de alívio quando Phil foi finalmente colocado em um santuário de animais.

Grizz tinha pedido especificamente para ela não vender a casa, então ter Carter e Bill lá, cuidando dela e fazendo bom uso do imóvel, funcionava para todos.

Mesmo atrás das grades e agora, no além, Grizz parecia ter suas mãos em tudo.

Ela entrou no Shady Ranches pela longa entrada familiar. Esperando por ela, ela viu Carter e Casey, ambas de pé na varanda. Então, Casey tinha finalmente pegado um voo. Ela ficou feliz. E Tommy tinha telefonado antes. Ginny sabia que ele faria isso. Ele era o ser humano mais confiável do mundo.

Mas, aparentemente, apenas não o mais honesto.

Ela sentiu uma pontada de dor no peito.

Suas amigas se aproximaram do carro. Ela não podia estacionar com rapidez suficiente. Ela praticamente caiu em seus braços estendidos. Apoiou-se em Carter, soluçando, enquanto sua amiga gentilmente a guiou para dentro da casa. Casey pegou a pequena mala no banco de trás e seguiu-as para dentro.

Capítulo 32

1979

— Kit, Axel acabou de estacionar. Você está pronta? — Grizz gritou da sala de estar.

— Aguarde um segundo. — Ela gritou de volta.

Ela nunca conseguiu convencer Grizz a levá-la para dançar no seu aniversário alguns meses atrás. Ela sabia que estava pedindo demais, mas ela achou que valia a tentativa. Mesmo assim ela estava feliz por ir a um clube de dança. Ela adorava dançar e Axel ficou simplesmente muito feliz em cooperar. Claro, ele disse para o Grizz que se ele fosse ao motel para pegar Kit, ele não queria ser incomodado pelos outros. Grizz compreendeu e eles colocaram um pretexto na frente de alguns dos frequentadores. Grizz “ordenou” que Axel levasse Kit para dançar e Axel fingiu pisar forte, nervoso. Kit estava realmente surpresa que Grizz tivesse concordado em fazer parte do jogo.

Grizz assistiu da janela quando Axel falou com alguns dos caras no poço. Ele podia dizer pela sua linguagem corporal que Axel estava “reclamando” da razão de estar lá. Grizz realmente sorriu.

Em seguida, seu sorriso desapareceu quando ele pensou sobre o estupro de Kit ano passado. Ele ainda não tinha pegado o cara, mas ele sabia que estava chegando perto. E se ele fosse honesto consigo, ele não gostaria que ela saísse para dançar.

Mas ele sabia que tinha que deixá-la. Ela tentava fazer uma cara de corajosa, mas ele a observava por vezes, sabia quando ela estava afundando na memória horrível daquela noite. Ele tinha que deixá-la ter um pouco de liberdade, algum tipo de recreação que não envolvesse ele ou o motel.

— Tudo pronto! — ela disse atrás dele.

Grizz se virou para ver sua esposa que estava ali, uma grande visão. Sua boca, na verdade, caiu aberta. Ele olhou para ela lentamente conforme seu olhar fez o caminho a partir do topo da cabeça até os dedos dos pés rosados.

— Qual o problema? — ela perguntou, olhando para seu vestido. Em seguida, ela levou as mãos ao rosto, acariciando suas bochechas. — O quê? Minha maquiagem está borrada ou algo assim?

— Você está linda. — Grizz disse a ela.

— Ah, muito obrigada! — ela fez um giro rápido, o alívio evidente em sua voz. — Eu comprei o vestido na semana passada. Eu o amo! Eu acho que vou ficar ótima na pista de dança. Não acha?

— Não. Tire. Você não vai usar esse vestido para sair.

— O quê? O que quer dizer com tire? Eu não vou tirá-lo. Eu o adoro e é perfeito para dançar.

Ele apontou. — Seus mamilos estão aparecendo.

Ela olhou para baixo. — Meus mamilos não estão aparecendo.

— Eu posso ver seus mamilos. Você não vai usar esse vestido para sair, Kit.

— Você não pode ver meus mamilos, Grizz. Este vestido não é transparente. Eles estão aparecendo, porque está muito frio aqui. Você mantém a temperatura tão baixa quanto possível.

— Então, coloque um sutiã.

— Eu não tenho um sutiã que possa usar com este vestido e você sabe disso! Olha como são as alças.

— Então, coloque um suéter.

— Não, eu não vou vestir um suéter em uma discoteca! De jeito nenhum. Você está sendo ridículo.

Ele marchou por ela e dirigiu-se para o seu quarto. Podia ouvi-lo remexendo. Se ele pensava que traria um suéter para ela vestir, ele estava louco.

Ele voltou para a pequena sala de estar. — Aqui, esses devem funcionar. Eu vou ajudá-la a colocá-los. — disse ele, entregando dois Band Aids.

— Você quer que eu coloque Band Aids nos meus mamilos? Você se superou demais! De jeito nenhum, Grizz! — ela cruzou os braços, recusando-se a pegá-los. — Você tem mulheres de topless vagando por todos seus bares e você não se importa que vejam seus mamilos!

— Nenhuma delas é a minha mulher! — ele rosnou. — Eu estou te dizendo agora, Kit. Você não vai sair daqui com esse vestido.

Ele olhou para fora da janela. Axel estava caminhando em direção ao número quatro.

Ele nivelou um olhar para ela. — Troque-se ou eu vou falar para o Axel que você não vai.

Ela pisou duro para fora do cômodo. Voltou menos de cinco minutos mais tarde, desta vez vestida com um traje preto mais conservador. Axel estava dentro agora, conversando com Grizz.

— Melhor? — ela perguntou ao Grizz com uma certa atitude. Ela ficou ali rigidamente. — Quaisquer outras regras que eu preciso saber?

— Não. Axel sabe quando eu quero você em casa.

Axel olhou de um para o outro. Algo estava errado, mas ele não sabia o que era. Ele podia sentir a tensão na sala. Ele decidiu aliviar o clima. — Esse é o seu vestido novo, Kit? É muito legal.

— Não, não é o meu vestido novo. — Ela respondeu a ele, o queixo levantado um pouco alto demais.

— Eu pensei que tinha me falado que comprou um vestido novo só

para esta noite. — disse ele calmamente. Talvez ele estivesse entrando em algo que não deveria. Ele olhou de Kit para Grizz e novamente de volta para Kit.

— Eu comprei um vestido novo, mas eu não estou autorizada a usá-lo. — Ela agarrou sua bolsa superdimensionada no peito e se aproximou da porta da frente. Quando ela a abriu, gritou por cima do ombro. — Aparentemente, se eu quero usar o meu novo vestido hoje à noite, eu preciso deixar os meus mamilos aqui com Grizz, e uma vez que não posso fazer isso, eu troquei o vestido.

Axel olhou para Grizz com uma expressão de perplexidade.

Grizz apenas riu. — Fique de olho nela. Traga-a para casa em segurança.

Ele estava na porta aberta e viu quando Axel acompanhou-a até seu carro e segurou a porta aberta quando ela entrou.

Ele sorriu para si. Será que ela realmente acha que ele não notou a protuberância na sua bolsa? Ele sabia que tinha que deixar algumas coisas para lá. Ele sabia que tinha que deixá-la, de vez em quando, pensar que ela ganhou. Ele permitiria que ela tivesse essa pequena vitória, mas ele não tinha que gostar. Ele fechou a porta e foi fazer um telefonema.

Estavam a cerca de quinze minutos no seu carro quando Kit disse ao Axel: — Você se importa de parar antes de chegarmos lá? Eu realmente preciso usar o banheiro.

— Sim, com certeza, nenhum problema, Kit. — disse ele e estacionou em um restaurante de fast food. — Está tudo bem?

— Tudo bem. Vai ser apenas um minuto.

Menos de cinco minutos depois Kit saiu do restaurante e se dirigiu para o carro. Ela estava usando um vestido diferente.

— Não diga nada, Axel. — Ela disse quando deslizou para o banco do

passageiro. — Não diga uma palavra. Eu vou trocar de novo antes de você me levar para casa. Eu poderia ter usado um suéter estúpido e tirado, mas é o princípio da coisa. Ele sempre tem que vencer. Bem, não desta vez. — Então ela jogou a bolsa grande e o vestido que ela estava usando, junto com o sutiã, na parte de trás do carro. — Não pode ser sempre do jeito dele, você sabe. Às vezes, ele pode ser tão intimidante.

— Às vezes?

Então ele sorriu e colocou o carro em sentido inverso. A verdade era que ele realmente gostava dela. Ela era uma garota doce. Provavelmente doce demais para o Grizz. Mas ele conseguia entender onde ela queria chegar. Grizz era intimidador, e mesmo que Axel nunca seria desleal para com ele, ele estava disposto a deixar algumas coisas passarem. Esta seria uma delas. Ele sabia que ela ainda estava um pouco chateada, por isso ele decidiu deixá-la saber, do jeito dele, que ele estava bem com a mudança do traje.

Sem tirar os olhos da estrada, ele estendeu a mão direita em direção a ela.

— Eu realmente não curto esse negócio de apelido. Eu sou Greg. É um prazer conhecê-la. — Ele olhou para ela com um sorriso amável.

Ela sorriu e estendeu a própria mão, depois hesitou. Deveria? Poderia? Então ela agarrou sua mão, deu-lhe uma agitada.

— Eu sou Ginny. Prazer em te conhecer, Greg.

Eles conversaram o resto do caminho sobre tudo e qualquer coisa não relacionada com o motel. Mesmo com a dança no número quatro, eles nunca saíram realmente juntos e ambos estavam contentes que parecia haver uma verdadeira amizade que ia além do motel e suas aulas de dança. Ambos concordaram que, apesar de Saturday Night Fever já ter dois anos, o disco ilustre sempre tocaria por aí e John Travolta era um sonho.

Quando chegaram ao clube, havia uma longa fila de fora da porta.

Axel passou pela fila e fez sinal afirmativo com a cabeça para o segurança, que abriu a corda, acompanhando-a para dentro.

Estava barulhento e cheio lá dentro. A pista de dança estava lotada, enquanto a multidão balançava e girava com Gloria Gaynor: I Will Survive.

Axel examinou o ambiente. Quando ele viu o que estava procurando, acenou com a cabeça e sorriu. Kit percebeu a troca, mas não conseguiu ver para quem ele estava olhando.

Ele caminhou com ela pelo corredor em direção aos banheiros. O som ainda era alto, mas aqui ele não teria que gritar.

— Kit, houve uma pequena mudança de planos. Eu espero que você não se importe. — Ele olhou para o chão timidamente.

Isso era novo. Axel quase parecia estar corando. Ele olhou por cima do ombro e sorriu para alguém. Ela se virou e deu uma rápida olhada. Foi quando o viu. Ele era um ruivo baixo, com um sorriso de menino e sardas. Ela olhou de volta para Axel.

— Ele é bonito. Quem é ele? — ela sorriu.

— O nome dele é Jonah. — E depois de uma pausa: — Ele é mais jovem do que eu. Sem conexões com gangues. Um cara muito legal.

Ele olhou para o chão novamente.

— Está tudo bem, Axel. Compreendo. Se eu não o conhecesse melhor, eu diria que você está corando. — Ela brincou.

— É algo real, Kit. Acho que estou apaixonado.

— Vá. Vai ficar com Jonah. Tenha uma noite especial. Basta estar de volta aqui 30 minutos antes do horário que você disse a Grizz que me levaria em casa.

Ele olhou para ela e, em seguida, abriu um largo sorriso. — Você não achou que eu a deixaria aqui sozinha, não é?

Antes que ela pudesse responder, ela sentiu uma respiração em seu

ouvido e ouviu uma voz perguntar: — Você acha que eu vou ser um substituto digno para o rei do Saturday Night Fever?

Ela se virou e sorriu. — Grunt!

Conversaram mais alguns minutos. Axel explicou que era uma coisa de última hora. Ele não quis ser falso. Ele teve a oportunidade de ter algum benefício com Jonah. Ele não entrou em detalhes, mas disse que era uma rara oportunidade de realmente estar em algum lugar com um homem que amava. Um lugar onde ele não seria julgado. Kit não pediu informações. Ela sabia que ele era leal a Grizz, e ela também sabia que não queria privá-lo de uma noite especial com seu novo namorado.

Ela os olhou cuidadosamente quando foram pelo corredor e para fora da porta. Então ela olhou para Grunt, que estava sorrindo para ela. Ela não o via desde que ele retornou da sua viagem de negócios para Vancouver mais de um mês atrás. Ela percebeu o quanto sentiu falta dele.

— Eu não sou o melhor dançarino, mas eu acho que eu não vou envergonhá-la. — Ele disse a ela.

Ela o abraçou. Quando ela se afastou dele, ele olhou para ela, sua expressão séria.

— Você realmente está linda esta noite, Kit. — disse ele. E antes que ela pudesse agradecer-lhe o elogio, ele acrescentou: — Eu não acredito que Grizz a deixou sair com esse vestido. Seus mamilos estão aparecendo.

Capítulo 33

1950, Fort Lauderdale, Flórida

Pop estava morto há cerca de um mês. Ralph havia se estabelecido em uma rotina no motel e foi facilmente capaz de manter a farsa de ter um avô idoso doente que passava os dias na cama. Ele explicou aos poucos hóspedes que ele estava lá para o verão ajudando seu avô. Ele lidava com os hóspedes com uma maturidade e experiência que não os fazia questionar sua história.

Ele pegava uma carona ocasional de um hóspede que estava saindo e ia para a cidade para lidar com negócios necessários, mas não era muito. Ele iria verificar os correios e fazer compras. Ele não podia comprar cerveja, mas ele não bebia de qualquer maneira, e não sobrou muita da última ida de Pop ao supermercado. Ele não tinha que pagar as contas de serviços públicos, porque estava com Pop no dia em que ele as pagou até o próximo ano. Porém, ele tinha que pagar a empresa de telefonia, mas ele fazia isso pelo correio. Ele forjava a assinatura do Pop em qualquer cheque que preenchia. Depois de pegar um extrato bancário no correio e ver as finanças do Pop, ele sabia que não tinha necessidade de se preocupar com dinheiro. Não era muito, mas era mais do que ele já tinha visto em sua vida. Mais de uma vez ele considerou tentar retirar tudo e ir embora, mas por que ele faria isso? Ele não tinha para onde ir e se sentia seguro aqui.

Ele acordou naquela manhã, comeu e vestiu-se. Ele pegou a foto de Ruthie e Razor no armário e enfiou-a no bolso de trás. Ele tinha o hábito de mantê-la com ele. Sentia-se melhor tendo-os por perto, mesmo que fosse apenas uma foto. Ela estava começando a ficar com aparência desgastada e ele se perguntava com o que poderia cobri-la para protegê-la.

Ele estava tirando as folhas da piscina quando ouviu um estrondo.

Olhando para cima, viu três motos entrando no motel. Ele se perguntou se eles estavam perdidos ou estariam à procura de quartos. Ele não tinha tido um hóspede há mais ou menos seis dias.

Ele abaixou a rede e os observou quando eles fizeram o seu caminho ao redor da piscina e da área do playground, estacionando suas motos em frente ao motel. Todos os três saíram e começaram a caminhar na direção dele.

Pareciam problemas. Eles pareciam sérios problemas.

Ele não disse nada. Ele iria deixá-los falar primeiro. Aquele que parecia ser o líder falou primeiro.

— Você trabalha aqui? — perguntou o rapaz.

— Sim senhor. Eu ajudo meu avô. Ele é o dono.

Todos os três pararam na frente dele. O líder falou novamente: — Não parece que você tem muito movimento aqui, não é?

Ralph começou a ficar nervoso. Por que o cara queria saber o quanto de movimento tem? Sentiu-se desconfortável. Com uma calma que não tinha certeza se sentia, ele respondeu: — Não muito.

Ele encontrou o olhar do homem. Ralph era grande para sua idade e esperava que ele desse a impressão de ser um pouco mais velho do que realmente era.

O líder acenou com a cabeça lentamente, olhando ao redor. Os dois rapazes atrás dele estavam fazendo a mesma coisa.

Antes que o cara pudesse dizer alguma coisa, Ralph perguntou: — Vocês procuram um quarto?

Houve uma rodada de risos. — Não, acho que não vamos precisar de um quarto. Apenas procurando um lugar para descansar os nossos traseiros durante o dia. Você tem alguma coisa para beber?

— O que você quer? Tem água, refrigerante, talvez um pouco de chá

gelado.

— Que tal uma cerveja? Seu avô bebe cerveja, por acaso?

— Sim, eu acho que eu posso dar-lhe um pouco da cerveja dele.

— Ele está aqui? — perguntou o líder. — Devo pedir-lhe permissão?

Outra rodada de riso. Ralph sabia que eles estavam brincando com ele, mas não sabia o porquê ou para quê.

Isto poderia acabar mal.

— Você pode encontrá-lo, se quiser. Eu vou ter que levá-lo para o nosso quarto, no entanto. — Ele acenou para o número quatro. — Ele está muito doente. Não sai da cama, exceto para usar o banheiro. Tem dificuldade em respirar. Eu ajudo-o.

Ele sabia que poderia ser pego nesta mentira, mas ele estava contando com o fato de que ele realmente não se importava. Eles estavam apenas testando-o. Ele estava certo.

— Não, sem necessidade de encontrá-lo, desde que ele esteja disposto a partilhar a sua cerveja.

Ralph levou a cerveja para eles e observou-os pelo canto do olho enquanto continuou com suas tarefas. Eles pegaram algumas cadeiras da área da piscina e estabeleceram-se entre os equipamentos do playground e piscina. Ele notou quando terminaram com suas cervejas, assim ele fez mais algumas entregas sem ser perguntado. Eles pareceram gostar disso.

Eles só incomodaram uma vez quando começou a ficar escuro. Ele fez alguns sanduíches e estava levando-os para fora, quando ele parou. Havia um fogo ardente crepitando e eles estavam sentados em torno dele. Eles haviam acendido uma fogueira entre a piscina e playground. Que diabos! Ele tem cuidado da grama e agora haveria uma marca de queimadura gigantesca bem no centro dela.

Ele se aproximou lentamente deles, e quando o líder viu, ele se

levantou.

— Espero que seu avô não se importe. Nós não vamos precisar de quartos, mas nós decidimos que vamos ficar e talvez fazer um pequeno acampamento aqui.

— Espero que ele não precise daquela mesa de piquenique. — Um dos outros caras disse.

Isto trouxe algumas risadas. Eles tinham usado uma das mesas para fazer o fogo. Sua primeira reação foi ficar com raiva, mas depois ele percebeu que realmente não se preocupava com uma mesa de piquenique.

— Ele não vai se importar. Aqui estão os seus sanduíches e mais cerveja. Mas são as últimas. — Era verdade e ele olhou diretamente nos olhos do líder quando disse isso.

— Obrigado, garoto. Qual o seu nome?

— Ralph.

— Bem, Ralph, eu sou Red e estes são Chops e Dusty.

O garoto balançou a cabeça e entregou a comida para os dois homens. Ele estava com as cervejas enfiadas na sua calça e houve outra rodada de risadas quando ele as puxou para fora.

Ele entregou ao Red a cerveja e sanduíche. Red colocou-as na cadeira que estava sentado e enganchou seu braço no ombro de Ralph, ele caminhou lentamente em direção a número quatro. Quando ele estava fora do alcance de Chops e Dusty, ele perguntou ao menino: — Há quanto tempo está aqui com seu avô?

Ralph não esperava a pergunta e não conseguiu pensar direito para dizer a verdade. — Desde que eu era pequeno. — Ele respondeu.

Red pareceu gostar dessa resposta. Ele assentiu. — Você cuida de todo o negócio? Todos os hóspedes?

— Sim, senhor. Eu tenho que cuidar deles.

— Seu avô sempre ajuda?

— Pops mal sai da cama. Apenas para usar o banheiro, como eu disse antes. Então, não, ele não pode ajudar.

— Bom. Bom. Você se lembra de um cara que poderia ter parado aqui há três, talvez quatro meses? Cara de boa aparência. Corte de cabelo arrumado. Provavelmente vestindo um terno e dirigindo um carro bonito. Ele era um vendedor de seguros. Você se lembra de alguém assim?

Ralph poderia responder honestamente. — Não. Ninguém me vem à mente. Eu me lembraria. Nós não temos muitas pessoas aqui.

— Obrigado, garoto. Agradeço a hospitalidade. — Ele alcançou em suas calças e tirou um maço de dinheiro. Ele tirou um pouco e entregou-o a Ralph. — Diga a seu avô para deixar que você fique com um pouco disso. Eu vi você trabalhando por aqui o dia todo. Você mereceu.

Ralph só olhava para o dinheiro. Ele não conseguia se lembrar de alguém, alguma vez lhe pagando por qualquer coisa. Pop nunca tinha pagado. Ele dava comida e abrigo, mas nada mais. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Red lhe disse: — Vá para a cama. Você trabalhou duro hoje.

Ele bateu nas costas do Ralph e virou-se, voltando para os seus amigos e fogueira. Ralph entrou no número quatro e trancou a porta atrás dele.

O resto da noite foi sem intercorrências. Ele era grato pela televisão não ter quebrado quando caiu em cima do Pop. Ele adormeceu assistindo e acordou em algum momento depois da meia-noite. Ele desligou a TV e começou a voltar para o quarto quando parou para espiar pela janela. O fogo era apenas um brilho suave e ele podia ver os três homens dormindo em torno dele. Eles devem ter trazido colchonetes, pensou. Ele olhou para a porta. Ele lembrou-se de trancá-la quando entrou mais cedo. Ele verificou duas vezes para ter certeza. Ele foi para o quarto e sem tirar suas roupas, se jogou em

cima das cobertas e adormeceu.

Ele não tinha certeza de que horas eram ou o que o acordou. Ele olhou ao redor do quarto, tentando ajustar seus olhos. Eventos do dia anterior invadiram seus sentidos. Motoqueiros, sanduíches, cerveja, uma fogueira. Seus olhos se abriram e ele deu um salto quando percebeu que o quarto totalmente escuro tinha um brilho vermelho suave. Havia fogo aqui dentro?

Ele olhou para a direita e notou a causa. O telefone na mesa de cabeceira estava iluminado. O motel tinha dois telefones. Um no escritório e um no quarto do Pop. O do quarto do Pop compartilhava a mesma linha que o telefone do escritório e Pop lhe havia mostrado antes como pressionar o botão vermelho, levantar o receptor e ouvir as chamadas telefônicas dos hóspedes.

Pop era um velho intrometido. Talvez ele fosse apenas solitário e ouvir conversas das outras pessoas lhe dava uma pequena emoção. Seja qual for a causa, isso não acontecia muito, porque havia muito poucos visitantes, e Ralph não se lembrava de um que pediu para usar o telefone do escritório desde que Pop morreu.

Alguém estava usando agora. Quem quer que fosse tinha que ter invadido o escritório. Ele estava trancado e a única chave estava em um chaveiro na sala de estar.

Usando a técnica que ele tinha visto Pop fazer apenas duas vezes, ele pressionou lentamente o botão vermelho ao levantar o fone. Ele não ouviu um clique e esperava que a pessoa que usava o telefone do escritório não ouvisse também. Ele prendeu a respiração enquanto escutava. Ele reconheceu a voz de Red.

— Eu já confirmei que ele não esteve aqui.

— Exatamente como você confirmou isso?

— Há apenas um garoto e um homem velho. O velho não consegue

sair da sua cama. Seu neto administra o lugar. Perguntei se ele esteve aqui. O garoto não estava mentindo. Eu sei quando alguém está mentindo. Ele não esteve aqui. Além disso, o nome dele não está na lista.

— Ele não teria usado o seu nome real.

— Eu sei que não, porra. Eu conheço sua caligrafia. Eu até sei como ele disfarçaria sua caligrafia. Apenas algumas assinaturas e posso garantir nenhuma delas é dele. Ele não esteve aqui.

— Você, continue procurando por ele. Encontre-o e traga-o com você. E você, certifique-se de que ele tem a porra da mala com ele.

— Não se preocupe. Vou encontrá-lo e você vai ter o seu dinheiro de volta.

— Isto não é sobre a porra do dinheiro. Eu quero a mala.

Nesse momento, um animal selvagem deu um uivo agudo atrás do motel. Ralph apertou a mão sobre o bocal. Será que Red ouviu através do telefone? Ou ele ouviria do mesmo jeito que Ralph ouviu vindo de trás do motel? Ele congelou.

— Esta é uma linha segura, agente?

Houve uma pausa antes que Red respondeu. — Sim, é segura.

— Encontre aquela mala.

Houve um clique. Ralph soube, sem dúvida Red sabia que alguém estava ouvindo.

Ele levantou-se e correu para a sala de estar. Ele espiou pela janela. Ele viu Red sair do escritório, e ele poderia dizer que ele estava carregando o chaveiro que tinha todas as chaves do motel nele.

Red aproximou-se da primeira porta, Unidade 15. Ele sacudiu a maçaneta da porta. Claro que estava trancada. Ele usou uma das chaves para destrancá-la e entrar. Ralph sabia que não havia telefones em qualquer um dos quartos, exceto neste. Se Red verificaria cada um para ter certeza, ele

teria que trabalhar rápido.

Ele desligou o telefone da parede e caminhou para o pequeno cesto de roupa suja que continha algumas roupas. Ele enfiou o telefone debaixo da pilha. Ele quase riu de si com o absurdo de esconder o telefone. Se Red viesse para o quarto e descobrisse que não havia homem velho aqui, ele teria um monte de explicações a dar. Porra!

Pense, pense, pense. Ele tinha uma chance.

Ele foi para a cômoda e pegou os cigarros do Pop. Graças a Deus ele nunca tinha jogado fora. Ele acendeu um e começou a soprar sobre ele enquanto pegava um cobertor e travesseiro no armário e levava para o sofá. Ele pegou um cinzeiro do balcão da cozinha. Ele teve que ficar mexendo à procura, porque ele se recusava a acender as luzes. Ele correu de volta para o quarto e colocou o cinzeiro na mesa de cabeceira. Ele colocou o cigarro nele, puxou a colcha que estava deitado e desarrumou a cama um pouco mais.

Então, ele foi para o banheiro. Ele ligou o chuveiro e deixou a água quente tão alta quanto possível. Ele deixou a luz acesa e trancou a porta por dentro. Ele puxou-a para fechar.

Ele correu para a sala e espiou pela cortina. Red estava no número seis. Mais uma unidade para verificar antes que ele chegasse ao quatro. Ele hesitou por um segundo e, em seguida, chegou a uma decisão. Ele abriu a porta e saltou sobre o sofá. Ele se levantou novamente e arrancou as calças, deixando-as no chão. Ele se deitou de novo no sofá e puxou o cobertor.

Ele tinha acabado de fechar os olhos quando a porta se abriu. Red estava na porta, a lua lançando uma sombra que se derramava na unidade quatro. Ralph sabia que Red não esperava que a porta estivesse aberta. Ele observou através dos olhos semicerrados quando Red jogou as chaves mestras para o lado. Elas devem ter caído na grama porque não fez nenhum som.

Red alcançou a parede e acendeu a luz.

Ralph sentou-se no sofá e usou a mão para proteger os olhos. Ele sabia que dava a impressão de ter sido arrancado de um sono profundo.

— Desculpe, garoto. Não quis acordá-lo. Preciso usar o telefone. Você tem um telefone aqui que eu possa usar? — Red balbuciava as palavras e fingia cambalear. Ralph sabia que ele não estava bêbado. Ele tinha o ouvido no telefone. Ele estava bem sóbrio. Ele também sabia que Red tinha jogado as chaves mestras de lado porque ele não queria ser pego com elas.

Ralph esfregou os olhos como se estivesse tentando dar sentido à cena que estava diante dele. Ele sentou-se e estendeu a mão para puxar as calças. Ele levantou-se, e enquanto fechava-as, respondeu ao Red: — Sem telefone aqui. Desculpe. Eu posso levá-lo até o escritório e permitir que você use o de lá.

Ele caminhou em direção a Red e começou a tirar a chave do escritório de um gancho perto da porta. Ele podia ver através da sua visão periférica que Red examinava o quarto. Ele estava à procura de um telefone.

Ele entrou e passou por Ralph quando voltou para o quarto.

— Você tem certeza, garoto? Talvez seu avô tenha um que eu possa usar. — Ele voltou para o quarto e se atrapalhou com o interruptor da luz. Ralph estava bem atrás dele e sabia que ele estava observando o quarto lentamente. Sem telefone. Nenhum homem velho também.

Ainda fingindo sonolência, Ralph respondeu: — Não. Sem telefone aqui dentro também. — Ele passou por Red e caminhou até a mesa de cabeceira. Ele pegou o cigarro aceso e rapidamente apagou-o. Então, ele olhou para a porta do banheiro. A luz estava acesa e vapor estava saindo por baixo da porta.

— Seu avô sempre toma banho no meio da noite? — ele perguntou apontando para a porta do banheiro. Ele não parecia tão bêbado.

— Sim. Disse que o vapor ajuda seus pulmões. Torna mais fácil para respirar. Ele provavelmente respiraria mais fácil se ele parasse de fumar.

Ralph sacudiu a cabeça e começou a caminhar de volta para a sala, deixando Red na porta do quarto.

Red deu uma olhada ao redor do quarto. Não havia telefone aqui e ele estava certo de que não havia um telefone no banheiro. Ele cambaleou em falso de volta para a sala de estar. Ralph já tinha deitado no sofá de novo.

— Desculpe incomodá-lo, garoto. Eu vou simplesmente usar na parte da manhã. Se eu conseguir lembrar na hora para quem eu queria ligar. — Ele apagou a luz e fechou a porta atrás de si.

Ralph levantou-se e espreitou pela janela. Ele viu quando Red recuperou o chaveiro com as chaves mestras do motel da grama e voltou para o escritório para devolvê-lo. Ele não estava cambaleando.

Na manhã seguinte, os três motociclistas pediram uma frigideira, alguns ovos e qualquer tipo de carne. Ralph levou o que tinha e notou que tinham reiniciado o fogo e colocado uma grade de uma das churrasqueiras sobre ele. Um pote de café estava em cima daquilo. Eles tinham o que parecia um kit confuso do exército, então ele não precisava fornecer-lhes quaisquer copos, pratos ou talheres. Ele estava feliz.

Ele realizou suas tarefas e agiu como se nada incomum tivesse acontecido na noite anterior. Eles finalmente terminaram o café da manhã e usaram a mangueira do motel para limpar o kit. Red anunciou que estavam saindo. Eles carregaram suas motos e estavam de pé ao redor do fogo conversando. Ralph caminhou até eles e começou a pegar uma cadeira. Ele ia devolvê-la para a área da piscina. Ele estava de costas para eles quando começou a se afastar.

— Ei, garoto, o que é isso? Você deixou cair alguma coisa.

Ele se virou e percebeu que o cara que foi apresentado como Dusty

estava segurando alguma coisa. Ele derrubou a cadeira quando percebeu que era o retrato de Ruthie e Razor. Deve ter caído do bolso de trás. Ele o considerava seu talismã de boa sorte e nunca tinha pensado no que faria se ele perdesse.

Ele se lançou para Dusty para arrancar dele, mas Dusty previu isso e deu um passo para trás.

— Whoa, whoa, rapaz. Dê-me um segundo para olhar para isso. Não precisa ficar todo nervoso.

Ralph estendeu a mão para ele novamente e Dusty deu mais um passo para trás e segurou a foto no alto.

— Pare de encher o saco do garoto. Devolva a foto dele. — rosnou Red.

— Eu vou. Só não entendo o porquê dessa excitação. Apenas uma menina e seu vira-lata.

Ele começou a entregá-la a Ralph e quando Ralph estendeu a mão, Dusty puxou antes que ele pudesse agarrá-la. O movimento rápido o levou a perder o controle sobre a foto e como se estivesse em câmera lenta, ela flutuou suavemente sobre a fogueira e caiu nas brasas. Rapidamente pegou fogo, e antes que Ralph pudesse alcançá-la, ela tinha ido embora. Ele ficou lá e olhou.

Eles tinham ido embora. Ele nunca veria o rosto sorridente de Ruthie novamente. Ele nunca veria seus cachos. Ele nunca mais veria os olhos inteligentes de Razor.

Nunca.

— Puxa, rapaz. Não queria que isso acontecesse. — Dusty estava sendo sincero.

Os três homens balançaram a cabeça e começaram a se afastar em direção a suas motos. Dusty estava levantando a parte traseira.

Houve um grito alto, quase gutural, e antes que eles pudessem se virar, Dusty estava no chão e Ralph estava em cima dele. Ralph tinha pego um dos pedaços de madeira do fogo e surrava Dusty com tanta força quanto conseguia, quando os homens viraram para ver de onde o som estava vindo. Dusty estava agora de costas. Ele não tinha sido nocauteado pelo golpe, mas estava muito atordoado para lutar de volta. Ralph estava sentado em seu peito e manchando o rosto dele com sangue. Precisou de Red e Chops para retirá-lo.

Red içou Ralph, agarrando-o abaixo de cada axila e levantou-o. Então, em um movimento de luta comum, ele apertou as mãos no pescoço do Ralph, o que deixou difícil para ele se libertar. Ele estava respirando pesado. Red segurou-o enquanto Chops tentou ajudar Dusty.

— Calma, garoto. Acalme-se e recupere o fôlego. Eu sei por que você ficou louco. Dusty é um idiota, mas eu sei que ele não quis fazer aquilo. Acalme-se.

A respiração do Ralph desacelerou enquanto observava Chops ajudar Dusty a sentar. Ele pegou uma bandana do bolso e deu para Dusty enxugar o rosto ensanguentado.

Dusty olhou para Ralph. — Eu deveria te matar, seu desgraçado. Você quebrou a porra do meu nariz.

— Cale a boca, Dusty. Você sacaneou ele. Você pediu por isso. Vocês dois. Montem em suas motos. Saiam daqui. Alcanço vocês.

Ele não afrouxou nem um pouco seu controle sobre Ralph enquanto observava Dusty e Chops subirem nas motos e saírem. Dusty tinha cambaleado um pouco. Aquela batida na cabeça foi bem forte. Aparentemente, ele tinha uma cabeça dura.

Quando eles foram embora, Red soltou Ralph e o garoto virou-se para encará-lo.

— Ele mereceu.

— Eu sei que ele mereceu. Você não fez nada de errado.

Ficaram ali e olharam um para o outro. Red o mediu, ele era um homem intimidador. Grande e áspero na aparência, coberto de tatuagens e tinha uma voz profunda que reverberava muito tempo depois que ele falava. Ralph quebrou primeiro o olhar e olhou para a tatuagem que aparecia um pouco acima do decote da camisa de Red. Sem ser perguntado, Red respondeu.

— É um diabo. Você está vendo o rabo vermelho.

Ralph não disse nada, apenas olhou de volta para Red. Havia algo no olhar do Red, reconhecimento. Esse garoto sabia alguma coisa. Ele nunca encontrou um telefone, mas ele sabia que o garoto estava ouvindo. Esse garoto tinha um segredo também, e mesmo que Red não soubesse o que era, ele pretendia descobrir. Ele poderia tirar dele, mas algo lhe dizia que esse garoto não rachava.

Red olhou para o número quatro. Não havia nenhum homem velho no número quatro. Esse garoto era esperto o suficiente para estar vivendo aqui sozinho. Ele olhou para Ralph, os olhos verdes do rapaz disseram ao Red que ele estava certo.

Ele deu um meio sorriso e acenou com a cabeça. Ele precisava que esse garoto fosse até ele. Confiasse nele.

— Olha, garoto. Se alguma coisa acontecer com seu avô. — Ele fez uma pausa. — Você sabe do que eu estou falando?

Ralph não respondeu, de forma que Red continuou:

— Você sabe, com a saúde dele? Qualquer coisa que aconteça e se você não quiser ficar por conta própria, venha me encontrar. Estou em Fort Lauderdale. Vou te dar um emprego.

Ralph não disse nada no começo. Ele só olhou com aqueles olhos

verdes intensos. Ele finalmente perguntou: — Como eu vou te encontrar?

— Encontre o meu bar na praia e você vai me encontrar. — Ele começou a caminhar em direção à sua moto e gritou por cima do ombro. — Chama The Red Crab.

Capítulo 34

2000

As três amigas tinham tido tanta coisa para falar, que não tinham percebido o amanhecer até que o galo resgatado de Carter, Victor, começou a cantar.

Ginny estava exausta, mas ela se sentia imensamente aliviada. Ela contou tudo às meninas e elas nunca interromperam. Elas sabiam que ela tinha que tirar algumas coisas do seu peito. A jornalista em Casey achou muito difícil não intrometer e fazer perguntas. Mas Casey tinha se lembrado, isso não era uma notícia. Esta era uma querida amiga, uma amiga que só precisava delas para ouvir. E isso foi o que ambas fizeram.

Elas até mesmo deram algumas boas risadas.

— Eu me lembro de quando aquele cara veio pelo tabuleiro de xadrez do Grizz. — disse Carter depois de ouvir a história sobre como ele apareceu na casa de Tommy e Ginny, como Jason montou como uma surpresa.

Ginny não se conteve. Ela sorriu. Ela conhecia a história que Carter estava se preparando para contar.

— O quê? — perguntou Casey. — Estou sentindo uma história. Perdi alguma coisa?

— Sim, você estava fora do país. — Carter a respondeu. Ela tomou um gole de vinho antes de continuar. — O jogo de xadrez estava aqui quando eu me mudei. — Fez um gesto com a mão. — Você tinha acabado de ir para a África e Ginny havia se mudado de volta para cá depois de ficar no Stephen e April por algum tempo. Eu notei que ela evitava esta sala.

— Algumas coisas eram tão difíceis. — Ginny disse em voz baixa.

— Eu sei querida. É por isso que eu pedi ao Tommy vir um dia,

embalar e colocá-lo na casa de hóspedes em cima da garagem. Eu tinha levado você a um dos compromissos com seu médico para que você não estivesse aqui. Eu não sei se você percebeu que eu o movi. — Carter olhou pensativa para Ginny.

— Eu realmente não me lembro o que pensei. — Ginny respondeu honestamente. — Passar cada dia era uma luta.

— Está bem. — Casey olhou de uma para a outra. — Então, o que foi tão engraçado?

— Sim, essa parte. — Continuou Carter. — Foi cerca de dois anos mais tarde. Depois que Grizz foi condenado à prisão. Eu estava em casa um dia e houve uma batida na minha porta. Eu estava esperando alguém de um santuário animal. Eles viriam para pegar o Phil.

— Phil? — Casey perguntou.

— Sim, aquele maldito camelo que me deu muito trabalho. De qualquer forma, Tommy deixou uma mensagem dizendo que alguém viria pegar o tabuleiro de xadrez. Mas eu não tinha escutado minhas mensagens.

— E... — Casey usou sua mão pedindo a Carter para continuar.

— E, eu abri a porta e o homem mais bonito que eu já coloquei meus olhos estava ali. Um nativo americano grande, gigantesco! Eu sei que eu apenas fiquei lá boquiaberta.

— Anthony Bear. — Ginny explicou a Casey. — Um dos amigos do Grizz. Eu não acho que qualquer uma de vocês o conheceu. Ele veio com sua esposa, Christy, algumas vezes, mas eu não tenho certeza se vocês vieram na minha casa ao mesmo tempo em que eles.

— Eu acho que eu teria lembrado de um índio grande, bonito. — Casey balançou as sobrancelhas.

— Especialmente este! — acrescentou Carter. — De qualquer forma, foi simplesmente estranho, porque eu pensei que ele estava aqui para pegar o

Phil. Ele sabia que ia pegar algo para entregar ao Grizz, mas ninguém disse a ele o que era. Nós não estávamos nos comunicando e não ajudou que eu estava com a língua totalmente presa. Eu juro, me transformei em uma aluna da oitava série sorridente! — Carter sorriu. — Acompanhei-o à parte de trás da casa e apontei para Phil. O olhar em seu rosto foi cômico. Foi isso. Tão engraçado.

Casey apenas balançou a cabeça, com uma expressão perplexa no rosto.

— Você acharia mais engraçado, Casey, se você conhecesse Anthony. Para começar, ele é maior do que Grizz e eu acho que ainda mais forte. — Ginny fez uma pausa, olhou para seu colo. — Se isso for ao menos possível.

Houve uma pausa na conversa.

— Carter, você tem uma aspirina? — perguntou Ginny.

Carter começou a se levantar, mas Ginny a alcançou. — Eu posso buscá-la. Ainda mantém alguma na cozinha?

— Gabinete de medicamentos no meu banheiro.

Ginny caminhou em direção à parte de trás da casa. O banheiro de Carter era o banheiro principal. O que ela tinha compartilhado com Grizz.

Ela se lembrou de quando eles estavam construindo a casa há tantos anos. Grizz tinha insistido em uma banheira gigante.

— Por que no mundo eu precisaria de uma banheira tão grande? — Ginny tinha perguntado quando a viu, com as mãos nos quadris. O banheiro não tinha sido terminado ainda. Ela estava lá para falar com o construtor sobre as seleções de azulejos.

Grizz veio por trás dela e colocou os braços ao redor da sua cintura. Puxando-a para ele, ele se inclinou para acariciar seu pescoço. — Tem que ser grande o suficiente para me caber junto com você.

— Você vai tomar banho comigo? — Ela perguntou, surpresa.

— Sim. E eu vou fazer amor com você nesta banheira. Eu vou fazer amor com você em todos os cômodos da casa, Kitten. Na banheira, na cozinha, na frente da lareira. Em todos os lugares.

Ele a virou, em seguida, e delicadamente a beijou. O beijo se aprofundou e ela podia sentir sua excitação pressionando o seu estômago.

Ela interrompeu o beijo e olhou para ele. — Grizz, não aqui! O construtor vai estar aqui em um minuto.

— Eu poderia beijá-la durante todo o dia, Kit. — Ele disse, tomando seu rosto entre as mãos. — Nada vai acontecer querida. Apenas deixe-me desfrutar de você por alguns minutos. — E ele abaixou a boca de volta para a dela.

Ginny sentiu as lágrimas começarem quando memórias de Grizz caíram sobre ela. Sentou-se na cama de Carter. O que havia de errado com ela? Ela esteve nesta casa muitas vezes desde a prisão de Grizz. Por que ela estava reagindo desta maneira agora?

Talvez fosse o fato de que ele tinha ido embora. Para sempre. Talvez ela nunca tenha chegado a lamentar corretamente. Ela moveu a aliança de casamento para frente em sua junta enquanto esfregava o local onde o nome de Grizz tinha sido tatuado quase 25 anos atrás. Muito antes do anel de tatuagens se tornar popular. Havia ainda uma leve sensação de queimação da visita ao estúdio de tatuagem de Eddie, no sábado. Ela terminou de esfregá-lo e moveu a aliança de volta no lugar.

Ela não sabia o que estava sentindo e ela não queria que suas amigas viessem procurá-la. Ela se levantou e limpou os olhos com as mãos. *Respire profundamente. Coragem, Ginny. Você pode ir lá e pegar a aspirina.*

Carter e Casey sussurravam, cabeça a cabeça, depois que Ginny saiu da sala. Elas estavam preocupadas com sua amiga, mas sabiam que ela ia passar por isso.

— Você acha que cabe a nós dizer-lhe algumas coisas que Tommy nos contou? — perguntou Carter suavemente.

— Talvez. — Casey fez uma careta. — Eu simplesmente não posso acreditar que Tommy a enganou por qualquer outra razão do que para protegê-la todos estes anos. Ele precisa de aliados. Eu acho que ele é um cara bom, Carter. Eu nunca vi nada que me fizesse acreditar no contrário.

— Você acha que ele nunca contou a história do baile? Ou talvez Sarah Jo disse a ela?

— Eu realmente não sei. Quando Tommy nos disse, eu nunca pensei em perguntar se Ginny sabia. E o fato de que Gin nunca mencionou isso, me faz pensar o que ela sabe ou não todos esses anos. Você sabe, com exceção de Tommy ser filho de Grizz.

A conversa foi interrompida por um grito de gelar o sangue vindo do banheiro principal.

— Carterrrrrr!!!!

— Uh oh. — disse Carter, saltando de pé e indo em direção ao banheiro. — Eu acho que Gin acabou de conhecer Richard Pepperbloom. Eu esqueci-me de contar a ela sobre ele.

— Quem diabos é Richard Pepperbloom? — Casey seguiu logo atrás. — Você não o mencionou para mim.

— Eu estou mantendo-o na minha banheira até que alguém venha pegá-lo amanhã. — Antes de Casey poder comentar mais, despreocupadamente Carter acrescentou: — É um jacaré.

Capítulo 35

1979

Grizz e Axel estavam sentados no número quatro. Grizz tinha chamado Axel para uma reunião. Grizz estava em sua cadeira, Axel no sofá. Ele continuou olhando por cima do ombro de Grizz para a pequena cozinha.

— Axel, que porra é tão interessante que você continua olhando para a cozinha?

— Uh, o que Kit está fazendo para o jantar?

Grizz deu-lhe um olhar. — Eu te chamei aqui para falar sobre negócios e você quer saber o que Kit está fazendo para o jantar?

Axel realmente lambeu os lábios.

— Algum tipo de assado, e antes que você pergunte, sim. Você pode jantar conosco. Mas... — Grizz acrescentou: — Não, se não terminarmos esta conversa antes que ela volte para dentro.

— Sua esposa é a melhor cozinheira que eu já conheci. — disse Axel sonhador. Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, Grizz bateu com o punho na mesa pequena.

— Axel!

— Sim, estou bem aqui, chefe. — Axel entrou na atitude de negócios, levantou-se e entregou um envelope a Grizz de grandes dimensões. Ele empoleirou-se no sofá, assistindo enquanto Grizz abria.

Grizz tinha confidenciado ao Axel que Kit estava tendo alguma depressão séria por causa do suicídio de Moe. Ela realmente queria ir para a faculdade. Se havia alguma coisa que Grizz tinha dificuldade, era falar não para a Kit. Ele moveria a Terra por ela se estivesse ao seu alcance. Grizz sabia que ela faria o seu melhor para permanecer fora do radar de quaisquer

antigos colegas que corressem em direção a ela. Ele tinha esperança que permiti-la passar mais tempo com Grunt estivesse ajudando, mas ela precisava de mais, e ele sabia disso.

Ele vasculhou o conteúdo do envelope e leu o que estava segurando, em seguida, olhou para Axel, com uma sobrancelha levantada.

— Você está brincando comigo. — Foi tudo o que disse.

— Não, Grizz, não estou brincando com você. — Axel respondeu. Em seguida, depois de uma pausa, acrescentou: — Não dá para inventar essa merda.

— Dinamarca? — Grizz perguntou incrédulo. — Eles fazem essa merda na Dinamarca?

Axel acenou para o que Grizz estava segurando. — Diz que é lá, então, sim, eu acho que é onde eles fazem.

Neste momento, Kit entrou. Ela estava fora cuidando do seu jardim. Ela cultivava hortaliças na parte de trás do motel. Grizz insistia que ela ficasse com um dos cães em todos os momentos. Ele notou recentemente mais atividades de crocodilos por lá do que o habitual, e ele sabia que Damien ou Lúcifer iriam alertá-la se fosse detectado um intruso de qualquer tipo.

Grizz tinha percebido em alguns vislumbres rápidos no quão bonito estava ficando à frente do motel. Ele encorajou sua jovem esposa a enfeitar o lugar um pouco. Além da sua horta, ela plantou flores ao longo da calçada do motel e acrescentou plantas penduradas fora da sua unidade recentemente. Ele pensou que poderia ajudar um pouco com sua depressão, mas ele sabia em seu interior que não era suficiente. Ele precisava descobrir uma maneira de deixá-la ir para a faculdade. Era por isso que Axel estava lá.

— Oi, Axel, eu não sabia que você estava aqui. — Kit caminhou até o homem menor, dando um beijo leve na bochecha. — Você quer ficar para o

jantar? Eu fiz um assado. Tem muito.

Axel olhou para ela inocentemente. — Claro, se você acha que vai ter o suficiente.

— Eu definitivamente tenho o suficiente. — Ela beijou Grizz no topo da sua cabeça antes de ir para a cozinha verificar seu assado.

— Tudo bem, Kit. Se você insiste.

Grizz beliscou a ponta de seu nariz. Ele estava ficando impaciente.

— Eu preciso de 15 minutos para arrumar tudo. — Ela disse para eles conforme levantavam.

— Nós vamos estar no poço. — Grizz disse a ela. — Basta gritar.

— Está bem. — Foi tudo que ela disse.

Havia uma pequena mesa com duas cadeiras onde ela e Grizz comiam as suas refeições. Era tão pequena que Kit colocava o jantar em estilo buffet no balcão da cozinha, já que era muito raro que alguém fosse convidado ao número quatro para comer com eles. Os três podiam servir-se antes de sentar. Ela carregou a cadeira de Grizz até a pequena mesa.

— Ela não está mancando muito. Ela parece mais forte. — comentou Axel para Grizz enquanto se dirigiam para o poço.

Axel lembrou de algumas semanas antes, quando ele visitou, e estava de pé do lado de fora do número quatro. Ele estava imerso em uma conversa com Grizz e Chowder quando ouviram um pequeno grito. Kit tinha ido correr na frente do motel no asfalto velho e esburacado. Ela deve ter pisado em falso e perdeu o equilíbrio. Grizz foi imediatamente para o seu lado e sem esforço a pegou, embalando-a de perto.

— Eu estou bem, Grizz. Eu só pisei em falso. — Ela disse estremeçando.

— Você não está bem. Seu tornozelo já está inchando. Precisamos levá-la para dentro e colocar um pouco de gelo sobre ele. — Antes que ela

pudesse responder, ele gritou para Chowder: — Pavimente esta porra de estrada. Ela poderia ter quebrado o tornozelo!

Chowder observou enquanto ele carregava Kit ao número quatro. — Eu venho pedindo-lhe há cinco anos para pavimentá-la. — disse ele calmamente. — Causa estragos nas motos e carros também.

— Apenas faça! — Grizz gritou quando entrou na unidade.

Agora, Grizz apenas deu de ombros quando eles chegaram ao poço e se sentaram. — Sim, foi apenas uma torção. Ela parece bem.

Menos de quinze minutos depois, Kit colocou a cabeça para fora. — Pronto rapazes, hora do jantar!

Ela correu ao quarto para mudar seu top antes do jantar. Ela tinha de alguma forma conseguido derramar molho na frente enquanto estava preparando a comida. Ela estava passando um pouco de água fria da pia do banheiro na blusa quando ouviu uma pequena comoção. Deixando a pia, ela se dirigiu através do quarto para área da cozinha e sala de estar.

Lá, ela parou de repente. Uma onda de náusea passou sobre ela, em seguida, entrou em pânico.

Grizz e Axel estavam na cozinha. Sangue estava por toda parte.

— Precisamos chamar Grunt ou Doc. Você definitivamente precisa de pontos. — Exclamou Axel para Grizz enquanto estava pegando o pano de prato que Kit mantinha pendurado na porta do forno.

— Eu não preciso de pontos. — Grizz olhou para ele, uma mão apertada contra sua testa.

— Oh, meu Deus! — Kit correu para eles. — O que aconteceu? Ah não! Ah, Grizz, você entrou em outra briga? Quem te bateu? Deixe-me ver!

— Kit, eu não entrei em uma briga e você não pode ver. Não há nada para ver.

— Sim, há. — A voz de Axel era firme e ele moveu a mão de Grizz

de lado e pressionou a toalha em sua testa. — Está ruim, Grizz. Parece realmente profundo. Você definitivamente precisa de pontos.

— Cale a boca, Axel. Eu não preciso de pontos.

— Deixe-me ver. — Kit ficou na ponta dos pés, olhando para sua cabeça. O sangue estava por todo o rosto agora e escorrendo pelo lado direito do pescoço. Outra onda de náusea a ameaçou.

— Nada para ver, Kit. — Grizz bufou. — Axel pode me ajudar a colocar um curativo. Por que você não me ajuda com isso, querida? Volte para o banheiro e pegue algumas ataduras e álcool ou algo assim. Vá. Pegue algumas coisas para limpar.

Kit relutantemente voltou pelo quarto. Eles podiam ouvi-la procurando no armário de remédios.

— Você definitivamente vai precisar de pontos. Eu estou lhe dizendo, Grizz. É realmente profundo. Eu dei uma boa olhada antes de você cobrir com a toalha. Porra, cara, você já precisa de outra toalha. — Axel parecia preocupado.

— Bem. Faça uma ligação para Grunt; ele pode dar os pontos. Eu só não queria que Kit visse. — Grizz deu-lhe um olhar. — Sangue a deixa tonta, assim como agulhas. Anda logo. Chame-o.

— Sangue, também? Mesmo? Cara, ela realmente se casou com o cara errado. — Axel murmurou sob sua respiração enquanto pegava o telefone.

Kit voltou transportando antisséptico, ataduras e esparadrapo. Ela também tinha uma pilha de toalhas. Grizz pegou uma toalha dela e trocou o pano de prato ensanguentado antes que ela pudesse dar uma boa olhada.

— Ah, Grizz, o que aconteceu? — ela timidamente descansou a mão em seu braço, em seguida, moveu-se para longe, com medo de machucá-lo mais. — Se você está sangrando e todo ferrado, eu não sei se ao menos quero

saber o que aconteceu com o outro cara.

— Ninguém mais se machucou, Kit, e você não precisa se preocupar.

— Ele conseguiu sentar-se na pequena mesa da cozinha, tentando o seu melhor para evitar gotejamento de sangue no chão. — Feridas na cabeça sangram muito. Não é grande coisa. Nem precisa se preocupar.

— Você está sangrando muito e tem um corte que precisa de pontos e você não acha que eu deveria estar preocupada com o outro cara? Qual é, Grizz. Eu não sou estúpida. Existe alguém lá fora que precisa de ajuda?

— Kit, eu não entrei em uma briga. Eu não machuquei ninguém. Está bem?

— Sêrio? — Ela parou na frente dele, as mãos nos quadris. — Você entra aqui desse jeito e espera que eu acredite que o outro cara foi embora?

Ela tinha ido por este caminho muitas vezes antes. Ela nem sequer queria pensar sobre o tempo de um ano ou mais atrás, quando Grizz tinha voltado para casa com um ferimento de bala. Seus olhos se dirigiram para a porta e Grizz sabia que ela estava debatendo se deveria ou não ir para fora e checar por si mesma.

— Não há outro cara, Kitten. — Antes que ela pudesse desafiá-lo, ele acrescentou: — Eu bati minha cabeça em um dos seus vasos suspensos.

Dois dias depois Grizz se sentou no banco do passageiro do carro e esperou. Ele não teve que arrombar o carro. Estava destrancado. Era um modelo mais antigo, mas limpo e abriu a janela para deixar algum ar entrar.

— Ainda bem que ele não tem janelas automáticas. — Ele murmurou para si quando estendeu a mão e abaixou a janela do motorista. Ele não estava com vontade de fazer uma ligação direta no carro apenas para abaixar

os vidros elétricos. Pensando bem, ele poderia fazer isso só para fazer o ar condicionado funcionar. Porra, estava quente.

Ele olhou para o relógio e de novo para as portas, no momento que a pessoa que ele estava esperando saiu. O cara saltou os degraus, nem se preocupando em verificar seus arredores. Tolo confiante. Grizz podia ouvi-lo assobiando para si enquanto se aproximava do carro. Ele nem sequer notou que as janelas do seu carro estavam abertas. Ele subiu no banco do motorista e quase ofegou quando viu Grizz.

— Eu não estou aqui para machucá-lo. — afirmou Grizz, uma mão de advertência em seu braço. — Eu só quero conversar.

Agora o cara, Sam, estava tremendo. Lembrou-se de Grizz de alguns anos atrás, quem poderia esquecer um homem tão grande? Tinha observado aquele dia, da sua sala de estar, quando o motociclista estacionou na casa de Sarah Jo e facilmente lidou com Neal. Neal tinha assediado Sam e sua mãe, Vanessa. Neal nunca procurou Sam ou sua mãe novamente.

— O ar condicionado nessa coisa funciona? — Grizz perguntou para ele.

Sam balançou a cabeça, tentando o seu melhor para acalmar a agitação.

— Nós vamos fazer um passeio. Feche a porta e ligue o motor.

As mãos de Sam tremiam tanto que ele não conseguia colocar a chave na ignição.

— Eu não vou te machucar. — disse Grizz suavemente. — Tudo bem? Eu só quero conversar com você e está malditamente quente para ficar sentado aqui e fazer isso. Basta dirigir e sem nos matar, porra. Se eu quisesse te machucar, eu já teria feito isso. Entendeu?

Sam assentiu com a cabeça, de alguma forma deu partida no carro. Ele fechou a janela e ligou o ar condicionado. Lentamente se afastou da vaga

do estacionamento e fez uma curva à direita, em direção à University Drive.

— Aonde vamos? Aonde quer que eu o leve? — A voz de Sam estava mais calma do que ele realmente sentia.

— Apenas vá para Commercial Boulevard e vire à direita. Nós vamos dar a volta e você pode me trazer para cá de novo.

Sam fez o que lhe foi dito.

Depois de um minuto, Grizz deu-lhe um olhar de esquelha. — Você se lembra da Kit?

Isso pegou Sam desprevenido. — Sim, eu me lembro dela. Ela foi a pessoa que ligou para você no dia que Neal estava tentando roubar a moto de Fess. Ela é sua namorada. Certo? — ele deu uma olhada em Grizz, então rapidamente desviou os olhos de volta para a estrada.

— Ela é minha esposa. Ela quer ir para a faculdade. Estou pensando em deixar, mas eu quero alguém que possa ficar de olho nela para mim. Eu acho que esse alguém é você.

— Eu? — Sam respirou lentamente pelo nariz. — Por que eu?

— Porque ela te conhece. Você é o vizinho do Fess. Acho que ela confiaria em você.

— Eu frequento aulas à noite na faculdade comunitária. Ela vai se matricular lá?

— Não. Ela quer ir para Cole.

— Acho que não posso ajudá-lo, então. Eu não posso pagar Cole. E mesmo que pudesse, eu trabalho em tempo integral apenas para pagar minhas aulas à noite.

— E se eu pagar sua faculdade? — Grizz cruzou os braços no carro pequeno. — E eu não espero que você esteja em todas as suas classes. Apenas algumas delas se você puder. Mas eu esperaria que você tentasse alinhar suas outras classes para que esteja lá nos mesmos dias e essas coisas.

Encontre com ela entre as aulas. Seja seu amigo.

— Você pagaria a minha faculdade apenas para que eu pudesse ser amigo da sua esposa?

— Mais como um guarda-costas amigo. Mas sim, eu faria isso. A única coisa que vou querer saber é se ela fizer amizade com alguém. Meninas, rapazes, que seja. Você sabe quem eu sou e o que eu faço. Eu tenho inimigos. Eu quero saber se você notar qualquer um olhando para ela, qualquer coisa assim.

Ficaram em silêncio por um momento, o zumbido baixo do motor do carro quase inaudível no início da noite na Flórida.

— Eu vou esperar que você me dê notícias de vez em quando. — disse Grizz finalmente. — Eu vou te dar o meu número do pager e seu próprio código, então eu vou saber que é você.

Sam considerou — como isso funcionaria —, como conseguiria lidar com a faculdade e apresentar um relatório ao Grizz, sem ser muito óbvio. Excitação começou a aumentar. Cole era uma boa faculdade, realmente muito boa. Este não era o tipo de oportunidade que se desprezava. E Grizz não era exatamente o tipo de homem para quem você poderia dizer não.

Por fim, ele olhou diretamente para Grizz. — Então, eu vou me matricular nas aulas da Cole em janeiro?

— Sim.

Sam franziu a testa por um momento. — Eu não sei como saberia as aulas dela para ao menos tentar ficar no mesmo horário que ela.

— Não se preocupe com isso. Eu vou descobrir e conseguir as informações para você, assim como o dinheiro para cobrir o período. Depois que você receber, você se matricula.

Sam estava balançando a cabeça agora. — Sim. Sim, eu posso fazer isso. Hum, como lido com a conversa fiada e coisas assim? — ele olhou para

Grizz. — Eu sei um pouco sobre sua gangue, e simplesmente não sei que tipo de coisas eu poderia conversar com ela. Eu não a vejo em anos. — Ele limpou a garganta, não tendo certeza se tinha falado demais. — Entende?

— Se nós nunca tivéssemos tido essa conversa e você encontrasse com ela, que tipo de coisas você diria?

— Honestamente? Eu provavelmente perguntaria a ela sobre você e outras coisas.

— Então, pergunte a ela sobre mim. Eu não me importo. Você precisa ser o mais autêntico possível.

Sam sorriu. Lembrou-se de Kit também. Ela era uma garota legal, bonita, e mesmo que ele realmente não soubesse nada sobre ela, ele tinha a sensação de que poderia funcionar bem.

— Eu vou fazer isso. Definitivamente vou fazer. Eu não posso custear a Universidade de Cole sozinho e eu quero a minha licenciatura. Eu sou seu cara.

Grizz olhou para ele em seguida e fez uma careta. — Sim, você é o meu cara, Sam. — Depois de uma breve pausa, acrescentou: — Eu sei por que você não pode pagar

Cole. Eu sei em que sua mãe gastou o dinheiro dela. Todas aquelas viagens para a Dinamarca foram caras. Praticamente a transformou em uma indigente.

Sam suspirou, agarrou o volante com mais força. Ele começou a tremer. Ele diminuiu a velocidade e olhou para Grizz.

— Sua mãe tinha razão em pedir para o Fess tirá-lo da prisão naquele momento. Você não teria durado muito tempo.

Sam não soube como responder, por isso, não disse nada.

— Eu obviamente sei seu segredo, Sam. Você vai fazer isso ou você vai se arrepender.

Sam engoliu em seco e assentiu com a cabeça. — Sim, Grizz. eu vou fazer isso.

— Eu sei que você vai. — E depois de uma longa pausa, Grizz acrescentou: — Samantha.

Capítulo 36

2000

— Por que ela não me levou? — perguntou Jason, cabisbaixo, depois que seu pai se sentou com ele e explicou que Ginny ia ajudar Carter com os animais enquanto seu marido estava fora da cidade. — Eu gosto de ajudar a tia Carter, além disso, é verão. Eu não tenho escola amanhã.

— Porque você e eu temos um passeio de moto. — Tommy deu-lhe um sorriso.

O rosto de Jason iluminou. — Eu quase esqueci! Podemos ir para um longo passeio, pai? Eu gosto quando saímos de moto.

— Claro, garoto. Nós podemos ir para um longo passeio.

Tommy sabia que Mimi não voltaria para casa até mais tarde e, francamente, ele não estava à altura do desafio mental necessário para passar as próximas horas a sós com Jason. O menino era um tagarela, muito parecido com ele quando tinha a mesma idade. Ele sorriu quando se lembrou de como Grizz propositadamente o levava a vários lugares na moto para que ele pudesse evitar conversar.

Trinta minutos mais tarde, Jason apoiava por trás dele na moto, o vento em seu rosto e o sol em seus braços, Jason inclinou-se e gritou alguma coisa no ouvido de Tommy. Tommy assentiu com a cabeça e sentiu Jason inclinar para trás na moto.

Lembrou-se de quando Ginny ficou grávida de Jason. Eles estavam casados há pouco mais de quatro anos. Antes do julgamento, eles nem consumaram seu casamento. Passou mais de um ano após o julgamento antes que ela realmente deixasse Tommy tocá-la. Quando ela deixou, havia sido melhor do que eles imaginaram.

Certa manhã, ele acordou ao lado dela. Era uma manhã brilhante, ensolarada, lembrou-se, e ela estava de costas para ele. Ele poderia dizer que ela estava tendo um sonho. Ela acordou e levantou-se um pouco, olhando por cima do ombro.

— Ah, graças a Deus que foi apenas um sonho! — ela disse, seu cabelo emaranhado e confuso, mas de alguma forma perfeito. Ele prendeu a respiração para olhar para ela. — Eu estava com tanta raiva de você, Tommy!

— Eu? — ele sorriu e acariciou suas costas. — Por que você estava com raiva de mim?

Ela rolou de costas e olhou para ele. Ele descansou a mão em seu estômago. O bebê chegaria em cinco semanas.

— Eu estava sonhando que estava em trabalho de parto. — Ela fechou os olhos, depois abriu-os para encará-lo. — Era aquele trabalho longo, horrível, e você estava atrás de mim e me incentivando a empurrar.

— Parece bom para mim até agora, exceto pela parte longa e horrível do trabalho de parto.

Ela franziu a testa para ele. — Foi bom, embora doloroso, até que o bebê saiu.

— Havia algo de errado com ele? — ele podia ouvir a preocupação em sua própria voz.

— Havia algo de errado, isso é certo. O médico disse: ‘Olha! Parabéns! Você tem uma nova espagueteira!’

Tommy começou a rir, simplesmente não conseguiu evitar. — Você deu à luz a uma espagueteira? Seus hormônios estão loucos, Ginny! — ela bufou e cruzou os braços. — Eu juro que você está tendo sonhos estranhos. Este é o terceiro estranho esta semana.

— Sim, era uma gigantesca panela estúpida. Deve ter sido meu subconsciente, porque eu lembro de dizer a você na semana passada que

precisava de uma nova.

— Mas Gin, no sonho, por que você estava com raiva de mim?

— Porque eu estava chateada e disse ao médico que estava desapontada e realmente ansiosa para ter um bebê!

— E?

— E você apaziguou: ‘Está tudo bem, Gin, nós realmente precisamos de uma espagueteira. Vamos tentar um bebê da próxima vez’.

Um riso mais forte o sacudi novamente. — Ah, Ginny, eu tenho certeza que você vai ter um bebê. E você sabe o quê? Vou correr para a loja hoje e comprar-lhe a sua espagueteira para que você não tenha que sonhar com isso.

Ele beijou sua testa e ela sorriu para ele, o sonho bobo tinha sido esquecido.

— Você é tão bom para mim, Tommy. — disse ela, num tom sério em sua voz. Em seguida, seus olhos se arregalaram, e ela começou a se sentar.

A expressão preocupada de Tommy combinava com seu próprio gesto. — Gin, você está bem?

— Tommy, é muito cedo! — sua voz soava em pânico agora. — Minha bolsa de água acabou de estourar!

Eles ficaram tão preocupados na época, por Jason ter vindo cinco semanas mais cedo, e Ginny terminou tendo um trabalho de parto de doze horas, de alguma forma, evitando outra cesariana. Ela foi mandada para casa depois de vinte e quatro horas, mas Jason sendo prematuro, passou uma semana na UTI apenas por precaução. Ele estava bem, mas Tommy lembrava-se do medo como se fosse ontem.

Agora na garupa da moto, Jason apertava seu pai enquanto ele se inclinava para gritar algo em seu ouvido sobre o cenário.

Tommy sorriu enquanto passeavam na estrada de duas pistas, o sol

escaldante à volta deles. Com Jason tinha terminado tudo bem. Talvez com ele e Ginny terminasse também.

Nenhum deles sabia que, enquanto Ginny ainda estava no hospital e ambos estavam visitando seu filho recém-nascido na UTI, há cinco horas de distância em uma prisão de segurança máxima, alguém estava entregando um bilhete para Grizz.

Grizz estava no pátio levantando pesos. *Dreams I'll Never See*^[5], da Molly Hatchet, estava tocando no sistema de som ao ar livre da prisão.

Um dos guardas aproximou-se e entregou-lhe o papel. — Isto é para você.

Grizz pegou o bilhete e o abriu. Sua postura mudou quando ele o leu. Duas sentenças estavam escritas: É um menino. Ela está bem.

Ele amassou o bilhete, raiva correndo por ele. Ao sair do pátio de exercícios, a letra da canção zombou dele. Ele queria dar um soco no cantor, no guarda da prisão, em qualquer um e em todos que estavam no seu caminho.

Ele tinha ficado ainda mais irritado quando primeiro descobriu que ela estava grávida. Ele insistiu em um encontro cara a cara com Grunt. Levou toda sua força de vontade para não bater pra caralho nele naquele dia.

Grunt foi capaz de convencê-lo. Ele disse a Grizz que seria irreal pensar que ele eventualmente não dormiria com a sua própria mulher, que Grizz sabia que isso aconteceria e ainda tinha dado a sua permissão. Suas ordens, na verdade. Mas de alguma forma, Grizz tinha ingenuamente sustentado a noção de que Kit resistiria a Grunt para sempre, como ela tinha resistido à ideia quando Grizz disse-lhe para se casar com ele.

Ela nunca deixou Grunt mudar para a casa dele em Shady Ranches após o casamento. Mesmo depois de Mimi nascer, Kit tinha se convencido finalmente a se mudar para a casa que Grunt tinha construído para ela no norte do Fort Lauderdale. Grizz ficou tenso quando se lembrou do dia em que falou para ela que não queria que sua filha o conhecesse. E Kit tinha que parar de vir para a prisão para vê-lo.

Grizz queria acreditar que no fundo não importava o quanto Grunt sempre tivesse amado a Kit, ela nunca se sentiria da mesma maneira. É claro que ela amava Grunt. Grizz podia admitir isso e ainda queria isso para ela. Mas até a gravidez, ele tinha estupidamente esperado que fosse de uma forma platônica e fraternal. Ele poderia até mesmo permitir-se imaginar Kit em um casamento feliz e confortável. Mas ele não a queria em um casamento apaixonado.

Quando ele soube que ela estava grávida, algo dentro dele morreu. Ele sabia que não era só um casamento confortável com base na conveniência. Ele sabia que ela tinha dado a si mesma para o Grunt.

Ele queria dar um soco em Grunt. Socar todo mundo.

Mas quem poderia culpá-la? Foi ele que falou para ela se casar com Grunt. Ele tinha que dizer isso a ela. Era parte do acordo que tinha feito com *elas*.

As palavras do Grunt daquele encontro encheram sua cabeça: — Se você realmente a ama, você vai deixá-la ter uma vida real comigo. Não uma falsa que você pensou que eu daria a ela porque ela ainda o amava. Você está no corredor da morte, Grizz. Você devia ficar aliviado em saber que ela é *genuinamente* amada e é capaz de amar de volta. — As palavras de Grunt tinham suavizado então. — E não se esqueça, você estava lá na noite em que sua filha nasceu. Você foi capaz de fazer parte disso. Pelo menos isso, Grizz. Um monte de caras em sua posição não conseguiria fazer isso.

Por mais que ele odiasse admitir, Grunt estava certo. Mas Grizz ainda era profundamente apaixonado pela Kit. E o fato de que ela deu à luz a um filho que deveria ter sido somente seu e dela — teria sido seu se não fosse o fodido filho da puta que armou com a vagabunda da mulher do Blue e Froggy - o enfurecia além da razão.

Ele sabia desde o início que Jan não tinha o cérebro para armar sua prisão sozinha. Alguém a tinha usado. Ele estava certo de que ele sabia quem era, e ele estava esperando pacientemente que Blue encontrasse Jan e Froggy para que ele pudesse confirmar e colocar os três no chão. Ele tinha dado a ordem para procurar Froggy. Ele não teve que dizer a Blue para encontrar Jan, Blue nunca iria parar de procurar seus meninos.

Grizz sabia que ele poderia pedir ajuda para eles, mas ele não quis. *Eles* eram o verdadeiro motivo de ele estava sentado no corredor da morte.

Ele esteve brincando de gato e rato com eles por tanto tempo quanto podia se lembrar. Haviam insistido que não tinham nada a ver com a sua prisão e condenação, mas Grizz não acreditava neles. Nem por um minuto. Além disso, eles poderiam ter intervindo e interrompido. Ele finalmente concordou em dar-lhes o que eles queriam. Mas ainda assim eles estavam fodendo com ele. Fazendo-o pagar atrasado por tantos anos.

Filhos da puta.

Por enquanto, ele iria buscar um dos guardas e ter acesso a Robert Raymond Ringer. Ele sorriu sombriamente quando imaginou o cara, com pescoço gordo e seus olhos azuis claros estúpidos. Ringer estava na solitária. Ele não era a escória típica de assassino de bebê, ele pegava dois por um. Um serial killer que saiu por aí vitimando mulheres grávidas. Grizz apressou o passo, ansioso para liberar sua raiva. Mulheres grávidas? Que porra é essa? Ele não poderia ser mantido na companhia dos outros prisioneiros por razões óbvias. Ninguém podia tolerar um assassino de bebê, sem importar o quão

ruim fossem seus crimes.

Grizz estava com vontade de matar alguém com as próprias mãos e ele não conseguia pensar em outro prisioneiro que merecia mais do que Bobby Ray Ringer.

Capítulo 37

1985

— Isso dói! Aghhh, Tommy, mesmo com as injeções, dói! — Ginny se contorceu na cama do hospital. — São as minhas costas. Você pode, por favor, esfregá-la um pouco mais? Eu sinto como se estivesse sendo virada do avesso!

Tommy nunca se sentiu tão impotente em toda a sua vida. Ali, na sala de parto, ele implorava para a enfermeira que tinha acabado de trazer alguns pedaços de gelo. — Não há nada que possa ser feito aqui? Ela está em trabalho de parto há quase 24 horas!

A enfermeira olhou para ele gentilmente. — Ela não está totalmente dilatada. Ela não pode empurrar até então. Os sinais vitais do bebê estão bons e o médico permitiu apenas medicação suficiente para atenuar a dor. Sinto muito. É um jogo de espera agora. — Ela olhou para o relógio e deu um tapinha no braço dele. — Ele virá vê-la em breve.

— Não está atenuando mais, está... — ele foi interrompido por um grito alto quando a enfermeira saiu.

— Grizz! Tommy, eu preciso do Grizz. Eu não posso fazer isso sem ele. Eu não quero fazer isso sem ele!

Ela começou a chorar e, em seguida, pela primeira vez desde que ele se casou com ela, Tommy pensou que ele poderia estar perdendo a cabeça. O que ele estava pensando quando Grizz lhe pediu para se casar com ela? Que ela se apaixonaria imediatamente por ele e eles viveriam felizes para sempre? Que ela seria capaz de tirar Grizz do seu coração e deixar outro homem substituí-lo? Ela queria Grizz, não ele. Ele estava oficialmente casado com ela e ele estaria aqui quando o bebê, uma menina, nascesse, mas não era o seu

bebê. Era o bebê do Grizz.

Ele era apenas o marido substituto.

Tommy distraidamente tocou a gravata ao redor do pescoço. A que ele tinha afrouxado depois que chegou ao hospital. Carter tinha ligado para ele, disse que a bolsa da Ginny tinha rompido. Ele estava no trabalho e largou tudo e correu para chegar lá imediatamente. Estava cerca de três semanas adiantado, mas isso não era tão ruim.

Quando ele chegou ao hospital, tinha ligado na prisão e contado ao Grizz. Grizz o fez prometer que o manteria atualizado. Ele estava ligando a cada duas horas do telefone do quarto de hospital vazio ao lado do deles. Mas uma mulher em trabalho de parto tinha sido admitida uma hora atrás e ele não podia mais usar aquele telefone. Ele não queria que Ginny soubesse que ele estava em contato com Grizz.

Ele coçou o queixo, sentindo a barba que tinha começado a se formar. Era hora de fazer outra ligação. Ele teria que encontrar outro telefone.

— Ginny, eu preciso usar o banheiro. Vou mandar uma das meninas entrar, tudo bem?

Ela olhou para ele com uma expressão aturdida em seus olhos, exausta. Ela deu um fraco aceno.

Ele deixou o quarto do hospital, mas em vez de virar à esquerda para ir para a sala de espera onde seus amigos estavam reunidos, ele foi à direita. Era quase quatro da manhã e só havia uma enfermeira que olhou interrogativamente para ele.

— Há uma saída aqui?

Ela assentiu com a cabeça para a direita. — Segundo corredor à esquerda vai levá-lo a uma escada. Sem elevador, no entanto.

Ele agradeceu e voltou pelo caminho que tinha vindo, passando pelas portas que davam para a pequena área de espera. Sarah Jo, Carter e Casey

estavam lá, juntamente com três outras pessoas. Um homem estava usando o único telefone público. Tudo bem. Ele não teria usado aquele telefone de qualquer maneira.

Todos olharam para cima quando ele entrou. Ele balançou a cabeça. — Ainda sem bebê, e eles disseram que ela não pode sequer começar a empurrar. Tenho a sensação de que empurrar a faria se sentir melhor, mas ela não pode.

Sarah Jo, a única mãe no grupo, concordou com a cabeça.

Tommy fez um gesto em direção aos banheiros. — Eu tenho que usar o banheiro. Uma de vocês pode entrar e esfregar as costas dela? Ela está agoniada.

Casey saltou para cima. — É a minha vez! — ela se dirigiu para as portas que Tommy tinha acabado de passar. Sarah Jo voltou para sua revista. Carter se levantou e esticou enquanto observava Tommy sair. Direto para o banheiro e depois para a escada.

Ele encontrou um telefone público no andar de baixo. Ele discou um número e esperou enquanto alguém foi buscar Grizz.

— Kit está bem? — foi a primeira coisa que Grizz perguntou quando atendeu o telefone. Antes que Tommy pudesse responder: — O bebê está bem?

— Eu não sei. Ela não teve o bebê ainda.

— O quê? Você está brincando comigo? O que quer dizer com ela não teve ainda?

— É por isso que estou ligando. O bebê ainda não nasceu. Ela não pode empurrar porque ela não está totalmente dilatada, e antes que você pergunte, isso significa que o colo do útero não está aberto o suficiente para deixar o bebê passar com segurança por ele. Ela está com um monte de dor e chamando por você. — Grunt rangeu os dentes. — Eu não sei como você

faria isso, mas eu acho que você deveria estar aqui.

Houve silêncio do outro lado do telefone. Pareceu um longo tempo antes que Grizz respondesse: — Diga-me onde encontrá-la. Dê-me 15 minutos. Eu posso ver a porra do hospital do pátio da prisão, então posso ir a pé, se precisar. Onde você pode me encontrar?

— Ela está no quinto andar. — Grunt falou baixinho e rapidamente. — O refeitório é no segundo andar e eu sei que há um elevador de serviço na parte de trás. Eu vi isso quando estive lá antes. Vou mandá-lo para baixo e você sobe desse jeito e em seguida, colocá-lo sorrateiramente na área da maternidade, por algumas escadas nos fundos que eu encontrei. Nós vamos ter que evitar a sala de espera, onde os amigos dela estão. Deve haver uma porta no lado leste do hospital. Vou descer agora e esperar por você.

Houve uma pausa antes que Tommy acrescentasse: — E Grizz, simplesmente não mate os guardas para chegar aqui, está bem? Pague-os ou use o que você tiver, mas não mate ninguém. Ela não iria querer isso.

— O que é que eles vão fazer, me prender por assassinato? — Grizz perguntou antes de desligar.

Tommy foi para a parte de trás do edifício.

Vinte minutos depois, Grizz estava na escada dos fundos que levavam à maternidade. Tommy deixou-o com ordens para ficar lá, então voltou para a sala de espera. Ele disse à Carter e Sarah Jo que iria voltar para liberar a Casey. Ele sabia que não podia deixar Grizz entrar até que ele afastasse Casey.

Quando ele chegou de volta no quarto da Ginny, Casey pareceu aliviada, afastando-se quando uma enfermeira começou a pegar os sinais vitais da Ginny novamente.

— Eles estão aprontando-a para a cirurgia. — Ela sussurrou para Tommy quando abriu a porta para sair. — Eles precisam fazer uma cesariana.

O médico disse que o monitor do bebê está registrando sofrimento fetal. Você voltou na hora certa.

Logo em seguida, Ginny agarrou a mão de Tommy, apertando forte. — É o bebê, Tommy! O bebê está em perigo. — Ela sufocou um soluço. — Eu quero o Grizz. Ah Deus, eu quero o Grizz, Tommy. Como isso pode estar acontecendo? Como eu poderia ter nosso bebê sem ele?

Ele não soube o que dizer. Ele pegou sua mão e levou-a aos lábios, beijando-a suavemente. Ele tinha lágrimas em seus olhos e estava pronto para dizer a ela que Grizz estava aqui quando ela soltou outro grito tão alto que o assustou. A dor apareceu em todo o seu rosto. Ele se perguntava se chegava ao menos perto da dor em seu coração.

Outra enfermeira entrou na sala e, em seguida, uma terceira. — Precisamos levá-la para a cirurgia agora. — Uma delas falou para o Tommy, os olhos castanhos cheios de simpatia e preocupação. — A equipe de preparação está esperando. Você vai precisar colocar roupa cirúrgica antes e entrar. Eu vou te mostrar onde elas estão.

As outras enfermeiras começaram a empurrar Ginny para fora. Ela estava quieta agora, sua respiração vindo em grandes fôlegos que era de alguma forma pior do que os gritos.

Tommy seguiu-as para fora e viu quando elas levaram Ginny pelo corredor e para outra sala. Em seguida, ele voltou para a escada nos fundos e para Grizz e o direcionou para a porta certa.

Tommy se juntou de novo aos amigos de Ginny na área de espera. — Ela foi levada para a cesariana. Eles me disseram que eu tenho que esperar aqui fora.

No quarto, Ginny estava apavorada. Onde estava Tommy? Por que Grizz não podia estar lá? O bebê estava bem?

— Sra. Dillon, vamos colocar isso sobre a sua boca e o nariz e pedir-

lhe para contar até cem. — Uma enfermeira com um distinto sotaque de Boston disse a ela com firmeza, mas sem indelicadeza. — Tudo bem? Quando você acordar, você vai ter um bebê.

Ginny acenou com a cabeça ligeiramente enquanto tentava avistar Tommy com sua visão periférica. Onde ele estava? Ele não disse que ficaria aqui com ela?

Eles tinham acabado de colocar a máscara sobre seu rosto quando houve um tumulto na sala de parto.

— Quem é você? — ela ouviu alguém perguntar.

— Eu sou o marido dela.

Grizz. Parecia o Grizz! Sacudiu-se com a dor; ela sabia que estava imaginando a voz de Grizz. Houve mais conversa, mas era confusa e ela não conseguia entender. Ela pensou ter ouvido o médico dizer: — Você precisa colocar a roupa cirúrgica. Vou fazer uma cirurgia.

A enfermeira com o sotaque de Boston começou a falar: — Nós não temos nenhuma grande o suficiente para ele, doutor.

Ela não ouviu o resto. Ela estava desfalecendo. As drogas já estavam em seu sistema e trabalhando rápido. Logo antes dela fechar os olhos, olhou para cima e encontrou os olhos verdes brilhantes. Olhos dele. Seu Grizz.

— Eu estou aqui, Kit. — Ele disse, sorrindo para ela. — Estou aqui, baby.

Ela escorregou para a inconsciência e teve o melhor sonho que seu subconsciente pôde criar: que Grizz esteve lá com ela, para o nascimento de sua filha.

Capítulo 38

2000

Tommy e Ginny tinham um bom casamento. Mais do que bom. Ele podia dizer honestamente que era mais do que feliz.

Pelo menos até esta manhã que o telefonema de Leslie acabou com tudo.

Ele estava certo que a morte de Grizz finalmente colocaria um fim no passado. Ele não se sentiu bem com a execução. Ele sentiu até remorso. Mas quando Grizz foi declarado morto, Tommy não pôde deixar de admitir para si que ele sentiu como se um peso enorme estivesse sendo levantado. Como se estivesse segurando a respiração por 25 anos e finalmente, *finalmente* fosse capaz de soltar e absorver uma boa e saudável dose de ar. Para ter um novo começo.

Sua mente começou a vagar novamente conforme ele conduzia a moto abaixo, pela Sunrise Boulevard, em direção ao oceano, Jason agarrado firmemente à sua cintura. Memórias felizes invadiram seus pensamentos. Ele sorriu ao pensar no primeiro apelido do Jason. Ed.

Jason tinha cerca de seis meses de idade. Tanto ele quanto Mimi estavam dormindo e Tommy estava na cama com Ginny. Ele beijava o corpo de Ginny e estava curtindo o sabor dela. Ela agarrou seus cabelos e gemeu freneticamente enquanto ele a levava para um orgasmo rápido.

— Agora, Tommy! — ela ofegou. — Eu não acho que posso esperar. Eu tenho que ter você dentro de mim agora!

Tommy sorriu e arrastou-se para beijá-la. Ele já tinha uma ereção monstruosa e ficou muito feliz em obedecer. Na hora que estava pronto para mergulhar nela, ouviu o início inconfundível de lamúria de um bebê.

Antes do impulso, eles pararam, olhando um para o outro.

— Ah, não. — Ginny fez uma careta. — Ele está acordado e vai acordar Mimi. Eu vou dar uma olhada nele, ver se eu posso colocá-lo de novo para dormir. Ele não deve estar com fome. Talvez ele precise de uma troca.

Tommy soltou um suspiro e descansou seu peso sobre ela, o rosto em seu pescoço, já perdendo sua ereção.

— Eu vou fazer isso. — disse ele.

Ela não pôde deixar de sorrir. Ele soou tão desanimado. Parecia que cada vez que iam fazer amor, Jason precisava de algo.

— Então vá. — Ela disse em uma voz tímida. — E eu prometo te compensar quando você voltar. — Ela selou suas palavras com uma sequência de beijos suaves em seu ouvido.

Em um flash, ele pulou fora dela e se dirigiu para o berço, sem se incomodar em colocar suas calças.

Ela sorriu de novo enquanto ela o ouvia na babá eletrônica. Aparentemente, Jason realmente precisava ser trocado.

— Eu sei que você pode me ouvir, Gin. Você realmente teve sorte quando aceitou a minha oferta para vê-lo. Ele descarregou algo que encheria um balde. Porra, está em toda parte! Ah não! Ele não terminou. Há mais saindo. Ah, merda!

Ginny riu. Ela estava visualizando um Tommy completamente nu lidando com uma fralda sobrecarregada e, aparentemente, com mais a caminho. Ela sabia que deveria entrar e ajudar, mas, muito sinceramente, ela estava gostando demais de ouvir o comentário de Tommy para se mover.

— Tudo bem, Ed, você está todo limpo e pronto para voltar a dormir. Agora, seja um bom menino e deixe o papai passar algum tempo gostoso com a mamãe, está bem? Eu não sei por que você parece saber cada vez que papai quer fazer amor com a mamãe. Você tem algum tipo de radar montado, Ed.

Minutos mais tarde, Tommy estava de volta em seu quarto, foi em direção ao banheiro. Ela ainda estava sorrindo quando viu o olhar em seu rosto. — Eu tenho que lavar-me, Gin. Tinha merda em todos os lugares, e não ache que eu não sabia que você estava aqui desfrutando até demais.

Poucos minutos depois, ele saiu do banheiro e gentilmente montou sua esposa.

— Eu acredito que havia uma promessa de me compensar. — Disse ele, sorrindo para ela.

O rosto dele ficou sério, então, enquanto gentilmente acariciou sua bochecha. Ele olhou nos olhos dela. — Ginny, eu te amo tanto. Você me faz o homem mais feliz do mundo. Quando eu estava colocando-o de volta, eu não conseguia parar de olhar para ele. — Ele levou seus lábios suavemente contra os dela. — E pensar que o nosso amor é o que criou aquele bebê.

Ele fez uma pausa quando ela começou a ficar com lágrimas nos olhos. — Você é minha alma gêmea, Ginny. Você sabe que eu te amei desde que coloquei os olhos em você. Você sabe disso?

Ela sorriu através das lágrimas. — Sim, Tommy, eu sei. Você me diz o tempo todo e eu nunca me canso de ouvir isso.

Ele começou a beijá-la com seriedade, então, o sexo passou de algo doce para apaixonado.

Mais tarde, envolto nos braços um do outro e recuperando o fôlego, ela inclinou-se sobre um cotovelo, olhando para ele.

— Ouvi o que você disse lá antes. Quando você estava trocando o Jason. Por que você estava chamando-o de Ed? — sua mão estava sobre seu peito, acariciando-o suavemente.

— É o novo apelido dele. — Ele sorriu, os olhos ainda fechados.

— Novo apelido? Ed? Como você chegou a isso?

— Acho que ele tem algum tipo de sensor ou algo assim. — ele abriu

um olho. — Toda vez que quero fazer amor e estou com tesão, ele grita.

Ela começou a rir. — Você está certo, parece que é isso mesmo. Mas por que Ed? O que Ed tem a ver com isso?

— Ed. Você sabe, E.D. como Detector de Ereção^[6].

Eles riram até que fizeram amor novamente e, em seguida, dormiram nos braços um do outro.

Tommy foi trazido de volta para o presente quando Jason bateu-lhe no ombro e apontou. Tommy olhou na direção que seu filho estava apontando e assentiu. O restaurante favorito de fast food de Jason. Eles tinham que comer; poderiam muito bem fazer isso lá.

Ele fez uma curva rápida à direita no estacionamento e parou a moto.

— Você pode me levar amanhã para a casa da tia Carter, pai? — Jason perguntou quando eles se sentaram com a comida.

— Por que você precisa ir para Carter? — perguntou Tommy, dando uma mordida grande no cheeseburger.

— Porque você vai estar no trabalho e Mimi nunca está em casa. — Jason deu de ombros roubando uma batata frita. — Eu não quero ficar sozinho.

Tommy não tinha pensado nisso. Ginny era uma mãe e dona de casa durante os verões. Ela fazia alguma contabilidade para algumas pequenas empresas, mas ela sempre conseguia fazer de casa. O que Jason faria todo o verão ou até Ginny voltar? Se ela voltar. Tommy franziu a testa por um momento, pensando.

— Sua irmã vai ter que ficar em casa com você quando ela não estiver trabalhando. — Tommy disse finalmente.

Mimi tinha um trabalho em tempo parcial em uma floricultura local. Mesmo que eles não precisassem do dinheiro, seus pais insistiram para que ela trabalhasse algumas horas por semana. Eles queriam que ela tivesse um

gosto da vida real. Uma educação normal. Um emprego em tempo parcial. Amigos normais. O tipo de vida que nenhum deles realmente experimentou quando tinham a idade dela.

— Ela vai ficar louca. — O rosto de Jason escureceu. — Ela gosta de ir nas casas das amigas dela ou à praia ou alguma coisa assim, se ela não está no trabalho.

— Então, ela vai ter que ficar louca. — disse Tommy, tentando manter o tom sério fora da sua voz.

Do jeito que estava, já ia ser difícil o suficiente ir ao trabalho amanhã, considerando tudo o que tinha acontecido. Ele devia ter pegado a semana de folga e desejava que tivesse. Qual era o problema com ele? Ele, honestamente, achava que podia se sentar lá com Ginny e assistir Grizz morrer em uma sexta-feira e voltar ao trabalho na segunda-feira? O que ele estava pensando?

Ou, mais importante, por que ele não estava pensando?

Talvez ele ligasse para um dos seus sócios quando chegasse em casa, dizendo que precisava de algum tempo fora. Ele poderia até mesmo fazer alguns dos seus trabalhos de casa. Não seria um problema.

Seus pensamentos foram interrompidos quando Jason deixou escapar: — Ei, a garota que acabou de passar de moto parecia com Mimi!

Tommy olhou para onde Jason estava apontando fora da janela, mas ele não viu nenhuma moto. Apenas uma longa fila de carros em uma tarde ensolarada na praia.

— Você não foi rápido suficiente. — disse Jason enquanto tomava sua bebida. — Ela se foi.

Capítulo 39

2000

Ginny passou o dia seguinte ajudando Carter a alimentar e cuidar do zoológico de animais de Carter. Ela deveria estar cansada; elas passaram toda a noite conversando. Mas por alguma razão, ela não estava. Sua mente estava acelerada com um milhão de pensamentos.

Tommy tinha ligado mais cedo, disse a ela que ia tirar uma semana de folga do trabalho para cuidar de Jason e esperava que ela não ficasse muito tempo, porque ele sentia falta dela. Ela lhe disse que sentia muito por não ter pensado sobre Jason. Ela sentiu uma pontada de culpa, mas rapidamente se lembrou que subconscientemente ela sabia que Tommy lidaria com isso de alguma forma. E, é claro, ele tinha. Do jeito típico de Tommy, ele disse a ela para não se preocupar. Ele estava cuidando disso, mas ela precisava dar-lhe algum tempo em breve para que pudessem conversar. Ela prometeu que o faria.

Carter e Casey tinham se oferecido para deixar Jason ficar lá com elas, dizendo que ela poderia ir para casa e ter o máximo de tempo com Tommy que precisasse. Mas ela não tinha certeza se queria ao menos ver Tommy agora, muito menos ficar sob o mesmo teto com ele. Estava tudo ainda muito cru.

Mimi era um assunto diferente. Ela tinha quinze anos e com certeza exigiria uma explicação. Apesar do fato de que Mimi estava gastando a maior parte de seu tempo livre com os amigos, ela era uma adolescente inteligente e observadora. Ela iria perceber que sua mãe tinha ido embora. Ginny teria que conversar com Tommy sobre o que dizer a Mimi.

Ginny estava grata que havia muito que fazer em Carter. Manter-se

ocupada era exatamente o que ela precisava. Ela passou a tarde transportando sacos de comida e escovando cães, e estava agradavelmente dolorida quando a tarde avançou.

Naquela noite, as três amigas trabalharam em silêncio sociável fazendo camarão refogado. Elas estavam tão exaustas que a agenda de hoje à noite era simples. Jantar, limpeza e cama.

A voz de Casey quebrou o silêncio. — Então, Gin, alguma vez Tommy contou sobre os detalhes do seu baile de formatura?

Ginny parou de cortar os legumes e olhou para Casey. — O baile de formatura? Você quer dizer o baile de formatura que Grizz me levou?

Carter e Casey se entreolharam, depois para Ginny. Ela não sabia.

— Quando eles levaram você para a cesariana de emergência de Mimi, passamos nosso tempo na sala de espera tentando manter a mente de Tommy longe de você. — Carter entrou na conversa. — Eles não o deixaram entrar lá com você. Ele praticamente fez um buraco no tapete de tão agitado. Nós só ficávamos conversando com ele para tentar distraí-lo. Não me lembro de como o assunto surgiu. Talvez Sarah Jo disse algo. Quer dizer, ela estava envolvida.

— Eu sei que Sarah Jo estava envolvida. — Ginny encolheu os ombros, começando a fatiar uma cebola. — Ela ajudou Grizz a organizar.

— Não, Ginny. — Casey tomou fôlego. — Não foi Grizz que pediu à Sarah Jo para organizar.

Ginny parou o que estava fazendo e virou para olhar suas amigas. Com as costas contra o balcão, ela inclinou a cabeça. — Quem pediu para Sarah Jo organizar?

Em uníssono ambas responderam: — Tommy.

— Tommy e Sarah Jo contaram tudo na sala de espera do hospital. — Carter disse a ela.

— Sim, pareceu como se ele tivesse planejado até o último detalhe.
— Acrescentou Casey.

Ginny olhou para suas amigas conforme elas se revezavam preenchendo os detalhes sobre a noite do baile dela.

— Então, como você convenceu Grizz a deixá-lo fazer isso? — Sarah Jo perguntou ao Grunt quando eles se sentaram de frente um para o outro no restaurante.

— Eu só disse a ele que era uma parte importante dos anos de ensino médio de cada menina e desde que Kit não teve essa experiência, talvez você e eu pudéssemos fazer algo para compensar isso. — Grunt deu de ombros. — Claro, eu lhe disse que era ideia sua. Além disso, ele confia em mim agora. Eu tenho uma namorada.

Sarah Jo tomou um gole de água e revirou os olhos. — Sim, eu sei que você tem uma namorada.

— Não, realmente, é perfeito. Entre a escola e o trabalho, eu raramente consigo ver Kit. Agora que eu estou vivendo com Cindy, Grizz parece não se importar quando eu passo um tempo com ela. — Ele olhou diretamente para Jo. — Vamos falar sobre coisas mais importantes. Está tudo pronto para amanhã, certo? Você sabe o que fazer?

— Claro que eu sei o que fazer. — Jo mostrou a língua para ele. — Kit já disse que vai comigo para escolher um vestido. Vou dizer a ela que eu não quero provar vestidos sozinha e eu me sentiria melhor se ela provasse alguns também. Ela vai fazer isso. Ela é uma menina vaidosa.

— E?

— E... — Sarah Jo revirou os olhos de novo. — Quando ela provar

aquele que ela realmente ama, eu vou me certificar que alguém o separe. Vou falar que você vai pagar por ele mais tarde.

— Perfeito. — Grunt cruzou as mãos. — E?

— E eu vou ter certeza que ela passe o dia do baile de verdade comigo quando for fazer a minha maquiagem, unhas e cabelo. Eu vou insistir que eu não me sinto bem sendo toda embonecada para o baile se ela não for também. Vou dizer a ela que eu estou presenteando-a, como um agradecimento por passar o dia comigo. — Sarah Jo pegou o sanduíche. — Agora, e você? É em menos de um mês. Você está com tudo pronto?

— Tudo engatilhado. Martin nunca usa a casa e é perfeita.

— Como é?

— É bem na praia. Ele tem um gazebo com alto-falantes estéreos e tudo mais. Moe vai passar o dia me ajudando a montá-los.

— Sabe Grunt, eu realmente não estou certa que você deveria estar fazendo isso. Você pode estar enviando a mensagem errada. Você pode confundi-la.

— Jo, eu estou fazendo o que você sugeriu há três anos. Estou esperando. E não pense que não foi um inferno eu não a ver tanto quanto eu queria. — Ele cerrou o maxilar. — Grizz irá estragar tudo em breve e eu vou estar lá, entretanto, é realmente importante para mim que ela não perca certas coisas.

— Como ir ao baile. — Sarah Jo disse calmamente.

— Sim, como ir ao baile. Ela não pode ir a um baile de verdade. Você sabe disso. Esta é a única coisa que eu consegui pensar.

Sarah Jo sorriu para seu amigo de infância. — É a coisa mais romântica que eu já ouvi.

— Então, você está animada? É o seu último ano. Será o último baile para você e Stephen.

— Sim, eu estou animada, mas preocupada.

— Com o que você está preocupada? — Grunt sinalizou para fechar a conta.

— Aquela menina nova, April. Eu acho que Stephen pode realmente gostar dela.

— Foi Tommy? — perguntou Ginny. Lentamente, ela caminhou até uma das cadeiras da cozinha, sentando-se pesadamente.

Carter se aproximou dela, sua voz calma. — Sim, foi tudo Tommy que fez. Não acredito que ele nunca te disse. Ele provavelmente não deixou Sarah Jo contar também. Você acreditava que era ideia do Grizz, e Tommy não queria machucá-la, dizendo que não era. Sim, Grizz permitiu, mas ele teve a ideia. Foi o Tommy.

Ginny se lembrou daquela noite. Passou o dia inteiro com Sarah Jo fazendo sua maquiagem, cabelo e unhas. Ela observou quando sua amiga posou para fotos com Stephen e acenou adeus para eles quando saíram no carro de luxo do pai de Stephen. Fess pediu-lhe para ficar e ajudá-lo com alguns extratos bancários ou algo assim. Ela não conseguia se lembrar com o que ela o ajudou, mas isso não importava. A coisa toda foi uma armação.

Após cerca de 30 minutos, o telefone tocou. Era Sarah Jo, frenética. Disse que ela esqueceu sua pequena bolsa com toda sua maquiagem. Kit gentilmente poderia levá-la para a casa da sua amiga na praia? Haveria uma festa pré-baile lá. Kit pegou as direções com ela e foi até lá.

Lembrou-se de ser surpreendida quando chegou na casa e viu a impressionante moto de Grizz na garagem. Era do Grizz, não era? E onde estavam todos os carros? Ela achava que teria uma festa aqui.

Ela foi até a porta da frente e notou um bilhete colado nela. Ele dizia para ir pelo lado direito da casa. Ela passou por um portão destrancado e seguiu o caminho. Quando ela chegou no quintal dos fundos, ela parou de repente.

Diante dos seus olhos estava uma piscina gigante com um gazebo do outro lado. O gazebo foi decorado com luzes cintilantes brancas. Quando ela se aproximou, ela pôde ouvir o mar e seu aroma salgado encheu suas narinas. Ela ouviu Van Morrison cantando *Into the Mystic*, mas não conseguia descobrir de onde estava vindo.

Foi quando o viu. Grizz.

Ele saiu das sombras e desceu os degraus do gazebo. Ele estava vestindo seu traje habitual: Jeans, uma camiseta e botas, o seu longo cabelo amarrado em um rabo de cavalo. Ele tinha recentemente começado a deixar crescer a barba, algo que ela não tinha certeza se gostava, mas ela tinha que admitir que combinava com ele. Ela o observou aproximar-se, seu coração começou a retumbar em antecipação. O que estava acontecendo?

Ele pegou sua mão e a levou de volta até as escadas. Ela notou um vestido coral pendurado em uma das vigas baixas. Ela olhou para ele com espanto. Não era o vestido que ela tinha provado algumas semanas atrás, quando ela estava fazendo compras com Sarah Jo? Não era tão elegante quanto o que Jo escolheu - discreto e muito simples. Suas sandálias de salto alto descansavam em um banco ao lado do vestido, junto com uma bela pulseira feita de rosas brancas minúsculas e flores mosquitinho.

Ela olhou para as unhas das mãos e dos pés, sorrindo agora, já que tudo fazia sentido. Sarah Jo tinha insistido sobre a cor. Agora ela sabia o porquê. Ela combinava com seu vestido.

— Grizz? — ela disse, esperando a explicação.

Grizz de repente pareceu tímido. — Pensei que você poderia gostar de

uma noite romântica comigo na praia. Eu sei que Jo tem o baile dela esta noite. Eu... eu não quero que você se sinta deixada de fora.

Ele não afastou o olhar dela enquanto pegava o vestido das vigas, entregando para ela. — Eu realmente gostaria de vê-la usando isso, Kit. — Ele murmurou, puxando-a em seus braços.

Tinham passado a noite dançando lentamente, fazendo amor na praia e apenas conversando. A casa pertencia a um amigo seu, Martin. Lembrou-se de ter fantasiando que era sua casa. Eles dormiram lá. Foi uma das noites mais românticas que ela já teve.

E agora, ela pensou, olhando para suas amigas, incrédula, elas estavam contando que foi tudo ideia do Tommy?

Ginny mordeu o lábio. — Tommy organizou uma noite romântica na praia para mim e Grizz? Por que ele faria isso?

— Na verdade, Gin, organizou para você e para ele. — disse Casey suavemente. — Para parecer uma festa pós-baile. Tommy ficou lá durante todo o dia, esperando por você. Grizz apareceu 15 minutos antes de você. Disse ao Tommy que ele pensou que você ficaria desapontada se ele não estivesse lá. Ele não queria decepcioná-la ou magoá-la. Ele disse a Tommy que ele assumiria. — Ela pegou a mão de Ginny e deu-lhe um olhar suave. — Ele enviou Tommy, Sarah Jo e os poucos amigos que estavam lá para casa.

O Diário de Moe, 1978

Querida Elizabeth,

Eu sei que foi uma coisa desprezível a se fazer, mas eu não consegui evitar. Eu fiz antes que pudesse me impedir. Eu estava com tanto ciúme.

Eu sou amiga dele. Parece que ele está se esquecendo de mim. A

menos que ele precise de algo. Como ajuda para organizar um encontro romântico para outra. Para ela.

Eu quero odiá-la, mas eu não consigo. Ela é boa para mim. E, além disso, ela está com Grizz. Eu nunca a vi agir com desejo quando ela está com Grunt. Mas, ainda assim. Eu não podia suportar o pensamento dele segurando-a enquanto dançavam. O vestido era tão bonito. Eu costumava usar coisas bonitas assim. Você se lembra, não é mesmo, Elizabeth?

Grizz concordou em deixá-los fazer o seu baile. Mas eu tinha que arruiná-lo. Eu tive que escrever-lhe uma nota dizendo-lhe que Kit ficaria realmente magoada e desapontada se ele não estivesse lá.

Ele dá a Kit o que ela quer. Ele não podia suportar o pensamento que poderia magoá-la se não estivesse lá. Ele odeia esse tipo de coisas, dançar e vestir-se, mas ele faria isso por ela. Todos eles parecem fazer tudo para ela. Kit, Kit, Kit.

Às vezes, eu desejo que ela apenas vá embora. Volte para onde quer que Monster a encontrou.

Capítulo 40

2000

Atrás da casa de Carter, Ginny encostou-se no corrimão do convés e respirou profundamente. Ela sentiu cheiro de flores de laranjeira ou jasmim ou ambos? Memórias invadiram seus sentidos. Por um momento, ela se sentiu tonta.

Ginny não podia acreditar no que suas amigas contaram. Por que Tommy e Sarah Jo nunca mencionaram isso? Mais segredos. Era como se sua vida tivesse sido construída sobre uma grande mentira. Ela não sabia mais em que acreditar. Ou em quem acreditar.

Ela olhou ao redor, tentando respirar, para centrar-se, e seus olhos caíram sobre a garagem. Ela não tinha pisado naquela garagem em quinze anos. Era uma unidade separada da casa, para três carros grandes e um pequeno quarto no segundo andar.

Ela caminhou lentamente em direção a ela, lembrando-se dos maus momentos junto com os bons. Quando chegou à porta lateral, sob as escadas de hóspedes, ela se ajoelhou e ergueu um sapo de cerâmica. As chaves ainda estavam lá. Assim como Carter tinha prometido, a garagem nunca tinha sido utilizada. Essa foi uma das únicas condições que Grizz tinha insistido quando Ginny lhe disse que Carter moraria lá. Ninguém na garagem. Nunca.

Ginny teve um pouco de dificuldade com o ferrolho. Ele obviamente não tinha sido aberto nos últimos anos. Ela entrou e acendeu a luz. Esperava que o ar dentro cheirasse mal, mas estava surpresa que isso não aconteceu. Estava apenas um pouco obsoleto.

Ela olhou para os dois carros cobertos com grandes lonas de pano. Ela sabia que sob cada lona estava um veículo preto - o dele e o dela. Grizz

comprava um novo Corvette preto a cada ano. Ele tentava comprar-lhe um carro novo também, todos os anos, mas ela não deixava. Ela amava seu presente de aniversário, o Trans Am e se perguntava se agora ele seria considerado vintage.

Ela passou pelas três motos alinhadas em uma fila elegante e notou uma com uma bandana azul pendurada no guidão. Tinha sido a moto favorita de Grizz. A que ele a tinha levado em seu primeiro passeio com ele. Ela aproximou-se e tirou a bandana do guidão. Suas mãos tremiam um pouco, mas ela não prestou atenção. Segurando a bandana suavemente, ela se sentou no chão duro da garagem, levantando o pano em seu rosto. Será que ela ainda sentiria o cheiro dele?

Não, não podia. Fazia muito tempo.

Depois de alguns minutos, ela notou a roda traseira do seu Trans Am que aparecia sob a lona. Ela franziu a testa, lembrando o que ela sentia ao estar dentro do carro, o cheiro dos assentos e a sensação do motor roncando debaixo dela. Ela estreitou os olhos, inspecionando a calota da roda. Aquela calota da roda.

Eles estavam casados há alguns anos. Ela não se lembrava por que eles estavam em seu carro. Talvez o dele estivesse na oficina no momento. Ele estava dirigindo e ela lembrou-lhe que ela precisava de uma peça.

— Você se lembrou de pedir para o Axel a minha calota da roda? — ela perguntou quando estavam no estacionamento do shopping.

— Ele não pegou para você ainda? — Grizz ergueu as sobrancelhas.

— Não, é apenas uma calota estúpida. Eu não sei se ela caiu ou se alguém a roubou. Eu não sei por que alguém iria roubá-la, mas meu pneu parece engraçado sem ela. Você vai lembrá-lo?

Grizz começou a olhar para fora, sobre o estacionamento, como se estivesse avaliando os carros, dirigindo devagar. Ele freou de repente, em

seguida, fez uma curva rápida à direita, que foi tão brusca que ela agarrou a maçaneta da porta.

— O que...?

— Parece que esse pode ser do mesmo ano. — falou com ele mesmo quando parou o carro no estacionamento. Ele enfiou a mão no console e tirou uma chave de fenda. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele estava fora do carro e afastando.

Ela virou-se no assento e viu-o aproximar de um carro que parecia semelhante ao dela, em seguida, desaparecer. Dois minutos depois, ele reapareceu e saltou para o assento do motorista. Ele jogou a chave de fenda e a calota da roda recém-adquirida em seu colo e foi embora.

Sua boca estava aberta quando olhou para ele. Ele tinha um pequeno sorriso de satisfação no rosto.

— Grizz! — ela levantou os óculos de sol na sua cabeça para que pudesse olhá-lo nos olhos. — Você acabou de roubar esta calota da roda do carro de outra pessoa?

Ele olhou para ela. — Claro que sim. Onde você acha que consegui?

— Por que você teve que roubar? — Seu temperamento exaltou. — Axel poderia ter conseguido uma para mim. Eu não acredito que você simplesmente a roubou!

Ele revirou os olhos. — Kit, você estava reclamando que precisava de uma. Eu vi uma oportunidade de lidar com isso e fiz. Agora você não tem que lembrar Axel. Qual é o grande problema?

— O grande problema é que você roubou. — Ela cruzou os braços. — Eu não sei Grizz. Eu não acho que eu posso dirigir meu carro sabendo que você roubou a calota da roda. Isso me incomoda.

Ele olhou para ela, em seguida, e ela soube imediatamente o que ele estava pensando. Ela podia ler seu rosto como um livro.

— Ah não, Grizz. — Ela balançou a cabeça. — De jeito nenhum. Nem sequer me diga que o meu carro é roubado. Por favor, não me diga, Grizz.

— Então eu não vou te dizer. — Ele respondeu com naturalidade.

Ela levantou o queixo e olhou para o painel de instrumentos, recusando-se a olhar para ele. Seu rosto já estava corando. Ela estava irada.

Ele confessou mais tarde que amava quando ela ficava com raiva, mesmo que fosse com ele. Disse a ela a verdade, que nunca deixaria que ela dirigisse um carro roubado por aí. Ele tinha feito a compra legitimamente, mas às vezes gostava de irritá-la. E no momento, ela ficou exatamente assim: irritada.

— Eu só não sei quem você pensa que é, para pegar as coisas que não pertencem a você! — seu peito começou a arfar. — Quer dizer, sério, Grizz! Eu acho que você pensa que tudo o que está lá fora é seu por direito.

Ele não a respondeu.

— Responda-me. Você acha que pode simplesmente pegar o que você quer?

Ele olhou para ela e sorriu. — Eu peguei você, Kitten.

Sentada no chão da garagem, ela olhou para a calota da roda agora e lutou com a memória de como ela tinha sido imatura. O quão enfurecida ela tinha ficado por causa de uma calota da roda roubada ainda que ela estivesse disposta a ignorar o conhecimento das outras coisas horríveis que ele fazia. Seu amor por Grizz a fez comprometer seus valores. Quem tinha sido ela naquela época? Quem ela era agora?

Agarrando a bandana azul no seu peito como um cobertor de segurança, ela percebeu que estava chorando. Fungando alto, ela usou a bandana para enxugar as lágrimas. Recomponha-se, Gin. Então, ela olhou para a bandana.

A bandana azul. Ela tinha esquecido da bandana.

Capítulo 41

1985

— Eu não posso, Grizz! Eu não posso fazer isso sem você. Não quero!

Kit tinha ido visitá-lo na cadeia. Ela estava com cerca de seis meses de gravidez de Mimi e o balcão atrás do vidro se projetava desconfortavelmente contra sua barriga de grávida.

— Kit, você não pode fazer o quê? — Ele perguntou a ela através da divisória de vidro, seu rosto uma máscara de preocupação. — O que não pode fazer sem mim?

Porra, ele queria tocar sua pele. Apenas uma suave carícia na sua bochecha. Queria enxugar suas lágrimas.

— Qualquer coisa, Grizz. — Ela estava chorando muito agora. — Eu não quero fazer nada sem você. Eu não quero ter nosso bebê sem você. Eu não quero adormecer à noite sem você. — Ela parou e respirou fundo. — Eu não me sinto segura sem você, Grizz. Eu não estou acostumada a você não estar lá.

— Você tem Grunt, Kit. Grunt vai estar lá para você. Ele irá protegê-la com sua vida. Você sabe disso, não sabe?

— Eu não me importo! — seus olhos brilharam. — Ele não é você, Grizz! Sim, ele é maravilhoso, e eu sei que seus sentimentos estão feridos, porque eu me recusei a sair da nossa casa ou deixá-lo viver lá comigo. Eu apenas não estou pronta para deixá-la, para ficar com ele. — Ela balançou a cabeça, tentando fazê-lo entender. — Há tanto de nós naquela casa, Grizz, e eu simplesmente não posso deixá-la. Ainda não. Você pode já ter seguido em frente, mas eu não posso imaginar o dia que eu seguirei.

— Ah merda, querida. É isso que você acha? Que eu segui em frente?
— Ele nunca pensou que ela veria sua insistência para que ela se casasse com Grunt como rejeição. Ele pensou que estava protegendo-a e supôs que ela saberia disso. Ele nunca tinha sido bom em expressar seus sentimentos. Mesmo com Kit. Sem mencionar que ele nunca tinha dito para ninguém suas razões para fazer as coisas que fez.

— O que eu deveria pensar? — ela começou a soluçar.

— Kit, essa é a vida que você quer? Arrumar o nosso bebê e trazê-lo para visitar seu pai na cadeia todo fim de semana? É a vida que você quer para você e nosso filho?

— Se eu soubesse que você sairia deste lugar, sim! Mas você nem parece que quer. Você parece tão decidido que vai a julgamento, que um júri vai condená-lo, e eu não sei quem é esse Carey Lewis que Matthew recomendou, mas sinto muito até por ter sugerido Matthew. — Sua voz começou a subir novamente, e ela fez um esforço para conter os seus sentimentos, para respirar.

Grizz recostou-se na cadeira e suspirou. Ele se sentia mal que ela pensasse que ele ainda estava aqui por causa da sua sugestão para usar Matthew Rockman. E que, de alguma forma Rockman falhou ao sugerir Carey Lewis. Ele bancou o mudo no dia em que ele foi preso. Ele sabia que ela iria sugerir seu velho amigo Matthew e ele tinha concordado com isso para apaziguá-la. Ele nunca tinha tido qualquer intenção de deixar

Rockman representá-lo e tinha posto um plano em prática muito antes, no caso de algum dia chegar a isso.

Ele sinalizou para o guarda e quando o guarda se aproximou, Grizz sussurrou algo em seu ouvido. O guarda assentiu.

Ela estava assoando o nariz quando o guarda saiu da área de segurança e se aproximou dela.

— Por favor, venha comigo, senhorita. — Disse o guarda silenciosamente, mas com firmeza.

Ela olhou para Grizz e ele acenou para ela. Assim? Era isso? Esta era a sua maneira de dizer adeus? Ela não podia acreditar. Emoções rodavam quando ela permitiu que o guarda a levasse suavemente pelo braço, para fora da sala.

Ela olhou para Grizz e não pôde ler sua expressão. Ela começou a soluçar incontrolavelmente em seguida, e nem percebeu que ela foi levada para uma sala sem janelas. Uma pequena mesa com duas cadeiras estavam nela. O guarda guiou-a para uma das cadeiras e saiu da sala. Ele rapidamente voltou com uma caixa de lenços. Ela estava assoando o nariz quando o ouviu dizer na saída. — Cinco minutos. Cinco minutos ou eu perco meu emprego.

Ela deu um salto. E viu Grizz entrando na sala.

De repente, ela pulou e se jogou em seus braços. Ele a segurou com força e levou-a até a cadeira. Sentou-se e puxou-a para o seu colo. Em seguida, colocando a mão na sua barriga, ele olhou em seus olhos.

— Kit, me escute.

Ela começou a chorar novamente e colocou os braços em volta do pescoço dele como uma criança. Grizz a deixou ficar sentada lá enquanto ele absorvia seu perfume. Mentalmente chutando o próprio rabo por deixar isso ir tão longe. Por não fazer um acordo com eles mais cedo.

Mas, mesmo que ele tivesse feito um acordo, não teria tido nenhuma garantia. Ainda não havia, mas ele estava convencido de que estava fazendo o que era melhor para ela. Para seu filho. Quando ela pareceu se acalmar, ele tirou suavemente os braços dela ao redor do seu pescoço e recuou para que pudesse olhar diretamente para ela.

Ele havia sido espancado quando criança. Ele havia sido baleado e esfaqueado. Ele teve os ossos quebrados. Ele tinha até mesmo sido torturado.

Nada. Absolutamente nada comparava com a dor que ele sentiu quando ele olhou em seus olhos cor de chocolate. Ele sentiu como se seu coração tivesse sido arrancado do peito.

— Kit, eu não preciso contar as coisas que eu fiz. — Ela começou a interrompê-lo, mas ele levantou a mão. — Não, me escute, Kit. Estou recebendo o que eu mereço. Você me entende? Você não merece isso. Você precisa ter a vida que teria tido, poderia ter tido, se eu não tivesse raptado você. Eu era egoísta. Eu pegava o que eu queria.

— Que vida eu teria? — Ela fungou. — Sendo empregada doméstica de Delia e Vince?

— Pare de ser ingênua. Nós dois sabemos que você não é. Você é esperta. Você teria ido para a faculdade com uma bolsa de estudos e mudado para tão longe quanto possível deles. Não aja como se eu tivesse te salvado.

— Mas você salvou. — Ela sussurrou. — Eu fui feita para ficar com você.

Ele não disse nada e algo na expressão dela mudou. Seus olhos se estreitaram, como se ela finalmente entendesse. Ela desajeitadamente desceu do seu colo e ficou na frente dele. Ela descansou suas mãos em sua barriga. Com os olhos inchados e nariz vermelho, ela acrescentou: — E nós dois sabemos o quanto você é esperto, Grizz.

Ele olhou para longe dela.

— Você é inteligente demais para ser pego assim. — ela respirou de forma irregular. — O que é que você não está me contando? Ah, espere, o seu nome? Sim, esse sempre foi o grande segredo. — Sua voz pingava com sarcasmo. — Esse segredo foi revelado. Eu acho que ganhei sua confiança nesse ponto, não é? Não mereço alguma verdade sobre qualquer coisa?

Ele se levantou em seguida, agarrou-a e puxou-a para ele, e ela deixou. Ela colocou os braços firmemente em torno da sua cintura. Com um

suspiro trêmulo, ele tomou seu rosto em suas mãos e olhou profundamente em seus olhos.

— A única verdade que você precisa saber é que o meu amor por você é real e nunca vai embora. E tudo que eu fiz, não importa como pareça, foi para que você pudesse ser protegida. Eu nunca quis ficar sem você, mas não posso escolher agora.

Antes que ela pudesse responder, a porta se abriu e o guarda reapareceu: — Acabou o tempo. Temos que ir agora.

— Espere. — Ela agarrou ambos os pulsos dele e estendeu as mãos para o rosto.

— Kitten. — Ele deu-lhe um olhar sério. — Se você precisar de alguma coisa. Se você alguma vez estiver em apuros. Se você estiver com medo, você sabe que Grunt estará lá.

Ela começou a chorar novamente. — Mas e se ele não estiver, Grizz? Eu me casei com ele, mas e se eu nunca puder aceitá-lo? E se for só eu e o bebê? Eu estou tão confusa, eu só não sei o que...

— Kit, minha moto. — Grizz sussurrou em seu ouvido. — A minha moto favorita na nossa garagem. Eu mantenho a minha bandana azul nela. Você sabe, né?

Ela assentiu com a cabeça.

— Se você precisar de alguma coisa. Quero dizer qualquer coisa, porra, e Grunt não puder estar lá para você, você coloca o seu cabelo para cima em um desses rabos de cavalo altos que você gosta de usar e envolve minha bandana nele. Você me escutou? Você usa minha bandana, e pode levar um dia ou dois, mas você vai ter toda a ajuda que precisa. Você me entende?

Ela olhou para ele com curiosidade, tentando entender como uma bandana azul na garagem ia ajudá-la se ela precisasse dele.

Antes do guarda acompanhá-lo para fora, Grizz gritou: — Kitten, você já escolheu o nome? Você sabe qual nome quer dar para o bebê?

— Jason se for um menino. Miriam se for uma menina.

Ele levantou uma sobrancelha questionando.

— Era o nome da Moe.

Sua expressão se suavizou e ele deu um aceno rápido. — Ruth. Que tal Miriam Ruth?

— Você gosta do nome Ruth? É de alguém que você conhece? — sua voz soava esperançosa, como se ela estivesse desesperada por mais uma pérola de verdade do seu passado.

Mas ele apenas sorriu. — Não. Eu só gosto. Melhor do que Miriam Guinevere.

Kit refletiu sobre o nome e decidiu que gostava muito. — Ruth é bíblico. Miriam também é, mas Ruth era uma mulher incrível. Incrível o suficiente para ter seu próprio livro na Bíblia. Se for uma menina, nós vamos chamá-la de Miriam Ruth. — Prometeu.

Ele a beijou suavemente nos lábios e desapareceu.

Agora, na garagem, ela chorou e chorou enquanto segurava a bandana, lembrando a forma como ele tinha olhado para ela. Ela nunca teve que usar a bandana azul ao longo dos anos, mas ela se lembrou de deitar na cama tarde da noite e encontrar conforto em saber que estava lá fora em sua moto. Lá fora, apenas no caso de ela em algum momento precisar.

Nas visitas à prisão que se seguiram, as perguntas dela para ele ainda ficaram sem respostas. E, eventualmente, pensou, ela fez a transição lenta para uma vida com Tommy. A vida que ela agora apreciava. Como diz o

velho ditado: A vida continua. O tempo cura.

Pelo menos até ontem.

Ela chorou ainda mais agora com a bandana. E quando ela não aguentava mais chorar, apertou-a contra o peito, acomodou-se no cimento frio e adormeceu.

Capítulo 42

1950, Fort Lauderdale, Flórida

Ele virou o motel de cabeça para baixo procurando aquela mala de dinheiro. Fazia semanas desde que Red e seus amigos de merda tinham saído e Ralph agora estava convencido que não havia dinheiro. Quem quer que fosse o cara que Red estava à procura nunca parou aqui.

Ele tinha acabado de voltar para o número quatro para almoçar. Sentado no sofá com um sanduíche, olhou para a TV. Não estava ligada, mas ele olhou fixamente, tentando pensar em alguns dos recentes programas de televisão que ele estava assistindo. Havia alguns mais inteligentes sobre espões e solução de crimes. Onde é que alguém em um desses programas esconderia uma mala de dinheiro?

Dando outra mordida em seu sanduíche, ele o desceu com um pouco de refrigerante. Ele estava ficando sem comida e esperava que um hóspede aparecesse em breve, talvez alguém que ele pudesse pegar uma carona para ir comprar mantimentos. Ele pegaria um táxi de volta se precisasse. Tinha feito isso uma vez e não custou muito.

A mesa ao lado da televisão chamou sua atenção. Os cachorros do Pop, Jack e Sandy. Suas fotos estavam protegidas para sempre naquelas molduras. Ele desejava que tivesse pensado em colocar a foto de Ruthie e Razor em um quadro, mas ele preferia tê-la com ele, para que pudesse pegá-la quando ele precisasse. Ele se odiava por ter sido tão descuidado com aquela foto.

Qual era o nome do último cão? O único que Pop não tinha foto? Ele não conseguiu lembrar. Ele só se lembrava que o cão havia morrido

recentemente, porque o túmulo era obviamente mais recente do que os outros. Ele sentou-se e olhou para a televisão desligada novamente. Ele não tinha tempo para pensar sobre os cães de Pop. Ele tinha que pensar como um mentor. Como aqueles que via na TV. Especialmente aquele cara espião. Se Pop colocou as mãos naquele dinheiro, o que teria feito com ele?

Não havia muito mais o que fazer no motel diferente de manutenção geral. Ele não tinha que ficar à disposição de Pop mais, assim seus dias não eram tão ocupados. Alguns dias, ele fingia que era alguém importante, como Red. Ele poderia ser como Red. Como um daqueles caras na TV. Red era um agente secreto? Ele devia ser. A pessoa do outro lado do telefone o chamou de agente.

Perdido em uma fantasia de belas mulheres e carros rápidos, de repente ele se sentou no sofá e deixou cair a garrafa de refrigerante, o líquido escorreu no tapete do chão.

Ele sabia onde estava o dinheiro.

Quando acabou de arrastar a mala de volta para o motel, ele estava ofegante e imundo. A bolsa era grande e pesada, e estava exatamente onde ele tinha pensado. Na sepultura do cão. Só que não havia um cão.

Ele não podia imaginar como Pop, em sua condição frágil, tinha ao menos ido lá e enterrado. Quando ele estava cavando, ele começou a ter dúvidas. Uma pontada de consciência lhe disse que ele se sentiria terrível se ele estivesse desenterrando o cachorro de Pop. Benny. Lembrava o nome agora. Esse era o único cão que Pop não tinha foto. Pop lhe tinha dito que tinha uma moldura para ele e tudo, mas nunca chegou a tirar uma foto para colocar no quadro.

Exceto que quando ele vasculhou o motel de cima a baixo, procurando a mala escondida, ele nunca se deparou com uma moldura vazia. Pop deve ter mentido sobre isso. Ainda assim, podia ser verdade. A moldura

podia ter quebrado e sido jogada no lixo. O quadro seria uma lembrança da foto que nunca foi tirada e talvez Pop tivesse jogado fora. Ralph achava que não.

E ele estava certo.

Agora, ele espalhou um lençol antigo do motel na cama e soltou a mala pesada em cima dele. Ele abriu o zíper e sua respiração ficou presa quando ele contemplou o seu conteúdo. Havia mais dinheiro nesta mala do que ele jamais imaginou existir, mesmo em um cofre de banco. Ele pegou uma pilha de notas amarradas habilmente e abanou.

Então ele se lembrou de algo. O homem ao telefone naquela noite disse que não se importava com o dinheiro. Ele queria a mala. Por que ele iria querer uma mala velha e miserável do exército? Deve haver algo mais aqui.

Ele subiu na cama e conseguiu agarrar a mala pelo fundo, virando-a de cabeça para baixo no lençol. O dinheiro derramou para fora, algumas notas até mesmo deslizaram para fora da cama e bateram no chão. Ele a balançou, certificando-se de que estava vazia. Ele não viu nada cair além do dinheiro. Mas a bolsa ainda estava um pouco pesada. Ele pulou da cama e enfiou os braços na bolsa, sentindo ao redor. Seu cotovelo fez contato com algo duro e ele percebeu que algo havia sido costurado no forro da bolsa.

Rapidamente, ele pegou uma faca na cozinha e cuidadosamente rasgou o interior. Ele estendeu a mão e tirou duas placas de metal pesadas. Ele as colocou na cama e soube imediatamente o que ele estava olhando. Esse dinheiro era falso e estas foram as placas usadas para fabricá-lo. Grande coisa.

Ele ficou desapontado. O que ele ia fazer com um monte de dinheiro falso? Ele não podia gastá-lo, porque provavelmente seria pego. Seria rastreado até o motel e, em seguida, eles começariam a procurar por Pop. Droga.

Talvez ele devesse pegar o número de telefone do The Red Crab e chamar Red. Falar para ele vir receber o seu dinheiro falso. Sentia-se totalmente desanimado agora; a emoção de buscar e a antecipação de encontrar a mala tinham sumido. Ele nem tinha percebido o quão bem se sentiu com a caçada. Ele não conseguia explicar; ele teve uma emoção ao fingir que era algum tipo de agente, como Red. À procura de algo mais importante do que uma grande mala de dinheiro.

É isso que o homem havia dito. Ele não se importava com o dinheiro. Quem não se importava com dinheiro? Ele se lembrou de como o dinheiro era importante quando ele estava vagando por Fort Lauderdale e comendo de latas de lixo.

Ele estava sentado na beira da cama, se perguntando o que deveria fazer, quando algo chamou sua atenção. Ele apertou os olhos, olhando mais de perto. Seus olhos não estavam mentindo. Algo marrom estava saindo da costura que tinha rasgado quando ele encontrou as placas. Alcançando, ele retirou um envelope largo, de grandes dimensões. Ele o abriu e tirou seu conteúdo. Algumas imagens caíram em seu colo. Ele rapidamente as visualizou, e quando não reconheceu nenhum rosto ou nomes na parte de trás, se virou para os papéis que segurava. Era um grande documento, várias páginas. Ele começou a ler.

Ele era jovem e não teve uma grande educação. Mas ele era inteligente o suficiente para saber que o que estava lendo era importante. Mais importante do que uma mala de dinheiro falso. Alguns nomes, ele reconheceu. Outros não. Havia datas específicas, lugares e eventos. Ele estava lendo isso corretamente? Como pode ser isso?

Isso era grande; ele sabia. Este tipo de informação poderia destruir pessoas. Destruir vidas. Talvez já tivesse.

Pop deve ter matado o dono da mala. O vendedor de seguros. Ele,

obviamente, não era um vendedor de seguros. Ele era um agente como Red?

Ele não sabia a extensão do que havia lido, mas achou que conhecia alguém que poderia saber.

Durante a semana seguinte, ele fez o que era necessário para fechar o motel. Ele queimou o dinheiro falso no poço — esse foi o nome que ele deu ao lugar que Red e seus rapazes começaram a fogueira naquela primeira noite. Ele escondeu as placas e o envelope em algum lugar que ele estava certo de que eles nunca seriam encontrados. Ele mudaria mais tarde, mas precisaria de tempo para planejar isso. Ele inspecionou um pouco a antiga corrente e fez uma placa que dizia: fechado para reforma e colocou-a na entrada do motel. Ele esvaziou a piscina e chamou a companhia de telefone para cancelar o telefone. Ele fez o mesmo com as empresas de água e energia. Ele não precisava se preocupar com as bombas de gás. Pop lhe disse que não utilizava há anos.

Ele já tinha mexido nos documentos pessoais de Pop. O verdadeiro nome de Pop era Gainy J. Talbot. Ele pegou o talão de cheques do Pop e alguns documentos fiscais que ele podia precisar no futuro, além da escritura do motel e o documento do carro do Pop. Ele ia deixar o carro aqui. Ele queimou todos os outros pertences pessoais do Pop, incluindo algumas fotos antigas do exército e documentos de quitação. Ele fez uma pausa quando se deparou com um documento que não tinha notado antes.

Era uma certidão de nascimento. A data de nascimento não era próxima a dele — o filho de Pop era mais velho do que ele —, mas ainda assim serviria. Ele ficaria com isso.

Jason William Talbot era um nome tão bom quanto qualquer outro. Além disso, ele odiava o nome Ralph.

Ele arrumou tudo o que podia carregar e começou a caminhar em direção à cidade. Ele ia aceitar aquela oferta de emprego do Red.

Capítulo 43

2000

Casey encontrou Ginny dormindo na garagem. Ela gentilmente a acordou e a conduziu de volta para a casa.

— Você deveria trancar. — Casey falou para Carter, acenando com a cabeça na direção da garagem. Ela se virou para Ginny. — Nós guardamos um prato para você.

— Obrigada, mas eu não estou com fome. — A voz de Ginny estava cansada quando ela atravessou a cozinha e foi para o seu quarto. — Eu vou tentar dormir um pouco.

Mas dez minutos depois, Ginny saiu do quarto usando camisola. Ela encontrou suas amigas no fogão da cozinha, conversando em voz baixa.

— Eu quero dormir, mas acho que o meu cochilo acabou me dando um pouco de energia indesejada. — Ginny deu um meio sorriso e suas amigas viraram para abraçá-la.

— Eu pensei que isso pudesse acontecer. — Carter respondeu suavemente. — É por isso que estou fazendo um chá de ervas. Deve te relaxar.

— Espero que sim. Eu não posso suportar a ideia de ficar acordada a noite toda sozinha com meus pensamentos.

Carter e Casey trocaram um olhar de cumplicidade. — Espere por mim no escritório. — disse Carter. — Eu vou levar.

Casey e Ginny entraram no escritório e se acomodaram nos seus lugares favoritos. Carter apareceu um minuto depois com uma bandeja com três canecas. Vapor subia de cada uma. Elas tomaram um gole de chá em um silêncio confortável. Finalmente, Ginny soltou um grande bocejo.

— Puxa, acho que estou mais cansada do que pensei. — Ela olhou para as expressões das suas amigas e uma lembrança de 25 anos atrás a atingiu. Uma lembrança exatamente como esta. Só que desta vez, ela estava grata. Desta vez, a adrenalina alta não a dominou.

Ela olhou para Carter e, em seguida, para Casey, pronunciando as palavras indistintamente. — Vocês me drogaram. Acho que eu deveria dizer obrigada.

Ginny estava sonhando. Ela estava nos braços de Grizz. Ele estava segurando-a. Ela estava de costas para ele e um dos seus braços pesados estava envolto na sua cintura.

Mas algo estava errado. Era o braço de Grizz, mas não era o Grizz. Um cheiro familiar invadiu seus sentidos, tirou-a do seu sono profundo. Tommy? Por que Grizz cheira como Tommy?

Ela abriu os olhos e precisou de um minuto para se orientar. Quarto de Carter. Ela estava em um dos quartos de Carter. Era o quarto que ela havia criado para ser um berçário para Mimi.

Ela olhou para o braço em volta dela. Ela podia ver claramente a tatuagem. As fitas penduradas que diziam: Mimi e Jason. Ela sabia que elas estavam ligadas a uma águia segurando um coração entre suas asas. Um coração com seu nome nele.

Tommy. Tommy estava na cama com ela e segurando-a.

Ela virou-se um pouco e viu que ele estava acordado. Antes que ela pudesse perguntar, ele murmurou: — Não foi ideia minha. Foi da Carter e Casey.

Ela se virou agora para enfrentá-lo, cheia de perguntas não ditas.

— Elas me ligaram ontem à noite e me contaram o que fizeram. — Tommy explicou calmamente. — Elas sabiam que o seu cochilo poderoso na garagem a manteria acordada a noite toda. Você estava dormindo no sofá quando eu cheguei aqui. Elas foram para a nossa casa para cuidar do Jason e Mimi. Tenho certeza que as crianças ficarão animadas por tê-las por lá e não vão sequer perguntar por nós. Eu a carreguei do sofá.

Ela não sabia o que dizer. Ela apenas olhou para ele, um pequeno sorriso brincando em seus lábios. Ele deu um suspiro de alívio.

Mas então seu sorriso desapareceu quando ela se lembrou do motivo pelo qual ela estava em Carter em primeiro lugar.

Ela cerrou os lábios em uma linha fina. — Café. — Foi tudo que ela disse.

Tommy concordou com a cabeça. — Uh, elas me disseram que você saberia o que fazer com os animais.

— Sim, eu sei o que fazer. Eu não posso acreditar que Victor não nos acordou com o nascer do sol.

— Você está falando do galo?

— Sim, ele canta como um relógio. — Ela começou a levantar-se em pânico. — Ah não, e se houver algo errado com ele!

— Não se preocupe, Ginny. Ele está bem. Ele cantou esta manhã. Você só estava dormindo durante isso.

— E você está acordado desde então?

Ele não respondeu. — Seus olhos. — Ele olhou para ela com preocupação. — O que há de errado com seus olhos?

Ela sentiu seu rosto, sabia que eles estavam inchados e crus. — Eu acho que é de tanto choro.

Ele balançou a cabeça em compreensão. — Que tal eu começar o café, você toma um banho e depois nós vamos cuidar do jardim zoológico da

Carter. Juntos.

— Está bem. — Ela não disse mais nada, mas ele sabia o que ela estava pensando.

— Quando todo mundo estiver acomodado, feliz e alimentado, vamos conversar.

— Sim, vamos conversar. Eu acho que você tem muito a me dizer.

— Sim, Ginny. — O rosto dele estava sério, triste. — Eu tenho muito a dizer.

Ele queria ter essa conversa na casa deles, mas não era possível. Isto era melhor do que nada.

Algumas horas mais tarde, tarefas feitas, Tommy e Ginny estavam sentados na varanda de trás, enrolados em cadeiras de madeira. Ginny estava tomando um chá gelado e Tommy estava bebendo um copo grande de água.

— Por onde, ao menos, posso começar? — Ele perguntou, olhando para sua esposa. Ela estava vestindo shorts jeans, uma blusa e botas de cowboy. Seu cabelo estava preso frouxamente em cima da sua cabeça. Eles haviam conversado um pouco enquanto trabalharam juntos, alimentando e exercitando os animais. Eles limparam o estábulo dos cavalos e usaram pás para limpar onde os cães estavam autorizados a ficar no quintal. Tommy lavou os canis com mangueira, enquanto Ginny administrou medicamentos e vitaminas nos diferentes animais. Carter tinha mais cães do que quaisquer outros animais que ela acolhia e esteve muito envolvida em ajudar a liderar um programa na prisão, onde ela e seus colegas iam para as penitenciárias e ensinavam alguns dos condenados mais indesejáveis como treinar caninos abusados e abandonados para serem usados como cães de serviço. Era um excelente programa onde para homens e animais era dada igualmente uma segunda chance na vida através da reabilitação. Ginny e Tommy passaram quase um total de duas horas cuidando e brincando com os cães. O santuário

de animais da Carter precisava de muito trabalho. Era um trabalho árduo, mas gratificante fisicamente e mentalmente.

Ginny colocou os braços em volta dos joelhos. — Não foi Blue que matou sua irmã e o marido dela naquela noite, quando você era criança, foi?

— Antes de eu começar, Ginny, você precisa saber que tive uma boa conversa com Grizz antes da sua execução. Eu ia te contar tudo. Quando Leslie deu a entender que havia algo que eu não estava lhe dizendo, ela fez parecer que eu fui forçado a jogar limpo. Ginny, eu ia fazer isso de qualquer maneira. Eu espero que você acredite nisso. — Sua expressão era sincera. Ela queria acreditar nele.

Mas algo a deteve. Ginny percebeu que não tinha certeza se conhecia o verdadeiro Tommy. Se ela ao menos conheceu o verdadeiro Tommy. Tentou pensar no passado, no seu casamento de quinze anos, mas sua mente estava confusa e ela certamente não daria muito crédito a uma expressão facial que ela tinha visto inúmeras vezes antes.

— Por favor, apenas responda a minha pergunta. — disse ela calmamente. — Não foi Blue, não é?

— Não, não foi o Blue.

Em seguida, ele contou tudo para ela: a noite que Grizz chegou até ele. A mudança para o motel. Conhecer a gangue. Sua infância lá.

— Então, o nome de gangue da Moe era Misty? — ela interrompeu. — Eu nunca pensei de onde veio o apelido Moe.

— Sim, ela costumava ser Misty. — Ele continuou com sua história.

Quando ele chegou à parte sobre Curtis Armstrong, ela se sentou em sua cadeira. — Você estava lá? Você me viu despejar a limonada sobre ele?

Sim, ele estava lá. Ele estava lá muitas vezes. Estava lá quando Mavis falou para Grizz sobre comprar alguns sutiãs. Estava na viagem de campo da escola.

— Mavis? — Ela interrompeu. — Você conhecia Mavis?

— Sim, Ginny. Eu conhecia Mavis. Ela trabalhava para Grizz. Ela mantinha um olho em você e falava para o Grizz se você precisasse de algo. Você deve se lembrar quando a comida apareceu na sua porta. Ou a bicicleta, você provavelmente pensou que os vizinhos deixaram para você? Isso foi tudo por causa da Mavis.

— Eu não pensava em Mavis há anos. — Ela falou para Tommy, seu rosto abrandando. — Eu parei de encontrar com ela depois que comecei a ir para o ensino médio. Eu me pergunto, o que aconteceu com ela?

— Ela morreu tranquilamente em seu sono. Ela não apareceu no The Red Crab para o trabalho um dia. Mavis era o ser humano mais pontual e confiável do planeta. Alguns dos frequentadores eram realmente afeiçoados a ela. Uma das meninas, acho que pode até ter sido Chicky, foi na casa dela depois de não obter uma resposta pelo telefone. Ela a encontrou em sua cama.

Os olhos de Ginny se encheram de lágrimas. — Ela era tão boa para mim. — Uma risada escapou de repente. — Mas ela realmente odiava aquele Curtis Armstrong. Ela nunca se permitia rebaixar ao nível dele, mas defendia todas as crianças, vítimas de bullying dele naquela época. Não só eu.

— Ela costumava dizer a mesma coisa sobre você e todas as suas causas. Que você era a protetora dos pequenos. — Tommy sorriu para ela. Depois, acrescentou: — É o jogo de xadrez dela, a propósito. O que eu te ensinei a jogar. Aquele que fica no nosso quarto. Aquele jogo de xadrez pertencia a Mavis e seu marido. Ela que sugeriu que eu aprendesse a jogar.

Lágrimas escorriam pelo rosto dela. Ela não sabia por que, mas ela ficou mexida pelo fato de que ela teve um anjo da guarda em segredo todos esses anos atrás. Mavis. Impaciente, ela limpou as lágrimas. Ela não queria começar a chorar de novo. Ela queria, precisava, ser forte. Ela tomou um pouco de ar e mudou de assunto.

— Eu sabia que Chicky era apaixonada por Grizz, você sabe. — Ginny sentiu uma onda de tristeza pela mulher. — Ela me contou naquele dia em que ela foi passar comigo, na praia, ao longo da costa oeste. Eu nunca soube que ela tinha entrado em contato com Grizz, no entanto. Ela me falou que tinha, finalmente, focado em Fess. Eu acho que ela nunca fez qualquer progresso lá. Claro, eu tenho certeza que Sarah Jo teria mencionado isso se ela tivesse.

Sarah Jo nunca falava sobre seu pai. Fess havia se aposentado em Maine anos atrás.

— Talvez seja por isso que ela acabou na Carolina do Sul. — Ginny ponderou.

— Sim. Posso imaginá-la gerenciando seu próprio bar na Carolina do Sul. Chicky realmente era uma senhora do bem.

Apesar do calor, Ginny tremeu um momento. — Grizz me contou no dia em que se casou comigo sobre a primeira vez que ele me viu. Contou-me como ele tinha me observado. Eu nunca lhe perguntei todos os detalhes. Eu duvido que ele teria respondido de qualquer maneira. Eu apenas supunha que Grizz enviava alguém para ocasionalmente ficar de olho em mim. Talvez aquele vizinho, Guido. Eu nunca percebi que ele realmente *plantou* alguém na minha vida. Eu nunca compreendi o quanto ele realmente fez por mim

durante esses anos. Eu gostaria de ter ficado sabendo disso antes. Eu posso honestamente dizer que eu teria gostado de agradecê-lo.

Ela estava olhando para o pátio amplo da Carter quando falou isso. Ela olhou para Tommy. — Eu nunca percebi que você tinha estado lá também. Que me via. Como eu poderia nunca ter notado?

Ele sorriu para ela e ela podia ver o amor nos olhos dele. — Você era a garota mais ocupada que já tinha visto. — Ele lembrou. — Você estava sempre aprontando alguma coisa. Envolvida em tudo. Vendendo limonada.

Resgatando caranguejos. Organizando protestos. Vendendo aqueles pequenos aparadores de panela que você fazia para tentar levantar um dinheiro para algum tipo de caridade que estivesse envolvida. Quando é que sequer teve tempo para perceber que estava sendo vigiada? Na maioria das vezes, você estava muito ocupada cuidando da sua casa. Seus pais realmente se aproveitavam de você, Gin.

Ele desviou o olhar então. — Eu ouvi o que você falou para Leslie na entrevista. Você descreveu sua mãe como uma hippie descalça, feliz-em-busca-da-sorte, que amava a vida e tinha uma natureza despreocupada e fácil. — Ele balançou a cabeça. — A verdade é que você estava se iludindo ou a sua memória se conformou com o que desejava que a sua vida fosse. Ela era uma vadia conivente e manipuladora que tratava você como merda. Essa é a verdade, não importa como você possa querer se lembrar dela.

Isso pegou Ginny de surpresa, mas se ela fosse honesta, e ela era aquela que estava falando para o Tommy que era a hora da verdade, ele estava certo. Vince e Delia. Ela não pensou sobre eles nos últimos anos. Ela não tinha pensado neles de jeito nenhum, até poucos meses atrás, quando Leslie perguntou-lhe sobre sua infância.

Ela deixou absorver tudo o que tinha ouvido. Então, ocorreu-lhe que Tommy poderia simplesmente ter contado sobre Grizz ser seu pai e escondido as outras coisas. Mas ele não tinha. Ele tinha ido mais longe, disse a ela mais. Muito mais. Grizz ser o pai do Tommy era o único segredo que Leslie tinha aludido. Leslie não sabia das outras coisas. Sobre a infância real do Grizz. Sobre Delia saber onde ela estava todos esses anos. Tommy não tinha que compartilhar essas coisas, mas ele fez isso.

Talvez ele realmente tivesse planejado lhe contar algumas coisas que ela não sabia. Talvez ele estivesse dizendo a verdade.

Ela apertou os lábios. Então Delia sabia onde ela estava. Sabia que

Grizz a levou. E não fez uma única coisa a respeito disso. Por que isso a surpreenderia?

Na verdade, isso não a surpreendeu. Era típico da Delia.

Capítulo 44

10 de maio de 1975

Cinco dias antes do Sequestro

Tinha sido um longo dia. Grizz se inclinou sobre a pia e estudou seu reflexo no espelho. Ele tinha acabado de raspar a barba. A pele parecia pálida abaixo dela. Ele ia dar uma chance.

À exceção de uma pequena queimadura em seu nariz e na testa, ele não parecia tão cansado como se sentia. Ele tinha acabado de voltar da costa oeste da Flórida, de um encontro com seu amigo, Anthony. Anthony Bear e Grizz eram amigos desde seus dias mais jovens de roubar e vender peças de automóveis especializadas. Eles passaram algum tempo na prisão juntos também. Anthony era o líder do seu próprio grupo na costa oeste. Seu pessoal ficava alojado logo após a saída de Alley. Grizz e Anthony encontravam-se regularmente para discutir suas relações. Seus negócios eram geridos separadamente, mas eles eram amigos e sempre trocavam histórias de negócios e experiências que pudessem ajudar o outro. Sem mencionar os acordos de negócios ocasionais.

Grizz não via Ginny há mais de dois meses. Ficava sem tempo cada vez que tentava observá-la. Ele descobriu que estava cuidando mais dela agora que ela era uma adolescente. Ele gostava de observá-la. Ele gostava de cuidar dela também, mesmo que ela não soubesse que ele estava fazendo isso. Ele jogou água fria em seu rosto.

Várias motos barulhentas estavam estacionando na parte da frente do motel, interrompendo seus pensamentos. Passando as mãos pelo seu cabelo molhado, ele saiu para o poço e falou com Blue.

Então, sem dizer a ninguém onde estava indo, ele saiu. Menos de 40

minutos depois, ele parou no Guido e entrou.

— Ei, cara, o que há, grandão? — Guido perguntou do seu sofá. Guido estava deitado lendo o jornal quando Grizz chegou. Um cigarro queimava em um cinzeiro na mesa de centro. Três latas de cerveja, presumivelmente vazias, estavam ao lado dele. Grizz não tinha batido, apenas entrou, mas Guido pareceu não se incomodar. Tecnicamente, era a casa de Grizz.

— Você tem visto Ginny? Eu continuo desencontrando dela. Ela está em casa agora? — perguntou Grizz.

— Ela não está em casa agora, mas eu tenho certeza que está bem. Ela está dando aula particular para um garoto. — Guido sentou-se. — Eu pude ouvi-la falar com sua mãe sobre isso e, é claro, tudo que a mãe quis saber era se ela estava sendo paga por isso, o que eu não acho que está.

— Que garoto? — Grizz estava em cima dele.

— Hum, eu não sei. Ele tem andado por aí. Levou-a para a escola alguns dias. Ele está trazendo-a para casa também. Ele a pegou por volta das onze da manhã. Parecia que eles estavam indo à praia. — A voz de Guido abaixou, quando ele percebeu que tinha

cometido um erro. — Uh, você sabe, como qualquer outro adolescente em Fort Lauderdale com uma habilitação. Ele não a trouxe para casa ainda.

O músculo no maxilar de Grizz cerrou. Ficou óbvio para Guido que Grizz não gostava deste novo desenvolvimento e que ele, provavelmente, estava chateado que Guido não tivesse dito algo mais cedo. Era um sábado. As crianças fazem o que as crianças fazem aos sábados. Qual era a desse cara e sua obsessão com a menina da porta ao lado? A garota menor de idade da porta ao lado.

Grizz tentou controlar seu temperamento. Ele não sabia por que ele

estava tão louco, mas estava. Ele inconscientemente estendeu a mão para a barba e foi pego de surpresa quando agarrou o queixo recém-raspado em vez disso. Ele olhou ao redor da pequena sala de estar. Com a exceção de alguns jornais espalhados sobre a mesa de centro e as latas de cerveja, o cômodo estava arrumado. O mobiliário era mínimo, mas confortável. A casa cheirava a cigarros e suor. As janelas estavam abertas, deixando entrar uma brisa quente à tarde minguante. Estava começando a ficar escuro. Ele esperaria.

Ele se sentou em uma cadeira estofada que encarava a janela da frente e ficou assim pelo que pareceu uma eternidade, mas foi apenas cerca de 30 minutos. Ele fez Guido desligar a televisão e não o deixou ligar as luzes. Eles conversaram em voz baixa sobre negócios e coisas sem importância, quando finalmente ouviram um veículo estacionar.

Grizz se levantou e foi até a janela, fora da vista. Ele estava certo de que não podia ser visto. As mãos ao lado do corpo fecharam em punhos apertados.

Era um jipe. Ele parou na entrada da Ginny e estacionou atrás do carro velho da Delia na garagem. Não havia luzes acesas na casa. Seus pais deviam estar ficando bêbados no Smitty's. Ele ouviu quando Ginny e o cara saíram do jipe e caminharam até sua varanda.

— Então. — O menino estava dizendo: — Então... uma noite esta semana... você quer sair?

Ginny inclinou a cabeça. — Como um encontro?

— Sim, um encontro. Se é assim que você quer chamar. Poderíamos até sair hoje à noite, se você quiser. Eu posso ir para casa tomar banho e voltar para te buscar.

Ela sorriu. — Então, um encontro, se for assim que eu quero chamar. Mas, se eu não chamar de encontro, será como dois amigos passando um tempo juntos? — ela andou até a porta da frente e remexeu na sua bolsa de

praia pela chave. Ainda não estava completamente escuro lá fora, mas a luz minguante estava tornando difícil de ver na sua bolsa. Ela teve que procurar ao redor por ela.

— Bem, não, não como amigos.

Ela encontrou sua chave e inseriu no ferrolho, mas virou-se para olhar para ele. — Não é um encontro. Nem amigos. Você está me confundindo, Matthew. — Ela brincou, inclinando a cabeça para um lado quando olhou para ele.

— Gin, você tem que saber que eu gosto de você.

— Eu sei que tenho dado aula particular para você e passado tempo com você e sua família. Eles são realmente ótimos. — Ugh. Isso soou tão estúpido, ela pensou consigo. Ela olhou para o chão timidamente. Ela não sabia mais o que dizer.

Verdade seja dita, ela não era boa para entender os sinais. E certamente não era boa em trocar gracejos com um rapaz que talvez pudesse estar interessada. Ela focou por tanto tempo em suas notas, em receber uma educação e sair dessa casa, que ela nunca se permitiu ter alguma diversão. Tinha passado o dia na praia com ele sem nenhum incidente. Ele foi um perfeito cavalheiro. Eles conversaram sobre a escola enquanto caminharam ao longo da costa. Eles passaram por um jogo de voleibol em andamento e foram convidados a participar, o que eles fizeram. Quando um dos caras que ela acabara de conhecer começou a mostrar algum interesse, Matthew interrompeu dizendo que era hora de voltar para as coisas deles, que tinham deixado na praia. Esse foi o primeiro indício que ela teve de que ele talvez pudesse gostar dela mais do que uma amiga e tutora.

Ela gostava de passar tempo com Matthew. Ele era um aprendiz rápido e, provavelmente, na verdade, nem precisava mesmo de ajuda. Ele só tinha dificuldade em se concentrar. Ela imaginou que era uma desvantagem

de ser popular. Matthew Rockman era o running back estrela da escola. A temporada de futebol estava obviamente acabada, mas ele estava muito ocupado socializando para se concentrar nas coisas que realmente importavam. Como suas notas e futuro.

Ela não conseguiu evitar, no entanto. Ela gostava dele. Ele a fazia rir e riso era algo que estava faltando seriamente na sua vida.

— Sim. Sim, eu gostaria de sair com você, mas não até sexta-feira. Eu não saio em noites de escola e eu já tenho planos para hoje à noite.

O que ela não lhe disse foi que seus planos para esta noite incluíam aspiração e lavanderia. Passar o dia na praia lhe custara tempo valioso nas suas obrigações. E ela estava um pouco envergonhada de admitir que ela realmente não saía qualquer noite. Ela era muito solitária e preferia assim.

Até agora.

— Chame de encontro, chame de amizade. Chame do que quiser. — Ela disse timidamente.

Matthew deu um passo mais perto dela e tomou seu rosto em suas mãos. Ele se inclinou mais para beijá-la suavemente nos lábios. Foi um beijo doce. Não uma grande sessão de amasso, mas teve um efeito que ela não esperava. Ela gostou. Ela colocou os braços em volta da sua cintura e puxou-o um pouco mais perto dela. O beijo começou a aprofundar quando faróis quebraram o feitiço. Houve um barulho alto em algum lugar, mas foi absorvido pelo som do motor da van detonada que estacionou na frente da casa.

— Vince e Delia estão em casa. — Ela disse enquanto ele se afastava dela.

— Você quer que eu pergunte ao seu pai se eu posso levá-la para sair?
— a voz de Matthew foi sincera.

— Desnecessário. Eles não se importam.

Guido tinha começado a entrar em pânico. Ele estava assistindo atrás do Grizz quando o menino levou Ginny à sua porta. Ele era muito baixo para ver sobre o ombro de Grizz, então ele olhou ao redor do motoqueiro enorme para ver o que estava acontecendo. Apesar de Ginny e seu amigo não estarem falando em voz alta, eles ainda podiam ser ouvidos. A noite estava tranquila, as casas eram próximas e as janelas de Guido estavam sempre abertas. Era assim que ele ouvia a maioria das conversas acontecendo nas casas de cada lado da sua.

Ele sentiu o corpo do Grizz enrijecer quando o menino a convidou para sair. O ar estava tão pesado com a raiva do Grizz que poderia ser cortado com uma faca. Guido se encolheu quando o rapaz a beijou e Grizz socou a parede. Ele não sabia se Grizz faria qualquer outra coisa. Ele não sabia por que Grizz estava tão zangado. Graças a Deus Vince e Delia estacionaram quando eles beijaram.

Matthew saiu. A família estava em casa agora. As luzes foram acesas e trechos de conversa podiam ser ouvidos. Sem dizer uma palavra, Grizz saiu pela porta da frente, entrou no carro e saiu.

Guido finalmente acendeu uma luz na sala de estar e suspirou. Havia um buraco gigantesco no reboco entre a porta da frente e a janela por causa do soco. Droga. Ele teria que arrumar aquilo.

Capítulo 45

12 de maio de 1975

Três dias antes do Sequestro

Grizz estacionou na pequena loja na Andrews Avenue. Ele podia dizer pela decoração exterior que provavelmente era especializada em artigos femininos originais. Pelo menos era o que o proprietário pensava que estava vendendo. Mas Grizz sabia que a mãe da Ginny estava usando-a como uma fachada para vender a maconha dela. Ele realmente não dava a mínima. Não era por isso que ele estava aqui.

Ver Ginny beijar aquele menino tinha realmente o irritado. Ele estava certo em pensar que ela estava amadurecendo. Ela parecia muito mais como uma mulher nos braços de um homem. Ou melhor, um menino. Os músculos do seu maxilar cerraram apenas em pensar sobre o quão difícil tinha sido aquela noite, no Guido. Se os pais de Ginny não tivessem chegado naquela hora, não havia como dizer o que ele poderia ter feito. Ele adormeceu sábado à noite sonhando que estava batendo no rosto do garoto até virar um saco disforme e ele não sabia por quê.

Ele abriu a porta e teve que se enfiar abaixo dos sinos tilintando. Ele imediatamente foi atingido pelo cheiro insuportável do incenso. Ele pairava no ar como um cobertor. Ele também sabia que estava queimando para mascarar o cheiro da maconha. Então, ela estava fumando maconha no trabalho. É claro que ela estava. Ele olhou ao redor, mas não a viu, de modo que ele se dirigiu para o balcão nos fundos da loja.

Delia deu um último trago na sua erva, segurando-a por menos tempo do que o habitual. Ela exalou e em seguida, pegou o cigarro. Ela estava no fundo da loja desembalando alguma mercadoria nova. Ela iria sair e ver se

este novo cliente precisava de ajuda.

Ela parou quando saiu da sala dos fundos. Em pé, atrás do balcão de vendas, estava o maior homem e de aparência mais assustadora que ela já tinha visto, certamente não é o tipo de pessoa que frequentava esse tipo de loja. Lulu's vendia remédios feitos com ervas, joias e cintos de macramé, plantas suspensas, velas caseiras perfumadas e sabonetes. Ela também tinha sua própria clientela específica, mas eles eram mais um pessoal casual. Esse cara parecia francamente sinistro. Talvez ele fosse comprar algo para sua esposa.

Ela casualmente se aproximou dele e colocou o cigarro em um cinzeiro de cerâmica caseiro sobre o balcão. Ela tinha parado de fumar cigarros um tempo atrás e só os tinha ao alcance para quando ficasse chapada no trabalho. Eles mascaravam o cheiro de maconha na loja e em seu hálito. Este acabaria por queimar sozinho. — Posso ajudá-lo? — ela perguntou, quase com um toque de arrogância.

Ele não respondeu. Apenas olhou para ela. Os olhos dele eram impressionantes, quase hipnóticos. Ela avaliou-o sem quebrar o seu olhar. Grande e ameaçador. Criminoso? Pode Ser. Ela estendeu a mão para baixo do balcão para ver se o taco de beisebol que ela mantinha lá estava ao alcance. Lulu's não ficava no bairro mais seguro. Ele percebeu o movimento dela.

— Você vai deixar isso onde ele está. — Ele disse calmamente.

— Deixar o quê?

— Seja qual for a merda que você está alcançando.

Ela calmamente colocou as duas mãos sobre o balcão. — Tudo bem, então, em que posso ajudá-lo, Sr...? — ela parou aí, esperando que ele oferecesse um nome.

Ele ficou um pouco surpreso. Ele sabia que ela era uma maconheira hippie. Mas ele nunca esperava que ela fosse corajosa. Ela estava chapada.

Talvez isso a deixasse valente.

— Você tem uma filha. — Ele começou.

— Eu não sei o que você está tentando...

— Eu estou falando. Você vai se calar e ouvir. Entendeu? Não responda. Apenas acene.

Ela assentiu com a cabeça.

— Você tem uma filha. Ela é uma garota inteligente e bonita. Ela não usa drogas ou transa por aí. Ela tem notas perfeitas. Ela faz todo o seu serviço bancário. Paga todas as suas contas. Cozinha, limpa, lava a sua roupa. Até mesmo cuida dos animais que chegam na sua casa. Ela é, basicamente, sua empregada por comida e um quarto.

Isso pegou Delia desprevenida.

— Você faz parecer que ela é uma escrava. — disse ela, esquecendo a regra de que ela deveria calar a boca e ouvir.

— Ela é uma escrava. Eu vou simplificar isso. Eu a quero.

Os olhos de Delia se arregalaram.

— Agora, eu não preciso da sua permissão para levá-la. Eu posso simplesmente levá-la e posso garantir-lhe que você não vai para a polícia. Você vai falar para todos que perguntarem, incluindo seu marido, que ela fugiu.

Delia não sabia o que dizer a isso. Quem era esse cara e por que ele queria Gin? Ela olhou para ele. — Veja. Eu não sei quem você é, e eu não sei por que você quer a minha filha. Mas ela não está à venda.

— Eu não ofereci para comprá-la, mas eu acho interessante que você mencionou isso. — Ele zombou dela.

— Eu não ofereci para vendê-la, então...

— Então, já que você mencionou isso. — Ele falou, interrompendo-a.

— Aqui está o preço. Eu não vou contar para os policiais sobre o seu

esconderijo e seu pequeno negócio escuso. Eu vou até deixar você e Vince viverem. O que acha disso para pagamento?

Ela estava tão chocada com o fato de que ele sabia sobre seu negócio da maconha e nome do marido dela, que ela não conseguiu responder imediatamente.

— Eu... eu, eu amo minha menina.

— Sim, diga isso para alguém que realmente vá acreditar. Você a usa. Você não ama ninguém.

— Eu me importo com ela! E como é que eu ao menos vou saber que você não vai fazer o que você falou comigo e Vince? Eu ainda nem sei quem diabos você é!

Ele inclinou a cabeça para um lado e olhou para ela sério. Interessante, pensou. Ela está mais preocupada com a ameaça que ele fez para ela e seu marido do que com o bem-estar da sua filha. Então, lembrou-se das circunstâncias que levaram ao incidente de Johnny Tillman. Ele realmente deixou-se acreditar que Delia tinha começado a dar a mínima para Ginny desde então? Não. Ela ainda era uma cadela sem coração.

— Você não sabe. Mas você não devia arriscar. Você não devia me desafiar. — Ele, então, enfiou a mão no bolso direito e tirou um saco plástico. Ele jogou-o no balcão.

— Ou o quê? — ela perguntou com altivez. — Você vai me ameaçar com o seu almoço?

Ela olhou de soslaio para o saco transparente, que agora que estava no balcão na frente dela. Pareciam dois vermes secos e enrugados.

— Só queria que você visse o que acontece quando alguém me irrita. Você se lembra do Johnny Tillman? O merda que tentou estuprá-la?

Como é que esse cara sabe sobre isso? — Sim, o que tem ele? — ela perguntou, ainda olhando para o saco de sanduíche. Devia estar no

congelador. Parecia que havia condensação no interior do saco.

Grizz se inclinou sobre o balcão e ficou perto do seu rosto. — Eu sei o que você fez naquela noite. E eu sei o porquê.

Isso pegou Delia desprevenida. Ela deu um passo para trás e se recompôs. Ela não conseguia pensar no que dizer para ele, então agiu como se não tivesse ouvido suas últimas observações. — Quer que eu pergunte a ele por que eu não deveria te irritar? Eu não posso. Ele vazou.

— Você pode perguntar para ele, mas ele não vai responder. — Disse quando ele pegou o saquinho e jogou-o nela.

Ela o pegou com uma mão. — Sério, e por quê?

— Porque você está segurando os lábios dele.

Ela ofegou e deixou cair o saco. Ele se virou e saiu da Lulu's, gritando por cima do ombro: — Se você precisar de mais provas, eu mantenho as bolas dele no meu congelador.

Grizz decidiu parar no The Red Crab e conseguir algo para comer. Ele tinha outra questão premente para atender, mas seria melhor se ele lidasse com ela após o anoitecer. Ele ia encontrar Matthew Rockman e ter uma conversinha.

Vince encontrou a Delia no Smitty's depois do trabalho e ela parecia excepcionalmente silenciosa. Ele perguntou se estava tudo bem e ela lhe disse que estava tudo bem.

Ela ficou aliviada quando ele se levantou para jogar um pouco de sinuca. Ela tomou um gole de cerveja e voltou a pensar no início do dia, quando o cara assustador entrou na sua loja. Ela lembrou das instruções específicas que ele lhe deu, em algum lugar entre dizer a ela que queria

Ginny e jogar aquele saco repugnante em cima dela. Era um borrão, mas ela lembrava da maioria.

Ele não falou para ela um dia específico. Ele não disse quando ou onde, mas ele foi inflexível sobre como seria. Ela lembrou suas instruções com um arrepio.

— Um dia, muito em breve, ela não vai voltar para casa. Você não vai entrar em pânico. Você vai agir casualmente sobre isso com seu marido. Você vai dizer a ele que teve uma discussão com ela e ela está brava e provavelmente está na casa de um amigo.

— Ele não vai acreditar. Ela nunca discute. Ela é uma criança fácil. Nunca nos dá problemas. E ela realmente não tem nenhum amigo. Apenas alguns conhecidos.

— Então, invente algo que ele vá acreditar.

— Eu simplesmente não vejo como...

— Faça-o! — ele bateu com o punho no balcão, assustando-a e fazendo-a tremer. — Você vai fazer isso e você vai ser convincente. E quando Vince não estiver por perto, você vai entrar no quarto dela e arrumar as malas apenas com algumas coisas que ela poderia ter com ela, e vai levá-las para Miami e atirá-las em uma lixeira. Você vai se recusar a chamar a polícia por alguns dias, porque você está certa que ela está apenas espirecendo.

— Mas isso não parece com ela! Vince nunca vai acreditar.

Ele estendeu a mão por cima do balcão e agarrou-a pelo braço, puxando-a para perto do seu rosto. — Você vai fazê-lo acreditar. Talvez fique mais fácil para você inventar algo se a sua vida depender disso.

Ele a empurrou de volta tão rapidamente quanto a agarrou e ela quase tropeçou.

Agora, Delia tomou um gole de cerveja e suspirou ao lembrar-se o

que veio a seguir. Lembrou-se de lutar contra a náusea depois que ela percebeu que o cara sabia a razão por trás do ataque de Ginny por Johnny Tillman, mais do que um ano antes. Depois que ele saiu, ela correu para o banheiro e vomitou. Ela jogou o saquinho em uma caçamba de lixo atrás da Lulu's. Ela não duvidou por um segundo que aquele cara cumpriria suas ameaças.

Ela teria que deixá-lo ter Ginny.

Tomando o resto de sua cerveja, ela bateu a garrafa no bar com mais força do que pretendia. Ótimo. Isso era ótimo. Não só perderia uma filha, mas teria que começar a cuidar da casa, a cozinhar, tudo isso. Droga.

Mas Delia lidou com isso. Não foi tão difícil como ela tinha pensado inicialmente. Vince estava bêbado demais para perceber na primeira noite que ela não voltou para casa. Quando ele perguntou se Ginny precisava de uma carona até o ponto de ônibus na manhã seguinte, Delia inventou algo sobre ela querer ir para a escola cedo.

— Ela pegou uma carona? Matthew a buscou? — perguntou Vince.

Ela não tinha certeza de como responder. Se Matthew fosse questionado mais tarde, ela não queria ser pega em uma mentira. Ela não teve que responder.

— Droga, Delia! Um dos seus gatos de merda mijou no meu sapato!

Não foi até domingo à noite que Vince percebeu que algo estava errado.

— Onde está Gin? Eu não a vi todo fim de semana. — Vince perguntou em um estupor bêbado. Ele estava embriagado, como era seu hábito, mas não tão bêbado para perceber que havia uma pia cheia de pratos sujos, os gatos estavam miando para serem alimentados e ele não tinha camisas de trabalho limpas para o dia seguinte.

Foi então que Delia fez a performance da sua vida. Depois, Vince

disse: — Não deveríamos chamar a polícia? Denunciar como uma fuga? Algo?

— O que eles vão fazer? — Delia respondeu. — Ela vai voltar para casa quando ela estiver pronta. Ela é uma garota inteligente. Ela provavelmente planejou isso por um tempo.

Ele não colocou qualquer resistência. Isto foi mais fácil do que eu imaginei, Delia disse a si mesma. Talvez ela esteja melhor com aquele cara. Boa sorte, Ginny, onde quer que esteja.

Ela deu uma tragada na sua maconha, engoliu o último gole da cerveja quente que ela estava segurando e decidiu que ia levar os gatos para o canil municipal, a primeira coisa na parte da manhã. Ela não tinha interesse em cuidar deles.

Capítulo 46

2000

Tommy observava Ginny enquanto ela absorvia tudo o que ele tinha dito a ela. Pelo menos o que ele sabia. Ele não sabia tudo, mas sabia o suficiente.

— Então você não me contou tudo no domingo. — Ela disse enquanto olhava para o seu colo.

— Não, querida. Eu não tive chance. Você ficou tão brava.

— Quer dizer, quando você disse que Grizz contou para Delia que ele iria me levar, eu pude acreditar. Você sabe, era Grizz. Ele nunca perguntava. Ele só fazia o que queria. Não as outras coisas. — Ela olhou para ele, então, sua voz muito baixa. — Delia e Vince sabiam que Johnny Tillman iria em casa naquela noite? Eles sabiam e ficaram longe de propósito? Por quê? — seus olhos começaram a transbordar de lágrimas.

Ele deu um grande suspiro. Ele tinha prometido a ela que iria contar tudo. Isso realmente ia doer.

— Estava ligado àquele relatório policial, Gin. Você lembra, cerca de dois meses antes de Johnny Tillman aparecer? Quando a polícia esteve na sua casa?

— Sim, eu liguei para eles. Liguei, por causa de Donny Marcus, aquele garotinho que eu tomava conta. Delia disse-me para cuidar da minha vida, mas eu não podia. Eu simplesmente não podia ficar sabendo o que seu pai estava fazendo com ele e então, como aparecia para o público. “Steven Marcus. O rosto confiável e honesto da cidade”. — ela disse em um tom de zombaria. — Ele era a forma mais baixa de ser humano.

Ginny lembrou de pensar que o Sr. Marcus era o marido e pai

perfeito, um verdadeiro cavalheiro. Ele sempre insistia em pegá-la e levá-la até sua casa, mesmo que ela tivesse se oferecido para ir com a sua bicicleta. A família Marcus parecia uma boa família e sempre pagava bem para cuidar do seu filho. Donny estava sempre de pijama quando Ginny chegava. Ela brincava e lia com ele. Eles faziam uma sobremesa especial juntos, e depois que ele escovava os dentes, ela o colocava na cama com um beijo na testa. Ela ainda lhe ensinou a fazer uma oração de boa noite. Ela adorava ser babá dele. Donny fazia parte de uma família que era o epítome do seu sonho. Ela apreciava a demonstração de amor e atenção que ela nunca tinha recebido quando criança. Ela se perguntou mais de uma vez se seria uma boa mãe um dia.

Ela soube que algo estava errado na noite em que Donny derramou um pouco do seu chocolate quente no seu pijama e não deixou Ginny trocá-lo. Ele começou a se contorcer, dizendo que poderia dormir com seu pijama manchado de chocolate e que sua mãe o trocaria quando chegasse em casa.

Foi então que Ginny percebeu que ela nunca foi permitida a banhá-lo ou deixá-lo pronto para a cama. Ele estava sempre em seu pijama de manga comprida quando ela chegava, independentemente do tempo. Ele estava escondendo alguma coisa?

Ela não deveria ter feito isso, deveria ter se ocupado com seu próprio negócio, mas suas suspeitas a importunaram. Ela sabia que ele tinha um sono pesado, uma vez que sua mãe insistia que ele usasse fralda na cama, porque ele nunca acordava, mesmo depois de molhar-se. Então, depois que Donny adormeceu naquela noite, ela cuidadosamente desabotoou a frente da sua camisa do pijama. Ela encolheu-se quando viu as contusões. Algumas ainda vermelhas, outras mais velhas. Ela tirou o braço lentamente da manga enquanto rolou seu corpo minúsculo para um lado. Ela ofegou e cobriu a boca quando viu suas costas. Não havia hematomas lá. Em vez disso, havia

cicatrizes. De chicotadas. Algumas desbotadas, algumas ainda vermelhas. Esta criança estava sendo terrivelmente abusada.

Ela trocou a camisa dele e quando ela o rolou de volta e estava abotoando-a, ela olhou para o seu rosto. Seus olhos estavam bem abertos. Ele estava olhando para ela.

— Quem te machuca? — ela sussurrou.

Ele não disse nada no começo, então ela repetiu a pergunta.

— Papai. — Ele respondeu.

— Mamãe te machuca, também?

— Não. Ela não gosta quando ele faz isso. Uma vez ela chorou, então papai a machucou também. Ela não chora mais. — Depois de uma pausa, a criança acrescentou: — Ele vai ficar bravo que eu não estou usando o mesmo pijama quando ele chegar em casa.

Ela não podia suportar a ideia de submeter a criança a outra surra. Ela rapidamente enxaguou o pijama onde tinha sido manchado e ficou na frente da secadora, batendo o pé contra o chão de ladrilhos esperando por ele secar. Tinha-o vestido com seu velho pijama dez minutos antes dos seus pais entrarem pela porta.

Ginny estremeceu com a lembrança. Ela balançou a cabeça.

— Bem. — disse Tommy. — Grizz soube da sua ligação para a polícia. Ele verificou este cara, Marcus. Ele era um político. Ele devia ter alguma sujeira séria sobre sua mãe ou Vince. Ele deve ter feito algum tipo de ameaça. Sua mãe e seu padrasto conheciam Johnny Tillman do Smitty's. Ele não conseguiu fazê-la parar de insistir, então ela convenceu Johnny a ir na casa dela para lhe ensinar uma lição. Acho que ela pensou que você esqueceria Marcus se tivesse seu próprio trauma para lidar. Você sabe como você era naquela época, Gin. Conhecendo você, você não deixaria para lá.

— Eu não deixei para lá. — Seus olhos brilharam. — Eu estava

causando tantos problemas quanto eu conseguia. Eu conversei com o professor de Donny. Eu disse ao diretor da escola dele. Eu conversei com os seus vizinhos. Ninguém faria qualquer coisa. Eu ficava ligando para a polícia para ver se alguém fez a investigação do meu relatório. Ninguém fez nada, Tommy. Ninguém se importava! — ela olhou para ele então. — Eu até ameacei ir para o jornal.

Ela recostou-se na cadeira e suspirou. — Eu ia para o jornal e Delia ficou muito brava comigo. Disse-me que ia me expulsar se eu causasse problemas. Eu nunca tive a chance. — Ela enterrou a cabeça entre as mãos, lembrando de tudo agora. — Johnny Tillman apareceu um ou dois dias mais tarde e tentou me estuprar.

Tommy olhou para ela, seu coração dolorido. — Grizz já sabia sobre a sua chamada para a polícia e que Marcus estava abusando do filho. Eu não acho que ele sabia naquele momento que Marcus tinha ameaçado Delia para você calar a boca, e que de alguma forma Delia convenceu Tillman a aparecer na sua casa. Eu acho que ela pode ter-lhe prometido um pouco de erva. De qualquer forma, Tillman contou tudo para o Grizz.

— Delia e Vince não só sabiam sobre isso? Eles, na verdade, enviaram-no para fazer aquilo comigo? — ela perguntou, com os olhos arregalados de incredulidade.

— Eu não sei o quanto o seu padrasto estava envolvido ou sabia. E eu não sei o que Marcus tinha contra a sua mãe, mas tinha que ser mais do que um negócio estúpido de plantação caseira de maconha.

— Lembro-me da noite em que Vince e Delia apareceram depois que Johnny me atacou. Lembro-me da relutância de Delia para chamar a polícia. No início, eu pensei que fosse porque ela não queria que eles bisbilhotassem e encontrassem sua maconha. Lembro-me de Vince estar bêbado, mas ele também pressionou Delia para chamar a polícia. Eu juro que ela não teria se

Vince não insistisse. Ele, também, foi o único que identificou Tillman. Delia foi reservada. — ela beliscou a testa. — Agora eu sei por quê. Se eles encontrassem Tillman, ele teria, provavelmente, dito-lhes que ela foi a pessoa que o enviou.

Ginny não disse nada por um longo tempo. Ela só ficou olhando para seu colo. — E o Sr. Marcus? — ela perguntou finalmente. — O que Grizz fez com ele? Eu sei que sua família se mudou para longe após a coisa com Johnny Tillman. Grizz o matou, torturou ou algo assim? Ele tinha que ter feito algo.

Tommy não queria olhar para ela. Esta era uma daquelas coisas que, mesmo que ela tivesse pedido, ele sabia que ela não iria querer mais detalhes. — Vamos apenas dizer que Grizz não o matou. Mas eu posso te dizer com certeza que Marcus nunca fez mal ao seu filho novamente. Você não precisa saber por que ou como eu sei disso. Confie em mim. Está bem, Ginny?

Ela rangeu os dentes, balançando a cabeça. — Grizz nunca descobriu o que o Sr. Marcus tinha sobre Delia? Qual seria o grande negócio que a fez elaborar o meu estupro?

— Se Grizz sabia, Gin, ele levou para o túmulo com ele.

A conversa foi interrompida quando ouviram um veículo estacionar na garagem na frente da casa. Ginny entrou e Tommy seguiu. Eles observaram quando dois homens se aproximaram da porta da frente. Ginny reconheceu o veículo.

— O que eles estão fazendo aqui? — perguntou Tommy.

— Eles estão aqui por causa do jacaré da Carter. Eles deveriam ter vindo ontem, mas nunca chegaram. — Ela respondeu-lhe por cima do ombro enquanto se aproximava da porta da frente.

— Que jacaré?

— Aquele na banheira master. — Ela abriu a porta da frente. — Por

aqui, cavalheiros. — disse ela, enquanto se afastou e fez um gesto em direção ao quarto principal. — Bem por ali. Vocês o encontrarão na banheira.

— Gin. — disse Tommy. — Eu usei o banheiro da Carter enquanto você estava tomando um banho esta manhã. Acho que eu teria notado um jacaré na banheira.

— O quê? — ela quase engasgou. — Ele não está na banheira? Ele estava lá antes disso! A primeira coisa que fiz antes de ir para o chuveiro foi alimentá-lo, enquanto você estava fazendo café.

Os dois homens tinham ido para o quarto principal e para o banheiro. Eles estavam saindo agora, balançando a cabeça.

— Não há nenhum jacaré na banheira, minha senhora. — disse o mais alto.

Não demorou muito para os quatro encontrarem o jacaré. Richard Pepperbloom acomodou-se confortavelmente debaixo do aparador na sala de jantar. Ginny estava aliviada por ele não ter ido atrás dela ou Tommy, ou fugido para o quintal. Ele provavelmente teria comido um dos animais da Carter.

— Boa sorte, Richard Pepperbloom. — disse ela enquanto acenou para os dois homens que saíram no caminhão sem identificação. O jacaré estava sendo transferido para uma fazenda de répteis que era de propriedade de um casal que cuidava deles como animais de estimação. Ginny não sabia se isso era legal ou não, e ela não perguntou.

— Como é que Carter acabou com um jacaré e de onde é que ela apareceu com esse nome? — Tommy perguntou enquanto ele a seguiu de volta para fora e para o deck.

— Você conhece Carter e seus animais com nomes aloprados. — Ginny encolheu os ombros e sorriu.

Carter era uma colecionadora de animais e nomes. Ela adorava dar a

seus animais nomes de pessoas reais. Havia até uma avestruz altiva que viveu com Carter por um tempo. Ginny sorriu quando se lembrou de contar para Carter sobre a sua primeira licença de motorista falsificada e como Carter pensou que Priscilla Celery seria um nome perfeito para a avestruz arrogante.

— Carter contou que uma senhora que mora em Fort Lauderdale encontrou Richard em sua varanda dos fundos. Ele tinha invadido uma sala envidraçada e estava sob sua mesa do pátio. Parece que ele saiu de Everglades para a Intracostal e, em seguida, veio pelo canal. Como ele subiu um paredão é uma incógnita. — Ginny tomou um longo gole de chá gelado e se acomodou na cadeira de madeira.

— Então, Grizz era seu pai. — disse ela, quase em tom de conversa. — Você sempre soube?

Tommy tinha bebido sua água e fez uma pausa, colocando o copo sobre a mesa entre suas cadeiras. Ele estava respondendo a suas perguntas da melhor maneira possível, mesmo que ela estivesse fazendo um pouco de rodeios. Esta pegou-o desprevenido.

— Não, nem sempre soube. — Ele respondeu honestamente.

— Como foi que você descobriu? — ela perguntou, olhando para ele. Ela tomou outro gole de chá. Ela não estava realmente o saboreando. Estava quente agora. Tinha ficado no deck dos fundos durante o incidente do jacaré. Ela só queria algo para fazer, algo para ocupar as mãos. Algo para impedi-la de ir ao fundo do poço.

— Eu suspeitei durante o julgamento. — Ele respondeu, olhando para o pátio. Antes que ela pudesse perguntar, ele rapidamente acrescentou: — Eu sempre pensei que Grizz pudesse ser meu irmão mais velho, não Blue. Mas eu nunca imaginei que ele era meu pai. Nunca, Ginny.

Ele olhou para ela então.

— Diga-me. — foi tudo que ela disse.

Capítulo 47

1987

Tommy sentou-se no fundo da sala de audiência e observou os procedimentos. Grizz lhe tinha dado um trabalho. Ele foi inflexível sobre isso. Tommy tinha concordado, e isso nunca foi um problema. Ele foi absolutamente imperativo em Ginny ser mantida longe do tribunal. Ele não a queria lá, por qualquer motivo.

Ele e Grizz tinham discutido isso mais cedo durante uma pausa. Eles estavam sozinhos em uma das salas de conferências. Não tinha janelas, nem portas. Um policial ficou posicionado logo na saída enquanto eles conversavam.

— Ela me pergunta sobre o julgamento todos os dias, Grizz. — disse ele. — Eu tenho que dizer-lhe algumas coisas.

— Isso tudo bem. Diga-lhe algumas coisas. Mas eu não preciso que você diga as coisas que eu não quero que ela saiba.

— É claro que eu sei disso. E eu estou fazendo o meu melhor. Não é fácil, porém. Ela já tentou mais de uma vez encontrar alguém para cuidar de Mimi, para que ela pudesse estar aqui. Eu implorei com cada amigo que temos para não estarem disponíveis para cuidar dela. Eu lhes disse que é para o próprio bem da Ginny ela não estar aqui. Todos eles concordaram, e ela não vai deixar Mimi com um estranho, por isso não foi um problema. Mas ela vai fazer um interrogatório comigo quando eu chegar em casa.

Ele suspirou. Verdade seja dita, Ginny ver o desfile de crimes que Grizz estava sendo acusado, só ajudaria o Tommy. Mas ele tinha desistido dessa tarefa anos atrás.

Eles não tinham intimidade, mas ela estava deitada ao lado dele todas

as noites. Pelo menos era um progresso. Ele começou dormindo no quarto de hóspedes deles. Ele foi acordado uma noite com seus gritos. Ela estava tendo um pesadelo e ele foi até ela e segurou-a durante toda a noite, prometendo que ele estaria lá para segurar e protegê-la enquanto ela dormia. Foi assim que ele começou a dormir ao lado dela. Ele nunca fez um ato abusivo ou a tocou de forma inadequada. Ele esperaria. Tecnicamente, ele estava dormindo com ela. Mas isso era tudo o que estava fazendo.

— Então, como está indo com ela? — Grizz perguntou finalmente. — Você está dormindo com ela?

Tommy ficou tenso com a pergunta. Este não era um assunto fácil para Grizz. Tommy podia ver a veia pulsando em sua testa.

— Você sabe que eu não estou dormindo com ela e você sabe o porquê. — Grizz não disse nada, e Tommy continuou: — Ela é apaixonada por você. Ela acha que você vai viver e talvez sair por causa de alguma brecha. Ela está esperando por você. Ela nunca vai deixar de esperar, a menos que você diga a ela para parar.

— Porra, eu falei para ela se casar com outra pessoa. — Grizz rosnou.

— Sim, você a convenceu a se casar comigo, para que ela não ficasse sozinha. Assim Mimi teria um pai. Você a convenceu de que eu a amo. Isso é bom, porque eu amo. Mas ela não me ama.

— Eu só quero que ela seja cuidada até que eu resolva isso.

Isso chamou a atenção de Tommy. Ele endireitou-se na sua cadeira. — Resolver o quê? Você vai escapar dessa?

— Não. Eu não acho que posso escapar, mas eu ainda posso chegar a algo.

— Então, você vai mudar a sua alegação? Você está pensando em se declarar culpado por toda a vida sem liberdade condicional? — Tommy estava ficando confuso e não tinha certeza se ele entendia os motivos de

Grizz.

— Não importa o que eu estou fazendo. Você não precisa saber. Você precisa fazer o que você me disse que faria quando fui preso. Você precisa cuidar dela. Eu resolvo o resto.

Tommy não conseguia entender o que havia para ele resolver. Grizz vinha negociando com o Ministério Público por dois anos. Algumas pessoas, inclusive ele próprio, foram deixadas de lado. Outros, como Blue e Monster, foram a julgamento.

— O seu principal advogado, Carey, disse a ela que você se declararia culpado e eles iriam dar-lhe a pena de morte. Por que contou isso para ela? — perguntou Tommy.

— Carey pode ser um idiota às vezes.

Tommy não acreditava que Grizz achava isso por um segundo. Ele estava escondendo alguma coisa. Então ficou claro para ele. Orgulho. Era o orgulho. Não havia nenhuma maneira de Grizz apodrecer numa cela de prisão para o resto de sua vida. E a fuga seria impossível. Grizz era muito perceptível. Ele nunca se misturaria. E o que ele faria, tomaria Ginny e o bebê e fugiria com eles?

Talvez Grizz realmente estivesse fazendo tudo isso por amor. Ele via que não havia maneira de sair e ele queria que ela tivesse uma vida. Talvez fosse esse o motivo por trás da sua insistência que Mimi nunca soubesse que ele era seu pai biológico. Mas ainda assim, o que havia para resolver? Ele ia tirar um coelho da cartola no último momento e resolveria? Tommy não ficaria surpreso.

Carey espiou. — O Tribunal vai voltar para a sessão.

Vinte minutos depois, eles estavam assistindo quando uma testemunha estava sendo interrogada. Ele era um membro relativamente novo da gangue, tão novo que Tommy nem sequer reconheceu. William Jackson.

— Então o que você testemunhou o réu fazendo? — o advogado de acusação perguntou.

— Ele estava levando-a para o seu carro e eles estavam conversando.

— Você podia ouvir o que eles estavam dizendo?

— Apenas partes. Ela dizendo algo sobre “entregar uma mensagem para ele”, e ele estava falando para ela para calar a boca e não voltar para o motel.

— Você sabia quem era o ‘ele’ que a mulher fez referência?

— Não, não ouvi um nome. Eles disseram algumas outras coisas, mas eu não pude ouvir tudo.

— Por favor, continue Sr. Jackson.

— Aconteceu tão rápido que eu não tenho certeza se alguém poderia tê-lo parado.

— Você não está em julgamento, Sr. Jackson. Você é apenas uma testemunha. O que aconteceu?

— Ele quebrou o pescoço dela. — a voz do homem era baixa, mas não havia dúvida do que ele tinha dito. — Muito rápido mesmo. E então ele a pegou e a jogou por cima do ombro. Sinalizou para mim e alguns outros caras para nos livrarmos do carro. Eu o vi jogá-la no pântano.

— Então, esta mulher, que ninguém pode identificar, foi assassinada a sangue frio pelo réu e eliminada no pântano?

— Sim, foi isso que aconteceu. Ele quebrou o pescoço e jogou-a nos fundos do motel. E nós sabíamos quem ela era. Um dos outros rapazes a reconheceu.

Isso surpreendeu o promotor. As outras duas testemunhas estavam mortas há muito tempo. Eram membros antigos da gangue, uma morreu de overdose e a outra em uma briga de faca. O promotor não se lembrava da sua testemunha identificar essa mulher na entrevista pré-julgamento, mas ele

poderia estar errado.

— E quem era essa mulher, Sr. Jackson?

— Não sei o seu nome verdadeiro, mas Chops disse que seu nome era Candy.

Houve um pequeno grito do fundo da sala. Todo mundo se virou. Tommy quase se engasgou quando seus olhos encontraram os de Ginny. Ele olhou rapidamente para Grizz, que lhe deu um olhar que dizia. — Que porra ela está fazendo aqui e é melhor tirá-la daqui agora.

Tommy levantou-se e caminhou em direção a Ginny rapidamente. Ele a pegou pelo braço e conduziu-a suavemente para fora pelos fundos da sala de audiências. Quando eles estavam no corredor, ele perguntou: — Ginny, o que você está fazendo aqui? Onde está o bebê? Quem está com a Mimi?

Ela não lhe respondeu imediatamente. Ela estava tremendo. Ele a levou para um banco em um pequeno espaço quase escondido no corredor principal. Ele lhe deu um minuto para se recompor.

— Sra. Winkle voltou antes do cruzeiro. Ela está com Mimi.

Sra. Winkle era uma vizinha idosa que adorava cuidar da Mimi e que era para estar em um cruzeiro de três meses para o Mediterrâneo. Um cruzeiro que Tommy tinha anonimamente arranjado para ela. Por alguma razão, ela voltou mais cedo. Não importava o porquê. O estrago estava feito.

— Quanto tempo você esteve lá? — ele agarrou as suas mãos. — Quanto você ouviu?

— Eu acabei de entrar e me sentei. Ouvi o advogado falar algo sobre uma mulher que não pôde ser identificada, foi assassinada e jogada no pântano.

Tommy começou a dizer algo quando Ginny o interrompeu.

— Então, ouvi o cara dizer que era Candy. Uma antiga namorada de Blue.

Isso chamou a atenção de Tommy. — Candy? Você conhecia a Candy?

— Não. — Ginny respondeu, olhando para seu colo. — Mas eu a ouvi uma noite. Eu estava no quarto. Grizz não sabia que eu estava lá. Jo tinha me levado de volta da praia. Eu tinha uma dor de cabeça ruim e estava tentando dormir. De qualquer forma, Jo levou meu carro para a casa dela. Grizz não teria como saber que eu estava lá. Eu acordei com eles discutindo. Eu acho que ela queria ver Blue para se desculpar por todas as coisas ruins que tinham acontecido. Ela não disse o que era, só que ela sentia muito. Grizz não queria que ela o visse. Disse que só porque ela estava limpa, isso não lhe dava o direito de entrar de novo na vida dele.

Tommy franziu a testa. — Grizz disse que ela era ex-namorada de Blue?

— Não exatamente. Eu supus isso, porque ele me contou uma vez sobre ela, mas não me disse o nome dela. Eu não posso acreditar que ele a matou. Ele realmente a mataria apenas para impedi-la de ver o Blue? Ah, Tommy, isto é um pesadelo. Isso é tão horrível.

Nesse momento, um dos cavalos de Carter relinchou e interrompeu a história que Tommy estava contando para Ginny. Era quase hora de começar a segunda rodada de cuidados que todos os animais de Carter precisavam.

— Eu me lembro daquele dia, Tommy. Foi a primeira e última vez que estive no tribunal. Mas eu não vejo o que isso tem a ver com Grizz ser seu pai.

Tommy suspirou e sem olhar para ela, disse suavemente: — Candy era a minha mãe.

Capítulo 48

1950, Fort Lauderdale, Florida

Não demorou muito para Ralph encontrar o The Red Crab. Ele entrou e colocou sua mala sobre uma mesa. Ele parou e lentamente esquadrinhou o ambiente. A jukebox estava tocando uma música que ele não reconhecia. Era um sábado à tarde e havia alguns rapazes no bar e mais dois jogando sinuca. Ele ouviu algumas marteladas do outro lado do bar e deu a volta. Cheirava a tinta fresca. Parecia haver alguma reforma em andamento.

— Olha quem está aqui. Ei, Red, o garoto que bateu pra caralho no Dusty está aqui.

Ralph imediatamente reconheceu a voz e percebeu que ela veio de um dos homens sentados no bar. Era o homem que eles chamavam de Chops, lembrou-se. Chops estava bebendo uma cerveja e comendo alguma coisa. Um cigarro queimava em um cinzeiro na frente dele, uma espiral de fumaça azul fazendo uma auréola em torno de sua cabeça.

Com as palavras, Red apareceu de trás do bar. Ele chamou a atenção do menino e lhe deu um sorriso largo. — Ei! Você está aqui para aceitar a minha oferta de trabalho?

Ralph apenas balançou a cabeça.

— E o seu avô? Ele não precisa de você lá no motel? — Chops perguntou.

Red e Ralph trocaram olhares cúmplices.

— Ele morreu logo depois que vocês saíram. — respondeu Ralph.

Mas Chops nem sequer ouviu. Ele já tinha voltado sua atenção para uma loira que tinha acabado de entrar vestindo uma minissaia e botas brancas. Ela tinha cabelo grande, era excessivamente bronzeada e Ralph

achava que seu batom brilhante a fazia parecer um palhaço.

Red saiu pelo bar e bateu nas costas do Ralph. Ele estava feliz que o menino tinha aparecido. Isso o livraria de ter que voltar para o motel.

Ele não tinha dúvidas de que Tom esteve naquele motel. Red era bom em um monte de coisas. Mas ele se destacava no rastreamento de pessoas e era lá onde o rastro do Tom passou. Ele ainda não sabia se o garoto estava com a mala, mas ele descobriria isso. Ele só precisava manter o rapaz próximo.

— Então, você já encontrou o seu amigo? — perguntou Ralph.

Red não esperava a pergunta. Ele decidiu seguir com a história inventada que ele costumava usar. — Sim e não.

Ralph apenas olhou para ele.

— Descobri que ele estava em um cruzeiro com jantar de luxo em Miami. Algo arranjado pela sua empresa para agradecer a seus agentes de seguros. É um daqueles barcos tipo ferry que leva as pessoas para o oceano para uma refeição agradável e algum entretenimento. Muita bebida e mulherada. — ele piscou para o menino. — Ele foi visto pela última vez conversando com alguém na parte de trás do barco. Ele tinha bebido muito e disse a um dos homens com quem estava conversando que ele precisava dar uma mijada. Ninguém o viu depois disso.

— Para onde ele foi? — perguntou o menino, com curiosidade evidente na sua pergunta.

— Supõe-se que ele tentou fazer xixi sobre o mar. Perdeu o equilíbrio. Ninguém viu isso, mas testemunhas disseram que ele definitivamente entrou no barco, mas nunca saiu. Eles enviaram a Guarda Costeira para procurá-lo. Não foi possível encontrá-lo. Eles estão chamando de afogamento acidental.

Ralph não estava certo sobre o que pensar. Seria possível, que este

fosse outro homem? Ou Red estava mentindo?

— Sinto muito. Eu sei que você disse que era seu amigo.

Red ficou sério. — Obrigado, garoto. Ele era meu amigo. Deixou para trás uma esposa e duas filhas. A parte realmente triste era que ele era um vendedor de seguros e deixou a família sem um tostão. Não tinha seguro de vida.

Isso não era verdade. Tom não era um vendedor de seguros, mas por causa da sua traição, sua família não seria cuidada. Isso era um saco.

Só então, um estrondo interrompeu a conversa.

— Puta merda, John, o que você está fazendo? — perguntou Red quando ele se virou para olhar para o homem que trabalhava na reforma.

— Desculpa, cara. O garoto derrubou um balde de pregos. — respondeu John.

— Coloque-o para pegá-los. Eles estão por toda parte, porra. — Red apontou para John e o menino, que estava correndo para pegar os pregos que ele tinha acabado de derrubar.

Red voltou-se para Ralph. — Esse é John Lawrence. Ele é Mestre Carpinteiro. Estamos em expansão. O garoto de macacão, é o filho do vizinho dele. John tem um fraquinho por ele. Seus pais o deixam muito sozinho, então John o traz sempre que pode. Pegar aqueles pregos vai manter o pirralho ocupado por um tempo.

Ralph olhou para o par. John era um sujeito baixo e atarracado vestindo calça jeans e uma camiseta branca. Ele usava um cinto de carpinteiro que parecia cheio e pesado, mas ele trabalhava de uma maneira segura e fácil. O pequeno menino só devia ter quatro ou cinco anos. A idade de Ruthie, pensou Ralph. Ele estava vestindo macacões sem camisa por baixo. Ele tinha um corte de cabelo raspado e tinha respingos de tinta azul por todas as mãos e os braços e até mesmo uma mancha em uma bochecha.

Red notou que Ralph estava olhando para o garoto. — Ele tentou ajudar a pintar os bancos do bar. Conseguiu mais tinta azul nele do que nos bancos. O nome dele é Keith.

Eles foram interrompidos por uma voz feminina de trás do bar.

— John, eu já lhe disse, a sopa está esfriando. — A mulher fez sinal para uma tigela que estava no bar. Próximo a ela tinha o que parecia um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia. Devia ser para Keith. Ela murmurou para si, enquanto se afastava. — Não sei como uma pessoa pode viver de ensopado de peixe e mariscos. Você pensaria que ele estaria doente nesse ponto. Todos os dias, sopa para almoço e sopa para o jantar. Sopa de peixe, sopa de peixe, sopa de peixe^[7]...

— Está com fome, Ralph? — Red perguntou para ele.

— Não é Ralph. Meu nome é Jason.

— Você disse que era Ralph no motel.

— Era Ralph no motel. É Jason agora.

Whoa, pensou Red. Esse garoto tem atitude. Ele pode ser mais problema do que ele vale. Ele pensou por um minuto e sorriu. Por outro lado, ele pode se encaixar perfeitamente.

— Tudo bem. Está com fome, Jason?

— Sim. Eu estou com fome. — respondeu Jason. — Eu posso comprar o meu próprio almoço.

Red assentiu. — Bom, porque eu não dou esmolas. Vou dar-lhe onde trabalhar e você vai receber o pagamento, mas você tem que saber agora, eu não sou um cara legal. Eu não faço coisas para alguém sem uma razão. Vou pagar-lhe bem, mas porra, você vai trabalhar. Vai ter um problema com isso?

— Eu sei trabalhar.

— Eu aposto que você sabe. — disse Red quando fez sinal para o bar.
— Patsy vai pegar seu pedido.

Jason sentou-se no bar e lentamente comeu o lanche que ele pediu em silêncio, observando todo mundo o tempo todo. John e Keith tinham terminado as suas refeições e voltaram para o outro lado do bar. Red estava por trás do bar, mas conversando com Chops e com a senhora de minissaia que vira mais cedo. Outro homem e uma mulher se juntaram a eles. A garçonete estava servindo cerveja e pegando os pedidos de alguns novos clientes que entraram.

Chops estava contando uma história agora e sua voz subia quanto mais animado ficava. Jason não estava prestando atenção à história e tomou um longo gole de seu refrigerante. Quando ele se sentou, percebeu que o bar ficou quieto. Ele olhou para cima e percebeu que Red e seu grupo estavam olhando para ele.

Ele olhou de volta.

— Não está certo? — Chops riu, batendo na coxa. — Conte para eles, Red. Conte para eles como o garoto parecia quando atacou Dusty.

— Parecia como um grande urso velho. — Red disse à multidão, com um pequeno sorriso em seus lábios.

— Falei para vocês. Falei que ele parecia assim. Eu juro que o ouvi rosnar e tudo. Depois que ele surrou Dusty, ele deu soco nele também. Juro que ele o detonou exatamente como um Grizzly^[8]. Grande e mau. Esse garoto é fodidamente perigoso, eu estou falando.

A Senhorita Batom Brilhante deu uma tragada em seu cigarro enquanto olhava Jason, mais uma vez admirando-o. Eles voltaram para a conversa.

Jason se mexeu desconfortavelmente em seu assento e teve que ajustar suas calças. Ela podia parecer ridícula com seu cabelo grande e batom brilhante, mas o olhar que ela lhe deu fez seu pau saltar.

Red pegou a toalha que tinha jogada por cima do ombro e jogou-a no

bar. Ele deu a volta em Jason e apertou seu ombro com a mão. — Você terminou o seu almoço. Vamos lá, dê um passeio comigo.

Jason estava pegando seu dinheiro para pagar seu almoço quando ouviu Red dizer: — Deixe isso aí, Patsy. Isso é da Stacy Ann.

Patsy balançou a cabeça. — Red, você tem este pacote de doces aqui há eras. Eu só ia oferecer algum para o garotinho. Um pouco de doce do pacote não vai doer nada. Ele merece um pouco de mimo. Ele está trabalhando muito para o John.

— Eu disse a você, eu mantenho aí para Stacy Ann. É o favorito dela. Se ela aparecer algum dia, eu quero que esteja aí para ela.

— Sim. Sim. Sim. Stacy Ann e seu doce. — Patsy pegou a bandeja e caminhou ao redor do bar para limpar uma mesa.

Jason tinha colocado seu dinheiro no bar e seguiu Red pela porta dos fundos para um carro. Era um bom carro. — Quem é Stacy Ann? — Jason perguntou quando eles saíram do estacionamento.

Red deu-lhe um olhar de soslaio. — Filha do meu amigo. O vendedor de seguros que morreu. Stacy Ann é sua filha mais velha. Ela era um problema antes que ele morresse. Ela é problema de verdade agora. Eu tenho tentado manter um olho nela, mas é quase impossível. Ela é uma selvagem.

— Você mantém o doce no bar para ela? — parecia um gesto estranho.

— Eu, principalmente, mantenho lá por mim. Quando ela era pequena, adorava doces. Eu ainda posso ver seu rosto se iluminando sempre que eu ia lá para o jantar. Fizemos um jogo, ela e sua irmã verificavam meus bolsos da camisa para saber onde o doce estava escondido. Acho que me faz lembrar de tempos mais felizes.

A conversa terminou quando eles estacionaram em um posto de gasolina. Era grande e tinha várias garagens no anexo.

— O cara que você conheceu no bar, John, esse é o negócio da família dele. Ele é um carpinteiro, mas esta garagem pertence a sua família. Você sabe alguma coisa sobre carros?

Jason balançou a cabeça.

— Você vai aprender.

Eles estacionaram e subiram alguns degraus que levavam às salas acima da garagem. Quando chegaram ao topo, Red bateu na porta uma vez e abriu-a. Um menino, que parecia ser apenas um pouco mais jovem do que Jason, estava sentado no chão. Ele tinha jornais espalhados por toda parte e cada um continha uma variedade de peças de automóveis. Ele estava coberto de graxa até os cotovelos e segurando alguma coisa. Só então, outro menino saiu do que devia ser um banheiro. Ele estava usando calças compridas e estava sem camisa. Ele tinha a pele bronzeada e o cabelo preto longo puxado para trás em um rabo de cavalo. Jason nunca tinha visto um cara com um rabo de cavalo antes.

— Greg, Anthony, este é Jason. Vocês vão ensinar a Jason tudo o que sabem. Ele vai viver aqui com vocês dois agora.

Greg não disse nada, apenas acenou para Jason e voltou a estudar a peça do carro. Anthony deu a Jason um aceno e sentou-se no chão ao lado de Greg.

— Anthony, lembre-se de colocar o cabelo para cima em um boné antes de ir para fora. Você já se destaca como um polegar machucado.

Red virou as costas para os dois rapazes e Jason pegou Anthony dando o dedo para Red. Ele tentou não sorrir.

— Vamos, eu vou trazê-lo de volta mais tarde. — Red disse a Jason quando eles se viraram e desceram as escadas. Na viagem de volta, Red explicou que, por mais que os dois rapazes fossem jovens, eles sabiam tudo o que havia para saber sobre carros. Eles iniciariam com Jason, ensinando-lhe

que peças precisavam e como adquiri-las.

— Você sabe dirigir? — ele perguntou ao Jason.

— Sim, mas eu não tenho uma licença. Não tenho idade suficiente.

— Você parece velho o suficiente. Bem, você não parece velho, você é apenas grande. Talvez consiga uma falsa para você.

Eles estavam voltando para o bar quando Red fez uma curva acentuada à direita em um estacionamento. Ele parou o carro e saltou rapidamente, caminhando em direção a outro carro estacionado. Uma mulher estava inclinada sobre a porta do condutor, de costas para Red. A pessoa que ela estava falando deve ter dito alguma coisa, porque ela se virou e registrou medo instantâneo quando Red aproximou-se dela. Jason podia ouvi-la de onde estava, no banco do passageiro.

— Sinto muito. Sinto muito. Sinto muito, Red. Eu ia ligar para você. Eu juro. — Ela começou a inclinar-se para trás contra o carro, mas perdeu o equilíbrio quando ele saiu rápido.

Red agarrou-a pelo braço rudemente. — Você sente muito? Você me deve, Meg. Onde está o meu dinheiro? Eu sei que você trabalhou naquela porra de convenção. Eu sei que você está escondendo de mim.

— Você está me machucando! — ela gritou.

Red deve ter apertado mais seu braço porque ela soltou outro grito.

— Isso não está doendo, Meg. Se você não levar meu dinheiro no bar esta noite, então você vai saber o que é doer. — Ele a empurrou para longe.

Ele entrou no carro e sem olhar para Jason, deu partida.

Jason não disse nada por um tempo. Ele estava confuso. Ele ouviu o homem ao telefone naquela noite referir-se a Red como agente. Os agentes não eram mocinhos? Ele achava que eram. Mas depois de passar apenas algumas horas com Red, ele já tinha descoberto que ele fazia algo ilegal com carros e ele sabia o que Meg fazia para viver. Ele era jovem e foi criado no

meio do nada, mas ele não era estúpido. Quem era esse cara que estava em uma missão secreta e especial para recuperar uma mala de dinheiro um dia e mantinha menores de idade em sua folha de pagamento e depois assustava prostitutas?

Red olhou para ele, uma mão segurando o volante casualmente. — Então, você vai ficar por aqui? Ainda quer trabalhar para mim?

Ele propositadamente fez um show para o menino quando viu Meg. Ele não queria que a criança pensasse que ele era um cara legal. Ele já disse que ele não era. Só porque ele mantinha um pacote de doces atrás do bar para sua afilhada, não significava que ele era um molenga. Ele vinha trabalhando em ambos os lados da moeda por anos. Ele estava nisso por uma pessoa e apenas uma pessoa. Ele mesmo. Ele contaria para os seus outros empregadores sobre o garoto, convencê-los de que era para o melhor interesse deles manter o garoto por perto. Mais do que provável, se o garoto encontrou a mala, ele não sabia o que tinha em suas mãos. Red não podia dizer cem por cento que o menino estava com a mala, mas se ele tivesse que apostar sua vida nisso, seguiria seu instinto. E seu instinto dizia que o garoto estava com ela.

Sim, ele iria manter Jason por perto e usá-lo. E ele falaria para eles que o garoto poderia ser moldado e usado - agora e no futuro.

Ele não tinha como saber então, que o menino tinha uma mente própria e nunca responderia a ninguém.

Red sabia que Jason estava confuso. O menino esteve ao telefone ouvindo aquela noite e ouviu o quartel-general chamá-lo de ‘agente’. Ele sabia que Red administrava uma garagem de carros roubados e ele tinha meninas que trabalham em sua folha de pagamento. Jason olhou para ele agora com penetrantes olhos verdes cheios de incerteza.

— Então, Red?

— Sim?

— Nós somos os mocinhos ou os bandidos?

Red olhou para ele e sorriu. — Nós somos quem diabos nós queremos ser, garoto.

Capítulo 49

2000

Ginny ficou boquiaberta com Tommy. Ela estava sem palavras. Finalmente, ela perguntou em voz baixa: — Você está me dizendo que Candy, a senhora que eu ouvi naquela noite, era sua mãe e que Grizz a matou?

— Sim, Ginny. É isso o que eu estou dizendo. E foi aí que eu suspeitei de alguma coisa, mas eu não sabia exatamente o quê. Eu sabia que Blue nunca tinha tido uma namorada chamada Candy. Eu fiquei no motel desde que eu tinha dez anos. Ele ficou fazendo malabarismos com uma mulher chamada Sissy e outra Pauline, para não mencionar todas as outras no meio. — o rosto de Tommy escureceu. — Depois disso, ou talvez até mesmo em algum momento durante tudo isso, Jan se juntou. Mas eu posso dizer com certeza que nunca houve uma Candy.

Tommy engoliu em seco e continuou. — Fiquei curioso para saber quem ela poderia ter sido se não fosse a ex de Blue. Quem era ela, que Grizz teve que matar? Eu não perguntei, porque eu não podia ter certeza de que ele diria a verdade. Algo me dizia que era importante, no entanto. Foi quando eu comecei a cavar.

— E Karen? Se ela era sua irmã, então Grizz era....?

— Eu descobri que muitas coisas na história eram verdadeiras. Apenas os personagens eram diferentes. Karen era minha tia, não minha irmã, como eu inicialmente tinha dito. Ela era irmã da minha mãe. O nome real de Candy era Stacy Ann. Ela me largou na tia Karen e com a minha vó. A mãe dela, minha avó, realmente era uma garçonete que fugiu com um caminhoneiro. Minha mãe e a irmã dela realmente perderam o pai em um

afogamento acidental. Isso tudo aconteceu em Fort Lauderdale, não Miami, como eu te disse. Partes da história, todas as coisas que eu disse a você anos atrás, eram verdadeiras. Eu consegui verificar algumas.

Ginny não podia acreditar no que estava ouvindo. Tommy já tinha contado para ela sobre a noite que Grizz veio por ele, mas ele mentiu na época, e disse que era Blue. Agora, sabendo que tinha sido Grizz, ela estava agitada por dentro. Ela não sabia o que estava sentindo.

— Grizz sempre soube sobre você? O que o fez decidir ir buscá-lo na época?

— Não, ele nem sempre soube sobre mim e na verdade ele não foi me buscar. Ele estava dando dinheiro para Karen cuidar de mim. Quando ele descobriu que não estava acontecendo, ele surtou e os matou. Ele poderia ter me deixado lá ou me levado com ele. Ele, obviamente, me levou.

— Ele te disse por que matou sua mãe?

— Um pouco. Ele apenas pensou que ela sabia demais sobre suas atividades criminosas e quando ela ficou limpa e quis me ver, ela provavelmente ameaçou criar problemas. Eu não sei. Talvez ele estivesse tentando me proteger. Ele não queria que seus inimigos soubessem que ele tinha um filho. É por isso que eu sempre tive dificuldade em acreditar quando ele se casou com você. Eu estava sempre com medo da sua segurança.

Grizz era um cara inteligente, mas sério, casar com você foi a coisa mais estúpida que eu já o vi fazer.

Era evidente pela sua linguagem corporal que ela não apreciou seu último comentário. Ele precisava mudar de assunto. Havia algo mais que Tommy tinha que dizer a ela. Ele não sabia se estava fazendo a coisa certa, contando isso. Felizmente, ela se lembraria de que ele era um adolescente então. Ele estava contando com o fato de que, se ele lhe dissesse a verdade, ela acreditaria nele.

Ele respirou. — Você sabe que ele contou para Leslie sobre eu ser o filho dele de raiva, depois que ele descobriu sobre o cassete?

Ela endureceu. — É claro que lembro, como eu poderia esquecer isso? — sarcasmo pingava das suas palavras.

— Gin, eu preciso dizer mais uma coisa sobre isso. — Tommy inclinou-se em sua cadeira e apoiou os cotovelos sobre os joelhos. Ele inclinou a cabeça para descansar o rosto nas mãos. Como ela reagiria? Ele estava disposto a assumir o risco, mas era um grande problema.

— Ginny. — Ele fez uma pausa, reuniu sua coragem. — Enganei-o naquela noite. Ele não me pediu para tirar a sua virgindade. Na verdade, foi ideia minha.

Ele tinha a atenção dela agora. Ela apenas olhou para ele. Ele não podia ler sua expressão, apenas respirou fundo e continuou.

Capítulo 50

1975

Grunt estava sentado em seu quarto de motel com Kit. Ele tinha acabado de contar-lhe a história da sua vida antes do motel e da noite em que Blue foi buscá-lo e matou Karen e Nate. Claro, ele deixou de fora que na verdade foi Grizz que foi atrás dele. Grizz lhe dissera para nunca mais mencionar uma palavra sobre isso.

— Uau, eu posso dizer honestamente que Delia e Vince fizeram um grande trabalho em me ignorar, mas nunca colocaram a mão em mim. — Os olhos de Kit estavam cheios de simpatia.

— Eu vou te dizer uma coisa. Ninguém nunca mais vai colocar uma mão em cima de mim de novo. Certeza absoluta. — O tom de Grunt tinha um toque de amargura. — Blue e Grizz se certificaram de que eu aprendesse a me defender.

— Sim, eu imagino. É difícil para eu entender esse estilo de vida, no entanto. Grizz nunca me machucou ou me tocou, mas agora que você me contou como ele lidou com Johnny Tillman, eu não sei o que pensar. — Ela estremeceu. — E Blue? Ele podia estar defendendo-o, mas ele assassinou duas pessoas a sangue frio. Você parece tão, tão... — ela fez uma pausa enquanto tentava arrumar a palavra certa. — Você parece tão normal em comparação com tudo isso.

Grunt riu. Deus, ele a amava. Ela estava dando goles na bebida que ele tinha oferecido a ela e mexendo no dicionário dele. Ela bocejou. Parecia que estava tendo dificuldade em se concentrar nas páginas.

Ele lembrou de mais cedo quando Grizz o havia chamado ao número quatro. Kit estava correndo ao redor da área pavimentada em frente ao motel.

Era uma pista oval quase perfeita que cercava a área do playground e a piscina. O pavimento era velho e esburacado, mas ela ainda assim corria em torno dele diariamente. Era realmente o único exercício que ela fazia e parecia gostar.

— Você descobriu algo para eu não machucá-la? — Grizz tinha perguntado.

Grunt soube imediatamente sobre o que ele estava falando. Depois que Kit tinha estado no motel por um curto período, Grizz tinha ido até Grunt, perguntando se havia alguma coisa que Grunt conhecia na medicina que não machucasse uma mulher quando tirasse sua virgindade. Na época, ele ficou aliviado ao saber que Grizz não estava forçando-a. De alguma forma, ele não tinha pensado que Grizz fosse fazer isso; ele tinha mulheres jogando-se para ele o tempo todo. Ainda assim, foi bom ter a confirmação. E ele sabia por que Grizz foi até ele, apenas um garoto, agora. Grunt foi aquele que cuidou da Moe até ficar saudável depois que Grizz cortou sua língua. Ele suturava os membros da gangue desde que tinha dez anos. Se alguém soubesse algo sobre isso, provavelmente seria Grunt. Mesmo que Grunt tivesse zero experiência pessoal com esse tipo de coisa.

— Eu estive pensando sobre isso desde que você me perguntou, quando você me contou que achava que poderia machucar até mesmo algumas mulheres experientes por causa de seu, uh, tamanho. — Grunt deu de ombros. — A única coisa que posso sugerir é que você use algo menor do que a si mesmo na primeira vez dela.

— Como o quê? Meus dedos?

Grunt tinha que ser cauteloso aqui. Ele não queria que Kit perdesse a virgindade com Grizz. Ele tinha tomado uma decisão imediata que ele, Grunt, seria o seu primeiro, mas ele tinha que lidar com isso com cuidado. Ele era grato por Grizz tê-lo procurado por conselho; isso permitiria que ele

manobrasse tudo a seu favor.

— Eu acho que você poderia usar os dedos, mas não importa o que você usar. Ela vai odiá-lo, não importa o quê.

A afirmação fez Grizz balançar a cabeça. — Que porra é essa que você quer dizer, ela vai me odiar, não importa o quê?

— Olhe o que você fez. Você colocou o Monster para tirá-la da sua casa. Você mesmo disse a ela que matou um cara.

— Que ia estuprá-la, porra! E ela não estava em um lar feliz. Seus pais eram bêbados que não davam a mínima para ela. Você sabe disso.

— Mas ainda era a única casa que ela conhecia, e você tirou isso dela. Eu só não vejo como você não vai machucá-la fisicamente ou emocionalmente. Não só isso. — Grunt acrescentou. — Se você é tão grande quanto você diz que é, eu não a vejo superando isso facilmente.

Grizz não disse nada por um minuto. Ele só olhou para Grunt com aqueles olhos verdes intensos. Era hora de Grunt fazer a sua jogada. Será que Grizz iria morder?

— Eu poderia fazê-lo. — Então, ele acrescentou rapidamente: — Sem ela se machucar.

— Você está brincando comigo? Você não vai enfiar seu pau em Kit. Nenhum homem jamais vai estar dentro dela, exceto eu. — Grizz começou a caminhar em direção a ele. Grunt se obrigou a não recuar. Se ele fizesse isso, sabia que pareceria culpado.

— Você não entende. Eu não quero dizer eu. Eu posso fazer com um pequeno objeto. Porra, cara. Deixe que ela me odeie, em vez de você. Eu dou conta disso. Eu não quero que ela me odeie, mas ela sequer tem que saber. Eu posso dar-lhe algo para deixá-la sonolenta. Fazê-la dormir e ela nunca vai saber. Então, a primeira vez que você ficar com ela, não vai doer como se ela ainda fosse virgem.

Grizz parou, digerindo a ideia na sua cabeça.

— Eu não quero machucá-la. — Ele falou para o Grunt.

— Como eu disse, eu posso cuidar disso enquanto ela dorme.

Grizz não disse nada. Grunt temia que tivesse perdido. — Eu acho que você esqueceu que eu ajudei o bebê da Chilli a nascer quando eu tinha treze anos. — Acrescentou.

Grizz olhou para ele de perto, balançando a cabeça. — Sim, eu tinha esquecido disso.

— Eu fiz tudo. Coloquei o bebê para respirar, cortei o cordão, cuidei da placenta. Eu mesmo costurei Chilli. Não me gabando nem nada, mas eu poderia ir para a faculdade de medicina. Na verdade, estou até pensando em mudar o meu curso. — Ele continuou a olhar diretamente para Grizz, cuidando para não desviar o olhar.

— Como exatamente você faria isso? — Grizz inclinou a cabeça.

— Eu tenho um pequeno cassetete. É um velho bastão da polícia. Até o meu pau é maior do que aquilo, então eu sei que tem que ser muito menor do que você. — Antes que Grizz pudesse responder, ele rapidamente acrescentou: — Provavelmente não é muito maior do que um espécuro.

— Um o quê?

— Um espécuro. Você sabe, aquela coisa que eles usam quando fazem um exame interno em uma mulher. É para abri-la e tornar um pouco mais fácil para o médico examiná-la.

— Sim, que seja. — Grizz balançou a cabeça. Muita informação. Ele não disse nada por um minuto e Grunt percebeu que teria que mudar de tática.

— Eu poderia te dar o bastão para você fazer. Você sabe, se é assim que você quer se lembrar da sua primeira vez com ela. Ou você pode fazê-lo sozinho, mas se o seu pau é tão grande, ela provavelmente vai acordar

dolorida e saber que você a estuprou.

— O quê? Que porra é essa que você quer dizer que ela saberá que eu a estuprei? Eu nunca a estupraria. Eu nunca me forçaria sobre ela! Quando ela estiver pronta, ela vai vir para mim, e eu quero ter certeza que não vou machucá-la. — Grizz estava gritando agora, a veia em sua testa começando a pulsar.

— Olha, você me perguntou se havia algo que eu conhecesse medicamente para tirar a virgindade de uma mulher sem machucá-la. — Grunt ergueu as mãos. — Não. Nada que eu saiba. Então, tudo o que eu estou sugerindo é que você deixe-me fazer, ou faça você, enquanto ela estiver dormindo. Ela não vai ter uma única lembrança. E a primeira vez com ela não vai ser tão ruim depois disso. Ela nunca vai ter que saber.

Grizz apenas cerrou os dentes e olhou para Grunt.

Grunt continuou: — Quer dizer, você já esteve com mulheres, muitas delas, assim você saberá o quão longe você pode ir sem machucá-la ou danificá-la, certo? — Ele não tirou o olhar de Grizz.

Claro, Grunt conhecia os termos médicos adequados. Ele tinha ficado curioso depois que fez o parto, mas ele com certeza não parecia saber do que estava falando agora. Ele só esperava que Grizz também não. Grizz ainda não disse nada. Grunt tinha que pensar rápido.

— Eu vejo três opções. Um, você esperar até que ela esteja pronta e vir até você. Mesmo se ela estiver pronta, você vai machucá-la. Não tem jeito de amenizar. É um fato. Você certamente vai infligir dor nela, e eu não sei se esse tipo de memória é algo que fica com uma mulher. Provavelmente. Ela só tem quinze anos e é muito inocente. Mesmo que seja consensual, eu duvido que ela vai esquecer. Mas essa é uma opção.

Grunt levantou um segundo dedo. — Dois, você faz sozinho quando ela estiver dormindo, seja com o seu pau ou o bastão. Mas você terá que viver

com isso. Claro, você faz um monte de coisas com as quais você tem que viver, e não te incomodam. Por que Kit se machucar vai ser diferente? — Ele sabia que estava jogando sujo, mas ele continuou: — Mas, se você fizer isso com o seu pau gigante, ela vai acordar sabendo que algo aconteceu.

Grunt encolheu os ombros, ergueu um terceiro dedo. — E três. Você me deixa drogá-la e fazer com o pequeno bastão, e ela nunca vai saber. Ela vai acordar cansada e não imaginar porra nenhuma. Isso eu posso prometer. Não vai ser diferente de uma mulher que vai para um exame ginecológico. Você deixaria um médico examiná-la, certo? Por uma questão de fato, um exame real iria doer mais porque ela estaria acordada. E você sabe, se você for sexualmente ativo com ela, você realmente precisa começar a levá-la para consultas médicas regulares.

Grunt fez esse último comentário para impressionar. Se ele soasse profissional, talvez Grizz não veria como pessoal.

Nenhum dos dois disse nada por alguns segundos. Grunt agiu casualmente. Desinteressado, como se estivesse oferecendo uma solução de fato para o problema. Ele esperava que seu estômago não o denunciasse. Ele estava revirando e podia sentir pequenos espasmos quando seus nervos começaram a levar a melhor sobre ele.

Grunt percebeu que Grizz estava, na verdade, considerando. Grizz não era idiota. Por uma questão de fato, ele era o oposto, e se Grunt fosse honesto, nunca tinha dado a Grizz qualquer razão para duvidar ou desconfiar dele até agora. Acrescente a isso que Grizz se preocupava com o bem-estar da Kit desde que ela era uma criança. Grunt estava contando com o fato de que Grizz não pensava direito quando se tratava dela. Ele estava contando com o fato de que Grizz não estava considerando o futuro. Como ele iria se sentir depois de saber que outro homem tomou a virgindade de Kit. Grizz estava apenas preocupado com o aqui e agora, e Grunt tirou vantagem da sua

vulnerabilidade: Sem dúvida, Grizz nunca, nunca faria qualquer coisa para machucar Kit.

Grunt deu de ombros e começou a se afastar. Mas, para sua grande surpresa e alívio, ouviu Grizz murmurar: — Hoje à noite, Grunt. Faça hoje à noite. Mas tenha a maldita certeza que ela esteja dormindo e não se lembre de nada.

Naquela noite, Kit ergueu-se da cama e se levantou para sair. Era agora a hora para o desempenho da sua vida, e ele teria duas coisas a seu favor. Um, ele tinha certeza que quando pegasse o cassete ele faria com que Grizz parecesse um rato bastardo aos olhos de Kit. Em segundo lugar, ele sabia que ela nunca aceitaria o bastão. Não, ela pediria para ele fazer. Ele não sabia como sabia disso, mas ele sabia. E estava certo.

Ele estava em cima dela agora e espalhando delicadamente as pernas com o joelho. Eles fizeram contato com os olhos, em seguida, e ela perguntou: — Você pode me chamar pelo meu nome, apenas uma vez? Você pode me chamar de Ginny?

— Eu vou tentar não te machucar. — E, em seguida, depois de uma pausa, ele sussurrou suavemente: — Ginny.

— Por Favor. Por favor me diga o seu nome. Eu nunca vou dizer. Eu juro!

— Eu não posso fazer isso. Você sabe. Você não deveria sequer ter me dito o seu nome. — Mas, é claro, ele já sabia o nome dela. Ele a conheceu primeiro como Gwinny, e assistiu com Grizz, quando ela cresceu para Ginny.

Ela estava começando a adormecer agora. Lentamente, ele deslizou dentro dela, assim que seus olhos estavam fechando. Eles se abriram quando ele entrou nela plenamente. Ele não sabia se iria machucá-la. Ela estava começando a ficar inconsciente outra vez e rapidamente abriu os olhos na tentativa de ficar acordada. Mas não adiantou.

Quando estavam fechando pela última vez e ele teve certeza que ela estava perdendo a consciência, ele sussurrou: — Tommy. Meu nome é Tommy.

Ela ouviu? Ela viu as lágrimas nos olhos dele? Se ela tivesse visto suas lágrimas, provavelmente teria pensado que era porque ele estava fazendo algo contra a sua vontade. Ela não tinha nenhuma maneira de saber que suas lágrimas eram algo completamente diferente. Eram lágrimas de alegria e luto. Alegria em ser seu primeiro, mesmo nestas circunstâncias. Luto porque ele sabia que no fundo teria que ficar na retaguarda depois de hoje à noite e assistir a mulher que amava entregar-se a outro homem. Não seria para sempre, mas parecia.

Depois que ela desmaiou, ele ficou dentro dela enquanto enterrou o rosto em seu pescoço. Ele não se permitiria ter um orgasmo. Não sem ela. Ele só ficaria lá e aproveitaria seu cheiro enquanto esperava. Pareceu uma eternidade antes que ele pudesse retirar-se com segurança sem explodir dentro dela. Ele pegou um pano quente do banheiro e gentilmente a limpou.

Fez antes que pudesse se impedir. Fez antes mesmo que tivesse registrado um pensamento ou uma decisão a ser tomada. Ele tinha que saber. Ele não tinha percebido, mas estava abaixando lentamente o rosto para o lugar que ele tinha acabado de limpar. Ele não permitiria que sua boca a tocasse, mas ele inalou o cheiro dela e imediatamente ficou duro novamente. Porra. O que fazer agora? Ele não era um perverso. Ele nunca tomaria uma mulher sem o seu consentimento.

Ele abaixou a cabeça de vergonha quando percebeu que isso era exatamente o que ele tinha acabado de fazer. Mas, certamente, isso era diferente, não era? Esta era Ginny e ele amava Ginny.

Ele queria ir mais longe. Ele queria saboreá-la. Ele estava certo de que isso era algo que ela nunca tinha experimentado antes, e ele também sabia

que era algo Grizz a introduziria.

Mas com a maior força de vontade que ele já teve, parou de fazer qualquer coisa. E muito, muito cuidadosamente colocou a calcinha nela, puxando o lençol.

Eu sempre serei seu primeiro, ele pensou consigo. Esse era o seu único conforto e teria que ser suficiente.

Capítulo 51

2000

— Eu não posso acreditar no que estou ouvindo, Tommy. — Ginny, então caminhou na direção dele. Ela ficou ali, olhando para ele com os braços cruzados na frente do peito. Ele não sabia se ela ia chorar ou gritar. Ele não sabia qual ele temia mais.

— Gin, eu sinto muito. — Ele olhou para o seu colo. — Eu queria ficar com você por tanto tempo quanto eu consigo lembrar. Na verdade, eu não me lembro de uma época em que eu não quisesse você. A partir do momento que eu vi você andando pelo quarteirão e, em seguida, montando sua barraca de limonada, até hoje. E eu sei que foi errado enganá-lo, mas...

Ela estava ficando nervosa. — Você está me dizendo que, na verdade, você sabe, você realmente...

Ela não conseguiu terminar a frase. Ela fez um gesto com o braço para o espaço entre as pernas. — Você colocou sua boca lá enquanto eu estava dormindo?

Ele tentou não sorrir. — O tanto que você é apaixonada, Ginny, e não pode sequer me perguntar se eu te chupei? Não, eu não coloquei minha boca lá. Mas eu queria. Não posso mentir sobre isso.

Ela lhe deu um soco tão forte quanto pôde, direto no seu rosto. Ele recuou tanto com o choque, como com a dor. Mas era uma dor boa. Ele queria dor, depois de tudo que ela passou. Precisava doer.

— Como você ousa sentar aí e dizer-me que eu sou apaixonada, sem pensar que algo como isso não me irritaria! Que a sua confissão acertaria as coisas! — Ela cerrou os punhos, seu corpo vibrando com fúria. — Eu acho que isso é você tentando tirar algo do seu peito que fazia você se sentir

culpado? Mas você sabe o quê, Tommy? Faz-me sentir usada e barata. Como você e Grizz ousam brincar com a minha vida desse jeito! Estou aqui sentada escutando uma história sobre uma decisão que você e Grizz fizeram a respeito de como eu perderia a minha virgindade! Vocês poderiam estar decidindo sobre pedir bife ou frango em um restaurante.

— Ginny, não foi uma pequena decisão. Não faça parecer assim.

— E essa não deveria ter sido a sua decisão! Nem do Grizz. — Ela lhe deu um soco novamente, desta vez tirando sangue de seu nariz. — Esse é o soco que eu deveria ter dado em Grizz todos esses anos atrás, mas eu tinha apenas quinze anos, era ingênua e não percebi a magnitude ou a gravidade do que foi feito comigo.

Ele se recuperou do choque e olhou para ela.

— Eu merecia isso. Eu mereço mais do que isso. — Ele limpou o sangue que estava lentamente saindo de seu nariz.

Lembrou-se de como ele tinha conseguido mais do que isso. Depois que ela deixou seu quarto naquela noite e foi para o número quatro, Grizz invadiu sua porta sem bater. Grunt estava sentado na sua cama, com a cabeça entre as mãos. Ele estava sobrecarregado com culpa. Quando Grizz entrou, Grunt se levantou e começou a dizer algo, mas ele nunca teve a chance. Grizz lhe deu um soco na boca com tanta força que ele caiu para trás em sua cama. Ele teve sorte que o maxilar não quebrou e ele ainda tinha todos os dentes.

— Isso é por não ter certeza que ela estava dormindo, filho da puta. — disse Grizz quando se virou e voltou para o número quatro.

Grunt ficou surpreso quando Blue desceu um pouco mais tarde e disse-lhe que Grizz lhe dera permissão para tirá-la do motel. Aquilo o chocou, mas ele imaginou que Grizz só estava se sentindo mal por ela saber o que aconteceu. Grizz teve que sair a negócios e não podia levá-la com ele, e com certeza não queria que ela ficasse no motel durante todo o dia pensando

sobre o que tinha acontecido com ela.

Agora, com o corpo ainda tenso com raiva, Ginny virou-lhe as costas. Ela caminhou até o parapeito e olhou para o quintal enorme. Um dia dela, agora da Carter.

— Eu pensei ter visto lágrimas em seus olhos naquela noite. Eu imaginei isso? — ela perguntou para ele sem se virar. Ela ainda estava com raiva e sua respiração estava pesada.

— Não, Gin. Você não imaginou isso. Eu não podia suportar que eu teria que esperá-la depois daquela noite. — Ele fez uma pausa e depois acrescentou: — Posso te perguntar uma coisa?

Ela virou-se para olhar para ele. — O quê? — sua voz era fria, distante.

— Por que você contou para Leslie sobre a noite em que perdeu a virgindade? Por que mencionar isso?

Ela balançou a cabeça. — Foi estúpido. Ela continuava falando sobre o quão horrível o Grizz era. Ela não acreditou em mim quando eu insisti que ele nunca me estuprou. Que fui eu quem começou a primeira vez com ele. Ela não conseguia acreditar. Eu pensei que estivesse fazendo-o parecer bom, dizendo-lhe que ele não queria me machucar, então ele quis que você lidasse com isso. Quando ela ficou chocada por você, o homem que eu era agora casada, supostamente me violentou com um cassete velho, eu pulei em sua defesa. Eu disse a ela que eu lhe pedi para fazer isso pessoalmente. Olhando para trás agora, eu devia ter deixado para lá. Deixá-la pensar o que ela quisesse do Grizz. Não teria importância agora, de qualquer maneira. Eu ainda não consigo acreditar que ele morreu sabendo.

Ela inclinou a cabeça. — O que aconteceria se eu não tivesse pedido para você fazer?

— Eu não teria feito aquilo. Eu não teria tocado em você. Eu juro. Eu

preferiria falar para o Grizz que eu mudei de ideia e não me senti bem fazendo aquilo. Eu preferiria ter feito isso em vez de chegar perto de você com aquele bastão.

Ela olhou para o deck em que estavam, acenando com a cabeça lentamente enquanto absorvia tudo. Ela não parecia tão chateada quanto Tommy achou que ficaria. Os socos foram uma surpresa. Ele não achava que ela tinha isso nela. Ele nunca a viu pisar em um inseto. Mas ainda assim, ele estava um pouco aliviado.

Ela fez mais algumas perguntas sobre qual era a parte do Blue na mentira. Tommy contou para ela como Blue e Grizz trabalharam com as suas lembranças desde o início. Como eles fizeram tudo o que podiam para convencê-lo de que ele era irmão do Blue. Ele realmente acreditou por um tempo. Não foi até que ele ficou mais velho que ele suspeitou que talvez Grizz fosse seu irmão. Mas, como ele havia dito antes, ele nunca suspeitou que Grizz fosse seu pai. E essa era a verdade absoluta.

— Você perguntou alguma coisa sobre ela para ele? Sobre a sua mãe? Como eles se conheceram? Ele a amou? — Ela fez essa última pergunta para o Tommy, sem olhar em seus olhos. Ela nunca poderia admitir o pensamento do Grizz amar outra mulher, mesmo há muito tempo, de alguma forma ela não engolia.

— Eu queria saber algumas coisas, mas sinceramente, Ginny, eu realmente queria apenas deixar isso para trás. Eu ainda quero. Ele estava na prisão enfrentando a morte em poucos dias e ela morta há muito tempo. E pelas mãos dele. Eu estava casado com você, que é tudo que eu sempre quis. Ficar com você. — Ele deu de ombros. — Por quê? Por que trazer à tona um passado feio? Eu podia viver sem saber as respostas. Você sempre foi meu objetivo e eu finalmente tinha alcançado. Foi e ainda é sobre estar com você, Ginny. Foi apenas sobre isso.

Ela mordeu o lábio. — Quando foi que você descobriu sobre a infância de verdade dele? Ele me contou uma história diferente quando eu engravidei aquela primeira vez. Na verdade, foi a noite que eu o ouvi falar com Candy.

— Você poderia culpá-lo por não contar a verdade? Acredite ou não, ele me disse logo depois que você foi estuprada por aquele filho da puta, Darryl. Nós estávamos fazendo turno para ficar com você enquanto estava sedada. Ele tinha bebido. Posso dizer honestamente que eu nunca tinha visto Grizz bêbado antes daquela noite. Nunca.

— Nem eu. Eu pensei que ele pudesse estar um pouco tonto na noite que o peguei com Willow, mas só isso. Eu sei que ele tomava uma cerveja ocasionalmente e nunca usou drogas, pelo que eu sabia.

— Seu ataque realmente mexeu com ele. Ele tinha apenas começado a me contar algumas coisas. A mesma coisa que falei para você no domingo. Eu pensava que minha infância tinha sido ruim. Sinceramente, acho que a do Grizz foi pior. Não que ele suportou surras piores ou qualquer coisa. Mas sua impotência em não ser capaz de defender sua irmã. Isso parece que deixou tudo mais difícil.

— Foi uma história horrível. — Ela estremeceu. — Eu não posso imaginar o Grizz que conheci como uma criança e tendo aquelas coisas acontecendo com ele. Alguma vez ele lhe contou onde ele foi criado? Isso tudo aconteceu aqui? No sul da Flórida? Eu acho que ele mencionou West Palm Beach uma vez. E ele ao menos falou o nome da irmã dele?

Ela tinha uma suspeita de que ela já sabia o nome dela, mas ela queria saber se Tommy poderia confirmar.

— Não, ele nunca me disse onde nasceu ou cresceu, e ele nunca me disse o nome dela. Essa é a verdade. — Era a verdade. Grizz lhe contara a história, mas nunca lhe disse onde tinha acontecido ou detalhes pessoais

sobre sua infância. O único nome que ele já tinha ouvido era Ida.

Tommy queria ir até ela, então, pegá-la em seus braços, mas ele estava com medo de como ela reagiria. Ele desejou por um segundo que pudesse ler sua mente. Tinha que estar sobrecarregada de informação. Depois de alguns minutos de silêncio, ele deixou escapar: — Ginny, eu não sabia quem eu era neste mundo. O irmão de alguém, filho de alguém, um criminoso, um aluno, alguém mau ou alguém gentil. Mas quando você entrou na minha vida, eu soube quem eu queria ser.

Ela começou a ficar com lágrimas nos olhos e engoliu uma resposta. Ela não permitiria que suas emoções governassem essa conversa. Ela não queria lembrar que gostou de acordar nos braços dele esta manhã. Ela olhou para longe, e ele sabia que ela estava pensando.

— Outra coisa, Tommy. Outra coisa que nunca realmente colou ou fez sentido para mim. Você costumava passar muito tempo comigo. Tempo sozinho. Cindy nunca ficava ciumenta ou qualquer coisa? Quer dizer, eu ainda fico surpresa por Grizz sequer permitir. Grizz que insistiu para eu me casar com você. Isso pareceu ir contra tudo o que Grizz já fez a meu respeito. Você sabe por quê? — Ela franziu a testa e, em seguida, olhou para ele. Ela inclinou a cabeça para um lado. — Tommy?

Ele deu um grande suspiro. — Sim, sobre isso.

Capítulo 52

1978

Grunt passou uma fase muito difícil em aceitar o estupro de Kit. Ele tinha um monte de culpa por sair para morar com Cindy. Ele teria sido capaz de impedir o ataque se ele não tivesse saído? Essa dúvida o comia por dentro.

Ele realmente mudou-se para ficar com Cindy como parte de um plano maior para ficar perto da Kit. Ele sabia que a única maneira de Grizz deixá-lo ficar perto da Kit era se ele não achasse que Grunt era uma ameaça. O plano surgiu para ele por acaso. Ele ainda estava na faculdade e estudava arquitetura. Uma empresa muito prestigiada se aproximou dele para trabalhar em tempo parcial. Eles tinham ouvido falar sobre ele por um dos seus professores. Ele ainda não tinha se formado, mas estava ansioso para trabalhar com eles, sabendo que ele poderia obter alguma boa experiência em projetar casas. Ele não poderia certificar os projetos, mas um dos arquitetos seniores poderia rever o trabalho e torná-lo oficial.

— Cindy, este é o homem jovem e bonito que eu queria que você conhecesse. — A mulher tinha dito quando entrou no escritório de Grunt sem bater. Não era exatamente seu escritório, mas um cômodo pequeno que ele usava quando estava trabalhando no escritório de arquitetura, Monaco, Lay & Associates. A mulher, a senhora Jenkins, era uma socialite rica, de quem a casa de praia estava sendo nivelada e havia contratado a empresa para fazer o trabalho. Ela queria começar do zero com suas próprias ideias, ou assim ela disse.

Sra. Jenkins tinha notado Grunt em uma manhã de sábado, quando ela estava lá para se encontrar com um dos outros arquitetos. Ela se concentrou nele imediatamente, insistindo para que ele projetasse sua casa. Eles tentaram

explicar que ele ainda era um estudante e um estagiário deles, mas ela estava irreduzível. Agora, olhando para a jovem mulher sendo arrastada por sua mãe, ele sabia o porquê.

— Michael, eu quero que você conheça minha filha, Cindy. — Grunt olhou por cima da sua mesa e viu uma garota com rosto de bebê caminhar logo atrás da sua mãe. Era óbvio que ela estava envergonhada. Seu rosto estava vermelho beterraba. Ele tirou os óculos e os colocou sobre a mesa. Ele se levantou e estendeu a mão.

— Prazer em conhecê-la, Cindy. Eu sou Michael. Michael Freeman. — Grunt continuava a usar o nome falso que ele arranhou depois de se mudar para o motel, há tantos anos, e o nome rolava da sua língua com facilidade.

— Michael, eu quero que Cindy seja incluída o máximo possível nas decisões da casa. Vai ser dela, de qualquer maneira, então ela pode muito bem conseguir o que quiser.

— Mãe, eu amo minha cobertura. Eu não quero uma casa de praia. — Cindy bufou, mal escondendo um revirar de olhos.

— Não importa. Um dia você vai me agradecer.

Foi assim que tudo começou. Sra. Jenkins fez uso de todas as oportunidades para colocar Grunt e Cindy juntos. Ela estava brincando de casamenteira, e por que ela colocou sua atenção em um aspirante a arquiteto e não um dos filhos dos seus amigos socialites era um mistério para Grunt. Mas ela queria a qualquer custo.

Foi cerca de três semanas após a apresentação deles. Sra. Jenkins insistiu que Grunt fosse para a cobertura de Cindy para ter um encontro com ela.

Cindy atendeu a porta balançando a cabeça. — Desculpe-me, Michael. Eu sei que ela está forçando essas reuniões nas últimas semanas. Eu estou tão envergonhada.

Grunt sorriu. Cindy era uma garota legal. Doce, bonita e extremamente simpática. Ele não se importava de passar tempo com ela. Ele não estava atraído por ela, no entanto. Havia apenas uma mulher que ele era atraído, e matava-o que ele tinha quase nenhum tempo para passar com Kit. Entre a escola e o trabalho, ele raramente tinha tempo livre, e se houvesse algum, não era passado sozinho.

— Está tudo bem, Cindy. Eu sei o que ela está fazendo. Eu só não entendo por que ela me escolheu. — Ele disse quando seguiu Cindy pelo apartamento de grandes dimensões, olhando em volta para os mobiliários de bom gosto e caro. Cheirava como uma combinação de baunilha e limões. Ele podia ouvir o tilintar dos sinos de vento e Sweet Talkin' Woman, de Electric Light Orchestra estava tocando em um sistema de som ultramoderno, obviamente.

Cindy virou-se para olhar para ele e riu. — Não tome isso como um insulto. Mas, basicamente, ela já esgotou todos os outros recursos. Eu já recusei todo cara que ela jogou na minha cara. Ela simplesmente não vai parar. Acho que ela não está entendendo a dica. A casa de praia é para ser uma isca.

Ele havia a seguido para uma varanda grande. — Ela não está entendendo a dica? — ele perguntou quando olhou para a vista deslumbrante da praia de Fort Lauderdale.

— Que você não é meu tipo também. — Ela respondeu com um grande suspiro.

— E qual é exatamente o seu tipo, Cindy? — ele estava curioso.

— Para começar, você teria que ter seios maiores.

Cindy convidou Grunt para sentar-se, então começou a derramar seu coração para ele. Ele supôs que ela tivesse isso preso por tanto tempo que só derramou. Ela não sabia como contar aos seus pais. Era os anos setenta. As

pessoas não eram tão abertas à homossexualidade. Ela imaginou que se ela se destacasse na escola e se mostrasse nos eventos sociais certos, seus pais a deixariam em paz. Mas sua mãe era implacável. Grunt ouviu enquanto Cindy contou sua história. Ela ainda confessou que ela tinha a mesma namorada, Carla, desde o colegial.

— Meus pais pensam que nós somos melhores amigas. O que somos.

— Ela rapidamente acrescentou.

Grunt olhou ao redor do condomínio. — Então, ela mora aqui com você? Ela é sua colega de quarto?

— Não. Meus pais nunca aprovaram Carla, mesmo como apenas uma melhor amiga. Disseram que ela veio de outra classe social. Eles são esnobes pretensiosos. Não há nada de errado com Carla ou sua família.

Eles estavam sentados em uma mesa na varanda bebendo a limonada que Cindy tinha oferecido. Ela olhou para o copo. — Eu tenho outro lugar. É em Miami. Meus pais não sabem sobre ele. Passo tanto tempo lá quanto posso, mas entre a escola e a casa estúpida que minha mãe quer me envolver. — Ela parou. Olhou para Grunt com olhos preocupados. — Eu tenho medo de perdê-la. Eu só não tenho tempo para ela.

Grunt recostou-se na cadeira e olhou para Cindy. Ele pensou por um segundo e tomou sua decisão. Sim, ele faria isso.

— Cindy. — Começou ele. — Talvez nós possamos ajudar um ao outro.

Foi assim que a farsa começou. Ele começou a projetar a casa de praia sozinho, dizendo à Sra. Jenkins o tempo todo que eram ideias da Cindy. A mãe persistente estava emocionada. Ela ficou ainda mais animada quando decidiram, menos de seis semanas depois, que eles tornariam o relacionamento oficial. Grunt se mudaria para o condomínio. Cindy estava em êxtase. Tudo o que era exigido dela era que aparecesse com Grunt no

braço em um evento ocasional. Os pais dela deixaram-na em paz. Ela continuou com os seus estudos e morou com Carla o tempo inteiro, só parando pelo condomínio para pegar as correspondências e para se certificar de dizer olá para os porteiros e um vizinho aleatório.

Claro, Grunt nunca contou para Cindy quaisquer detalhes sobre sua vida real. No que lhe dizia respeito, ele era Michael Freeman. Ele queria ser um arquiteto e precisava que pensassem que ele tinha uma namorada. Ela ficou muito feliz em concordar e nunca questionou. Conforme o tempo passou e ela foi apresentada para Kit e Grizz, tudo tornou-se óbvio para ela. Ele falou para ela um pouco depois que ela conheceu algumas pessoas que se referiam a ele como Grunt. Ele explicou mais sobre a vida da gangue e disse que estava arrependido por envolvê-la, mesmo que fosse perifericamente.

Ela não se importou e falou para não se preocupar sobre isso. Seus pais estavam tão felizes que ela estivesse morando com um namorado que nunca se preocuparam em verificar a procedência dele ou qualquer outra coisa. Quando perguntado sobre sua família, ele lhes disse o que ele acreditava ser a verdade na época. Seu pai havia se afogado e sua mãe o abandonou. Sua irmã e seu marido, que tomavam conta dele, tinham morrido tragicamente. Ele foi criado em um orfanato e foi inteligente o suficiente para ir para a faculdade. Eles nunca perguntaram quem pagou por isso ou se ele tinha bolsas de estudo. Eles nunca pareciam preocupados que ele estivesse envolvido em atividades ilegais. Ele imaginou que eles eram tão egocêntricos e estavam aliviados por ter encontrado alguém que a filha gostasse, que os deixaram em paz e voltaram para suas vidas. Depois de Cindy se ajustar com seu novo namorado, Michael Freeman, seus pais começaram a viajar extensivamente e raramente visitavam Fort Lauderdale. A Sra. Jenkins nunca sequer pôs os olhos na casa de praia que ela colocou Grunt para projetar.

— Você realmente acha que isso vai tirar a mamãe da minha cola? — Cindy perguntou ao pai. Vários meses antes de ela sequer conhecer Grunt - ou como ela o conhecia, Michael - e eles estavam tomando uma xícara de café tranquila em seu trabalho.

Sr. Jenkins sorriu para sua única filha. — Você não acha?

— Eu não sei, papai. — Ela respondeu honestamente.

— Olha, eu vou plantar uma ideia na cabeça da sua mãe. Eu vou sugerir que talvez construir a casa de praia pode ser uma boa maneira de convencê-la a se acalmar. Eu não tenho nenhuma dúvida de que quando eu a mandar para a empresa onde ele trabalha que ela vai morder a isca. Ela está tentando amarrá-la a um homem para sempre. Ele é anos mais jovem do que qualquer um dos homens para quem trabalha, e ele é um cara bonito. Eu sei que sua mãe vai notá-lo.

— E eu não tenho que fazer nada, além de tornar-me amiga dele? Trabalhar com ele na estúpida casa de praia? — Ela perguntou para o seu pai.

— Só ficar amiga dele. — respondeu o pai.

— Puxa, pai. Eu não sei qual é sua motivação e você não tem que me dizer. Mas, se você vai me ajudar a tirar a mãe do meu pé e manter o meu apartamento em Miami em segredo dela, eu vou dar-lhe uma chance.

— Sua mãe não tem que saber sobre o condomínio ou Carla. — Seu pai respondeu.

— Para que isso vai te servir, pai? Sem me dar todos os detalhes, porque eu sei que você não vai, o que é tão importante sobre esse arquiteto?

— Eu só estou tentando mostrar a alguns novos amigos que eu posso ser confiável. Que eu posso fazer a minha parte. Só isso.

— Parece que você está tentando candidatar-se a uma fraternidade.

— De certa forma, eu estou.

Cindy nunca descobriu por que seu pai queria que ela se aproximasse de Michael Freeman, mas ela não se importou de atuar por anos. Ela acabou se importando muito com ele e quebrava seu coração vê-lo ansiando por Kit. Ela ainda se lembrou de ajudá-lo ao longo do tempo tentando deixar Kit com ciúmes. Ela não soube se as pequenas coisas que ela fez ajudaram ou prejudicaram sua causa.

A única coisa que sabia era que o marido de Kit, Grizz, era o filho da puta mais assustador, de aparência mais vil, que ela já conheceu, e ela nunca se sentiu confortável na sua presença. Ele nunca fez ou disse qualquer coisa inadequada, mas ele era, obviamente, alguém que não se devia mexer. Às vezes, ela realmente temia por Michael.

Ela não queria deixar-se pensar no que poderia acontecer com ele se Grizz soubesse que ele era apaixonado por Kit.

A farsa funcionou por um tempo. Tommy recordava agora como ele quase foi pego por Grizz. Ele tinha se formado e estava trabalhando em tempo integral em Monaco, Lay & Associates. Grizz chamou-lhe um dia.

— Venha para o motel. Agora. — disse Grizz ao telefone. Ele desligou sem esperar que Grunt respondesse.

Que porra é essa? Grunt se irritou. Ele tinha duas reuniões naquela tarde e não tinha tempo para fazer todo o caminho para o motel. Mas ele se recostou na cadeira e pensou sobre isso. Grizz nunca ligava para ele. E se algo estivesse errado com Kit? E se alguma coisa aconteceu?

Acalme-se. Você acabou de vê-la alguns dias atrás. Ele a levava para jantar e depois um filme. Grizz nunca se importou. Ele acreditava que Grunt

tinha uma namorada séria. Kit era amiga de Grunt, e se Grizz não era capaz de levá-la para sair, Grunt não se importava de fazer isso. Claro, ele sempre fazia parecer como se ele e Cindy fossem aqueles a levá-la para sair. Ele falou antes para a Kit: — Cindy realmente tem um monte de estudo e ela não se importa se eu saio com os amigos, Kit. Mas eu só acho que você não deve dizer a Grizz que vamos sair sozinhos. Eu sei que nós não estamos fazendo nada de errado e você sabe disso, mas sabe como ele é.

— Eu sei, Grunt. Eu odeio mentir. Eu não minto, especialmente para o Grizz.

— Ele nunca pede detalhes?

Ela pareceu pensativa. — Não, eu acho que não. Ele nunca pergunta como você e Cindy estão. Ele geralmente apenas pergunta se eu me diverti. E outras coisas como: “Grunt se certificou de que você estava em segurança no seu carro antes que ele saísse?” Você sabe como ele é sobre a minha segurança.

Grunt sorriu para ela. — Então você não tem que mentir e ainda podemos passar algum tempo juntos como amigos. — Ele estava aliviado.

E se Grizz de alguma forma descobriu que Cindy não está em todas as suas pequenas excursões? Que ele esteve sozinho com Kit mais frequentemente?

Grunt apertou um botão em seu telefone. — Eileen, eu tenho alguns negócios pessoais para cuidar. — Disse ele. — Por favor, remarque minhas reuniões.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, ele estava sentado no sofá do número quatro. Kit não estava lá, e ele não perguntou sobre ela, dizendo a si mesmo que ela estava fazendo compras ou algo assim. Tudo parecia estar bem. Ninguém estava ferido. Grizz estava em sua poltrona reclinável. Axel sentado no sofá, ao lado de Grunt.

Grizz encarou Grunt por um minuto antes de finalmente perguntar: — Então, como estão as coisas com você e Cindy?

A pergunta pegou Grunt desprevenido. Grizz nunca perguntou sobre ele e Cindy. Nenhuma vez. Havia apenas uma explicação. As suposições anteriores de Grunt tinham que ser corretas. Grizz sabia que Cindy não estava indo nos pequenos ‘encontros de amigos’ com ele e Kit. Como ele descobriu? Kit deve ter acidentalmente deixado escapar. Ele ia ter que pensar em como se garantir. Ele estava com raiva de si mesmo por não pensar sobre isso antes de hoje. Ele deveria ter uma resposta pronta. Talvez ele estivesse exagerando. Talvez ele estivesse pensando demais. Ele iria entrar no jogo e ver onde Grizz estava indo com isso.

— Cindy está bem. Nós estamos bem. — Grunt respondeu com uma voz firme.

Grizz não disse nada. Ele só olhou para Axel, então de volta para Grunt. — Há algo que você queira me dizer?

É isso. Ele sabe. Porra. Ele ainda iria continuar no jogo.

— Sobre o quê? — perguntou Grunt com tanta sinceridade quanto possível.

— Está tudo bem em me dizer. — disse Grizz em uma voz calma.

Realmente? Grunt pensou. Isso era estranho. Grizz nunca faz rodeios com ninguém sobre nada. O que era isso realmente?

— Dizer-lhe o quê? — Grunt perguntou, olhando para Grizz e, em seguida, Axel. — O que é que você acha que eu preciso te dizer?

— Você quer me dizer por que você mora com uma lésbica?

Grunt tentou não deixar que o seu queixo caísse. Ele nunca esperou que Grizz soubesse que Cindy era lésbica. Como ele sabia? Grunt olhou para Axel. Bingo. Além de gerenciar a operação de roubos de carro do Grizz, Axel tinha uma conexão que fazia extensas verificações de antecedentes sobre as

pessoas.

Grunt suspirou. — Por que você verificou Cindy? Por que você teve que verificar seus antecedentes?

— Uma das empresas do pai dela apareceu em uma reunião. — disse Grizz. — Quando eu vi o nome dele, eu fiz a conexão. Lembrei-me que Cindy Jenkins tem um pai rico. Queria ver se era o mesmo cara. Era. Eu tinha que ter certeza de que ela não estava com você por qualquer outra razão. Como se ela não estava com você por causa do negócio. Meu negócio.

— E?

— Eles estão limpos. Tenho certeza de que seu pai não sabe exatamente no que seu contador está colocando-o para investir.

Isso não era completamente verdade, mas Grizz não contaria para o Grunt. Grizz teve suas suspeitas, mas ele não podia ter certeza. Além disso, se Cindy estava lá pela razão que ele pensava, ela não conseguiria nada de Grunt. Ele manteve Grunt fora do seu outro negócio exatamente por esta razão.

— Mas esse não é o ponto. Por que você está morando com uma lésbica? E eu sei que ela não está vivendo no apartamento. — Grizz acenou para Axel em seguida, acrescentou: — Eu sei sobre o desfile de viados que aparecem lá e pernoitam no apartamento.

Grunt desviou o olhar em seguida. Ele olhou fixamente para algo na parede. Funcionou por pouco tempo, o seu plano de ter uma namorada para que Grizz não pensasse que ele era uma ameaça. Assim Grizz deixaria que ele passasse tempo com Kit. O que ele iria dizer? Eu estou apaixonado por sua esposa e esta era a única maneira que eu poderia pensar para passar mais tempo com ela?

Mas descobriu-se que ele não tinha que dizer qualquer coisa.

— Não há problema em contar que você é um viado, garoto.

Ele foi realmente muito brilhante, ou assim ele pensava na época. Deixando Grizz achar que ele era gay. Grunt pigarreou e gaguejou após o último comentário do Grizz. Ele ficou chocado, mas também aliviado que ele estivesse longe da verdade. E daí se ele tinha que deixar Grizz achar que ele era gay?

Em seguida, ele entrou em pânico. Kit.

— Não diga a ela! — ele desabafou. Ele olhou para Grizz, em seguida, Axel. — Por Favor! Por favor não diga a Kit. Eu não tenho certeza de como ela reagiria. — Ele olhou para o chão. — Eu não quero que ela pense menos de mim. Você sabe que eu me importo com ela. Ela é como uma irmã para mim.

Grizz não disse nada no começo. Ele não achava que Kit se importaria nem um pouco sobre isso. Ela parecia aceitar Axel sem julgamento, embora, é claro que ele não podia ter certeza. Kit era religiosa, e mesmo que ele não soubesse absolutamente nada sobre a religião de Kit, ou qualquer religião, ele pensou que talvez a homossexualidade fosse um tabu. Certamente era no mundo dos motociclistas. É por isso que ele cobria Axel e agora teria que cobrir o garoto.

Ela veria Grunt diferente? Será que ela agiria de forma diferente em torno dele fazendo com que outra pessoa se perguntasse sobre a sexualidade de Grunt? Grizz tinha um bom relacionamento com Grunt. Ele não conseguia levar Kit para sair tanto quanto ela desejava e Grunt cobria isso para ele. Além disso, ele não era realmente o tipo de cara de jantar e cinema, de qualquer maneira. Tudo bem, então o garoto era gay. Grande coisa. Verdade seja dita, ele realmente não tem uma opinião sobre isso de uma forma ou de

outra.

— Ela não precisa saber. — Grizz finalmente respondeu. Então, sem mais uma palavra, ele se levantou e se dirigiu para a porta da frente. Ele saiu, fechando-a atrás dele.

Grunt havia sido dispensado. Ele olhou para Axel, que manteve o silêncio o tempo todo.

— Você não é gay. — disse Axel com naturalidade.

Grunt não sabia o que dizer. Lembrou-se de quando ele tinha descoberto o segredo de Axel. Ele tinha talvez doze ou treze anos na época. Eles estavam sentados em torno do poço quando, um por um, todos se levantaram e saíram. Grunt e Axel foram os dois únicos remanescentes quando Grunt disse-lhe: — Você não devia observá-los, sabe. Você torna óbvio pelo modo como seus olhos os seguem.

Axel olhou para o menino. — O que diabos você está falando, garoto?

Grunt olhou para ele e com uma expressão amável disse: — Não se preocupe, Axel. Eu não vou contar. Mas você precisa ter cuidado. Eu sei que você tenta e encena. Você pega Moe no quarto de vez em quando para manter as aparências. Eu acho que é porque ela parece com um cara com seu cabelo curto e botas de combate?

Axel não sabia o que dizer. Sua homossexualidade poderia matá-lo. Como o garoto sabia? Ele era um merdinha esperto.

— Você tem que ter cuidado. — Reiterou Grunt. — Você não percebe isso, mas você olha para alguns dos caras quando você acha que ninguém está percebendo. Eu observo muito as pessoas, e eu notei. Eventualmente, alguém o fará também.

Grunt levantou-se e deixou o motociclista sentado no poço sozinho. Axel ficou, absorvendo o que Grunt tinha dito. Se Axel valorizava sua existência, ele teria que ter cuidado. Talvez tenha sido uma coisa boa que o

garoto notou. Ele poderia ter realmente salvado sua vida. Ele era amigo de Grizz desde que eram jovens e você pensaria que isso ofereceria alguma forma de proteção, mas não havia garantias. Especialmente no mundo dos motociclistas.

Agora, Grunt disparou um olhar preocupado para Axel. — Como você sabe que eu não sou gay? E o que você disse a Grizz para fazê-lo pensar que eu era? — Antes que Axel pudesse responder, ele acrescentou: — Além do fato de que Cindy é lésbica?

— Eu só disse a ele que eu nunca o vi com uma mulher. Disse a ele sobre o arquiteto de Orlando. Ele é um hóspede regular que gosta de passar a noite. Grizz acha que ele é seu namorado.

Allen? Tudo fazia sentido agora. Sim, Allen Ribisi tinha trinta e cinco, bonito, rico e gay. Ele era um bom amigo de Cindy e ficava no apartamento dela quando ele tinha negócios em Fort Lauderdale, que era algumas vezes por mês. Às vezes até um ou dois dias por semana. Ele e Allen tinham se tornado bons amigos e muitas vezes saíam para jantar. Allen sabia que Michael Freeman não era gay, e ele nunca questionou. Na verdade, ele acabou sendo um bom mentor. Grunt até mesmo foi para Orlando duas vezes para visitá-lo. Claro que Grizz teria pensado que ele era gay.

Grunt era humano, embora. Ele teve alguns casos ao longo dos anos. Cindy tinha amigas hétero também, e mais do que algumas tinham vindo para ficar na cobertura e ofereceram-se para o que elas pensavam que era o namorado da sua amiga. Tão amigas que eram.

Axel interrompeu seus pensamentos. — Por que você está deixando-o pensar que você é gay?

Grunt olhou para Axel e suspirou. Ele podia contar a verdade ao motociclista?

Axel cortou seus pensamentos. — Antes de me dizer qualquer coisa,

você precisa saber de antemão de que eu nunca vou me virar contra Grizz ou traí-lo. Eu gosto de você, garoto. Eu não quero dizer a ele o que eu descobri, mas se ele souber que eu não contei para ele, bem, não preciso dizer o que penso que aconteceria.

Grunt decidiu prosseguir. Quando ele pensou um pouco, o fato era que ele ainda podia dificultar as coisas para Axel se determinados membros do grupo soubessem que ele era gay. Talvez eles pudessem manter segredos um do outro. — Kit. — Ele desabafou. — Eu só quero passar algum tempo com Kit.

— Parece um grande disfarce só para passar tempo com uma mulher.

— Se você estivesse falando sobre uma mulher normal, você estaria certo. Mas, é da mulher do Grizz que estamos falando.

— O que você faz com sua vida pessoal é problema seu. Se envolver a gangue, eu tenho um problema. Mas seu segredo está seguro comigo.

Axel era completamente leal a Grizz quando se tratava dos negócios da gangue. Mas como alguém que tinha experimentado em primeira mão o que era negar seu verdadeiro eu, ele sentiu pelo garoto. Além disso, ele acredita sinceramente que a paixonite de Grunt, ou o que fosse, acabaria por si só. Grunt iria ficar atrás dela como um cachorrinho doente de amor por mais algum tempo e, eventualmente, passaria para uma mulher que estivesse realmente disponível. Ele iria manter o segredo do garoto e talvez até mesmo se divertir um pouco com ele.

Axel levantou e então se esticou. — Se você quiser tornar isso convincente, talvez você precise aprender um pouco mais sobre ser gay.

— Eu não vou ter relações sexuais com um homem, Axel. De jeito nenhum. Você sabe que eu não sou gay.

— Eu não estou dizendo para você ter relações sexuais com um homem. Mas, você ainda precisa se assegurar. Grizz ainda pode ter alguém

além de mim verificando você. Eu estou dizendo a você, é melhor você fazer o papel.

— Bem. O que você sugere?

— Eu vou estar estacionado na praia em frente ao seu condomínio hoje à noite, às onze. Você pode me seguir de lá.

— Para onde vamos? — perguntou Tommy.

— É hora de apresentá-lo aos refúgios subterrâneos gays de Fort Lauderdale.

Capítulo 53

2000

Ginny apenas olhou para ele. — Você está me dizendo que deixou Grizz pensar que você era gay para que pudesse ficar comigo? Que sua namorada, Cindy, realmente era gay esse tempo todo? — Ela jogou as mãos para o ar. — Tommy, isso é loucura. Eu não acredito em você.

— É verdade, Ginny. — Ele pareceu magoado. — Eu não fiz isso de propósito, mas eu deixei isso acontecer e usei para meu proveito.

— Não. De jeito nenhum. Grizz era muito inteligente. Ele teria...

— Ele teria o quê? Descoberto? Ele descobriu. Ele me pegou.

— Pegou você? Como é que ele pegou você?

— Alguém deve ter me visto com uma mulher e disse algo sobre trair minha namorada rica para o Grizz. Ou isso ou ele me observava. Na verdade, ele nunca me contou como ele descobriu. De qualquer forma não importa. Ele soube que eu menti e ele sabia por quê.

— Que mulher? — Ginny sentiu uma pontada de ciúme. Um sentimento que ela reconheceu de quando Tommy costumava ocasionalmente levar Cindy para os seus ‘encontros de amigos’. Cindy era uma grande fã de Rod Stewart, e Ginny se lembrava que ela sempre colocava a música Tonight The Night no toca-fitas no carro de Tommy. Cindy até cantava para si mesma. Agora que Ginny pensava nisso, ela ficava com um pouco de ciúme, e por mais que ela amasse Rod Stewart, ela odiava essa música. Agora ela percebeu o porquê. E pensar que não tinha havido nenhuma razão para ter ciúmes da Cindy. Ela se perguntava se Cindy fez o papel um pouco mais do que o necessário apenas para alfinetá-la. A percepção a atordoou.

— Gin, havia mulheres. — Sua voz era suave. — Eu sou apenas

humano. E você era casada. Houve algumas que eu tentei me aproximar discretamente. Eu tentei. Mas eu nunca conseguia deixar chegar ao ponto de me importar. Só que isso não ia acontecer. Eu não a superaria só porque eu estava com outras mulheres.

Ela colocou seus sentimentos de lado, pressionando. — Esqueça isso. Então, depois de tudo isso, você está dizendo que Grizz pegou você? O que ele fez?

— Você não quer saber.

— Eu estou tão cansada de ouvir isso. — Suas palavras foram cortadas. — Foi você que me disse que eu mantinha minha cabeça na areia. Que eu nunca encarei a realidade do que Grizz era capaz. Bem, então me diga! Diga-me o que ele fez quando ele descobriu que você tinha o enganado. Não pode ter sido muito ruim. Você podia não saber que ele era seu pai na época, mas ele sabia. — Ela empinou o quadril e nivelou um olhar complacente para ele. — O que ele fez com o próprio filho?

— Ele me bateu com as próprias mãos e colocou-me no hospital por duas semanas. Aí está. É isso que você queria ouvir?

Naquela noite brutal, Grunt deveria jantar com Allen quando Grizz chamou, dizendo que era obrigatório que ele fosse para o motel. Ele olhou para o relógio. *Eu nunca vou chegar a tempo.* Ele ligou para Allen e disse que se atrasaria. Não se preocupe, Allen disse a ele. Ele era amigo do proprietário do restaurante. Eles teriam uma mesa não importava a hora que eles aparecessem. Ele esperaria no bar.

Grunt dirigiu-se para o motel e estacionou na frente da unidade de Grizz e Kit. Ele não viu o carro atrás do escritório quando ele estacionou. *Eu*

me pergunto se ele encontrou o cara que a estuprou? Talvez seja por isso que ele quer falar comigo.

Ele estacionou e saiu do seu carro quando ouviu alguns ‘olás’ do poço. Ele acenou de volta distraidamente, em seguida, bateu uma vez e entrou no número quatro. Grizz estava sentado em sua cadeira.

— Não sente. — disse Grizz quando Grunt começou a sentar-se. Ele levantou-se para enfrentar Grunt, de repente parecendo muito alto no quarto de motel.

— Não sente? Por que não? O que há?

— Eu quero que você me enfrente como um homem quando eu te bater pra caralho.

Grunt piscou. — Bater pra caralho em mim? Por quê?

— Eu preciso saber uma coisa. — A voz de Grizz era baixa e ameaçadora. — Diga-me agora, porque você não será capaz de me responder quando eu terminar com você.

Grunt engoliu.

— Você me fez pensar que você era um viado. Eu admito, eu saltei para essa conclusão com base no que Axel relatou para mim. Mas você deixou-me pensar isso por uma razão. E a única que eu posso ver é porque você está apaixonado pela Kit. Você quer passar um tempo com ela. A minha esposa.

O soco em seu rosto pegou Grunt desprevenido. Ele não perdeu o seu equilíbrio, porém, imediatamente soube que ele não ganharia essa. Mas ele não seria derrubado sem uma luta.

— Grizz bateu em você e o colocou no hospital? Seu próprio filho?

Por minha causa? — a voz de Ginny era quase um guincho.

— Ele me bateu pra caralho. Eu dei minhas porradas também. Eu sei que eu quebrei um par de costelas e dei-lhe um olho roxo. Nós destruímos sua casa. Como é que você não soube que teve uma briga lá?

— Eu acho que eu me lembro daquela noite. Eu fui para casa e parecia que uma bomba tinha explodido lá. Grizz me disse que dois dos caras tinham entrado e começaram a lutar, e ele tinha entrado no meio tentando separá-los, que foi como ele conseguiu um olho roxo e um nariz quebrado. Você fez aquilo com ele?

— Sim, eu fiz. Ele era maior e mais forte, mas você tem que lembrar, ele que me ensinou a lutar. — Um pequeno sorriso brincou nos lábios de Tommy. — Eu quebrei o nariz dele? Sério?

— Você não tem que parecer tão orgulhoso de si mesmo. — Ela revirou os olhos. — O que aconteceu depois disso?

— Axel levou-me para o meu carro e me deixou no restaurante, onde encontramos Allen. Allen me levou para o hospital, então eu voei para Orlando em um jato particular para que pudesse me recuperar perto dele. Ele ligou para meu trabalho e inventou uma história sobre eu ter sido espancado. Talvez ele tenha falado que fui assaltado. Eu não me lembro. Eu me lembro de você me perguntar como foram minhas duas semanas em Vancouver.

— Grizz me disse que você saiu em uma viagem de negócios. — Sua voz era baixa. Então, algo lhe ocorreu. — Ele nunca descobriu que Axel o enganou, deixando-o acreditar que você era gay?

— Não, eu salvei a pele de Axel. Eu falei a ele que Axel relatou a verdade para ele. Eu realmente saía com um homem gay. Allen passava a noite comigo na cobertura algumas vezes por mês. Por que Axel não acreditaria?

— Mas eu te vi depois disso! Estou confusa - nós ainda passávamos

tempo juntos. Como isso aconteceu? Se ele ficou tão furioso e ele sabia que você estava apaixonado por mim, por que ele permitiu isso? Algo não está certo.

— A primeira vez que o vi depois que ele me bateu daquele tanto, ele me disse que tinha mudado de ideia, que seria mais difícil explicar-lhe por que ele não permitiria que a nossa amizade continuasse - e que ele tinha me enchido de porrada. Ou talvez ele só queria me manter perto, manter o controle sobre mim. Além disso, ele sabia muito bem que eu nunca, *nunca* tentaria qualquer coisa com você depois daquela surra. E eu nunca tentei. Aquela surra foi apenas um aviso.

Ela soltou um suspiro, atordoada. Tantos segredos, tantas mentiras. Se ela tinha a cabeça na areia, certamente não era culpa dela. — Mas Tommy, você ainda levou Cindy por lá depois disso. Você ainda permaneceu na cobertura dela. Por quê?

— Algumas razões. — Ele deu de ombros. — Por ela, principalmente; ela ainda precisava do álibi. E era uma situação confortável. Eu morava em um condomínio de milhões de dólares perto do trabalho. E Cindy era uma garota legal. Éramos amigos. O que mais eu faria naquele momento?

Ginny balançou a cabeça, tonta agora com todas as novas informações. — Eu ainda não tenho certeza se posso compreender por que nos permitiram passar todo esse tempo juntos e Grizz nunca se opôs.

O que Tommy não contou para a sua esposa, não podia contar era que ele sabia o porquê. Quando ele foi ver Grizz alguns dias antes da execução, eles passaram quase uma hora juntos caminhando no pátio da prisão. Ele era o mesmo velho Grizz quando se tratava da Ginny. Ele ainda estava chateado com o incidente do cassete que Leslie havia revelado semanas antes. Ele disse a Tommy que ele teve a sorte que não lhe ocorrera questioná-lo quando

ele descobriu que Tommy estava fingindo ser gay. Ele não tinha dúvidas que se tivesse pensado nisso na época, ele não teria colocado Tommy no hospital por duas semanas. Filho ou não, ele teria colocado Tommy na terra. Grizz também tinha ficado com raiva quando ele descobriu através de Blue que Tommy era pai de um dos meninos de Blue.

Mas, em seguida, Grizz passou a explicar tudo para Tommy, em grandes detalhes. Não deixando nada de fora. E depois de ouvir sobre o envolvimento de Grizz em algo que ia muito além das relações das suas atividades criminosas, Tommy só podia olhar para ele com a boca aberta. Tudo fazia sentido agora: ir para a prisão sem uma luta. Deixar Tommy ficar perto de Ginny. Pedir a Tommy para se casar com ela, quando ele foi preso.

Agora Tommy sabia por que e não o culpava nem um pouco. Ele também sabia por que Grizz nunca disse a ninguém. Isto era algo grande.

— Ele era um criminoso, Ginny. Ele sabia que ele poderia precisar de mim um dia. Precisar de mim para cuidar de você. Eu posso tê-lo enganado com o ato gay por um tempo, mas mostrou-lhe algo. Isso mostrou a ele que eu a amava e eu a protegeria. Pense sobre isso. Eu não fui até ele e me ofereci para casar-se com você, quando ele foi preso. Ele veio até mim.

Ela balançou a cabeça enquanto tentava absorver tudo. Ela precisava de uma pausa.

— Você quer um refil? — Ela perguntou quando pegou o copo vazio.

Ele balançou a cabeça e observou-a entrar na casa, fechando a porta de correr de vidro atrás dela.

Sozinho com seus pensamentos, ele silenciosamente se repreendeu por ainda segurar. Mas então ele se lembrou. Ele precisava. Para sua própria segurança.

Seus pensamentos foram interrompidos quando ela voltou para fora, suas botas de cowboy batendo no deck. Ela entregou-lhe o copo de água e

sentou-se.

— Voltando para você ser filho dele. Por que isso era tão importante para esconder?

— Ele tinha inimigos, Gin. Inimigos que poderiam me machucar para chegar até ele. Ele até me disse que Blue não sabia - Blue, que sabe tudo, nunca soube que Grizz era meu pai. Não foi até Blue voltar para a prisão depois de encontrar Jan e seus rapazes que Grizz contou para ele sobre mim.

— Você realmente acredita que Blue nunca soube que você era filho do Grizz?

— Sim, eu acho que sim. Grizz e Blue se conheceram quando eram jovens, mas Blue realmente não conheceu Candy.

— Quando eu os ouvi discutindo, eu lembro que ela disse algo ao Grizz como ela tinha o apresentado para as pessoas que o colocaram onde ele estava.

— Não foi ela. Foi o amigo do pai dela; ela só estava tentando tomar o crédito, inflar sua importância. Candy entrava e saía da cama de Grizz. Ele era jovem. Ele nunca se lembrou do caminho dela se cruzar com o Blue.

— Deixa ver se entendi. Eu estou tendo dificuldade para organizar a sequência de eventos aqui. — Ela respirou e começou a assinalar os eventos em seus dedos. — Leslie contou para Grizz durante a sua entrevista cara a cara que você não usou o cassete para tirar minha virgindade. De alguma maneira ele conseguiu bater nela na prisão, mas estava tão bravo com você, com a gente, que logo depois disso, ele deu uma entrevista para ela, por telefone, e disse que você era filho dele.

— Praticamente isso. — Tommy assentiu. — No momento em que eu disse a ele a verdade por trás disso, ele já tinha esfriado e ordenou que a matassem para que não fosse impresso.

— Eu acho que foi um pouco drástico ele mandar matar, Tommy,

você não acha? Grizz é intimidante. Eu acho que ele poderia ter feito outro tipo de ameaça. É apenas um artigo de revista.

— Realmente, Gin? Pense em como você reagiu. Grizz não queria morrer pensando que você poderia descobrir e fazer exatamente o que você fez, que é fugir de mim. Ele sempre queria proteger você.

Com isso, ela bateu as mãos para baixo na cadeira e se levantou. — Proteger? Eu estou tão cansada de ouvir isso, Tommy. — Seus olhos brilhavam. — Tem sido sempre sobre me proteger. “Ginny é muito doce. Ginny é muito inocente. Nós não podemos dizer a Ginny. Faria mal a Ginny”. — Ela imitou. — Só porque eu ia à igreja, tentava ver o lado bom das pessoas e olhava para o mundo com uma perspectiva positiva eu nunca deveria ser tratada como uma criança que tinha de ser protegida. Eu sou uma mulher crescida, adulta! Eu tenho ensino e poderia me sustentar. Eu posso pensar por mim mesma, Tommy.

— Eu sei, Gin. Eu sei. Sinto muito. Nós dois subestimamos você por muito tempo. Desculpe-me por isso.

— Vá em frente. — Ela sentou-se, cruzando os braços.

— Eu disse a Grizz tudo o que eu lhe disse esta noite. Eu disse a ele por que eu o enganei para que me deixasse tirar a sua virgindade. Ele não gostou disso, mas, acredite ou não, ele entendeu. Grizz já tinha percebido até então, que revelar que ele era meu pai seria muito mais do que apenas um pequeno segredo. Isso teria um efeito cascata que machucaria Mimi. Descobrir que o pai dela, eu, era realmente seu meio-irmão? Eu não preciso dizer-lhe a tempestade de merda que poderia ter seguido. — Ele fechou os olhos e esfregou o ponto entre as sobrancelhas. — De qualquer forma, eu falei para ele dispensar o assassinato e pedi que ele tratasse de modo que ninguém se machucasse. Eu falei sério no domingo de manhã que o tempo de matar havia terminado. Ele poderia descobrir uma maneira de parar a

impressão do artigo sem ter que matar Leslie. Ele concordou e me disse que já tinha recuperado os sentidos e cancelado tudo.

Ginny acenou para ele e ele continuou: — Blue visitou Leslie e falou para ela que Grizz mudou de ideia e não era para publicar. Depois disso, e antes da execução de Grizz, Blue finalmente soube do detetive que tinha contratado para encontrar Jan e seus rapazes. Eles estão crescidos agora e não moram com a mãe, mas o detetive enviou fotos para Blue. Depois de ver as fotos e realmente falar com Jan, Blue visitou Grizz na prisão uma semana ou mais antes da execução.

— Blue encontrou Jan e os meninos? — perguntou Ginny.

— Sim, e algo veio à tona no último encontro de Blue com Grizz. Que irritou Grizz novamente. Foi quando Grizz quis me ver. É por isso, na verdade, que eu fui vê-lo antes de ser executado.

— Por que você teve que ir vê-lo? Por que você não pôde resolver isso por telefone?

— Eu precisava ter uma conversa com ele. Eu precisava explicar algo e tinha de ser feito pessoalmente.

— Por quê?

— Porque ele descobriu algo que me fez parecer traidor. Mesmo que isso tenha acontecido há muito tempo, anos antes da coisa gay, estava fresco na mente dele, e eu não estava com boa impressão.

— Do que você está falando? O que Grizz descobriu?

— Eu preciso falar sobre Kevin.

Capítulo 54

2000

Kevin. O filho mais novo do Blue e Jan. Ginny engoliu em seco. Ela costumava tomar conta dele e do seu irmão mais velho, Timmy, sempre que Blue e Jan tinham uma emergência.

Ginny mordeu o lábio e pressionou: — Isso é verdade? Algum teste foi feito para provar a paternidade ou qualquer coisa assim? E eu acho que é o mais importante: você acredita que Kevin é seu?

— Sim. Eu acredito. Jan tentou me dizer que ele era meu, mas eu nunca acreditei. Nunca quis, eu acho. Mas Grizz me mostrou as fotos quando eu fui vê-lo. Ele é meu, Ginny. Eu não preciso de um teste de paternidade para provar isso.

Ambos ficaram em silêncio um longo tempo.

— Leslie fez alusão ao segredo sobre você ser filho de Grizz ser colocado no artigo de domingo, quando ela ligou. Grizz morreu dois dias antes disso. O que quer que ele ia fazer para pará-la, não funcionou.

— Grizz morreu pensando que estava tudo certo. E estava. — Ele levantou a mão para impedir a próxima pergunta. — Eu sei que Leslie precisava de mais convencimento, Gin. Eu sei que cuidaram disso, e eu sei que ninguém ficou ferido. Ele só nunca contou com ela falar algo para você antes de ser parada.

Ela assentiu com a cabeça em compreensão. Ela podia ver o alívio no rosto do marido. Eles estavam fazendo algum progresso com os segredos. As traições. As coisas que agora pareciam tão facilmente explicadas por Tommy.

Muito facilmente?

Ginny sabia que ainda havia muito mais para contar. Ela podia ler a

expressão de seu marido, sabia o que ele estava pensando. Ele pensava que ela voltaria para casa com ele esta noite. Mas ela sabia que não. Ela ainda não estava pronta. Ela ainda não tinha decidido no que ela acreditava ou não.

E se ela poderia viver com isso.

Ela deu a ele um olhar firme. — Tommy, isso não mudou nada. Todos estes segredos revelados. Eu ainda preciso de tempo. Você sabe disso, certo?

Ele não sabia o que dizer. Ele pensou, por compartilhar tanto e ser verdadeiro, que ela fosse para casa. Que ela perceberia que não era tudo tão horrível como ela pensava. Mas nada estava funcionando.

Ele queria ter essa conversa na casa deles, precisava ter essa discussão em casa. Grizz tinha dado instruções explícitas sobre isso. Ele ainda não tinha chegado à parte onde Jan o culpou pela prisão de Grizz. Era apenas muita informação de uma só vez. Ele teria que colocar isso em banho-maria até que ele pudesse convencê-la a voltar para casa.

— Não, Ginny, eu não sei. — Tommy pegou suas mãos suavemente, mas ela se afastou. — Eu sei que você está absorvendo um monte de informações, querida. Mas eu não entendo por que você não pode voltar para casa para ouvi-las. Por que você precisa ficar longe de mim? Dos nossos filhos?

— Tommy não envolva as crianças nisso. Nem sequer tente. Isto não tem nada a ver com os nossos filhos, por isso nem sequer tente entrar nesse assunto. Isso é sobre o nosso casamento. Talvez eu possa explicar como estou me sentindo de uma forma que você vá entender. Uma maneira que você possa relacionar. — Ela apressou. A analogia tinha surgido para ela esta manhã, e ela gostou. — Vamos dizer que você esteja vivendo na mesma casa há anos. Não é uma casa perfeita, mas é a única que você conhece, e você a ama e aceita porque ela é sua. Mas muitos anos mais tarde, alguém bate na

porta. É um funcionário municipal, e eles acabaram de perceber que a sua casa foi construída em terreno que não é estável. Alguma coisa está errada com o terreno na qual foi construída. Você vai e pega o seu projeto original e você não vê nada de errado. Você tem um projeto legítimo com um selo de aprovação arquitetônico. Você olha de novo e vê algumas coisas que você poderia ter mudado para torná-la melhor, mas ainda é uma boa casa e você não quer acreditar que poderia estar construída em algum buraco enorme todo este tempo que poderia engoli-la inteira!

— Gin, isso não tem importância...

— Deixe-me terminar! Eu sei que não é a mesma coisa, mas pense comigo. Um funcionário da prefeitura acaba de dizer que a fundação na qual você construiu a sua casa não é segura. Você poderia ser engolido em um segundo. Então você começa a andar ao redor da sua casa e olhando mais de perto todas as coisas que você amava nela. E agora que você está olhando para ela, realmente olhando-a de perto, você vê que as paredes foram construídas utilizando produtos abaixo do padrão. Elas poderiam desmoronar a qualquer momento. Seu teto e janelas não sobreviveriam 10 minutos em uma tempestade ruim. Talvez a pintura em suas paredes contenha chumbo prejudicial.

As lágrimas começaram a encher os olhos dela, e ele fez o que ela pediu. Ele escutou. — Seu contratante traiu você, Tommy. Ele cortou todo custo, enganou-o, sabendo no que você estava realmente morando. Cada passo do caminho. Você não fica com raiva? Você não fica simplesmente furioso? Ele tentou explicar, dizendo que não tinha problema você não saber. Que foi para o seu próprio bem. — Ela riu ironicamente, uma lágrima derramou na sua bochecha, e depois outra. — Que você nunca teria recursos para ter a casa dos seus sonhos, a casa que ele tinha construído, se ele tivesse usado produtos de construção superiores. E ele não pensou em contar-lhe que

ele tinha usado materiais de baixa qualidade para construí-la. Ele te lembra que você nunca teria sido feliz em uma casa, se você estivesse preocupado que poderia cair em cima de você sem aviso prévio. Ele fez a coisa certa, não dizendo no que você estava vivendo. Ele deveria ser agradecido e aplaudido por poupá-lo de tal aflição. Mas você sabe o quê, Tommy? Ele nunca pensou em como você se sentiria quando esse sumidouro, ou devo dizer buraco fedido, começasse a engolir você.

O silêncio encheu o ar. Ele não sabia o que dizer. Ela estava certa. Tanto ele quanto Grizz eram culpados por deixá-la viver uma vida baseada em segredos. Quanto teria sido melhor se tivessem contado para ela certas coisas que tinha acontecido em vez de deixar que a engolissem agora? Ele não estava sendo justo e ele sabia disso. Ele tentou falar, mas as palavras não saíram.

— Eu só estou pedindo um tempo, Tommy, e eu acho horrível que você não esteja ao menos disposto a me dar. Depois de tudo isso. — Suas lágrimas foram embora agora, substituída por raiva fria. — Você está sendo egoísta, e eu vou ser honesta, Tommy. Neste momento, eu acho isso, esse egoísmo, um milhão de vezes mais repugnante do que o fato de que você dormiu com Jan.

Ele não teve a chance de responder. Só então, ela abriu um enorme sorriso torto, olhando para a porta de vidro que dava para a casa. — Eu não ouvi um carro encostar!

Tommy virou-se para ver o que ela estava olhando.

— Surpresa! Oi, mãe! Oi, pai! — Jason saiu para o deck e Ginny o envolveu em um grande abraço. — Tia Carter e tia Casey disseram que eu poderia ajudar a cuidar dos animais hoje à noite. Por que o seu nariz está vermelho, pai? Parece que estava sangrando. Por que o seu nariz estava sangrando?

— Eu bati-o na porta do celeiro, Jason. Nada para se preocupar. — disse Tommy rapidamente, forçando seu sorriso mais brilhante.

Carter e Casey tinham seguido Jason para o deck. Fechando silenciosamente a porta de correr atrás delas, Casey murmurou: — Desculpe-me, ele sentiu saudade dos pais.

Ginny e Tommy sabiam que ela estava certa. O pobre garoto tinha passado dois dias no Reynolds, enquanto eles estavam na prisão, e não muito depois que Ginny o buscou para voltar para casa, ela foi para a Carter. Então Tommy saiu após uma noite, substituído por Carter e Casey. Ele começaria a suspeitar de algo em breve. E só Deus sabia o que estava acontecendo dentro da cabeça de Mimi. Ginny torceu as mãos; ela não podia deixar de se preocupar com a sua filha mais velha.

Como se estivesse lendo sua mente, Carter entrou na conversa: — Mimi está na casa de alguém chamada Courtney. Espero que esteja tudo bem. Casey falou com os pais dela e eles disseram que estava tudo bem.

— Não, tudo bem. Ela está bem com eles.

Carter respondeu à pergunta não formulada. — Ela nem sequer perguntou.

Ginny assentiu. Ela supunha que deveria ser grata.

Carter pegou Jason pela mão. — Vamos lá, eu preciso de ajuda com os cavalos. — Ginny podia ver que Jason ficou muito feliz em ajudar. Carter gritou de novo por cima do ombro enquanto desciam os degraus da plataforma e iam para os estábulos. — Se eu tivesse um décimo da sua energia eu poderia terminar minhas tarefas em dez minutos.

Tommy não tinha dito nada desde que as meninas trouxeram Jason para casa. Ele olhou para Casey: — Eu sei que você acabou de chegar aqui com ele, mas eu realmente preciso de uma hora para falar com Gin. Você acha que ele vai notar se fugirmos para jantar em algum lugar?

Ginny começou a protestar, mas Casey não a ouviu. — Ele vai ficar bem. Ele vai estar lá fora com Carter durante pelo menos uma hora. Vamos mantê-lo ocupado. Vão.

Tommy olhou para a esposa. — Você quer jantar fora em algum lugar?

— Eu não sei. Não tomei banho, mas estou ficando com fome.

— Você está linda, querida. Apenas coloque algum jeans. — Ele não queria ter que lidar com outros homens olhando para as longas pernas da sua esposa. Elas estavam sexys nos shorts com suas botas de cowboy. Ele nunca quis admitir isso, mas ele tinha herdado a tendência de Grizz para ter ciúmes.

Depois de Tommy limpar-se, ele conversou calmamente com Casey enquanto Ginny colocava o jeans.

— Bateu-o na porta do celeiro? — Casey sorriu. Tommy não respondeu.

Ginny saiu do quarto na hora. — Tudo pronto.

Ele a seguiu até a porta da frente.

— Então, onde você está indo? — perguntou Casey casualmente.

Ginny sabia em seu coração que era errado, mas ela não se conteve.

— Tommy está me levando para conhecer o namorado dele, Allen.

Capítulo 55

1980

— Tem certeza que pode ir? Por que não deixa alguém ir? — Grizz perguntou a Kit enquanto estavam na pequena sala de estar do quarto número quatro.

— Estou bem. A náusea não está tão ruim como antes. — Ela disse enquanto olhava em seus olhos verdes. Eles pareciam preocupados.

— E se você passar mal enquanto estiver dirigindo? Você sabe o quê? Dê-me suas chaves. Vou levá-la.

— Grizz, você está exagerando. Eu acho que posso lidar com uma ida ao supermercado. Apenas o fato de que eu estou me sentindo como se pudesse cozinhar novamente deve significar que o pior já passou. — Ela se encolheu quando pensou em como o cheiro de qualquer tipo de carne cozinhando a fazia querer esvaziar o estômago. Mas ela não vomitava há três dias. Isso era algo. Talvez o enjoo matinal - ou neste caso, o enjoo durante o dia todo - finalmente tivesse acabado.

Ela colocou os braços ao redor da cintura dele e ficou na ponta dos pés para beijá-lo na boca. — Eu amo o quanto você me ama, e eu te amo ainda mais, mas é apenas compra de supermercado. — Ela riu de si mesma. — Ei, eu fiz um verso!

Ele a puxou para mais perto e aprofundou o beijo. — Não há nenhuma maneira que você poderia me amar mais do que eu te amo, Kitten. E, se você realmente está se sentindo melhor, talvez você possa ficar aqui por um pouco mais de tempo. — disse ele em tom de provocação.

— Deixe-me ir ao supermercado e talvez eu possa recompensá-lo quando eu voltar. — Ela provocou de volta.

Ele ficou muito sério depois. Ele gentilmente pegou o rosto dela entre as mãos, esfregando a bochecha com o polegar direito. — Eu só estou brincando, você sabe. — Ele acenou com a cabeça em direção ao quarto. Sem esperar que ela respondesse, ele acrescentou: — Por mais que eu ame fazer amor com você, Kitten, não é sobre isso com você. Nunca foi.

A testa dele franziu enquanto tentava encontrar as palavras que poderiam descrever o quanto ele a amava.

Por mais que ela quisesse ouvir as palavras, ela sabia o quão difícil isso era para ele. Ela sorriu e agarrou seu pulso, lentamente virando-o para que seus lábios atingissem o interior da palma da sua mão. — Eu sei, Grizz. Eu sei.

Ele era tão superprotetor. Era apenas o supermercado. Seu coração se encheu de amor por ele enquanto agarrava sua bolsa e as chaves. Logo eles estariam se mudando para a sua nova casa. Eles teriam um bebê, e acima de tudo isso, Grizz iria sair da gangue. Ela não poderia estar mais feliz.

Ele relutantemente a deixou ir e viu quando ela saiu pela porta. Ele andou até a janela, e seus olhos a seguiram enquanto ela caminhava pela calçada do motel, desaparecendo pelo lado do escritório.

Foi então que ele percebeu um carro. Chowder estava falando com a pessoa atrás do volante. Ele apertou os olhos para ver se conseguia reconhecer o motorista. Ele observou Chowder dar um passo para trás ao lado do motorista do carro e apontar para a rodovia. O motorista devia estar perdido. Não seria a primeira vez que um viajante desavisado tinha acidentalmente parado no motel.

Enquanto o carro fez o seu caminho para contornar o poço e começou a passar na frente do seu quarto, Grizz afastou-se da janela para que ele não pudesse ser visto. Mas não antes dele reconhecer o motorista.

O que Matthew Rockman estava fazendo no motel?

Imediatamente, Grizz foi ao telefone e discou um número. — Eu tenho alguém que eu preciso que você verifique.

Menos de uma semana depois, Grizz entrava no estacionamento coberto de um edifício abandonado em uma seção mais velha de Hollywood. Parece que foi algum tipo de fábrica em dias melhores. Seu contato tinha executado uma verificação sobre Matthew Rockman, em seguida, marcado este encontro para ele.

Dois minutos depois, um carro de luxo parou próximo a ele. O homem saiu do carro e deslizou para o lado do passageiro do carro de Grizz.

— O que você precisa, Grizz? — O homem, Carey Lewis, estava vestido em um terno de alta costura. Ele cheirava a confiança, colônia cara e talvez, um pouco de arrogância. Grizz era a única pessoa que ele encontraria neste tipo de circunstância. Ele não era um tipo de cara que agia clandestinamente, mas Grizz era diferente. Ele exigia uma atenção especial e pagava bem por isso. Carey tinha três ex-esposas, cinco filhos e uma namorada de vinte e dois anos de idade. Ele ficava muito feliz em cooperar.

Grizz lhe entregou um envelope. — Há um garoto saindo da faculdade de direito em breve.

— Você precisa que eu dê um emprego para ele?

— Não. — disse Grizz lentamente. — Não um emprego. Eu preciso que você fique perto dele, no entanto. Ainda é muito cedo para dizer com certeza, mas eu poderia precisar de você.

— Qual é o nome dele e o que você precisa que eu faça? — perguntou Carey.

— Seu nome é Matthew Rockman.

— Tudo bem, claro, Matthew Rockman. Sabe mais detalhes? Que tipo de lei ele está estudando, alguma coisa assim?

— Está tudo aí. — Grizz assentiu com a cabeça em direção ao

envelope agora descansando no colo de Carey.

— Está bem, o que mais? O que você precisa que eu faça?

Grizz olhou duro para Carey. — Você precisa ganhar a confiança dele. — ele fez uma pausa. — E quando tiver certeza de que ele confia em você cegamente...

Carey esperou. — Sim, o quê?

— Você precisa ter certeza de que ele pense que você me odeia tanto quanto ele.

Após a reunião com Carey, Grizz dirigiu até o The Red Crab. Ele entrou e foi para o seu escritório. Chicky o viu com o canto do olho e fez-lhe sinal de que ela precisava falar com ele. Ele mudou de direção e começou a andar em direção a ela. Ele gostava de Chicky. Ela era uma das poucas mulheres com quem ele tinha dormido e que realmente ele poderia considerar como uma amiga de verdade.

Lembrou-se de como Chicky, que costumava ser chamada de Rhonda, já havia tentado anos antes amarrá-lo em algum tipo de relacionamento. Ele nunca se importou que ela oferecesse seu corpo. Era quando ela tentava torná-lo em algo mais que ela costumava irritá-lo. Ficou aliviado quando ela ficou a fim de outra pessoa. Ele até sorriu quando se lembrou de como Chicky tinha eventualmente passado o bastão para Willow e o quão forte Willow competiu pelo seu amor. Como é que aquela prostituta achou que ele poderia ao menos gostar dela, quanto mais amar?

Em seguida, seu sorriso desapareceu quando ele lembrou outra coisa. A noite que Monster tinha trazido Kit para o motel. Como Willow tinha se lançado sobre ela. E, mais tarde, o envolvimento de Willow no estupro da

Kit. Ele deveria ter quebrado a porra do pescoço dela naquela primeira noite.

Chicky interrompeu seus pensamentos. — Ei, Grizz. Ouça, apenas queria que você soubesse que Guido está procurando por você. Ele passou por aqui mais cedo e disse que estava bipando e chamando você por todos os lugares que ele podia pensar.

Grizz tirou o pager do seu cinto e olhou para ele. — Não tem nem um bip de Guido.

Bem no momento que ele disse isso, o pager tocou, exibindo um número digital com 911 ao lado dele. Urgente. Ele se dirigiu para seu escritório e ligou para o telefone.

— Sou eu.

— Já era hora, chefe. Eu venho tentando ter notícias suas por horas!

— O pager chegou apenas agora. O que é tão importante, porra?

— Há algo que você precisa saber. A mãe dela, mãe da sua esposa...

— O que tem a mãe de Kit?

— Eu acho que ela está procurando por ela. — Guido respirou. — Na verdade, eu acho que ela está procurando por você.

Capítulo 56

2000

Ginny lançou olhares de soslaio para o marido enquanto eles iam jantar.

— Então como é que eu nunca ouvi falar ou conheci essa suposta ‘boa amizade’ de vocês? — ela perguntou, mais do que um pouco arrogante. Ela se recusava a deixar-se sentir mal sobre o comentário que ela fez para Casey sobre Allen.

Sem olhar para ela, Tommy murmurou: — Ele tinha HIV e estava enfraquecido por causa do seu sistema imunológico. Ele morreu de pneumonia.

Ela sentiu vergonha no mesmo instante. Ela olhou para seu colo. — Eu... eu sinto muito, Tommy. Eu não sabia e você nunca falou dele. — Ela olhou para ele. — Mas por quê, Tommy? Por que você nunca me disse que tinha um amigo querido que acabou morrendo? Você deve ter ficado de luto. Como você pôde não mencionar uma vez sequer?

— Eu não sei, Gin. Eu acho que eu não queria que o nosso tempo, a nossa nova vida, fosse cercada de tristeza, morte e perda. Eu tive o suficiente pela primeira parte da minha vida. — Ele deu de ombros. — Eu superei.

Sua mente ainda estava se recuperando de todas as histórias dele, que ela percebeu que vinham desde 1969. Ele parecia notavelmente estável para alguém que tinha visto tanto, por tanto tempo. Ela tinha suas próprias razões para estar chateada, mas ele teve que ser aquele que viveu, dia após dia. Ele sabia sobre a infância real do Grizz. Sabia o que Grizz realmente fez com Darryl e Willow. Até testemunhado algumas delas. Ele tinha finalmente descoberto que Grizz foi o assassino da sua própria mãe, Candy. E - ela não

podia esquecer - ele fez até papel de gay só para estar com ela e em seguida, sofreu uma surra que o colocou no hospital por semanas. E agora ele estava dizendo a ela que tinha perdido um amigo próximo e querido e que ela nunca tinha conhecido.

Ou ele era o homem mais carinhoso e generoso do mundo, ela decidiu, ou ele era louco de pedra.

Ela estremeceu e olhou para fora da janela. Ele estava certo quando disse que ela enfiou a cabeça na areia por anos. Era o seu mecanismo de enfrentamento. Ela fez o papel de esposa ingênua para dois homens. Ela não era estúpida, e ela estava começando a ficar com raiva de si por deixar-se acreditar que ela era. Ela nunca viu isso como evitar verdades. Ela realmente era o tipo de pessoa sem extremos, tentava durante tanto tempo quanto conseguia lembrar de manter-se positiva e otimista, independentemente do que a vida jogava em cima dela.

Mas com este novo conhecimento, surgiu uma nova percepção de que isso foi tudo que ela sempre fez: pegava e lidava com o que a vida jogava para ela.

Ela até se permitiu ser vítima de um rapto, forçando-se a acreditar que estava protegendo Vince e Delia ao não fugir. Claro, ela poderia orgulhosamente esconder-se nos fundos para fazer o melhor do que a vida jogasse para ela, mas ela secretamente se repreendeu por não ter pensando em jogar algo de volta.

Eles não falaram enquanto estavam no tráfego. Ela se perguntava o que Tommy estava pensando. Ele estava se lembrando do seu amigo, Allen? Ele estava pensando sobre o que ele ia jantar? Ele estava se perguntando se seu casamento estava acabado? Era isso que ela estava pensando.

Quanto da personalidade de Tommy era realmente parecida com a do Grizz? Ela piscou - seu marido, era filho do seu primeiro marido. Soava

estranho de qualquer maneira que você encarasse isso. Mas havia alguma coisa nele, que ao menos remotamente, dava a dica?

Ela permitiu-se derivar de volta há um tempo quando ela era casada com Grizz, mas passando algum tempo com Grunt. Eles estavam dirigindo para algum lugar, ela não conseguia se lembrar de onde, mas lembrou-se do que veio a seguir, como se fosse ontem.

— Grizz disse que nos encontraria no Razor's. — Grunt falou para ela no carro.

— Razor's? — ela torceu o nariz. — Nós não podemos encontrá-lo em outro lugar? Eu odeio ir para os bares dele. As mulheres ficam todas de topless e isso me deixa desconfortável. Para não mencionar os clientes. Eles são todos criminosos.

— Ele tem negócios lá, Kit, e é simplesmente mais fácil para ele encontrar com a gente lá. Eu não tenho tempo para levá-la por todo o caminho até em casa. Além disso, ainda é cedo, então eu não acho que haverá um monte de gente lá. E mais, eu acho que Vanderline estará trabalhando.

Kit sorriu. Ela gostava de Vanderline. Ela era uma das poucas mulheres que trabalhavam para Grizz que Kit realmente admirava. Ela era quase da mesma idade da Kit e apenas trabalhava no bar de topless para pagar sua faculdade. Ela deixava muito claro com os clientes que ela não era uma garota de programa e ela não serviria qualquer coisa que não estivesse no cardápio. Ela tinha uma atitude absurdamente forte, e os clientes a amavam.

Eles pararam no Razor's e Kit ficou contente de ver que havia apenas algumas motos no estacionamento. Grunt estava certo. Não estava cheio. Ela não viu o carro de Grizz ou uma das suas motos. Talvez ele tivesse estacionado nos fundos do bar. Ela não tinha certeza do que ele estaria dirigindo, mas ela esperava que ele chegasse lá em breve. Com esperança, ele

estaria com seu carro. Ela não estava com seu capacete.

Depois que seus olhos se ajustaram no interior, eles encontraram um assento perto da jukebox. Tinham alguns caras jogando sinuca do outro lado do bar. Vanderline, nua da cintura para cima, foi até eles.

Kit e Grunt levantaram quando ela se aproximou.

— Ei, vocês dois, quanto tempo sem nos vermos. — disse Vanderline enquanto abraçava os dois. Ela sorriu quando notou que Kit estava corando.

— Ei, Vee. Estamos apenas à espera de Grizz. — Grunt disse a ela. — Ele disse que tem negócios aqui e que era mais fácil para nos encontrar e pegar a Kit.

— Sim, ele avisou alguns minutos antes de vocês entrarem. Disse que ele atrasaria, mas que tinha algo no escritório dos fundos, ele queria que você desse uma olhada. Vocês dois estão com fome? Eu sei que é um pouco cedo, mas eu tenho certeza que nós podemos preparar algo, se quiserem.

— Eu não estou com fome, mas eu vou tomar um chá gelado. — Grunt disse, então se virou para Kit e fez um gesto em direção ao escritório. — Eu volto em alguns minutos. Deixe-me ver o que ele quer que eu olhe.

Kit disse a Vanderline: — Eu vou querer um chá gelado também e...

— Muito gelo e limão. Eu me lembro. — Vanderline sorriu calorosamente para Kit antes de se virar e ir para o bar.

Kit assistiu a garçonne caminhar em direção ao bar e se lembrou de quando ela tinha visto Vanderline pela primeira vez. Grizz tinha trazido Kit até o Razor's para pegar alguma coisa. Ela se sentou no canto e observou as garçones em ação. Vanderline chamou sua atenção porque ela era a única garota negra. Mais tarde, ela perguntou ao Grizz sobre ela. Ele contou para ela sobre Vanderline, que os frequentadores a chamavam de senhorita Vee, mas que tinha a idade de Kit. Ela era exótica, com boa aparência e um corpo que os homens não conseguiam tirar os olhos. Com grandes seios fartos e um

traseiro para combinar, ela ostentava tatuagens em ambos os pulsos e uma pequena logo acima do seio esquerdo. Vanderline era de ascendência mista. Quando perguntada, ela declarava com orgulho que tinha um pai negro e mãe espanhola. Ela havia perdido ambos os pais quando ela era muito jovem. Sua mãe morreu de câncer. E seu pai, que nunca tinha usado drogas em toda a sua vida, passou a consumir para aliviar seu sofrimento. Ele morreu de uma overdose menos de seis meses depois. Vanderline tinha sido passada de parente para parente até que ela finalmente caiu fora e ficou por conta própria aos dezesseis anos.

Kit tinha insistido em uma apresentação após Grizz dizer a ela que Vanderline estava trabalhando para entrar na faculdade e se recusava a ganhar o seu dinheiro como prostituta. Elas logo se deram bem, e Vanderline impressionou a Kit, tanto que Kit começou a assediar Grizz sobre dar um aumento para a menina.

— Ela traz um monte de frequentadores regulares. Se eu der um aumento para ela, então ela termina a faculdade e sai de lá. — disse Grizz a Kit depois que ela mencionou isso da primeira vez.

Kit apenas olhou para ele. — Você me perguntou o que eu queria de Natal. Eu quero Vanderline ganhando mais dinheiro. Um pouco mais de dinheiro.

— Kitten, você está me matando.

Mas Kit sabia que Vanderline conseguiria seu aumento, e não demoraria muito para que ela conseguisse se aposentar do Razor's.

Kit sorriu ao lembrar de quando ela procurou sua bolsa por algum troco. O que Grunt tinha recentemente dito a ela? Que Vanderline se graduaria em alguns meses? Kit aproximou-se da jukebox e estava estudando as seleções de músicas quando a porta se abriu. Ela olhou para trás para ver se era Grizz. Não, eram apenas dois homens. Ela voltou a olhar as seleções da

jukebox. *Hmmm, sem Boston ou ELO.* Ela falaria com Grizz sobre isso.

Ela ouviu os novos clientes se acomodarem em uma mesa perto dela. Ela colocou uma moeda e fez sua primeira seleção. Nada. Estava quebrado? Ela ouviu Vanderline entregar os dois drinques na mesa atrás dela, em seguida, abordou os homens.

— O que eu posso pegar para vocês? — perguntou ela.

— O que você tem na torneira de chope?

— Dane-se isso. — disse o outro cara. — Eu vou querer algo com açúcar mascavo, querida. Eu ouvi que este bar era bom para pegar algo. Não sabia que eles tinham uma versão de chocolate.

Kit podia ouvi-los, mas não ia se virar. Ela fez uma careta, mas ficou relaxada, quando ouviu a resposta de Vanderline.

— A única coisa marrom que você vai conseguir é o meu punho na sua garganta, se você não tirar a mão minha bunda agora.

— Ei, ei, não quis dizer nada com isso! Desculpa!

— O que posso trazer-lhe? — Vanderline teve que lidar com situações como esta antes. Ela não ficava perturbada de jeito nenhum.

— O que você tenha de bom na torneira.

Kit ouviu Vanderline sair, e com o canto do olho a observou aproximar do bar.

— Bem, bem, bem, o que temos aqui? — um dos caras perguntou. — Ei, coisa doce. Por que você está vestindo uma camisa? Muito boa para nos mostrar seus peitos?

Kit endureceu. Eles estavam se referindo a ela? Ela se virou e encontrou o olhar deles. Pareciam motociclistas. O maior deles sorriu para ela. Ela percebeu que estava faltando seus dois dentes da frente. Ele estava acostumado a brigar. O menor tinha um cigarro pendurado na boca. Seu cabelo estava puxado para trás em um rabo de cavalo gorduroso, e seu boné

de beisebol era tão sujo que não dava para ver o logotipo.

Ela ignorou e voltou sua atenção para a jukebox teimosa. Ela pressionou K13. “Hush” de Deep Purple. Nada.

— O que é, princesa? — disse o maior para Kit. — Você é muito boa para nós ou algo assim?

Vanderline tinha acabado de voltar com as cervejas deles. — Se você sabe o que é bom para você, você vai deixá-la em paz. Ela não trabalha aqui. — Vanderline informou quando colocou as bebidas na frente deles. — Posso servi-los em algo mais?

— Que tal algo para comer? Tem algum pretzels ou algo assim? perguntou o cara maior. Antes que Vanderline pudesse responder, ele acrescentou. — Ei, Princesa, meu amigo estava falando com você.

— Vocês dois não devem ser daqui. — Vanderline levantou a voz. — Eu vou dizer outra vez. Se você sabe o que é bom para você, você vai calar a boca. Eu disse que ela não é funcionária daqui. Portanto recuem, porra!

— Qual o problema, puta, ciumenta por que seguimos em frente? Você perdeu sua chance, querida. Vamos garota, deixe-nos ver alguns peitos.

Quase como se fosse um sinal, eles se levantaram ao mesmo tempo, com suas cadeiras raspando o chão áspero. Eles começaram a caminhar na direção da Kit. Ela virou e viu-os se aproximando. Isso não está acontecendo! O que ela vai fazer?

Ela recuou contra a jukebox e olhou para Vanderline. Mas os olhos de Vanderline estavam grudados em algo sobre o ombro de Kit, um olhar surpreso em sua face. Antes que Kit pudesse piscar, Grunt acertou ambos.

Ela sabia que seu queixo caiu quando ela viu como ele lidou facilmente com os dois homens. Em algum lugar entre o escritório e a jukebox, Grunt tinha conseguido agarrar um taco de sinuca. Ele bateu sobre a cabeça do maior, antes que alguém o visse chegando. Em seguida, ele voltou

sua atenção para o menor.

— Vá e entre no carro, Kit. — Ele gritou por cima do ombro quando o maior começou a se aproximar dele. O taco de sinuca o deixou atordoado, mas não o derrubou como Grunt esperava.

Vanderline agarrou Kit pelo braço e começou a conduzi-la em direção à porta da frente. — Faça o que ele diz, querida. Vou chamar a polícia. Pode ir.

Mais tarde, Vanderline preencheu Kit sobre os detalhes. De alguma forma, ela tinha deixado de lado os detalhes, enfiou-os em um lugar pequeno com todas as outras lembranças ruins que ela não queria se lembrar.

Mas lembrou-se agora - da expressão no rosto de Vanderline quando ela contou tudo.

Grunt tinha levado algumas pancadas naquele dia, mas ele parecia bem quando terminou. Poucos minutos depois, os dois homens estavam no chão. Grunt tinha se dirigido para o bar enquanto pegava o telefone e Vanderline observava.

— Eileen, é Michael. Eu preciso de você para reprogramar minhas reuniões. Atrase-as por cerca de duas horas. — Ele fez uma pausa. — Sim, vejo você então. Obrigado.

Ele desligou o telefone e se dirigiu a Vanderline. — Fale para o Grizz que eu decidi levar Kit para casa. Chame a polícia e veja se eles limpam isso antes dele chegar aqui.

— Vou fazer isso. — disse Vanderline quando Grunt se dirigia para a porta da frente.

Ela caminhou até o cara maior e chutou a cara dele. — Isso é pelo comentário de puta. — Então ela caminhou até o menor que estava olhando para ela e gemendo. Ela pisou em seus órgãos genitais duramente. — E isso é por dizer coisas desagradáveis para minha menina, Kit.

— Que coisas desagradáveis? — Veio uma voz por trás.

Vanderline se virou para ver Grizz parado lá. Ele veio da porta dos fundos logo após Grunt sair pela da frente. O que ela diria para ele? Grunt queria que ela chamasse a polícia.

Mas ela não teve que dizer nada. O menor dos dois homens estava encolhido em posição fetal. Ele tinha vomitado no chão e ainda estava gemendo por causa do pontapé na sua virilha. O maior dos dois havia se recuperado do chute de Vanderline e agora estava tentando se sentar. Ele examinou Grizz rapidamente, assumindo que tinha um aliado.

— Ei cara, talvez você possa ajudar a uns parceiros de moto. Aquele estúpido fodido que acabou de sair e sua rainha do gelo frígida, acham que eles são melhores do que nós. Quer nos ajudar a terminar o que começamos? Alguma ajuda de um grande filho da puta como você pode ser útil.

Vanderline realmente bufou. Terminar o que começaram? Foram os dois contra Grunt. Eles não podiam lutar para sair de um saco de papel. Grunt tinha literalmente limpado o chão com os estúpidos. Eles estavam pedindo a Grizz para ajudá-los a terminar o trabalho? Eles deviam calar a boca quando ela lhes disse para fazer.

Ela respirou fundo e soltou o longo suspiro. Ela sabia que ia testemunhar algo que não seria capaz de apagar da sua memória. Os idiotas estúpidos não perceberam que tinham acabado de assinar as suas próprias sentenças de morte.

Vanderline saiu rapidamente para o carro, no caminho pegou uma bandeja para cobrir o peito, pois ainda estava nua. Um carro buzinou uma vez que ela andava. Vanderline deu-lhes o dedo.

— A polícia está a caminho. — Vanderline disse para Kit, olhando para a janela do carro e dando-lhe um sorriso tranquilizador. Ela estava fazendo isso para o benefício de Kit e Grunt sabia disso, mesmo que Kit não.

Agora, Ginny balançou a cabeça com a lembrança. Ela tinha visto como Tommy tinha tratado aqueles dois homens anos atrás. Ele tinha agido como um fodão. Como Grizz.

O que ela não se permitiria recordar era a expressão que ela tinha visto nos olhos de Tommy no meio daquela briga.

Eles eram frios, gelados. E totalmente, completamente sem emoção.

Capítulo 57

1980

— Venha para o The Red Crab. Agora. — Grizz disse a Guido e desligou sem esperar por uma resposta.

Vinte minutos depois, Guido encontrou Grizz em seu escritório. Ele estava sentado na mesa velha da Mavis e bebendo uma cerveja. Guido entrou e fechou a porta atrás de si.

— Conte-me tudo. — disse Grizz.

— Não tem muito para contar. — Guido começou, empoleirando-se em uma das pequenas cadeiras colocadas diante da mesa. — Eu comecei a notar pequenas coisas há alguns meses.

— Que pequenas coisas?

— Eu costumava ficar chateado porque os idiotas não fechavam corretamente o lixo, e quando ia colocá-los para fora, todas as latas de cerveja e garrafas de bebidas alcoólicas transbordavam para minha calçada.

— Então você deduziu que os pais de Kit estavam procurando-me por causa de uma disputa de lixo? — Grizz bufou.

— Não. Não há mais nenhuma lata ou garrafa. O que eu estou tentando dizer é que eles estão sóbrios. Vejo-os saindo todo domingo de manhã, bem vestidos. Eu acho que eles estão indo à igreja. Ontem à noite, quarta-feira, havia carros estacionados na casa. Algum tipo de reunião. Notei quando eles entraram e que pareciam um bando de radicais da Bíblia.

Grizz não disse nada. Ele estava pensando.

— Mas a razão que eu precisava falar com você é porque a mãe dela, Delia, me viu sentado na varanda esta manhã. Ela, porra, veio diretamente para falar comigo, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Ela me

perguntou se eu lembrava da filha dela.

— O que você disse a ela? — Grizz se sentou na cadeira agora, com o corpo rígido.

— Eu agi casualmente. Disse-lhe que sim, que ela fugiu a alguns anos atrás, certo? Eu lhe disse que não me lembrava de muita coisa sobre a garota. Em seguida, sua mãe perguntou-me outra coisa. Perguntou-me se eu lembrava de ter visto alguma vez um homem grande, assustador e tatuado rondando a casa dela quando eles não estavam lá. — Guido fez uma pausa e franziu a testa. — Eu acho que ela estava me perguntando sobre você.

Grizz estava ansioso durante sua viagem de volta para o motel. Era uma emoção que ele não estava acostumado e ele não tinha certeza se gostava. Ele não sabia por que, mas ele sentia uma necessidade desesperada de manter Kit em seus braços. Sentir o cheiro dela, inalar o cheiro dela. Respirá-la. Kit. Sua esposa e amor verdadeiro. Seu único amor. Ele nunca tinha pensado em um milhão de anos que poderia realmente se apaixonar. Mas Kit fez alguma coisa com ele. Ele não podia explicar. Era como se ela o tivesse derretido de dentro para fora. Ela era a única mulher que ele fez amor. A única mulher que já dormiu em seus braços. E a única que sempre dormiria.

Ele sorriu quando se lembrou de como Kit ficou feliz quando ele contou para ela que deixaria suas atividades criminosas. Ele honestamente não sabia se realmente conseguiria ficar longe desta vida, mas que iria tentar. Por ela. Especialmente com o bebê chegando. Ele não usava drogas ou bebia muito, mas ele não precisava. Em certo sentido, Kit era seu vício. Ele nunca conseguia o suficiente dela.

Uma buzina soou, tirando-o dos seus pensamentos. O sinal tinha ficado verde. Ele pensou em sair do seu carro e atirar na cara da pessoa que estava buzinando atrás dele. Quando ele olhou pelo espelho retrovisor, ele viu

que era apenas um garoto. Ele poderia aprender uma lição. Mas Grizz estava muito agitado para chegar em casa para Kit. Ele esperou até que o sinal ficasse amarelo. Vários carros tinham começado a buzinar. Uma fração de segundo antes dele ficar vermelho, ele acelerou seu Corvette e atravessou o semáforo, deixando a longa fila de carros atrás dele parada.

Aquele garoto não sabia como era sortudo.

Um minuto depois, viu luzes piscando em seu espelho retrovisor. Ele parou rapidamente em um posto de gasolina. O carro da polícia parou atrás dele. Grizz pegou sua carteira e já tinha abaixado a janela antes do policial aproximar-se dele.

— Posso ver sua licença e registro, senhor? — perguntou o jovem policial.

Grizz entregou tudo a ele. — Você deve ser novo.

Ele permitiu que sua mente vagasse enquanto o policial voltou para seu carro para checá-lo. Tantos laços do passado apareceram recentemente. Matthew Rockman apareceu no motel há uma semana. Delia e Vince estavam sóbrios e procurando Kit. Coincidência?

Grizz tinha observado do número quatro na semana passada, então ele sabia que Kit tinha seguido Matthew na State Road 84, após Matthew pedir a Chowder as direções. Grizz correu para fora assim que eles tinham saído para a estrada. Ele ordenou dois caras no poço a segui-los e reportar para ele imediatamente.

Menos de uma hora depois, os dois rapazes retornaram e relataram que Kit tinha ido ao supermercado e o outro cara tinha dirigido para o norte, na direção da universidade. Não tinha havido qualquer interação entre um ou outro veículo. Kit aparentemente tinha ficado atrás do outro cara, até que ela parou no Flamingo Road. Ela nunca passou por ele ou ao menos parou ao lado dele. Não houve nenhum contato.

Ele teria que pensar sobre isso, dar-lhe uma consideração cuidadosa. Se a mãe estava de fato bisbilhotando e fazendo perguntas, poderia interferir na vida que ele tinha feito para si com Kit. Aquela freira intrometida não chegou a lugar nenhum na época que ele levou Kit e ela finalmente desistiu. Mas, com o renovado sentido de sobriedade da Delia, quem adivinharia o tipo de problema que ela poderia causar? Ele manteria alguém de olho na Delia para se certificar de que ela não entrasse em contato com a polícia. E se ela o fizesse, ele sabia com quem falar no interior, para se certificar de que não fosse a qualquer lugar.

Enquanto isso, ele teria que pensar e criar um plano. E por enquanto, ele ficaria feliz em ir para casa, para sua bela e doce esposa. Ela lhe disse recentemente que o enjoo matinal tinha ido embora. Ela estava se sentindo melhor. Ele iria para casa e faria amor com ela até que ela gritasse de prazer.

Sim, ele estava apaixonado por uma gritadora. Ele sorriu com pensamento.

O policial o afastou dos seus pensamentos. — Desculpe ter incomodado você, senhor. — Ele quase chiou enquanto entregava a Grizz sua licença e registro. A mão do policial estava tremendo tanto que ele quase os deixou cair.

Grizz pegou da sua mão e deu um suspiro de desgosto. Ele mudou a posição da marcha e saiu em disparada. Ele não teve que olhar no espelho retrovisor para saber que ele tinha coberto o novato com uma tempestade de pedras e cascalho solto.

Capítulo 58

2000

Ginny e Tommy tinham terminado rápido o seu jantar e estavam se preparando para voltar para a casa da Carter. Eles se acomodaram em um pequeno restaurante escondido em uma galeria comercial. Era o mesmo lugar onde Grizz roubou a calota da roda anos atrás. Eles estavam indo em direção ao carro deles quando Ginny disse: — Tommy, você pode esperar por mim no carro? Eu usei a última aspirina da Carter e quero repor.

Antes que Tommy pudesse responder, eles ouviram alguém dizer: — Essas botas de cowboy que você está usando são muito legais, jovem senhora. Minha esposa tinha um par de botas de cowboy como essas. Conheci-a no Texas. Ela era uma coisa séria. Uma vaqueira de verdade.

Os dois se viraram para ver quem estava falando com eles. Era um homem velho. Ele estava sentado em um banco entre a entrada do pequeno centro comercial, que tinham acabado de sair, e o supermercado. Ele tinha uma bengala inclinada no banco e um tanque de oxigênio ao lado dele. Ele era velho. Eles sorriram para ele.

— Faça companhia para ele. — disse Tommy para Ginny. — Vou pegar a aspirina.

Ginny sorriu para o marido quando ele se dirigiu para a loja. Ela se acomodou no banco e escutou enquanto seu novo amigo a levava a um passeio pela terra das lembranças. Eles estavam desfrutando do seu bate-papo quando um carro esporte sofisticado apareceu. Ele estacionou em uma vaga para deficientes bem na frente deles. Um cara enérgico em seus trinta anos saiu e se dirigiu para as portas da galeria. Ginny reconheceu-o como o proprietário do salão de cabeleireiro algumas lojas abaixo do pequeno

restaurante onde tinham acabado de jantar. Ginny tinha realmente ido ao seu salão de beleza uma vez anos atrás. Era muito esnobe para ela. E tinha rumores sobre o proprietário ser um mulherengo e usuário de drogas. Seu nome era Jonathan Joyner.

— Jovem. — Seu companheiro idoso disse educadamente para ele. — Você realmente devia deixar aquela vaga para as pessoas que realmente precisam dela.

Jonathan Joyner parou em seu caminho e olhou para os dois.

— Sim, e você devia ir se foder. — Disse ele. Então ele sorriu para o idoso, não um sorriso caloroso ou algo do tipo, mas um sorriso que dizia: E aí, o que você acha disso?

Ginny não se conteve. Ela estava de pé em dois segundos. — Você não tem que ser tão mau ou rude, camarada. Ele não foi desagradável com você. Ele estava apenas apontando o óbvio. Você não precisa de uma vaga para deficiente. Talvez você deva guardá-la para alguém que precise dela e ser grato que você não.

Tommy tinha acabado de sair do supermercado. Ele viu Ginny se levantar e estava perto o suficiente para ouvir o que ela disse.

— Quem é você? — Jonathan zombou. — A puta dele? Bem, foda-se, também, e seu papaizinho...

Ele nunca terminou o resto. Tommy colocou-o no chão antes que ele pudesse terminar o que estava dizendo. Uma mulher que tinha seguido Tommy para fora da loja olhou para o outro lado, indo rapidamente para o carro dela. O velho, porém, só assistiu e sorriu.

— Owwww, você está quebrando meu braço! — Jonathan gritou.

— Peça desculpas para a senhora.

— Sinto muito. Sinto muito! Oh meu Deus, você vai arrancar o meu braço!

Ginny falou: — Ele não precisa pedir desculpas para mim. Ele precisa se desculpar com este cavalheiro agradável aqui. Ele foi terrivelmente desagradável com ele. — disse ela, apontando para o velho.

— Não quebre meu braço, cara. Por favor, não. Eu preciso usar as minhas mãos para ganhar a vida. Eu não posso trabalhar com um braço quebrado. Eu vou falar ao velho que sinto muito. Apenas me solte. Por favor.

Tommy soltou o braço de Jonathan Joyner e se levantou. Jonathan estava agora de quatro. Ele olhou para o velho e disse com um sorriso de escárnio: — Desculpe.

— Eu não acho que você falou sério. — disse Tommy. Antes que Jonathan pudesse responder, Tommy pisou tão forte quanto pôde com o salto da sua bota esmagando a mão de Jonathan. Jonathan gritou de dor e puxou a mão para seu peito enquanto caiu para o lado. Ele curvou-se, soluçando, com os joelhos contra o peito.

Tommy abaixou-se para pegar a sacolinha da farmácia que ele, descuidadamente, tinha posto de lado. Ele pegou o braço de Ginny e começou a caminhar em direção a seu carro.

Ela olhou de volta para o velho quando saíam. Ele ainda estava sorrindo.

— Não se preocupe, mocinha. Eu não vi coisa alguma. Não, não vi nada.

Capítulo 59

1980

Grizz não teve que pensar muito sobre um plano para lidar com a mãe de Kit, Delia, e sua sobriedade recém-descoberta para procurar sua filha. Era óbvio que ela estava se sentindo culpada por um monte de coisas do passado e queria acertar as coisas com a criança que ela tinha esquecido durante toda sua vida.

Menos de uma semana depois, ele respondeu um pager do Guido.

— Puxa, chefe. Você, com certeza, trabalha rápido. — disse Guido para ele quando ligou.

— Do que você está falando?

— Os pais dela. Eu não sei como você os tirou de cena, mas foi brilhante. Ninguém nunca suspeitaria.

— Tirou de cena? Do que você está falando?

— Não foi você? Agora que eu penso sobre isso, teria que ser um plano perfeito, e eu não consigo ver como você realmente pôde arrumar alguém para fazer aquilo.

— Do que diabos você está falando, Guido? — Grizz rugiu.

— Os pais dela. Os pais da sua esposa. Eles estão mortos. Morreram em uma colisão frontal no fim de semana. Eu nem fiquei sabendo, mas alguns vizinhos bateram na minha porta e disseram que ouviram falar e queriam saber se eu conhecia qualquer parente próximo para entrar em contato.

Grizz ficou momentaneamente sem palavras. A pessoa que estava observando a Delia não havia relatado isso. Ele não a via há alguns dias e tinha dito a Grizz, que achava que poderiam ter saído da cidade ou algo assim.

Grizz ainda estava organizando um plano para se livrar deles, mas não tinha decidido ainda. Ele ainda estava trabalhando nos detalhes com o seu contato. Agora, parecia que ele não teria que fazer nada. As forças da natureza interviram e manipularam o problema para ele. Caramba.

Então ele pensou em algo.

— Guido, eu preciso que você faça uma coisa, e eu preciso que você faça imediatamente.

Guido ouviu enquanto Grizz falou para ele o que fazer.

No dia seguinte, Guido estava esperando por Grizz no escritório do The Red Crab. Grizz entrou, fechou a porta atrás dele.

Grizz olhou ao redor do escritório. — Onde está o material? No seu carro? — ele perguntou quando se sentou atrás da mesa.

— Não, está aqui mesmo. — Guido levantou um livro encadernado de couro na mão direita.

Grizz não tinha certeza de como se livraria de Delia e Vince. Ele sabia que não os teria matado. Ele nunca poderia fazer isso com Kit. Mesmo que ela nunca descobrisse, ele não achava que poderia olhar nos olhos dela. Mas ele estava planejando encontrar uma maneira de convencê-los a não procurarem mais por ela. O acidente de carro mudou tudo. E ele percebeu que não queria que nada que pertenceu a Kit viesse ao conhecimento de quaisquer autoridades que estariam naquela casa. Ele não queria um lembrete de que Delia tinha uma filha desaparecida há cinco anos. Resumindo, ele não queria que ninguém começasse a procurá-la novamente. Ele não tinha certeza do que iria acontecer, mas ele tinha que ter certeza do que não iria.

— Quanto tempo você ficou lá dentro?

— Quase três horas. — disse Guido sério. — Eu verifiquei tudo e em todos os lugares. O sótão, as paredes, os colchões. — Ele fez uma pausa. — Eu também tive a certeza de que ninguém notasse a minha procura. Você

sabe que eu sei como lidar com esse tipo de coisa sem chamar atenção, certo?

— Sim. — Foi tudo que Grizz disse.

— Isso é tudo o que estava lá. — Ele entregou o livro sobre a mesa para Grizz.

Era uma Bíblia. Grizz abriu e viu a inscrição na primeira página. O nome Guinevere Love Lemon foi escrito obviamente por uma criança. A letra de Kit.

— Você passou por toda a porra da casa e isso é tudo que você achou dela?

— É isso aí. Não havia uma foto emoldurada, um bicho de pelúcia, um boletim ou um desenho. Nada. Minha ex-esposa costumava manter todos os desenhos do seu pequeno na geladeira. Eles estavam por toda a nossa casa. É como se Kit nunca tivesse existido. Seu antigo quarto foi transformado em um escritório ou algo assim. Não tem sequer uma cama nele. Acho que quando ela saiu, eles realmente limparam as coisas dela. Você se lembra quando comprei a guitarra dela naquela venda de garagem, um monte de coisas dela estava lá fora com eles. Isso foi o quê? Cinco anos atrás? Imagino que Delia apenas se livrou de tudo. — Guido deu de ombros. — Bem, com exceção de algumas coisas. Há algumas de lembranças na parte de trás do livro.

Ele acenou para a Bíblia, que agora estava em cima da mesa do Grizz.

Grizz folheou as páginas e tirou o que estava preso entre elas. Ele olhou para a foto e ficou rígido. Era uma foto de Kit quando ela era jovem. Ele olhou na parte de trás. Não foi datada, mas ele sabia que era da época que ela não estava sendo alimentada corretamente. Ele podia dizer pelo vazio em suas bochechas. Seus grandes olhos castanhos olharam para ele. Ela tinha olheiras abaixo deles.

Esta foi a única foto que Delia manteve da sua filha?

Grizz, em seguida, olhou para o outro item escondido com a foto. Eram vários pedaços de papel, algumas folhas de caderno, algumas cópias impressas, dobradas ao meio e presas com um clipe de papel pequeno. Desdobrou-os e leu a nota escrita a próprio punho. Eram três páginas longas e manuscritas em uma folha de caderno. Ele passou o primeiro par de parágrafos, em seguida, deixou os papéis de lado. Em seguida, ele voltou sua atenção para os quatro pedaços de papel presos com um clipe de papel. Algo em uma das páginas chamou sua atenção. Ele apertou os olhos em concentração, as sobrancelhas franzidas.

— A nota explica isso. — disse Guido. — Você tem que ler a coisa toda, no entanto. — Guido fez uma careta. Merda. Talvez não tenha sido uma boa ideia contar para o Grizz que ele leu.

Grizz releu a nota manuscrita. Finalmente, ele murmurou: — Isto é lindo. Isto é bonito pra caralho.

A carta e os documentos com certeza explicavam algumas coisas. Também conectavam com o que Steven Marcus lhe tinha dito há tantos anos. Marcus, o babaca que abusava do filho. O menino, que Kit costumava tomar conta. Marcus foi honesto com o que ele tinha contra a Delia, mas ele não mencionou isso. Talvez ele nunca tenha olhado isso porque não era tão grande quanto o verdadeiro segredo de Delia. Ou ele nunca descobriu porque a nota explicava que Delia tinha recebido isso recentemente.

Grizz dobrou os pedaços de papel de novo e enfiou-os, juntamente com a foto, de volta na Bíblia. Entregou tudo de volta para Guido, e disse: — Guarde isso por mim. Mantenha em um lugar seguro.

Em seguida, ele se recostou na cadeira e riu. — Delia. — Ele disse em voz alta. — Merdinha esperta. — Então ele riu ainda mais.

Capítulo 60

2000

Ginny observou Tommy silenciosamente enquanto voltavam para Carter.

— Não fale, Ginny. O idiota mereceu.

Ela não disse nada. Não sabia o que dizer. Ela tinha visto Tommy com raiva antes. Ela sabia que ele tinha pregado um homem adulto em uma cerca quando tinha dezesseis anos. Ela tinha visto ele derrubar dois homens no Razor's. Mas ela poderia dizer honestamente que nunca tinha visto ele mostrar qualquer tipo de violência a ninguém, nem uma vez, desde que ela tinha se casado com ele. Por que ele se comportou tão duramente com Joyner? Por que a decisão de última hora de esmagar a mão do homem? Foi a raiva que havia sido reprimida durante anos e a tensão dos últimos dias que o fez explodir?

Ela não sabia o que pensar, mas ela sabia que uma coisa era certa. Se não fosse óbvio antes, era óbvio agora que ele era filho do seu pai.

Eles tinham conversado durante o jantar. Ela ainda estava curiosa sobre sua conversa com Grizz antes da execução. Ela sabia que estava pedindo-lhe para repetir-se, mas era importante para ela saber se Grizz morreu pacificamente. Sem qualquer raiva reprimida em seu coração.

Eles chegaram à Carter e descobriram que Jason ainda estava fora ajudando-a com os animais.

— Ele nem sequer sabe que você saiu. — disse Casey. Ela deu a Ginny um olhar questionador. Ela estava curiosa sobre a última declaração de Ginny antes de sair para o jantar.

— Eu vou falar sobre isso mais tarde. — disse Ginny, atirando sua

bolsa sobre o balcão. — É uma longa história.

— Vou ver se eles estão com fome. — Casey saiu, deixando-os sozinhos.

— Então você não vai voltar para casa comigo e Jason hoje à noite. — disse Tommy calmamente.

Era uma afirmação, não uma pergunta. Ela não lhe respondeu.

— Ginny, por favor, querida. — Ele se virou para ela. — Eu sei que você não pode voltar para casa esta noite. Talvez você não vá voltar para casa esta semana. Mas eu preciso saber se o nosso casamento está bem. Que este é apenas um tempo que você precisa para si, para absorver tudo isso. Por favor, Gin... você não está preocupada com nosso casamento, certo? Temos um casamento sólido, certo?

Ela apenas o olhou sem dizer nada.

— Quando você chegar em casa, vou contar o resto. — Prometeu. — E eu acho que nós deveríamos considerar uma mudança. Podemos até sair da Flórida. Começar em algum lugar novo. Que tal a Carolina?

— O resto? — Ginny lançou-lhe um olhar. — E agora você vai nos mudar? Tommy, não podemos simplesmente pegar as crianças e sair. E a escola? E o seu trabalho?

— Temos o suficiente guardado para viver confortavelmente até eu conseguir um novo emprego. As crianças vão ficar bem. Eles vão fazer novos amigos em novas escolas. Ginny, vamos vender esta casa também. Vamos nos livrar de tudo e começar de novo. Por Favor.

Eles foram interrompidos por Jason e as mulheres que entraram pela porta dos fundos. Jason saiu para a sala onde eles estavam.

— Tia Casey vai me fazer um queijo grelhado. — disse Jason, correndo para sua mãe e abraçando-a firmemente em torno da sua cintura. — Você vai vir para casa esta noite, certo mamãe? — Ele olhou para ela, depois

para seu pai. — Vocês vão voltar para casa, certo?

Tommy olhou para Ginny com uma expressão de súplica.

Ginny bagunçou o cabelo do seu filho. — Eu acho que não, querido. Casey tem que voltar ao seu trabalho e Bill ainda vai estar fora. Com certeza minha ajuda será útil para Carter.

Jason estava começando a protestar quando Casey gritou: — Jason! Venha me ajudar com o seu queijo grelhado!

Com um encolher de ombros, ele fechou a boca e se dirigiu para a cozinha.

Mas Tommy não parou com a adulação sobre ela voltar para casa. Finalmente ela se encheu.

— Não! — ela gritou tão alto que Tommy lançou um olhar rápido em direção à cozinha. Ninguém veio; eles devem ter ido para fora para comer. — Pare de me pedir, Tommy. Você percebe que eu não tomei uma decisão por mim em vinte e cinco anos, que fosse diferente da contabilidade dos clientes que assumi ou o que fazer para o jantar ou onde vamos sair de férias este ano? Pare de me atormentar. Eu vou voltar para casa quando eu estiver bem e pronta.

Ele estava tão chocado com sua explosão, o que era raro, que ele realmente deu um passo para trás e apenas olhou para ela.

Mas ela não terminou. — Eu nunca fiz uma escolha significativa ou importante para mim. Nunca. Eu não escolhi estar com Grizz. Ele me escolheu. — Ela cuspiu as palavras. — E eu nem sei o que dizer sobre a noite em que eu perdi minha virgindade.

Ela falou a última frase em um sussurro abafado, enquanto olhava em direção ao pátio, então de volta para Tommy. — Sim, eu consegui ir para a faculdade, mas eu sempre senti que era nos termos do Grizz, não nos meus. Precisou de muito convencimento. Eu não podia ir dançar a menos que Axel

me levasse. Eu não podia fazer nada por mim mesma. E então, mesmo depois que ele foi preso, ele disse-me para casar com você. Ele me coagiu. Ele me disse que se eu realmente o amasse, eu faria isso. Não me interprete mal, era a coisa certa. Pelo menos eu costumava pensar que era. Agora eu não tenho tanta certeza. Mas, novamente, não foi a minha escolha.

Ela sabia que suas palavras machucavam. Ela não se importava.

Ele sabia que ela estava certa. Havia sempre alguém, ele ou Grizz, influenciando-a. Mesmo naquele dia que ele a convenceu a voltar para Grizz depois de encontrá-la na igreja, envolveu manipulação da parte dele. Ele sentiu uma pontada rápida de culpa.

— Se você realmente quer salvar nosso casamento, eu estou te dizendo, agora, você precisa me dar espaço. — Seu tom era mais suave agora e ela estava olhando para ele com aqueles grandes olhos castanhos de corça. — Você acabou de me presentear com uma lista de histórias loucas demais para acreditar. Para não mencionar o conhecimento que eu fui enganada uma e outra vez por praticamente toda a minha vida. E eu devo acreditar em você sobre qualquer uma delas? Honestamente, eu quero, mas eu só não sei, Tommy. Você me entende?

Ele só conseguiu assentir com a cabeça.

Ela começou a informá-lo de algumas rotinas domésticas. Informou-o do que ela sabia que estava no cronograma da Mimi e Jason. Ela ficou feliz que ele tivesse tirado a semana de folga. Isso a ajudaria organizar seus pensamentos livre da culpa por se hospedar na Carter.

Ela pensou em alguma coisa, então, mas não tinha certeza se deveria mencionar. A curiosidade a venceu.

— O diário da Moe. Você o leu?

— Um pouco.

— Qualquer coisa que eu precise saber? — Ela perguntou. — Eu

deveria lê-lo?

— Honestamente, Gin, eu não sei se você deve lê-lo. Eu não sei que bem vai te fazer. Até agora, não tem nada muito ruim, eu acho. Não é exatamente agradável, mas ei. Assim é a vida. — Ele deu um pequeno sorriso. — Ela continua falando com alguém chamado Elizabeth.

— O quê?

— Elizabeth. Não sei. Todos os registros, todos começam iguais. ‘Querida Elizabeth’.

— Nós ao menos sabíamos o nome da mãe ou das irmãs?

Antes que Tommy pudesse responder, a voz de Jason veio de trás deles. — Igual ao cavalo!

Ginny e Tommy viraram.

— O quê? — Ginny perguntou para ele. — O cavalo?

— Elizabeth! — disse Jason, balançando a cabeça agora. — Esse é o nome do cavalo marrom do desenho que está no seu quarto. O cavalo tem uma pequena fita nele, quando ele ganhou um prêmio ou algo assim. A fita diz Elizabeth. Se você olhar bem de perto, você consegue ver.

Capítulo 61

2000

Sozinho em casa, Tommy sentou-se na cama que dividia com Ginny. Fazia pouco mais de uma semana que ela tinha ido para Carter. Ela não tinha voltado para casa ainda. Talvez ela nunca voltaria.

Ele não podia dizer que a culpava, especialmente depois de todas as coisas que ele contou para ela. Eles tinham conversado um pouco mais pelo telefone, mas ele ainda não tinha dito tudo a ela. Ginny ainda não sabia que Jan o acusou de armar para o Grizz todos aqueles anos atrás. Mas ele queria contar para ela pessoalmente. Ele precisava avaliar sua reação. Não era verdade e ele precisava se certificar que ela acreditava nele.

Tommy soltou um longo suspiro e pegou o diário que estava na sua mesa de cabeceira. Segurando-o, ele estudou o desenho exibido com orgulho em cima do jogo de xadrez de Mavis na alcova no canto do quarto deles. Era o desenho que Moe tinha dado a Ginny naquela primeira Ação de Graças, quando implorou para ela ir ao Blue. Ginny tinha guardado todos estes anos, tinha até emoldurado.

Na Carter, ambos ficaram chocados ao ouvir Jason deixar escapar que Elizabeth era o cavalo no desenho da Moe. Fazia sentido; Jason amava essa imagem. Ele costumava olhar para ela quando era mais jovem. Claro que ele iria perceber a pequena fita que eles ignoraram por anos.

Tommy bufou para si. A ironia era que eles tentaram viver suas vidas como se nunca tivesse havido uma gangue, e aqui eles tinham um maldito santuário montado no quarto deles. Ele balançou a cabeça e tomou um gole de cerveja que tinha levado com ele. Ele se sentou contra a cabeceira da cama e abriu o diário.

O Diário de Moe, 1978

Querida Elizabeth,

Não era para acontecer assim. Ela não deveria ter se machucado. Eu juro que não era para ela se ferir. Wendy jurou-me que quando eu desse o sinal de que o local estava limpo, alguém viria, sequestraria e a levaria para a delegacia. Eles descobririam de onde ela veio, e Grizz provavelmente iria para a prisão por sequestro. Eu queria que ele tivesse o troco por causa do que fez comigo. Só isso. Eu não queria que aquele homem fizesse aquilo com ela. Ela não merecia isso!

Eu acho que Wendy deve ter planejado o tempo todo para o cara torturá-la. Quando eu fui ao quarto dela na manhã seguinte para pegar a comida de cachorro, eu não tinha nenhuma ideia de que ela estaria lá. Ela deveria ter ido embora. Mas foi horrível, Elizabeth. Eu pensei que ela estivesse morta! Então, quando Damien encontrou Gwinny, eu quis morrer.

Eu não posso acreditar que o cara fez aquilo com a Kit e, em seguida, matou Gwinny também. Eu não queria que nada disso acontecesse, Elizabeth. Eu juro que não era para acontecer assim. Wendy me disse que Grizz receberia o que ele merecia. Ele deveria ir para a cadeia e ela para casa. Wendy disse que seria olho por olho.

Tommy quase cuspiu sua cerveja quando leu a passagem. — De jeito nenhum. De maneira nenhuma. Não acredito nisso.

Como ele não viu isso, então? Ele esteve tão absorto em Ginny por

tantos anos que tinha perdido o óbvio? Ele passou a mão pelo cabelo. Chicky deve ter percebido isso também. É por isso que ela não queria que Grizz soubesse sobre o diário. Chicky estava preocupada com alguém. Quem?

A percepção afundou lentamente.

Ele conhecia Wendy, a pessoa responsável por armar o ataque de Ginny todos esses anos atrás. Ele sabia exatamente quem ela era. Ele jogou sua cerveja na parede, o barulho dos estilhaços e a efervescência foram um alívio bem-vindo. Elizabeth e sua fita despercebida caíram sobre a pequena mesa que estava embaixo dela, espalhando as peças de xadrez da Mavis por todos os lugares.

Capítulo 62

2000

A mulher olhou para o relógio enquanto jogava algumas coisas de última hora na sua pasta. Ela tinha uma reunião importante esta manhã e não podia se atrasar. O dia foi perfeitamente planejado. Como uma máquina bem lubrificada, ela meticulosamente organizava cada minuto do dia. Sua agenda estava aberta no balcão da cozinha. Ela levou um minuto para olhar para ela enquanto tomava seu café. Compromissos de trabalho estavam escritos em preto. Compromissos familiares, em vermelho. Jogo de futebol, apresentações de balé, pegar ternos do marido na tinturaria. Não, ela tiraria isso da lista. Sua secretária poderia pegar a roupa.

Depois de atualizar sua lista, ela fechou a agenda diária e jogou-a na sua pasta. Ela colocou a xícara de café na máquina de lavar, acrescentou um pouco de sabão no recipiente e pressionou iniciar. Ela foi até a geladeira e pegou a panela elétrica, colocando-a cuidadosamente no aquecedor em cima do balcão e ligou. Pronto. O jantar estará pronto às seis e eu posso ir à apresentação de balé da Cheryl com tempo de sobra. Ela olhou sua cozinha minuciosamente. Tudo limpo. A babá estaria aqui quando as crianças saíssem do ônibus do acampamento de verão. Sua mais velha foi passar uma semana no Arizona com um amigo de escola que tinha se mudado para lá durante o verão. Os dois mais jovens conheciam as tarefas que precisavam fazer quando chegassem em casa. Tudo o que faltava era voltar para o quarto e colocar seus sapatos.

Ela sorriu quando foi até lá. Estava feliz e contente. Seus filhos eram saudáveis, inteligentes e talentosos. Stan era um grande marido e pai. Ele era um cirurgião altamente respeitado e procurado, que tinha recebido ofertas de

emprego de todo o mundo. Claro, ela nunca lhe permitiria aceitar um trabalho longe do Sul da Flórida. Ela trabalhou muito duro para deixar sua cidade natal exatamente como ela queria. Limpa do mal e da corrupção que conhecia desde que era uma criança.

Ela sentia um enorme orgulho com as ofertas de trabalho que Stan estava recebendo, mas ela estava em casa e sempre estaria. Ela era uma enfermeira com registro e muito boa. Ela tinha certeza que foi assim que ela chamou a atenção de Stan. Depois que ela ficou esgotada com os aspectos emocionais e físicos de cuidar dos pacientes, Stan sugeriu que ela entrasse na administração. Ela estava lá desde então. Com o salário e sucesso de Stan, ela não precisaria trabalhar, mas ela queria.

Ela olhou ao redor da sua casa bonita e organizada e teve de concordar que tinha sido a escolha certa de carreira. Ela administrava sua casa e seu escritório com precisão quase perfeita.

Pegando os sapatos e a pasta da cozinha, ela estava se preparando para passar pela porta que dava para a garagem quando a campainha tocou.

Quem poderia ser? Eram oito e meia da manhã. Provavelmente era a Sra. Kravitz, ela pensou. Sim, havia uma Sra. Kravitz de verdade que morava no seu bairro. Assim como a vizinha intrometida que tinha no antigo seriado na televisão dos anos sessenta. Eles tinham um novo carteiro que ocasionalmente trocava os endereços deles. Sra. Kravitz não era realmente intrometida; ela era apenas solitária e sempre usava a desculpa para devolver a correspondência pessoalmente, em vez de apenas enfiar na caixa de correio. Ela abriu a porta da frente.

— Oi. — Foi tudo que ele disse.

— Oi. — Ela respondeu, um pouco atordoada. Ele nunca apenas aparecia sem ligar. Algo estava errado? A família dele estava bem? A família dela estava bem?

— Eu preciso falar com você.

— Não agora, Tommy. Isso vai ter que esperar. Eu tenho uma reunião na primeira hora.

— Não posso esperar.

— O quê? O que há de errado? — ele estava agindo muito sério o que estava começando a enervá-la.

— Muita coisa está errada.

Antes que ela pudesse perguntar o que ele quis dizer com isso, Tommy continuou.

— Você tem algumas coisas para me contar sobre... — Ele fez uma pausa antes de acrescentar: — Wendy.

Capítulo 63

2000, Norte Florida

Uma semana antes da execução de Grizz

Grizz endureceu quando se preparou para falar as palavras: — Grunt não é o meu irmão mais novo. — Uma longa pausa, então: — Ele é meu filho.

Blue olhou para Grizz e recostou-se na cadeira, balançando a cabeça lentamente.

— Eu deveria ter visto isso. — Ele disse a Grizz.

— Não, você não devia. Eu fiz tudo que podia para convencer você e ele desde o início que era qualquer coisa, menos isso. Eu deveria ter lhe contado na época, mas não achei que isso importasse.

— Isso importa? Eu quero dizer, agora que Jan me disse ao telefone que ele armou para você, importa que ele seja seu filho?

— Não. Não importa. — Grizz respondeu a Blue. — Além disso, nós dois sabemos que ela está mentindo.

— Está? Eu tenho que te dizer Grizz, não há dúvida de que Kevin é filho dele. Eu sei que você já fez as pazes com ele desde que Leslie contou sobre o cassete, mas ele não está bem na fita. Pelo menos aos meus olhos. Eu vi isso na sua cara agora mesmo também. Você pensou nisso novamente e está te incomodando. Você está querendo saber se ele foi sincero sobre o que lhe disse. Parece que cada vez que pensamos que sabemos alguma coisa, outra bomba do Grunt é detonada.

— Deixe Grunt comigo. Por que sua ex louca decidiu envolvê-lo, é algo que você pode descobrir quando for vê-la. Talvez ela lhe diga. Talvez

não. De qualquer maneira, não se esqueça de falar para ela que você acredita nela e que quer se vingar dele também. Se ela achar que você acredita nela, só vai nos ajudar mais.

Blue balançou a cabeça em compreensão. — Por que você nunca me disse para encontrá-la?

— Eu não precisei. Eu sabia que você nunca pararia de procurar pelos seus meninos. Quando você encontrou Froggy alguns meses atrás, sabia que não demoraria muito até que você encontrasse a Jan também. Pena que o merda não está mais entre os vivos para receber o que merecia, mas ainda preciso dela para finalizar. Você tem um problema com isso?

— Porra, não. Ela vai ter o que merece. — Blue ficou quieto, em seguida, olhou para Grizz. — Você está programado para morrer na próxima semana. E se eu a encontrasse depois disso?

— Eu tinha algo para você dizendo-lhe como você terminaria isso. Tudo está escrito e teria sido entregue a você depois que eu morresse. Eu confiaria em você para fazer isso acontecer como tinha planejado. Eu sabia que você nunca iria parar de procurar pelos seus filhos, e uma vez que você os encontrasse você lidaria com isso para mim. Eu considero um bônus tê-la encontrado antes de eu morrer. Pelo menos eu vou morrer sabendo que ela vai ter o que merece. Pena que a porra do Froggy não está mais vivo para participar da festa.

— Você está certo. Eu teria lidado com isso. Eu *vou* lidar com isso. — Blue começou a sorrir, enquanto olhava para o mata-borrão sobre a mesa do Grizz.

Em seguida, outra coisa lhe ocorreu. Ele ficou muito sério, olhando de novo para o Grizz. — Algumas merdas recentes vieram à tona sobre Grunt. O fato de que ele fodeu minha esposa fez você ter dúvidas sobre ele?

Grizz teve que pensar muito sobre isso. Ele teve uma longa conversa

com Grunt depois que Leslie contou para ele sobre o cassete. Eles haviam planejado se encontrar de novo antes da execução do Grizz. Grunt estaria aqui em poucos dias, Grizz refletiu. Ele tinha muito a dizer a Grunt e usaria a oportunidade para perguntar sobre o filho do Blue, Kevin. Ele não achava que estava errado sobre Grunt, mas percebeu que mesmo assim devia ter um plano reserva. Por mais que ele quisesse que Kit fosse bem cuidada, ele não a deixaria com Grunt se ele não fosse a pessoa que falava que era. Ele pensaria nisso um pouco mais.

Nesse meio tempo, ele sabia com certeza que não conseguiria encontrar com o Blue novamente antes da execução. Blue iria encontrar sua ex-esposa pessoalmente. Grizz não tinha certeza se seria capaz de ter uma conversa telefônica segura também. Eles precisavam finalizar o plano agora.

— Você ainda tem uma pessoa que vai estar na sala de visualização da execução? — Grizz perguntou.

— Sim, ela estará lá. — Blue respondeu. Eles tinham decidido antes que teria alguém lá para assistir, para detectar qualquer sinal de última hora do Grizz.

— Eu vou dar um sinal.

Eles discutiram os planos que Grizz tinha para lidar com Jan, expandindo-os agora para incluir Grunt. Como implicaria Grunt seria determinado após Grizz se encontrar com ele uma última vez. Se ele estivesse limpo, ele seria capaz de continuar sua vida como ela era agora. Se Grizz detectasse ao menos uma pitada de qualquer coisa que não batesse, Blue cuidaria dele. Filho ou não, ninguém fodia com Grizz. Ninguém, exceto *eles*.

Ele daria um sinal ao informante de Blue conforme combinado e Blue saberia resolver as coisas.

Grizz mudou o tema. — Você disse que Leslie precisa de mais convencimento. O que você planejou?

— Não vai acontecer até poucos dias após a sua execução. Mas definitivamente será antes que ela publique o artigo. Ela tentou ser fofa, quando a encontrei no supermercado. Acredite em mim, ela vai saber que estamos falando sério. Ela não vai publicar. Kit nunca vai saber.

— Bom. Muito bem. Eu não me importo sobre a porra do artigo. Mas não quero que Kit seja ferida por descobrir que Grunt é meu filho. Eu não deveria ter dito a Leslie, mas podemos parar isso. Kit nunca precisará saber.

— Ela não vai saber. Eu vou lidar com isso.

A conversa terminou e Blue sabia que seria dispensado. Ele pensou que esta poderia ser a última vez que poderia perguntar algo para Grizz. Algo que o tinha importunado. Realmente não era importante. Ele não tinha que saber tudo sobre Grizz, e ele obviamente não sabia. Ele ficou chocado com a admissão de que Grizz era o pai de Grunt. Ele conhecia Grizz desde que era criança e não tinha ideia. Embora, verdade seja dita, Candy não ficava muito por perto, e ninguém no The Red Crab sequer soube que estava grávida.

Mas havia algo mais que tinha despertado a curiosidade.

— Você me disse que se você tivesse morrido antes que eu tivesse encontrado Jan, você me orientaria sobre o plano, mandando uma mensagem para mim.

Grizz assentiu.

— Quem? Quem é a pessoa que você tem se comunicado todos esses anos? Você recebe e manda mensagem para uma certa pessoa, além de mim. Quem você está usando?

Grizz olhou fixamente para Blue. — Isso importa?

— Não, eu acho que isso não importa. Eu só estou curioso.

— Você vai ter que ficar curioso. Não é para sua proteção. É para a deles. Depois que eu me for, a gangue, ou o que sobrou dela, é sua. Lide com a situação de Jan e mantenha Kit longe de tudo e qualquer coisa relacionada

com a gangue. Você não terá um problema com isso. Ela nunca foi talhada para esse estilo de vida e permaneceu afastada desde que estou aqui. Apesar disso, mantenha um olho sobre as coisas, se você puder.

— Não, ela não era talhada para esse estilo de vida, não é?

Blue olhou timidamente para Grizz. Como se ele tivesse algo a dizer e não tivesse certeza de como. Grizz percebeu.

— O quê?

Sem resposta.

— Conte-me. O que é?

Blue suspirou. — Eu não sei como vai ser quando você for embora.

Grizz lhe deu um meio sorriso e inclinou a cabeça para um lado. Ele não estava surpreso.

— Blue, eu vou estar morto. Eu não dou a mínima para o que você faça. Você pode fechá-la, vendê-la para o maior lance, apenas se afastar. Faça o que quiser. — Ele fez uma pausa e ficou sério quando acrescentou: — Eu deveria ter feito isso há muito tempo. Provavelmente não estaria sentado aqui.

Ele honestamente não podia dizer se sua última declaração era verdade. Mas, acredite ou não, ele sentia por Blue. Ele sabia que Blue tinha recentemente se envolvido com uma mulher. Uma mulher que tinha virado seu mundo de cabeça para baixo e de dentro para fora. O nome dela era Dicky, e Blue tinha dito a Grizz que ele finalmente entendia a atração dele por Kit. A bondade de Kit e desprezo completo para qualquer coisa criminosa era cativante.

Dicky era uma policial. Mas Blue não conseguiu evitar. Ele se apaixonou rápido e muito pela ruiva que tinha realmente acabado de ser promovida a detetive. Ele foi levado para um interrogatório sobre uma recente detenção de droga. Ele não estava preocupado com isso; não estava

envolvido, então não tinha nada a esconder. Mas durante o interrogatório, não conseguia tirar os olhos da detetive. Ela estava no fim dos seus vinte anos ou trinta e poucos e muito atraente, de um jeito eclético. Curvas em todos os lugares certos. Um rosto bonito com olhos verdes brilhantes e inteligente que rivalizavam com os de Grizz. Cabelo curto, vermelho, que apontava para todo lado. Ele não sabia dizer se ela o arrumava dessa maneira de propósito ou se ela saía da cama e deixava assim. Ele sentiu uma agitação abaixo da cintura quando pensou nela saindo da cama. Ele gostou do que viu.

Ele estava sentado na sala de interrogatório quando ela chegou, desculpando-se com seu parceiro por estar atrasada. Ela colocou seu café na mesa. Mas ela estava segurando-o pela tampa e a tampa abriu, derramando o café em toda parte. Retornando com toalhas de papel, ela começou a limpar a bagunça de café, mas acidentalmente acotovelou seu parceiro no nariz. Ela tinha acabado de jogar fora as toalhas de papel empapadas e se dirigia para a mesa quando seu celular tocou. Ele estava preso ao seu cinto. Ela estendeu a mão um pouco rápido demais, e arrebatou-o do cinto, o celular voou da sua mão. Por pouco não acertando a cabeça de Blue, ele bateu na parede atrás dele e se espatifou no chão.

Ela era uma desastrada trapalhona. Blue estava fascinado.

— Esse é o terceiro deste mês, Dicky. — Seu parceiro disse secamente. — Eles vão começar a cobrar do seu pagamento.

Sem hesitar, ela respondeu: — Não tem problema, Charlie, eu tenho ações da empresa de telefonia celular.

— Bom, porque você vai precisar disso. Assim como você vai precisar de estoque de para-choque e das lavanderias da rua.

Ignorando os comentários do seu parceiro, Dicky se sentou e olhou Blue nos olhos. Seu olhar era inabalável. Ela não estava constrangida por seus infortúnios recentes. Ela não estava incomodada com os comentários do

seu parceiro. Ela olhou fixamente para Blue, e ele pensou que detectou um pouco de desagrado em seu olhar. Não. Ele estava errado. Ela não gostava dele. Ela absolutamente odiava. Seu pau acabou de se contorcer?

— Sou a detetive Fynder, e tenho certeza que o detetive Connor já lhe disse por que você está aqui, Sr. Dillon.

Blue começou a rir. — Finder? Seu nome é Dicky Finder? — ele nunca pensou que ele ouviria um nome mais ridículo do que o nome verdadeiro nome da Kit, Guinevere Love Lemon.

— Sim, Fynder com Y, e nós não estamos aqui para discutir o meu nome.

Blue não podia explicar. Ele nunca ficou atraído por alguém como ela antes. E ele não tinha certeza se isso era o que ele estava sentindo agora. Ele tentou se acomodar e ter uma família. O tanto de comodidade que podia. Ele nunca tentaria isso de novo. Então, ele esteve preso a mulheres fáceis que estavam apenas interessadas na mesma coisa que ele. Uma sessão de foda ocasional, sem amarras. Mulheres já tentaram prendê-lo em algo mais. Eventualmente, mesmo Pauline desistiu e foi atrás de novos horizontes.

Ele também tentou. Ele realmente pensou que ao se casar com Jan ele poderia encontrar alguma semelhança de uma vida normal, mas ele simplesmente não tem isso dentro dele. Ele era um caçador de prostituta e sempre seria um caçador de prostituta. Ele não dava a mínima para o que as mulheres queriam, o que elas pensavam, ou como se sentiam. Ele não sentia nada há um longo tempo e não pretendia.

Até agora. Algo o atraiu.

Não havia nenhum raciocínio lógico por trás da sua atração instantânea pela detetive. Mas estava lá e não podia negar. Ele sentiu uma faísca de algo novo e excitante. Sentiu um desafio pessoal. Ele queria conhecer esta mulher. Queria saber por que ela o odiava tanto. Tão louco

quanto parecia, ele achou o desprezo dela por ele atraente. *Quão fodido é isso?* Ele sorriu.

— Ahhh, Dicky. — Grizz disse agora, inclinando-se para trás na cadeira. — Então, está ficando sério?

Blue desviou o olhar. — Sim, acho que sim. Merda, eu não sei. Ela precisa de mim. Ela é tão inteligente e tudo, mas ela é uma bagunça do caralho.

— Depois de todos estes anos e todas as mulheres que perseguiram você por causa da moto e da tinta, e só agora você está descobrindo que é atraído por mulheres que não são atraídas por isso? Isso é engraçado pra caralho, Blue.

Blue apenas deu de ombros. — Dicky é diferente, Grizz. Não consigo explicar.

Grizz assentiu com conhecimento de causa. Blue não tinha feito sua lição de casa. Dicky não era uma bagunça. E Dicky não precisava do Blue, mas ela queria que ele achasse isso. Ela sabia exatamente o que estava fazendo. Ele deveria avisar Blue? Deveria contar a Blue o que ele havia descoberto sobre ela?

Não. Ele deixaria Blue descobrir por si mesmo. Não é como se sua vida estivesse em perigo, nem nada. Grizz tinha um pequeno remorso por não estar por perto para testemunhar pessoalmente, mas também sabia que seu amigo leal era capaz de lidar com isso sozinho. Blue estava apaixonado pela detetive Dicky Fynder. *Boa sorte, amigo. Você vai precisar.*

— Eu vou falar isso mais uma vez, Blue, e falo sério. É a sua vida. Faça o que quiser. Eu só estou pedindo que você cuide das últimas coisas que discutimos depois que eu partir. Você não tem que se preocupar com Kit ou Grunt. Apenas mantenha seus ouvidos atentos para se certificar que eles estão longe de qualquer coisa relacionada à gangue o máximo possível. Eu não

acho que vai ser um problema, mas me ajudaria enfrentar aquela mesa sabendo que você está lá fora.

Ele se levantou. Blue estava sendo dispensado.

Blue se levantou também, e agarrou o arquivo com as fotos da sua família. Grizz pegou da mão dele.

— Eu vou ficar com isso até ter minha última conversa cara a cara com Grunt. — disse Grizz.

Ficaram ali enquanto os segundos passaram. Nenhuma última palavra entre os amigos. Sem abraços ou tapinhas nas costas. Blue não voltaria.

Finalmente, ele acenou com a cabeça ligeiramente para Grizz e se dirigiu para a porta, mas não antes de Grizz ver um leve brilho de lágrimas que cobriam os olhos escuros do Blue. Ele teria chorado também, mas ele fez um voto há muito tempo de nunca derramar outra lágrima. E ele não derramou.

Capítulo 64

2000, Nashville, Tennessee,

Três dias antes da execução de Grizz

Blue estudou a mulher sentada na frente dele. Ele não a tinha visto em 15 anos. Em algum nível, ele sabia que ela ainda era atraente, mas de alguma forma tinha nojo dela. Ela ainda usava o mesmo perfume. Costumava deixá-lo duro. Pelo menos no início do relacionamento deles. Agora apenas o deixava enjoado.

— Só para você saber, eu deixei um envelope para ser aberto se eu não voltar. — Ela sustentou o olhar. — Eu escrevi que ia encontrá-lo.

Ela engoliu em seco, em seguida, desviou o olhar. Ela estava com medo do Blue. Se ela nunca mais voltasse deste encontro, ela queria que alguém soubesse que ele era o responsável.

— Jan, se eu quisesse você morta, você estaria morta.

— Estou no Programa de Proteção às Testemunhas. Depois que ligou, tudo que eu tinha que fazer era digitar um número e eu teria sido imediatamente realocada. Você teria que começar a procurar tudo de novo. Mas eu não fiz isso. Eu acreditei em você e eu quero que você conheça Kevin e Timmy novamente.

— Eu sei que você discou o número. Eu sei que você pensou que seria realocada imediatamente. Proteção à Testemunha não é completamente isenta de falhas. Só levou mais tempo do que eu queria para encontrar os pontos fracos deles.

Ela se contorceu desconfortavelmente em seu assento no quarto do hotel, um tremor tomou conta. Claro. Blue tinha alguém dentro. A sacudida rápida do medo fez com que seu coração iniciasse uma corrida. Um monte de

gente tinha visto sua caminhada no lobby do hotel. Portanto haveria uma abundância de imagens de vigilância. Ela sabia que ele sabia disso também. Ela estava segura. Mas ela também não era estúpida. É por isso que ela tinha deixado a nota.

— Eu disse que eu não iria impedi-lo de ver os meninos. — Jan cruzou as mãos. — Por que você precisava me ver?

— Nós vamos chegar aos meninos mais tarde. Você se deu bem. Divorciou-se do seu marido rico. Sem filhos advindos do casamento que tivesse que cuidar. Os nossos já estão crescidos.

Ela não disse nada, apenas olhou para ele.

Ele olhou para baixo e beliscou a ponta do seu nariz. Ele tinha dirigido 13 horas diretas para ter essa conversa pessoalmente. Ele estava cansado, mas ainda focado. Um flash de um cabelo vermelho selvagem e olhos verdes apaixonados invadiram seus pensamentos.

Ele tinha um meio sorriso em seu rosto quando finalmente disse: — Diga-me mais sobre Grunt.

Blue dirigiu todo esse caminho para perguntar sobre Grunt? Jan limpou a garganta. — O que mais você quer saber?

— Para começar, há quanto tempo vocês estavam transando?

Blue não queria fazer esta pergunta, mas ele deixou escapar antes que pudesse impedir. Não era o seu principal objetivo para ter esta reunião, e verdade seja dita, ele realmente não se importava com quem sua ex-mulher tinha fodido. Ele estava mais curioso do que qualquer coisa.

Jan endureceu. Ela não podia dizer a verdade a Blue. O que ela ia dizer? Eu estava chateada que você estava transando com outras mulheres no motel, então eu droguei seu irmãozinho e algemei-o na nossa cama?

Ela se lembrou de quando o encontrou pela primeira vez, Blue estava fodendo por aí. Ela tinha suas suspeitas, porque sua vida amorosa estava se

tornando menos frequente. Foi depois que ela teve seu primeiro filho, Timmy. Ela propositalmente se tornou próxima de Willow, após Blue insistir que algumas das meninas ficassem com ela quando ela estava grávida e sem tomar sua medicação. Blue tinha o cuidado de não deixar que ela tivesse qualquer ligação com a gangue, por isso foi uma surpresa quando ele permitiu que Willow, Chicky e Moe passassem tempo com ela. Ela sabia que precisava de um amigo no motel. Alguém para mantê-la por dentro do que estava acontecendo lá.

Depois que Timmy nasceu ela ficou em contato regular com Willow. Se ela não a conhecesse bem, ela teria pensado que Willow realmente tinha algum prazer em dizer a ela que Blue estava traindo-a.

Nada disso realmente importava agora, de qualquer maneira. Sim, ela estava com raiva do Blue e sua maneira de dar o troco foi dormir com seu irmão mais novo. Ela nunca realmente fez isso para Blue descobrir. Ela tinha medo que ele matasse os dois. Ela fez isso porque podia, para dar o troco. Foi a sua única maneira de se sentir como se tivesse conseguindo algum tipo de retribuição pela infidelidade dele.

Ela lembrou como enganou Grunt a vir para a casa enquanto Blue estava no trabalho. Ela inventou alguma desculpa sobre a necessidade de Grunt ajudá-la a criar um orçamento familiar. Ela disse que Blue estava sendo duro com ela por causa dos seus gastos e ela queria surpreendê-lo com um plano financeiro. Claro, era uma mentira. Se havia uma coisa que Jan gostava de fazer, era gastar o dinheiro que entrava, como resultado da participação ativa do Blue na gangue.

Grunt ficou muito feliz em oferecer seus serviços. Ele pediu para Moe deixá-lo na casa do seu irmão e Jan disse que se certificaria que Blue o levaria de volta para o motel mais tarde após o jantar. Grunt, não suspeitou de nada na época. Ele havia endurecido um pouco por viver no motel, mas ainda

havia uma inocência nele.

Grunt deu um gole na bebida que ela lhe ofereceu, enquanto eles conversavam e ela falou no que achava que precisava de ajuda. Então lhe disse que mantinha todos os seus recibos em caixas de sapatos no armário do quarto principal. Ele se importaria em ajudá-la a trazê-los para baixo?

Quando ele acordou, ele estava grogue, nu, algemado na cabeceira da cama. Ela corou agora quando recordou que não tinha sido exatamente como ela pensava. Ela pensou que teria esse adolescente comendo na palma da sua mão. Ela precisava disso. Precisava de algum tipo de validação. Ela seria o sonho de qualquer homem.

Mas não é o que ela era para Grunt. Ele estava com raiva.

— Abra as algemas, Jan. — ele rosnou depois que recuperou a consciência.

Ela estava acariciando-o enquanto ele estava nocauteado. Não demorou muito para ele ficar plenamente excitado depois que ele acordou. Ela não conseguia entender por que ele estava bravo.

— Por que você não se permite apenas apreciar isso? — ela perguntou-lhe sedutoramente.

— Tire suas mãos de mim, caralho!

Ela olhou-o nos olhos. — Eu não acho que você quer que eu tire minhas mãos de você.

Ela acariciou sua ereção.

Grunt lutou. — Isso não está certo, Jan. Não é justo com Blue. Não é justo comigo, vamos esquecer que isso aconteceu.

Ela não podia acreditar no que estava ouvindo. Este merdinha estava dispensando-a? De jeito nenhum. Rapidamente, ela o montou. Ele não olhou para ela quando ela se abaixou suavemente sobre ele e começou a deslizar para cima e para baixo. Ela soube na hora que ganhou. Ela sentiu sua semente

enchendo-a e, lentamente, parou.

— Eu fui a sua primeira, não fui? — ela balbuciou. Ele ainda não fez contato visual.

— Tire as algemas. — Foi tudo o que disse.

Ela abaixou-se e começou a acariciar seu pescoço. Suas próximas palavras a fizeram enrijecer.

— Tire essas porras de algemas de mim agora, você é doente, cadela psicopata!

Foi quando tudo começou. Quanto mais ele a repelia, mais ela se tornava obcecada com ele. Ela não conseguia entender. Ela era uma mulher atraente e sensual. Ela estava oferecendo-se livremente. Qualquer homem teria aproveitado a oportunidade em um piscar de olhos para estar com ela.

Ela estava certa de que depois que eles tivessem relações sexuais, ele encontraria todos os tipos de desculpa para passar mais tempo com ela quando soubesse que Blue não estaria perto. Ela até fantasiou em como ela o decepcionaria facilmente.

Ela nunca esperava o olhar de repulsa que tinha visto em seus olhos. Sim, isso foi quando sua obsessão por ele começou. Ela não se lembra quanto tempo passou antes de perceber que não dava mais a mínima para o que Blue estava fazendo no motel. Ela começou a perguntar sobre Grunt a Willow. Claro, disfarçava como preocupação de irmã pelo seu bem-estar, mas ela queria saber tudo o que o preocupava. Sua recusa só fazia piorar sua fascinação.

E então ela ouviu falar sobre essa garota. Kit.

Willow não tinha percebido que estava alimentando a fixação de Jan por Grunt. — Eu não sei por que Grizz simplesmente não pode deixar Grunt ou alguém ficar com ela! — Willow, com raiva, confessou uma tarde para Jan. — Quer dizer, Grunt está

sempre olhando para ela. Um monte de caras olha para ela, mas ela é perfeita para Grunt. Eles são da mesma idade. Eu realmente não sei o que Grizz vê nela.

Jan conhecia a história. Algo sobre a menina ser apresentada como um “presente de agradecimento” a Grizz. Ela não se lembra de ter visto alguma coisa no noticiário ou nos jornais sobre uma menina desaparecida. Ela era, provavelmente, uma fugitiva. Ninguém sabia ao certo.

— Por que você não apenas chama a polícia? Talvez se eles forem ao motel, verifiquem quem ela é ou algo assim.

— Isso nunca funcionaria. — Willow bufou. — Para começar, respingaria no Grizz. Eu apareci na primeira noite que ele a pegou. Eu ia estrangulá-la. Ele saberia em um segundo que fui eu.

Isto era interessante. Jan arquivaria essas informações para mais tarde. No caso, ela teria um osso para jogar para Willow. Jan poderia ela mesma dar a dica a polícia, mas ela não queria. Se Kit fosse devolvida à sua família e Grizz preso por seu sequestro, apenas ficaria mais fácil para Grunt realmente ficar com a garota.

Jan não tinha nenhum jeito de saber naquele momento, que uma ligação para a polícia anunciando a presença da Kit no motel não passaria da pessoa que atendesse o telefone. Grizz tinha controle sobre muitas pessoas naquela época. Além disso, ela não precisava chamar a polícia. Ela tinha acabado de dar à luz a um filho de Grunt. Ele seria dela um dia. De alguma forma, de alguma maneira.

O dia que Kit passou com ela foi uma agonia. Especialmente quando ela viu como Kit preencheu o maiô que Jan lhe dera. Jan lembrou de si naquela idade. Ela era uma adolescente desengonçada, estranha e plana como uma tábua de passar. Kit tinha curvas. E ela era genuinamente doce. Inteligente. Ela ajudou com os meninos e se apaixonou por eles. Eles também

a amaram, o que só piorou. Não é de admirar que Grizz a quisesse. O tempo que passaram juntas foi pura tortura.

Era demais para Jan lidar. Ela estava pronta para explodir no final do dia. E ela explodiu. Em sua raiva, ela teve o cuidado de não mencionar que era Willow que tinha lhe dito que viu Grunt observando-a. Ela disse para Kit que Blue tinha falado isso. Mas isso realmente não importava de qualquer maneira. Ela não poderia se importar menos se colocasse Blue em problemas. Ele estava trepando com todas as garotas e tudo o que ela queria era Grunt. E ela não podia tê-lo.

Grunt evitava ir na casa dela tanto quanto possível. Ele nunca aceitou uma bebida dela novamente. Ela se perguntava se alguém já notou isso além dela. Provavelmente não. Grunt nunca estava próximo o suficiente para que fosse óbvio. Ele ignorou quando ela lhe disse que Kevin era seu filho. Ele tinha sido um excelente torturador criativo.

Se ela fosse honesta, Grunt não chegou a fazer qualquer coisa para atormentá-la. Ela tinha atormentado a si mesma. Ela nunca conseguiu aceitar a sua rejeição.

Agora, sentada na frente do Blue, ela decidiu que sim, ela estava feliz por Blue tê-la encontrado e descoberto que Kevin era filho do Grunt. Talvez ajudasse a destruir o pequeno felizes para sempre do Grunt e Kit. Jan podia ter estado no programa de Proteção às Testemunhas, mas isso não a impediu de fazer alguma investigação própria. Ela sabia que eles haviam casado antes mesmo que Grizz fosse a julgamento. Ela também sabia que Grizz estava prestes a morrer e Blue estava com raiva. Talvez ela pudesse conseguir ainda mais vingança pela negação de Grunt a Kevin.

— Ele me estuprou. — Ela desabafou. — Ele pediu para Moe deixá-lo em casa quando você não estava lá. Ele inventou alguma desculpa sobre querer ver Timmy. Claro, eu nunca suspeitei o que ele realmente tinha em

mente. Você deve se lembrar disso. Foi aquela vez que você chegou em casa e ele estava lá. Nós dissemos que estávamos tentando criar um orçamento. Você realmente não pareceu se importar.

Blue olhou para os lados. — Ele estuprou você e você ficou grávida de Kevin? Só na primeira vez?

Blue não questionou a capacidade de um adolescente estuprar uma mulher adulta. Grunt era grande para sua idade, e ele aprendeu a se defender. Ele não teria tido um problema em dominar a Jan, mas ele simplesmente não podia ver Grunt fazendo isso. Blue sabia que ela estava mentindo.

— Uma vez é tudo que precisa, Blue. — Ela respondeu, olhando para seu colo. — Eu não podia te contar porque eu não queria que você o matasse. Afinal, ele é seu irmão e eu sabia que você se importava com ele. Eu não podia arruinar isso.

Antes que Blue pudesse responder, ela rapidamente acrescentou: — Eu não sei se você já notou, mas ele ficou distante depois disso. Eu acho que ele conseguiu o que queria e foi o fim de tudo. Talvez ele se sentisse culpado toda vez que ficava perto de mim, então ele apenas ficou longe tanto quanto pôde. Eu realmente o odiei depois disso, Blue. Eu tentei não sentir isso. Tentei perdoá-lo porque ele era seu irmão, mas eu estava sempre com medo de que ele pudesse aparecer novamente quando você não estava lá. Especialmente depois que ele conseguiu sua licença e começou a dirigir.

Ela olhou para ele então. Ela o convenceu?

— Qual foi o envolvimento dele na queda do Grizz? — Ele já tinha ignorado a história de estupro. Não importava de qualquer maneira. Ele achava que já sabia a resposta para esta pergunta também, mas ele precisava deixá-la falar.

— Eu assumo a responsabilidade por toda a coisa. Sim. Eu realmente traí você, mas vamos ser honestos, Blue, não havia mais nenhum amor entre

nós. Estava acabado bem antes de terminar de verdade.

Se ela confessasse um pouco da sua própria culpa lá, Blue podia ser mais facilmente convencido.

Ele concordou e pediu para ela continuar.

— Ele veio até mim durante a batalha de custódia. — Jan suspirou. — Disse-me que estava esperando para ficar com Kit e estava cansado de esperar. Disse que talvez pudéssemos ajudar um ao outro. Só isso. Ele só começou a rolar a bola, mas deixou eu e Froggy para suportar o peso dela. Ele conseguiu o que queria, ela, e era isso.

Isso também era uma mentira, mas Jan nunca diria a Blue quem realmente tinha instigado tudo, desde os bastidores. O homem que foi até ela durante a briga pela custódia disse que poderia oferecer uma solução. A solução perfeita. Nessa época, ela já tinha superado sua obsessão por Grunt. Ele tinha superado a Kit também. Ou então ela achava. Ele sempre levava aquela vadia rica, Cindy, aos poucos encontros que ela comparecia. Ela não se importava. Ela estava namorando advogados e até mesmo um juiz pelas costas do Blue. Deixe ambos foderem quem quisessem. Ela queria ficar o mais longe possível da gangue. Ela não era material para “Senhora”. Ela era muito boa para esse grupo de degenerados baixos.

Blue apenas olhou para ela preguiçosamente conforme fez mais algumas perguntas. Ela respondeu-lhe o melhor que pôde. Houve uma pausa na conversa. O aparelho de ar condicionado chiou, quebrando o silêncio no quarto do hotel.

— Eu não sei o que realmente pode ser feito com qualquer coisa agora. — Jan deu de ombros. — Quer dizer, isso é passado, Blue. Passou anos. Grizz está para morrer dentro do quê, dois, três dias? Por que isso importa?

Blue lançou-lhe um olhar de desprezo. — Se você odiava Grunt tanto

por te estuprar, por que não o entregou quando fez isso com o resto de nós? Por que não colocou Fess na lista?

Ele estava apenas brincando com ela agora. Ele queria vê-la se contorcer.

Isso a pegou desprevenida. Ela não se lembrava de quem estava ou não na lista. A pessoa com quem esteve trabalhando disse que cuidaria de tudo. Lembrou-se de que nem Grunt nem Fess tinham sido questionados ou interrogados no início, mas ela achava que era porque eles não eram realmente criminosos como os outros. E depois que Grizz fez aquele acordo, eles foram deixados em paz, de qualquer maneira. Ela não deveria saber tudo isso. Ela havia sido levada muito antes do julgamento, mas seu contato a tinha mantido atualizada. Ele também, devia ter um infiltrado. Ele parou de entrar em contato com ela depois de Grizz ser condenado à morte. Ela não tinha ouvido falar dele desde então.

Na hora ela gaguejou. — Não é óbvio que ele não estava na lista por que ele estava trabalhando com alguém de dentro? Claro, ele teria se mantido fora da lista.

— E imediatamente levantou as nossas suspeitas? Eu vou falar, Jan. Eu sei que não foi Grunt e eu sei que não foi Fess que te ajudou ou que você deu ajuda. — Ele estalou os dedos e inclinou-se de novo no assento. Ele era tão grande, tão forte como ela se lembrava. — Quem foi?

Ela estava realmente começando a tremer agora. Ela estava assustada, sabia que estava encurralada. — Por que você não encontra o Froggy? — Ela desabafou. — Por que você não pergunta a ele?

— Eu encontrei Froggy, mas era tarde demais. Bebeu até morrer cerca de dois anos atrás. — Blue mudou de tática. — Olha, Jan, você está me dizendo que meu irmão mais novo a estuprou. Eu acredito em você. Eu sabia que ele tinha uma queda por você desde sempre. Mas eu sei que ele não

dedurou o Grizz. Eu sei que há um bastardo lá fora, que é responsável por levar os meus meninos para longe de mim. Se você me disser quem é, talvez possamos ajudar um ao outro.

As palavras pairaram entre eles. Ela olhou para ele, os olhos arregalados. Ela se perguntou se ele sabia que ela já tinha gastado o grande acordo de divórcio do seu segundo marido. Ela precisava de dinheiro e ela sabia que o homem por trás da prisão de Grizz era muito bem-sucedido. Pelo menos ele era na época. Ela sabia que Blue iria matá-lo, mas talvez eles poderiam trabalhar juntos para extorquir algum dinheiro primeiro.

— Tudo bem, eu vou contar. — Ela disse baixinho quando arriscou um olhar para o rosto dele. — Mas você tem que me ajudar também. Eu poderia usar algum...

— Sim, sim, eu sei que você está sem dinheiro. Qual o nome dele? — Blue já sabia, mas tinha que ser jogado dessa maneira.

— Eu não estou pronta para dizer-lhe. Eu não tenho certeza se confio em você completamente, Blue.

— Pode confiar em mim, mas eu entendo por que você está com medo. Você quer se agarrar a isso até que eu possa mostrar-lhe que quero fechar o negócio. Está tudo bem. Então trabalhamos juntos. Nós dois nos vingaremos de Grunt e do homem responsável por quebrar a minha família.

— Você não vai matar seu próprio irmão, não é?

— Eu não tenho que matá-lo, mas ele vai pagar. Ele vai pagar em grande estilo. Nós vamos trabalhar para que ele vá para a prisão e tenha um gosto do seu próprio remédio. Ele pode ser meu irmão, mas ele a estuprou quando você era minha esposa. Não ficará impune.

Ela sorriu levemente agora. — Então o que você precisa que eu faça?

— Eu preciso que você volte para a Flórida comigo. Talvez por apenas uma semana. Talvez um pouco mais. Podemos arrancar dinheiro

suficiente do indivíduo, supondo que ele ainda está vivo e mora lá. — Blue já sabia que o cara estava vivo e vivendo uma vida muito confortável na Flórida. — Então, nós ainda podemos elaborar um plano para Grunt.

— E se o encontrarmos e ele não for bem-sucedido? Eu só estou supondo que ele seja.

— Quem você acha que tomou conta do dinheiro de Grizz enquanto ele esteve na prisão?

Ela franziu a testa. — Se você tem o dinheiro de Grizz, por que precisamos extorquir o cara?

— Não é sobre o dinheiro para mim. Ele vai pagar por levar meus filhos para longe. Se você puder conseguir algum dinheiro antes de eu lidar com ele, então é apenas a cereja do bolo.

Ela sorriu e na verdade, lambeu os lábios ligeiramente, como um gato perseguindo um pássaro.

Então ele olhou sério para ela. — Se eu descobrir que você está mentindo sobre algo disso, eu vou matá-la.

— Eu tenho tanta razão para odiá-los quanto você, Blue. Proteção às Testemunhas não foi exatamente bom para mim. Eu tive que trabalhar como recepcionista em uma agência de publicidade. Eles não me deixaram trabalhar em um escritório de advocacia porque era muito perto do que eu costumava fazer. Se eu não tivesse conhecido Richard ou ele não tivesse sido capaz de cuidar de mim, eu não sei o que teria acontecido comigo ou com os meninos. Eu estava há uma semana de pedir o benefício da assistência. Não, a Proteção às Testemunhas não é um bom lugar para estar. Seja o que for, eu vou ajudá-lo.

Era verdade. Ela não poderia se importar menos sobre o cara que tinha a convencido de ajudá-lo a ir atrás do Grizz. Ela queria um pouco de dinheiro e ficaria feliz em deixar Blue fazer o que quisesse com o homem.

Mas Grunt era uma história diferente. Grunt a tinha rejeitado. Ele pagaria por isso. Ela escutou o plano de Blue.

Então ela abriu seu celular e fez uma chamada.

— Eu mantenho a chave escondida na pedra falsa. Apenas regue-as a cada dois dias. Talvez você possa acender uma luz à noite. Eu estou com tanta pressa que não tive tempo para planejar. — Jan esperou enquanto a pessoa do outro lado do telefone dizia algo. — Ah, você é uma joia, Connie. Obrigada. Vejo você em uma semana ou assim.

Jan fechou o telefone e olhou para Blue. — Tudo organizado. Minha vizinha vai regar minhas plantas e certificar de que pareça que estou na casa.

Blue balançou a cabeça e enfiou a mão no bolso, retirando um maço de dinheiro. Ele a convenceu a sair com ele sem ir para casa fazer as malas. A promessa de um novo guarda-roupa era muito atraente para Jan recusar. Ele sabia que ela estava à beira de perder sua casa. Em vez de conseguir um emprego quando se divorciou, ela viveu a vida de uma socialite e acreditava que conseguiria armar uma armadilha para outro marido rico antes do seu dinheiro acabar. Ela estava errada. É por isso que ela estava pulando nesta oportunidade, e Blue sabia disso.

Ele também sabia que ela não tinha tido qualquer contato com os meninos há mais de um ano. Não notariam o sumiço dela.

— Nós vamos pegar meu carro e deixar o seu aqui. Eu te coloco em um voo de volta na próxima semana. Este hotel é muito chique. Por que você não desce para a boutique que eu vi no saguão do hotel e compra algo agradável para celebrar a nossa nova parceria?

Ela realmente gritou quando pegou o dinheiro da sua mão. — Você quer vir comigo e me ajudar a escolher uma lingerie cara? Eu sei que eles têm. — Ela bateu os cílios.

Blue fez o máximo para não revirar os olhos. — Vou descer em um

segundo. Eu tenho que mijar.

Ela pegou sua bolsa e se dirigiu para o lobby. Ele sabia que ela não poderia resistir ao *verde*.

Sozinho, ele olhou ao redor do quarto. Ninguém jamais saberia que ele esteve neste quarto ou neste hotel. O cartão de crédito que ele usou para reservar o quarto era roubado. O quarto seria limpo e usado durante a próxima semana, de qualquer maneira. Ele puxou seu próprio telefone celular do bolso e discou um número.

— Está em acontecendo. Você vai precisar entrar na casa. A chave está sob uma pedra falsa. A vizinha estará de olho, por isso tome cuidado. Você precisa encontrar algum tipo de envelope ou uma nota que ela deixou dizendo que estava se encontrando comigo. Ela não possui a mente mais perspicaz, por isso, provavelmente, está na porra do balcão.

Ele fez uma pausa em seguida. — Não, as chaves não estarão dentro dela. Tenho certeza de que elas estão na sua bolsa. Apenas tire esse carro do hotel. Desmonte, jogue no lixo, eu não me importo com o que você fizer com ele. Desde que não seja rastreado até ela.

A pessoa no outro lado da linha disse outra coisa. Blue respondeu: — Eu já roubei o telefone dela. Ela nem percebeu. Vou me livrar dele.

Ele desligou seu próprio telefone, em seguida, fechou e desceu para encontrar sua ex-esposa.

Capítulo 65

1985, Washington, DC,

Federal Bureau of Investigation Headquarters

Lester Foreman jogou o arquivo na sua mesa e olhou para o agente sentado na frente dele. — Quem é esse advogado figurão que está trabalhando com ele?

— Matthew Rockman é um punk. — O agente sorriu. — Ele é jovem, esperto e acha que é invencível. A única conexão que podemos fazer é que ele foi para a mesma escola que a esposa. Só isso. Ele é um advogado de defesa, mas está trabalhando secretamente dentro do escritório da promotoria para incriminar a gangue. Especificamente, Talbot. Ele é amigo do advogado de Talbot. Parece que Lewis colocou-o sob sua asa, há alguns anos.

Foreman assentiu. — Carey Lewis. Sim, ele é mais uma pedaço de merda esperto. Ele sabe que Rockman está trabalhando com o Estado para derrubar o seu cliente que mais paga?

O agente balançou a cabeça. — Achamos que não.

Foreman não tinha certeza do que fazer com esta nova informação. Ele assumiu como diretor especial alguns anos atrás depois de Spiro se aposentar. Ele conhecia o caso em detalhes, mas sinceramente não havia muito o que fazer. Ainda assim, ele era a melhor escolha para assumir. Ele também sabia que nada do que tinham tentado no passado havia funcionado. Talbot tem escapado dessa merda há anos. Ninguém parecia ser capaz de parar suas atividades criminosas. Pior ainda, eles pareciam deixá-lo se livrar por causa da ajuda ocasional que ele dava. Supostamente, ele era um deles. Foreman sabia que tinha algo podre nesta operação em particular, mas nunca

conseguiu descobrir o quê.

Eles haviam tentado. Tentaram pra caralho ao longo dos anos. Às vezes, parecia que não havia muito acontecendo. Anos se passaram, e mesmo que eles observassem e ainda tivessem o seu homem infiltrado, não houve qualquer movimento em direção a uma resolução. Então, alguém seria promovido, uma eleição seria vencida e agitava tudo de novo.

Uma coisa que ele sabia com certeza. Talbot possuía algo. Algo que alguém com um poder imenso queria. Eles até pensaram em usar a mulher como um peão, mas Talbot era muito inteligente. Se eles se aproximassem muito dela, sabiam que ele ia estourar a tampa de algo que colocaria as famílias poderosas de joelhos. Se eles o matassem, eles sabiam que ele tinha algo organizado após a sua morte para fazer a mesma coisa.

O fato era simples, eles estavam fodidos. Eles tentaram fazer acordos ao longo dos anos. Ele nunca se movia. Era um jogo de espera. Eles até mesmo tiveram que deixar seu homem infiltrado ser desonesto para provar que ele podia ser confiável. Eles nem sequer sabiam mais se o seu homem infiltrado ainda estava com eles ou não.

Foreman sabia que o FBI teve a mesma experiência com o antecessor de Talbot, Donald “Red” Enman. Como um grande jogo de gato e rato. Um concurso de mijo sobre quem mandava mais. Red e Talbot eram considerados agentes, ainda que mantivessem suas próprias atividades criminosas para serem críveis. Mas na opinião de Foreman,

Talbot foi longe demais. Mesmo para um agente disfarçado do FBI com um tempo muito longo de serviço.

Foreman olhou duro para o seu agente. — Nós o deixamos escapar dessa merda por anos sem interferir. Eu digo para não interferirmos nisso também. Vamos ver o que Rockman pode fazer. Ele deve ter alguns amigos poderosos para assumir Talbot, sem se expor. Deixe-os fazer isso. Deixe-os

sacudir seu mundo e sua vida. Conhecendo-o, ele vai sair disso, mas vamos esperar e ver. — Ele fez uma careta. — Merda, quem sabe, talvez ele venha até nós e nós poderemos usar isso a nosso favor.

Foreman juntou os dedos. Talvez possamos até mesmo usar isso para pegar de volta o que quer que ele supostamente roubou muitos anos atrás.

Capítulo 66

2000

— Não consigo respirar! Você está me sufocando! — Ela começou a tossir e se engasgar. Depois que ela estava bem e com medo, muito medo, Tommy relaxou o aperto na sua garganta.

— Eu fiz isso por todos nós, Tommy. — Sarah Jo agarrou sua garganta e se afastou em direção à escada.

Momentos atrás, ele tinha praticamente a empurrado pela porta da frente, chutou a porta atrás deles para fechar e levantou-a contra a parede. Ele controlou sua raiva agora. Por enquanto.

— Ligue para o seu escritório e diga-lhes que você não pode ir hoje. — disse ele. Sua voz estava calma. Muito calma.

Sarah Jo estremeceu. — Olha, Tommy, eu não posso falar que estou doente. Você não tem ideia do que está acontecendo hoje. Podemos falar sobre isso amanhã ou no dia seguinte, quando quiser. — Ela tentou não demonstrar o seu medo quando endireitou sua blusa e ajustou sua roupa.

Mas sua atitude enlouqueceu o Tommy.

— Ligue agora, caralho! — ele gritou e ela literalmente saltou para trás, o medo pulsando através dela mais uma vez. Ela nunca tinha visto Tommy perder a paciência. Nunca. Ela nem sabia se podia confiar nele agora.

Ela achava que nunca tinha ficado tão assustada.

Jo buscava em sua bolsa o seu celular, os olhos ainda em Tommy. Então, de costas para ele, ela discou um número.

— Oi, sou eu. — disse ela, fingindo uma voz fraca. — Uh, escute, desculpe, mas eu vou precisar que você cancele todos os meus compromissos de hoje. Eu estava pronta para sair pela porta e tive que voltar correndo para o

banheiro. Eu não sei o que peguei, mas estou muito doente. — Houve uma pausa na conversa. — Não, eu acho que é um vírus. Eu tomei meu café da manhã e agora eu estou com uma dor de cabeça alucinante. Eu só preciso deitar um pouco. — Outra pausa. — Não, eu vou ficar bem. Acabei de desligar o telefone com o meu amigo, Tommy. Ele vai passar aqui no caminho do trabalho para deixar algo para a minha dor de cabeça. Eu não tenho nada em casa.

Ela olhou por cima do ombro para Tommy na hora e ele revirou os olhos. Ela desligou o telefone, em seguida, fez sinal para que ele se sentasse no sofá.

Ele se sentou, cruzando os braços na frente do seu peito. — Boa jogada, Jo. Mencionar que seu amigo Tommy ia passar por aqui. Imagino isso no caso de eu decidir matá-la, então a polícia vai saber atrás de quem tem que ir. Você devia escrever romances policiais para se sustentar.

— Ah, cale a boca, Tommy. Apenas cale a boca.

— Estou calando. E você vai falar.

Ela estava do outro lado da mesa de centro, de frente para ele. E contou tudo.

Dez minutos mais tarde, Tommy não podia aguentar mais. Ele estava pronto para explodir de raiva.

— Você vai ficar aí e me dizer que fez Willow mandar Darryl para estuprar, bater e quase matar a Ginny por você, eu e ela? Para ajudar, porra? Que você de alguma forma convenceu a pobre Moe a ajudá-la? Você está delirando, Jo. Você está louca pra caralho se você acha que eu vou acreditar nisso.

— Sim, Tommy, é exatamente por isso que eu fiz. Mas não era para ele machucar Ginny. — Os olhos de Jo estavam vermelhos. — Ele deveria apenas entregá-la para a polícia. Você não está me ouvindo. Eu não odiava a

Ginny. Eu amava a Ginny! Eu amava você também, Tommy. Mas Grizz? Eu odiava Grizz. — Veneno jorrava das suas palavras.

— E nunca lhe ocorreu que o ódio que Willow tinha da Ginny poderia resultar no que realmente aconteceu com ela? Você sabia que ao colocar Willow para ajudá-la, você estava arriscando a vida da Ginny, Jo. Você sabia disso muito bem.

— Não! Eu não sabia disso! Eu pensei que Willow apenas ficaria feliz em vê-la longe do Grizz. Eu não sabia que ela odiava Ginny o suficiente para arrumar alguém para quase matá-la.

— Isso é mentira, Jo! Você sabia que Willow desprezava Ginny. Não importa se aconteceu há anos. Ginny foi a razão de Grizz chutar a bunda dela. Como você pôde nem sequer suspeitar que tudo acabaria tão mal?

Ela não lhe respondeu. Seus ombros estavam tremendo agora e ela agarrou suas coxas para se controlar.

— Moe escreveu no seu diário que alguém chamado Wendy contou para ela que Grizz tinha tomado algo dela. Assim. O que Grizz tirou de você, Jo?

— Diário? — Ela parecia genuinamente perplexa. — E o que Grizz tirou de mim? Você está falando sério, Tommy? Ele levou meu pai. Ele levou meu pai educado, amoroso que nunca levantou a mão para os seus próprios filhos. Ele pagava meu pai para fazer sua contabilidade ou o que quer que o meu pai fazia para ele. Sabe quantas vezes ao longo dos anos a nossa casa foi invadida pela polícia procurando aqueles livros de contabilidade estúpidos?

Tommy não esperava isso. Ele sabia que havia um certo preço a pagar ao ser associado com Grizz, mas ele não tinha percebido que isso afetava tanto a Sarah Jo.

Mas ele se obrigou a não ceder. A invasão era nada, comparado ao que tinha acontecido com Ginny. E tudo por causa da Jo.

— Uma invasão ocasional? — Tommy bufou. — Eu sei que é difícil se você não está acostumado com isso, mas não devia ser tão ruim assim. Especialmente se eles nunca encontraram nada. Eles devem ter recuado eventualmente.

— Tudo bem, que tal o fato de que o meu pai ia para o motel barato para foder uma puta muda inútil? — ela gritou para ele. — E depois que ela morreu, outra começou a rondar! Tentando agir como se ela fosse melhor do que um pedaço de merda usado de motociclista. Tentando agir como se ela fosse a dona da nossa casa. Chicky teve a audácia de vir para a minha casa e cozinhar para o meu pai como se ela pudesse algum dia substituir a minha mãe.

Jo levantou-se então e foi até a janela. — Foi isso que Grizz tirou de mim, Tommy. — disse ela, sua voz suave agora, tão suave que ele teve que se esforçar para ouvi-la. — Ele pegou o pai que não daria a Moe ou Chicky um minuto do dia, porque ele sabia o que era estar com uma verdadeira dama. Minha mãe era uma dama de classe e por causa do Grizz meu pai se conformou em comer nas latas de lixo.

Ela estava respirando pesado agora, seu rosto transformando em um vermelho escuro aborrecido. Tommy só podia olhar com descrença. Ele nunca soube que Sarah Jo tinha tanta hostilidade para com Grizz ou o grupo. Especialmente com Chicky e Moe. Ele compreendeu sua dor. Mas ele não conseguia entender o seu ódio. Chicky e Moe podem não ter sido damas, mas elas não eram pessoas más.

Tommy levantou uma sobrancelha. — Se não fosse por Grizz, você e sua família teriam vivido no carro de vocês. Você sabe que o seu pai estava à beira da falência, certo? Ele estava prestes a perder sua casa. A doença da sua mãe o devastou financeiramente.

Seu rosto ficou ainda mais vermelho agora, se isso era possível. —

Como você se atreve! — ela gritou. — Como você ousa acusar a minha mãe de ser a razão pela qual meu pai teve que ganhar um dinheiro extra para nos alimentar e manter um teto sobre nossas cabeças, se misturando com a forma mais baixa de escória desta cidade. Minha mãe era perfeita! Ela era perfeita em todos os sentidos!

Jo estava gritando tão alto que estava perdendo a voz. Uma linha fina de sangue escorria lentamente do seu nariz. Ela usou o braço para esconder seu rosto. Tommy levantou-se e correu para a cozinha, rapidamente retornando com um pano de prato. Ele limpou o nariz dela, em seguida, aproximando-se mais a guiou de volta para o sofá.

Era óbvio para Tommy que Sarah Jo tinha alguns problemas sérios. Questões que ela manteve acumuladas por anos. Aparentemente, ele tinha acabado de testemunhar o que acontece quando você tenta fingir que um vulcão permanecerá dormente.

Ele engoliu em seco, enquanto esperava que ela recuperasse o controle das suas emoções. Ele nunca soube. Nunca sequer suspeitou que ela se ressentia do envolvimento de Fess com a gangue.

Virando-se para encará-la agora, ele perguntou: — Por que você fez o Darryl atacar a Ginny? Por que, Jo?

Seus ombros caíram. — Eu já te disse, não era para ele machucá-la, Tommy. Eu amo a Ginny. Juro sobre o túmulo da minha mãe que eu não tinha intenção de machucar ninguém. Nem em um milhão de anos eu acharia que Willow ia incitar Darryl a fazer o que ele fez. Eu realmente pensei que ela ficaria feliz em levar Ginny para a delegacia de polícia. E então Grizz ficaria em apuros, um problema real. Talvez por algum tempo. Minhas intenções não foram cheias de ódio, Tommy.

Ela sussurrou a última parte, com os olhos cheios de lágrimas agora, qualquer raiva restante foi esquecida no momento.

— Sim, elas eram, Jo. — disse ele suavemente, mas com firmeza. — Você pode não ter percebido, mas você odiou. Você odiava Moe porque seu pai se importava com ela. Você odiava Grizz. E você pode ter pensado que Grizz estava recebendo o troco ao levar Ginny para longe, mas seu ódio é muito mais profundo do que você se permite admitir.

Ficaram em silêncio por um momento, então algo ficou mais claro para ele. — Porra, Jo. Agora que lembrei, você dificultou para Ginny quando ela escolheu o nome da Mimi, por causa da Moe. Você colocou defeito no nome, dizendo que era antiquado, que o bebê ia odiá-lo quando crescesse. Era você quem odiava. Eu deveria ter percebido algo na época. Eu simplesmente confiava demais em você.

Sarah Jo ignorou o último comentário. — Ela não devia se machucar. Era para ser simples: Grizz vai para a cadeia. Ginny vai para casa. Você poderia ficar com ela então. Todo mundo teria ficado feliz. Você não vê como eu olhava os fatos?

— Eu quero ver, mas eu não consigo. Você percebe que é responsável pela tortura, estupro e quase morte da sua melhor amiga? E você é tão culpada das mortes de Moe, Willow e Darryl, como se você os tivesse matado.

Ela não respondeu, mas apenas olhou para a parede. Ele estava certo. Ela conviveu com aquela culpa por todos esses anos, mascarando o melhor que podia. Mas nunca iria embora.

— E a Chicky que você acusou de cuidar do seu pai, na verdade te salvou.

Isso chamou a atenção da Sarah Jo. Ela lançou um olhar cauteloso.

Tommy olhou para ela de um jeito firme. — Você nunca perguntou como eu descobri que foi você, Jo. Depois que Moe morreu, Chicky encontrou o diário dela e leu. E ela reconheceu algo nele que Grizz poderia

ter reconhecido também. Quando Moe escreveu sobre ser contatada por Wendy, ela escreveu que Wendy disse que seria ‘olho por olho’. Assim eu soube que era você. Ouvi você usar essa frase um milhão de vezes. Eu acho que Chicky ouviu você dizer isso também, naquelas vezes na sua casa quando ela tentou iniciar um relacionamento com seu pai. Moe não reconheceu a frase ou a sua voz, porque você nunca se permitiu ficar em qualquer lugar perto da Moe. Ela não era boa o suficiente para você ou seu pai, então você a esnobava. — Tommy esfregou os olhos. — Eu estou envergonhado por nunca ter percebido isso. Ela era uma boa pessoa, Jo. Ela passou por muita coisa. Só Deus sabe se você alguma vez disse isso perto do Grizz, mas se você falou e ele tivesse lido o diário e reconhecesse, nada na Terra poderia ter protegido você dele. E não importa se você é filha de Fess ou a suposta melhor amiga da Ginny. Grizz teria te pendurado e colocado para secar e Fess não teria sido capaz de detê-lo.

Sarah Jo engoliu em seco. — Eu era muito rude com Chicky quando ela costumava vir à nossa casa. — Disse ela em voz baixa. — Ninguém a teria culpado se ela tivesse mostrado o diário para o Grizz ou contasse o que ela tinha descoberto. Quando ela deu para você?

— Ela não deu. — Ele respondeu. — A filha dela levou na nossa casa após a execução de Grizz. Disse que esteve guardando desde a morte da Chicky há alguns anos; sua mãe disse para ela especificamente para esperar até depois que Grizz morresse para entregar para mim e Ginny.

Sarah Jo sentou-se um pouco mais ereta no sofá. — Eu acho que ela não é um anjo, então, não é? Ela poderia ter se livrado dele, mas não. Ela guardou todo esse tempo apenas para que pudesse me machucar.

— Não, Jo. — Sua voz soava cansada. Todos esses anos, ao longo da sua longa amizade, ele não tinha ideia de como era o coração da Sarah Jo. — Não para te machucar.

Assim Ginny e eu saberíamos a verdade sobre o que aconteceu naquela época. Saberíamos a verdadeira razão por trás do suicídio da Moe. Moe se matou por causa da culpa. Ela sentiu que ajudando Wendy, você, ela tinha quase causado a morte da Ginny.

— Ginny não morreu. — Protestou Jo. — Eu não sei por que Moe achou que tinha que se matar.

— Sarah Jo, quem é você? Você está ao menos se ouvindo? Talvez não tenha sido a única razão pela qual Moe se matou. Talvez ela estivesse sozinha e triste e você com certeza não ajudou merda nenhuma com isso.

— E você ajudou? Você estava tão ocupado babando na Ginny e, em seguida, morando com a Cindy, que você se esqueceu da Moe também. Admita. Ela não era nada para você. Não de verdade. Não finja que ela realmente significava alguma coisa. Moe era invisível. Pelo menos eu sou honesta sobre o que eu pensava dela. Você está se escondendo atrás de algum tipo de atitude superior, hipócrita, como se você se importasse. Sim, você se importava tanto que a deixou no motel com aquela besta quando você se mudou. Eu sabia que ele tinha ido longe demais no dia em que o vi fazer aquele pobre vagabundo comer o seu próprio vômito na minha garagem. Acredite em mim, eu estava fazendo a coisa certa quando tentei fazer com que Ginny ficasse longe dele. E eu não me importo se você contar para a Ginny. Vou dizer a ela eu mesma. Ela vai me perdoar. Ela me ama e ela vai entender. — Jo fungou. — Além disso, ela vivia com Grizz. Ela teve que perdoá-lo todos os dias da sua vida.

Quando ele falou, sua voz era dura. — Não, eu não acho que ela vai entender isso, Jo. Nunca. Você sabe a angústia mental que ela sofreu por se sentir responsável pela morte de Moe? Pelas mortes de Willow e Darryl? Ela se sentiu indiretamente responsável por tudo isso, e você vai ficar aí e dizer-me presunçosamente que minha esposa vai perdoá-la? Não. Isso não vai

acontecer. Para começar, nós estivemos no inferno desde a execução de Grizz e eu não vou jogar mais uma coisa para cima dela.

— Bem, está bem. — Jo endireitou os ombros de novo, como se ela estivesse tentando cobrir tudo - todo caos, todo drama, toda angústia - de volta em uma pequena caixa arrumada. — Estamos de acordo então, que ela não tem que saber. E nós podemos fingir que esta conversa nunca aconteceu.

Ela olhou para o relógio e começou a se levantar do sofá. — Eu ainda tenho tempo suficiente. Eu posso me trocar e ainda chegar no escritório para o meu trabalho às dez horas.

— Não. — Tommy levantou-se também. — Você não vai a lugar algum, Jo. Você vai passar a manhã no telefone com seu marido. Você vai convencer Stan a aceitar uma daquelas ofertas de emprego que recebeu de diferentes países. Eu quero que ele comece a ser entrevistado antes do final deste mês.

Uma risada áspera escapou dos lábios dela. — Você está louco se pensa que vou me mudar, Tommy. Nossa vida é aqui. E a minha carreira também.

— Jo, eu não sei o que aconteceu com você. Eu não sei onde você quebrou. Talvez tenha sido no momento que a sua mãe faleceu. Talvez tenha sido no dia em que você descobriu que seu pai estava dormindo com Moe. Talvez tenha sido no dia em que viu uma pessoa comer vômito. Eu não sei e eu não me importo. Eu só sei que não vou deixá-la ficar na mesma cidade, estado ou país e fingir ser uma verdadeira amiga para a minha esposa.

— Eu sou amiga dela de verdade, Tommy. — Ela cruzou os braços. — Sou sua também.

— Não. Eu não suporto nem olhar para você.

Isso pegou Sarah Jo de surpresa. — Tudo bem. — Ela exalou lentamente. — Eu vou desfazer a minha amizade com ela, mas isso só vai

machucá-la mais.

— É por isso que eu quero você fora do país. A amizade de vocês vai morrer lentamente. Conhecendo Gin, ela vai tentar manter contato com telefonemas e e-mails, mas você vai estar muito ocupada para retornar para ela. Apenas uma dessas coisas. As pessoas se afastam o tempo todo.

— Você não está me ouvindo, Tommy. Eu realmente amo Ginny. — A testa de Jo venceu. — Eu realmente amo você e sua família. Sinto muito, Tommy. Eu não sei como dizer o suficiente. Eu não fiz isso para machucá-la.

— Mas você a machucou, Jo. Você machucou e você vai sair das nossas vidas. — Ele falou para ela com naturalidade. — Para sempre e permanentemente.

— Ela confia em mim, Tommy. Ela me ligou para chorar no meu ombro depois que descobriu que Grizz era seu pai. Ela não ia me contar porque tinha medo que eu soubesse também, e ela não queria pensar que nós a enganamos juntos. Você sabia disso, Tommy? — ela piscou, observando o rosto dele. — Não parece que você foi muito verdadeiro sobre as coisas também.

Tommy sorriu para Sarah Jo. Um sorriso longo e lento. Mas não era um sorriso amável. De modo nenhum. Por uma questão de fato, era um sorriso que Jo nunca tinha visto antes.

— Por que você não diz sobre o que é isso realmente, Tommy? Hein? Por que você não admite a razão real para me querer fora do país? Você finalmente conseguiu o que queria. Ele está morto e você tem seu felizes para sempre com Ginny. Eu sou um lembrete da velha vida e você quer o mais longe possível. Estou certa? Porque você não pode encarar...

Antes que ela terminasse sua frase ele estava segurando seus braços com força, com tanta força que doía. Seu rosto estava tão perto que podia sentir seu hálito quente.

— Jo, você devia ser mais esperta para se meter comigo. — Sua voz era fria como gelo. — Especialmente agora que você sabe de quem é o sangue que está correndo pelas minhas veias. Leve sua bunda para fora da cidade, ou você vai se arrepender. Este é o seu primeiro e único aviso.

Ele saiu pela porta da frente sem olhar para trás.

Sarah Jo seguiu-o e parou na soleira da porta enquanto observava Tommy entrar no seu carro e se distanciar da amizade deles.

Ela observou com os olhos cerrados e em apenas um sussurro, ela disse: — Sim, eu sei de quem é o sangue que corre nas suas veias e ele se foi para sempre. Eu nunca percebi o quão, assustador, filho-da-puta arrogante você poderia ser, Tommy. Se eu soubesse disso, então eu não teria tentado ajudá-lo a ficar com ela. É comigo que você não deveria se meter. E acho que você vai ter que aprender da maneira mais difícil.

Ela o observou fechando a porta do carro. Ela tinha que se limpar para que pudesse chegar no trabalho.

Capítulo 67

2000

Ginny estava sentada em sua sala de aula da escola dominical e encarava o quadro em branco na parede. Quando o coração dela ficava pesado, ela sempre parecia encontrar-se na igreja. Eles começaram a trancar a igreja anos atrás, mas os professores da escola dominical tinham suas próprias chaves. Muitas vezes, depois de apenas se sentar na igreja, sozinha, ela fugia para subir as escadas para sua sala de aula da segunda série. Ela não sabia exatamente o que a puxava para lá; talvez ela encontrasse algo de reconfortante na inocência das crianças. Mesmo vazia, a sala parecia cheia com a presença e alegria doce deles. Ela olhou para as paredes e começou a sorrir quando viu os nomes deles pintados à mão nas imagens de anjos que tinham desenhado no domingo antes de Grizz morrer. Laney. Jonathan. Noah. Eduardo.

Ela olhou para longe, em seguida, para baixo, na sua mão esquerda. Ela moveu o anel de casamento grande para que pudesse ver o nome dele. Grizz.

Ela soube logo antes da execução que Grizz gostaria de ver se ela ainda tinha o nome dele. Ela sabia que era sua maneira de confirmar que ela ainda o amava antes de morrer. Ela queria que ele tivesse esse último consolo — e o fato de que Tommy aprovou que ela fizesse isso disse-lhe algo mais. Que, apesar de tudo, ele não era um mentiroso, enganador. Pelo menos não mais. Ele ficou nas sombras e esperou para ficar com ela durante anos. Foi dele a ideia de dar o nome do Grizz ao filho deles, porque ele sabia que isso significaria algo para ela. Exatamente como ela pediu, Tommy a tinha levado para ver Eddie após a execução. Ela não tinha removido a tatuagem. O que

ela fez foi pedir para o Eddie dar os últimos retoques nela. Uma data. A data em que Grizz tinha morrido. Era sua maneira de realmente dizer adeus a ele. Ela ficou tão orgulhosa de si por não desmaiar enquanto Eddie trabalhou nela. Lembrou-se que queimou, como uma espécie de picada de abelha. Coçou por um tempo depois disso. Ela distraidamente esfregou-a agora.

Ela respirou fundo e se permitiu pensar sobre tudo o que havia acontecido desde a morte de Grizz. Não apenas o trauma da sua execução, mas todos os segredos que vieram com ela. Então, esta manhã, Tommy tinha ligado para dizer a ela que o marido de Sarah Jo, Stan, estava sendo entrevistado para algumas ofertas de emprego que recebeu de outros países. Ela sentiu como se estivesse perdendo um pequeno pedaço de si com Sarah Jo se mudando.

Mas ela também estava começando a acreditar em novos começos. Ela olhou pela janela para o sol brilhante, o céu vívido em azul tecnicolor. O marido de Carter, Bill, voltaria para a cidade amanhã, e ela realmente não tinha qualquer desculpa para ficar mais lá. Ela sentia falta dos seus filhos. Ela sentia falta da sua casa.

Ela sentia falta do marido.

Ela pensou sobre as horas e horas de conversa que teve com Tommy. As explicações. As histórias reais. Ela provavelmente fez as mesmas perguntas de vinte maneiras diferentes, tentando fazê-lo tropeçar, tentando pegá-lo em uma mentira. Mentirosos esquecem suas mentiras e eventualmente se atrapalham. Mas toda história correspondia. Cada pergunta foi respondida da mesma forma.

Ela acreditava no seu marido? Sim, quando ela pensava sobre isso, ela acreditava. Pelo menos ela queria acreditar nele. Ele parecia estar disposto a tudo.

Mas ela poderia seguir em frente a partir daqui? Ela poderia colocar o

passado para trás e começar de novo com Tommy? Ela poderia aceitar que ele era filho do Grizz? Meio-irmão da Mimi? Ela poderia viver com isso? Essas eram as verdadeiras questões.

Ela não tinha certeza se sabia as respostas. Mas uma coisa ela sabia - não conseguiria tomar uma decisão até que ela fosse para casa. Até que ela voltasse para o seu casamento e sua casa para ver se ela poderia viver uma vida que não fosse da sua escolha, mas uma que ela tinha aprendido a gostar.

Ela amava Tommy? Sim, ela acreditava que sim. Mas ela estava começando a duvidar de si mesma e a única maneira de descobrir a verdade era estar com ele. Para ver o que ela sentia.

Ela teve um pensamento repentino e sentiu vergonha imediata. Se ela soubesse estes segredos quando Grizz ainda estava vivo, ela teria ficado com Tommy? Ou será que ela se ajustaria a uma vida de visitas regulares ao Grizz na prisão até a sua execução?

Irritação a tomou quando percebeu a resposta. Não. Ela não teria, porque Grizz não deixaria. Ela tentou dizer a ele quando ele estava na cadeia que ela teria vivido com prazer essa vida, mas ele não permitiu isso.

Mais uma vez, uma decisão que tinha sido tirada dela.

Sua raiva forneceu alguma determinação. Ela iria para casa para ver se podia ajustar as coisas com Tommy. Ela daria uma chance para ele. Ela o amava, e não apenas porque Grizz os tinha empurrado para ficar juntos, mas porque ele realmente era um homem incrível, marido e pai. Ela não gostava das mentiras, mas isso tinha sido o Tommy adolescente. Um adolescente que havia se apaixonado por ela. Ela iria para casa. Ela iria tentar.

O fato de que ela se viu querendo experimentar dava a sensação de tirar um peso.

Seu celular tocou, interrompendo sua nova revelação. — Alô?

— Ginny. — Era Tommy.

Ela sorriu quando ouviu a voz dele. Devia ser um sinal. — Tommy, eu estou tão feliz que você ligou. Eu estou na igreja. Eu... eu estou voltando para Carter agora. Vou pegar minhas coisas e voltar para casa. — Ela fez uma pausa, mas ele estava quieto. — Eu não estou dizendo que está tudo bem. Eu só estou dizendo que gostaria de tentar.

Ele não disse nada no começo. O que estava errado? Era isso que ele queria, não era? Ele tem implorado para ela voltar para casa. Por que ele não ficou animado que ela tivesse mudado de ideia?

— Eu preciso que você venha para casa agora. — Foi quando ela ouviu o tom de preocupação na sua voz. Alguma coisa estava errada. — Alguns detetives estão aqui. Eles querem conversar com a gente.

— Falar conosco? Sobre o quê?

— Aparentemente, eles acabaram de encontrar um corpo na praia. É uma mulher e ela foi assassinada. Eles dizem que é Jan. Eles estão me questionando, Ginny. Parece que eles pensam que eu poderia ter algo a ver com isso. Eu acho que armaram para mim.

— O quê? Jan, esposa do Blue? O que está acontecendo? Oh meu Deus, Tommy!

— Eu não posso explicar agora, querida. Eu só preciso de você em casa. Está bem?

— Eu preciso chamar o nosso advogado? Ou talvez eu devesse chamar Vanderline. Devo perguntar a ela o que devemos fazer?

Vanderline tinha construído uma boa vida para ela. Depois de guardar seu dinheiro e começar a faculdade de direito, ela havia se tornado uma advogada respeitada. Ela era agora uma juíza em Nova Iorque.

Mas a linha já tinha ficado muda. Trêmula, ela colocou o telefone na mesinha ao lado de onde ela estava sentada. Jan foi assassinada? Tommy disse a ela que Blue tinha encontrado Jan recentemente. O que Blue tinha

feito?

Ela sentiu um peso esmagador em seu peito agora. Eles nunca escapariam da escuridão associada com a gangue? Sem nem mesmo precisar pedir detalhes, ela sabia que seu marido estava certo. Tramaram isso contra ele. Provavelmente foi algo que Grizz tinha encomendado em retaliação pelo que viu como traição do Tommy. Entre a revelação do cassete e Tommy ser o pai de Kevin, Tommy claramente não tinha sido perdoado. Por Grizz ou por Blue.

O aceno para Tommy na execução não tinha significado nada. E não importava que Grizz tivesse morrido. Ele era um inimigo formidável e poderoso, mesmo no túmulo.

Rapidamente, ela pegou seu telefone e bolsa. Tommy precisava dela. Ela saberia as respostas logo que chegasse em casa. Ela ainda não tinha certeza de onde ela estava emocionalmente. Mas ela sentiu uma urgência de defendê-lo a todo o custo depois de ouvir estas últimas notícias. Isso significava alguma coisa?

Ela desceu as escadas e saiu para seu carro. Momentos depois, ela estava indo para casa.

Capítulo 68

2000

Duas semanas depois, Ginny e Tommy conversavam calmamente na sua cama, pernas entrelaçadas relaxadas. Tommy foi interrogado pela polícia, mas para a surpresa deles, logo se concentraram em um suspeito maior: Matthew Rockman, que agora estava atrás das grades.

— Eu ainda não consigo acreditar que Matthew Rockman está na cadeia! — Ginny disse a Tommy enquanto estavam deitados lá, envoltos nos braços um do outro.

Mais cedo naquele dia, Tommy tinha dito a ela o que soube pela polícia: que Matthew aparentemente tinha uma vingança desde o início e nunca tinha superado a ameaça do Grizz e, em seguida, o sequestro de Ginny. Ele nutriu rancor por muito tempo e tinha usado Jan e Froggy para tirar o foco de quem secretamente estava atrás do Grizz. Ele mesmo. Ele manipulou para que parecesse que tinha sido ideia da esposa do Blue por causa da batalha pela custódia. Foi muito inteligente. Assim Matthew pensou na época.

Matthew deve ter entrado em pânico quando Jan apareceu de volta na cidade exigindo dinheiro.

— Eu acho que Matthew simplesmente surtou e matou-a. — disse Ginny enquanto descansava na curva do braço de Tommy.

— Eu acho que ele sabia que não tinha dinheiro suficiente para manter Jan tranquila para sempre. Ela iria sugá-lo até secar e manter a ameaça sobre sua cabeça, quando tudo que ela tinha que fazer era contar para o Blue que Matthew estava por trás das prisões. Ele sabia que seria morto por causa da sua participação ao entregar a gangue, colocar Grizz no corredor da

morte e enviar a família de Blue para a Proteção às Testemunhas.

Ela suspirou. — Todos esses anos eu me culpei pela prisão de Grizz. Eu realmente acreditei que Jan estava por trás disso, porque ela encontrou minha carteira. Claro, parecia isso, mas Matthew sempre soube o meu nome real. — Ela mordeu o lábio. — Ele realmente usou bem a Jan.

Eles ainda ficaram deitados por algum tempo, ouvindo o tique-taque do ventilador de teto e o zumbido do ar condicionado.

Ele a puxou para mais perto agora, sussurrando: — Ginny, acabou. Será que podemos realmente tentar colocar tudo isso para trás agora? Podemos realmente começar de novo, querida? — ele se afastou para que pudesse olhar diretamente em seus olhos.

Ela brincou com o anel. — Mas o que acontece com Kevin, Tommy? Se ele é seu filho, não deveríamos reconhecê-lo ou algo assim? Quer dizer, nós poderíamos fazer um teste de DNA para ter certeza, mas eu vi a foto dele. Você está certo. Não há dúvida de que ele é seu filho. Você era super jovem quando a engravidou.

Ele já tinha contado a história de como Jan o tinha forçado. Ele ainda passava mal ao pensar sobre isso. Aquela mulher era louca. E agora ela se foi.

— Grizz devia ser muito jovem também quando engravidou a Candy, pense sobre isso. — Tommy levantou uma sobrancelha e riu um pouco. — Acho que está nos nossos genes.

Ela apertou sua mão. — Às vezes eu achava que tinha um *déjà vu* com algo que Jason fazia ou dizia. Falava para mim mesma que provavelmente era algo que você fez na sua idade, mas então eu me lembrava de que não te conheci quando era um garotinho. Mas eu conheci Kevin. Era isso. Lembrava de quando Kevin era um menino. Saber que Kevin é o irmão mais velho do Jason, fez sentido agora.

— Eu falei com Blue sobre isso, Ginny. Eu quero que Kevin esteja

em nossas vidas, e ele pode estar, mas eu não sei se é necessário dizer-lhe que eu sou seu pai biológico ainda. A menos que houvesse uma crise médica ou algo assim, eu não vejo como isso seria bom para alguém. Blue ama aqueles meninos e nunca parou de procurar por eles todos esses anos. Ele ficou chateado no início, até que eu contei para ele o que realmente aconteceu. Ele conhecia a sua esposa. Ele sabia que eu não estava mentindo. Ele quer tentar iniciar um relacionamento com eles novamente. Ele não vai interferir na vida deles, mas quer tentar conhecê-los de verdade. Vamos contar para o Kevin um dia. Eu só não acho que é a hora certa. Acho que ambos poderíamos nos beneficiar de algum aconselhamento primeiro. Você sabe, para certificar de que estamos lidando com isso direito. Tanta coisa aconteceu em tão pouco tempo e eu não quero me precipitar. Eu sei que nós dois estamos ansiosos para revelar a verdade e seguir em frente, depois de tudo o que aconteceu, mas temos que considerar como isso poderia afetar Kevin. Precisamos saber como nos aproximar dele.

— Você está certo. Está complicado o suficiente com todas as ramificações por você ser filho do Grizz. Com esperança, Kevin vai se lembrar de nós. Talvez possamos fazer o nosso caminho de volta para a vida dele quando for a hora certa. Eu concordo. Precisamos conversar com um terapeuta ou alguém que possa nos ajudar. — Ela fez uma pausa, em seguida. — Algum dia vou contar para Mimi sobre o pai dela?

— Eu sou o pai dela, Ginny.

— Eu sei que é, Tommy, eu digo...

Ele a cortou. — Eu sei o que você quer dizer. Mas eu não quero que nossa vida se transforme em algum estúpido talk show onde as pessoas jogam cadeiras no outro no palco. Eu sei que você se ressentiu por ter vivido todos esses anos com os segredos e as mentiras.

— Exatamente, Tommy. — disse ela, sentando-se e virando para

olhar para ele. — E eu não quero isso para Mimi.

— Nem eu. — Ele suspirou. — Vamos dizer a ela. Ela precisa saber. Tem o direito de saber. Isso é outra coisa que podemos conversar com um terapeuta. Ela é minha filha. Eu não vou correr o risco de perdê-la, Gin. Mas eu quero ter certeza de lidar com isso direito. Nós vamos contar para ela, mas só depois de procurar aconselhamento. De acordo?

— Concordo. — Ela assentiu com a cabeça e deitou-se em seu ombro.

— Enquanto isso, que tal uma fuga? — perguntou.

— Apenas nós dois?

— Por mais que eu adoraria fazer nada, exceto fazer amor com minha esposa por uma semana em uma ilha tropical, eu sei que as crianças se sentiram negligenciadas no mês passado. Passando a noite na casa dos amigos, eu e você indo e vindo enquanto tentávamos resolver tudo isso. Eu quero minha família de volta. Que tal um cruzeiro com o rato grande? Aquele com a voz aguda. — Ele brincou.

Ela sorriu. — Parece bom, Tommy. Talvez eu possa conseguir as reservas antes da escola começar de novo para que eles não tenham que perder nenhum dia no início do novo ano escolar.

— Soa como um bom plano. — Ele estendeu a mão para desligar a lâmpada no seu criado-mudo.

Ela se virou para ele na escuridão. Lentamente, ela começou a beijar seu pescoço, em seguida, fez o caminho até encontrar seus lábios. Sua mão foi até seu estômago. Era a primeira vez que eles faziam amor desde antes da execução do Grizz.

— Eu senti sua falta, Tommy. — disse ela, quando sua mão encontrou sua ereção.

Era óbvio que ele sentia falta dela também.

Tommy aprofundou o beijo, em seguida, rapidamente virou Ginny de

costas, beijando até seu pescoço, seus seios, sua barriga lisa, suave.

Ele engoliu a náusea quando bloqueou o que ele sabia. Ele teria que agir como se estivesse tudo bem. Era uma coisa boa o pau dele estar cooperando. Ele estava se preparando para transar com a sua esposa e o pensamento o fez querer vomitar.

Capítulo 69

2000

Era bom estar nos braços do Tommy novamente. Ginny odiava admitir, mas no início do casamento houve momentos que ela estava fazendo amor com Tommy quando pensava em Grizz. Ela sentia como se estivesse cometendo adultério contra Grizz.

Mas agora, mesmo que ela lamentasse por Grizz e sempre o amaria, ela sentia que era capaz de se entregar para Tommy sem ter a sensação de estar traindo Grizz. A morte dele, embora extremamente dolorosa, tinha fornecido algum fechamento.

Ginny enterrou o rosto mais profundo na dobra do braço de Tommy.

— Eu preciso passar algum tempo novamente na Carter, Tommy. — Antes que ele pudesse protestar, ela acrescentou: — Agora não. Talvez quando voltarmos do nosso cruzeiro. Eu preciso limpar a garagem.

Ela o sentiu relaxar. — Vamos fazer antes do cruzeiro, querida. Vou ajudá-la.

— Não, eu acho que eu deveria fazer isso sozinha. — Ela se aconchegou mais perto. — Além disso, quando voltar da nossa viagem, você vai voltar a trabalhar e as crianças vão estar na escola. Eu estive pensando sobre isso um pouco. Vou começar colocando os carros e motos à venda. Então eu posso enfrentar o quarto de hóspedes acima da garagem. Não deve ser muito difícil. Grizz realmente não tinha um monte de coisas pessoais.

— Ginny, eu não sei se você deve fazer isso sozinha. Passar por todas essas coisas, pode ser realmente difícil. Mais difícil do que você imagina, Ginny.

— Eu não vou estar sozinha. Carter estará por perto, cuidando dos

seus animais. Vou deixá-la saber se eu precisar dela. — Ela virou-se para olhar para ele na escuridão. — Tommy, eu acho que isso é algo que eu tenho que fazer sem você. Você tem que entender isso. Eu sei que você entende.

— Sim, querida. — Ele disse e beijou sua testa. — Compreendo.

Ela caiu quase imediatamente no sono. Tommy ficou deitado no escuro por um longo tempo ouvindo o som da sua respiração. Ele dizia a si mesmo que tinha a consciência limpa agora. Pelo menos tão limpa quanto possível para alguém que teve a vida dele. Todas as mentiras e decepções ao longo dos anos lhe deram um senso falso de justiça própria. Quando você fala isso a si mesmo, se convence de que estava fazendo algo para o bem de alguém que ama, não parecia ser tão ruim.

Ele contou para Ginny em riqueza de detalhes sobre seu último encontro com Grizz na prisão antes da execução, deixando de fora apenas as coisas que ambos tinham concordado que ela não deveria saber. Coisas muito perigosas para ela saber. Ele tomou a decisão difícil de não contar a ela sobre a participação da Sarah Jo no seu estupro, o que levou ao suicídio de Moe. Ele não sabia se isso era a coisa certa a fazer ou não, mas se sentiu bem. Por mais que ele quisesse que Sarah Jo pagasse pela desonestidade brutal, ele sentia que dizer a Ginny sobre a verdadeira razão de Jo mudar-se para fora do país só causaria mais dor. Ele estava com medo de que mais uma revelação a quebrasse.

Ele tinha que admitir para si: sua esposa era forte. Mais forte do que ele alguma vez pensou. Ela podia lidar se soubesse sobre a Jo e talvez um dia ele diria a ela. Apenas não hoje. Chicky tinha razão em esconder o diário do Grizz. Isso provavelmente salvou a vida da Sarah Jo.

Ele pensou mais sobre seu último encontro com Grizz, logo antes da execução. Tommy pensou que teria que convencer Grizz que não foi ele que influenciou Jan a derrubar o Grizz, Blue e a gangue junto com eles. Mas para

a sua surpresa, ele não precisou fazer qualquer coisa para convencê-lo.

— Eu sei que não foi você. Mas Grunt, eu estava puto. — Tommy e Grizz estavam na alcova no pátio da prisão, o sol escaldante brilhando pela saliência coberta. Faltava três dias para a execução.

Grizz deixou escapar um suspiro, então chutou a laje de cimento. — Você tem que lembrar o que aquela maldita repórter me falou sobre o cassete. Eu conversei com você, nós resolvemos isso, eu não gostei, mas o que eu ia fazer? Matar você e deixar Kit sozinha? Mas, em seguida, Blue aparece com fotos dos filhos dele, diz que um é seu. Diz-me que Jan falou que você estava por trás da minha prisão. Voltou tudo, como você me manipulou naquela noite. Outras noites também. Admita, Grunt. Ficou ruim para o seu lado. Muito ruim.

Tommy assentiu. Realmente pareceu ruim.

— Mas eu sei por que você fez o que fez. Você fez isso por ela.

Surpreso, Tommy olhou para Grizz. — Sempre, Grizz. Sempre foi sobre ela. Olhe. — Ele exalou bruscamente. — Você vai para a mesa em breve. Eu não tenho nenhuma razão para esconder nada de você. Eu sei que você acha que eu armei para você. Eu sei que você acha que eu fodi Jan.

Grizz levantou a mão. — Pare aí. Eu não dou a mínima para Jan e eu sei que Blue também não. Quando ela nos disse que foi você que preparou tudo, aquilo que me deixou puto. Mas só por um segundo. Ninguém me trai duas vezes...

— Eu não traí duas vezes...

— Cale a porra da boca por um minuto e deixe-me terminar. Eu sei que não foi você. Está bem? Quantas vezes tenho que dizer? Você era uma

criança quando inventou toda aquela mentira. Eu não posso culpá-lo por se apaixonar pela Kit. Eu mesmo ainda sou apaixonado por ela. Eu fiz um monte de coisas que faria qualquer outro homem estremecer. A única coisa que eu já fiz que me destruiu por dentro foi falar para ela se casar com você. Parar de vir me ver. Certificar-se de que minha filha nunca me conhecesse. Eu aceito, garoto. Aceito tudo isso e entendo. Eu não gosto, mas aceito. Porque eu a amo.

— Você pode parar de me chamar de garoto. — disse Tommy com um sorriso. — Eu sou tão grande quanto você.

Grizz ignorou esse último comentário. Ninguém era tão grande quanto ele. — Eu tive um monte de tempo para pensar aqui, Grunt, e quanto mais eu pensava, mais eu me perguntava como a esposa sacana do Blue poderia ter elaborado isso. Eu poderia chutar a minha bunda por não ter pensado nisso mais cedo. Eu tinha certeza absoluta que meu pensamento estava correto desde o primeiro momento.

— Quem? Quem foi?

— Aquele merdinha, Matthew Rockman do caralho. Rockman é responsável por trazer essa tempestade de merda para dentro da minha vida, e graças a ele, eu vou para a mesa em alguns dias. Não posso fazer nada sobre o fato agora, mas confio em Blue para lidar com isso.

Tommy piscou. Matthew Rockman? Ele teve um flash rápido do cara. O jovem advogado que sugeriu à Ginny que ela usasse a firma do Carey Lewis para a defesa de Grizz. Aquele punk que tinha feito todos os dominós caírem?

— Então, nós estamos bem agora? — Grizz estava falando com Tommy.

— Eu estou bem se você estiver bem. — respondeu Tommy, o alívio evidente em seu tom.

— Quer dar um passeio ao redor do pátio comigo? Eu quero ouvir tudo sobre a minha filha e neto. Eu quero saber tudo sobre eles antes de morrer.

Tommy hesitou. O pátio? Grizz estava tramando algo? Haveria caras esperando no pátio para saltar sobre ele?

— Você tem permissão para levar os visitantes no pátio?

— Eu vou estar morto em poucos dias. Eles me deixam fazer o que eu quero. Vamos lá.

Relutantemente, ele seguiu o Grizz para o pátio. Estava vazio e tinha uma pista oval, muito parecida com a que Ginny usava para correr em volta do motel.

Foi lá que Grizz lhe contou tudo. Tudo, desde o início. Grizz começou por explicar por que ele queria conversar lá fora. Aparentemente, mesmo com sua influência, a prisão ainda podia ter ouvidos e ele tinha que ter certeza que ninguém ouviria o que ele precisava falar com Tommy.

Grizz lhe disse para não se surpreender quando fosse interrogado sobre o assassinato da Jan que ia acontecer. Tommy deveria ter ficado surpreso, mas ele não estava. Este era Grizz.

— Quando Blue esteve aqui, eu disse a ele que faria um sinal para alguém na sala de visualização quanto à necessidade ou não de te matar. Eu acredito no que você me disse hoje, por isso vou fazer um sinal nesse sentido. Tudo vai acontecer como eu planejei, mas você precisa saber que eu tenho coisas arranjadas que vão parecer que podem incriminar você, mas elas não vão. Só vão parecer como uma tentativa malfeita de Rockman para enquadrar você também. Eu só estou fazendo isso para que você possa oferecer mais algumas informações que implicarão ainda mais o Rockman. Entendido?

Ele, então, disse-me o motivo real dele estar no corredor da morte todo esse tempo. No que ele esteve envolvido desde que era um garoto. O

que eles queriam dele. Eles não tinham nada a ver com a prisão do Grizz. Isso tudo foi Matthew Rockman, mas eles deixaram que isso acontecesse para ver até onde ele iria. Para ver se eles poderiam usar isso para sua vantagem. Eles não têm um nome. Na verdade, eles tinham, mas Grizz não o ofereceu para Tommy. Ele não precisava saber, mas para poder explicar, iria se referir a eles como NNG. O No Name Group.

O FBI achava que eles respondiam à Casa Branca, quando na verdade, Grizz tinha certeza com base nos nomes que ele tinha aprendido há muitos anos, que eles eram subordinados a pessoas ainda mais poderosas do que o governo dos Estados Unidos. Uma organização secreta e mais conectada do que a CIA. Na verdade, o NNG era mais poderoso do que qualquer governo. Eleitos privadamente por seus próprios pares, eles eram de todas as diferentes esferas políticas, educadores, CEOs, filantropos. Eles que mandavam. Faziam de tudo para ter certeza de que a pessoa correta ocuparia o Salão Oval. Eles controlavam a economia mundial. Eles faziam tudo.

E ainda assim, um ninguém, motociclista do Sul da Flórida tinha algo em sua posse que os assustava pra caralho.

— O que você descobriu que os assustou a ponto de acharem que poderia derrubar as pessoas que controlam o mundo? Você sabe que isso soa improvável, não é, Grizz? Quer dizer, vamos lá, “pessoas que controlam o mundo”? — Tommy fez aspas no ar.

— Esta é a parte que Kit nunca pode saber. Esta é a parte que irá oferecer-lhe uma explicação. É o mínimo que posso fazer por você, e você precisa ser capaz de lidar com o que vou contar.

Tommy franziu a testa, em seguida, acenou para ele continuar.

— Eu disse a você sobre a minha irmãzinha. Como eu matei meus pais e fui para Fort Lauderdale. Mas esse foi só o começo.

Enquanto eles andavam ao redor da pista no pátio da prisão, Grizz

continuou a contar para Tommy o resto da história. O motel. A morte accidental de Pop. O que ele tinha encontrado depois de Red e seus caras apareceram. Ele disse tudo a Tommy.

— Uma mala de dinheiro falso com as placas para fazer mais? Como isso financiaria alguma coisa? — os olhos de Tommy estavam arregalados.

— Sim, mas eu não descobri o resto até que fiquei mais velho. Eu queimei quase um milhão de dólares em uma noite no poço. Eu pensei que tinha tropeçado em placas para fazer dinheiro falso. Eu não tinha percebido que aquelas placas eram de verdade, dinheiro real. Placas reais que estavam na posse do NNG. Não me admira que eles fossem tão fodidamente ricos. Eles possuíam a porra da Casa da Moeda, Grunt.

Tommy exalou bruscamente. Isso era muito maior do que ele alguma vez imaginou. — Como foi que Red se envolveu?

— Red era agente disfarçado do FBI. Ele tinha uma boa amizade com o pai da Candy, Tom. Por causa dele você tem esse nome. Tom era do serviço secreto, embora sua família nunca tenha descoberto isso. Eles sempre acharam que ele vendia seguros. Talvez ele estivesse à paisana no Serviço Secreto, se houvesse tal coisa naquela época. Eu realmente não sei. De qualquer forma, o Serviço Secreto é responsável por farejar e lidar com os falsificadores. Foi provavelmente nisso que Tom pensou que tinha tropeçado. O NNG usou seu poder para colocar Red, amigo de Tom, no rastro dele e conseguir a mala de volta. Mas eles não estavam atrás do dinheiro. Havia algo na mala que eu nem tenho certeza se Tom sabia. Mas, eu, com certeza soube. Eu encontrei.

Tommy desacelerou para olhar para Grizz, mas Grizz o puxou para seguir, murmurando baixinho: — Continue andando, não aja de forma surpresa. Isto é para ser um bate-papo de adeus amigável entre pai e filho. Temos que parecer como se estivéssemos colocando as coisas em pratos

limpos para que eu possa ter uma morte feliz.

— Entendi. — O sol brilhava enquanto caminhavam. Brilhante e quente. — Então, o que você achou?

— Um documento grande e gordo, foi o que eu encontrei. Ordenadamente digitado, com logotipo e tudo, parecendo muito oficial. Nomes, datas, eventos. Havia pequenas explicações, notas sobre cada um. Ele era basicamente um esboço de grandes eventos mundiais.

— Eventos? Como o quê?

— Muro de Berlim. A Crise dos Mísseis Cubanos. A Guerra do Vietnã. Os nomes dos homens que seriam presidentes. Watergate. A crise do gás. AIDS...

— Qual é a grande coisa sobre isso, Grizz? Todo mundo sabe dessas coisas. Você não tropeçou em quaisquer grandes segredos. Pegue a porra de um livro de história.

— Você não é tão inteligente quanto eu sempre lhe dei crédito, Grunt. Você está me ouvindo, mas você não está realmente ouvindo. — Em uma voz muito baixa atada com raiva, Grizz continuou: — Eu encontrei este documento nos anos cinquenta. O Muro de Berlim não foi construído até 1961. A Crise dos Mísseis de Cuba foi em 1962. A carta dizia quem seria o presidente, quem iria assassiná-lo e quem assassinaria o caralho do assassino. Disse que haveria um presidente que cairia por causa de um escândalo chamado de Watergate. Isso aconteceu em 1972. Dizia que haveria uma escassez de gás. Que eles estavam trabalhando em um vírus que eliminaria os que chamaram de: os indesejáveis.

O queixo de Tommy caiu com o que Grizz estava dizendo a ele, na verdade, afundou: — Você está me dizendo que você viu um mapa do nosso futuro? Como, um documento do Nostradamus ou algo assim?

— É exatamente o que estou dizendo. E mesmo que eu fosse apenas

um garoto, eu sabia que era importante. Eu só não sabia o quão importante. Eu acho que nem mesmo Red sabia o que eu tinha encontrado. Ele morreu pensando que era uma operação de falsificação. Ele era obcecado com aquela mala de dinheiro e seu palpite, que eu tinha encontrado, estava certo. Ele convenceu o FBI que eu poderia ser um trunfo. Eles nem sequer sabiam toda a verdade sobre o que eu tinha encontrado. Eles sempre pensaram que respondiam a algum funcionário da Casa Branca, e talvez estivessem, mas na verdade eram subordinados a um poder superior.

— E você usou esse conhecimento para mantê-los à margem? Para fazer com que você escapasse de tudo durante tantos anos?

— Eu fodi com eles um bom tempo. Eu os deixei pensar que eles me convenceram a trabalhar para eles, onde eles poderiam ficar de olho em mim. Jogava um osso ocasional para deixá-los pensar que eu era um deles e eu...

Tommy cortou. — Por que eles simplesmente não o ameaçaram, torturaram ou o mataram?

— Eles tentaram. Eu quase não sobrevivi à primeira e única tentativa de tortura deles. Foi então que eu os deixei cientes de que eu tinha algo organizado para a merda

deles vir a público. E estava tudo arranjado para ser divulgado caso eu morresse. Era verdade. Eu tinha tudo organizado para publicar se eu morresse. Porra, eles até me protegeram por um tempo. Eles devem ter ficado cagados quando eu irritei um cartel de drogas o suficiente, para que quisessem me matar. Joguei assim durante anos, sabendo que eu podia escapar do que quisesse e eles não me deixariam morrer. — Ele cerrou o maxilar. — Foi aí que eu exagerei. Pensando que quando eu fui preso por causa do sequestro da Kit e de todas as outras merdas, que eles me livrariam. Especialmente se eu pegasse a pena de morte. Eles arriscariam se expor com a minha morte.

Tommy assentiu. Agora, algumas coisas faziam sentido. — Mas eles não livraram. — Tommy terminou calmamente. — Eles não vieram para o seu resgate.

— Não, eles jogaram comigo como eu merecia. Eles me disseram para certificar que Kit e o bebê estivessem fora da minha vida. Seria óbvio demais se minha mulher ficasse esperando por mim. Eles estavam certos. Eu conheço um monte de homens que foram mortos porque suas mulheres recusaram-se a seguir em frente. Elas faziam parecer que estavam à espera dos seus homens. — Grizz deu um riso amargo. — Claro, eu disse a eles que se ao menos tentassem tocar em um fio de cabelo dela, que eu iria expô-los, e eu iria. Mas, o tiro saiu pela culatra. Eu fiz o que eles mandaram. Eu falei para ela se casar com você e nunca contei o porquê. Eu nunca poderia oferecer-lhe uma explicação, sem colocá-la em perigo.

Tommy não sabia o que dizer.

— Eles me deixaram apodrecer na prisão depois que eu fiz o que me disseram, pensando que iam me tirar. Merda, Grunt, eu esperava estar fora em poucos anos, sob o pretexto de uma falsa execução. Eu não achei que ficaria tempo suficiente para Mimi se lembrar de você como pai dela. Eu estupidamente pensei que ia sair e devolver a merda deles, e eles realocariam Kit, eu e o bebê e nos deixariam em paz. — Grizz balançou a cabeça. — Tudo foi para o inferno, no entanto.

— E nunca ocorreu a você que eu realmente a amava? Que se o seu plano tivesse dado certo, você estaria arrancando Mimi e ela de mim? — ele entendeu Grizz, tinha até mesmo simpatia por ele. Mas, merda, doeu.

— Honestamente, Grunt? Eu estava usando você. Eu sabia que você a amava, mas sinceramente, eu não me importava.

O único som era dos pés na pista do pátio da prisão. Depois de alguns minutos, Grizz acrescentou: — Eu tenho certeza que você nunca suspeitou,

mas tenho certeza de que Cindy foi plantada.

— Cindy?

— Tenho certeza de que o pai dela era um aspirante. Tentando entrar na deles, mostrando-lhes que poderia ajudar. Eu achei que não deveria me preocupar com isso porque não havia nada que Cindy pudesse saber por você. Você nunca soube de nada.

— E agora? Agora que tudo nesses documentos já veio e se foi, ainda importa para alguma coisa? Qualquer um poderia criar um documento para parecer como se fosse escrito na década de cinquenta por algum grupo clandestino com um nome secreto, e eles poderiam fazer com que parecesse que os acontecimentos mundiais futuros estivessem mapeados. Você disse que encontrou até fotos. Atualmente, as fotos podem ser modificadas. Tudo pode ser feito em retrospectiva.

— Não parou na década de setenta, Grunt. — Grizz disse suavemente. — Não parou na década de oitenta, nem mesmo na década de noventa. Esse documento traçava eventos futuros para os próximos setenta e cinco a cem anos. Este mundo está sendo controlado por forças que estão por aí desde sempre e que planejam ficar. Porra, cara, eles deram nomes a crianças que ainda nem nasceram.

Isto era vertiginoso. Tommy piscou. — Como é que eles eventualmente descobriram que você tinha tudo isso? Você disse que suspeitaram, mas como eles confirmaram isso?

— Eu dei na cara. Eu estava nos meus vinte e poucos anos e sempre mantinha um olho na propriedade onde minha irmã foi enterrada. Onde eu escondi a merda depois que consegui uma licença e pude dirigir até lá sozinho. De vez em quando ligava e perguntava sobre o imóvel. Quando eu descobri que tinha sido vendido e seria desenvolvido, eu exumei secretamente seus restos mortais e dei-lhe um enterro apropriado. Naquela

época, eu decidi olhar os documentos novamente. Eu não o lia há anos. Notei um nome de empresa que estava no noticiário. Eu decidi comprar algumas ações e fiz uma tonelada de dinheiro. Eles perceberam e isso só confirmou que eu tinha o que eles suspeitaram o tempo todo. Eles sabiam que eu não estava mentindo ou brincando com eles. Foi estúpido da minha parte.

Ele contou mais detalhes para o Tommy depois. Como, mais recentemente, um jogador novo, um com muita coragem, interveio e decidiu que não ia deixar que Grizz fodesse mais com eles. O tempo de Grizz tinha acabado. Eles não influenciariam nada para o Grizz. Eles queriam a merda deles de volta e queriam agora. O oficial recém-eleito do NNG fez com que Grizz soubesse que ele poderia tornar público o que ele tinha e que o NNG poderia vacilar temporariamente, mas não antes de deixar Grizz assistir a uma morte lenta e dolorosa da Ginny.

Tommy tentou não mostrar nenhuma emoção, mas o pensamento de Grizz colocando Ginny em perigo o deixou com raiva.

— Então, acabou para você? Não há mais impasse? — Tommy tentou soar casual, mas sua garganta queimava. Ele engoliu em seco.

— Não há mais impasse.

— Pena que você simplesmente não devolveu quando era jovem. Você sabe, antes que você realmente entendesse o que você tinha nas suas mãos. Mas como você adivinharia o que ia acontecer?

— Eu gostaria de ter feito isso, Grunt. Acredite em mim. Mas deixe-me avisá-lo: se eles acharem por um segundo que você ou Kit sabem algo do que eu disse a você, vocês estão mortos.

— Então por que você está me dizendo? — Tommy perguntou, incrédulo.

— Porque eu tenho que ter certeza que eles os deixarão em paz depois que eu partir. Eles têm que ter certeza que você não sabe nada e você não será

tocado. Eu preciso ter certeza de que você ou Kit não digam nada, nem uma única coisa por acaso, que sequer os deixem pensar que você sabe algo disso.

— Mas nós não sabíamos nada disso! E eu definitivamente não vou dizer a ela. Além disso, como eles serão capazes de verificar que não sabemos nada sem interrogar-nos?

Grizz pôs o braço no ombro do Tommy. — Eles podem até estar nos observando agora. Então, você não pode de maneira alguma reagir ao que eu estou prestes a dizer-lhe. Compreendido? Você apenas acena e ri como se eu estivesse acabado de dizer algo engraçado.

Tommy fez o que lhe foi dito, e com um sorriso no rosto, ele perguntou: — Como, Grizz? Como eles podem saber ao certo que Ginny e eu não sabemos de nada disso?

— Sua casa é grampeada há anos.

Capítulo 70

2000

Tommy não podia sequer começar a descrever sua raiva depois de ouvir a última declaração do Grizz, mas tudo fazia sentido agora. O NNG nunca poderia ter certeza se Grizz não havia compartilhado sua história todos esses anos com sua esposa e filho. Ele não tinha, e o NNG deveria ter conhecimento disso. Mas Grizz estava convencido de que Tommy precisava encenar seu papel após a execução.

Era para Tommy levar Ginny para casa após a morte de Grizz e esclarecer algumas coisas horríveis. Ele estava disposto a fazer isso.

— Você tem que dar algo para eles. — Grizz disse. — Você entende? Chegar em casa como se a vida fosse perfeita só vai mantê-los ouvindo. Eles continuam a ouvir porque você é tão fodidamente reservado. Nada alguma vez veio à tona sobre a gangue, a sua vida comigo, nada. É quase um exagero, como se você estivesse propositalmente escondendo algo.

— Nós não estamos escondendo nada. — A voz de Tommy foi baixa. — Vivemos uma vida normal, mediana. Eu sou um arquiteto. Ela é uma contadora-barra-mãe. Isso não conta para nada?

— Você precisa dar-lhes alguma coisa. Minha execução será o momento perfeito para soltar tudo. Conte para ela tudo o que você puder se lembrar sobre crescer no motel.

— Não. Passei anos sem contar as coisas. Eu não quero magoá-la.

— Eu passei anos tentando protegê-la também Grunt. Eu estava errado. Ela era inteligente e forte o suficiente para lidar com algumas verdades. Mas ela nunca foi autorizada a conhecer essa verdade.

Tommy estava preparado para dizer a Ginny algumas coisas depois

que terminassem a entrevista por telefone com Leslie. Ele sabia que eles estariam ouvindo e apesar de que seria difícil para ela ouvir algumas coisas, ele sabia que Grizz estava certo. Ele tinha que dar-lhes algo.

O que ele não contava era que Leslie mencionaria o segredo sobre ele ser filho de Grizz. Ele não contava que Ginny realmente sairia de casa, que iria para Carter. Eles não podiam ouvir se ela não estivesse lá para ter qualquer conversa. Se não fosse por isso, ele não teria a incomodado para ela voltar para casa. Ele teria dado a ela o espaço que precisava. Mas ele estava desesperado para seguir em frente com suas vidas e ele precisava dar-lhes o que eles queriam, jogar algumas pequenas iscas.

Ele só podia rezar para que fosse o suficiente para eles deixarem sua família em paz.

Grizz nunca mencionou o jogo de xadrez. Tommy não sabia se Grizz enviou-o ou foi a prisão e ele ainda não tinha entendido o que a falta do rei significava, se significava alguma coisa.

Agora, enquanto ela dormia, ele segurou Ginny mais perto e bloqueou sua raiva crescente. Eles haviam escutado tudo o que aconteceu na sua casa. Cada sussurro, cada riso, cada segredo íntimo. Em seguida, ter que fazer amor com ela sabendo que eles estavam ouvindo? E para piorar, eles não ficavam juntos há quase um mês. Ambos estavam prestes a explodir com a necessidade, e ele odiava isso. Odiava-os.

Ele deveria estar aproveitando sua vida amorosa em vez de cerrar seu maxilar e fazer os movimentos e sons adequados para o bem de Ginny.

Capítulo 71

2000, Norte da Flórida,

Três dias antes da execução de Grizz

Após a caminhada no pátio da prisão, eles voltaram casualmente para uma sala que poderiam ou não estar grampeada. Caso estivesse, Grizz tinha lhe dito o que eles discutiriam. Do mesmo jeito que ele acreditava que Ginny e Tommy precisavam dar algo para o NNG ouvir, ele acreditava que ele e Tommy tinham que fazer o mesmo.

— Por que você sequer se preocupa comigo? — Tommy perguntou-lhe quando eles entraram na sala. — Por que você me levou da Karen naquela noite? Por que você me deixou pensar por anos que Blue era meu irmão? Eu ainda pensaria, se não tivesse suspeitado que Candy era a minha mãe. Eu fiz alguma investigação após o seu julgamento. Ela era a minha mãe, certo?

— Sim, Candy era sua mãe, Grunt. Ela ficou grávida de você e o largou com a mãe dela e a irmã, Karen.

— Eu sabia. Mas como foi que você descobriu sobre mim?

— Sua tia Karen apareceu no The Red Crab com uma foto sua de quando você tinha cerca de sete ou oito. Era uma foto da escola. Você deveria estar em um acolhimento familiar quando foi tirada porque você parecia bem. Parecia bem cuidado.

— Sim, isso é possível. Eu estive dentro e fora de casas adotivas. Algumas boas, outras nem tanto, mas eu era alimentado.

— De qualquer forma, ela insistiu que você era meu. Karen disse que a mãe dela tinha fugido e ela não tinha dinheiro para cuidar de você. Candy tinha desaparecido há muito tempo. Karen disse que se eu não lhe desse dinheiro que ela arrumaria as malas e não estaria lá quando você chegasse em

casa da escola um dia.

— Você deu o dinheiro para ela baseado em uma foto minha? Se minha mãe era uma prostituta, eu podia ser filho de qualquer um.

— Verdade. Mas algumas coisas me fizeram acreditar. Primeiro, eu achei você parecido comigo naquela idade. Em segundo lugar, sua data de nascimento dizia algo. Era exatamente na época que Candy estava fora das ruas e ficava comigo e Anthony no apartamento da garagem. Red estava tentando tirá-la das drogas. Ele acabou deixando-a comigo e Anthony. Fez dela uma prisioneira. Tínhamos que revezar para não deixá-la fora das nossas vistas. Quando não estávamos lá, Red ficava com ela. Ela definitivamente não estava se prostituindo. Axel foi passar alguns meses no reformatório, então ele não estava por perto. Ele não teria dormido com ela, de qualquer maneira. — Grizz deu um sorriso maroto para Tommy. — Mas eu e Anthony a fodíamos a cada chance que tínhamos. Ela era disposta. Usava isso para tentar nos convencer a deixá-la voltar às ruas. Nós éramos jovens e com um puta tesão. Red a deixou sair depois que achou que ela estava limpa. — Grizz deu de ombros. — Eu nunca mais a vi. Não até a noite que chegou ao motel procurando por você.

Tommy apenas olhou. Ele não disse nada.

— Certeza absoluta que você não é meio indiano. — Grizz deixou escapar. Então, ele balançou a cabeça e acrescentou: — Inferno, talvez você nem seja meu filho. Talvez eu supus errado todos estes anos.

Tommy franziu a testa. — Você não está errado. — Ele disse em voz baixa. — Eu pensava no início que você poderia ser meu irmão mais velho, não Blue. Mas eu não suspeitava que você fosse meu pai até que ouvimos o testemunho sobre Candy no julgamento. Comecei a cavar ainda mais, em seguida, cheguei a alguma conclusão. Demorou anos para ter a certeza. Não foi até cerca de um ano atrás, quando eles encontraram Moe, que eu pensei

fazer alguns testes. — Ele esperou um momento. — Mimi e eu compartilhamos o mesmo DNA.

Grizz não disse nada, apenas balançou a cabeça. Tommy pensou ter visto um brilho de satisfação passar pelo rosto de Grizz, mas ele não podia ter certeza.

— Então, por que você teve que matá-la quando ela foi para o motel naquela noite? — Tommy pressionou. — Tudo o que tinha que fazer era falar para ela mentir e dizer que alguém era meu pai e que Blue era irmão dele ou algo assim. Por que você a matou?

— Não queria que ela provocasse alguma merda. Não queria que ninguém soubesse que você era o meu filho.

Tommy riu. — Vamos. Quem teria se importado se eu fosse seu filho?

Grizz olhou para ele sério. — Eu tinha um bom motivo para matá-la. Você não sabe quantos inimigos eu fiz ao longo dos anos que não teria pensado duas vezes antes de vir atrás de você para chegar até mim. Eu estava salvando a sua vida, quando a matei.

— Sim, que seja, Grizz. — Ele entrou no jogo agora, assim como Grizz lhe tinha dito para fazer. Apenas no caso de eles estarem ouvindo. Grizz tinha explicado durante a sua caminhada que a sobriedade de Candy tinha realmente a levado a começar a investigar a morte do seu pai. Ela tinha começado a lembrar algumas coisas que Red havia dito. Eles perceberam isso, dizendo a Grizz que se ela aparecesse algum dia, ela precisava ser eliminada. Imediatamente. Ela era uma ameaça. Grizz estava seguindo uma ordem. Ele foi honesto com Tommy, porém, admitiu que não sentiu nenhum remorso em matá-la. Era apenas parte do trabalho.

Agora na sala, Grizz bateu a mão na mesa. — Droga, Grunt, me escute. Eu sei que você esperou muito tempo para ficar com a Kit. Você quer

que isso acabe? Você quer mexer em toda a merda ruim que eu costumava estar envolvido? Blue vai impedir Leslie de colocar no artigo de merda que você é meu filho. — Ele passou a mão pelo cabelo e murmurou para si: — Eu ainda não posso acreditar que eu deixei você me convencer a isso. Porra! Você me falou que a Kit disse que precisava de um encerramento e eu queria que ela tivesse isso. Eu sabia que a cadela estúpida não trabalhava para a grande revista que ela alegava. Achei que fosse apenas barulho. Eu quase não fiz até Kit me ligar.

Esta última afirmação chamou a atenção de Tommy. Ele estava saindo do script aqui. — Ginny ligou?

— Sim, eu já tinha falado com você e ainda estava digerindo quando soube dela. Eu quase deixei cair a porra do telefone quando eu ouvi a voz dela. Ela me disse que eu realmente precisava fazer esta entrevista. Ela sentia que não estava completamente curada de todos esses anos com a gangue, de ver e saber as coisas que eles fizeram. Era importante para ela, mas a repórter precisava de mais. Precisava falar comigo também, para saber que ela estava dizendo a verdade na entrevista. Kit foi muito prática. Disse que eu devia isso a ela.

— Grizz, Ginny nunca lhe ligou.

— Não me diga que ela não me ligou. — Ele rosnou. — Porra, eu falei com ela.

— Antes disso, quando foi a última vez que falou com Ginny?

— Ela me ligou para me contar que deram meu nome ao filho de vocês. Quando ele nasceu? Dez anos atrás? Nós conversamos por menos de um minuto naquela época.

Tommy sentou-se e balançou a cabeça. — Eu não posso acreditar nisso. Não posso acreditar nisso.

— No que você não pode acreditar?

— Não é sua culpa. Eu as confundo no telefone também.

— O que diabos você está falando?

— Foi Mimi. — disse Tommy. — Você foi enganado por Mimi.

Grizz inclinou-se para trás e olhou duro para Tommy. — Você está brincando comigo? Como você sabe disso? Por que ela faria isso?

— Eu não sei exatamente, mas eu vou descobrir. Ela estava convencendo a Ginny do nosso lado também. Depois que Leslie se aproximou, Mimi ficou muito interessada. Falou para a mãe dela que talvez isso a ajudaria a esquecer o passado. Para dar a entrevista como uma maneira de ter o encerramento na vida de gangue. Mimi tinha se distanciado nos últimos anos. Merda típica de adolescente, eu acho, mas eu sei que Ginny viu o artigo como uma maneira de se relacionar com ela novamente.

Grizz ficou muito sério. — Eu não gosto disso. Eu não gosto nem um pouco. Você, descubra que merda foi essa e corrija. Eu confiei a minha filha a você. Eu fiquei afastado por 15 anos acreditando que você estava de olho. Você está me dizendo agora que Leslie conseguiu a entrevista comigo e Kit graças a Mimi? O meu tempo está quase no fim. Você conserta essa merda, Grunt. Você me ouviu?

— Sim, eu ouvi. Pode não ser nada, mas eu vou me certificar de chegar ao fundo da questão.

A única coisa que Grizz não disse a Tommy foi que depois que Jason havia nascido, ele tinha parado de fazer a sua própria vigilância em Mimi. Ele tinha sido capaz de ver algumas fotos dela crescendo, mas ele parou quando Kit seguiu com sua vida e teve outro filho. A dor era insuportável.

— Bom. E você tem que me dar algo mais. — Grizz agora estava voltando para o script que tinham discutido no pátio. — Você me pediu para acreditar que não foi você quem me entregou. Eu acredito. Você me pediu para entender suas decepções quando era mais jovem e que você queria estar

com a Kit. Eu entendi. Eu vou te dar isso. Mas eu estou dizendo a você que vou para a minha morte, dando-lhe a liberdade para seguir em frente com a mulher que eu amo. A única mulher que eu já amei. Agora você tem que me dar algo. Basta cuidar dela e da minha filha. — Ele fez uma pausa, em seguida, olhou duro para Tommy. — E do meu neto. Cuide de todos eles. Você pode fazer isso?

— Sim, Grizz. Eu posso fazer isso.

— E mais uma coisa. — Ele rapidamente acrescentou. — Diga a Kit - Ginny - que me desculpe. Está bem? Diga a ela que eu sinto muito por um monte de coisas, mas eu não sinto muito por amá-la. Eu nunca vou me arrepender disso. E ela não é responsável por eu estar aqui. Ela provavelmente pensa que é por que a Jan encontrou a carteira dela, mas não é. Estou aqui por causa das coisas que eu fiz. Não por causa dela.

Em sua cama agora, Ginny soltou um grande suspiro. Tommy balançou a cabeça para se livrar da memória e puxou-a para mais perto. Seu cheiro era inebriante. Ele segurou-a nos braços enquanto sentia seu cheiro, lembrando como ele a amou desde o primeiro olhar. Até algumas semanas atrás, ela achava que foi quando ela foi levada para o motel. Então, quando ele contou para ela sobre estar com Grizz algumas vezes para ver como ela estava, ela pensou que foi quando ela despejou limonada na cabeça de Curtis Armstrong. Ele sorriu com a memória.

Em seguida, ele cuidadosamente a removeu dos seus braços e desceu as escadas em silêncio, para o seu escritório. Ele acendeu a luz e foi para sua mesa. Ele puxou uma gaveta e alcançou um compartimento escondido. Então, muito calmamente, ele tirou uma pequena caixa.

A mesma caixa que ele tinha em sua cômoda na noite que Grizz o buscou. A mesma caixa que ele tinha mantido durante os últimos 32 anos.

— Ei, garoto novo? É verdade que você não tem nenhum pai verdadeiro? Que você é emprestado para alguma família perdedora que te deixou careca por que você estava cheio de piolhos?

Houve uma rodada de risos. Tommy apenas olhou para o seu livro da biblioteca e fingiu que não ouvia. Era 1967. Ele tinha oito anos.

— Talvez ele tenha piolhos em seus ouvidos também e não pode nos ouvir. — Outro soltou. Mais risos.

Tommy continuou a ler o seu livro da biblioteca e se recusou a olhar para cima. Era final da manhã e ele estava sentado no chão, com as costas contra uma árvore. Ele só estava nesta nova escola há um dia. Ele não achava que seus pais adotivos fossem perdedores. Eles eram pessoas agradáveis e ele não podia culpá-los por raspar sua cabeça. Ele estava, na verdade, aliviado.

Ele olhou para as páginas do seu livro e continuou a ignorá-los. Antes que ele percebesse o que estava acontecendo, eles pegaram o livro das suas mãos e o levantaram pela frente da sua camisa. Seu primeiro pensamento foi: por favor não rasguem a minha camisa nova.

Mas antes que ele pudesse reagir, o agressor o soltou e ele estava cambaleando para trás. Tommy conseguiu ganhar o equilíbrio. Tudo o que podia fazer era olhar.

Ele não a tinha visto se aproximar. Ela era mais alta do que ele e estava de costas para ele conforme estava sobre o menino que ela tinha acabado de empurrar para o chão. Com as mãos nos quadris, ela disse ao menino: — Pare de ser tão valentão, Arthur. Talvez você devesse tentar ler um livro de vez em quando.

Antes de Arthur ficar de pé, houve um grito distante. — Guinevere! Venha aqui neste minuto.

A garota olhou para os três valentões e relutantemente marchou em direção ao seu professor.

Um dos agressores olhou para Tommy. — É melhor prestar atenção nas suas costas. Nem sempre terá uma menina magricela ao redor para lutar suas batalhas.

Antes que Tommy pudesse responder, Arthur e o outro menino já tinham começado a se afastar. Eles gritaram por cima do ombro. — Vamos lá, Curtis, vamos pegá-lo mais tarde.

— Guinevere. — Tommy disse em voz alta. Ele pegou o livro e se dirigiu para a fila na fonte de água.

O resto da sua manhã não foi tão ruim. Ele gostava dos seus estudos e algumas crianças até lhe deram sorrisos agradáveis. Ele se perguntou em qual classe Guinevere estava. Talvez ele a visse no refeitório. Sua sala estava quieta. Eles estavam trabalhando as tabuadas de multiplicação. Ele se apressou na dele e percebeu que não tinha usado o banheiro durante todo o dia. Ele estava muito nervoso para ir quando foram para a classe. Ele se levantou e lentamente se aproximou da sua professora.

Ela olhou para cima com um sorriso amável. — Sim, Thomas?

— Posso usar o banheiro, senhora?

Ela assentiu com a cabeça e perguntou se ele sabia onde era. Ele disse a ela que sim e calmamente deixou a sala.

Ele havia deixado o banheiro dos meninos e estava voltando para a aula quando ouviu o nome dela. Duas professoras estavam conversando em uma sala de aula. Ele aproximou-se antes que ele passasse pela porta.

— Eu posso ver que Guinevere está de volta. — Uma disse com diversão em sua voz.

— Sim, ela parece meter o nariz em tudo ultimamente.

— Qual é a missão mais recente?

— Aparadores de panela. Ela está fazendo aparadores de panelas para vender, porque ela quer comprar novos sapatos para Kenny Schultz. Ele está usando os do irmão e são grandes. Ele continua tropeçando em seus próprios pés.

Tommy ouviu o som de uma gaveta da mesa sendo aberta.

— De onde ela tirou o dinheiro para fazer os aparadores de panela? Ela não é de uma família carente? — a outra professora perguntou, confusão em sua voz.

— Eu acho que uma das senhoras do refeitório deu-lhe um kit para fazer aparadores. Disse que a neta do seu vizinho ganhou de presente e não quis, então o vizinho perguntou-lhe se havia alguma criança na escola que poderia querer.

— É muito doce que ela esteja fazendo para ajudar outra pessoa. Por que você está mantendo-os em sua gaveta?

— Eu me sinto mal, mas são as regras da escola. Eu disse que ela só poderia vendê-los antes ou depois da escola, e para ser completamente honesto com você, eu não sei quanto dinheiro ela vai ganhar cobrando cinco centavos de cada.

Tommy ouviu a gaveta ser fechada e se escondeu atrás de alguns armários. Ele esperava que elas saíssem da sala de aula e fossem pelo outro caminho.

— Vamos lá, é melhor pegar nossas aulas ou não teremos tempo para almoçar. — disse quando saiu pela porta e indo na direção oposta.

Tommy deu um suspiro de alívio por não ter sido pego espionando. Ele caminhou até a porta e girou a maçaneta. Destrancada. Ele rapidamente correu para a mesa da professora e abriu a gaveta de cima. Nada. Ele abriu a próxima gaveta e lá ele viu. Eram pequenos aparadores de panela, todos tecidos em conjunto com diversos fios de linha colorida. Ele viu que eles

estavam em um saco plástico transparente, e no fundo do saco ele pôde ver três moedas de cinco centavos. Ela havia vendido três. Ele enfiou a mão no bolso e tirou as duas moedas que seus pais adotivos lhe deram para o almoço. Ele cuidadosamente retirou dois aparadores de panela do saco e colocou-os em sua camisa. Largou seus trinta e cinco centavos no saco de plástico, colocou de volta na gaveta e fechou-a suavemente.

Enquanto se dirigia de volta para sua sala de aula, ele sentiu algo que nunca tinha experimentado. Felicidade. Ele estava feliz em fazer isso por Guinevere. Ele sempre tinha sido o destinatário de ódio da sua irmã ou de pena de estranhos. Ele nunca esteve em uma posição para realmente dar e ele gostou de como se sentiu. Ele não estava preocupado em não ter nenhum dinheiro para o almoço. Ele tinha ficado com fome antes e iria passar fome novamente hoje. Por ela.

Agora, na escuridão fria do seu escritório, Tommy sentou-se em sua mesa e olhou para os aparadores de panela em suas mãos. Lembrou-se de ficar decepcionado por nunca ter voltado para a escola de Ginny depois daquele dia. Alguns trabalhadores do governo decidiram que sua vida na casa não era tão terrível e não poderiam justificar a despesa. Assim, ele foi devolvido à Karen. Lembrou-se de ficar feliz, seus pais adotivos tinham deixado manter sua camisa nova. Seu sorriso desapareceu quando as memórias ruins começaram de novo, mas ele imediatamente as reprimiu com as lembranças de quando ele a encontrou de novo.

Ele sabia que ofegou naquele dia que a viu andando pela rua. O dia em que ela montou seu carrinho de limonada.

Seus pensamentos foram interrompidos pela voz dela.

— O que você tem aí? — ela perguntou em voz baixa.

Tommy olhou para cima, surpreso. Ela estava casualmente encostada na porta do seu escritório. Há quanto tempo ela estava ali? Ele não a ouviu

segui-lo no corredor. Ele olhou fixamente em seus grandes olhos castanhos e lágrimas começaram a se formar nos dele.

— Eu preciso te contar sobre o verdadeiro momento em que me apaixonei por você, Ginny. Eu preciso falar sobre o primeiro olhar. — Ele olhou para ela com um amor que transcendeu o tempo. — Esperei muito tempo para devolver isso para você, querida.

Capítulo 72

2000

— Você era a noiva mais bonita do mundo. — Tommy disse a ela enquanto passava-lhe as batatas doces. — Diga a sua mãe como ela estava bonita, Jason.

— Você estava muito bonita, mãe. Por que você não fica assim todos os dias?

Tommy quase deixou cair a vasilha que ele estava passando, mas Ginny apenas riu. — Porque era um dia especial e eu tomei um cuidado extra para parecer bonita para o seu pai. — respondeu ela.

— Eu não sei por que você tinha que vestir branco. — Mimi entrou na conversa. — Você é velha demais para vestir branco, mãe. Não é como você e papai não tivessem feito aquilo.

— Feito o quê? — Jason perguntou inocentemente enquanto pegava um rolinho. — O que vocês fizeram? Eu quero fazer também!

— Mimi, não tente se esconder atrás do sarcasmo. Eu vi você assistir seus pais fazerem seus votos e você tinha lágrimas nos olhos. — Carter entrou na conversa.

Eles estavam todos sentados em torno da mesa de jantar. Tommy e Ginny tinham acabado de voltar de uma pequena, mas há muito merecida lua de mel. Eles não conseguiram fazer as reservas do cruzeiro de uma semana para a família em tão pouco tempo, então eles decidiram colocar esse cruzeiro em espera até o Natal. Foi Tommy que determinou que ele queria um casamento real com Ginny e não apenas a formalidade do tribunal que eles tiveram tantos anos atrás. Lembrou-se de prometer no passado que caminharía com ela pelo corredor da igreja. E a lua de mel já estava muito

atrasada.

Eles conseguiram organizar tudo muito rapidamente, apenas convidaram alguns amigos próximos. Foi ele que insistiu para que ela usasse um vestido branco. Que, assim como a Ginny que conhecia e era apaixonado, era bonito em sua simplicidade. Eles tiveram uma pequena e modesta recepção e pediram que em vez de presentes, doações fossem feitas para uma instituição de caridade local que ajudava as crianças a se adaptarem melhor em lares adotivos. Mimi e Jason tinham ficado na casa de Carter e Bill.

Tommy e Ginny tinham acabado de chegar em casa e estavam muito entusiasmados para encontrar Carter e as crianças lá. Carter fez Mimi e Jason a ajudarem a preparar um jantar surpresa.

— Não sei se eu posso comer frutos do mar pela quarta noite consecutiva. — Mimi disse baixinho.

— Você sabe que Carter não come carne vermelha. Você estava na casa dela, então você viveu com as suas regras. — disse Tommy a sua filha. — E com relação a esta refeição, eu tenho certeza que ela comprou e fez, então, mais uma vez, você não tem uma palavra a dizer sobre isso.

— Ainda assim, um assado teria sido bom. — disse Mimi, revirando os olhos.

— Ah, Mimi. — Ginny disse em uma falsa monotonia. — Eu não posso esperar até que você tenha seu próprio filho adolescente. Você sabe o que dizem, algo sobre acerto de contas ser um inferno?

— Diabo, mãe. — Jason entrou na conversa, inocentemente. — Eu acho que é o diabo, não inferno. Corbin disse isso sobre o irmão mais velho dele uma vez.

Só então a campainha tocou. Jason se levantou e correu para abrir.

Ginny olhou para Carter, em seguida, e disse-lhe em voz baixa. — As crianças voltam para escola na próxima semana. Virei aqui para limpar a

garagem.

Carter acenou para ela.

— Tio Bill! — Jason gritou da porta. — Tio Bill está aqui. Ele chegou e trouxe um presente!

Segundos depois, o marido de Carter, Bill, seguiu Jason para a sala de jantar. — Desculpem estou atrasado. O trânsito estava mais lento do que eu esperava.

Ele deu um beijo na cabeça de Carter, em seguida, sorriu para Tommy e Ginny. — Como foi a lua de mel?

Antes que pudessem responder, Jason saltou. — O que há na caixa? É um presente de casamento? Você sabe que eles não querem presentes, certo? Por que a caixa tem buracos nela? Você trouxe-lhes um presente com buracos?

Bill riu e disse: — Não, não tenho nada a ver com isso. Estava na sua varanda quando eu cheguei.

Ele caminhou em direção a Ginny e entregou quando ela se levantou.

— O que poderia ser isso? — ela perguntou.

— Abra, mamãe! Abra-o agora. Espere, eu posso abri-lo? — Jason olhou por cima do ombro, quase pulando de empolgação.

Era uma caixa branca extravagante com uma grande fita prata amarrada ao redor dela. Ela entregou a Jason e tirou algumas coisas do caminho.

— Aqui, querido. Coloque sobre a mesa.

Jason colocou a caixa sobre a mesa e rapidamente desamarrou a fita. Quando ele tirou a tampa deu um grito de emoção.

— Veja! Olha o que alguém nos deu!

Ele levantou cuidadosamente algo da caixa e segurou-o contra o peito. Era um gatinho preto.

— Ahhh, você é uma coisa bonitinha! E olha, pai, olha o que está em sua coleira. É melhor eu tirá-lo. É pesado.

— O que é isso? — Mimi perguntou enquanto tentava espreitar em torno de Carter.

— É o rei negro. Assim como aquele que estava faltando no novo tabuleiro de xadrez do papai.

Os olhos de Tommy e Ginny se encontraram. Ele sabia que ela não sabia o que pensar.

— Eu me pergunto se é um menino ou uma menina. — disse Jason, arrepiando o pelo dele. Até Mimi estava em pé agora, mexendo com o gatinho.

Carter se juntou a eles e foi desatando a fita que prendia a peça de xadrez do pescoço do gatinho.

— Nós podemos ficar com ele, certo, mamãe? — Jason perguntou enquanto olhava para a mãe. Sem esperar por uma resposta, ele olhou para o pai. — Certo, papai? Nós vamos ficar com ele, não vamos?

— Sim, filho. — Tommy respondeu com um largo sorriso. — Nós podemos mantê-lo.

Este era o sinal que Grizz tinha prometido da sepultura. Sua casa era deles novamente. O NNG tinha ido embora e quem quer que tenha confirmado isso por Grizz deve ter enviado o gatinho também.

Tommy mais tarde explicaria a Ginny que ele achava que era a maneira dele dizer a ela que estava tudo bem que ela fosse feliz sem Grizz. O aceno de cabeça não tinha sido suficiente. Ele precisava tranquilizá-la que estava tudo bem para seguir em frente e ter uma vida. Ela concordou.

— Como devemos chamá-lo? — perguntou Jason.

Capítulo 73

2000

Ginny abriu os vidros do carro e apreciou a brisa quente enquanto dirigia para Carter. As crianças estavam de volta na escola e ela planejava limpar a garagem antes de assumir um novo cliente na contabilidade, com esperança na próxima semana.

Ela cantou junto com sua estação de rádio favorita enquanto pensou sobre os aparadores de panela que Tommy havia devolvido para ela na primeira noite que eles fizeram amor após a curta separação, logo antes deles renovarem seus votos de casamento. Ela soube, quando ele disse há quanto tempo guardava, que ela tinha tomado a decisão certa em acreditar e confiar a ele o futuro deles. Ela não tinha mais dúvidas sobre seu verdadeiro amor por ela.

Ela se sentiu mal por não se lembrar do incidente exato que ele tinha descrito no pátio da escola, mas ela se lembrava dos aparadores de panela. Ele brincou com ela que os colocaria em uma moldura e penduraria em seu escritório, mas ela finalmente concordou que ele estava certo mais cedo naquela noite: era hora de abandonar o passado. Todas as coisas do passado. Era hora de deixar os aparadores de panela junto com os tabuleiros de xadrez do Grizz e da Mavis, o desenho de Moe e até mesmo a jaqueta de Grizz.

Ele ficou feliz por ela ter concordado.

Eles se sentaram no chão do escritório, de pernas cruzadas, depois que eles falaram sobre os aparadores de panela.

— Ginny, eu estou curioso sobre algo. Você disse na última entrevista com Leslie que ela perdeu a verdadeira história de amor. Uma história sobre um homem que tinha amado você desde o início, desde o primeiro olhar. Eu sei que você estava falando de mim. Você quis dizer, quando conversou com ela, que eu sempre fui a sua alma gêmea? Alguma vez você considerou Grizz sua alma gêmea?

Ela puxou os joelhos contra o peito e colocou os braços ao seu redor, abraçando-os firmemente. Ela não respondeu de imediato, apenas inclinou a cabeça para um lado, considerando o que ela estava prestes a dizer.

Antes que ela pudesse dizer uma palavra, ele acrescentou: — Eu posso dizer pela sua linguagem corporal que você está tentando decidir se deve ou não me falar a verdade. Você não precisa mentir. Você pode me dizer.

— Eu disse a verdade para Leslie. Esta é a única história de amor agora.

Ele acenou com a cabeça com seu último comentário. Ele não podia evitar. Sabia qual seria a resposta dela, mas a pergunta escapou antes que pudesse detê-la.

— É a única história de amor agora, mas não é a única história de amor, não é?

— Eu sei o que você quer ouvir. Você quer ouvir que você é meu único amor verdadeiro e alma gêmea. Eu não quero te machucar. Deus sabe que eu não quero machucá-lo, mas eu nunca vou negar que ele foi meu primeiro amor e um amor verdadeiro. Eu falei sério sobre você ser minha alma gêmea, Tommy. Mas também acho que uma pessoa pode ter mais de uma. Eu ainda considero Grizz uma alma gêmea também. Eu digo considero, porque eu acredito que a alma dele ainda vive.

Ela brincou com a mão de Tommy. — Eu fui muito apaixonada por

Grizz. Eu ainda o amo da minha maneira, mesmo que ele esteja morto. — Distraidamente ela brincou com a aliança de casamento.

Olhando rapidamente de novo para o marido, ela acrescentou: — Não deixe que o que eu disse tire o que temos agora. Eu não posso negar meu passado e meu amor por ele. Mas isso não significa que eu te amo menos do que eu o amava. Ele não está mais aqui. Você está aqui, e eu estou apaixonada por você. Essa é a verdade. Não estou definhando pelo Grizz. Estou de luto? Sim, porque ele se foi para sempre. Mas está ficando um pouco mais fácil a cada dia. Desculpe, respondi mais do que você perguntou.

Ele beijou o cabelo dela. — Compreendo.

Ela franziu a testa em seguida. — Sabe, eu sempre me resenti com a insinuação de Sam de que eu sofria de Síndrome de Estocolmo. Eu posso entender por que ele pensava assim, mas isso nunca foi verdade. Ninguém nunca teve um vislumbre do nosso casamento.

— Quem poderia? Grizz a mantinha em uma bolha protetora. Tipo daquelas coisas de globo de neve.

— Tommy, Grizz e eu tínhamos um bom casamento e, sim, eu desprezava a gangue, suas atividades, alguns dos supostos amigos dele. Mas eu realmente amei o homem. Isso não aconteceu de imediato, mas lentamente, eu comecei a extrair coisas dele. Você sabia que Grizz amava as estrelas? Comprei-lhe um telescópio para o nosso aniversário de um ano. Eu acho que ainda deve estar na casa de hóspedes, sobre a nossa antiga garagem. — Ela tinha uma expressão distante em seus olhos.

— Como eu poderia saber algo assim? Grizz raramente discutia alguma coisa pessoal.

— Ele costumava me levar a piqueniques à meia-noite. Gostávamos de ir a lugares que sabíamos que estariam livres ou vazios. O zoológico, um parque de diversões. Nós até mesmo fomos para o convés do iate de alguém e

observamos as estrelas uma noite. — Ela fez uma pausa antes de acrescentar: — Ele gostava de construção, arquitetura. Você sabia?

— Não, acho que não.

— Ele praticamente viveu em nossa casa em Shady Ranches quando estava sendo construída. Ele não se cansava disso. E eu acho que você já sabe sobre o fraco dele por animais. Especialmente depois de ouvir sobre o que aconteceu com seu cão. Eu acho que é por isso que ele concordou tão fácil de Carter morar na casa e manter seus animais lá.

Ela olhou para um ponto por cima do ombro e ele sabia que ela não tinha terminado. Ele iria deixá-la falar. É o que eles querem, de qualquer maneira.

— Eu me levantava e ia à igreja todos os domingos sozinha, em seguida, voltava para casa para encontrar Grizz em sua cadeira favorita com o jornal espalhado por toda parte. Ele ficava envergonhado quando eu o pegava lendo os quadrinhos. Para alguém com uma personalidade tão dura, ele tinha uma certa qualidade de vulnerabilidade que me apaixonei, Tommy. Eu realmente era apaixonada por ele.

Tommy apenas balançou a cabeça.

— Você provavelmente não sabia que ele tinha medo de dentista. Que sua cor favorita era azul, e, acredite ou não, ele era um cozinheiro melhor do que eu. — Ela sorriu, ainda com a expressão distante no rosto. — Ele me levou para pescar uma vez. Havia algumas crianças nas proximidades e elas estavam usando seus estilingues descuidadamente, apontando para pequenos animais. Esquilos e pássaros. Grizz parou-lhes e disse que eles nunca deviam machucar um animal, qualquer animal, só por esporte. Eu acho que elas ficaram com muito medo de discordar dele, mas ele as conquistou depois de dar-lhes lições de estilingue. Ele era um excelente atirador. Foi a coisa mais fofa que já vi.

Tommy não disse nada, apenas continuou a ouvir.

— Eu perdi meu emprego por causa dele. Eu já te disse isso? Quando eu estava trabalhando para a empresa de contabilidade em Miramar?

— Não. Eu pensei que você tivesse se demitido.

— Eu deixei Grizz achar isso. A filha do proprietário me levou para casa um dia. Meu carro não pegava e eu não consegui encontrá-lo para ir me buscar. Ela praticamente saltou na chance para me levar. Por alguma razão, eu era uma curiosidade para as pessoas no escritório.

— O que aconteceu? — Ele perguntou baixinho.

— Aconteceu que Grizz não atendeu o telefone porque estava na garagem trabalhando em uma das suas motos. Quando ouviu o carro parar ele saiu para ver quem era. Ele estava vestindo uma blusa suja e ele estava carregando uma chave. Minha amiga achou que ele estivesse assaltando a minha casa. Ela ficou envergonhada quando eu disse que era meu marido. — Ela olhou para longe de Tommy então. — Eles começaram a insinuar no dia seguinte que, provavelmente, começariam a cortar custos e que eu deveria talvez considerar procurar outro emprego. Eu sabia que era a maneira deles me dizerem que se livrariam de mim. Eu saí antes de colocá-los na incômoda posição de ter que me demitir.

— E você nunca contou para ele?

— Não. Eu não disse a ele porque, por mais surpreendente que você possa achar, Grizz tinha sentimentos também.

— Eu nunca duvidei que ele tivesse sentimentos, Ginny. Porém, eu nunca o vi demonstrar.

— Bem, ele mostrou para mim. Perder o emprego não foi um grande problema, de qualquer maneira. Eles foram a falência menos de seis meses depois porque foram pegos por ajudar um dos seus clientes em algum esquema de evasão fiscal. Fiquei chocada. Eles pareciam uma empresa acima

de qualquer suspeita para mim.

A sala ficou em silêncio por um minuto. Tommy olhou para ela, e ela sabia que ele estava pensando.

— O quê? — ela perguntou. — Diga. Você sabe o quê? Não diga. Eu sei o que está por vir. Você vai me dizer que Grizz teve algo a ver com eles se metendo em confusão. Não diga isso e não ache isso, Tommy. Apenas não!

Ele não precisou dizer nada. Tommy sabia que Grizz tinha notado a surpresa no rosto da senhora que levou Ginny para casa. Ele era inteligente demais para não ter visto a coincidência em Ginny se demitir imediatamente depois. Ele afundou aquela empresa porque tinham ousado ferir os sentimentos da Ginny. Ele era implacável em sua proteção a ela. Quase ao infinito. Não. Definitivamente ao infinito. Ele estava tentando compensar o que ele nunca foi capaz de dar para a sua irmã.

Pensando sobre isso, Tommy percebeu que ele mesmo era muito parecido com Grizz. Implacável na busca do que ele queria. E ele tinha conseguido. Ele a tinha conseguido. A única coisa que ele realmente já quis. Não aconteceu do jeito que ele originalmente planejou, e levou muito mais tempo do que ele esperava, mas ele ganhou.

Tommy interrompeu o silêncio com outra pergunta: — Então, quando você se apaixonou por mim, Ginny? Você disse a Leslie que se não fosse por Grizz, você não estaria casada com o homem que era completamente apaixonada hoje. Você resistiu a mim por anos depois que me casei com você. Quando você soube que estava apaixonada por mim?

— Mas os dois programas se concentraram em arquitetura e artes

clássicas da cultura grega e romana antiga. Esta foi a única escola de arquitetura no mundo ocidental até que Jonathan Seely se formou na Universidade de Illinois como primeiro estudante de arquitetura em 1874.

Ginny parou quando ouviu a voz de Tommy vindo da sala. Ela espiou em torno e lágrimas surgiram no canto dos olhos. Era 1988. Tommy estava sentado no sofá e tinha Mimi acomodada na dobra do seu braço. Ele estava segurando uma das suas revistas de arquitetura com a outra mão e lia em voz alta para ela. Ele estava usando inflexões de voz que a cativou. A história dele não fazia absolutamente nenhum sentido para a criança de quase três anos de idade, mas ela estava hipnotizada por ele. Ela estava olhando para ele, debruçada em cada palavra.

O coração de Ginny derreteu com a visão.

— Tudo bem, querida, eu estou acabando a minha história. — disse para Mimi. — Que tal eu contar-lhe outra?

Ela ouviu Mimi bater palmas. — Ota tória, papai! Uma tória divertida!

Ela sorriu, então se inclinou contra a parede ao lado da porta. Ela ouviu quando Tommy começou a contar outra história para Mimi.

— Era uma vez, em uma terra distante, vivia uma linda princesa que...

Ginny fechou os olhos enquanto ela ouvia Tommy contar para Mimi sobre uma princesa que era tão bonita, que foi comparada a um pote de rubis e esmeraldas tão brilhantes como o sol. O nome da princesa era Ginny. Ela realmente levou a mão ao coração e teve que abafar um suspiro. Quão doce era isso?

— Se você se casar com a minha filha, você irá ganhar todos os rubis e esmeraldas do meu reino. — O rei disse ao bravo cavaleiro.

— Eu ficaria honrado em me casar com sua filha e ganhar as pedras preciosas que representam sua brilhante beleza, e vou protegê-los como a

minha vida. — O bravo cavaleiro respondeu ao rei enquanto se curvava diante dele.

— Mas espere! — o rei acrescentou. — Se você se casar com a minha filha e pegar todas as minhas pedras preciosas, você também deve levar uma outra coisa.

O rei disse ao bravo cavaleiro para ficar em pé, e quando o fez, o rei entregou-lhe uma linda menina. Esta é a minha neta, a princesa Miriam. Ela é a mais rara joia de todas. Mais rara e mais bonita do que a mãe. Você não pode ter uma sem a outra, e você deve aproveitar este pote de diamantes perfeitos pois representam a pureza e a inocência da pequena princesa.

O bravo cavaleiro olhou nos olhos da Princesa Miriam, e ele sabia que seu coração havia sido conquistado para sempre. Ele adorava Miriam como se fosse sua. Ele iria protegê-la com sua vida. Ele iria colocá-la no mais alto pedestal do seu coração e nunca a deixaria cair dali.

— É uma honra, Vossa Alteza, proteger e amar aquilo que você mais valoriza. Eu dou a minha vida para ambas as princesas.

Ginny teve que abafar um soluço quando ela calmamente saiu pelo corredor e foi para o pequeno banheiro fora da cozinha.

— Esse foi o dia, Tommy. O dia que eu escutei você contar essa história para Mimi. Eu fiquei tão tocada em como você fez parecer como se alguém estivesse dando-lhe um pote de rubis e esmeraldas, mas, a fim de levar o pote de rubis e esmeraldas, você teve que aceitar um pote de diamantes, também. Não era como se você tivesse recebido o fardo de uma criança. Pelo contrário, era como se você visse como um presente. Você congratulou-se com ela e a amava, apesar de saber que ela era filha do Grizz

e que eu tinha sido apaixonada por ele; eu acho que poderia ainda estar apaixonada por ele na época. Mas amava você, sem dúvida. Você não tinha que amá-la, mas amava, porque você me amava. — Ginny piscou, surpresa ao encontrar os olhos molhados de lágrimas. Mas eram lágrimas de felicidade. — Eu estava segurando, negando os sentimentos que eu tinha por você quando eu era mais jovem. Eu ainda me lembro de lutar contra os sentimentos que tinha por você naquela época. Eu tinha apenas quinze anos. Eu estava confusa. Depois que eu ouvi você contar essa história, eu me permiti sentir de novo.

Ele sorriu para ela. — Ginny, é claro que eu a amo. Ela veio de você. Como eu poderia não amar? Ela é minha filha. Nunca se permita pensar o contrário.

Ela fungou e sorriu para ele. — Posso voltar à sua pergunta original? — Ele assentiu.

— Sim, eu o considero minha alma gêmea, mas eu considero Grizz também. Espero que você entenda isso. Eu espero que você possa aceitar isso. — Ela olhou para ele interrogativamente.

— Eu compreendo e aceito. — Ele sorriu calorosamente para ela. Mas não podia negar que seu coração sofreu um pequeno golpe.

Como se estivesse lendo sua mente, ela rapidamente acrescentou: — E sim, Leslie realmente deixou passar a verdadeira história de amor. A verdadeira história de amor é a que eu estou vivendo agora.

Ela agarrou as duas mãos, ali no chão do escritório. — Eu tive uma história de amor verdadeira com Grizz também? Sim, eu tive, apesar das estúpidas acusações de Síndrome de Estocolmo. Mas eu acho que a minha história com ele terminou quando ele me disse para me casar com você, Tommy. Você é a única história de amor que existe agora, mas isso não significa que eu não tive uma antes de você. Isso faz sentido?

Ele deu um suspiro de alívio. Isso era o que ele realmente queria saber, de qualquer maneira. Que agora ela o amava. Ele estava inconscientemente querendo ouvir que seu amor por Grizz não era real para ela. Por mais que tenha doído ouvir sobre seus sentimentos por Grizz, pelo menos ele podia apreciar a sua honestidade. Ele sabia que ela estava dizendo a verdade sobre o seu amor por ele no presente.

Era mais honestidade do que ele lhe dera na maior parte do casamento deles.

— Eu queria te perguntar uma coisa. — disse ela então. — O diário da Moe. Não li ainda. Eu preciso?

Já era tempo. Ele sabia que eles estariam ouvindo e estava esperando por esse momento. Ele ficou feliz por ela ter tocado no assunto, então ele não teria que descobrir uma maneira de trazê-lo para a conversa.

— Eu não acho que você precise ler, se você confiar em mim para contar o principal.

Ela franziu a testa, mas ele acrescentou: — Eu sei que você está preocupada em confiar em mim, mas você realmente não precisa ler. Posso dizer-lhe tudo.

— Tudo bem, então. Diga-me o que você pensa que eu preciso saber.

— Para começar, você não tem nada que se sentir culpada. Moe não se matou. Foi uma overdose acidental. Ela escreveu sobre como estava tendo dificuldade em dormir e tomando mais e mais pílulas para ajudar com isso. Ela estava tão fraca, Gin, eu acho que o corpo dela não aguentou.

Ele não estava sendo completamente honesto. Ainda. Ele não podia dizer a ela que Moe se suicidou porque se sentia culpada por ajudar alguém chamado Wendy a tramar um ataque contra Ginny. Ele tinha a sensação que precisava contar tudo. A coisa sobre Sarah Jo ser Wendy. Ele, definitivamente, contaria tudo para ela. Mas ainda não. Era muito cedo e

ainda havia muitas contusões emocionais. O aconselhamento que eles concordaram em obter ajudaria. Ele teria que esperar.

— Sério? Você está falando sério, Tommy?

— Sim, Ginny. Estou falando sério. Não teve nada a ver com se sentir culpada por estar com os cães naquela noite. Sim, ela se sentiu mal. Ela mencionou isso algumas vezes. Mas ela não se matou por causa disso.

— Estou tão aliviada por ouvir isso! Eu me culpei o suficiente ao longo dos anos sobre coisas diferentes. É um sentimento miserável. Eu quase invejava Grizz, que parecia nunca se sentir culpado por algumas coisas. Um monte de coisas, na verdade.

— Ah, e isso você pode achar interessante. Quando Jan contou que Grizz cortou a língua da Moe por causa de um comentário que ela fez sobre mim? Não é verdade.

— O quê? — Ginny praticamente gritou.

— Não, Moe viu Grizz com algum figurão extravagante em um terno e falou com ele sobre isso.

— E ele cortou a língua dela? Isso não pode estar certo! — Ginny respondeu, a dúvida em sua voz era óbvia.

— Pense nisso, Ginny. Era final dos anos sessenta. Ele estava começando a fazer suas conexões de drogas com o Cartel Sul-americano. Ela era uma tagarela. Ele provavelmente pensou que estava fazendo um favor a ela. Ele inventou do boquete para todo mundo, incluindo Blue.

— Sinto muito ter que admitir isso, mas sim, eu posso ver Grizz fazendo isso. — Ela balançou a cabeça, em seguida, como se despertasse de um sonho. — Então o que vamos fazer com ele? Guardamos e levamos para a polícia? Encontrar a família restante da Moe e entregar para eles?

— Posso fazer uma sugestão, Gin?

— É claro, Tommy. O que devemos fazer com ele?

— Amanhã é dia de lixo. Eu digo que devemos jogá-lo fora.

Capítulo 74

2000

Ginny se sentiu estranhamente eufórica quando parou em um sinal vermelho no seu caminho para a casa da Carter. Ela observou Tommy na manhã seguinte quando ele cerimoniosamente lançou o diário da Moe no lixo da cozinha e, depois de amarrá-lo, levou para o meio-fio. Ela pensou sobre a cerimônia na igreja e na lua de mel que se seguiu. Ela pensou sobre as sessões de aconselhamento que iam regularmente. Elas estavam ajudando, e ela estava feliz que Tommy tivesse sugerido isso. Ela até pensou sobre o gatinho preto que tinha aparecido quando chegaram em casa da sua lua de mel. O gatinho preto que tinha criado o caos em sua casa desde então. Ela sorriu.

Ela ainda estava desfrutando da sua música dos anos setenta, enquanto alcançava cegamente em sua bolsa para achar um pacote de chicletes que ela sabia que estava lá em algum lugar. Ela sentiu algo no fundo da sua bolsa e estava tentando descobrir o que era quando apareceu na sua mão. Ela olhou por um minuto e apenas sorriu. Levou-a aos lábios e beijou suavemente.

— Adeus, meu amor. — Ela sussurrou. — Acho que ainda estava com ela na minha mão na noite que Casey me encontrou na garagem.

Ela não se lembrava que tinha guardado na sua bolsa, mas ela provavelmente fez isso. Ela ergueu o quadril do lado direito e deslizou a bandana azul do Grizz no bolso de trás da calça jeans. Ela iria devolvê-la para a moto na garagem de Carter. Onde pertencia.

O tráfego da manhã estava pior do que ela esperava, e 45 minutos mais tarde, ela estacionou na sua antiga garagem. Carter estava do lado de

fora fazendo algo com os animais. Ela acenou quando se aproximou. Carter saiu pelo portão e disse a Ginny: — Você tem uma entrega hoje.

— Uma entrega? — Ginny deu-lhe um abraço. — Aqui? Tem certeza que é para mim?

— Sim, diz Kit nela. Estou supondo que é para você.

Ginny parou de repente. Carter sabia o nome de gangue dela, mas ela não era chamada de Kit há quinze anos.

— Vamos. — Carter pediu. — Eu posso ficar com você enquanto você abre, se quiser.

— Quem entregou? — Ginny perguntou enquanto seguia Carter para dentro.

— Não sei falar. Eu encontrei esta manhã na varanda. — Carter fechou a porta atrás delas. Ela pegou o pacote sobre a mesa de centro e gentilmente colocou-o nas mãos de Ginny. Estava embrulhado em papel pardo com Kit escrito de caneta preta na parte superior. Ginny não reconheceu a letra e não podia imaginar quem tinha entregado.

Lentamente, ela retirou o papel marrom, em seguida, caiu no sofá da Carter com um plop, sua boca aberta.

— É a minha Bíblia! — disse Ginny, incrédula. — É a minha Bíblia de quando eu era apenas uma menina.

Ela sorriu então e abriu-a, notando onde o nome dela estava escrito em letras de forma grandes: Guinevere Love Lemon.

— Eu imagino quem estava com isso. Eu me pergunto por que quem quer que fosse nunca me deu isso antes.

Carter se sentou ao lado dela. — Você vai ficar bem?

— Sim, eu estou bem. Na verdade, é um tipo agradável de surpresa. Estou chocada, mas contente de vê-la. É semelhante a encontrar um velho amigo. — Ela pensou sobre o aparecimento do tabuleiro de xadrez do Grizz e

da jaqueta. O gatinho com o rei que estava faltando. Mesmo o diário da Moe. O que mais poderia aparecer?

Ela afastou o pensamento. Ela não era pessimista e ela não iria começar agora. Não quando ela estava tão perto de ter um recomeço.

— Você quer algo para beber? — Carter perguntou. — Estou morrendo de sede.

— Não, eu não estou com sede, mas posso ficar mais tarde. Eu quero fazer um trabalho sério e limpar a garagem até o final do dia.

Carter abriu um largo sorriso. — Bom para você. — Ela falou. — Eu vou pegar a minha bebida e ir para os fundos. Chama se precisar de mim?

— Chamo. — Ginny disse à amiga.

Ela recostou-se no sofá e gentilmente folheou as páginas quando percebeu que algo estava preso entre elas. Ela tirou alguns papéis. Uma foto antiga da escola estava presa com clipe neles. Ela olhou fixamente para ela. A imagem não invocou nenhuma boa lembrança. Ela iria jogá-la fora.

Então ela notou o resto dos papéis e viu a caligrafia da Delia imediatamente. Não era difícil de reconhecer. Ela aprendeu a imitar perfeitamente quando lidava com as finanças da família. Ela costumava ser um pouco instável, mas esta letra era limpa e precisa. Era definitivamente da Delia, apesar de tudo.

Ginny teve dificuldade para acalmar suas próprias mãos trêmulas a fim de que pudesse ler o que foi escrito cuidadosamente no velho papel de um caderno, agora ligeiramente amarelo com a idade:

Minha Querida Ginny,

Por onde começo? Onde posso começar a dizer-lhe o que você merecia saber desde o início?

Eu provavelmente deveria começar com o seu pai. Eu não vivia em

uma comunidade quando fiquei grávida de você. Eu sei que você sempre acreditou que sim. Essa foi apenas uma das muitas mentiras que eu contei. Eu era, na verdade, casada com um homem, por quem estava profundamente apaixonada. Você foi concebida com amor, Ginny, mas deu horrivelmente errado e eu me culpo.

O nome do seu pai era David Dunn e meu nome era Alice Crespín. Nós nos casamos assim que saí da escola e fomos batalhar nosso caminho através da faculdade. Não foi fácil, mas nós éramos jovens, motivados e animados sobre o nosso futuro. Nós queríamos esperar até depois que nos formássemos para ter um bebê, mas ambos ficamos eufóricos quando descobrimos que eu estava grávida.

Eu não me lembro exatamente como começou, mas seu pai foi convidado para uma manifestação de alunos na faculdade. Era uma época em que armas nucleares eram objetos de protestos. Eu me lembro dele me dizendo que não queria criar uma criança em um mundo que não fosse seguro. Ele começou a ficar cada vez mais envolvido na política, manifestações e protestos. Eu adorava seu pai e fui junto com ele para alguns desses protestos, mas eu estava tão envolvida no trabalho, estudando e com a minha gravidez, que eu não percebi o quão realmente envolvido ele se tornou. Eu não vi em tempo de salvá-lo. Para nos salvar.

Foi uma surpresa total, quando você e sua irmã nasceram quase dois meses mais cedo. Nós não sabíamos que teríamos gêmeos. Tivemos medo de perder ambas, mas, apesar do seu tamanho, você era uma lutadora. Você teve que ficar no hospital por quase dois meses antes de finalmente podermos trazê-la para casa. Sua irmã era muito menor e teve que ficar mais tempo.

Você estava em casa há apenas alguns dias, quando seu pai chegou do trabalho uma noite e me disse que ia sair de novo. Ele pegou você do berço e disse que ele ia fazer algo importante. Ele ia fazer algo que faria do

mundo um lugar melhor para criar suas belas filhas, Josie e Jodi.

Você recebeu o nome em homenagem aos meus pais. Meu pai era Joseph e minha mãe era Diana. Este é o seu nome verdadeiro, Josephine Diana. Chamávamos você de Josie.

Eu estou sorrindo enquanto escrevo isso. O nome da sua irmã foi um pouco mais desafiador. O pai do seu pai era Jedediah. Passamos dias tentando encurtar o nome Jedediah. Nós não conseguimos, de modo que a nomeamos Jodi Marie. Marie era o nome da mãe do seu pai.

Tenho Deus como minha testemunha, eu não sabia o que seu pai ia realmente fazer naquela noite. Quando eu lhe perguntei se era outro protesto, ele apenas me entregou você e sorriu. Eu nunca o vi ou sua irmã novamente.

Eu fui acordada naquela noite em torno da meia-noite por alguém batendo na nossa porta. Fiquei chocada ao encontrar dois homens que eu conhecia dos protestos. Disseram-me que algo tinha dado terrivelmente errado. O grupo estava planejando fazer uma grande declaração. Eles haviam plantado uma bomba na biblioteca da faculdade. Eles não queriam que ninguém se machucasse, então eles fizeram à noite, quando não tinha ninguém. Eles não sabiam que alguns alunos receberam permissão para usar a biblioteca depois de fechar para fazer uma sessão de estudo. Seu pai percebeu isso tarde demais e correu de volta para avisá-los. Seu pai, juntamente com sete estudantes, foi morto na explosão.

Os dois homens que vieram em casa me falaram que eu precisava ir embora. Eu precisava fazer as malas e me mudar antes que eles identificassem seu pai. Eles disseram que iriam para casa pegar as coisas deles e sair da cidade, e se eu não quisesse ir para a prisão e ter meus bebês levados embora, eu deveria fazer o mesmo. Eu estava atordoada demais para até mesmo respondê-los. O que seu pai poderia estar pensando? Ele não

percebeu que mesmo que ninguém tivesse sido morto, bombardear uma escola era grave e as autoridades saberiam sobre os protestos? Teria sido apenas uma questão de tempo antes que eles fizessem a conexão. Eu fiquei com raiva dele, sem absorver plenamente o fato de que ele estava morto.

Mas então, eu comecei a ficar com medo. Eu fiz as malas. Eu peguei um pequeno arquivo que continha a nossa informação pessoal. Nossas certidões de casamento e nascimento, carteira do seguro social e escolar. Eu levei o pouco dinheiro que tinha e caminhei até a parada de ônibus mais próxima. Eu carreguei você, um saco de fraldas e uma pequena mala. Eu deixei tudo para trás, incluindo sua irmã. Eu teria ido direto para o hospital para pegá-la, mas ela ainda era muito pequena. Teria sido o mesmo que assinar sua sentença de morte. Ela era pequena demais para viver fora da incubadora.

Eu tive que fazer uma escolha horrível naquela noite. Arriscar perder minhas duas filhas ou apenas uma. Eu escolhi a segunda opção.

Eu não me lembro quantos dias eu passei trocando de ônibus. Acabamos em Miami e lentamente, começamos a reconstruir nossas vidas. Seu pai e eu não tínhamos nenhuma família a quem recorrer. Eu estava com medo e sozinha, exceto por você. Não demorou muito tempo para estabelecer uma nova identidade como Delia Lemon. Eu encontrei um trabalho que pagava pouco e uma senhora idosa para cuidar de você enquanto eu trabalhava.

Eu pensei que estava indo bem por um tempo, Ginny. Então, alguma coisa mudou. Eu estava muito infeliz, exausta e solitária. Lembro-me de segurar você no dia que você sujou sua última fralda limpa. Eu estava sentada em um quarto quente, apertado, sem uma fralda limpa à vista e algo em mim estalou. Olhei em seus olhos e me lembrei do que seu pai disse na última noite em que estava vivo. Ele disse que estava fazendo isso pelas suas

filhas. Ele estava fazendo aquilo por você e Jodi e ela foi embora da minha vida.

Então, eu culpei você. Convenci-me de que eu tinha sido forçada a enfrentar a vida que eu tinha agora, uma vida em fuga, por causa do que seu pai supostamente fez por você. Olhando para trás, eu fui ingênua. Estou certa de que eu poderia ter ido para as autoridades e falado que não estava envolvida. Os homens que vieram para a porta naquela noite foram provavelmente lá para me assustar, para que eu não os delatasse. Ainda assim, eu me convenci de que eu era culpada por associação e não queria ir para a prisão.

Alguma coisa aconteceu naquele dia. Algo que eu me arrependi todos os dias desde a minha sobriedade, mas não era algo que eu sabia que devia ter arrependido na época. Eu deixei você sozinha com sua fralda suja, fui até a loja de bebidas mais próxima e comprei algo para beber. Algo para anestesiá-la a dor. A dor de perder seu pai, sua irmã e a vida que eu conhecia. E pior ainda, eu me permiti culpar uma garota inocente, um bebê. Você.

Esse foi o começo do fim, e eu não preciso dizer-lhe como foi o resto da sua vida. Você estava vivendo em um pesadelo e, provavelmente, nem sequer sabia disso. Você sempre foi uma criança feliz, positiva, e isso só fazia odiar-me e ressentir mais de você. Que tipo de mulher pode odiar seu próprio filho? Eu te tratei tão mal quanto podia e você perseverou. Você nunca desceu ao meu nível.

Você provavelmente está se perguntando por que eu nunca te abandonei. Apenas me liberei de você. Eu tive tempo para refletir sobre isso e eu tenho vergonha de dizer, que olhando para trás, foi porque eu via você como minha desculpa para chafurdar nos meus vícios. Você foi o lembrete que me dizia que estava tudo bem continuar a beber e usar drogas. Você foi a causa da minha dor e eu merecia ficar chapada e bêbada.

Lembro-me de pensar que se as autoridades estivessem procurando por mim, eles teriam ido à procura de uma mulher com uma filha da sua idade, chamada Josephine.

Foi então que comecei a chamá-la de Guinevere. Eu nem me lembro como inventei esse nome. Tenho certeza de que foi durante um tempo que eu estava experimentando as drogas mais pesadas. Eu estava usando LSD no momento que eu conheci Vince. Ele foi a única razão pela qual eu parei. E mesmo assim eu não tinha parado completamente. Eu ainda fiz uso de algumas drogas mais pesadas, mesmo depois de nos casarmos.

Quando finalmente mudamos para Fort Lauderdale, dois anos se passaram que você devia ter frequentado a escola. Eu tinha uma certidão de nascimento falsa feita para você com o nome de Guinevere e uma data de nascimento falsa. Você sempre foi pequena e tinha crescido apenas um pouco quando a matriculei no jardim de infância. Mesmo que você tivesse sete, facilmente passaria como uma criança de cinco anos de idade e ninguém questionou.

Você cresceu muito depois disso. Fiquei aliviada quando a comida apareceu à nossa porta. Um pai normal, teria ficado grato. Talvez até um pouco envergonhado. Eu não.

Mesmo que eu fosse horrível, e eu posso admitir, eu nunca enviei Johnny Tillman para estuprá-la. Ele deveria te assustar. Ele deveria dizer-lhe para se afastar de Steve Marcus. Depois que você descobriu o que Marcus estava fazendo para seu filho, ele veio até mim e me ameaçou. Ele sabia que eu plantava e vendia maconha, mas pior, ele colocou alguém para invadir a nossa casa. Eu tinha me livrado das nossas certidões de nascimento verdadeiras e outras identificações anteriores, mas eu mantinha a minha certidão de casamento, a roubaram e fizeram alguma investigação. Marcus me disse que iria me expor. Que eu iria para a prisão como cúmplice de

assassinato ou pior, porque foi um atentado com bomba, eu seria julgada em um tribunal federal e a sentença seria muito mais severa.

E só para você saber, Vince nunca foi parte disso. Ele não soube que eu mandei Johnny Tillman para nossa casa naquela noite. Ginny, me desculpe por não ter sido boa para você mesmo depois do que aconteceu. Uma verdadeira mãe teria confortado sua filha. Uma verdadeira mãe não teria perguntado como ela poderia ter feito algo tão estúpido. Uma verdadeira mãe não teria enviado um monstro para te assustar.

Olhando para trás, uma verdadeira mãe não teria intimidado sua filha para começar a tomar a pílula anticoncepcional. Na época você tinha encontrado tanto conforto na sua igreja, e eu tentei tirar até isso de você. Eu sabia que controle da natalidade era contra a fé católica, mas eu fiz você tomar de qualquer maneira. Eu acho que fiquei com ciúme da sua felicidade e fé, e eu tentei arruinar isso também, forçando algo em você que eu sabia que você se sentiria culpada. Eu não podia suportar vê-la feliz. Eu posso ver agora que Johnny Tillman não era o monstro. Eu era.

Mais de um ano depois, um grande homem tatuado apareceu no meu trabalho. Ele me disse que ia levá-la e ameaçou Vince e eu. Então ele me mostrou o que restava de Johnny Tillman. Pior ainda, ele me disse que conhecia o meu passado. Ele foi responsável por assustar Steve Marcus para longe e ele sabia sobre o bombardeio. Marcus deve ter dito a ele. Eu fiquei com medo por mim e Vince. Eu não estava com medo por você, Ginny. Sinto muito. Muito mesmo.

Eu venho tentando encontrá-la. Vince e eu finalmente ficamos sóbrios e eu contei para ele sobre o meu passado. Contei-lhe tudo. Ele sente muito por você também. Temos ido para a polícia, mas eles simplesmente tomam notas e dizem que irão retornar. Perguntei a Guido ontem se ele se lembrava de um homem como aquele que falei nos

arredores da nossa casa. Nunca me ocorreu que o homem deveria ter te visto em algum lugar. Talvez ele até mesmo viveu na nossa vizinhança na época e eu nunca reparei nele. Claro, eu estava muito chapada para notar qualquer coisa naquela época.

Estou escrevendo esta carta como parte da minha terapia. Eu não sei se você poderá lê-la algum dia, porque eu não sei se algum dia vou te encontrar. Mas se eu te encontrar, vou te olhar nos olhos e dizer quem eu sou de verdade, que realmente sinto muito. Vou deixar que você leia isto e vou pedir o seu perdão. Deus me ensinou sobre o perdão. E se você não me perdoar, eu vou ter que aceitar. Eu nem tenho certeza se eu me perdoei, neste ponto, mas eu estou tentando e Deus sabe disso.

Eu tentei procurar pela sua irmã, também. Eu tinha grandes esperanças de que ela tivesse sido adotada por uma família agradável. Em vez disso, eu encontrei um atestado de óbito. Ela morreu uma semana depois que eu a deixei lá. Não tenho nada para me lembrar dela. Nem um retrato, uma peça de roupa que usou. Nada. Tudo que eu tenho é uma memória de uma linda enfermeira que cuidava dela como se fosse sua. Eu nem me lembro do nome da enfermeira, só que ela tinha um sotaque bonito. Ela costumava chamar sua irmã de Cricket porque quando Jodi respirava profundamente, ela soava como um grilo.

Eu não tenho muito para lembrar de você também Ginny. Depois que o homem levou você, eu comecei a limpar a casa. Disse a mim mesma que removendo qualquer memória de você, eu poderia remover a culpa que tinha lentamente afundado na minha alma. Talvez estivesse lá o tempo todo e ver as suas coisas chamava a atenção para isso. Sua Bíblia foi algo que eu pude esconder no fundo de uma gaveta nunca utilizada, e foi lá que ela ficou guardada todos estes anos. Eu odeio a sua foto que encontrei guardada no interior. Ela foi tirada durante um tempo que eu sei que você estava sendo

terrivelmente negligenciada. Mas agora é tudo que eu tenho, junto com as certidões de nascimento originais sua e de Jodi, que eu recentemente fui capaz de rastrear.

Vince está me levando em uma viagem de volta para a cidade onde eu fui para a faculdade. Vou enfrentar o meu passado e admitir a minha parte no bombardeio. Apesar de que minha parte nunca foi nada além de ir a alguns protestos, eu era casada com o homem que ajudou a planejar e plantar a bomba.

Quando eu voltar, vou continuar minha busca por você. E vou continuar escrevendo esta carta. Talvez você queira saber mais sobre o seu pai. Eu posso fazer isso. Eu posso lhe dizer mais sobre ele.

Ela não tinha assinado. Através da visão embaçada, Ginny olhou para a carta de três páginas, enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Delia nunca assinou porque ela nunca conseguiu terminá-la. Ginny olhou para a data da carta; Delia e Vince morreram em um acidente de carro menos de uma semana depois.

Anexado à parte traseira da carta estavam quatro pedaços de papel: a certidão de nascimento falsa que Delia tinha feito para Guinevere Love Lemon todos aqueles anos atrás e as duas verdadeiras mostrando os aniversários reais dela e de Jodi. Elas nasceram em 1958. A certidão de óbito de Jodi também estava anexada.

Só então, Carter entrou e disse: — Eu acabei de voltar para... ah, Gin, o que há de errado? — ela correu para a sua amiga. — Por que você está chorando, querida? O que está errado? Más memórias? Você quer que eu chame Tommy?

Ginny tentou sorrir. — Não, eu finalmente consegui algumas respostas. Só isso. Eu finalmente consegui algumas respostas.

Foi agri-doce descobrir que ela não era filha única. Pelo menos não nos primeiros meses da sua vida. Como sua vida teria sido se seu pai não tivesse ajudado a plantar a bomba? O que teria sido ser criada por uma sóbria Alice Crespin e um pai? Seu coração estava pesado. Seria possível lamentar por uma vida que você não teve? Se ela tivesse essa vida, ela certamente não teria sido criada na Flórida. Ela nunca teria conhecido Grizz. Ela nunca teria conhecido Tommy. Ela não teria seus filhos.

Tinha sido difícil ler a carta da Delia e ainda assim, libertador também. Ela ficou um pouco irritada quando percebeu que alguém tinha escondido essa Bíblia por anos. Delia tinha morrido em 1980. Por que ela só tinha sido dada a ela agora? E em um envelope endereçado apenas ao seu nome de gangue. Havia algum significado?

Não. Não havia. Ela estava certa disso. Talvez ela só tenha sido esquecida. Não importava agora, de qualquer maneira. Nada disso realmente importava. Nada disso.

Ela respirou fundo e se lembrou da razão para estar na casa de Carter. Ela iria lidar com a limpeza da garagem agora. Ela passou a carta para Carter e falou para ela mesma ler. Ela enxugou as lágrimas com as costas das mãos e sorriu. — Eu vou enfrentar a garagem. Estou tão pronta para recomeçar, Carter.

Carter olhou para cima, a partir da carta, e sorriu para ela. — Eu posso ir ajudá-la.

— Não. Eu vou fazer isso sozinha.

Ela caminhava com passos longos ao lado da garagem e tentava ignorar a dor em seu peito. A dor de uma vida que ela não conhecia, não sabia, mas ainda de alguma forma lamentava. *Você fez progressos, Ginny. Não desmorone agora. Você devia estar feliz por saber a verdade. Por saber que Delia se arrependeu do que fez com você.* Ela não podia negar, porém,

que, mesmo com a confissão de Delia, a incomodou não ler em qualquer lugar da carta que Delia a tinha amado.

Ela abriu a porta com a chave que tinha sido colocada de volta sob o sapo de cerâmica. Ela entrou e acendeu a luz, então apertou o botão para abrir todas as três portas automáticas da garagem. Ela estava olhando para baixo quando caminhou em direção às motos. Ela sorriu quando pegou uma lufada de ar fresco das portas recém-levantadas. Ela enfiou a mão no bolso de trás para pegar a bandana azul e parou de repente.

A moto favorita de Grizz tinha desaparecido.

Ela segurou a bandana em sua mão e olhou para o lugar onde ela tinha ficado e chorado mais de um mês atrás. Então, ela olhou para cima e saiu da garagem, olhando por toda a extensão da propriedade. Ela olhou para a bandana em sua mão. E se lembrou de todos aqueles anos atrás, quando Grizz foi preso pela primeira vez na cadeia municipal.

— Se você precisar de alguma coisa. — Ele disse na época. — Quero dizer qualquer coisa, porra, e Grunt não puder estar lá para você, você coloca o seu cabelo para cima em um desses rabos de cavalo altos que você gosta de usar e envolve a minha bandana nele. Você me escutou? Você usa minha bandana, e pode levar um dia ou dois, mas você vai ter toda a ajuda que precisa. Você me entende?

Agora ela sabia. Ela sabia o que ele queria dizer. Mas como? Quem? Quem mandaria uma mensagem para Grizz na cadeia ou prisão que ela precisava dele? Quem estava olhando por ela que não fosse Tommy?

Um movimento em sua visão periférica lhe chamou a atenção e ela rapidamente olhou para a varanda da frente. Carter estava sentada em uma cadeira de balanço. Ela estava com a sua perna direita na beira da cadeira e um braço descansando sobre ela, conforme balançava casualmente. A carta da Delia estava pendurada em sua mão. Seus olhos se encontraram. Carter

deu um pequeno sorriso.

Carter? Sua querida, doce amiga Carter ficou de olho nela para Grizz? Grizz, o homem que ela tinha acusado de não se preocupar com outras pessoas. Tantos anos atrás, quando ela contou para Grizz sobre sua nova amiga, que conheceu na faculdade, Carter, e o perseguidor fazendo com que ela ficasse com tanto medo. O perseguidor que a deixou em paz depois que ela foi à polícia e obteve uma ordem de restrição. Ginny percebeu agora que nunca existiu um relatório policial ou ordem de restrição. Grizz tinha cuidado disso e ganhou uma aliada para a vida.

Lágrimas encheram seus olhos de novo. Ela queria saber? Ela se atreveria a perguntar? Poderia ser? Ela olhou para a bandana azul na mão e o local vazio onde a moto de Grizz costumava ficar. Então, ela olhou para a amiga. Os olhares delas fixaram e ela sabia que Carter iria dizer-lhe a verdade. Carter acenou com a cabeça ligeiramente.

A esperança foi substituída por uma raiva intensa e imediata. Uma raiva que ela não esperava. Como ele se atreve! Como ele ousa fazer isso com ela! Se ela estivesse entendendo o aceno de Carter corretamente, então isso significava que ele estava vivo. Grizz estava lá fora e ele estava vivo.

Tommy sabe?

Ela pensou sobre o comportamento de seu marido desde a execução do Grizz. Não. Tommy não sabia. Ela estava certa disso. Ela sabia por causa das suas atitudes. Se ele sequer suspeitasse que Grizz ainda estivesse vivo, ele estaria agindo ainda mais protetor com ela. Tommy não estava se comportando como um homem cuja vida ainda estava em suspense, enquanto esperava o inevitável. Não. Ele estava se comportando como um homem que tinha acabado de começar a viver. Ele realmente acreditava que o gatinho era um sinal da sepultura que tudo tinha sido perdoado. Ela tinha ingenuamente acreditado também.

Ela saiu para a rua pavimentada e sentou-se de pernas cruzadas enquanto digeriria o que tinha descoberto. Ainda segurando a bandana, ela começou a chorar novamente. Mas não era um choro suave, melancólico. Era um alto, furioso. Ela sentiu os braços de Carter tentar abraçá-la por trás e ela os afastou.

— Não! Não, Carter. Deixe-me em paz. — Ela lamentou quando rejeitou a tentativa de consolo da sua amiga.

Carter se levantou e caminhou para encará-la. Olhando para cima, Ginny gritou: — Carter, me deixe em paz. Basta ir embora e me deixar em paz.

Carter se agachou e pegou o rosto de Ginny com ambas as mãos. Usando seus polegares para enxugar as lágrimas de Ginny, ela perguntou em voz baixa: — O que você esperava que ele fizesse, Gin? Você esperava que ele aparecesse na sua porta e se anunciasse? Você esperava que ele deveria ter lhe dado uma escolha? Colocá-la na posição de ter que decidir se deixaria sua família e desapareceria com ele? Para viver com novas identidades? Ou deixar Tommy e levar seus filhos com você para ficar com ele e começar de novo em algum lugar? Você pode imaginar vocês dois tentando criar as crianças, que iriam questionar por que elas tinham sido tiradas do único pai que já conheceram? Pense sobre as escolhas que você teria que fazer se ele tivesse aparecido.

— Pare de dar desculpas por ele. — Ginny enxugou as lágrimas. — Eu nunca pedi nada dele, apenas a verdade, Carter. Isso é tudo que eu sempre lhe pedi, desde o início. Ele nem sequer me disse seu nome real. E não pense por um segundo que eu não sei, que provavelmente dei ao meu filho um nome falso. Ele nunca confiou em mim o suficiente para realmente deixar-me saber. Eu juntei peças aqui e ali, mas ele nunca me disse uma coisa.

Sua voz ficou muito baixa, em seguida, e saiu como quase um

rosnado. — Eu não sou estúpida. Eu sei que ele fez Blue armar para a Jan e Matthew. Tenho certeza que Tommy acha isso também, mas nós nunca falamos sobre isso. Isso que nós fizemos na nossa casa durante anos. Negamos o nosso passado e tentamos fingir que não fomos parte de algo tão horrível. E se Grizz pensou por um segundo que foi Tommy quem ajudou Jan, ele pagaria por isso.

— Ginny, não...

— Eu o odeio! Eu o odeio, Carter!

Os soluços começaram de novo, tornaram-se altos e incontrolláveis. Carter estendeu a mão para ela novamente, e desta vez, Ginny se deixou abraçar e confortar.

— Como ele pôde fazer isso comigo? Como ele pôde me fazer amá-lo tanto apenas para me deixar? Então, me fazer chorar por ele, e agora, saber que ele está vivo e propositadamente escolheu não estar comigo todos esses anos? Eu o odeio por isso, Carter.

Carter falou baixinho. — Eu não acredito que você o odeie, Ginny. — Ela olhou para a amiga. — Eu não sei qualquer um dos detalhes e eu não quero saber. Mas eu sei de uma coisa. Eu sei que a escolha de estar com você deve ter sido retirada dele. Porque eu nunca vi um homem, qualquer homem, talvez nem mesmo Tommy, amar uma mulher como Grizz te ama. Eu nunca vi um homem sair do seu caminho para proteger alguém que ele não podia ficar. Você pode ter um monte de dúvidas sobre ele agora, e eu não culpo você. Mas uma coisa que você nunca deve duvidar é do amor dele por você.

Carter afastou-se de Ginny e pôde ver pela expressão dela que Ginny estava ouvindo. Ela estava começando a tomar grandes goles de ar e as lágrimas estavam diminuindo.

Sentaram-se por alguns minutos. Ginny usou a bandana para enxugar as lágrimas enquanto tentava acalmar sua respiração.

— Eu estou bem agora. — disse ela em voz baixa. — Ele fez a escolha por mim, então não quero mais falar sobre isso.

Carter deu-lhe um olhar interrogativo. Isso era tão parecido com Ginny. Brava, resolvida, determinada.

— Sêrio, Carter. Estou bem. Tem sido um dia difícil. Minha bíblia e agora isto, mas eu estou bem. Bem, eu não estou bem, mas vou ficar.

Carter acenou para ela. Ela sabia que Ginny precisava de um pouco de espaço, algum tempo para processar tudo isso. — Eu vou estar lá fora com os cavalos se você precisar de mim. Eu amo você, Gin.

Ginny balançou a cabeça para a amiga, que se dirigia aos estábulos, enquanto ela respirava fundo outra vez. Ela tentou recolher seus pensamentos. Vinte e cinco anos de memórias caíram sobre ela em um único momento. Ela sabia, sem dúvida, que era verdade o que Carter tinha dito. Ela nunca, nenhuma vez duvidou do amor verdadeiro e genuíno do Grizz por ela. E se ela estava se lembrando do Grizz que ela tinha se casado e se apaixonado tantos anos atrás, então esta situação não era escolha dele. Ele não estava com ela porque não podia, não porque não queria. Ela não sabia por que, e ela não sabia se era algo que ela deveria tentar descobrir. E se ela descobrisse, então o que faria?

Não, a explicação de Carter fazia sentido. Como ela poderia ter escolhido?

Sua cabeça estava girando e ela percebeu que Grizz tinha feito um favor a ela. Ele a amava o suficiente para poupá-la de ter que fazer essa escolha. Ainda assim, ele precisava que ela soubesse que ele estava lá. Ele sempre seria seu protetor. Mas ela realmente precisava saber isso? Era essa a sua maneira de arruinar sua vida com Tommy? Ela sabia que inconscientemente deixou Grizz lançar uma sombra sobre seu casamento. Não foi até sua morte no mês passado e seu retorno para casa com Tommy

que ela realmente se permitiu colocar o passado onde ele pertencia. No passado. Isso não durou muito tempo.

Ela não podia dizer exatamente o que estava sentindo. Raiva, alívio, remorso, tristeza. Ela estava tão conflituosa. Foi simplesmente demais. A carta da Delia e agora isso.

Não perca o controle, Gin. Não perca agora. Você chegou muito longe.

Ela olhou para a bandana, a agarrou com tanta força em seu punho que os nós dos dedos estavam ficando brancos. Ela não tomaria uma decisão hoje. Ela faria o que veio aqui para fazer: limpar a garagem e seu passado junto. Ela limpou a última das suas lágrimas com a bandana já encharcada e levantando o lado direito do quadril da calçada, guardou-a em seu bolso de trás. Talvez Grizz estivesse certo.

Afinal, ela não tinha nenhuma maneira de saber se ela poderia precisar da bandana um dia. Ela não tinha jeito de saber se poderia precisar dele um dia. Ele. Jason William Talbot.

Capítulo 75

2001, seis meses depois

Em algum lugar na Louisiana

Ele não sabia quanto tempo tinha andado. Ele mal se lembrava das estradas, das pequenas cidades onde ele passou, dos restaurantes vagabundos, dos motéis velhos dilapidados. Ele balançou a cabeça. Os motéis.

Memórias atingiram e provocaram seu coração. Grandes olhos castanhos, um olhar inocente, lágrimas, risos, paixão, amor. A paixão. Havia uma grande paixão. O amor. Havia ainda mais amor.

Ele balançou a cabeça quando tentou argumentar com ele mesmo. Ele tentou se lembrar de por que ele tinha feito as coisas daquele jeito. Nada, nem mesmo 15 anos de prisão ou a experiência de quase-morte que ele teve sobre a mesa da injeção letal, o havia preparado para o vazio, o vazio de uma alma que não amava. Ou pior ainda, uma alma que não achava que poderia amar novamente, encontrou isso com Kit, apenas para perder.

Perder por causa da sua própria estupidez.

Vinte e cinco anos atrás, ele tinha visto uma centelha de luz. Ele viveu no esplendor daquela luz por dez anos. Ele não tinha percebido o quão brilhante a luz realmente era até que teve que viver sem ela, enquanto ele estava preso naquela prisão. E então ele realmente morreu na mesa e viu o que era a escuridão. Escuridão de verdade.

Kit tentou compartilhar sua fé com ele por tantos anos. Apresentá-lo a um Deus que ele estava certo que não existia. Ele estava enganado. Ele agora sabia que o Deus da Kit existia, porque ele foi tirado do que ele tinha certeza que era o abismo do inferno. Se o inferno fosse real, e ele sabia que era, então o céu tinha que ser de verdade também.

Mas ele estava certo de que não estava lá para os parecidos com ele.

Lembrou-se na sua execução apontando para Kit para mostrar a ele sua tatuagem de anel. Ele não pôde ver o nome dele, mas ele sabia que ainda estava lá, e isso era tudo o que ele precisava ver. Ele sabia que eles, ele, a tinha removido permanentemente da sua vida, mas eles não podiam removê-la do seu coração. Ela poderia ter removido aquela tatuagem anos atrás, especialmente quando ele lhe disse que ela tinha que seguir em frente com sua vida e deixá-lo para trás. Ela finalmente tinha se apaixonado por Grunt, teve um filho com ele.

Mas ela não tinha removido o nome do Grizz. Por mais que fosse um pequeno consolo, era tudo o que ele tinha conseguido e mais do que ele merecia.

Ele tinha fodido muito, em mais maneiras do que gostaria de admitir. Arrependimento, uma emoção que raramente admitia, perfurou sua consciência, e por mais que tentasse enterrá-lo, estava lá do mesmo jeito. Ele não tinha como saber anos atrás que ele se apaixonaria por ela. Ele não se importava com as pessoas na época, e ele certamente não amava. Especialmente depois de Ruthie.

Mas tudo isso mudou depois que ele a levou para o motel.

E o que diabos ele estava fazendo mesmo em Louisiana? Ele sabia que estava procurando alguma conexão com a mulher que tinha sido arrancada da sua casa quando criança e forçada a viver com um nome falso pela sua mãe tola. Ele não leu a nota da Delia na Bíblia da Kit desde o dia em que Guido tinha mostrado a ele na época. Mas ele pensou que lembrava da cidade na certidão de nascimento verdadeira da Kit. A certidão que Delia tinha localizado. Então, ele meditou, Kit tinha dezessete anos quando ele a levou, e não quinze. Ele devia ter sentido algum alívio em saber que ela era um pouco mais velha na época, mas, honestamente, ele não se importava. Sua

idade nunca foi um fator na sua decisão de levá-la.

Ele não conseguia se lembrar do nome do hospital, mas achou um que poderia ter sido onde ela nasceu. Ele sentou-se na sua moto e ficou olhando para ele. Idiota. Ele nem sabia se estava lembrando direito da cidade, de modo que a chance de que ele estivesse sentado na frente do hospital onde ela nasceu era quase nula. O que ele estava esperando encontrar aqui, de qualquer maneira? Nada realmente. Ele sabia que não havia nada para encontrar. Foi apenas sua última tentativa fraca e débil de se agarrar a algo que fazia parte dela.

Dois dias depois, ele ainda estava vagando pelas estradas lentamente, levando-o para longe do que ele pensou que poderia ser sua última ligação com ela. Apegando-se ao grão de esperança de que ela um dia poderia precisar dele. Para alguém que se achava tão inteligente, ele era na verdade um filho da puta estúpido.

Ele diminuiu a velocidade e olhou para ver se o pequeno restaurante que ele estava se aproximando estava aberto. Não. Outra empresa local que tinha afundado sob o peso de tentar ganhar a vida em uma cidade pequena. Uma pequena cidade no país. Ele zombou de si quando pensou sobre o que realmente estava acontecendo com este país. Com este mundo, na verdade. Restaurantes estavam complicados. Não era como se pudessem vender seus estoques. Quando os clientes não vinham, a comida eventualmente apodrecia. Como almas escuras que pensavam que poderiam ser reabilitadas.

Ele se sentiu enganado pelo destino.

Sua mente vagou para uma boa memória. Ele não gostava de lembrar as coisas boas, porque deixava tudo mais doloroso quando a memória acabava e ele era trazido de volta à realidade sombria que havia se tornado sua vida. Viajando por estradas desgastadas e corroídas, ficando fora do radar deles, apenas no caso. Ficar fora do radar do mundo e de luto pela vida que

ele descuidadamente deixou ser tirada dele.

Ele sorriu com essa lembrança. Ele quase podia até rir do quão adorável ela era. Ele estava esperando pacientemente para apresentá-la ao sexo oral. Ele estava ficando louco com o cheiro dela e não transar com ela tinha sido pura tortura. Seu sorriso se alargou quando ele se lembrou dela fugindo para baixo da cama. Como ela achava que estava sendo sutil, driblando suas tentativas. Ele sabia o tempo todo que ela estava evitando-o e deixando-a ter seu espaço.

Suas mãos agarraram a moto com mais força quando se lembrou que ela disse que precisava guardar alguma coisa de si para o seu futuro marido. Ele ficou chocado quando percebeu que ela não o via em seu futuro. Que ela ia guardar alguma coisa de si para o homem que se casaria ‘um dia’. Foda-se isso, ele tinha pensado na época. Sua mente nem questionou. Em nenhum momento ele tinha pensando em se casar com ela. Ela tinha adormecido em seus braços naquela noite e ele refletiu sobre o que havia de tão especial sobre ela. O que o havia atraído para ela como uma mariposa para uma chama.

Começou como nada mais do que retribuir uma gentileza para uma criança obviamente negligenciada. Quando ela saiu daquela loja de conveniência e entregou-lhe uma caixa de curativos, ele foi sobrecarregado por um sentimento estranho. O que era então? Ele ficou grato por ter visto uma centelha de bondade, mesmo que fosse de uma criança? Talvez fosse isso, mas ele com certeza não conseguia se lembrar, e ele realmente não via nada além de um parceiro silencioso nos cuidados e proteção dela. Era tudo Mavis. Sim, ele foi responsável por colocar Mavis lá, mas ele realmente não fez outra coisa senão desembolsar algum dinheiro para as necessidades.

Ele tinha que admitir que quando ele descobriu sobre sua missão para derrubar um empresário proeminente e figura política local, aquele filho da

puta do Marcus, que ele tinha começado a admirá-la. E isso era raro. Como regra geral, Grizz não admirava ninguém, exceto ele mesmo. Ele se orgulhava de ser um homem de negócios autodidata e bem-sucedido. Ele balançou a cabeça. Não, ele não era um homem de negócios. Ele era um bandido que tinha usado a desculpa da sua infância para infligir terror e causar estragos onde quer que fosse.

Não começou desse jeito. Ele realmente acreditava antes, que ele livraria o mundo da sujeira. Ele não se lembrava de quando tinha atravessado invisivelmente o próprio limite. Quando ele começou a se tornar a sujeira. Eventualmente, ele se permitiu pensar que tinha direito a tudo que ele queria. Ele disse a si que não só tinha enganado o governo, mas ele segurava os jogadores do poder de verdade pelas bolas. Ele se tornou arrogante e folgado, e isso lhe custou Kit.

Talvez ele tivesse se enganando. Talvez ela nunca tivesse sido dele para começar.

O primeiro movimento errado que ele fez foi sequestrá-la porque viu Matthew Rockman beijá-la. Ele não estava apaixonado por ela na época. Como poderia estar? Ele não a conhecia. Além disso, ele não a amava naquela época. Mas testemunhar aquele beijo lhe havia enervado de uma forma que não esperava e não podia explicar. Ele não tinha pensado em beijá-la, mas não podia ignorar a torção no seu interior quando viu Rockman fazer isso. Rockman. Aquele fodido.

Lembrou-se do primeiro vislumbre de luz em sua alma na noite em que ela foi trazida para o motel. A noite que ela o viu pela primeira vez e olhou para ele da cadeira de gramado com aqueles grandes olhos castanhos inocentes. Mesmo que ele a tivesse observado de longe ao longo dos anos, ele não estava preparado para o choque que ele recebeu quando seus olhos se encontraram. O medo que ela tentou substituir com bravata. O cheiro dela.

Ah, porra, o cheiro dela quando ela passou por ele no momento que Moe levou-a ao número quatro. Ele nunca esteve perto o suficiente para inalar sua essência antes. Ele permeou seu próprio ser naquela noite e nunca mais saiu. Estava lá agora, em sua mente, torturando-o.

Outro sorriso ao lembrar-se da sua rebeldia quando ele lhe disse que ela nunca usaria seu nome real novamente. Aquele nome ridículo e belo que tinha sido marcado em sua alma. Guinevere Love Lemon. Claro, ele nem sabia que não era o nome verdadeiro dela. Delia tinha sido inteligente cobrindo seus rastros. De qualquer forma não importa. Ela seria sempre a Kitten dele.

Ele pensou mais de uma vez no que teria acontecido quando ela foi reconhecida há muitos anos no consultório do veterinário. E se ela admitisse para a sua colega de ensino médio que, sim, ela era Ginny Lemon? Ele falou para ela na época que ele teria a agarrado e corrido, e ele teria.

Teria acabado diferente se isso tivesse acontecido?

Seu segundo erro foi se casar com ela. Não porque ele não queria se casar com ela. Ele queria se casar com ela com um desespero que irritava seu núcleo. Para se certificar de que não haveria outro homem em seu futuro.

Mas ele fodeu com aquilo também. O erro foi deixá-los ver que ele se importava. Isso deixou-o vulnerável.

Ele só tinha amado duas pessoas. A primeira foi Ruthie. A segunda foi Kit. Ele amava Kit e suas atitudes mostraram isso, e eles souberam e a usaram contra ele. E foi aí que deu errado. Ele deveria ter desistido. Dado o que eles queriam em troca de uma nova vida com ela, longe do Sul da Flórida.

Algumas coisas o impediram de fazer isso. Uma delas, seu ego. Ele era Grizz. Ele podia ter tudo. Ele estava errado. Dois, ele se tornou complacente; ele se permitiu esquecer que eles ainda estavam lá. Disse a si

mesmo que as “potências” tinham morrido ou desaparecido. Depois que eles falaram para se livrar de Candy, ele não teve notícias deles por anos.

E, em terceiro lugar, não havia garantias de que, em vez de realocá-los com novas identidades, eles apenas não seriam eliminados. Ainda não havia garantia, mas ele tinha ficado por perto tempo suficiente para ter certeza de que mantiveram a palavra. Ele sabia que eles ouviam atentamente naquelas últimas semanas tudo o que acontecia na casa do Grunt e da Kit. Eles estavam certos que o casal que foi tão reticente durante anos sobre Grizz, finalmente escorregaria e falaria sobre o que sabia. Não havia nada para saber.

Ele esteve com eles naquele dia, ouviu os trechos das últimas conversas entre Grunt e Kit. Grunt foi inteligente em jogar o diário no lixo. Ele sabia que eles estariam ouvindo e que precisavam ter certeza de que nada importante estava nele. Grunt sabia que eles o recuperariam no lixo, e é claro que pegaram.

Ele também estava feliz que Grunt nunca revelou a verdade por trás do suicídio de Moe. De acordo com os dois agentes, Moe se sentiu culpada por inadvertidamente ter ajudado alguém chamado Wendy a armar o estupro da Kit e tentativa de homicídio. Isso era notícia velha para Grizz. Ele nunca encontrou Wendy. Foi provavelmente Willow que enganou Moe de um telefone. Não é isso que Willow disse? Que Wendy tinha ligado e tinha um sotaque sulista? Tinha que ser Willow o tempo todo. Lembrou-se da atitude presunçosa do agente enquanto estavam sentados lá ouvindo as fitas.

— Então, parece que seu filho ainda está mentindo para ela. Nunca contou que alguém chamado Wendy esteve por trás do seu ataque. — disse o mais jovem dos dois agentes. Ele tinha um rosto de bebê e uma cabeça cheia de cabelo preto ondulado. — Que bagunça do caralho que você deixou, Talbot, ou seja lá qual for seu nome verdadeiro.

Foi preciso toda a força que Grizz possuía para não bater pra cacete no homem, ali mesmo. Ele estava sentado em um escritório isolado atrás de uma pequena loja de material de piscina em algum lugar em Tallahassee. Foi o local acordado para o encontro. Ele entregou os documentos, fotos, as placas de dinheiro, e eles lhe deram a vida e a liberdade do Grunt e Kit, da invasão indesculpável do NNG na privacidade deles.

Não havia garantias de que as versões eletrônicas que Grizz estava devolvendo não seriam divulgadas, mas eles não se importavam com isso. Não se preocupavam há um tempo. Qualquer pessoa pode muito bem fazer o que quiser na World Wide Web. Não é disso que chamam? Eram os documentos físicos que eles queriam. Grizz supôs que com os avanços da tecnologia forense, apesar de tantos anos terem passado, havia uma maneira de tirar o DNA e as impressões digitais daqueles documentos, fotos e placas de metal. Claro, Grizz estaria neles também, mas não era Grizz que os preocupava. Alguém poderoso queria tudo de volta.

Ele estava certo de que os dois agentes tiveram prazer sádico em deixá-lo ouvir algumas das fitas. Ele tentou não estremecer quando ouviu-os fazer amor. Ele tentou não dar um suspiro de alívio quando Kit confessou que Grizz tinha sido um amor verdadeiro e uma alma gêmea para ela. Ele precisava ouvir isso. Ter essa validação. Ele mesmo sentiu uma pontada de compaixão por Grunt ao ouvi-la dizer para ele que o seu amor por Grizz tinha sido verdadeiro e ela não negava.

Suas mãos agarraram o guidão da moto com mais força quando ele se lembrou de ouvir a comprovação de Jan, que suas suspeitas estavam corretas sobre Matthew Rockman. Rockman não trabalhava para ou com o NNG. Ele tinha apanhado Grizz sozinho, sem saber que estava ajudando-os. Eles podiam ter ajudado Grizz a encontrar Jan muito antes do Blue encontrar. Mas eles não ajudaram.

Grizz podia admitir que foi um idiota egoísta, orgulhando-se de estar dois passos à frente de tudo e de todos. Ele não achava cansativo. Ele achava revigorante. E ainda assim ele tinha fodido regimento. Então eles foderam com ele ao longo dos anos, enquanto ele estava na prisão. Ele sabia que somente eles poderiam falsificar uma execução com injeção letal. No entanto, eles tiveram que legalizar a injeção letal no sistema prisional da Flórida, que continuava a ser vetado, prolongando a sua estadia no corredor da morte.

Ele mentiu para Grunt naquele dia no pátio da prisão. Não havia nenhum responsável novo que não se importava se ele expusesse. Na verdade, era o oposto.

Alguém novo tinha sido movido até as fileiras dentro do NNG, e quase imediatamente a injeção letal tinha sido legalizada. Alguém estava finalmente pronto para fazer a bola rolar. E depois de pensar sobre o que ele tinha visto naqueles documentos e perceber o que aconteceria no final deste ano, ele podia entender o porquê. Era algo que colocaria este país de joelhos.

Os homens que se sentaram diante dele permitiram um último presente de despedida. Eles não tinham interferido no negócio do Blue se livrar da Jan e enquadrar Rockman. Ele sentiu uma pontada de consciência. Depois de ter uma experiência de quase-morte, ele ficou quase arrependido por ter assassinado Jan e enquadrado Rockman.

— Você provavelmente deve saber que a última coisa que Blue fez para você foi frustrada. Você não vai encontrar o seu dinheiro na conta no exterior. Você está completamente quebrado.

O mais novo dos dois homens praticamente cuspiu este último comentário no Grizz. O segundo cara era mais velho com uma tez corada, lábios finos e uma careca que tinha talvez dez fios de cabelo grisalho para disfarçar. O agente mais velho estava sentado em silêncio, com um sorriso reservado, quando o agente mais jovem deu esta informação mais recente ao

Talbot.

Bom, Grizz pensou consigo. Eles seguiram a trilha que ele criou, junto com Blue, e acharam que tinham encontrado o seu dinheiro e iam impedi-lo de pegar. Deixe os filhos da puta pensarem isso. Pelo menos isso dizia alguma coisa. Ele sairia daqui. Ele já tinha provas que tinham retirado a vigilância da casa de Kit e Grunt. Ele colocou o seu próprio contato confiável que foi capaz de confirmar que eles estavam dizendo a verdade sobre isso. O mesmo contato que entregou o gatinho. Eles pensaram que ele sairia de lá como um homem abatido e quebrado. Eles acharam que o tinham mandado a um destino pior do que a morte.

Sem o conhecimento deles, ele ainda tinha um monte de dinheiro para que não falisse, mas ele ainda estava quebrado. Ele já não a tinha.

Os negócios deles estavam concluídos. Grizz levantou-se e começou a sair, mas quando ele se virou, ele fez uma última pergunta. — Aquele diário. O diário que eles discutiram. Era da Moe, certo?

— Miriam Parker? A menina que você mutilou? Sim, era dela. Rhonda Bailey estava com ele. Por quê?

— O que você vai fazer com ele? — perguntou.

— Jogar no lixo. Não há nada nele, Talbot. Você quer? Como uma espécie de lembrança ou algo assim? — perguntou o Sr. Careca.

— Sim. Quero.

Isso foi há quase seis meses. Ele finalmente tinha devolvido. Ele tinha devolvido tudo e saiu da reunião sem saber se receberia uma bala nas costas. Mas, deram-lhe o diário e deixaram-no ir. Eles estavam certos de que ele iria entrar em apuros novamente em breve e encontrar sua própria morte. Eles tinham o que queriam e ele não teria mais a proteção deles. Sua morte já não os exporia.

Ele ainda não tinha lido o diário da Moe. Ele não estava pronto. Além

disso, ele tinha certeza que estava cheio de divagações absurdas de alguém que o tinha odiado. Ele poderia culpá-la?

Grunt pensava que ele estava morto. Blue pensava que ele estava morto. Todos pensavam que ele estava morto. Todos, com exceção de Carter e Bill. Ele deveria ter deixado Kit pensar isso também, mas ele não podia. Ele simplesmente não podia ir embora sem deixá-la saber que ele estaria sempre lá para ela. Ele esperou até que ela renovou seus votos com Grunt aparecendo ao pegar sua moto. E indo embora, sem enfrentá-la, ele levou qualquer tumulto que poderia ter causado forçando-a a escolher.

O que ele esperava? Que ela deixasse sua família por ele, ou deixasse o marido e levasse seus filhos para começar uma vida com ele em algum lugar? Nenhuma opção seria boa para ela, e ele a amava o suficiente para saber disso.

Ele fez uma careta para si quando percebeu outra coisa que tinha feito. Ele não tinha a intenção disso. Ele contou para o Grunt a verdade por trás do NNG, e ainda, Grunt não poderia compartilhar com Kit. Então, ele tinha deixado Kit saber que ainda estava vivo e sabia que ela não iria dizer para o Grunt. Ela não iria querer machucá-lo ou deixá-lo pensar que Grizz apareceria um dia e tentasse recuperá-la.

Mesmo sem perceber, ele forçou o casal a manter mais segredos um do outro. Ele balançou a cabeça enquanto dirigia. Ele percebeu que não fez isso conscientemente, mas tinha que ser assim. Talvez ele realmente não soubesse como ser outra coisa, senão um filho da puta podre de primeira classe.

A Bíblia dela. Ele tinha esquecido completamente disso até Guido enviar uma mensagem para ele antes da sua execução perguntando o que deveria fazer com ela. Ele havia dado instruções para Guido entregá-la para Carter após sua morte.

Ele foi tirado dos seus pensamentos com um sobressalto quando um gato correu na frente da estrada e ele teve que desviar. Saindo da estrada então, ele olhou em volta. Onde diabos estou?

Ele notou um restaurante à frente. Seu estômago roncou como se estivesse respondendo uma pergunta silenciosa. Tenho que comer. Espero que esteja aberto.

Ele estacionou e notou um carro na frente. Era um pequeno restaurante com um exterior arrumado. Apesar de um edifício antigo, tinha o que parecia ser uma nova camada de tinta branca. Havia três degraus que levavam até uma varanda, que se estendia pela largura da frente. As grades da janela do edifício e o corrimão da varanda eram pintadas de um verde abacate. Foi quando ele percebeu a placa. The Green Bean^[9]. Tudo bem, não é abacate verde, ele sorriu. Verde feijão. Que porra ele sabia?

Ele riu para si quando estacionou e desceu da moto. Ele estava esticando quando um sinal na grade da varanda da frente chamou sua atenção: Motociclistas não são bem-vindos.

Isso o surpreendeu. Ele coçou o queixo. Vamos ver isso.

Suas botas pesadas ressoaram nos degraus de madeira da plataforma, como se o escapamento alto da moto já não tivesse anunciado a sua visita. Ele notou que a entrada do restaurante era uma porta de tela. Sem dúvida, eles tinham ouvido a moto. Talvez eles estivessem esperando lá dentro com uma espingarda. Ele esperava que sim. Eles estariam fazendo um favor, ele pensou quando balançou a porta de tela para abrir e entrou, deixando-a bater atrás dele.

Ele imediatamente sentiu o perfume de um aroma saboroso e teve um déjà vu instantâneo, em casa, com uma das refeições caseiras de Kit.

Antes que ele pudesse ajustar ao seu ambiente, seu ouvido captou uma melodia familiar. Ele imediatamente se concentrou em uma jukebox

antiquada no canto mais distante. Parecia uma que ele tinha na década de setenta. Do not Look Back, do Boston estava tocando. Não era agitada. Na verdade, era um tipo lenta, mas zombou dele. Ele nunca foi fã da música de Kit, mas ele tinha ouvido o suficiente ao longo dos anos e a reconheceu. Onde estava a pessoa com a espingarda? Ele gostaria de uma explosão saudável no peito, por favor.

Só então ele a ouviu.

— Outra porra de motociclista com merda na cabeça. Você não pode ler, vovô do caralho? A placa diz: Motociclistas não são bem-vindos. Ouvi você estacionar, seu motociclista idiota de merda, com testículo em vez de cérebro!

Ele não sabia o que o chocou mais: ser chamado de vovô ou a voz que disse isso. Sim, ele era velho o suficiente para ser um avô, mas e daí? Ele deu uma rápida olhada para a direita e se conteve no espelho atrás da caixa registradora. Seu cabelo loiro estava sujo e os poucos fios grisalhos eram quase imperceptíveis. Ele inconscientemente passou a mão pelo cabelo e se perguntou se era hora de fazer a barba. Kit gostava dele quando ele estava bem barbeado.

Ele nunca será capaz de não pensar nela?

Mas foi a voz que assaltou seus sentidos, muito mais do que a música do Boston e o cheiro de comida. Era uma voz que ele conhecia. Uma voz que estava implantada em seu cérebro. A voz que ele nunca, nunca esqueceria. Uma que ele ouviu há 25 anos, quando Kit falou com sotaque britânico para a garota que a reconheceu no veterinário.

Ele sorriu para si quando se lembrou da sua tentativa desajeitada e totalmente adorável de conversar sujo com o mesmo sotaque.

Ele virou-se para ver de onde a voz tinha vindo e quase caiu para trás. Ele não podia pensar. Ele não podia se mover. Certeza que não conseguia

falar. Ele estava certo de que ele parecia com um macaco gigante com os braços pendurados ao seu lado e sua boca aberta.

— Você não ouviu? Seus ouvidos são cheios de mijo ou algo assim? Você e seu tipo não são bem-vindos. Tire a sua cara grande, peluda e tatuada do meu restaurante. Pegue de novo sua maldita moto e continue indo.

Ela ficou lá com as mãos nos quadris e olhou para ele com uma inclinação desafiadora no queixo. Um queixo desafiador que ele conhecia. Ele estava olhando para uma versão loira, de olhos azuis da Kit. Ele podia dizer que seus olhos azuis eram muito brilhantes, quase exagerados, e ele percebeu que ela provavelmente estava usando aquelas coisas coloridas de contato que eles fazem nos dias de hoje. Ele teve que se forçar a não estender a mão para acariciar o rosto dela, descer a mão pelo seu maxilar. Ele podia imaginar-se inclinando aquele maxilar na direção do seu rosto para beijar seus lábios. Ele tinha feito isso mil vezes antes. Ele sacudiu o pensamento da sua cabeça.

Essa não é Kit. Mas com exceção do cabelo e dos olhos, parece exatamente ela.

Ele a examinou lentamente, desde o que tinha que ser cabelos loiros descoloridos até as unhas dos pés pintadas de rosa. Ele conhecia cada polegada deste corpo. Ele chupou aqueles dedos do pé. Sem tatuagens e piercings. Ele deixou escapar a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Você tem medo de agulhas? Elas fazem você desmaiar?

Ela não esperava isso, e ele podia ver em sua expressão que ele a pegou de surpresa com o comentário. Ela rapidamente recuperou a compostura.

— Ah, então você é o incrível Zoron fodido? Que porra é essa que você sabe sobre o que me faz desmaiar ou não? Seu maldito de merda arrogante. Vocês são todos iguais. Pau no lugar do cérebro.

Ele olhou para ela interrogativamente com o comentário do Zoron.

— Ele é um idiota que lia mente para ganhar a vida nos anos setenta.

— Ela revirou os olhos. — Homens americanos do caralho. Você nunca ouviu falar do incrível Zoron? Você sabe, Zoron, rima com moron^[10]! Você tem vivido com sua cabeça na bunda?

Sem esperar que ele respondesse, ela apontou para a porta.

Ele começou a caminhar na direção dela. Ela não recuou e, em vez disso pareceu ficar com uma postura mais enérgica, cruzando os braços agora. Como se estivesse pronta para o desafio. — Não deixe a porta bater na sua bunda no seu caminho para fora.

Só então, ele ouviu outra voz vinda de trás do balcão de almoço. — Não seja tão má para o cara, Cricket. Ele não parece querer nenhum problema e ele está sozinho.

Grizz olhou para cima e viu uma mulher mais velha olhando através da passagem da cozinha para a área do balcão.

— Sim, ele está sozinho. Provavelmente chupa o seu próprio pau o dia todo. Você pode servir esse estúpido, Edna. Eu vou estar nos fundos fazendo a minha papelada.

A sócia da Kit bufou passando por ele, em direção aos fundos do pequeno restaurante. Ele observou-a passar por duas portas giratórias. Na verdade, ele observou sua bunda. Era uma bunda que ele conhecia intimamente.

Ele não tinha nenhuma dúvida de que ele estava olhando para a gêmea de Kit. A gêmea de Kit que deveria estar morta. Não morando no interior da Louisiana com um sotaque britânico e um vocabulário que faria um marinheiro corar.

Ele havia lido a carta da Delia. Ele sabia que ela tinha tentado encontrar sua outra filha e em vez disso se deparou com uma certidão de

óbito. Qual era o nome dela? Lembrou-se vagamente do apelido Cricket na nota, mas ele não conseguia lembrar seu nome de verdade. O que Delia tinha escrito? Joanie, Jenny, Jeanie? Não. Não lembrou de nada. Ele não conseguia sequer lembrar o verdadeiro nome da Kit. Só que ambos começavam com J.

Ele decidiu não pegar uma mesa e sentou-se no balcão. Edna tinha saído da cozinha e entregado um cardápio para ele. Sem olhar para ela, perguntou: — Tem algo especial?

Ela assentiu com a cabeça. — Bolo de carne, batatas, feijão verde e purê.

— Sim, isso e uma água grande.

Antes que ela pudesse virar, ele acenou com a cabeça em direção às portas giratórias que levavam de volta para a cozinha. — Qual é o problema dela com motociclistas?

— Ah, não deixe Cricket incomodá-lo. Nós tivemos alguns problemas com eles no passado, só isso. Ela é realmente uma boa pessoa.

— Cricket? Que tipo de nome é Cricket?

Edna sorriu. — É Jodi. Ela é Cricket desde que ela era um bebê, no entanto. Eu sempre a conheci por Cricket.

— Você a conhece desde que era um bebê? — ele perguntou e antes que ela pudesse responder, acrescentou: — O sotaque não é daqui. O seu é.

Edna colocou a água na frente dele. — Eu era amiga da mãe dela. Nós trabalhávamos juntas em um hospital. Ela era uma enfermeira e eu trabalhava no refeitório. Ela voltou para a Inglaterra quando Cricket era um bebê. Ela foi criada por lá. Sua mãe e eu ficamos em contato ao longo dos anos. Quando ela morreu, eu pedi a Cricket para vir para cá e me ajudar com a minha lanchonete. Eu achei que ela estivesse sentindo falta da mãe ou talvez tendo alguns problemas para se virar sozinha por lá. Ela está aqui há um ano e assumiu o papel do meu cão de guarda e do meu restaurante. É dela agora.

Ela comprou de mim. Ela não é uma menina má, realmente. Bem, ela obviamente não é uma menina, mas você sabe o que quero dizer.

Grizz não respondeu e Edna voltou pelas portas giratórias. Ele podia vê-la na cozinha, arrumando o prato. Ele gostaria de saber mais pela Edna.

Ele tomou um gole de sua água e pensou sobre a mulher loira de olhos azuis que tinha falado com ele como ninguém, ninguém alguma vez fez antes. Uma versão britânica de boca suja da Kit, completamente irritada.

Não, ela não era a sua gatinha doce. Ela era mais como um tigre. Um tigre de boca suja, desagradável, e se ele não tivesse certo de que estava olhando para a gêmea da Kit, ele a teria calado instantaneamente. Realmente ele teve um momento em que quase a agarrou pela garganta, mas parou porque ele ficava vendo o rosto de Kit, apesar das lentes de contato azuis e cabelo loiro.

Ele teria que pensar sobre o que fazer com esta informação. As gêmeas deviam se conhecer? Elas deviam saber sobre a outra? E se fosse assim, como diabos ele arranjaria isso? Ele sorriu quando pensou sobre o quanto seria divertido arrastar a bunda dela para a Flórida e deixá-la na porta do Blue. Blue confessou que estava atraído pela Dicky por causa da sua antipatia por ele. Se isso fosse verdade, então esta certamente faria seu pau pular por todo o lugar.

Seus pensamentos foram interrompidos quando Edna colocou um prato na frente dele.

— Que dia é hoje? — perguntou para ela.

Depois que ela disse a ele, ele apontou para a TV no canto. — Essa coisa funciona? — questionou antes de dar uma garfada na sua comida.

Ela pegou um controle remoto e apertou o botão ligar.

— Quer ver alguma coisa em particular?

— Que tal o noticiário nacional?

Ela mudou para uma estação de notícias nacional e colocou o controle remoto ao lado do prato dele.

Ele comia e ouvia com pouca atenção enquanto o apresentador falava sobre a neve no Norte, a busca de um veleiro perdido no Caribe com a noiva de um ator famoso a bordo e as últimas estatísticas das ações.

— Nós agora voltamos a uma história trágica que divulgamos ontem. — O apresentador fala. — Um pai casado, com dois filhos, no sul da Flórida ainda está em estado crítico e mal apegando-se à vida depois, do que a polícia acredita, que ele tentou intervir em um assalto em uma loja de conveniência que deixou o funcionário da loja morto e o agressor foragido. Não há testemunhas, mas a polícia acredita que o arquiteto de quarenta e um anos de idade, de Fort Lauderdale...

A cabeça de Grizz girou para encarar a TV e ele pegou o controle remoto para aumentar o volume. Ele viu uma loja de conveniência com fita de crime e vários carros de polícia na cena.

O apresentador continuou em uma voz cheia de preocupação. — Em uma irônica coincidência, a vítima sobrevivente está programada para testemunhar no final deste ano, no julgamento do proeminente advogado de defesa do sul da Flórida, Matthew Rockman. Rockman tem previsão de ir a julgamento por um homicídio no verão, o assassinato de uma mulher que ele tinha colocado no Programa de Proteção às Testemunhas mais de quinze anos atrás. Não está claro se este tiroteio está relacionado ou não com o julgamento, ou se a vítima estava no lugar errado e na hora errada. Mais informações conforme seguimos a investigação.

Ele sentiu uma tristeza que não conseguiu identificar. Grunt estava perto da morte e ele sentia por isso. Seus ombros caíram. Ele percebeu que sentia genuinamente, e a revelação o surpreendeu. Ele não se permitiu amar seu filho todos esses anos, mas ele se importava com ele, e não podia negar a

conexão. Ele sempre teve um fraquinho pela criança, mesmo que ele realmente quis derrubá-lo uma vez ou duas.

Ele estendeu a mão para o pager na sua cintura. Ele sabia que todo mundo carregava um telefone celular agora, mas esse não era o seu jeito. Ele ainda estava preso na tecnologia antiga. Uma pessoa sabia o número do pager. Carter. Ele colocou-o sobre o balcão e sentiu a última centelha de esperança deixar sua alma. Grunt tinha sido baleado ontem e estava no hospital apegando-se à vida e ainda não tinha havido nenhuma notícia. Se ele tivesse que pensar em um momento que Kit poderia precisar dele, ele pensaria agora.

Mas ele achava que não. Ela realmente seguiu em frente. Ela estava cercada por amigos que a amavam e passariam por isso com ela. Ela tinha aceitado que ele tinha ido embora e ele não poderia culpá-la nem um pouco. Ainda assim, a percepção trouxe um peso esmagador para a sua alma. Ele podia sentir a escuridão rastejando de volta. Será que ele lutava contra isso ou deixava consumi-lo?

Ele olhou para o pager no balcão e algo chamou sua atenção. Ele apertou os olhos e notou que a luz não estava ligada. Isso era estranho. Estava sempre ligado. Ele estendeu a mão para ele e olhou de perto. Ele deve ter desligado acidentalmente quando prendeu e soltou do cinto. Quanto tempo estava desligado?

Seus dedos gigantesco atrapalharam-se com o pequeno botão para ligar. Quando a luz acendeu, ele colocou de volta no balcão e olhou para ele. Nada.

Ele começou a dar outra garfada na comida e percebeu que tinha perdido o apetite. Ele ia pedir a conta para Edna quando um zumbido alto chamou sua atenção e o pager praticamente pulou em cima do balcão.

Ele o pegou de novo e leu a mensagem. Quatro palavras estavam

exibidas no visor em vermelho: Ela precisa de você.

Ele estava indo para casa. Para ela. Já era hora, porra.

Epílogo

Carter estava sentada na sala de espera do hospital e observava a mistura estranha de pessoas que estava reunida.

Havia um grupo de motociclistas em um canto. Ela reconheceu alguns, especialmente o bonito nativo americano grande, que tinha ido na sua casa há tantos anos para buscar o tabuleiro de xadrez do Grizz. Anthony Bear. A loira bonita falando com Ginny era a esposa dele, Christy. Eles nunca foram formalmente apresentados antes desta tragédia. Anthony era amigo do Grizz, nem tanto do Tommy. Os Bear tinham se mudado para o litoral apenas no ano passado e apesar de Christy e Ginny serem amigas, Carter ainda não tinha cruzado com eles até ontem.

O outro canto abrigava homens e mulheres em trajes de negócios. Eles tinham que ser alguns dos colegas de trabalho do Tommy. Alguns estavam vestidos mais casualmente e era óbvio que os outros vinham do escritório. Ela reconheceu a secretária do Tommy, Eileen, que estava com ele há anos. Seu nariz e olhos vermelhos inchados tornavam óbvio que ela tinha chorado.

O maior grupo, mais barulhento, estava amontoado no centro da sala. Parecia alguns amigos da Ginny, da sua igreja e vizinhança, bem como alguns dos pais dos amigos de escola de Mimi e Jason.

Carter percebeu quando um dos motociclistas olhou para alguém que tinha acabado de entrar. Ela se virou e reconheceu a repórter da sala de exibição da execução no verão passado. O que ela poderia querer? O motociclista, que ela agora reconhecia como Blue, com muito mais cabelo e uma barba, foi direto para a repórter e, agarrando-a pelo braço, rudemente, escoltou-a para longe da sala de espera. Ainda bem que eu não estou no lugar

dela.

Seu olhar, em seguida, caiu sobre Mimi. Seu nariz e os olhos estavam vermelhos. Ela tinha chorado. Ela estava sentada ao lado de um rapaz muito bonito. Ele tinha sido apresentado como o filho mais velho de Anthony e Christy. Seu nome era Slade e Carter não tinha dúvida de que ele e Mimi estavam tentando esconder algo. Eles se conheciam desde que eram crianças e Mimi olhava para Slade com um desejo que Carter reconhecia. Carter não podia dizer pelo comportamento do Slade se ele se sentia da mesma maneira.

Ela poderia dizer, no entanto, que o irmão mais novo de Slade, Christian, não gostou. Ele estava sentado na frente dos dois, com os braços cruzados, enquanto olhava para seu irmão o tempo todo. Mesmo que ela nunca tivesse conhecido a família antes de hoje, Carter tinha ouvido o suficiente sobre eles ao longo dos anos para saber que Christian tinha a idade da Mimi. E era óbvio pelo seu olhar que ele não gostava de ver seu irmão mais velho com ela. Carter tentou não sorrir. As complicações do amor adolescente. *Estou tão feliz que ultrapassei isso.* Ela sentiu uma onda de amor por Bill, o Bill dela, sempre tão firme e verdadeiro. Ela aceitaria a paixão e drama qualquer dia.

Ela olhou para o relógio e se perguntou quando Bill voltaria com Jason. Ele tinha levado o garoto para afastá-lo do hospital por um tempo. Jason estava passando um momento muito difícil com o trauma do ataque de Tommy, e Carter estava grata que Bill estivesse na cidade e fazendo o seu melhor para fornecer uma distração.

Um lamento alto por trás dela tirou-a dos seus devaneios. Todos na sala pararam de conversar e assistiram quando Sarah Jo entrou na sala e dramaticamente lançou-se nos braços da Ginny.

— Eu queria estar aqui mais cedo, Gin. Eu peguei um avião assim que soube.

Carter sabia que Sarah Jo estava fora do país com o marido. Ele tinha feito entrevista pelo mundo todo, desde o verão passado e ainda tinha que aceitar um emprego. Eles simplesmente não conseguiam concordar em que país queriam se instalar.

Ginny começou a chorar tudo de novo quando Sarah Jo agarrou-se a ela, tentando acalmar e confortá-la. Todos voltaram para suas discussões e deixaram as amigas se consolarem, mas Carter só olhava para Sarah Jo. Alguma coisa estava errada. Ela não parecia tão chateada quanto deveria. Tommy não era um amigo de infância? Ela não deveria estar com os olhos e nariz vermelhos? Como se estivesse lendo a mente de Carter, Sarah Jo começou a chorar, também, como se fosse um sinal.

— Graças a Deus você e Stan ainda não mudaram, Jo. — Ginny balbuciou, fungando. — Eu não posso imaginar lidar com isso sem você. Só de pensar em você se mudando para outro país é muito esmagador.

Sarah Jo continuou a abraçar Ginny firmemente. — Nós nunca poderíamos nos mudar agora. Eu nunca mudaria e a deixaria aqui para lidar com isso. É simplesmente horrível, Ginny. Nem pense nisso. Eu nem preciso falar com Stan sobre o assunto. Nós vamos ficar.

Ginny deixou escapar um soluço alto. Christy se aproximou e entregou-lhe um lenço de papel limpo.

— Stan está lá agora consultando os médicos de Tommy. — Acrescentou Sarah Jo. — Ele vai se certificar de que Tommy receba o melhor cuidado possível.

Carter se mexeu desconfortavelmente em seu assento e observou Sarah Jo com olhos desconfiados. Algo não estava certo. Sarah Jo estava chorando, mas Carter não viu qualquer lágrima.

O rabo de cavalo da Ginny balançou ligeiramente quando ela e Jo se abraçaram. O rabo de cavalo estava ostentando a bandana azul, mas estava

afrouxando sob o peso do trauma de ontem. Carter nunca tinha esquecido o favor que Grizz havia pedido a ela todos esses anos; ela simplesmente ficou muito feliz em obedecer. Ele havia dito a Ginny para usar a bandana azul como uma forma de sinalizar se ela algum dia precisasse dele.

Carter tinha observado sua amiga há anos. Não era difícil. Elas passavam muito tempo juntas. Frequentavam a mesma igreja. Carter ia para todos os recitais de piano da Mimi e todo evento esportivo que Jason se envolvia. Havia jantares de família, churrascos, viagens de férias e compras. Sem mencionar todas as angariações de fundos para o resgate de animais que ambas participaram. Essa bandana azul ficou na moto do Grizz por anos.

Mesmo após a execução falsa de Grizz, no verão passado, e a descoberta de Ginny que ele ainda estava vivo, aquela bandana azul nunca tinha sido usada e Carter propositadamente fazia questão de ficar em torno de sua amiga ainda mais do que o normal.

Ela não tinha notado qualquer diferença no comportamento da Ginny depois de descobrir que ele ainda estava vivo. Ela era a mesma Ginny, mesma mãe e esposa atenciosa, amorosa. Isso nunca mudou e nunca mudaria. Ginny era simplesmente Ginny.

Mas ela também detectou um novo vazio no fundo dos olhos da Gin. Carter lamentou confirmar as suspeitas de Ginny naquele dia na garagem, mas é o que Grizz queria. Certificar de que ela soubesse. Carter agora questionava a sabedoria, ou falta dela, por trás dessa decisão. Foi provavelmente a pior coisa que Grizz poderia ter feito.

Mas ela entendeu. Ela acreditava honestamente no que havia dito a Ginny naquele dia. Ela nunca tinha visto um homem amar uma mulher, tanto quanto Grizz amava Ginny. Ela se perguntava, se Ginny algum dia falaria com ela sobre isso. E, além disso, se ela precisasse dele, ela apenas não iria diretamente para Carter e pediria para entrar em contato com Grizz?

Carter sorriu para si e balançou a cabeça. Não. Ginny era inteligente demais para mencioná-lo. Carter estava certa que Ginny iria entender que as instruções estavam lá por uma razão. Ela não correria o risco de mencionar o nome dele, mesmo para Carter. Não. Sua amiga iria usar a bandana se ela precisasse do Grizz. A breve discussão que elas tiveram na garagem dela no verão passado nunca havia sido mencionada novamente e Ginny pareceu aceitar e seguiu em frente.

Carter tinha recebido um telefonema da Ginny apenas dois dias atrás. Era um lembrete de que Jason tinha um jogo de basquete importante no dia seguinte.

— Ele está nas eliminatórias. Você vai, certo? — Ginny perguntou para a sua amiga na hora.

— Bill e eu não perderíamos. Você sabe disso, Gin.

Carter e Bill foram ao jogo das eliminatórias do Jason. Eles se sentaram na arquibancada e aplaudiram sua equipe, junto com Ginny, Tommy e até mesmo Mimi.

Ginny estava usando a bandana azul naquele jogo de basquete. Carter teve que retirar-se para ir ao banheiro e enviou a mensagem para o page 20 minutos depois de ver a bandana.

Isso foi quase 24 horas antes de Tommy ser baleado...

[1] *Cliffhanger* é uma palavra utilizada para quando uma história termina em suspense.

[2] Junção de nanico (runt) e adulto (grown-up).

[3] No inglês, *Old Lady*: geralmente como são chamadas as mulheres dos motoqueiros.

[4] *Mulher careca*. A confusão ocorre por causa da pronúncia similar

[5] Molly Hatchet. *Dreams I'll Never See*. Álbum: **Molly Hatchet**. Atlanta, Georgia, The Sound Pit. 1978.

[6] Traduzido de: *Erection Detector*.

[7] *Chowder* em inglês, referência ao personagem do livro.

[8] Urso Pardo.

[9] O Feijão Verde.

[10] *Estúpido* em inglês.